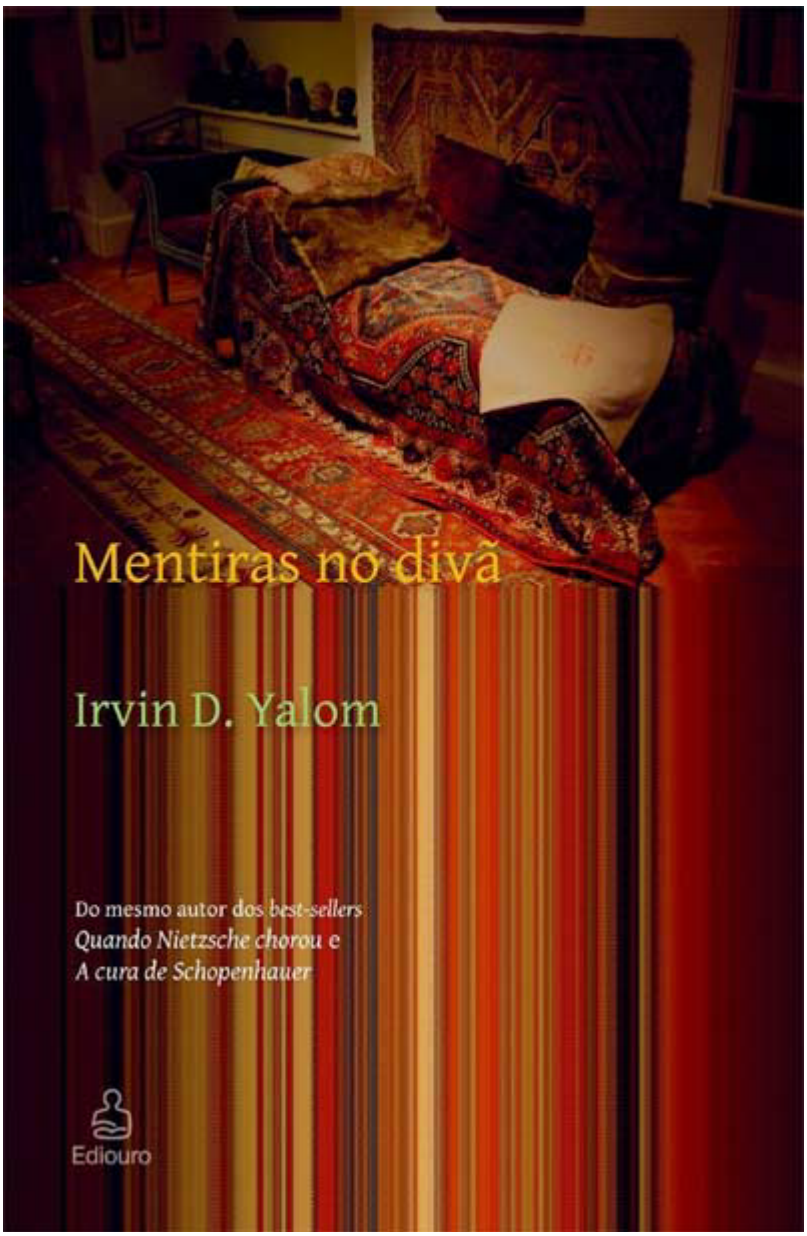

Mentiras no divã

IrvinD.Yalom

TRADUÇÃO DE
Vera de Paula Assis

4ª reimpressão

PDL
Projeto Democratização da Leitura
www.portaldetonando.com.br

Título original
Lying on the couch

Copyright © 1996 by Irvin D. Yalom
Copyright da tradução © Ediouro Publicações S.A., 2006

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser usada ou reproduzida sem permissão por escrito, exceto em pequenas citações dentro de artigos literários e resenhas.

Capa Ângelo Venosa
Copidesque Paulo Corrêa
Revisão Raquel Corrêa Masé Sanfanna
Produção editorial Cristiane Marinho

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

Y17m Yalom, Irvin D., 1931-
Mentiras no divã / Irvin D. Yalom; tradução de Vera de Paula Assis. —
Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.
Tradução de: Lying on the couch ISBN 85-00-01892-5
1. Terapeuta e paciente — Ficção. 2. Romance americano. I. Assis, Vera de Paula.
II. Título.
CDD813 06-0127 CDU821.111(73)-3
07 08 09 10 11 5 4 3 2 1

R. Nova Jerusalém, 345 - Bonsucesso
Rio de Janeiro - RJ - CEP: 21042-235
Tel.: (21)3882-8200-Fax: (21)3882-8212/8313
www.ediouro.com.br

Ao futuro — Lily, Alana, Lenore, Jason, Desmond. Que suas vidas sejam cheias de deslumbramento.

Agradecimentos

Muitos me ajudaram na precária travessia da psiquiatria para a ficção: John Beletsis, Martel Bryant, Casey Feutsch, Peggy Gifford, Ruthellen Jossel-son, Julius Kaplan, Stina Katchadourian, Elizabeth Tallent, Josiah Thompson, Alan Rinzler, David Spiegel, Saul Spiro, Randy Weingarten, o pessoal do meu jogo de pôquer, Benjamin Yalom e Marilyn Yalom (sem os quais este livro poderia ter sido escrito com muito mais conforto). A todos, a minha mais profunda gratidão.

Prólogo

Ernest adorava ser psicoterapeuta.* Dia após dia, os pacientes o convidavam a entrar nos recantos mais íntimos de suas vidas. Dia após dia, ele os confortava, cuidava deles, aliviava seu desespero. E, em troca, eles o admiravam e o tratavam com carinho. Também pagavam bem, embora, Ernest muitas vezes pensava, se não precisasse do dinheiro, ele faria psicoterapia[1] de graça.

Feliz é aquele que ama seu trabalho. Ernest sentia-se um felizardo, claro. Mais que felizardo. Abençoado. Era um homem que tinha encontrado sua vocação, um homem que poderia dizer: estou exatamente no lugar ao qual pertenço, no turbilhão dos meus talentos, meus interesses, minhas paixões.

Ernest não era religioso. Mas toda manhã, quando abria sua agenda e via os nomes de oito ou nove pessoas queridas com quem passaria o dia, sentia-se dominado por um sentimento que só conseguia descrever como religioso. Nestes momentos, tinha o mais profundo desejo de agradecer a alguém, a alguma coisa por tê-lo conduzido até sua vocação.

Havia manhãs em que ele olhava para o alto, do outro lado da clarabóia de seu prédio vitoriano na rua Sacramento, atravessando a névoa matutina, e imaginava os antecessores da psicoterapia suspensos no raiar do dia.

— Obrigado, obrigado — ele entoava. Agradecia a todos eles, a todos os curadores que tinham se ocupado do desespero. Primeiro, os precurssores, seus perfis celestiais quase invisíveis: Jesus, Buda, Sócrates. Abaixo deles, um pouco mais nítidos, os grandes progenitores: Nietzsche, Kierkegaard, Freud, Jung. Mais perto ainda, os avós dos terapeutas: Adler, Horney, Sullivan, Fromm e o doce rosto sorridente de Sandor Ferenczi.

Alguns anos atrás, eles responderam ao seu grito de agonia, quando, depois de sua residência, ele se viu numa fileira cerrada na companhia de todos os jovens e ambiciosos neuropsiquiatras e se dedicou às pesquisas em neuroquímica — a face do futuro, a arena dourada da oportunidade pessoal. Os antecessoressabiam que ele estava perdido. Não pertencia a laboratório científico. Nem àprática psicofarmacológica de prescrição de remédios.

Eles enviaram uma mensagem — um debochado mensageiro de poder

— para oferecer a travessia que o conduziria ao seu destino. Até hoje, Ernestnão sabia *como* tinha decidido tornar-se terapeuta. Mas lembrava *quando.*Lembrava-se do dia com uma assombrosa clareza. Lembrava-se também domensageiro: Seymour Trotter, um homem que só viu uma única vez, que mudou sua vida para sempre.

Seis anos antes, o chefe do departamento de Ernest o tinha nomeado para trabalhar por um mandato no Comitê de Ética Médica do Hospital Stanford, e a primeira ação disciplinar de Ernest foi o caso do dr. Trotter. Seymour Trotter, de 71 anos de idade, era um patriarca da comunidade de psiquiatria e ex-presidente da Associação Americana de Psiquiatria, a APA. Fora acusado de má conduta sexual com uma paciente de 32 anos.

Naquela época, Ernest era professor assistente de psiquiatria que tinha terminado a residência há apenas quatro anos. Pesquisador de neuroquímica em tempo integral, era inteiramente inexperiente no mundo da psicoterapia — inexperiente demais para saber que ele tinha sido designado a este caso porque ninguém mais queria ter qualquer contato com isso: todo psiquiatra mais experiente do norte da Califórnia venerava e temia Seymour Trotter.

Ernest escolheu um austero escritório administrativo do hospital para a entrevista e tentou parecer oficial, olhando o relógio enquanto aguardava o dr. Trotter, a pasta com os documentos da

[1] Foram mantidos na tradução os termos usados originalmente pelo autor para designar o profissional e a linha terapêutica da psicanálise. (N.do E.)

queixa na mesa à sua frente, fechada. Para manter-se imparcial, Ernest tinha decidido entrevistar o acusado sem nenhum conhecimento prévio e, portanto, ouvir a história dele sem preconceitos. Leria o arquivo mais tarde e agendaria um segundo encontro, se necessário.

No presente momento, ele ouvia o som de batidas ecoando pelo corredor. Seria o dr. Trotter cego? Ninguém o tinha preparado para isso. As batidas, acompanhadas de um arrastar de pés, se aproximavam cada vez mais. Ernest levantou-se e saiu até o corredor.

Não, não cego. Coxo. O dr. Trotter cambaleava pelo corredor, equilibrava-se desconfortavelmente entre duas bengalas. Vergava-se na cintura e segurava as bengalas bem separadas uma da outra, com os braços quase na horizontal. As maçãs do rosto e o queixo, belos e vigorosos, ainda se sustentavam, mas todo o terreno mais mole tinha sido colonizado por rugas e placas senis. Dobras profundas da pele pendiam do pescoço e tufos de pêlos brancos se projetavam das orelhas. Ainda assim, a idade não tinha subjugado este homem — algo de jovem, mesmo de menino, sobrevivia. O que era? Talvez seus cabelos, grisalhos e grossos num corte à escovinha, ou quem sabe seu traje, uma jaqueta azul *de jeans* cobrindo um suéter branco de gola alta.

Eles se apresentaram junto à porta. O dr. Trotter entrou na sala com alguns passos vacilantes, ergueu repentinamente as bengalas, girou vigorosamente e, como se pelo mais puro acaso, fez uma pirueta pousando em seu assento.

—Na mosca! Peguei-o de surpresa, hein? Ernest não se deixaria distrair.

—O senhor sabe qual é a finalidade desta entrevista, dr. Trotter, e entende por que a estou gravando?

—Ouvi dizer que a administração do hospital está pensando em me indicar para o prêmio de Trabalhador do Mês.

Ernest, olhando fixamente sem piscar através dos grandes óculos, nada disse.

— Desculpe, sei que o senhor tem um trabalho a fazer, mas, quando a gente já passou dos 70 anos, ri à toa com gracejos desse tipo. Sim, senhor, 71 anosna semana passada. E quantos anos tem, doutor...? Esqueci seu nome.

— A cada minuto — disse ele enquanto dava batidinhas na têmpora —, uma dúzia de neurônios corticais zumbem como moscas agonizantes. A ironia é que publiquei quatro artigos sobre Alzheimer, e naturalmente esqueci onde, mas em bons periódicos científicos. Sabia disso?

Ernest meneou a cabeça.

— Bom, o senhor nunca soube e eu esqueci. Isto nos torna iguais. Sabe quais as duas coisas boas do Alzheimer? Os velhos amigos se tornam novos amigos e você pode esconder seus próprios ovos de Páscoa.

Apesar da irritação, Ernest não conseguiu evitar o sorriso.

—Seu nome, idade e convicções.

—Sou dr. Ernest Lash, e talvez o resto não seja pertinente neste momento, dr. Trotter. Temos muito terreno a cobrir hoje.

—Meu filho tem 40 anos. O senhor não deve ter mais que isso. Sei que fez residência em Stanford. Ano passado, assisti a uma palestra sua nos grandes ciclos de seminários. Saiu-se bem. Apresentação bem lúcida. Hoje tudo é psicofármaco, não é? Que tipo de estágio prático em psicoterapia vocês estão fazendo hoje em dia? Chegam a fazer algum?

Ernest tirou o relógio do pulso e colocou sobre a mesa.

—Numa outra ocasião, terei prazer em lhe enviar uma cópia do currículo da residência em

Stanford, mas, por ora, passemos ao assunto em questão, dr. Trotter. Talvez fosse melhor se o senhor me contasse sobre a sra. Felini à sua própria maneira.

—Tá, tá, tá. O senhor me quer sério. Quer que eu lhe conte a minha versão. Sente-se, *garoto,* e vou lhe contar uma história. Começaremos pelo começo. Foi cerca de quatro anos atrás — pelo menos quatro anos atrás... Arquivei em algum lugar errado todos os meus prontuários desta paciente... qual data era dada segundo a sua ficha de acusação? O quê? Você não a leu. Preguiça? Ou está tentando evitar um viés não-científico?

—Por favor, dr. Trotter, continue.

—O primeiro princípio da arte de entrevistar é forjar um ambiente cordial, confiável. Agora que o senhor já o conseguiu com tanta astúcia, sinto-me muito mais à vontade para falar sobre o material doloroso e constrangedor. Ah... *isto* o atingiu. Precisa ter cuidado comigo, dr. Lash, tenho quarenta anos de prática na leitura de rostos. Sou muito bom nisso. Mas, se o senhor já acabou com as interrupções, vou começar. Pronto?

"Anos atrás, digamos uns quatro anos, uma mulher, Belle, entra, ou talvez eu devesse dizer, se arrasta para dentro do meu consultório, ou se introduz num rastejo — *rastejo,* isso é melhor. Existe essa palavra, *rastejo?* Entre 30 e 40 anos, de uma família abastada — suíço-italiana —, deprimida, usando uma blusa de mangas longas em pleno verão. Uma automutiladora, obviamente, os pulsos com cicatrizes. Se você vir mangas longas em pleno verão, paciente perplexa, sempre pense em pulsos cortados e injeções de drogas, dr. Lash. Bem-apessoada, ótima pele, olhos sedutores, elegantemente vestida. Classuda, mas em vias de descompensar.

"Longa história de autodestruição. Tudo que você consiga imaginar: drogas, experimentou de tudo, não deixou passar nenhuma. Na primeira vez que a vi, ela estava de volta ao álcool e usando um pouco de heroína. Ainda não estava realmente viciada. Não sei por que, ela não tinha o dom para isso, algumas pessoas gostam disso, mas ela estava trabalhando nisso. Transtorno de alimentação, também. Principalmente anorexia, mas purgação bulímica ocasionalmente. Já mencionei as mutilações, muitas delas, de cima a baixo nos dois braços e pulsos — gostava da dor e do sangue; era a única hora em que se sentia viva. Você ouve os pacientes dizerem isso o tempo todo. Meia dúzia de internações em hospital; breves. Ela sempre recebia alta em um dia ou dois. O pessoal do hospital fazia festa quando ela ia embora. Ela era boa; um verdadeiro prodígio, no jogo sexual *Uproar.* Lembra do *Jogos da vida* de Eric Berne? Não? Imagino que seja de antes da sua época. Deus, sinto-me velho. Bom material. Berne não era estúpido. Leia-o; não deve ser esquecido.

"Casada, sem filhos. Recusava-se a tê-los, dizia que o mundo era um lugar horripilante demais para infligir às crianças. Bom marido, relacionamento em frangalhos. Ele queria muito ter filhos e tiveram muitas brigas sobre o assunto. Era um banqueiro de investimentos, como o pai dela, sempre viajando. Depois de alguns anos de casamento, sua libido acabou ou talvez tenha sido canalizada para ganhar dinheiro. Ganhou um bom dinheiro, mas realmente nunca chegou ao auge como o pai dela. Ocupado, ocupado, ocupado, dormia com o computador. Talvez ele tenha fodido com tudo, quem sabe? Certamente não fodia Belle. Segundo ela, ele a tinha evitado por anos, provavelmente por ficar furioso com a questão de não ter filhos. Difícil dizer o que os manteve casados. Ele foi criado num lar da Ciência Cristã e recusava sistematicamente a terapia de casais ou qualquer outra forma de psicoterapia. Mas ela admite que nunca insistiu muito. Vejamos. O que mais? Me dê uma dica, dr. Lash.

"A terapia anterior dela?", continuou o dr. Trotter. "Bom. Pergunta importante. Sempre pergunto isso nos primeiros trinta minutos. Terapia contínua, ou tentativas de terapia, desde a adolescência. Passou por todos os terapeutas de Genebra e, durante um certo tempo, viajava até Zurique para fazer análise. Veio fazer faculdade nos Estados Unidos, Pomona, e foi a um terapeuta atrás de outro, muitas vezes para uma única sessão. Insistiu com três ou quatro deles por até alguns meses, mas nunca realmente adotou nenhum. Belle era, e é, muito arrogante. Ninguém é bom o bastante, ou pelo menos ninguém era certo para ela. Algo de errado com todo terapeuta: formal demais, pomposo demais, julgava demais, condescendente demais, exageradamente orientado pelos negócios,

frio demais, apressado demais com o diagnóstico, excessivamente orientado por fórmulas. Psicofármacos? Testes psicológicos? Protocolos comportamentais? Esqueça. Bastava que alguém os sugerisse e era imediatamente uma carta fora do baralho. O que mais?

"Como ela me escolheu? Excelente pergunta, dr. Lash. O foco cai sobre nós e acelera nosso ritmo. Ainda faremos de você um psicoterapeuta. Tive essa sensação sobre o senhor quando assisti às suas apresentações nos grandes ciclos de seminários. Cabeça boa, incisiva. Esta se revelava à medida que o senhor apresentava os dados. Mas gostei mesmo foi da sua apresentação do caso, em particular, da maneira como o senhor deixava que os pacientes o afetassem. Vi que tinha todos os instintos certos. Carl Rogers Costumava dizer: 'Não desperdice seu tempo treinando terapeutas — você gastará melhor o tempo *selecionando-os.'* Sempre achei que havia muita verdade nisso.

"Vejamos, onde eu estava? Ah, como ela me pegou? A ginecologista dela, a quem ela adorava, foi uma ex-paciente minha. Disse a ela que eu era um cara normal, não perdia tempo com bobagens e estava disposto a sujar minhas mãos. Ela me investigou na biblioteca e gostou de um artigo que escrevi 15 anos atrás, discutindo a noção de Jung de inventar uma nova linguagem terapêutica para cada paciente. Conhece esse trabalho? Não? *Journal of Orthopsychiatry.* Vou te enviar uma separata. Fui mais longe ainda que Jung. Sugeri que inventemos uma nova terapia para cada paciente, que levemos a sério a noção de unicidade de cada paciente e desenvolvamos uma psicoterapia exclusiva para cada um.

"Café? É, quero sim. Preto. Obrigado. E foi assim que ela me escolheu. E qual seria a próxima pergunta que o senhor deveria fazer, dr. Lash? *Por que nessa ocasião?* Precisamente. É essa a pergunta. Sempre uma pergunta muito produtiva a fazer a um novo paciente. A resposta: uma perigosa dramatização sexual. Mesmo ela sabia disso. Sempre fez um pouco dessa coisa, mas estava ficando muito pesado. Imagine dirigir ao lado de furgões ou caminhões em estradas de alta velocidade — perto o bastante para que o motorista visse dentro, e então levantar a saia e se masturbar — a 130 quilômetros por hora. Loucura. Então, ela pegava a saída seguinte e, se o motorista a seguisse, ela parava, subia na cabina dele e lhe fazia um boquete. Coisa letal. E muito disso. Ficava tão fora de controle que, quando ficava entediada, entrava em algum bar sórdido em San Jose, às vezes de mexicanos, às vezes de negros, e escolhia alguém. Ficar em situações perigosas, cercada por homens desconhecidos, potencialmente violentos, a excitava. E havia o perigo não só dos homens, mas das prostitutas que ficavam ofendidas por ela roubar seus negócios. Elas ameaçavam sua vida e ela tinha de continuar indo de um lugar a outro. E AIDS, herpes, sexo seguro, camisinhas? É como se nunca tivesse ouvido falar dessas coisas.

"Portanto", prosseguiu,"era mais ou menos assim que Belle estava quando começamos. Pegou o quadro geral? Tem alguma pergunta ou devo continuar? O.k. Então, de alguma maneira, na nossa primeira sessão, fui aprovado em todos os testes dela. Ela voltou uma segunda e uma terceira vez e começamos o tratamento, duas vezes, às vezes três vezes por semana. Gastei uma hora inteira tirando uma história detalhada do trabalho dela com todos os seus terapeutas anteriores. Essa é sempre uma boa estratégia quando você está examinando um paciente difícil, dr. Lash. Descubra como eles o tratavam e depois tente evitar os erros deles. Esqueça aquela bobagem sobre o paciente não estar pronto para a terapia! *É a terapia que não está pronta para o paciente.* Mas é preciso ser bem ousado e criativo para moldar uma nova terapia para cada paciente.

"Belle Felini não era uma paciente a ser abordada com a técnica tradicional. Se eu ficasse no meu papel profissional normal, tirando uma história, refletindo, empatizando, interpretando, puf! e ela sumia. Acredite em mim. *Sayonará. Auf Wiedersehen.* É o que ela fez com todos os terapeutas com quem já consultou; e muitos deles com uma boa reputação. Você conhece a velha história: a operação foi um sucesso, mas o paciente morreu.

"Que técnicas empreguei? Temo que você não tenha entendido meu raciocínio. *Minha técnica é abandonar todas as técnicas!* E não estou sendo apenas um espertinho, dr. Lash. É essa a primeira regra de uma boa terapia. E essa deve ser a sua regra também, se o senhor se tornar um terapeuta. Tentei ser mais humano e menos mecânico. Não crio um plano terapêutico sistemático. Isso não se faz, mesmo depois de quarenta anos de profissão. Simplesmente confio na minha intuição. Mas isto

não é justo com o senhor, um principiante. Imagino, olhando para trás, que o aspecto mais impressionante da patologia de Belle era a sua impulsividade. Ela sente um desejo. Bingo! Ela precisa agir sobre esse desejo. Lembro-me de querer aumentar a tolerância dela à frustração. Foi esse meu ponto de partida, meu primeiro, talvez meu principal, objetivo na terapia. Vejamos, como começamos? É difícil lembrar o começo, tantos anos atrás, sem as minhas anotações.

"Já lhe contei que as perdi. Vejo a dúvida em seu rosto. As anotações sumiram. Desapareceram quando mudei o consultório há uns dois anos. Você não tem outra escolha senão acreditar em mim.

"As lembranças mais importantes que tenho são que, no início, as coisas foram muito melhores do que eu poderia ter imaginado. Não sei bem por que, mas Belle me adotou imediatamente. Não poderia ter sido pela minha aparência. Tinha acabado de fazer a cirurgia de catarata e meu olho estava com uma aparência horrível. E minha ataxia não melhorava meu poder de sedução... é uma ataxia cerebelar familiar, se o senhor quer saber. Sem dúvida progressiva... um andador no meu futuro, mais um ou dois anos, e uma cadeira de rodas em três ou quatro. *C'est Ia vie.*

"Acho que Belle gostou de mim porque eu a tratava como uma pessoa. Fiz exatamente o que o senhor está fazendo agora, e quero lhe dizer, dr. Lash, que gosto de como o senhor o faz. Não olhei nenhum dos gráficos dela. Fui às cegas, queria ser inteiramente novo. Belle *nunca* foi um diagnóstico para mim, não era uma personalidade limítrofe, nem um transtorno alimentar, nem um transtorno compulsivo ou anti-social. É como abordo todos os meus pacientes. E espero que nunca me torne um diagnóstico para o senhor.

"O quê, se acho que existe espaço para o diagnóstico? Bem, sei que vocês que estão se formando agora e toda a indústria de psicofármacos vivem pelo diagnóstico. As revistas de psiquiatria estão repletas de discussões sem sentido sobre as nuances do diagnóstico. No futuro, destroços de naufrágio. Sei que é importante em algumas psicoses, mas tem um papel pequeno, na verdade, um papel negativo, na psicoterapia do dia-a-dia. Já pensou sobre o fato de ser mais fácil fazer um diagnóstico na primeira vez que examinamos um paciente e que fica mais difícil quando melhor o conhecemos? Pergunte confidencialmente a qualquer terapeuta, e eles lhe dirão o mesmo! Em outras palavras, a certeza é inversamente proporcional ao conhecimento. Bela ciência, hein?

"O que estou lhe dizendo, dr. Lash, não é simplesmente que não *fiz* um diagnóstico sobre Belle; *não pensei* em diagnose. Ainda não penso. Apesar do que aconteceu, apesar do que ela fez comigo, ainda não penso. E acho que ela sabia disso. Éramos apenas duas pessoas fazendo contato. E gostei de Belle. Sempre gostei. Gostei muito dela! E ela sabia disso, também. Talvez seja *essa* a coisa mais importante.

"Pois bem, Belle não era uma paciente boa de conversa e de terapia, por nenhum padrão. Impulsiva, orientada por ação, sem curiosidade sobre si mesma, não-introspectiva, incapaz de fazer associação livre. Sempre se saía mal nas tarefas tradicionais da terapia — auto-exame, *insight* — e, então, se sentia pior consigo mesma. É por *este* motivo que a terapia sempre fracassava. E é por este motivo que eu sabia que tinha que conquistar sua atenção de outras maneiras. É por isto que tive de inventar uma nova terapia para Belle.

"Por exemplo? Bem, deixe-me dar um exemplo do início da terapia, talvez no terceiro ou quarto mês. Eu vinha me concentrando no seu comportamento sexual autodestrutivo e perguntando-lhe sobre o que ela realmente queria dos homens, inclusive o primeiro homem da sua vida, o pai. Mas eu não estava chegando a lugar nenhum. Ela realmente resistia a falar sobre o passado, tinha feito muito disso com outros psiquiatras, ela disse. Também tinha a noção de que xeretar nas cinzas do passado era meramente uma desculpa para escapar da responsabilidade pessoal por nossas ações. Ela tinha lido meu livro sobre psicoterapia e me citou dizendo exatamente isso. Detesto isso. Quando os pacientes resistem citando nossos próprios livros, eles nos pegam de jeito.

"Numa das sessões, pedi que falasse de alguns dos primeiros devaneios ou fantasias sexuais e finalmente, para me agradar, ela descreveu uma fantasia recorrente da época em que estava com 8 ou 9 anos: uma tempestade lá fora, ela entra num aposento com frio e molhada até os ossos e um velho a aguarda. Ele a abraça, tira suas roupas molhadas, seca-a com uma grande toalha quente, lhe

dá um chocolate quente. Então sugeri que fizéssemos uma encenação: pedi-lhe que saísse do consultório e voltasse a entrar, fingindo estar molhada e com frio. Pulei, é lógico, a parte de despi-la, arranjei uma toalha de bom tamanho do banheiro e a sequei vigorosamente — permanecendo não-sexual, como sempre fiz. 'Sequei' suas costas e cabelos, depois a enrolei na toalha, coloquei-a sentada e fiz uma xícara de chocolate quente instantâneo.

"Não me pergunte por que ou como decidi fazer isso naquela ocasião. Quando você tiver os anos de prática que tenho, saberá confiar na sua intuição. E a intervenção mudou tudo. Belle ficou sem fala por algum tempo, as lágrimas brotaram de seus olhos e, então, berrou como um bebê. Belle nunca tinha chorado numa terapia. Nunca. A resistência simplesmente se dissipou.

"O que quero dizer com a resistência se dissipando? Quero dizer que ela confiou em mim, que acreditou que estávamos do mesmo lado. O termo técnico, dr. Lash, é 'aliança terapêutica. Depois disso, ela se tornou uma verdadeira paciente. O material importante simplesmente saiu dela, como numa erupção. Começou a viver pela sessão seguinte. A terapia tornou-se o centro da sua vida. Muitas vezes ela me contou o quanto eu era importante para ela. E isto ocorreu depois de apenas três meses.

"Se eu era importante *demais?.* Não, dr. Lash, o terapeuta não pode ser importante demais no início da terapia. Mesmo Freud usou a estratégia de tentar substituir uma psiconeurose por uma neurose de transferência; é uma maneira poderosa de ganhar controle sobre os sintomas destrutivos.

"Isto parece tê-lo desconcertado. Bem, o que acontece é que o paciente se torna obcecado com o terapeuta, fica ruminando vigorosamente sobre cada sessão, tem longas conversas fantasiosas com o terapeuta entre as sessões. Finalmente, os sintomas são dominados pela terapia. Em outras palavras, os sintomas, em vez de serem impelidos por fatores neuróticos internos, começam a flutuar de acordo com as exigências do relacionamento terapêutico.

"Não, obrigado, não quero mais café, Ernest. Mas tome você. Você se importa se eu chamá-lo de Ernest? Ótimo. Então, para continuar, capitalizei este desenvolvimento. Fiz tudo o que pude para me tornar ainda mais importante para Belle. Respondi a todas as perguntas que ela me fez sobre minha própria vida, dei apoio às partes positivas dela. Disse-lhe o quanto ela era uma mulher inteligente, bem-apessoada. Que detestava o que ela estava fazendo a si mesma e disse-lhe isto com grande franqueza. Nada disso foi difícil: tudo o que precisei fazer foi dizer a verdade.

"Você me perguntou há pouco qual foi a minha técnica. Talvez minha melhor resposta seja simplesmente: *eu disse a verdade.* Comecei, gradualmente, a ter um papel maior na sua vida de fantasias. Ela mergulhava em longos devaneios sobre nós dois; simplesmente estarmos juntos, abraçando-nos reciprocamente, eu jogando jogos de bebê com ela, eu a alimentando. Certa vez, ela trouxe um copinho de gelatina e uma colher ao consultório e me pediu que lhe desse de comer, o que eu fiz, para seu grande deleite.

"Soa inocente, não soa? Mas eu sabia, mesmo no início, que havia uma sombra se avultando. Soube disso então, soube disso quando ela falou sobre o quanto ela ficava excitada quando eu a alimentava. Soube disso quando ela falou sobre fazer canoagem por longos períodos, dois ou três dias por semana, apenas para que pudesse ficar sozinha, flutuar nas águas e deleitar-se com seus devaneios sobre mim. Sabia que minha abordagem era arriscada, mas foi um risco calculado. Iria permitir que a transferência positiva crescesse para que eu pudesse usá-la para combater sua autodestrutividade.

"E, depois de poucos meses, eu tinha me tornado tão importante para ela que poderia começar a me debruçar sobre a sua patologia. Em primeiro lugar, com entrei-me na questão de vida ou morte: HIV, a cena do bar, as felações do anjo da misericórdia das estradas. Ela fez um teste de HIV; negativo, graças a Deus. Lembro-me de ficar esperando duas semanas pelos resultados do teste do HIV. Vou confessar: suei frio tanto quanto ela.

"Você já trabalhou com pacientes quando eles estão esperando pelos resultados do teste do HIV?

Não? Bem, Ernest, esse período de espera é uma janela de oportunidade. Você pode usá-la para fazer muito trabalho. Durante alguns dias, os pacientes se vêem face a face com sua própria morte, possivelmente pela primeira vez. É um período em que você pode ajudá-los a examinar e a organizar suas prioridades, para basear suas vidas e seu comportamento nas coisas que realmente contam. *Terapia de choque existencial,* é como eu chamo às vezes. Mas não Belle. Não a desconcertou. Simplesmente tinha negação demais. Assim como tantos outros pacientes autodestrutivos, Belle sentia-se invulnerável na mão de qualquer outro quanto na sua própria.

"Ensinei a ela sobre o HIV e sobre herpes, milagrosamente, ela não tinha, nenhum deles, e também sobre os procedimentos de sexo seguro. Fui seu técnico sobre os lugares seguros para pegar homens se ela tivesse uma necessidade absoluta: clubes de tênis, reuniões da associação de pais e mestres, sessões de leituras em livrarias. Belle era uma coisa — tão empreendedora! Conseguia arrumar um encontro com alguém bonito totalmente estranho em cinco ou seis minutos, às vezes acompanhado de uma esposa a apenas três metros que de nada suspeitava. Tenho de admitir que eu a invejava. A maioria das mulheres não dá valor à sua boa sorte neste aspecto. Você vê homens — particularmente um estropiado como eu — fazendo isso a seu bel-prazer?

"Uma coisa surpreendente em Belle, levando em consideração aquilo que já lhe contei até agora, era sua absoluta honestidade. Nas nossas primeiras duas sessões, quando estávamos decidindo trabalhar juntos, expus minha condição básica da terapia: *total honestidade.* Ela tinha de se comprometer a contar sobre todos os eventos importantes da sua vida: uso de drogas, encenação sexual impulsiva, mutilações, orgias de comida, fantasias, tudo. Do contrário, eu lhe disse, estaríamos desperdiçando o tempo dela. Mas, se fosse franca comigo sobre tudo, ela poderia contar comigo em absolutamente tudo para passar por isto com ela. Ela prometeu e apertamos solenemente as mãos para firmar nosso contrato.

"E, tanto quanto sei, ela manteve a promessa. De fato, isto foi parte do meu trunfo, porque, se houvesse deslizes importantes durante a semana — se, por exemplo, ela arranhasse os pulsos ou fosse até um bar —, eu analisaria a questão até a morte. Eu insistia numa investigação profunda e minuciosa do que tinha acontecido até logo antes do deslize. 'Por favor, Belle', eu diria, 'preciso saber de tudo o que antecedeu o evento, tudo que possa nos ajudar a entendê-lo: os eventos anteriores do dia, seus pensamentos, seus sentimentos, suas fantasias.' Isso fazia Belle subir pelas paredes. Ela tinha outras coisas sobre as quais queria conversar e odiava gastar grande parte do seu tempo de terapia nisto. Só isso já a ajudava a controlar sua impulsividade.

"Insight? Não é um elemento importante na terapia de Belle. Ah, ela começou a admitir que era mais freqüente que seu comportamento impulsivo fosse antecedido por um estado emocional de enorme vazio ou de falta de vida e que o comportamento de risco, as mutilações, o sexo, os excessos compulsivos, tudo era tentativa de se ocupar o máximo possível ou de levá-la de volta à vida.

"Mas o que Belle não compreendia era que essas tentativas eram em vão. Cada uma delas era um tiro pela culatra, já que acabavam resultando numa profunda vergonha e, então, em tentativas mais frenéticas, e mais autodestru-tivas, para se sentir viva. Belle sempre foi estranhamente obtusa em apreender a idéia de que seu comportamento tinha conseqüências.

"Portanto, *insight* não adiantava. Tive que fazer alguma outra coisa, e experimentei todos os expedientes regulamentares e mais alguns, para ajudá-la a controlar a impulsividade. Fizemos uma lista de seus comportamentos impulsivos destrutivos e ela concordou em não embarcar em nenhum deles antes de me telefonar e me dar uma chance de convencê-la do contrário. Mas ela raramente telefonava. Não queria me importunar no meu tempo. Lá no fundo, ela estava convencida de que meu compromisso com ela era frágil e que eu logo me cansaria e me livraria dela. Não consegui convencê-la do contrário. Ela pediu alguma lembrança minha concreta para levá-la com ela. Isto lhe daria mais autocontrole. 'Escolha alguma coisa do consultório', disse a ela.

"Ela puxou o lenço do meu paletó. Dei-o a ela, mas antes escrevi nele um pouco da dinâmica importante dela:

Sinto-me morta e me machuco para saber que estou viva. Sinto-me morta e devo assumir riscos

perigosos para me sentir viva. Sinto-me vazia e tento me encher de drogas, comida, sêmen. Mas estes consertos têm vida curta. Acabo me sentindo envergonhada — e ainda mais morta e vazia.

"Instruí Belle a meditar sobre o lenço e as mensagens a cada vez que se sentisse impulsiva.

"Você parece sarcástico, Ernest. Você desaprova? Por quê? Ardiloso demais? Não é. Parece ardiloso, concordo, mas são medidas desesperadas para situações desesperadas. Para os pacientes que parecem que nunca desenvolveram um nítido senso de constância de objeto, descobri que uma certa possessão, algum lembrete concreto, é muito útil. Um dos meus professores, Lewis Hill, que era um gênio no tratamento de pacientes esquizofrênicos gravemente doentes, costumava respirar dentro de um frasco pequeno e dá-lo para que os pacientes usassem ao redor dos pescoços quando ele saía de férias.

"Você acha isto também ardiloso, Ernest? Vamos substituir por outra palavra, a palavra correta: *criativo.* Lembra-se do que disse antes sobre criar uma nova terapia para cada paciente? É exatamente isto que eu quis dizer. Além disso, você não fez a pergunta mais importante.

"Funcionou? Exatamente, é isso mesmo. É essa a pergunta certa. A única pergunta. Esqueça as regras. Sim, funcionou! Funcionou para os pacientes do dr. Hill e funcionou para Belle, que carregava por toda a parte o meu lenço e ganhou cada vez maior controle sobre a sua impulsividade. Seus "deslizes" tornaram-se menos freqüentes e logo pudemos começar a voltar nossa atenção para outros lugares nas nossas horas de terapia.

"O quê? Meramente uma cura por transferência? Existe algo nisto que está realmente afetando-o, Ernest. Isso é bom. É bom questionar. Você tem um senso para as verdadeiras questões. Deixe-me dizer, você está no lugar errado da sua vida. Seu destino não é ser um neuroquímico. Bem, o menosprezo de Freud pela 'cura por transferência tem quase um século. Existe alguma verdade nisso, mas está basicamente errado.

"Acredite em mim: se você interromper um ciclo autodestrutivo de comportamento, não importa *como* você o faça, você terá realizado algo importante. O primeiro passo *tem de ser* interromper o ciclo vicioso do ódio de si mesmo, auto destruição e, depois, mais ódio de si mesmo por causa da vergonha do seu próprio comportamento. Embora ela nunca tenha dito expressamente, imagine a vergonha e o autodesprezo que Belle deve ter sentido com seu comportamento degradado. Cabe ao terapeuta ajudar a reverter esse processo. Karen Horney certa vez disse... conhece o trabalho de Horney, Ernest?

"É uma pena, mas esse parece ser o destino dos teóricos mais importantes do nosso campo; seus ensinamentos sobrevivem por cerca de uma geração apenas. Horney era uma de minhas favoritas. Li todos os trabalhos dela durante meu estágio. Seu melhor livro, *Neuroses e desenvolvimento humano,* tem mais de cinqüenta anos, mas é o melhor livro sobre terapia que você lerá — sem nenhum jargão. Vou enviar meu exemplar para você. Em algum lugar, talvez nesse livro, ela defendeu um único, mas poderoso argumento: 'Se quiser ter orgulho de si mesmo, então faça coisas das quais possa ser orgulhar.'

"Perdi o fio da meada. Ajude-me a recomeçar, Ernest. Meu relacionamento com Belle? É claro, é por isto que realmente estamos aqui, não é? Houve muitos desenvolvimentos interessantes nessa frente. Mas sei que o desenvolvimento de maior relevância para o seu comitê é o toque físico. Belle deu muita atenção a isto quase desde o início. Pois bem, tenho como hábito tocar fisicamente todos os meus pacientes, homens e mulheres, em toda sessão — geralmente um aperto de mãos na despedida ou, quem sabe, um tapinha no ombro. Bem, Belle não se importava muito com isso: ela se recusava a apertar minha mão e começou a fazer alguns comentários sarcásticos, como 'Esse aperto é um aperto aprovado pela APA?' ou 'Você não conseguiria tentar ser um pouco mais formal?'

"Às vezes, ela terminava a sessão me dando um abraço, sempre amigável, não sexual. Na sessão seguinte ela me repreendia por causa do meu comportamento, da minha formalidade, do jeito como me enrijecia quando ela me abraçava. E enrijecer' diz respeito ao meu corpo, não ao meu membro, Ernest, vi esse olhar. Você daria um péssimo jogador de pôquer. Ainda não estamos na parte lasciva.

Darei uma deixa quando chegarmos a ela.

"Ela se queixava sobre minha rotulação da idade. Se ela fosse velha e enrugada, dizia ela, eu não hesitaria em abraçá-la. Provavelmente estava certa sobre isso. O contato físico era extraordinariamente importante para Belle: insistia que nos tocássemos e nunca parava de insistir. Pressão, pressão, pressão. Ininterruptamente. Mas eu entendia: Belle tinha crescido privada do toque. A mãe morreu quando ela era bebê e ela foi criada por uma série de governantas suíças distantes. E o pai! Imagine crescer com um pai que tinha fobia por germes, nunca a tocava, sempre usava luvas ao entrar e sair da casa. Fazia os criados lavarem e passarem a ferro todo o dinheiro de papel.

"Gradualmente, depois de mais ou menos um ano, eu tinha me soltado o bastante, ou tinha sido amolecido o bastante pela pressão implacável de Belle, para começar a terminar as sessões assiduamente com um abraço avuncular. Avuncular? Significa 'como um tio'. Mas qualquer que fosse o abraço que eu desse, ela sempre pedia por mais, sempre tentava me beijar no rosto quando me abraçava. Sempre insisti com ela que honrasse os limites e ela sempre insistia em pressioná-los. Não sei lhe dizer quantos pequenos discursos fiz para ela sobre isto, quantos livros e artigos sobre o tópico dei para que ela os lesse.

"Mas ela era como uma criança no corpo de uma mulher, um corpo de mulher fenomenal, sem dúvida, e sua ânsia por contato era implacável. Ela poderia mover a cadeira mais para perto? Será que eu não poderia segurar sua mão por alguns minutos? Não poderíamos sentar um ao lado do outro no sofá? Será que eu não poderia simplesmente colocar meu braço ao redor dela e sentar em silêncio ou sair para uma caminhada em vez de ficar falando?

"E ela era engenhosamente persuasiva. 'Seymour', ela diria, 'você faz um belo discurso sobre criar uma nova terapia para cada paciente, mas o que você deixou de fora nos seus artigos foi — *contanto que esteja no manual oficial* ou — *contanto que não interfira no conforto burguês do terapeuta de meia-idade.'* Ela me censurava por eu me refugiar nas diretrizes da APA sobre os limites e fronteiras na terapia. Ela sabia que eu tinha sido responsável pela redação daquelas diretrizes quando fui presidente da APA e me acusava de ser prisioneiro das minhas próprias regras. Criticava por eu não ler meus próprios artigos. 'Você enfatiza a questão de honrar a unicidade de cada paciente e depois faz de conta que um único conjunto de regras pode servir a todos os pacientes em todas as situações. Somos todos colocados num mesmo saco', ela dizia, 'como se todos os pacientes fossem iguais e devessem ser tratados da mesma maneira.' E o refrão dela era sempre: 'O que é mais importante: seguir as regras? Ficar na zona de conforto da sua poltrona? Ou fazer o que é melhor para o seu paciente?'

"Outras vezes, ela recriminava minha 'terapia defensiva': 'Você tem um medo terrível de ser processado. Todos vocês, terapeutas humanistas, se encolhem de medo na frente dos advogados e, ao mesmo tempo, incitam seus pacientes mentalmente doentes a se agarrarem firmemente à sua liberdade. Você realmente acha que eu o processaria? Ainda não me conhece, Seymour? Você está salvando minha vida. E eu te adoro!'

"E, você sabe, Ernest, ela estava certa. Ela me pegou fugindo. Eu *estava* me encolhendo de medo. Estava defendendo minhas diretrizes mesmo numa situação em que sabia que eram antiterapêuticas. Estava colocando minha covardia, meus medos com a minha pequena carreira, na frente dos melhores interesses dela. Realmente, quando você olha as coisas de uma posição desinteressada, *não havia* nada de errado em deixar que ela se sentasse ao meu lado e segurasse minha mão. Na verdade, cada vez que o fiz, sem exceção, deu um alento à nossa terapia: ela se tornava menos defensiva, confiava mais em mim, tinha mais acesso à sua vida interna.

"O quê? Existe mesmo algum lugar para fronteiras firmes nas terapias? É claro que existe. Ouça aqui, Ernest. Meu problema era que Belle repreendia energicamente todas as fronteiras, como um touro e uma bandeira vermelha. Onde quer que, *qualquer que fosse o lugar em que,* eu definisse as fronteiras, ela as empurrava seguidas vezes. Ela recorria ao uso de roupas sumárias ou blusas transparentes sem sutiã. Quando eu comentava sobre isto, ela ridicularizava as minhas atitudes

vitorianas em relação ao corpo. Eu queria conhecer lodo e qualquer contorno íntimo da mente dela, ela dizia, e ainda assim sua pele era um terreno proibido. Um par de vezes, ela reclamou sobre um caroço na mama e pediu-me que a examinasse. Obviamente, não o fiz. Ela ficava obcecada sobre sexo comigo por horas sem-fim e me implorava para fazer sexo com ela apenas uma vez. Um de seus argumentos era que sexo uma única vez comigo quebraria sua obsessão. Ela ficaria sabendo que não havia nada de especial nem de mágico e então ficaria livre para pensar sobre outras coisas da vida.

"Como a campanha dela a favor do contato sexual me fez sentir? Boa pergunta, Ernest, mas é pertinente a esta investigação?

"Você não tem certeza? O que parece pertinente é o que *eu fiz, é* por isso que estou sendo julgado, não por aquilo que senti ou pensei. Ninguém dá a mínima para isso num linchamento! Mas se você desligar o gravador por alguns minutos, eu lhe direi. Considere-o uma instrução. Você leu o *Cartas a um jovem poeta,* de Rilke, não leu? Bem, considere isto minha carta a um jovem terapeuta.

"Bom. Sua caneta também, Ernest. Largue-a e só ouça por um momento. Quer saber como isto me afetou? Uma bela mulher obcecada comigo, masturbando-se diariamente enquanto pensava em mim, implorando que eu me deitasse com ela, falando sem parar sobre as fantasias que tem sobre mim, sobre esfregar meu esperma sobre o seu rosto ou colocá-lo nos biscoitos com pedaços de chocolate. Como é que você *acha* que me fez sentir? Olhe para mim! Duas bengalas, piorando, feio, meu rosto sendo engolido por minhas próprias rugas, meu corpo flácido, se desmontando.

"Eu confesso. Sou apenas humano. Começou a me afetar. Pensava nela quando me vestia nos dias que tínhamos uma sessão. Que tipo de camisa vestir? Ela odiava listras largas; faziam me parecer satisfeito demais comigo mesmo, ela dizia. E que loção pós-barba? Ela gostava mais do Royall Lyme que do Mennen, e todas as vezes eu vacilava sobre qual deles usar. Geralmente eu borrifava o Royall Lyme. Um dia, no clube de tênis, ela conheceu um de meus colegas, um *nerd,* um verdadeiro narcisista que sempre estava competindo comigo, e assim que ela soube que ele tinha alguma ligação comigo, ela o fez falar sobre mim. A ligação dele comigo a excitou e ela foi imediatamente para casa com ele. Imagine, esse idiota é levado para a cama por esta mulher lindíssima e não sabe que é por minha causa. E nem posso contar a ele. Isso me deixou fulo da vida.

"Mas ter fortes sentimentos por uma paciente é uma coisa. Agir sobre eles é outra. Eu lutei contra isto, fiz auto-analise continuamente, consultei dois amigos regularmente e tentei enfrentar a situação durante as sessões. Vezes seguidas eu lhe disse que não havia nenhuma possibilidade de algum dia fazer sexo com ela, que eu nunca mais conseguiria me sentir bem comigo mesmo se o fizesse. Disse-lhe que ela precisava muito mais de um terapeuta que fosse bom e afetuoso do que de um amante velho, inválido. Mas eu realmente confessei minha atração por ela. Disse-lhe que não queria ela sentada tão perto de mim porque o contato físico me estimulava e me tornava menos eficiente como terapeuta. Assumi uma postura autoritária: insisti que minha visão de longo alcance era melhor que a dela, que eu sabia de coisas sobre a terapia dela que ela ainda não poderia saber.

"Sim, sim, você pode voltar a ligar o gravador. Acho que respondi à sua pergunta sobre meus sentimentos. Portanto, continuamos assim por mais de um ano, lutando contra os surtos de sintomas. Ele teve muitos deslizes, mas, no todo, estávamos nos saindo bem. Sabia que isto não era uma cura. Eu só a estava 'contendo', oferecendo um ambiente de apoio, mantendo-a segura de uma sessão a outra. Mas eu ouvia o relógio tiquetaqueando: ela estava cada vez mais inquieta e fatigada.

"E então, certo dia, ela entrou parecendo inteiramente esgotada. Uma mercadoria nova, muito pura, estava nas ruas e ela confessou que estava bem perto do arranjar um pouco de heroína. 'Não posso continuar vivendo uma vida de frustração total', ela disse. 'Estou tentando desesperadamente fazer isto funcionar, mas estou ficando sem combustível. Eu me conheço, eu me conheço, sei como opero. Você está me mantendo viva e quero trabalhar com você. Acho que consigo. Mas *preciso de algum incentivo!* Sim, sim, Seymour, sei o que você está se preparando para dizer: conheço de cor suas falas. Vai dizer que já tenho um incentivo, que meu incentivo é uma vida melhor, sentir-me melhor comigo mesma, não tentar me matar, auto-respeito. Mas isso aí não basta. Está muito

distante. Etéreo demais. Preciso de algo palpável. Preciso tocar!'

"Comecei a dizer algo para apaziguar, mas ela me cortou. Seu desespero tinha aumentado e, na sua cola, apareceu uma proposta desesperada:'Seymour, trabalhe comigo. Do meu jeito. Eu imploro. Se eu ficar limpa por um ano, realmente limpa, você sabe o que estou querendo dizer: sem drogas, sem farras, sem cenas em bares, sem cortar, sem *nada,* então, *me dê uma recompensai* Me de algum incentivo! Prometa me levar ao Havaí por uma semana. E me leve lá como homem e mulher, não psiquiatra e paciente. Não sorria, Seymour, estou falando sério, muito sério. Preciso disto. Seymour, por uma vez na vida, coloque minhas necessidades na frente das regras. Trabalhe comigo nisto.'

"Levá-la ao Havaí por uma semana! Você sorri, Ernest; também eu sorri. Um absurdo! Fiz o que você teria feito: dei uma gargalhada. Tentei ignorar, como tinha feito a todas as propostas anteriores dela de corrupção. Mas esta aqui, ela não ia deixar barato. Havia algo mais imperioso, mais ameaçador na sua maneira. E mais persistente. Ela não ia desistir. Não consegui demovê-la disso. Quando lhe disse que estava fora de questão, Belle começou a negociar: aumentou o período de bom comportamento para um ano e meio, mudou de Havaí para São Francisco e cortou a semana, inicialmente para cinco e depois para quatro dias.

"Entre as sessões, contra minha própria vontade, eu me flagrei pensando na proposta de Belle. Não conseguia evitar. Brincava com ela na minha mente. Um ano e meio, *18 meses,* de bom comportamento? Impossível. Absurdo. Ela jamais conseguiria. Por que estávamos desperdiçando nosso tempo para falar sobre isso?

"Mas *suponhamos* —'só um experimento mental', eu dizia a mim mesmo —, suponhamos que ela realmente fosse capaz de mudar seu comportamento por 18 meses? Experimente a idéia, Ernest. Pense nela. Considere a possibilidade. Você não concordaria que, se esta mulher impulsiva, teatral, fosse desenvolver controles, comportar-se mais egossintonicamente por 18 meses sem usar drogas, sem automutilações, sem nenhuma das formas de autodestruição, *ela não seria mais a mesma pessoa'?*

"O quê? 'Pacientes limítrofes jogam jogos'? É isso que você disse? Ernest, você nunca será um verdadeiro terapeuta se pensar assim. É exatamente o que quis dizer quando falei sobre os perigos do diagnóstico. Existem limítrofes e existem limítrofes. Os rótulos são uma violência contra as pessoas. Você não pode tratar o rótulo; precisa tratar a pessoa por trás do rótulo. Então, Ernest, eu volto a lhe perguntar: Não concordaria que esta pessoa, não este rótulo, mas esta Belle, esta pessoa em carne e osso, seria intrínseca e radicalmente mudada caso se comportasse de uma maneira fundamentalmente diferente durante 18 meses?

"Você não quer se comprometer? Não posso culpá-lo, considerando sua posição hoje. E o gravador. Bem, só responda em silêncio, para você mesmo. Não, deixe-me responder para você: não acredito que exista um terapeuta vivo que não concordasse que Belle seria uma pessoa muitíssimo diferente se não fosse mais governada por seu transtorno impulsivo. Ela desenvolveria valores diferentes, prioridades diferentes, uma visão diferente. Acordaria, abriria os olhos, veria a realidade, talvez visse sua própria beleza e valor. E me veria de uma maneira diferente, me veria como você me vê: um homem velho, cambaleante, se desfazendo. Uma vez que a realidade se imiscuísse, a transferência erótica dela, a necrofilia, simplesmente acabaria por desaparecer e, com ela, é claro, todo o interesse no incentivo havaiano.

"Como é que *é,* Ernest? Se eu sentiria falta da transferência erótica? Se isso me enlouqueceria? É claro que sim! Claro! Adoro ser adorado. Quem não adora? Você não adora?

"Fale sério, Ernest. Não adora? Não adora o aplauso quando acaba de dar as palestras? Não adora as pessoas, em particular as mulheres, se aglomerando à sua volta?

"Ótimo! Gosto da sua honestidade. Não é motivo para se envergonhar. Quem não adora? É o jeito como fomos construídos. Continuando, então, eu sentiria falta da adoração dela, me sentiria privado: mas isto vem junto com o território, li o meu trabalho: introduzi-la à realidade, ajudá-la a se afastar cada vez mais de mim. E até, Deus nos acuda, me esquecer.

"Bem, à medida que passavam os dias e as semanas, ficava mais e mais intrigado com a aposta de Belle. *Dezoito meses limpa,* ela ofereceu. E lembrese que ainda era uma oferta inicial. Sou um bom negociador e tinha certeza de que provavelmente conseguiria mais, aumentar as vantagens, abrir ainda mais espaço. Realmente cimentar a mudança. Pensei em outras condições em que eu poderia insistir: um pouco de terapia de grupo para ela, talvez, e uma tentativa ainda mais trabalhosa de tentar incluir o marido numa terapia de casais.

"Pensava dia e noite na proposta de Belle. Não conseguia tirá-la da cabeça. Sou um apostador e a vantagem a meu favor parecia fantástica. Se Belle perdesse a aposta, se ela escorregasse, seja por tomar drogas, fazer purgação, rondar os bares ou cortar os pulsos — *nada se perderia.* Simplesmente voltaríamos ao ponto onde estávamos antes. Mesmo que conseguisse apenas umas poucas semanas ou meses de abstinência, eu poderia começar a partir daí. E se Belle ganhasse, ela estaria tão mudada que nunca cobraria a aposta. Era uma questão bem simples de entender. Do lado negativo, um risco zero; do positivo, uma boa chance de eu conseguir salvar esta mulher.

"Sempre gostei de ação, adoro corridas, aposto em qualquer coisa — beisebol, basquete. Depois do colégio, entrei na Marinha e financiei a faculdade com meus ganhos em pôquer a bordo do navio; durante meu internato no Monte Sinai de Nova York, passei muitas das minhas noites livres num grande jogo na unidade de obstetrícia com os obstetras da Park Avenue de plantão com bipe. Havia um jogo contínuo acontecendo na sala dos médicos ao lado da sala de parto. Sempre que havia uma vaga, eles pediam ao operador para bipar o 'dr. Blackwood'. Sempre que ouvia a mensagem do bipe,'dr. Blackwood, queira comparecer à sala de parto', eu saía correndo o mais rápido que podia. Ótimos médicos, todos eles sem exceção, mas fracos no pôquer. Você sabe, Ernest, os internos não recebiam quase nada naquela época e, no fim do ano, todos eles estavam profundamente endividados. Eu? Durante minha residência no Ann Arbor, eu dirigia um conversível De Soto, cortesia dos obstetras da Park Avenue.

"De volta a Belle. Vacilei por semanas sobre a aposta dela e, então, um certo dia, resolvi arriscar. Disse a Belle que entendia a necessidade que ela tinha

do incentivo e abri uma negociação a sério. Insisti em dois anos. Ela ficou tão grata por ser levada a sério que concordou com todas as minhas condições e criamos bem rápido um contrato firme e claro. A parte dela no negócio era ficar inteiramente limpa por dois anos: sem drogas (inclusive álcool), sem automutilações, sem purgações, sem predação sexual em bares ou estradas nem qualquer outro comportamento sexual perigoso. Aventuras sexuais urbanas eram permitidas. E sem nenhum comportamento ilegal. Achei que tinha coberto tudo. Ah, sim, ela tinha que começar uma terapia de grupo e prometer participar com o marido numa terapia de casais. Minha parte do contrato era um fim de semana em São Francisco: todos os detalhes, hotéis, atividades caberiam a ela. Carta branca. Eu deveria ficar a seu serviço.

"Belle levou isto muito a sério. Ao término da negociação, ela sugeriu um juramento formal. Trouxe uma Bíblia para a sessão e cada um de nós jurou sobre a Bíblia que cumpriríamos nossa parte do contrato. Depois disto, apertamos as mãos solenemente sobre o nosso acordo.

"O tratamento continuou como antes. Belle e eu nos encontrávamos cerca de duas vezes por semana; três poderia ter sido melhor, mas o marido começou a resmungar sobre as contas da terapia. Já que Belle se manteve limpa e não tivemos que gastar tempo analisando seus 'deslizes', a terapia foi mais rápida e mais funda. Sonhos, fantasias, tudo pareceu mais acessível. Pela primeira vez, comecei a ver as sementes da curiosidade sobre si própria. Ela se matriculou em alguns cursos de extensão universitária sobre psicologia anormal e começou a escrever uma autobiografia sobre o início da sua vida. Gradualmente, ela lembrou de mais detalhes da infância, sua triste busca por uma nova mãe na fileira de governantas desinteressadas, a maioria das quais partia em poucos meses por causa da insistência fanática do pai com a limpeza e a ordem. A fobia dele pelos germes controlava todos os aspectos da vida dela. Imagine: até os 14 anos, ela foi mantida fora da escola e educada em casa porque ele tinha medo de que ela levasse germes para dentro de casa. Conseqüentemente, ela teve poucos amigos íntimos. Mesmo as refeições com amigos eram raras; ela era proibida de jantar fora e morria de medo da vergonha de expor os amigos ao comportamento

excêntrico do pai durante o jantar: luvas, lavar as mãos entre os pratos, inspeções das mãos dos criados para verificar a higiene. Não tinha permissão de pedir livros emprestados. Uma governanta querida foi demitida na hora porque tinha deixado que Belle e uma amiga vestissem as roupas uma da outra durante um dia. A infância e o relacionamento filial terminaram repentinamente aos 14 anos, quando ela foi mandada a um internato em Grenoble. Daí em diante, ela só teve um contato superficial com o pai, que logo depois voltou a se casar. Sua nova esposa era uma bela mulher, mas uma ex-prostituta; de acordo com uma tia solteirona, que disse que a nova esposa era apenas uma dentre as muitas prostitutas que o pai tinha conhecido nos 14 anos anteriores. Talvez', especulou Belle, e esta foi a primeira interpretação que ela fez durante a terapia,'e/e se sentisse sujo e fosse por este motivo que ele estivesse sempre se lavando e se recusando a deixar que a pele dele tocasse a dela'.

"Durante aqueles meses, Belle levantou o tema da nossa aposta somente no contexto de expressar sua gratidão comigo. Ela a chamou de a 'mais poderosa afirmação' que ela já tinha recebido. Ela sabia que a aposta era um presente para ela: ao contrário dos 'presentes' que tinha recebido de outros psiquiatras — palavras, interpretações, promessas,'cuidado terapêutico' —, este presente era real e palpável. Pele a pele. Era uma prova tangível do meu compromisso incondicional de ajudá-la. E a prova para ela do meu amor. Nunca antes, disse Belle, ela tinha sido amada dessa forma. Nunca ninguém a tinha colocado acima dos próprios interesses, acima das regras. Com certeza, não o pai, que nunca lhe deu uma mão sem luvas. Até sua morte, dez anos antes, enviava a ela o mesmo presente de aniversário todos os anos: um maço de notas de cem dólares, uma para cada ano de sua idade, cada cédula recém-lavada e passada a ferro.

"E a aposta tinha ainda um outro significado. Ela ficou encantada com a minha disposição de me submeter às regras. O que ela mais adorava em mim, disse ela, era a minha disposição de assumir riscos, meu canal aberto à minha própria sombra. 'Existe algo de malicioso e sombrio em você, também', ela diria. 'É por isto que você me entende tão bem. Em certos aspectos, acho que somos cérebros gêmeos.'

"Sabe, Ernest, é provavelmente por este motivo que nós nos identificamos com tanta rapidez, por este motivo ela soube imediatamente que eu era o terapeuta para ela. Simplesmente algo de travesso no meu rosto, uma certa fagulha irreverente nos meus olhos. Belle tinha razão. Ela me entendeu profundamente. Era uma garota esperta.

"E, você sabe, eu sabia exatamente o que ela queria dizer, exatamente! Consigo identificar isso nos outros da mesma maneira. Ernest, somente por um minuto, desligue o gravador. Bom. Obrigado. O que queria dizer é que acho que o vejo em você. Você e eu estamos sentados em diferentes lados deste tablado, desta mesa de julgamento, mas temos algo em comum. Eu lhe disse, sou bom em ler rostos. Raramente erro nessas coisas.

"Não? Vamos lá, confesse! Você sabe o que estou querendo dizer! Não é precisamente por este motivo que você ouve minha história com tanto interesse? Mais que interesse! Será que estarei indo longe demais se chamar de *fascinação?* Seus olhos estão arregalados. Isso mesmo, Ernest, você e eu. Você poderia ter sido eu na minha situação. Minha aposta faustiana poderia ter sido sua também.

"Você meneia a cabeça. Claro! Mas não fale com a cabeça. Estou mirando diretamente no seu coração, e poderá chegar um tempo quando você se abrirá ao que estou dizendo. Mais ainda, talvez você se veja não somente em mim, mas também em Belle. Nós três. Não somos tão diferentes um do outro! Tá bom, isto é tudo; voltemos aos negócios.

"Espere! Antes de voltar a ligar o gravador, Ernest, gostaria de dizer mais uma coisa. Acha que dou a mínima bola para o Comitê de Ética? O que eles podem fazer? Tirar meus privilégios de internar em hospital? Estou com 71 anos, minha carreira acabou, sei disto. Então, por que lhe conto tudo isto? Na esperança de que algum bem origine disso. Na esperança de que, talvez, você deixe que uma partícula de mim entre em você, deixe que eu corra nas suas veias, deixe que ensine a você. Lembre-se, Ernest: quando falo sobre você ter um canal aberto à sua sombra, quero dizer isso *positivamente,* quero dizer que, quem sabe, você tenha a coragem e a largueza de espírito para ser

um ótimo terapeuta. Ligue de novo o gravador, Ernest. Por favor, não há necessidade de resposta. Quando você tem 71 anos, não precisa de respostas.

"Certo, onde estávamos? Bem, o primeiro ano passou com Belle sem dúvida alguma melhorando. Sem escorregões de qualquer tipo. Ela ficou inteiramente limpa. Fez menos exigências para mim. Ocasionalmente pedia para sentar ao meu lado e eu colocava meu braço ao redor dela e passávamos alguns minutos sentados assim. Nunca deixei de relaxá-la e torná-la mais produtiva na terapia. Continuei a lhe dar abraços paternais no fim das sessões e ela geralmente me aplicava um beijo filial, comedido, na bochecha. O marido recusou a terapia de casais, mas concordou em se encontrar com uma conselheira de Ciência Cristã para várias sessões. Belle me contou que a comunicação entre eles linha melhorado e que os dois pareciam mais satisfeitos com a relação.

"Na marca dos 16 meses, tudo ainda estava bem. Nada de heroína, nenhuma droga de nenhuma espécie, nada de automutilações, bulimia, purgação nem comportamento autodestrutivo de qualquer espécie. Ela se dedicou a vários movimentos marginais — um canalizador, um grupo de terapia de vidas passadas, um nutricionista de algas, as típicas e inócuas excentricidades californianas. Ela e o marido tinham retomado a vida sexual, e ela realizou um pouco de fantasia sexual com meu colega — aquele idiota, aquele imbecil, que ela conheceu no clube de tênis. Mas, pelo menos, foi sexo seguro, muito longe das leviandades nos bares e estradas.

"Foi a mais incrível reviravolta em terapia que já vi. Belle disse que era a época mais feliz da sua vida. Eu o desafio, Ernest: coloque-a em qualquer um dos seus estudos de resultados clínicos. Ela seria a estrela entre os pacientes! Compare o resultado dela com qualquer terapia com remédios: Risperidona, Prozac, Paxil, Effexor, Wellbutrjn — qualquer um que você consiga imaginar —, minha terapia ganharia fácil, fácil. A melhor terapia que já fiz, e mesmo assim não poderia publicá-la. Publicá-la? Não poderia sequer contar a alguém sobre ela. Até agora! Você é minha primeira e verdadeira audiência.

"Por volta da marca dos 18 meses, as sessões começaram a mudar. Foi sutil, no início. Mais e mais referências ao nosso fim de semana em São Francisco começaram a se insinuar, e logo Belle começou a falar dele em todas as sessões. Toda manhã, ela ficava na cama por uma hora a mais devaneando sobre como seria o nosso fim de semana: sobre dormir nos meus braços, telefonar pedindo o café da manhã, depois um passeio de carro e almoço em Sausalito, seguido de uma soneca à tarde. Ela fantasiava que éramos casados, que esperava por mim à noite. Insistia em que era capaz de viver feliz pelo resto da vida se soubesse que eu voltaria para casa para ela. Ela não precisava de muito tempo comigo; estaria disposta a ser uma segunda esposa, me ter ao lado dela durante apenas uma ou duas horas por semana; poderia viver saudável e feliz com isso para sempre.

"Bem, você pode imaginar que, nessa época, eu estava ficando um pouco inquieto. E, depois, muito inquieto. Comecei a lutar impacientemente. Fiz o melhor que podia para ajudá-la a enfrentar a realidade. Falava sobre a minha idade em praticamente todas as sessões. Que em três ou quatro anos, eu esta-

ria numa cadeira de rodas. Em dez, estaria com 80 anos. Perguntei a ela quanto tempo ela achava que eu viveria. Os homens na minha família morrem cedo. Na minha idade, meu pai já estava no caixão há 15 anos. Ela viveria pelo menos 25 anos mais que eu. Comecei até a exagerar meu problema neurológico quando estava com ela. Uma vez, encenei uma queda intencional — era o quanto eu estava ficando mais desesperado. E os velhos não têm muita energia, eu repetia. Caía no sono às 20:30h, eu dizia a ela. Já fazia cinco anos desde a última vez que fiquei acordado para o jornal das 22:00h. E minha visão cada vez mais fraca, a bursite no ombro, azia, a próstata, meus gases, a constipação. Até tinha pensado em comprar um aparelho auditivo, só pelo efeito.

"Mas tudo isso foi um terrível disparate. Errado em 180 graus! Só aguçava ainda mais o apetite dela. Ela tinha um certo capricho perverso com a idéia de eu ser frágil ou incapacitado. Ela tinha fantasias de eu ter um derrame, da minha mulher me abandonar, de ela mudar para minha casa para cuidar de mim. Um de seus sonhos diurnos prediletos envolvia cuidar de mim: fazer meu chá,

me lavar, trocar meus lençóis e meus pijamas, passar talco em mim e, depois, tirar as roupas dela e se enfiar sob os lençóis frescos ao meu lado.

"Na marca dos vinte meses, a melhora de Belle foi ainda mais pronunciada. Por iniciativa própria, ela se inscreveu nos Narcóticos Anônimos e estava freqüentando três reuniões por semana. Estava fazendo trabalho voluntário em escolas de gueto para ensinar meninas adolescentes sobre controle da natalidade e AIDS e tinha sido aceita num programa de MBA numa universidade local.

"Como é que é, Ernest? Como eu sabia que ela estava me dizendo a verdade? Você sabe, nunca duvidei dela. Sei que ela tinha falhas de caráter, mas contar a verdade, pelo menos comigo, parecia quase uma compulsão. Logo no início da nossa terapia, acho que mencionei isto antes, firmamos um contrato para contarmos a verdade absoluta mutuamente. Houve um par de vezes, nas primeiras semanas de terapia, quando ela ocultou alguns episódios particularmente indecorosos de dramatização, mas não conseguiu agüentar; entrou num frenesi por causa disso, estava convencida de que eu conseguia ver dentro da mente dela e a expulsaria da terapia. Em cada uma das ocasiões, ela não conseguiu esperar até a sessão seguinte para confessar e teve de telefonar para mim, uma vez depois da meia-noite, para ficar devidamente registrado.

"Mas sua pergunta é boa. Havia muita coisa em jogo nisto para que eu simplesmente aceitasse a palavra dela e fiz o que você teria feito: chequei todas as fontes possíveis. Durante esta época, encontrei-me com o marido dela um par de vezes. Ele recusou a terapia, mas concordou em vir para ajudar a acelerar o ritmo da terapia de Belle e confirmou tudo o que ela disse. Não apenas isso, mas ele me deu permissão para entrar em contato com a consultora de Ciência Cristã, ironicamente, ela estava fazendo o doutorado em psicologia clínica e estava lendo meu trabalho, que confirmou a história de Belle: trabalhando com afinco no seu casamento, sem automutilações, sem drogas, trabalho comunitário voluntário. Não, Belle estava jogando limpo.

"Bem, o que você teria feito nesta situação, Ernest? O quê? Não estaria nesta situação, para começo de conversa? Tá, tá, eu sei. Resposta superficial. Você me decepciona. Diga-me, Ernest, se você não estaria nesta situação, *onde é* que você estaria? De volta ao seu laboratório? Ou na biblioteca? Você estaria a salvo. Digno e confortável. Mas onde estaria a paciente? Teria ido embora há muito, é onde ela estaria! Exatamente como os vinte terapeutas de Belle antes de mim. Todos eles pegaram a estrada segura, também. Mas sou um tipo diferente de terapeuta. Um salvador de almas perdidas. Recuso-me a desistir de um paciente. Quebro o pescoço, mas não tiro o meu da reta, tento qualquer coisa para salvar o paciente. Tem sido assim toda a minha carreira. Você conhece minha reputação? Pergunte por aí. Pergunte ao professor titular. Ele sabe. Ele me encaminhou dezenas de pacientes. Sou o terapeuta do último recurso. Os terapeutas me encaminham os pacientes dos quais desistiram. Você está fazendo que sim com a cabeça? Já ouviu falar de mim? Bom! É bom que você saiba que não sou apenas algum idiota senil.

"Então, pense cuidadosamente sobre a minha situação. Que diabo! O que mais eu poderia fazer? Eu estava ficando sobressaltado. Lancei mão de todos os obstáculos: comecei a interpretar como um louco, freneticamente, como se minha vida dependesse disso. Interpretei tudo que se mexia. E fiquei impaciente com as ilusões dela.

"Por exemplo, tomemos a fantasia maluca de Belle de nós estarmos casados e de ela colocar a vida dela em suspensão, esperando, a semana toda, para ter uma ou duas horas comigo. 'Que tipo de vida é essa e que tipo de relacionamento?', perguntei. Não era um relacionamento, era xamanismo. Imagine isto do meu ponto de vista, eu estava dizendo: O que ela imaginava que eu conseguiria de tal arranjo? Tê-la curada por uma hora de minha presença. Era irreal. Seria isto um relacionamento? Não! Não estaríamos sendo verdadeiros

um com o outro; ela estaria me usando como um ícone. E a obsessão dela de me chupar e engolir meu esperma. A mesma coisa. Irreal. Ela se sentia vazia e que ria que eu a enchesse com a minha essência. Será que ela não conseguia ver o que estava fazendo. Será que ela não conseguia ver o erro de tratar o simbólico como se fosse uma realidade concreta? Por quanto tempo ela achava que meu escasso esperma a encheria? Em poucos segundos, seu ácido clorídrico do estômago não deixaria

nada além de cadeias fragmentadas de DNA.

"Belle assentia solenemente para as minhas frenéticas interpretações, e, então, voltava ao seu tricô. Sua madrinha da Narcóticos Anônimos tinha lhe ensinado a tricotar e, durante as últimas semanas, ela trabalhou continua mente num suéter de trancas para que eu usasse durante nosso fim de semana. Não descobri nenhuma maneira de lhe tirar a calma. Sim, ela concordava que era possível que estivesse baseando sua vida numa fantasia. Talvez estivesse procurando pelo arquétipo do homem velho sábio. Mas isso era tão ruim assim? Além do programa de MBA, ela estava freqüentando um curso de antropologia como ouvinte e lendo *O ramo de ouro.* Ela me lembrou que a maioria da humanidade vivia de acordo com conceitos irracionais como totens, reencarnação, paraíso e inferno, até mesmo terapias de curas por transferência e a deificação de Freud. O que quer que funciona, funciona', ela disse, 'e o pensamento de estarmos juntos pelo fim de semana funciona. Esta está sendo a melhor época da minha vida; dá exatamente a sensação de estar casada com você. É como esperar e saber que você estará vindo para casa em pouco tempo; me mantém andando, me mantém satisfeita'. E, com isto, ela voltava ao seu tricô. Aquele maldito suéter! Tinha vontade de arrancá-lo das mãos dela.

"Na marca dos 22 meses, apertei o botão do pânico. Perdi toda a compostura e comecei a adular, a tentar escapulir, a implorar. Fiz discursos para ela sobre o amor. 'Você diz que me ama, mas amor é um relacionamento, amor é se importar com o outro, importar-se com o crescimento e a existência do outro. Você já se importou comigo? De como me sinto? Alguma vez já pensou na minha culpa, meu medo, o impacto disto sobre meu auto-respeito, sabendo que fiz algo antiético? E o impacto sobre minha reputação, o risco que estou correndo. Minha profissão, meu casamento?'

'"Quantas vezes', Belle respondeu,'você me lembrou que somos duas pessoas num encontro humano; nada mais, nada menos? Você me pediu para confiar em você, e eu confiei em você, confiei pela primeira vez na minha vida.

Agora, eu peço a *você* que confie em *mim.* Será nosso segredo. Levarei ao túmulo comigo. Não importa o que aconteça. Para sempre! E quanto ao seu respeito próprio e culpa e suas preocupações profissionais, bem, o que é mais importante que o fato de que você, um curador, esteja me curando? Você vai deixar que as regras, a reputação e a ética tenham precedência sobre isso?' Você conseguiu uma boa resposta para isto, Ernest? Eu não.

"Sutilmente, mas ameaçadoramente, ela aludiu aos efeitos potenciais de eu não pagar a aposta. Ela tinha vivido durante *dois* anos por esse fim de semana comigo. Será que ela voltaria a confiar em alguém? Qualquer terapeuta? Ou *qualquer um,* nesta questão? Isso, ela me informou, seria algo pelo qual eu deveria me sentir culpado. Ela não precisou dizer muito mais. Eu sabia o que minha traição significaria para ela. Ela não estava sendo autodestrutiva há mais de dois anos, mas eu não tinha a menor dúvida de que ela não tinha perdido o dom. Para falar curto e grosso, estava convencido de que, se eu não pagasse a aposta, Belle iria se matar. Ainda tentei escapar da minha própria armadilha, mas o bater das minhas asas foi ficando cada vez mais débil.

'"Tenho 70 anos, e você, 34', disse a ela. 'Há algo antinatural em nós dois dormindo juntos.'

"'Chaplin, Kissinger, Picasso, Humbert Humbert e Lolita, Belle respondeu, sem sequer se dar ao trabalho de desviar os olhos do seu tricô.

"'Você elevou isto a níveis grotescos', eu lhe disse;'tudo está tão inflado, tão exagerado, tão desligado da realidade. Toda esta coisa do fim de semana não poderá ser outra coisa senão uma experiência deprimente para você.'

'"Uma experiência deprimente é a melhor coisa que poderia acontecer', replicou. 'Você sabe. Destruir minha obsessão por você, minha... transferência erótica, como você a chama. É uma situação sem perdedores para a nossa terapia.'

"Continuei tentando escapulir. Além disto, na minha idade, a potência diminui.'

"'Seymour', ela me repreendeu, 'estou surpresa com você. Você ainda não entendeu, ainda não percebeu que a potência ou o intercurso não tem nada a ver. O que quero é que você esteja comigo e me abrace, como uma pessoa, uma mulher. Não como paciente. Além disto, Seymour', e, aqui, ela segurou o suéter meio tricotado em frente ao seu rosto, olhou recatadamente através dele e disse: 'vou lhe dar a transa da sua vida!'

"E, então, o tempo tinha acabado. O vigésimo quarto mês chegou e não tive outra escolha senão pagar ao diabo o que lhe era devido. Se eu não pagasse a aposta, sabia que as conseqüências seriam catastróficas. Se, por outro lado, eu mantivesse minha palavra? Então, quem sabe? Talvez ela tivesse razão, talvez *destruísse* a obsessão. Talvez, sem a transferência erótica, as energias delas fossem libertadas para melhor se relacionar com o marido. Ela manteria a fé na terapia. Eu me aposentaria em uns dois anos e ela continuaria com outros terapeutas. Talvez um fim de semana em São Francisco com Belle poderia se tornar um ato de suprema ágape terapêutica.

"O quê, Ernest? Minha contratransferência? Igual àquela que teria sido a sua: rodopio desenfreado. Tentei mantê-la fora da minha decisão. Não agi sobre a minha contratransferência; estava convencido de que eu não tinha outra escolha racional. E ainda estou convencido disso, mesmo à luz do que aconteceu. Mas me furtarei a ser mais que um pouco subjugado. Lá estava eu, um velho encarando o fim, com os neurônicos corticais cerebelares morrendo diariamente, os olhos enfraquecendo, a vida sexual praticamente encerrada. Minha mulher, que é boa em desistir das coisas, desistiu há muito do sexo. E minha atração por Belle? Não a nego: eu a adorava. E quando ela me disse que iria me dar a melhor transa da minha vida, eu conseguia ouvir meus exauridos motores gonadais voltando a roncar e a girar. Mas deixe-me lhe dizer — e ao gravador, deixe-me dizê-lo o mais contundentemente que conseguir —, *não foi por isto que o fiz!* Isto pode não ser importante para você nem para o Comitê de Ética, mas é de suprema importância para mim. Nunca quebrei meu pacto com Belle. Nunca quebrei meu pacto com nenhum paciente. Nunca pus minhas necessidades acima das deles.

"Quanto ao restante da história, imagino que você o conheça. Está tudo aí na sua pasta. Belle e eu nos encontramos em São Francisco para o café da manhã no Mama, em North Beach, no sábado de manhã, e ficamos juntos até o cair da noite de domingo. Decidimos contar aos nossos cônjuges que tínhamos marcado um grupo de maratona de fim de semana para os meus pacientes. Faço esses grupos para dez a 12 dos meus pacientes cerca de duas vezes por ano. De fato, Belle tinha participado de um desses fins de semana no seu primeiro ano de terapia.

"Você já dirigiu grupos como esse, Ernest? Não? Bem, deixe-me dizer que são poderosos... aceleram loucamente a terapia. Você deveria conhecê-los. Quando voltarmos a nos encontrar, e tenho certeza de que voltaremos, sob circunstâncias diferentes, contarei a você sobre esses grupos; venho fazendo-os há 35 anos.

"Mas de volta ao fim de semana. Não é justo trazê-lo tão longe assim e não lhe contar o clímax. Vejamos, o que posso lhe contar? O que eu *quero* lhe contar? Tentei manter minha dignidade, permanecer dentro da minha *persona* de terapeuta, mas isso não durou muito. Belle cuidou disso. Ela me requisitou assim que nos registramos no Fairmont, e bem rápido éramos homem e mulher e tudo, tudo o que Belle tinha previsto, passou a acontecer.

"Não vou mentir para você, Ernest. Adorei cada minuto do nosso fim de semana, a maior parte do qual passamos na cama. Fiquei preocupado que todos os meus encanamentos estivessem enferrujados e entupidos depois de tantos anos de desuso. Mas Belle era um mestre encanador e, depois de algumas sacudidas e batidas, tudo começou a funcionar de novo.

"Durante três anos, eu tinha repreendido Belle por viver uma ilusão e tinha impingido minha realidade sobre ela. Agora, por um fim de semana, entrei no mundo dela e descobri que a vida no reino mágico não era tão ruim assim. Ela foi minha fonte da juventude. A cada hora, ficava mais jovem e mais forte. Andava melhor, encolhi a barriga, pareci mais alto. Ernest, digo a você, senti vontade de gritar. E Belle percebeu. *'É* disto que você precisava, Seymour. E isto é tudo que já quis de você: ser abraçada, abraçar, dar meu amor. Entende que esta é a primeira vez na minha vida que

dei amor? É tão terrível assim?'

"Ela chorou muito. Assim como todos os outros conduítes, meus duetos lacrimais tinham também sido desentupidos e também chorei. Ela me deu muito naquele fim de semana. Passei toda a minha carreira doando e esta era a primeira vez que foi retribuído, realmente retribuído a mim. É como se ela tivesse dado por todos os pacientes que eu já tinha atendido.

"Mas, então, a vida real foi retomada. O fim de semana acabou. Belle e eu voltamos às nossas sessões duas vezes por semana. Nunca previ perder aquela aposta e, portanto, não tinha nenhum plano de contingência para a terapia após aquele fim de semana. Tentei voltar à rotina de sempre, mas, depois de uma ou duas sessões, vi que estava com um problema. Um grande problema. É quase impossível às pessoas que foram íntimas voltarem a um relacionamento formal. Apesar dos meus esforços, um novo tom de brincadeira amorosa substituiu o trabalho sério da terapia. Às vezes, Belle insistia em sentar no meu colo.

Dava muitos abraços, fazia muito carinho, muitos toques. Tentava me desviai dela, tentava manter uma ética séria de trabalho, mas, encaremos a verdade, não era mais terapia.

"Pus um fim a isso e sugeri solenemente que tínhamos duas opções: ou tentávamos voltar ao trabalho sério, o que significava voltar a um relacionamento não-físico e mais tradicional, ou desistíamos da pretensão de que estávamos fazendo terapia e tentaríamos estabelecer um relacionamento puramente social. E "social" não significava sexual: eu não queria complicar o problema. Eu lhe disse antes, ajudei a escrever as diretrizes que condenam os terapeutas e pacientes que têm relacionamentos sexuais pós-terapia. Também deixei claro para ela que, já que não estávamos mais fazendo terapia, não aceitaria mais o dinheiro dela.

"Nenhuma dessas opções eram aceitáveis para Belle. Uma volta à formalidade na terapia pareceria uma farsa. O relacionamento da terapia não é o único lugar onde você não joga jogos? Quanto a não pagar, isso era impossível. O marido tinha montado um escritório em casa e gastava a maior parte do tempo pela casa. Como ela poderia explicar a ele para onde ela estava indo duas horas regulares por semana se ela não estivesse emitindo os cheques para a terapia?

"Belle me repreendeu por minha estreita definição de terapia. 'Nossos encontros juntos — íntimos, divertidos, tocantes, às vezes fazendo um bom amor, amor verdadeiro, no seu divã —, isso é terapia. E uma boa terapia, também. Porque você não consegue enxergar isso, Seymour?', ela perguntava. 'Uma terapia eficiente não é uma boa terapia? Você esqueceu suas declarações sobre a *única questão importante da terapia?. Funciona?* E a minha terapia não está funcionando? Não estou continuando a me sair bem? Tenho ficado limpa. Sem sintomas. Terminando a faculdade. Estou começando uma nova vida. Você me mudou, Seymour, e tudo o que você precisa fazer para manter a mudança é continuar a gastar duas horas por semana ficando perto de mim.'

"Belle era uma garota esperta, sim. E ficando cada vez mais esperta. Eu não conseguia montar nenhum contra-argumento de que tal arranjo não era uma boa terapia.

"Mesmo assim, eu sabia que não podia ser. Gostava muito disso. Gradualmente, gradualmente demais, comecei a entender que eu me encontrava em grandes apuros. Qualquer um que nos visse juntos concluiria que eu estava explorando a transferência e usando esta paciente para o meu próprio prazer. Ou que eu era um gigolô geriátrico muito caro!

"Não sabia o que fazer. Obviamente, eu não poderia consultar ninguém. Sabia o que iriam me aconselhar e eu não estava preparado para engolir a pílula. Nem poderia encaminhá-la a um outro terapeuta, ela não iria. Mas, para ser honesto, não insisti muito nessa opção. Eu me preocupo com isso. Fiz a coisa certa por ela? Perdi algumas noites de sono pensando sobre ela contar tudo a meu respeito a um outro terapeuta. Você sabe como os terapeutas fofocam entre eles sobre os comportamentos excêntricos dos terapeutas anteriores, e eles simplesmente adorariam uma fofoca picante sobre Seymour Trotter. Mesmo assim, não poderia pedir a ela que me protegesse. Manter esse tipo de segredo seria uma sabotagem para sua próxima terapia.

"Portanto, meus argumentos mal elaborados estavam prontos, mas, mesmo assim, não estava nem um pouco preparado para a fúria da tempestade quando ela finalmente arrebentou. Certa noite, voltei para casa e encontrei a casa escura, minha mulher tinha ido embora, e quatro fotos minhas e de Belle pregadas à porta da frente: uma delas mostrava nós dois nos registrando na recepção do Fairmont Hotel, outra mostrava nós dois de malas na mão, entrando juntos no nosso quarto, a terceira era um close da ficha de registro do hotel — Belle tinha pagado em dinheiro e nos registrado como dr. e sra. Seymour. A quarta mostrava nós dois num abraço apertado na vista panorâmica da Ponte Golden Gate.

"Dentro, na mesa da cozinha, encontrei duas cartas: uma do marido de Belle para a minha mulher, declarando que ela poderia estar interessada nas quatro fotos inclusas mostrando o tipo de tratamento que o marido dela estava oferecendo à esposa dele. Ele disse que havia enviado uma carta semelhante ao Conselho Estadual de Ética Médica e terminava com uma ameaça asquerosa sugerindo que se eu, algum dia, voltasse a ver Belle, um processo judicial seria a coisa menos importante com que a família Trotter precisaria se preocupar. A segunda carta era da minha mulher — curta e grossa, pedindo-me para que eu nem me desse ao trabalho de explicar. Poderia falar tudo com o advogado dela. Ela me deu 24 horas para fazer as malas e me mudar de casa.

"Assim, Ernest, isso nos traz até aqui. O que mais posso lhe contar?

"Como ele teria conseguido as fotos? Deve ter contratado um detetive particular para nos vigiar. Que ironia — que o marido tivesse decidido

abandoná-la somente quando Belle linha melhorado! Mas quem sabe? Tal vez ele estivesse procurando por uma saída há muito tempo. Talvez belle o lenha esgotado.

"Nunca voltei a ver Belle. Tudo o que sei são boatos que ouvi de um velho amigo meu no Hospital Pacific Redwood; e não foram bons boatos. O marido pediu o divórcio e acabou partindo apressadamente para o campo com os bens da família. Ele vinha suspeitando de Belle há meses, desde que tinha encontrado algumas camisinhas na bolsa dela. Isso, naturalmente, é mais uma ironia: foi somente porque a terapia tinha refreado a autodestrutividade letal dela é que ela se dispôs a usar camisinha nas suas aventuras amorosas.

"Na última vez que tive notícias, a situação de Belle era terrível, de volta ao ponto zero. Toda a velha patologia estava de volta: duas internações por tentativas de suicídio, uma automutilação, uma overdose grave. Ela vai se matar. Eu sei. Aparentemente, ela tentou três novos terapeutas, dispensou um de cada vez, se recusa a fazer mais terapia e agora voltou a consumir drogas pesadas.

"E você sabe qual a pior coisa? Sei que eu poderia ajudá-la, mesmo agora. Tenho certeza disso, mas estou proibido de vê-la ou de falar com ela por ordem judicial e sob a ameaça de uma grave penalidade. Recebi várias mensagens telefônicas dela, mas meu advogado me avisou que eu estaria em grande perigo e me ordenou que, se quisesse ficar fora da cadeia, não respondesse. Ele entrou em contato com Belle e a informou que, por mandato judicial, eu não tinha permissão de me comunicar com ela. Ela finalmente parou de telefonar.

"O que vou fazer? Em relação a Belle, é o que você quer dizer? É uma decisão difícil. Mortifica-me não poder responder aos telefonemas dela, mas não gosto de prisões. Sei que poderia fazer muito por ela numa conversa de dez minutos. Mesmo agora. Confidencialmente. Desligue o gravador, Ernest. Não tenho certeza se serei capaz de simplesmente deixar que ela se afunde. Não tenho certeza se conseguiria manter meu auto-respeito.

"Então, Ernest, é isso. O fim da minha história. *Finis.* Deixe-me dizer, não é a maneira pela qual eu queria encerrar minha carreira. Belle é a principal personagem nesta tragédia, mas a situação é também catastrófica para mim. Os advogados dela estão insistindo com ela para que peça indenização. Tirar tudo o que puder. Eles passarão por um frenesi crescente. O processo judicial por má conduta profissional acontecerá em uns dois meses.

"Deprimido! Claro que estou deprimido. Quem não estaria? Chamo-a de uma depressão

adequada: sou um velho triste e miserável. Desanimado, sozinho, cheio de dúvidas sobre mim mesmo, terminando a vida em desgraça.

"Não, Ernest, não é uma depressão que possa ser tratada com remédio. Não esse tipo de depressão. Sem marcadores biológicos: sintomas psicomotores, insônia, perda de peso, nada disto. Obrigado por oferecer.

"Não, não suicida, embora admita que me sinto atraído pela escuridão. Mas sou um sobrevivente. Rastejo no porão e lambo as minhas feridas.

"Sim, muito sozinho. Minha mulher e eu estávamos vivendo juntos por hábito há muitos anos. Sempre vivi para o meu trabalho; o casamento sempre esteve na periferia da minha vida. Minha mulher sempre disse que satisfaço todos os meus desejos por proximidade com meus pacientes. E ela estava certa. Mas não foi por isto que ela me deixou. Minha ataxia está progredindo rápido e não acho que ela se entusiasmasse com a idéia de se tornar minha enfermeira em tempo integral. Meu pressentimento é que recebeu de bom grado a desculpa para se livrar desse trabalho. Não posso culpá-la.

"Não, não preciso ver ninguém para terapia. Já disse que não estou clinicamente deprimido. Agradeço seu interesse, Ernest, mas eu seria um paciente rabugento. Até aqui, como já disse, estou lambendo minhas próprias feridas e sou um ótimo lambedor.

"Por mim, tudo bem se você telefonar só para conferir. Fico comovido com a sua oferta. Mas fique tranqüilo, Ernest. Sou um bastardo resistente. Ficarei bem."

E, com isto, Seymour Trotter pegou as bengalas e saiu da sala cambaleando. Ernest, ainda sentado, ouviu as batidas ficarem cada vez mais tênues.

Quando Ernest telefonou duas semanas depois, dr. Trotter uma vez mais recusou todas as ofertas de ajuda. Em poucos minutos, ele mudou a conversa para o futuro de Ernest e expressou novamente sua forte convicção de que, quaisquer que fossem os pontos fortes de Ernest como psicofarmacologista, ele ainda estava deixando de responder à sua vocação: era um terapeuta nato e devia a si mesmo cumprir seu destino. Convidou Ernest a discutir a questão durante um almoço, mas Ernest recusou.

— Que falta de consideração de minha parte — dr. Trotter tinha respondido sem nenhum pingo de ironia. — Perdoe-me. Aqui estou eu aconselhando-o so-

bre uma virada na carreira e, ao mesmo tempo, pedindo lhe que a coloque em perigo por ser visto em público comigo.

— Não, Seymour — pela primeira vez Ernest o chamou pelo primeironome —, não é absolutamente essa a razão. Bem... fico constrangido em dizê-lo a você, mas a verdade é que já assumi o compromisso de sentar no banco de testemunhas, como especialista no julgamento da ação civil contra você por má conduta profissional.

— Não há motivo para constrangimento, Ernest. É seu dever testemunhar.Faria o mesmo, exatamente o mesmo, na sua situação. Nossa profissão é vulnerável, ameaçada por todos os lados. É nosso dever protegê-la e preservar ospadrões. Mesmo que você não acredite em mais nada a meu respeito, acrediteque dou valor a este trabalho. Dediquei toda a minha vida a ele. É por isso quelhe contei minha história em tantos detalhes — quis que você soubesse que nãoé uma história de traição. Agi de boa-fé. Sei que soa absurdo, mas, mesmo agora, acho que fiz a coisa certa. Às vezes o destino nos coloca em posições nasquais a coisa certa é a coisa errada. Nunca traí meu campo, nem um paciente.O que quer que o futuro nos traga, Ernest, acredite em mim. Acredito naquiloque fiz: nunca trairia um paciente.

Ernest realmente testemunhou no julgamento civil. O advogado de Seymour, citando sua idade avançada, seu discernimento diminuído e enfermidade, tentou uma nova e desesperada defesa:

alegou que Seymour, e não Belle, tinha sido a vítima. Mas o caso era sem esperança e foi concedido a Belle dois milhões de dólares — o máximo da cobertura que Seymour tinha para erro médico. Os advogados dela teriam ido atrás de mais, mas não parecia fazer muito sentido, já que, depois do divórcio dele e dos honorários legais, os bolsos de Seymour estavam vazios.

Esse foi o fim da história pública de Seymour Trotter. Pouco depois do julgamento, ele partiu silenciosamente da cidade e nunca mais se ouviu falar dele, além de uma carta (sem endereço para resposta) que Ernest recebeu um ano depois.

Ernest tinha apenas alguns minutos antes de seu primeiro paciente. Mas não conseguiu resistir a inspecionar, uma vez mais, o último rastro de Seymour Trotter.

Caro Ernest,

Somente você, naqueles dias demonizantes de caça às bruxas, expressou preocupação pelo meu bem-estar. Obrigado — foi poderosamente revigorante. Estou bem. Perdido, mas não quero ser encontrado. Devo-lhe muito — certamente, esta carta e esta foto de Belle e eu. É a casa dela no fundo, incidentalmente: Belle pôs a mão numa boa quantia de dinheiro.

Seymour

Ernest, como o fizera tantas vezes antes, olhou fixamente na foto esmaecida. Numa relva salpicada de palmeiras, Seymour estava sentado numa cadeira de rodas. Belle estava de pé atrás dele, desesperançada e muito magra, os punhos agarrando os braços da cadeira de rodas. Os olhos dela estavam abatidos. Atrás dela, uma graciosa casa colonial e, além dela, a resplandecente água verde-leitosa de um mar tropical. Seymour estava com um grande sorriso maroto, algo sonso. Ele se segurava à cadeira de rodas com uma das mãos; com a outra, apontava sua bengala jubilantemente em direção ao céu.

Como sempre, quando estudava a fotografia, Ernest sentiu-se inquieto. Esquadrinhou mais de perto, tentando entrar na foto, tentando descobrir algum indício, alguma resposta definitiva para o verdadeiro destino de Seymour e Belle. A chave, achava ele, deveria ser encontrada nos olhos de Belle. Pareciam melancólicos, desesperançados até. Por quê? Tinha conseguido o que queria, não tinha? Ele se aproximou mais de Belle e tentou captar seu olhar intenso. Mas ela sempre desviava os olhos.

UM

Três vezes por semana durante os últimos cinco anos, Justin Astrid tinha começado o dia com uma consulta com o dr. Ernest Lash. Sua consulta de hoje tinha começado como qualquer outra das setecentas sessões de terapia anteriores às 7:50h da manhã, subia as escadas externas do edifício vitoriano na rua Sacramento, elegantemente pintado em malva e mogno, atravessava o vestíbulo, subia ao segundo andar e entrava na sala de espera tenuemente iluminada de Ernest, permeada com o aroma penetrante e úmido do café italiano escuro torrado. Justin inspirou profundamente, depois verteu o café numa caneca japonesa adornada com um caqui pintado à mão, sentou-se no rígido sofá de couro verde e abriu a seção de esportes do *San Francisco Chronicle.*

Mas Justin não conseguiu ler sobre o jogo de beisebol do dia anterior. Não neste dia. Algo muito importante tinha acontecido — algo que exigia comemoração. Ele dobrou o jornal e olhou fixamente para a porta de Ernest.

Às 8:00h, Ernest colocou a pasta de Seymour Trotter no arquivo, passou os olhos rapidamente pelo prontuário de Justin, endireitou a mesa, colocou o jornal numa gaveta, colocou a xícara de café fora de vista, levantou-se e, logo antes de abrir a porta do consultório, olhou para trás para examiná-lo. Sem sinais visíveis de habitação. Bom.

Abriu a porta e, por um momento, os dois homens se olharam. Curador e paciente. Justin com seu *Chronicle* na mão, o jornal de Ernest escondido bem no fundo da mesa. Justin no seu paletó azul-

escuro e gravata listrada de seda italiana. Ernest num blazer azul-marinho e gravata florida Liberty. Ambos com sobrepeso de sete quilos, a pele de Justin transbordando no queixo e papadas, a barriga de Ernest se arqueando sobre o cinto. O bigode de Justin enrolava para cima, em direção às narinas. A barba bem cuidada de Ernest era sua característica mais arrumada. O rosto de Justin era expressivo, nervoso; seus olhos, irrequietos. Ernest usava óculos grandes e conseguia passar longos períodos sem piscar.

—Deixei minha mulher — começou Justin, depois de tomar um assento no consultório. — Ontem à noite. Simplesmente saí de casa. Passei a noite com a Laura. — Ele ofereceu estas primeiras palavras calma e desapaixonadamente, depois parou e olhou Ernest detidamente.

—Simples assim? — Ernest perguntou tranqüilamente. Sem piscar.

—Simples assim. — Justin sorriu. — Quando vejo o que precisa ser feito, não perco tempo.

Um pouco de humor tinha se insinuado na interação entre eles nos últimos meses. Normalmente, Ernest considerava algo bem-vindo. Seu supervisor, Marshal Streider, tinha dito que o aparecimento de ação secundária bem-humorada na terapia era freqüentemente um sinal propício.

Mas o comentário "simples assim" de Ernest não tinha sido uma ação secundária de boa-fé. Ficou inquieto com o anúncio de Justin. E irritado! Ele estava tratando Justin há cinco anos — cinco anos dando o maior duro para tentar ajudá-lo a deixar a mulher! E, hoje, Justin o informa casualmente que deixou a mulher.

Ernest voltou a pensar na primeira sessão deles, nas primeiras palavras do Justin: "Preciso de ajuda para cair fora do meu casamento!" Durante meses, Ernest tinha investigado minuciosamente a situação. Finalmente, ele concordou: Justin *deveria* cair fora — era um dos piores casamentos que Ernest já tinha visto. E, nos cinco anos seguintes, Ernest tinha empregado todos os recursos conhecidos da psicoterapia para capacitar Justin a ir embora. Todos tinham fracassado.

Ernest era um terapeuta obstinado. Ninguém jamais o tinha acusado de não tentar com suficiente afinco. A maioria dos colegas o considerava ativo demais, ambicioso demais na sua terapia. Seu supervisor estava sempre dizendo, num tom de reprimenda: "Ô, rapaz, baixe a bola! Prepare o terreno. Você não pode forçar as pessoas a mudar." Mas, finalmente, até Ernest foi forçado a perder a esperança. Embora nunca tenha deixado de gostar de Justin e nunca parado de esperar por coisas melhores para ele, Ernest gradualmente começou a ficar mais convencido de que Justin jamais deixaria a mulher, que ele era inamovível, que poderia ficar encalhado por toda a vida num casamento torturante.

Ernest então definiu metas mais limitadas para Justin: obter o melhor de um mau casamento, tornar-se mais autônomo no trabalho, desenvolver melhores aptidões sociais. Ernest poderia fazê-lo tão bem quanto o terapeuta da

porta ao lado. Mas era um tédio. A terapia ficava cada vez mais previsível; não acontecia nada de inesperado. Ernest sufocou os bocejos e empurrou os óculos para cima da ponte do nariz para se manter desperto. Já não discutia Justin com o supervisor. Imaginava conversas com Justin nas quais ele levantava a questão de encaminhá-lo a um outro terapeuta.

E aqui, hoje, Justin entra tagarelando e anuncia com indiferença que deixou a mulher!

Ernest tentou esconder seus sentimentos, limpando seus óculos com um lenço de papel arrancado da caixa.

— Conte-me sobre isso, Justin. — Péssima técnica! Percebeu instantaneamente. Colocou de volta os óculos e anotou no seu bloco: "Erro — pedi informações — contratransferência?"

Mais tarde, na supervisão, ele repassaria essas anotações com Marshal. Mas ele próprio sabia que foi bobagem tentar extrair informações. Por que precisaria tentar induzir Justin a continuar?

Ele não devia ter se deixado controlar pela curiosidade. *Incontinente* — é como Marshal o tinha chamado duas semanas antes. "Aprenda a esperar", diria Marshal. "Deveria ser mais importante Justin lhe contar do que você ouvir. E, se decidir *não* lhe contar, então você deve se concentrar nos motivos pelos quais ele vem consultá-lo, paga seus honorários e, ainda assim, sonega informações."

Ernest sabia que Marshal tinha razão. Ainda assim, não se importava com a correção técnica — esta não era uma sessão comum. O sonolento Justin tinha despertado e largado a mulher! Ernest olhou seu paciente; seria sua imaginação ou Justin parecia mais poderoso hoje? Nada do baixar a cabeça obsequioso, sem a postura encolhida, sem se mexer irrequietamente na cadeira para ajustar a cueca, nenhuma hesitação, sem pedidos de desculpa por deixar cair o jornal no chão ao lado da cadeira.

— Bem, eu gostaria que houvesse mais para contar... Tudo correu tão facilmente. Foi como se eu estivesse no piloto automático. Simplesmente fiz. Simplesmente saí andando! — Justin caiu em silêncio.

De novo, Ernest não conseguiu esperar. — Fale-me mais, Justin.

— Deve ter alguma coisa a ver com Laura, minha jovem amiga.

Justin raramente falava de Laura, mas, quando o fazia, ela era sempre simplesmente "minha jovem amiga." Ernest achava isso irritante. Mas não deixou transparecer nada e permaneceu em silêncio.

— Você sabe que eu a tenho visto muito; talvez eu tenha minimizado umpouco para você. Não sei por que escondi de você. Mas eu a tenho visto quasediariamente, para almoçar ou dar uma caminhada, ou para subir no apartamento dela para uma diversão na cama. Eu estava me sentindo cada vez maisunido, à vontade, com ela. E então, ontem, Laura disse, de uma maneira bemtrivial: "Está na hora, Justin, de você vir morar comigo."

"E você sabe", Justin continuou, "roçando para tirar os pêlos da barba que faziam cócegas nas narinas", pensei: *ela tem razão, está na hora.*

Laura diz a ele para largar a mulher e ele a larga. Por um momento, Ernest pensou num ensaio que tinha lido uma vez sobre o comportamento de acasalamento dos peixes em recifes de coral. Aparentemente, os biólogos marinhos conseguem identificar com facilidade o peixe fêmea e macho dominantes: simplesmente observam a fêmea nadar e observam o quanto ela perturba visivelmente os padrões de nado da maioria dos peixes machos — todos, exceto os machos dominantes. O poder da bela fêmea, peixe ou humana! Impressionante! Laura, mal saída do segundo grau, teve simplesmente de dizer a Justin que estava na hora de largar a mulher e ele tinha obedecido. Enquanto ele, Ernest Lash, um terapeuta talentoso, altamente talentoso, tinha desperdiçado cinco anos tentando tirar Justin do casamento.

— E, então — Justin continuou —, em casa, na noite passada, Carol facilitou as coisas para mim, pois se mostrou detestável como de costume, martelando a velha tecla de eu não estar *presente.* "Mesmo quando você está presente, você está ausente", ela disse. "Puxe sua cadeira até a mesa! Por que éque você fica sempre tão longe? Fale! Olhe para nós! Quando foi a últimavez que você fez um único comentário espontâneo para mim ou as crianças?Onde você está? Seu corpo está aqui. Você não está!" No fim da refeição, quandoela estava limpando a mesa e batendo e tinindo os pratos, ela acrescentou: "Nemmesmo sei por que você se dá ao trabalho de trazer o seu corpo para casa."

"E então, de repente, Ernest, a coisa bateu: a Carol está certa. Ela tem razão. *Por que me dou ao trabalho?* Repeti novamente para mim mesmo: *Por que é que me dou ao trabalho?* Então, sem mais sem menos, eu disse em voz alta: 'Carol, você tem razão. Nisto, como em todas as outras coisas, você está certa! Não sei *por que* me dou ao trabalho de vir para casa. Você está inteiramente certa.'

"Assim, sem nenhuma outra palavra, subi, empacotei tudo o que pude na primeira mala que encontrei e saí andando de casa. Tive vontade de levar mais coisas, de voltar para dentro para pegar

mais uma mala. Você conhece a Carol, ela vai destruir e queimar tudo o que eu deixar para trás. Quis voltar para pegar meu computador; ela usará um martelo nele. Mas sabia que era agora ou nunca. *Entre de novo na casa,* eu disse a mim mesmo, *e você estará perdido.* Eu me conheço. Conheço a Carol. Não olhei nem para a direita nem para a esquerda. Continuei andando e, logo antes de fechar a porta da frente, coloquei a cabeça para dentro e gritei, sem saber onde Carol ou as crianças estavam: 'Eu te telefono.' E, então, me afastei dali!"

Justin estava debruçado para a frente, na sua cadeira. Tomou um fôlego profundo, inclinou-se para trás exausto e disse: — E isto é tudo o que há para contar.

— E isso foi na noite passada?

Justin assentiu. — Fui diretamente para a casa da Laura e ficamos abraçados a noite inteira. Deus, foi difícil sair dos braços dela esta manhã. Mal consigo descrever como foi difícil.

—Tente — incitou Ernest.

—Bem, quando comecei a me desprender da Laura, subitamente vi a imagem de uma ameba se dividindo em duas, algo em que não tinha pensado desde as aulas de biologia no colegial. Éramos como as duas metades da ameba, separando-se pedacinho por pedacinho até que havia apenas um único e delgado filamento nos conectando. E, então, *plop* — um doloroso *plop* —, e estávamos separados. Eu me levantei, me vesti, olhei para o relógio e pensei: *Só mais 14 horas até eu estar de volta na cama, novamente preso à Laura. E* então vim para cá.

— Aquela cena com Carol na noite passada, você teve pavor dela por anos.

Mesmo assim, você parece decidido.

— Como eu disse, Laura e eu combinamos, pertencemos um ao outro. Elaé um anjo — criada no céu para mim. Esta tarde, vamos procurar um apartamento. Ela tem um pequeno estúdio na Russian Hill. Linda vista da Ponte daBaía. Mas pequeno demais para nós.

Criada no céu! Ernest sentiu vontade de vomitar.

— Se ao menos — continuou Justin — Laura tivesse aparecido anos atrás! Estivemos conversando sobre quanto de aluguel poderemos pagar. No caminho para cá, hoje, comecei a calcular quanto gastei com a terapia. Três vezes por semana por cinco anos. Quanto é isso? Setenta e oito mil dólares? Não leve para o lado pessoal, Ernest, mas não consigo deixar de especular o que teria acontecido se Laura tivesse aparecido cinco anos atrás. Talvez eu tivesse deixado Carol naquela época. E terminado a terapia, também. Talvez estivesse procurando um apartamento agora com oitenta mil dólares no meu bolso!

Ernest sentiu o rosto corar. As palavras de Justin soavam na sua cabeça. *Oitenta mil dólares! Não leve isto para o lado pessoal, não leve isto para o lado pessoal!*

Mas Ernest não deixou transparecer nada. Não piscou nem se defendeu. Nem apontou que, cinco anos atrás, Laura teria cerca de 14 anos e Justin não conseguiria limpar o traseiro sem pedir a permissão de Carol, não conseguiria passar a noite sem telefonar para o seu terapeuta, não conseguiria escolher de um menu sem a orientação da sua mulher, não conseguiria se vestir de manhã se ela não deixasse as roupas separadas. E, de qualquer maneira, foi o dinheiro da mulher que pagou as contas, não o dele — Carol ganhava o triplo do que ele ganhava. Se não fosse pelos cinco anos de terapia, ele teria oitenta mil dólares no bolso! Que droga, cinco anos atrás Justin não conseguiria se decidir em que bolso guardar!

Mas Ernest não disse nenhuma destas coisas. Ficou orgulhoso do próprio controle, um sinal claro do seu amadurecimento como terapeuta. Em vez disso, perguntou inocentemente: — Você está animado em todos os sentidos?

—O que quer dizer?

—Quero dizer, esta é uma ocasião importantíssima. Com certeza você deve ter muitas camadas de sentimentos sobre ela?

Mas Justin não deu a Ernest aquilo que ele desejava. Falou pouco voluntariamente, pareceu distante, desconfiado. Finalmente Ernest percebeu que ele não deveria se concentrar no *conteúdo,* mas no *processo,* isto é, no *relacionamento* entre paciente e terapeuta.

Processo é o amuleto mágico do terapeuta, sempre eficiente nos momentos de impasse. É o segredo comercial mais poderoso do terapeuta, aquele procedimento que torna o conversar com um terapeuta materialmente diferente e mais eficiente do que conversar com um amigo íntimo. Aprender a enfocar o processo, naquilo que estava acontecendo entre o paciente e o terapeuta, era a coisa mais valiosa que tinha conseguido de sua supervisão com Marshal e, por sua vez, era o ensino mais valioso que ele próprio oferecia quando era supervisor dos residentes. Gradualmente, ao longo dos anos, ele tinha entendido que o processo não ora apenas um amuleto a ser usado em tempos de dificuldades; era o próprio coração da terapia. Um dos exercícios de treinamento mais úteis que Marshal lhe tinha dado era enfocar o processo em pelo menos três momentos diferentes durante cada sessão.

— Justin — Ernest se aventurou —, podemos examinar o que está acontecendo hoje entre nós dois?

— O quê? O que você quer dizer com "o que está acontecendo"?

Mais resistência. Justin fazendo-se de tonto. Mas, pensou Ernest, talvez rebelião, mesmo rebelião passiva, não fosse uma coisa ruim. Lembrou-se daquelas muitas horas que tinham trabalhado na enlouquecedora subserviência de Justin — as sessões gastas na tendência de Justin de pedir desculpas por tudo e não pedir nada, nem mesmo reclamar do sol da manhã nos olhos ou perguntar se as persianas poderiam ser abaixadas. Dado esse histórico, Ernest sabia que deveria aplaudir Justin, apoiá-lo por tomar uma posição firme. A tarefa hoje era ajudá-lo a converter essa ridícula resistência em franca expressão.

—Quero dizer, como você se sente sobre conversar comigo hoje? Alguma coisa está diferente. Você não acha?

—O que *você* sente? — Justin perguntou.

Epa, outra resposta bem imprópria de Justin. Uma declaração de independência. *Seja feliz,* Ernest pensou. *Lembra da alegria de Gepeto quando Pinóquio dançou sem os fios pela primeira vez?*

— Muito justo, Justin. Bem, sinto-me distante, deixado de fora, como sealgo importante tivesse acontecido a você. Não, não está certo. Deixe-me colocar da seguinte maneira: como se *você tivesse feito com que algo importanteacontecesse* e quisesse mantê-lo separado de mim, como se você não quisesseestar aqui, como se você quisesse me excluir.

Justin assentiu com gratidão: — É isso, Ernest. Exatamente isso. É, realmente me sinto assim. *Estou* ficando longe de você. Quero me agarrar a isso de me sentir bem. Não quero que me levem para baixo.

—E eu vou levar você para baixo? Vou tentar afastar para longe de você?

—Você já tentou — disse Justin, olhando diretamente nos olhos de Ernest, algo fora de sua característica.

Ernest ergueu as sobrancelhas zombeteiramente.

— Bem, não é isso o que você estava fazendo quando perguntou se eu estava animado em todos os sentidos?

Ernest segurou a respiração. Uau! *Um verdadeiro desafio vindo de Justin.* Talvez ele tivesse

aprendido alguma coisa da terapia, afinal de contas! Agora *Ernest* bancou o inocente. — Como assim?

— *E claro* que não me sinto bem em todos os sentidos. Tenho vários sentimentos sobre deixar Carol e minha família para sempre. Você não sabe disso? Como não poderia saber? Acabo de me afastar de tudo: minha casa, meulaptop Toshiba, meus filhos, minhas roupas, minha bicicleta, minhas raquetes de raquetebol, minhas gravadas, minha tevê Mitsubishi, minhas fitas devídeo, meus CDs. Você conhece a Carol: ela não me dará nada, destruirátudo que possuo. Uuuuuiii... — Justin fez uma careta, cruzou os braços e securvou para a frente como se tivesse acabado de receber um soco na barriga. — Essa dor está lá, eu posso tocá-la, você vê o quanto está perto. Mashoje, por um único dia, queria esquecer, mesmo que umas poucas horas. Evocê não quis que eu esquecesse. Nem mesmo parece satisfeito de eu ter finalmente deixado a Carol.

Ernest ficou atordoado. Ele tinha deixado transparecer tanto assim? O que Marshal faria nesta situação? Que diabo, Marshal *não* estaria nesta situação!

—Você está? — Justin repetiu.

—Estou o quê? — Como um pugilista aturdido, Ernest deu um *clinch* no oponente enquanto desanuviava a sua cabeça.

—Satisfeito com o que fiz?

—Você acha — Ernest saía pela tangente, tentando duramente regular a voz — que não estou satisfeito com o seu progresso?

—Satisfeito? Você não age como se estivesse — Justin respondeu.

—E quanto a *você'?* — Ernest saiu de novo pela tangente. — *Você* está satisfeito?

Justin afrouxou e ignorou desta vez uma tentativa de esquiva. Tudo tem um limite. Ele precisava de Ernest e abandonou a defensiva: — Satisfeito? Sim. E apavorado. E decidido. E vacilando. Tudo misturado. O mais importante agora é eu nunca voltar para trás. Eu me libertei e a coisa importante agora é ficar longe, ficar longe para sempre.

Durante o restante da hora, Ernest tentou fazer emendas, apoiando e animando o paciente; — Defenda seu *terreno... lembre por quanto tempo você* gostou por dar esse passo... você agiu segundo os seus melhores interesses... da pode ser a coisa mais importante que você já fez.

— Devo *voltar para discutir isto com Carol?* Depois de *nove anos, não* devo isto a ela?

— Vamos fazer uma dramatização — sugeriu Ernest. — O que aconteceria se você voltasse agora para conversar?

Confusão. Você sabe o que ela é capaz de fazer. Para mim. Para ela mesma.

Ernest não precisava ser lembrado. Lembrava vividamente um incidente que Justin tinha descrito um ano antes. Vários sócios de Carol na firma de advocacia estavam vindo para um *brunch de* domingo e, de manhã cedo, Justin, Carol e os dois filhos tinham saído para fazer compras. Justin, que cuidava da cozinha, quis servir peixe defumado, *bagels* e *leo* (salmão defumado, ovos mexidos e cebolas)."Muito vulgar", Carol disse. Não queria sequer ouvir falar disso, apesar de, como Justin lembrou a ela, metade dos sócios serem judeus. Justin decidiu tomar uma decisão firme e começou a virar o carro em direção à rotisseria. "Não, não se atreva, seu filho-da-puta!" gritou Carol e deu uma guinada no volante para virar de volta. A luta no tráfego em movimento terminou quando ela bateu o carro contra uma motocicleta estacionada.

Carol era uma gata montês, uma marta, uma louca que tiranizava através de sua irracionalidade. Ernest lembrou de outra aventura com carro que Justin descrevera há dois anos. Enquanto dirigiam numa quente noite de verão, ela e Justin tinham discutido sobre a escolha de um filme, ela a favor

de *As bruxas de Eastwick,* ele a favor do *Exterminador do futuro II.* Ela ergueu a voz, mas Justin, que tinha sido incentivado por Ernest naquela semana a fazer valer seus direitos, se recusou a capitular. Finalmente, ela abriu a porta do carro, novamente num tráfego em movimento, e disse: "Seu safado miserável, não vou gastar nem mais um minuto com você." Justin a agarrou, mas ela fincou as unhas no antebraço dele e, enquanto pulava para fora do carro, abriu quatro violentos sulcos vermelhos na carne dele.

Uma vez fora do carro, que se movia a cerca de 25 quilômetros por hora, Carol cambaleou para a frente, dando três ou quatro passos aos trancos e depois ficou socando a capota de um carro estacionado. Justin parou o carro e correu em direção a ela, abrindo caminho pela multidão que tinha se juntado. Ela se prostrou na rua, atordoada, mas serena, as meias rasgadas e ensangüentadas nos joelhos, arranhões nas mãos, *cotovelos* e bochechas, e um pulso obviamente fraturado. O restante da noite foi um pesadelo: a ambulância, o pronto-socorro, o humilhante interrogatório da polícia e da equipe médica.

Justin ficou seriamente abalado. Percebeu que, mesmo com a ajuda de Ernest, não conseguiria dar um lance maior que o de Carol. Nenhuma aposta era alta demais para ela. Aquele mergulho para fora do carro em movimento foi o evento que tinha despedaçado Justin para sempre. Ele não conseguia se opor a ela, nem deixá-la. Ela era uma tirana, mas ele tinha necessidade de tirania. Mesmo uma única noite longe dela o deixava inteiramente ansioso. Sempre que Ernest lhe pedira, como um experimento mental, que imaginasse deixar para trás o casamento, Justin ficava inteiramente aterrorizado. Quebrar sua ligação com Carol parecia inconcebível. Até Laura — 19 anos, bonita, engenhosa, atrevida, sem medo de tiranos — ter aparecido.

— O que você acha? — repetiu Justin. — Devo agir como um homem etentar conversar sobre tudo com a Carol?

Ernest refletiu sobre as suas opções. Justin precisava de uma mulher dominante: estaria ele meramente trocando uma pela outra? Será que, em poucos anos, este novo relacionamento iria se parecer com o seu antigo? Ainda assim, as coisas tinham estado bem congeladas com Carol. Talvez, uma vez tendo conseguido se afastar dela, Justin pudesse estar aberto, mesmo que por um breve período, ao trabalho terapêutico.

— Realmente preciso agora de algum conselho.

Ernest, assim como todos os terapeutas, detestava dar um conselho direto. Era uma situação sem vencedores: se funcionasse, você teria infantilizado o paciente; se fracassasse, você pareceria um idiota. Mas, neste caso, ele não tinha escolha.

— Justin, não acho que, por ora, seja sensato encontrar-se com ela. Deixepassar algum tempo. Deixe que ela se aprume. Ou, talvez, tente se encontrarcom ela com um terapeuta na sala. Eu me colocarei à disposição ou, melhorainda, darei a você o nome de um terapeuta conjugai. Não estão dizendo aqueles que você já consultou. Sei que não funcionaram. Alguém novo.

Ernest sabia que seu conselho não seria seguido: Carol sempre tinha sabotado a terapia conjugai de casais. Mas *conteúdo,* o conselho exato que ele deu, não era a questão. O que era importante neste ponto era o *processo:* o relacionamento por trás das palavras, ele oferecendo apoio a Justin, ele se expiando pela tentativa de saída pela tangente, ele voltando a dar integridade à sessão.

— E se você se sentir pressionado e precisar conversar antes da nossa próxima sessão, telefone-me — Ernest acrescentou.

Boa técnica. Justin pareceu tranqüilizado. Ernest recobrou seu prumo. Tinha salvado a sessão. Sabia que seu supervisor aprovaria a sua técnica. Mas ele próprio não aprovou. Sentiu-se sujo. Contaminado. Não tinha sido honesto com Justin. Eles não tinham sido *verdadeiros* um com o outro. E era isso que ele valorizava em Seymour Trotter. Diga o que você quiser sobre ele — e Deus sabe que muito se falou —, mas Seymour sabia como ser *verdadeiro.* Ainda se lembrava da resposta de Seymour à sua pergunta sobre a técnica: *"Minha técnica é abandonar a técnica. Minha técnica é dizer*

a verdade"

Quando a hora chegava ao fim, algo fora do comum transpirou. Ernest sempre fizera questão de tocar fisicamente cada um de seus pacientes em cada sessão. Ele e Justin costumeiramente se despediam com um aperto de mãos. Mas não este dia: Ernest abriu a porta e inclinou sombriamente a cabeça para Justin quando este saiu.

DOIS

Era meia-noite, e Justin Astrid estava há menos de quatro horas fora da casa dela, quando Carol Astrid começou a cortá-lo para fora do resto da sua vida. Começou no chão do *closet* com os cordões de sapato de Justin e um par de tesouras em ziguezague e terminou quatro horas depois no sótão, cortando fora o grande *R* vermelho do blusão de tênis de Justin, do Colégio Roosevelt. Nesse intervalo, ela foi de um quarto a outro, destruindo metodicamente as roupas dele, seus lençóis de flanela, seus chinelos de pele, a coleção de besouros coberta em vidro, os diplomas do colégio e da faculdade, a videoteca de pornôs. As fotos do acampamento de verão, onde ele e seu co-conselheiro posaram com seu grupo de garotos de 8 anos de idade, sua equipe de tênis do colegial, o baile do último ano do colégio com seu par com cara de cavalo, tudo foi inteiramente retalhado. Depois, ela se voltou para o álbum de casamento. Com a ajuda de uma navalha com lâmina para barbear que o filho usava para construção de modelos de avião, em pouco tempo ela não deixou nenhum vestígio da presença de Justin em St. Marks, o lugar predileto dos casamentos episcopais elegantes de Chicago.

Enquanto se dedicava a isso, ela recortou os rostos dos sogros das fotos do casamento. Não fosse por eles e suas promessas, promessas vazias, de muito e muito dinheiro, ela provavelmente nunca teria se casado com Justin. Haveria um dia com neve no inferno antes que eles voltassem a ver seus netos. E também Jeb, o irmão dela. O que a foto dele ainda estava fazendo lá? Ela a retalhou. Não tinha nenhuma utilidade para ela. E todas as fotos dos parentes do Justin, mesa após mesa de cretinos: gordos, sorrisos com dentes arreganhados, levantando as taças para fazer brindes estúpidos, virando seus pesados filhos para a câmera, arrastando os pés na pista de dança. Para o inferno com Iodos eles! Em pouco tempo, todos os vestígios de Justin e sua família estavam ardendo em chamas na lareira. Agora, sua festa de casamento, bem como o casamento, tinha se transformado em cinzas.

Tudo o que sobrou no álbum foram algumas fotos dela mesma, da mãe e de um punhado de amigos, inclusive suas sócias advogadas,Norma e Heather, a quem telefonaria de manhã para pedir ajuda. Olhou fixamente para a foto da mãe, ansiando desesperadamente por sua ajuda. Mas a mãe se fora, 15 anos em seu túmulo. Ela se fora muito antes disso. Quando o câncer de mama começou lentamente a invadir todos os espaços do corpo, a mãe tinha ficado paralisada de terror e, durante anos, Carol tinha se tornado a mãe de sua mãe. Carol rasgou as páginas com as fotos que queria, retalhou o álbum e também o lançou no fogo. Um minuto depois, pensou melhor — as capas brancas de plástico do álbum poderiam expelir gases tóxicos para os filhos gêmeos de 8 anos de idade. Ela tirou-o do fogo e levou até a garagem. Mais tarde, com outros entulhos, ela faria um pacote com isso para devolver a Justin.

Em seguida, a escrivaninha de Justin. Ela estava com sorte: era o final do mês e Justin, que trabalhava como contador da cadeia de lojas de sapatos do pai, tinha trazido trabalho para casa. Todos os seus registros em papel — livros-razão e recibos da folha de pagamento — rapidamente caíram vítima das tesouras. O material importante, Carol sabia, estava trancado no seu *laptop.* O impulso dela foi bater um martelo nele, mas pensou num destino melhor para isso. Ela poderia fazer uso de um computador de cinco mil dólares. Apagar os arquivos era a técnica certa. Ela tentou entrar nos documentos dele, mas Justin os tinha criptografado. Bastardo paranóico! Mais tarde, conseguiremos alguma ajuda para isso. Enquanto isso, ela trancou o computador no seu baú de cedro e fez uma anotação mental de mandar trocar todas as fechaduras da casa.

Antes do amanhecer, ela caiu na cama depois de dar uma olhada nos gêmeos pela terceira vez. As camas estavam abarrotadas de bonecas e bichos de pelúcia. Respiração tranqüila e profunda.

Que sono inocente, tranqüilo. Deus, ela os invejava. Ela dormiu intermitentemente por três horas até ser despertada por uma dor na mandíbula. Tinha rangido os dentes durante o sono. Colocando as mãos em concha sobre o rosto enquanto abria e fechava lentamente os maxilares, ela conseguia ouvir as crepitações.

Ela olhou para o outro lado da cama, o lugar vazio de Justin, e murmurou: "Seu filho-da-puta. Você não merece meus dentes!" Então, tremendo e segurando os joelhos, sentou-se na cama e se perguntou onde ele estaria. As lágrimas descendo pelo rosto e chegando até a camisola a sobressaltaram. Secou as lágrimas e cravou os olhos nas cintilantes pontas dos seus dedos. Carol era uma mulher de extraordinária energia e de ação rápida e decisiva. Nunca encontrara o alívio de olhar o seu interior e considerava moralmente fracos aqueles que o faziam, como Justin.

Mas não era possível nenhuma outra ação. Ela tinha quebrado tudo o que havia sobrado de Justin e agora sentia-se tão pesada que mal conseguia se mover. Mas ainda conseguia respirar e, lembrando de alguns exercícios respiratórios das aulas de ioga, inspirou profundamente e soltou lentamente a metade do fôlego. Soltou então a metade do restante da respiração e novamente metade dessa metade. Isto ajudou. Tentou outro exercício que sua professora de ioga tinha sugerido. Ela pensava em sua mente como um palco e sentava-se na audiência, assistindo desapaixonadamente o desfile dos seus pensamentos. Nada veio, somente uma progressão de sentimentos dolorosos e incipientes. Mas como diferenciá-los e separá-los? Tudo parecia emaranhado.

Uma imagem flutuou na sua mente — o rosto de um homem que ela odiava, um homem cuja traição tinha deixado uma cicatriz nela para toda a vida: dr. Ralph Cooke, o psiquiatra que tinha consultado no serviço de saúde mental da faculdade. Um rosto rosado bem lavado, redondo como a Lua, encimado por cabelos loiros ralos. Ela o tinha procurado no seu segundo ano por causa de Rusty, um garoto com quem namorava desde que tinha 14 anos. Rusty tinha sido seu primeiro namorado e, nos quatro anos seguintes, tinha lhe servido bem, permitindo que ela pulasse os inconvenientes de procurar por encontros e acompanhantes de bailes e, mais tarde, parceiros sexuais. Ela seguiu Rusty até a Universidade de Brown, matriculou-se em todos os cursos que ele fazia, trocou seu lugar para um quarto do dormitório perto do dele. Mas talvez sua garra estivesse forte demais: no final, Rusty começou a sair com uma bela estudante franco-vietnamita.

Carol nunca tinha conhecido tamanha dor. No início, ela guardou tudo para si: chorava toda noite, recusava-se a comer, faltava às aulas, tomava anfetaminas. Mais tarde, a raiva emergiu com violência: vandalizou o quarto de Rusty, os pneus da bicicleta, caçou e assediou a nova namorada dele. Certa vez, seguiu os dois até um bar e derrubou um jarro de cerveja em cima deles.

No início, o dr. Cooke ajudou. Depois de ganhar a sua confiança, ele a ajudou a prantear sua perda. O motivo para sua dor era tão intensa, explicou ele, que a perda de Rusty deixou aberta uma grande ferida na vida dela: ser abandonada pelo pai. Seu pai era um "desaparecido woodstockiano"; quando ela estava com 8 anos, ele foi ao concerto de Woodstock e nunca voltou. No início, houve alguns cartões de Natal vindos de Vancouver, Sri Lanka e São Fran-t isco, mas, depois, mesmo esse contato ele interrompeu. Ela lembrava ver a mãe rasgar e queimar as fotos e roupas dele. Depois disso, a mãe nunca mais falou dele.

Dr. Cooke insistiu em que a perda de Rusty extraía seu poder da deserção do pai. Carol resistiu, alegando que não tinha memórias positivas do pai. Talvez nenhuma memória *consciente,* dr. Cooke respondeu, mas não poderia ter havido um monte de episódios esquecidos de criação? E quanto ao pai dos seus desejos e sonhos, o pai amoroso que apóia e protege, que ela nunca teve? Ela choraria a morte desse pai, também, e o abandono de Rusty tinha aberto a cripta também dessa dor.

Dr. Cooke também a consolou, ajudando-a a assumir uma perspectiva diferente, considerar a perda de Rusty na trajetória de sua vida inteira: ela estava com apenas 19 anos, as memórias de Rusty se desvaneceriam. Dali a poucos meses, ela raramente pensaria nele; em poucos anos, teria apenas uma vaga recordação de um belo e jovem rapaz chamado Rusty. Outros homens iriam aparecer.

De fato, outro homem *estava* aparecendo, pois o dr. Cooke, enquanto falava, avançava pouco a pouco a cadeira dele para mais perto. Ele garantiu a Carol que ela era uma mulher *muito* atraente, segurou-lhe a mão enquanto ela chorava, abraçou-a firmemente no final das sessões e lhe assegurou que uma mulher com a graça dela não teria nenhuma dificuldade em atrair outros homens. Ele falava por ele mesmo, disse ele, e disse-lhe que se sentia atraído por ela.

Dr. Cooke racionalizou suas ações com teoria: "O toque é necessário para sua cura, Carol. A perda de Rusty atiçou as brasas das primeiras perdas, pré-verbais, e a abordagem terapêutica deveria, também, ser não-verbal. Não é possível falar com as memórias corporais desta espécie. Para serem aliviadas, elas precisam ser consoladas e embaladas fisicamente."

O consolo físico logo progrediu para consolo sexual, oferecido no triste e gasto tapete Kashan que separava suas duas cadeiras. A partir de então, as sessões assumiram um ritual prescrito: alguns minutos de checagem dos eventos da semana dela, empáticos "tsc-tsc" do dr. Cooke (ela nunca o chamou pelo primeiro nome), depois uma exploração dos sintomas — pensamento obsessivo sobre Rusty, insônia, anorexia, dificuldade em se concentrar — e, então, finalmente, uma reiteração da interpretação dele de que a reação catastrófica dela a Rusty extraía a força da deserção da família por parte do pai dela.

Ele era habilidoso. Carol sentia-se mais calma, tratada e agradecida. E, então, depois que se passava mais ou menos a metade de cada hora, dr. Cooke mudava das palavras à ação. Podia ser no contexto das fantasias sexuais de Carol: ele diria que era importante fazer com que algumas dessas fantasias se realizassem; ou, respondendo à raiva de Carol contra os homens, ele diria que o trabalho dele era provar que nem todos os homens eram safados; ou, quando Carol falava sobre se sentir feia e sem atrativos para os homens, ele diria que poderia pessoalmente provar que essa hipótese estava errada, que, de fato, Carol era atordoantemente atraente para ele. Talvez pudesse se seguir ao choro de Carol, quando ele diria: "Pronto, pronto, é bom deixar extravasar, mas você precisa de um abraço."

Qualquer que fosse a transição, o restante da sessão era igual. Ele escorregava da cadeira, descia até o puído tapete persa, curvava o dedo para ela pedindo que ela o seguisse. Depois de abraçá-la e acariciá-la por poucos minutos, abriria as mãos, uma camisinha de cor diferente em cada uma, e pedia que ela escolhesse. Talvez o ato de ela escolher permitisse que ele racionalizasse que ela estava no controle do ato. Carol então abria a camisinha, deslizava no pênis estimulado, da mesma cor de suas róseas bochechas bem lavadas. Dr. Cooke sempre assumia uma posição passiva, deitando-se de costas e permitindo que Carol se deixasse penetrar nele e controlar o ritmo e profundidade de sua dança sexual. Talvez isso, também, fosse para fomentar a ilusão de que ela estava no comando.

Essas sessões eram úteis? Carol achava que sim. Toda semana, por cinco meses, ela saía do consultório do dr. Cooke sentindo-se tratada. E, precisamente como previra o dr. Cooke, os pensamentos de Rusty de fato desvaneceram da sua mente, um senso de calma retornou e ela voltou a assistir às aulas. Tudo parecia bem até que, um dia, depois de cerca de vinte dessas sessões, dr. Cooke a declarou curada. Seu trabalho estava terminado, ele lhe disse, e era hora de encerrar o tratamento.

Encerrar a terapia! A deserção dele a jogou de volta ao ponto inicial. Embora ela não tivesse considerado permanente o relacionamento entre eles, ela nunca, por um momento sequer, havia previsto que seria descartada desta maneira. Ela telefonava diariamente ao dr. Cooke. Cordial e gentil no início, ele foi ficando cada vez mais brusco e mais impaciente à medida que os telefonemas continuavam. Ele a lembrou que aquele serviço de saúde para estudantes só oferecia terapias curtas e a desestimulou a voltar a lhe telefonar. Carol estava convencida de que ele tinha encontrado outra paciente para tratar com afirmação sexual. Portanto, tudo tinha sido uma mentira: a preocupação dele, ele cuidando dela, ele a chamando de atraente. Tudo tinha sido manipulação, tudo tinha sido para a gratificação dele, não para o benefício dela. Ela não sabia mais no que ou em quem acreditar.

As semanas seguintes foram um pesadelo. Ela queria desesperadamente o dr. Cooke e esperava

do lado de fora do consultório dele, esperando por um olhar, por uma migalha de sua atenção. Noites seguidas foram gastas discando o número dele ou se esforçando para vê-lo através da cerca de ferro batido da sua enorme casa na rua Prospect. Mesmo agora, quase vinte anos depois, ainda conseguia sentir a marca das frias barras de ferro torcidas contra as bochechas enquanto via a silhueta dele e as da família dele, andando de um cômodo a ou tro. Em pouco tempo, sua mágoa se transformou em raiva e em pensamentos de retribuição. Ela fora estuprada pelo dr. Cooke — um estupro não-violento, mas mesmo assim um estupro. Ela recorreu à ajuda de uma professora-assistente, que a aconselhou a desistir."Você não tem um bom caso", ela lhe disse; "ninguém levará você a sério. E mesmo que levem, pense na humilhação — ter que descrever o estupro, em particular sua participação nele e por que você voltava livremente para outros estupros, semana após semana."

Isso tinha acontecido 15 anos antes. Foi nesse momento que Carol decidiu se tornar advogada.

No seu último ano, Carol se sobressaiu em ciência política e seu professor concordou em escrever para ela uma excelente carta de recomendação para a escola de direito, mas insinuou fortemente que, em troca, esperava favores sexuais. Carol mal pôde controlar a raiva. Descobrindo que estava novamente se resvalando para um estado de desamparo e depressão, buscou a ajuda do dr. Zweizung, um psiquiatra com consultório particular. Nas primeiras duas sessões, dr. Zweizung foi prestativo, mas, então, assumiu uma ameaçadora semelhança com dr. Cooke, quando moveu a cadeira mais para perto e insistiu em falar sobre o quanto ela era muitíssimo atraente. Desta vez, Carol sabia o que fazer e saiu indignada do consultório, gritando a plenos pulmões: "Seu porco desprezível!" Foi essa a última vez que Carol procurou ajuda.

Ela sacudiu a cabeça vigorosamente, como se para expulsar as imagens. Por que pensar nesses desavergonhados agora? Especialmente naquele merdinha, o Ralph Cooke? Era porque ela estava tentando separar os sentimentos emaranhados. Ralph Cooke tinha lhe dado uma coisa boa — uma mnemônica para ajudar a identificar os sentimentos, começando com os quatro sentimentos principais: ruim, furioso, alegre e triste.[2] Tinha sido útil mais de uma vez.

Ela colocou um travesseiro para apoiar as costas e se concentrou. "Alegre" ela poderia eliminar imediatamente. Muito tempo havia passado desde a última vez que tinha conhecido a alegria. Voltou-se aos outros três. "Furioso" — esse era fácil; ela conhecia a fúria: fúria era onde ela vivia. Cerrou os punhos e sentiu clara e nitidamente a raiva aumentando vertiginosamente dentro dela. Simples. Natural. Estendeu o braço, socou o travesseiro de Justin e falou entre os dentes: "Safado, safado, safado! Onde diabo você passou a noite?"

E Carol conhecia "triste" também. Não bem, não vividamente, mas como uma vaga e sombria companhia. Hoje ela percebeu nitidamente a antiga presença por sua presente ausência. Durante meses, ela odiara as manhãs: andando sofridamente enquanto pensava sobre a programação do dia, o nervosismo, o estômago revolto, as juntas rígidas. Se aquilo era "tristeza", tinha se desvanecido hoje; sentiu-se diferente esta manhã, energizada, eriçada. E furiosa!

"Ruim"? Carol não sabia muito sobre "ruim". Justin freqüentemente falava de "ruim" e apontava para o peito, onde sentia a opressiva pressão da culpa e ansiedade. Mas ela tivera pouca experiência com "ruim" — e pouca tolerância para aqueles que, como Justin, queixavam-se disso.

O quarto ainda estava escuro. Indo em direção ao banheiro, Carol tropeçou num monte macio. Um súbito brilho a fez lembrar do massacre das roupas da noite anterior. Retalhos das gravatas e cilindros das calças de Justin estavam espalhados em todo o chão do quarto. Ela enfiou o dedão do pé num montículo de calça retalhada e chutou-o para o alto. Isso lhe pareceu certo. Mas as gravatas. Foi estupidez tê-las retalhado. Justin tinha cinco gravatas que guardava como um tesouro — sua coleção de arte, ele as chamava —, penduradas separadamente num estojo de camurça com zíper que ela lhe dera de aniversário. Ele raramente usava uma gravata da sua coleção de arte, somente para ocasiões muito especiais e, portanto, elas tinham durado muitos anos. Duas das gravatas ele tinha comprado antes ainda de terem se casado, nove anos antes. Na noite anterior, Carol havia

[2] No original inglês: *bad, mad, glad, sad.* (N. da T.)

destruído todas as gravatas do dia-a-dia e, então, tinha passado às gravatas da coleção de arte. Mas, depois de picar duas delas, parou e olhou atentamente para a favorita do Justin: um refinado desenho japonês, organizado em torno de uma ousada e gloriosa florescência em camadas de verde-floresta. *Isto é estúpido!,* ela pensou. Deve existir algo mais doloroso, mais potente, que ela poderia fazer com essas gravatas. Ela a colocou, bem como as duas restantes, em cima do computador, trancadas no seu baú de cedro.

Ela telefonou a Norma e Heather e lhes pediu que viessem naquela noite para uma reunião de emergência. Embora as três não socializassem regularmente — Carol não tinha amigas íntimas —, elas se consideravam um conselho de guerra permanente e freqüentemente se reuniam em época de grande necessidade, em geral alguma crise de discriminação sexual na firma de advocacia de Kaplan, Jarndyce e Tuttle, onde todas trabalhavam nos últimos oito anos.

Norma e Heather chegaram depois do jantar e as três se reuniram na sala de estar, com suas vigas aparentes e cadeiras Neanderthal feitas de pranchas maciças de madeira vermelha, e cobertas com espessas peles de animal. Carol acendeu um fogo com toras de eucalipto e pinheiro e pediu a Norma e Heather que se servissem de vinho ou cerveja da geladeira. Carol estava tão agitada que derramou a espuma da cerveja na manga da blusa ao abrir sua lata. Heather, grávida de sete meses, pulou, correu até a cozinha, voltou com um pano úmido e limpou o braço de Carol, que sentou-se ao lado da lareira, tentando secar o suéter e descreveu os detalhes do êxodo de Justin.

— Carol, é uma bênção. Pense nisso como um *mitzvah* — disse Norma, enquanto se servia de um pouco de vinho branco. Norma era pequena, intensa, com franjas pretas emoldurando um rosto pequeno de proporções perfeitas. Embora sua ascendência fosse puramente católica irlandesa — o pai tinha sido um policial irlandês do sul de Boston —, o marido tinha lhe ensinado as expressões em iídiche para cada ocasião. — Ele tem sido um grande peso no seu pescoço desde que a conhecemos.

Heather, uma sueca de rosto longo e seios enormes, que tinha ganhado mais de 18 quilos com a gravidez, concordou: — É isso mesmo, Carol. Ele se foi. Você está livre. A casa é sua. Não há tempo para desespero; é hora de trocar as fechaduras. Cuidado com a manga, Carol! Estou sentindo cheiro de queimado.

Carol se afastou da lareira e se afundou numa das cadeiras revestidas de pele.

Norma tomou um grande gole de vinho: — L*chaim,* Carol. À libertação. Sei que você está em choque agora, mas, lembre-se: *é isso que você queria.* Em todos os anos que a conheço, não consigo lembrar de uma palavra positiva vinda de você — nem uma única — sobre Justin ou seu casamento.

Silêncio de Carol, que tinha tirado os sapatos e estava sentada abraçando os joelhos. Ela era uma mulher magra com um longo e gracioso pescoço, cabelos pretos encaracolados e curtos, maçãs do rosto e maxilares pronunciados e olhos que inflamavam como brasas incandescentes. Usava um Levis preto justo e um suéter largo de tricô em cordões torcidos, com um capuz enorme.

Norma e Heather procuraram pelo tom certo. Continuaram a falar, parando e trocando olhares freqüentemente em busca de orientação.

—Carol — disse Norma, debruçando e esfregando as costas de Carol —,pense desta maneira: você ficou curada da peste. Aleluia!

Mas Carol se encolheu com o toque de Norma e apertou ainda mais os joelhos. — Sim, sim. Sei disto. Sei disto tudo. Isto não ajuda. Sei o que Justin é. Sei que ele desperdiçou nove anos da minha vida. Mas ele não vai escapar impune disto.

—Escapar impune *do quê?* — perguntou Heather. — Não se esqueça: você quer ele fora. Não o *quer* de volta. Isto é uma boa coisa que aconteceu a você.

—Não é essa a questão — disse Carol.

—Você acabou de lancetar um furúnculo. Quer o pus de volta? Deixe isso para lá — disse Norma.

—Não é essa a questão, também — disse Carol.

—Qual *é* a questão? — perguntou Norma.

—Vingança é a questão!

Heather e Norma falaram ao mesmo tempo, uma encobrindo a voz da outra. — O quê?! Ele não vale o tempo perdido! Ele se foi, deixe-o assim. Não deixe que continue a controlar a sua vida.

Bem nessa hora, Jimmy, um dos gêmeos de Carol, chamou. Ela se levantou para ir até ele, murmurando: — Adoro meus filhos, mas quando penso em ficar de prontidão 24 horas por dia nos próximos dez anos... Deus do céu!

Norma e Heather sentiram um certo incômodo com a ausência de Carol. Melhor, cada uma pensou, evitar conversas conspiratórias. Norma colocou mais uma tora pequena de eucalipto na lareira e ambas ficaram olhando-a crepitar até a volta de Carol. Ela retomou imediatamente: — É claro que deixarei que fique fora. Vocês ainda não estão entendendo a questão. Estou contente que ele tenha ido embora. Não o aceitaria de volta. Mas quero que ele pague por ter me deixado dessa maneira.

Heather conhecia Carol desde o curso de direito e estava acostumada aos seus modos antagônicos. — Vamos tentar entender — ela disse. — Quero chegar ao cerne da questão. Você está furiosa que Justin tenha ido embora? Ou está apenas furiosa com a *idéia* de ele ter ido embora?

Antes que Carol respondesse, Norma acrescentou: — É mais provável que você esteja furiosa com você mesma por não tê-lo mandado embora!

Carol balançou a cabeça. — Norma, você sabe qual a resposta para isso. Durante anos, ele tentou me provocar para mandá-lo embora porque ele era fraco demais para me deixar, fraco demais para suportar a culpa de separar a família. Eu não daria a ele a satisfação de o descartar.

— Então — Norma perguntou —, você está dizendo que continuou no casamento só para puni-lo?

Carol balançou a cabeça com irritação. — Jurei há muito, muito tempo, que nunca mais nenhum homem iria me abandonar. *Eu* é que lhe direi quando é que ele pode ir embora. Eu decido isso! Justin não foi embora. Ele não tem a coragem: ele foi levado para fora ou empurrado por alguém. E quero descobrir quem é ela. Um mês atrás, minha secretária me disse que o viu no Yank Sing comendo alegremente um *dim sum* com uma mulher bem jovem, de uns 18 anos. Sabem o que mais me deixou fula de raiva? O *dim sumi* Adoro *dim sum,* mas nem uma vez ele me levou para comer *dim sum.* Comigo, o bastardo tem tremores e dores de cabeça causados por glutamato sempre que vê um mapa da China.

—Você perguntou a ele sobre a mulher? — disse Heather.

—Claro que perguntei! O que você acha? Que vou ignorar? Ele mentiu. Disse que era uma cliente. Na noite seguinte, acertei as contas escolhendo um cara qualquer no bar do Sheraton. Tinha esquecido inteiramente da mulher do *dim sum.* Mas vou descobrir quem ela é. Posso imaginar. Provavelmente alguém que trabalha para ele. Uma pobre coitada qualquer. Alguém estúpida ou míope o suficiente para adorar aquele pauzinho dele! Ele não teria a coragem de se aproximar de uma mulher de verdade. Eu a encontrarei.

—Você sabe, Carol — disse Heather —, que Justin arruinou sua carreira legal. Quantas vezes ouvi você dizer isto? Que aquele medo dele de ficar sozinho em casa sabotou toda a sua carreira. Lembra da oferta da Chipman, Bremer e Robey que você rejeitou?

—Se me lembro? Claro que sim! Ele *realmente* arruinou minha carreira! Vocês sabem das ofertas

que recebi quando me formei. Poderia ter feito qualquer coisa. Aquele cargo era uma oferta dos sonhos, mas *tive* que recusar. Quem é que já ouviu falar de alguém em direito internacional que não pudesse viajar? Eu devia ter contratado uma maldita babá para ele. E depois vieram os gêmeos e eles foram os pregos no caixão da minha carreira. Se eu tivesse ido para a C, B e R dez anos atrás, eu seria sócia deles agora. Veja aquela *nerd,* Marsha — ela conseguiu. Você acha que eu não teria conseguido ser sócia? Claro que sim, por agora eu já teria conseguido.

—Mas — disse Heather — é esse o meu argumento! A fraqueza dele controlou sua vida. Gaste seu tempo e energia na vingança e ele continuará a controlá-la.

—Certo — interferiu Norma. — Agora, você ganhou uma segunda chance. Vá em frente!

—Vá em frente — retrucou Carol. — Fácil de dizer. Não tão simples de fazer. Ele sugou nove anos! Fui estúpida o bastante para ser sugada por promessas para o futuro. Quando nos casamos, o pai dele estava doente e prestes a transferir a cadeia de lojas de calçados para ele — avaliada em milhões. Agora já se passaram nove anos e o rnaldito do pai está mais saudável do que nunca! Nem mesmo se aposentou. E Justin ainda está trabalhando por migalhas como contador do papai. Adivinha o que vou ganhar quando papai bater as botas? Depois de todos estes anos de espera? Como uma ex-nora? Nada! Absolutamente nada.

Ela prosseguiu: — "Vá em frente", vocês dizem. Não dá simplesmente para ir em frente depois de nove anos. — Carol jogou raivosamente uma almofada no chão, levantou-se e começou a andar para cá e para lá atrás de Norma e

Heather. — Dei tudo a ele, eu o vesti — o bastardo inútil —, ele nunca conseguiu comprar sozinho as suas cuecas, ou as meias! As meias pretas que ele usa, eu tive de comprá-las para ele porque aquelas que ele comprou não eram muito macias e ficavam sempre escorregando. Fui uma mãe para ele, uma esposa, sacrifiquei-me por ele. E desisti de outros homens por ele. Fico doente só de pensar nos homens que eu podia ter tido. E, agora, uma cabeça-de-vento qualquer dá um puxãozinho no cabresto e ele simplesmente dá no pé.

—Você tem certeza absoluta disso? — perguntou Heather, virando a cadeira para ficar de frente para Carol. — Quero dizer, sobre a mulher. Ele disse alguma coisa nesse sentido?

—Aposto nisso. Conheço esse estúpido. Seria possível ele ter ido embora por conta própria? Aposte comigo: mil contra quinhentos que ele já foi morar com alguém... na noite passada.

Ninguém aceitou. Carol geralmente ganhava suas apostas. E, se perdesse, não valia a pena. Ela era uma perdedora detestável.

—Você sabe — disse Norma, também virando a cadeira —, quando meu primeiro marido me deixou, fiquei morta de medo por seis meses. Ainda estaria se não fosse pela terapia. Consultei um psiquiatra, dr. Seth Pande, de São Francisco, um analista. Ele foi terrível para mim, mas, então, conheci Shelly. Éramos ótimos juntos, especialmente na cama, mas Shelly tinha um problema de jogos e pedi que ele fosse trabalhar o seu vício com o dr. Pande antes de casarmos. Pande foi maravilhoso. Mudou inteiramente o Shelly. Ele costumava apostar o salário inteiro em qualquer coisa que movesse: cavalos, galgos, futebol. Agora se satisfaz com um pouco de pôquer social. Shelly põe a inflo no fogo por Pande. Deixe-me dar o número dele.

—Não! Por Deus, não! Um psiquiatra é a última coisa de que preciso disse Carol, enquanto se levantava e andava atrás delas. — Sei que você está tentando ajudar, Norma — vocês duas —, mas, acredite em mim, isto não ajuda. E terapia não ajuda. E, de qualquer maneira, quanto ele ajudou você e Shelly? Conte a sua história direito — quantas vezes você nos contou que Shelly é um peso de chumbo em seu pescoço? Que ele está jogando tanto quanto sempre Que você precisa manter uma conta separada no banco para impedir que ele a assalte? — Carol ficava mais impaciente sempre que Norma elogiava Shelly. Ela conhecia muito bem a personalidade de Shelly e sobre suas façanhas sexuais: tinha sido com *ele* que ela tinha acertado as contas do *dim sum.* Mas ela era boa em guardar segredos.

—Confesso que não foi cura permanente — disse Norma —, mas Pande ajudou. Shelly sossegou por anos. Foi só depois que foi demitido, sem emprego, que algumas das velhas coisas voltaram. As coisas ficam bem quando ele consegue trabalho. Mas Carol, por que você é tão dura com os terapeutas?

—Algum dia vou lhe contar sobre a minha lista maldita de terapeutas. Uma coisa que aprendi de experiência própria com eles: não engula sua raiva. Acredite, é o único erro que jamais voltarei a cometer.

Carol sentou-se e olhou para Norma. — Quando o Melvin partiu, talvez você ainda o amasse, talvez estivesse confusa, talvez o quisesse de volta ou talvez sua auto-estima estivesse ferida. Pode ser que seu psiquiatra tenha ajudado com isso. Mas isso é *você.* E não é onde eu estou. Não estou confusa. Justin roubou quase dez anos de mim, minha melhor década, minha década de sucesso ou fracasso total na profissão. Ele entregou os gêmeos para mim, deixou que eu o sustentasse, lamentava-se dia e noite sobre seu empreguinho de contador de um tostão para o papai, gastou uma fortuna do nosso dinheiro — meu dinheiro — no seu maldito psiquiatra. Conseguem acreditar que são três, às vezes quatro sessões por semana? E agora, quando a fantasia o atinge, ele simplesmente vai embora. Diga-me, estou exagerando?

—Bem — disse Heather —, talvez exista uma outra maneira de olhar...

—Acredite em mim — Carol interrompeu —, não estou confusa. Tenho a maldita certeza de que não o amo. E não o quero de volta. Não, não é verdade. *Realmente* quero-o de volta... para que eu possa lhe dar um chute no traseiro! Sei exatamente onde estou e o que realmente quero. Quero *machucá-lo* — e àquela cabeça-de-vento, também, quando eu a encontrar. Quer me ajudar? Diga-me como magoá-lo. Magoá-lo de verdade.

Norma apanhou um velho boneco de pano que estava ao lado do baú de madeira (Alice e Jimmy, os gêmeos de Carol, agora com 8 anos, já tinham deixado de lado a maioria dos seus bonecos) e colocou-o no consolo da lareira, dizendo: — Alguém tem agulha?

—Agora estamos nos entendendo — disse Carol.

Ficaram discutindo por horas. Primeiro, foi o dinheiro, o velho e bom remédio: fazê-lo pagar. Colocá-lo em dívida pelo resto da vida, tirar o traseiro dele daquele BMW e aqueles ternos e gravatas italianos. Arruiná-lo, mexer nas contas comerciais dele e fazer o pai ser preso por sonegação fiscal, cancelar seu seguro de carro e de saúde.

— Cancelar o seguro médico. Hum, isso é interessante. O seguro paga apenas trinta por cento dos honorários do psiquiatra, mas é alguma coisa. O queé que eu não daria para cortar inteiramente as consultas dele com o psiquiatra. Isso o deixaria desesperado. Isso seria um soco no saco! Ele sempre dizque Lash é seu melhor amigo. Gostaria que ele visse o quanto Lash é um bomamigo se o Justin não puder pagar seus honorários!

Mas tudo isto era dramatização: estas mulheres eram profissionais e cultas; todas sabiam que dinheiro seria uma parte do problema, não a parte da vingança. Finalmente ocorreu a Heather, uma advogada especializada em divórcios, lembrar gentilmente a Carol que ela ganhava muito mais que Justin e que, sem dúvida, qualquer acordo de divórcio na Califórnia exigiria que ela pagasse pensão *a ele.* E, é claro, ela própria não poderia reivindicar os milhões que ele acabaria herdando. A triste verdade era que qualquer esquema que elas inventassem para arruinar Justin financeiramente só resultaria em Carol tendo de dar mais dinheiro a ele.

— Você sabe, Carol — disse Norma —, você não está sozinha nisto; podereiestar enfrentando o mesmo problema muito em breve. Deixe-me falar francamente sobre o Shelly. São seis meses desde que ele perdeu o emprego: eu *realmente* sinto que ele é um fardo pesado no meu pescoço. Já é bem ruim ele nãoestar se matando para encontrar um novo emprego, mas você está certa: ele *está*jogando de novo — o dinheiro está desaparecendo. Ele está me consumindo aospoucos. E toda vez que o confronto, ele tem alguma racionalização escorregadia.Deus sabe o que ele está

perdendo; estou com medo de fazer um inventário dosnossos bens. Gostaria de poder dar um ultimato: procurar um emprego e nadade jogo, ou este casamento está terminado. Eu deveria. Mas simplesmente nãoconsigo. Cristo, gostaria que ele colocasse alguma ordem na sua vida.

—Talvez — disse Heather — seja porque você gosta do sujeito. Não é segredo nenhum. Ele é divertido, ele é bonito. Você diz que é um grande amante. Todo mundo diz que ele parece um Sean Connery jovem.

—Não nego. Ele é ótimo na cama. O melhor! Porém, caro. Mas um divórcio é mais caro ainda. Custará muito: imagino que terei de pagar mais pensão a ele do que o tanto que ele está perdendo no pôquer. E há uma grande chance. Houve um precedente no Tribunal do Condado de Sonoma, no mês passado, de que minha sociedade na firma — a sua, também, Carol — possa ser considerada um bem conjunto tangível, e muito valioso.

—Você está numa situação diferente, Norma. Você está conseguindo *alguma coisa* do casamento. Pelo menos você gosta do seu marido. De minha parte, desisto do meu emprego, mudo para outro estado, antes de pagar pensão a esse vagabundo.

—Desistir da sua casa, desistir de São Francisco, desistir de nós, de mim e da Heather, e depois começar a trabalhar em Boise, Idaho, em cima de uma lavanderia? — perguntou Norma. — Bela idéia! Isto ensinará a ele!

Carol arremessou com raiva um punhado de gravetos no fogo e olhou atentamente as chamas flamejarem.

— Estou me sentido pior — ela disse. — Esta noite inteira está fazendo mesentir pior. Vocês, garotas, não entendem, não têm a menor idéia de o quantoestou falando sério. Especialmente você, Heather, você está explicando calmamente as tecnicalidades da lei do divórcio e passei o dia todo pensando nospistoleiros profissionais. Existe um monte deles por aí. E de quanto dinheiroestamos falando? Vinte, vinte e cinco mil? Eu tenho. Tenho esse tanto no exterior que não pode ser rastreado! Não consigo imaginar um dinheiro mais bemgasto. Se eu gostaria de vê-lo morto? Pode apostar!

Heather e Norma ficaram em silêncio. Evitaram um contato de olhos entre elas e com Carol, que estudava seus rostos propositalmente. — Choco vocês?

As amigas balançaram as cabeças. Negaram o choque, mas, internamente, ficaram mais preocupadas. Foi demais para a Heather, que se levantou, se esticou, foi até a cozinha por alguns minutos e voltou com uma porção de sorvete de cerejas e três garfos. As outras recusaram a oferta e ela começou a atacar o sorvete, separando metodicamente as cerejas.

Carol agarrou de repente um garfo e se serviu. — Vem cá, deixa eu comer algumas antes que seja tarde demais. Odeio quando você faz isso, Heather. As cerejas são a única coisa boa.

Norma foi até a cozinha para pegar mais vinho, fingindo alegria e erguendo a taça: — Aos seus pistoleiros profissionais. Beberei a isso! Eu devia ter pensado nisso quando o Williams votou contra eu ser sócia.

— Ou, se não assassinato — continuou Norma —, que tal uma grande surra? Tenho um cliente siciliano que oferece um especial: surra de corrente de pneu por cinco mil.

—Correntes de pneu por cinco mil? Soa atraente.Você confia nesse cara?— Carol perguntou.

Norma captou um olhar de desaprovação de Heather.

—Vi esse olhar — disse Carol. — O que está acontecendo?

—Precisamos manter o equilíbrio — disse Heather. — Norma, não acho que você esteja ajudando, alimentando a raiva de Carol, mesmo por gozação. Se for uma gozação. Carol, pense se o

momento é oportuno. Qualquer coisa ilegal — *qualquer coisa* — que possa acontecer a Justin nos próximos meses vai implicar você. Automaticamente. Seus motivos, seu gênio...

— Meu o quê?

— Bem, coloquemos desta maneira — Heather continuou —, sua propensão a um comportamento impulsivo a deixa...

Carol sacudiu violentamente a cabeça e desviou o olhar.

— Carol, sejamos objetivas. Você tem um pavio curto: você sabe, nós sabemos, é uma questão de conhecimento público. O advogado de Justin não terianenhuma dificuldade em demonstrar isso no tribunal.

Carol não respondeu. Heather continuou: — O que quis dizer é que você ficaria numa posição exposta e, se chegar a ser investigado pelo Comitê de Vigilância, você estará altamente vulnerável a ser expulsa da ordem dos advogados.

Novamente um silêncio. A base do fogo desmoronou e as toras rolaram ruidosamente em novas posições instáveis. Ninguém se levantou para atiçar o fogo nem colocar mais madeira.

Norma segurou corajosamente o boneco de pano. — Agulhas? Alguém se habilita? Agulhas seguras, legais?

— Alguém conhece algum bom livro sobre vingança? — perguntou Carol.— Um livro prático do tipo "como fazer"?

Sacudidas de cabeça de Heather e Norma.

— Bem — disse Carol —, existe um mercado lá fora. Talvez eu devesseescrever um, com receitas pessoalmente testadas.

— Dessa maneira, o preço do pistoleiro poderia ser lançado como uma despesa comercial — disse Norma.

— Li certa vez uma biografia do D. H. Lawrence — disse Heather —, e lembro-me vagamente de alguma história macabra sobre a sua mulher, Frieda, que contestou seus últimos desejos e mandou cremá-lo e depois espalhou as cinzas num bloco de cimento.

Carol assentiu num gesto de aprovação. — O espírito livre do Lawrence aprisionado para sempre em cimento. *Chapeau,* Frieda! *Ê isso* que chamo de vingança! Vingança criativa!

Heather olhou seu relógio. — Sejamos práticas, Carol, existem maneiras seguras e legais para punir Justin. O que ele ama? Com que se importa? *É isso* que tem que ser nosso ponto de partida.

— Não tem muita coisa — disse Carol. — É esse o problema com ele. Ah,suas comodidades, suas roupas... ele adora as roupas. Mas não preciso de suaajuda para retalhar o guarda-roupa dele. Já cuidei disto, mas não acho que váafetá-lo. Ele irá simplesmente fazer as compras com o meu dinheiro e umanova mulher, que escolherá um novo guarda-roupa de acordo com o gostodela. Eu devia ter feito alguma outra coisa com as roupas, como enviá-las aoseu pior inimigo. O problema é que ele é *nerd* demais para ter inimigos. Oudar para o próximo homem da minha vida. Se houver um próximo homem.Poupei as gravatas favoritas dele. E, se ele tivesse um chefe, eu dormiria com ochefe e lhe daria as gravatas.

"O que mais ele ama? Talvez o seu BMW. Não as crianças. Ele é incrivelmente indiferente a elas. Negar-lhe privilégios de visitas seria um favor, não uma punição. Naturalmente, envenenarei as mentes delas contra ele. Isso não preciso dizer. Mas não acho que ele notará. Eu poderia inventar algumas acusações de abuso sexual contra ele, mas as crianças são muito velhas para uma lavagem cerebral. Além disto, isto tornaria impossível para ele cuidar delas e me dar uma folga."

—O que mais? — perguntou Norma. — Deve ter alguma coisa.

—Não muito! Este é o homem mais egocêntrico que existe. Ah, tem o raquetebol, duas, três vezes por semana. Pensei em serrar as raquetes até a metade, mas ele as guarda no ginásio. Ele pode ter conhecido a mulher no ginásio, talvez uma das líderes da aula de aeróbica. E com todo aquele exercício, ele ainda é um porco. Acho que é a cerveja. Ah, sim, ele adora sua cerveja.

—E pessoas? — perguntou Norma, — Tem que ter pessoas!

—Cerca de cinqüenta por cento desta conversa é ficar sentada e reclamar — qual o termo iídiche que você usa, Norma?

—*Kvetch!*

—Isso aí, sentar e *kvetch* sobre a falta de amigos. Ele não tem amigos íntimos, exceto, claro, a garota do *dim sum.* Ela é a melhor aposta para chegar até ele.

—Se ela for tão má quanto você imagina — disse Heather —, poderia ser melhor não fazer nada, deixá-los inteiramente emaranhados. Será *Sem saída* — eles criarão seu próprio inferno pessoal.

—Você ainda não entendeu, Heather. Não quero simplesmente que ele fique infeliz. *Quero que ele saiba que eu fiz.*

—Então — disse Norma —, já decidimos qual o primeiro passo: descobrir quem ela é.

Carol assentiu. — Certo! E, depois, vou encontrar um meio de pegá-lo através dela. Arranque a cabeça e o rabo morrerá. Heather, você tem um detetive particular que já tenha usado em casos de divórcio?

— Fácil: Bat Thomas. Ele é ótimo. Ele vai seguir o Justin e a identificará em 24 horas.

—E o Bat é bonito, também — acrescentou Norma. — Pode até lhe oferecer alguma afirmação sexual... sem cobrar um pagamento extra.

—Vinte e quatro horas? — respondeu Carol. — Ele conseguiria o nome em uma hora se fosse muito bom para colocar escuta no divã do psiquiatra de Justin. Justin provavelmente fala sobre ela o tempo todo.

—O psiquiatra de Justin. O psiquiatra de Justin — disse Norma. — Veja só, é curioso como não demos atenção ao psiquiatra de Justin. Quanto tempo faz que você disse que Justin o consulta?

—Cinco anos!

—Cinco anos, três vezes por semana — Norma continuou. — Vejamos... com as férias, isso significa cerca de 140 horas por ano — multiplicado por cinco, isso totaliza cerca de setecentas horas.

—*Setecentas horas!* — exclamou Heather. — Que diabo eles ficaram conversando por mais ou menos setecentas horas?

—Posso imaginar — disse Norma — o que eles estiveram discutindo ultimamente.

Nos últimos minutos, numa tentativa de esconder a irritação com Heather e Norma, Carol tinha abaixado tanto o capuz do suéter que só os olhos estavam visíveis. Assim como aconteceu antes com tanta freqüência, ela se sentiu mais sozinha do que nunca. Isto não a surpreendeu. Muitas vezes, as amigas acompanhavam parte do caminho com ela, muitas vezes prometeram lealdade; ainda assim, no fim, elas sempre entendiam errado.

Não foi a menção ao psiquiatra de Justin que chamou sua atenção. Agora, como uma tartaruga

emergindo da sua carapaça, ela lentamente esticou a cabeça. — O que você quer dizer? O que eles *vinham* discutindo?

—O grande êxodo, é claro. O que mais? — disse Norma. — Você parece surpresa, Carol.

—Não! Quero dizer, sim. Sei que o Justin *tinha* que estar discutindo sobre mim com o psiquiatra. Engraçado como consegui esquecer isso. Talvez eu tenha que esquecer. Me dá arrepios pensar que eu estava sob escuta permanente, pensar em Justin contando ao psiquiatra sobre cada conversa comigo. Mas é claro! É claro! Aqueles dois planejaram cada passo disto juntos. Eu te disse! Disse antes que Justin nunca conseguiria ir embora por conta própria.

—Ele alguma vez contou sobre o que ele conversa? — perguntou Norma.

—Nunca! Lash aconselhou-o a não me contar, disse que eu era controladora demais e ele precisava do seu santuário particular onde eu não tivesse permissão de entrar. Parei de perguntar há muito tempo. Mas, você sabe, houve uma época, dois ou três anos atrás, em que ele estava de marcação com o psiquiatra e falou mal dele por umas semanas. Disse que Lash estava tão por fora que estava insistindo em uma separação conjugai. Na época, não sei por quê, talvez porque o Justin é tão obviamente patético, pensei que Lash estivesse do meu lado, talvez tentando mostrar a Justin que, se ele ficasse longe de mim, ele perceberia o quanto ele realmente recebe de mim. Mas, agora, vejo tudo de uma maneira diferente. Droga, tive um espião na minha casa durante anos!

—Cinco anos — disse Heather. — É muito tempo. Não conheço uma alma que tenha ficado em terapia por tanto tempo. Por que cinco anos?

—Você não conhece muito a indústria da terapia — replicou Carol. — Alguns psiquiatras farão você ir até eles perpetuamente. E, ah sim, não contei que são cinco anos com *este* terapeuta. Houve outros antes dele. Justin sempre teve problemas: indeciso, obcecado, tinha que checar tudo vinte vezes. Saímos de casa e ele vai e volta até a porta para ver se a trancou. Quando ele volta até o carro, ele esquece se checou e sai do carro e vai de novo. Pobre idiota! Pode imaginar um contador assim? É uma piada. Ele era dependente de pílulas — não conseguia dormir sem elas, voar sem elas, encontrar com um auditor sem elas.

—Ainda? — perguntou Heather.

—Ele trocou o vício cm pílulas por vício em psiquiatras. Lash é o seu mamilo. Não consegue o bastante dele. Mesmo com três vezes por semana, não consegue passar a semana sem telefonar para o Lash. Alguém o critica no trabalho, cinco minutos depois ele está se lamentando sobre isso pelo telefone com o psiquiatra. Revoltante.

—É revoltante também — disse Heather — pensar no médico explorando essa espécie de dependência. Ótimo para a conta bancária do psiquiatra. Que motivação ele tem para ajudar um paciente a agir por conta própria? Existe um ângulo de má conduta profissional?

—Heather, você não está ouvindo. Eu disse que a indústria considera que cinco anos é normal. Algumas análises continuam por oito, nove anos, quatro ou cinco vezes por semana. E você já tentou conseguir que um desses caras testemunhasse contra o outro? É um clube fechado.

—Veja — disse Norma —, acho que estamos fazendo progresso. — Ela pegou um segundo boneco, colocou-o ao lado do outro no consolo da lareira e passou um cordão ao redor dos dois. — São gêmeos siameses. Pegue um, e pegaremos o outro. Machuque o médico, e machucaremos Justin.

—Não exatamente — disse Carol, seu longo pescoço agora inteiramente fora do capuz, a voz dura e impaciente. — Só machucar o Lash não faria nada. Poderia até aproximá-los mais. Não, o verdadeiro alvo é o relacionamento: destrua *isso,* e atingirei Justin.

—Você já se encontrou com o Lash, Carol? — perguntou Heather.

— Não. Várias vezes Justin me disse que ele queria que eu fosse para uma sessão de casal, mas eu tinha essa coisa com os psiquiatras. Mas, certa vez, há cerca de um ano, a curiosidade levou a melhor e fui a uma de suas palestras. Um reacionário arrogante. Lembro-me de pensar como eu gostaria de jogar uma bomba embaixo do divã dele ou de dar um soco direto naquele rosto hipócrita. Isto ajustaria algumas contas. As velhas e as novas.

Enquanto Heather e Norma quebravam a cabeça sobre como apanhar um psiquiatra, Carol ficou cada vez mais silenciosa. Olhou fixamente o fogo, pensando no dr. Ernest Lash, as bochechas brilhando e refletindo o fulgor das brasas de eucalipto. E, então, aconteceu. Uma porta se abriu na sua mente; uma idéia, idéia estupenda, rodopiou e apareceu. Carol sabia exatamente o que tinha de fazer! Levantou-se, pegou os bonecos do consolo da lareira e os jogou no fogo. O delicado cordão que os unia flamejou brevemente e depois se transformou num fio incandescente antes de cair nas cinzas. Os bonecos soltaram fumaça, escureceram com o calor e logo explodiram em chamas. Carol atiçou as cinzas e então anunciou: — Obrigada, minhas amigas. Conheço o meu caminho agora. Vejamos como o Justin se vira com seu psiquiatra fora da profissão. A reunião está terminada, senhoras.

Heather e Norma não arredaram o pé.

— Acreditem em mim — disse Carol, fechando o guarda-fogo. — Melhor não saber mais. Se não souberem, nunca precisarão cometer o perjúrio.

TRÊS

Ernest entrou na livraria Printers Inc. em Palo Alto e olhou de relance o cartaz na porta.

DR. ERNEST LASH

Prof. Clín. Assoc. de Psiquiatria. Universidade da Califórnia, São Francisco

Falando sobre seu novo livro:

LUTO: FATOS, MODAS E FALÁCIAS 19 de fevereiro, 20:00-2 l:00h - seguido de autógrafos do livro

Ernest olhou de relance para a lista de palestrantes da semana anterior. Impressionante! Ele estava em boa companhia: Alice Walker, Amy Tan, James Hillman, David Lodge. *David Lodge* — da Inglaterra? Como é que eles *o* pegaram?

Enquanto entrava, Ernest se perguntou se os clientes andando em círculos na loja o teriam reconhecido como o palestrante da noite. Ele se apresentou a Susan, a dona, e aceitou a xícara de café na cafeteria da livraria, Indo em direção à sala de leitura, Ernest passou os olhos pelos novos títulos de seus escritores preferidos. A maioria das lojas permitia que os palestrantes escolhessem um livro de graça em troca dos seus esforços. Ah, um novo livro do Paul Auster!

Em minutos, veio sua deprê por livrarias. Livros por toda a parte, clamando por atenção nas grandes mesas de exposição, desavergonhadamente exibindo suas iridescentes sobrecapas verde e rosa, empilhados no chão esperando pacientemente serem colocados nas prateleiras, caindo pelas bordas das mesas, despencando no chão. Contra a parede no fundo da loja, grandes montes de livros fracassados esperavam soturnamente a devolução ao seu criador.

Ao lado deles estavam caixotes fechados de jovens e brilhantes volumes ansiosos por seu momento ao sol.

Ernest lamentou intensamente pelo seu bebezinho. Que chance teria neste oceano de livros, um pequeno e frágil espírito, nadando pela sua vida?

Ele entrou na sala de leitura, onde 15 fileiras de cadeiras de metal tinham sido desdobradas. Aqui, o seu *Luto: fatos, modas e falácias* estava sendo exibido em destaque; várias pilhas, talvez um total de sessenta livros, aguardavam o autógrafo e compra ao lado da tribuna. Ótimo. Ótimo. Mas, o

que dizer do futuro do seu livro? E daqui a dois ou três meses? Talvez uma ou duas cópias colocadas inconspicuamente sob a letra *L* na seção de psicologia ou de auto-ajuda. Daqui a seis meses? Sumido! "Disponível somente por pedido especial; chega em três a quatro semanas."

Ernest entendia que nenhuma loja tinha espaço suficiente para exibir todos os livros, mesmo aqueles com grande mérito. Pelo menos, ele conseguia entender isso para os livros dos outros autores. Mas, com certeza, não era racional que o livro *dele* precisasse morrer. Não o livro no qual trabalhara por três anos, não estas sentenças primorosamente esculpidas e a maneira elegante como ele pegava os leitores pela mão e os conduzia gentilmente através de alguns dos mais sombrios reinos da vida. Ano que vem, daqui a dez anos, haveria viúvas e viúvos, muitos deles, que precisariam do seu livro. As verdades que ele escreveu seriam tão profundas e tão frescas então como o são agora.

Não confunda valor e permanência, nisso se situa o niilismo, murmurou Ernest enquanto tentava afugentar sua deprê. Invocou os catecismos familiares: *Tudo desvanece,* lembrou a si mesmo. *Ê a natureza da experiência. Nada persiste. Permanência é uma ilusão e, um dia, o sistema solar estará em ruínas.* Ah, sim, isto soava melhor! E melhor ainda quando Ernest evocou Sísifo: um livro desvanece? Bem, então escreva um novo livro! E depois um outro e outro ainda.

Embora ainda faltassem 15 minutos, os lugares estavam começando a ser ocupados. Ernest se acomodou na última fila para examinar suas anotações e para verificar se as tinha colocado de volta na ordem correta depois de sua leitura em Berkeley na semana anterior Uma mulher carregando uma xícara de café sentou-se a dois lugares de distância. Alguma força fez Ernest olhar para cima e, quando o fez, viu que ela estava com o olhar fixo nele.

Ele a mediu de alto a baixo e gostou do que viu: uma mulher bonita de olhos grandes, cerca de 40 anos, com longos cabelos louros, pesados brincos de prata que balançavam, um colar de prata em forma de serpente, meias de renda preta e um suéter angorá cor de laranja queimada tentando valente mente conter os seios imponentes. Aqueles seios! O pulso de Ernest acelerou; ele teve que fazer força para desviar deles os olhos.

O olhar dela era intenso. Ernest raramente pensava em Ruth, sua mulher que morrera seis anos antes num acidente de carro, mas lembrou com gratidão de um presente que ela tinha lhe dado. Certa vez, nos seus primeiros dias, antes que tivessem parado de se tocar e se amar reciprocamente, Ruth tinha lhe revelado o segredo definitivo de uma mulher: como capturar um homem, "Uma questão bem simples", ela tinha dito. "Só é preciso olhar dentro dos olhos de um homem e segurar o olhar dele por alguns segundos a mais. Isso é tudo!" O segredo de Ruth tinha se revelado correto: vezes sem conta ele tinha identificado mulheres tentando pegá-lo. Esta mulher passou nesse teste. Ele olhou de novo para cima. Ela ainda estava olhando. Absolutamente nenhuma dúvida. Esta mulher estava flertando com ele! E num momento bem oportuno: seu relacionamento com a atual mulher de sua vida estava se dissolvendo rapidamente e Ernest estava vorazmente excitado. Quase não se contendo de excitação, ele encolheu a barriga e devolveu ousadamente o olhar.

— Dr. Lash? — Ela se debruçou em sua direção e estendeu a mão. Ele aapertou.

— Meu nome é Nan Swensen. — Ela segurou a mão dele dois ou três segundos a mais do que o esperado.

— Ernest Lash. — Ernest tentou modular a voz. O coração batia forte. Ele adorava a perseguição sexual, mas odiava o primeiro estágio, o ritual, o risco. Como invejava a postura de Nan Swensen: seu controle absoluto, sua autoconfiança absoluta. *Como têm sorte essas mulheres,* ele pensou. *Sem necessidade de falar, sem gaguejar as primeiras falas, sem convites desajeitados para um drinque, dança ou conversa. Tudo o que elas precisam fazer é deixar que a beleza fale por elas.*

— Sei quem você é — disse ela. — A pergunta é, você sabe quem *eu* sou?

— Deveria?

—Ficarei desolada se você não souber.

Ernest ficou desorientado. Olhou para cima e para baixo, tentando não deixar que seus olhos parassem nos seios dela.

—Acho que preciso de um olhar mais atento e longo... mais tarde. — Ele sorriu e deu um olhar significativo para o público crescente, que logo o chamaria para longe.

—Talvez o nome Nan *Carlin* possa ajudar.

—Nan Carlin! Nan Carlin! É claro! — Ernest apertou entusiasticamente os ombros dela, que sacudiu a mão e espalhou o café na sua bolsa e saia. Ele levantou num salto, deu a volta desajeitadamente pela sala em busca de um guardanapo e finalmente voltou com um maço de toalhas de papel.

Enquanto ela tirava o café da sua saia, Ernest repassava suas lembranças sobre Nan Carlin. Ela tinha sido uma de suas primeiras pacientes dez anos atrás, bem no início de sua residência. O chefe da residência, dr. Molay, um fanático por terapia de grupo, tinha insistido que todos os residentes iniciassem um grupo de terapia logo no seu primeiro ano. Nan Carlin tinha sido um dos membros desse grupo. Embora tivesse sido há anos, tudo voltou com clareza. Nan era bem obesa então — é por isto que ele não a tinha reconhecido agora. Também lembrou dela como uma pessoa tímida e que se autodesprezava, novamente sem nenhuma semelhança com esta mulher dona de si olhando-o fixamente. Se ele bem se lembrava, Nan estava no meio de um casamento em desintegração — é, era isso. Na verdade, o marido tinha lhe dito que ia deixá-la porque ela tinha ficado gorda demais. Ele a acusou de quebrar os votos conjugais, alegando que ela estava deliberadamente desonrando-o e desobedecendo-o por se tornar repulsiva.

— Se me lembro? — respondeu Ernest. — Lembro o quanto você era tímida no grupo, quanto tempo levou até você pronunciar uma palavra. E lembro,então, o quanto você mudou, o quanto ficou furiosa com um dos homens —Saul, acredito eu. Você o acusou, com uma boa justificação, de se esconder portrás da barba e de lançar granadas no grupo.

Ernest estava se exibindo. Tinha uma memória prodigiosa com retenção quase total, mesmo anos depois, das sessões de psicoterapias individuais e de grupo. Nan sorriu e assentiu vigorosamente. — Lembro-me daquele grupo também: Jay, Mort, Bea, Germana, Irinia, Claudia. Só participei dele por dois ou três meses antes de ser transferida para a Costa Leste, mas acho que o grupo salvou minha vida. Aquele casamento estava me destruindo.

—Que prazer saber que você está em melhor situação. E que o grupo leveum papel nisso. Nan, você parece maravilhosa. É realmente possível que dezanos se passaram? Honestamente, de verdade, e isto não é uma mera farsa deterapeuta — não seria *farsa* uma da suas palavras prediletas?... novamente seexibindo... — Você parece mais confiante, mais jovem. Mais atraente. Vocêsente assim também?

Ela assentiu com a cabeça e, enquanto falava, tocou a mão dele. — Estou numa ótima situação. Solteira, saudável, magra.

—Lembro que você estava sempre lutando contra o peso!

—Essa batalha foi vencida. Sou realmente uma nova mulher.

—Como você conseguiu? Talvez eu deva usar o seu método — pegou uma dobra da barriga entre os dedos.

—Você não precisa disso. Os homens têm sorte. Vestem o peso muito bem. Até são recompensados com palavras como *poderoso* e *robusto.* Mas, meu método? Se você quer mesmo saber, tive a ajuda de um bom médico!

Foi uma novidade desanimadora para Ernest. — Você esteve em terapia todo este tempo?

— Não, permaneci fiel a você, meu primeiro e único psiquiatra! — ela deuum tapinha travesso na mão dele. — Estou falando de um médico médico, umcirurgião plástico que me esculpiu um novo nariz e agitou sua varinha mágicade lipossucção na minha barriga.

A sala estava lotada e Ernest ouviu a apresentação, que terminou com a conhecida "e, portanto, juntem-se a mim para dar as boas-vindas ao dr. Ernest

Lash".

Antes de se levantar, Ernest se apoiou no ombro de Nan e sussurrou: — Foi realmente muito bom vê-la. Vamos conversar mais tarde.

Ele caminhou até a tribuna com sua cabeça num redemoinho. Nan era linda. Absolutamente estonteante. E sua, se quisesse. Nenhuma mulher nunca tinha se colocado mais disponível para ele. Era apenas uma questão de encontrar a cama — ou o divã — mais próxima.

Divã. Sim, exatamente! E é aí que está o problema, Ernest lembrou a si mesmo: *dez anos atrás ou não, ela ainda é uma paciente e está fora dos limites. Está na zona proibida! Não, não* é *— ela* foi *uma paciente,* pensou ele, *um dos oito membros de uma terapia de grupo durante poucas semanas. Além de uma sessão de triagem antes da formação do grupo, não acho que a tenha visto numa sessão individual, cara a cara.*

Que diferença isso faz? Uma paciente é uma paciente.

Para sempre? Depois de dez anos? Cedo ou tarde, os pacientes se formam para a idade adulta plena, com todos os privilégios concomitantes.

Ernest deu um basta ao seu monólogo interno e voltou sua atenção para o público.

— Por quê? Senhoras e senhores, por que escrever um livro sobre luto?Olhem para a seção de privação e perda desta livraria. As prateleiras estãosobrecarregadas de volumes. Por que mais um livro?

Mesmo enquanto falava, ele continuou o debate interno. *Ela diz que nunca esteve melhor. Ela não é uma paciente psiquiátrica. Não está em terapia há nove anos! É perfeito. Por que não, pelamordedeus? Dois adultos por livre e espontânea vontade!*

— Como uma enfermidade psicológica, o luto ocupa um lugar singular.Antes de mais nada, é universal. Ninguém da nossa época...

Ernest sorriu e fez um contato ocular com muitas pessoas do público; ele era bom nisso. Percebeu Nan na última fila, assentindo com a cabeça e sorrindo. Sentada bem ao lado de Nan estava uma mulher grave e atraente, com cabelos pretos curtos encaracolados, que parecia estar estudando-o intencionalmente. Seria outra mulher dando em cima? Ele captou o olhar dela por um único instante apenas. Ela rapidamente desviou o olhar.

— Ninguém da nossa época — continuou Ernest — escapa do luto. É aúnica doença psiquiátrica universal.

Não, é esse o problema, Ernest lembrou a si mesmo: *Nan e eu não somos dois adultos por livre e espontânea vontade. Sei coisas demais a respeito dela. Por ela ter confiado tanto em mim, ela se sente conectada a mim de uma maneira fora do comum. Lembro que o pai morreu quando ela era adolescente. Fiz o papel do pai dela. Eu a trairia se me envolvesse sexualmente com ela.*

— Muitos notaram que é mais fácil dar palestras aos estudantes de medicina sobre o luto do que sobre outras síndromes psiquiátricas. Os estudantes demedicina o compreendem. De todas as doenças psiquiátricas, é a que mais seassemelha a outras enfermidades clínicas, por exemplo, doenças infecciosasou trauma físico. Nenhuma outra enfermidade psiquiátrica tem um início tão

preciso, uma causa identificável precisa, um curso razoavelmente previsível, um tratamento temporalmente limitado e um ponto final específico bem definido. Não, Ernest argumentou consigo mesmo, *depois de dez anos todas as apostas estão canceladas. Em tempos passados, ela pode ter me considerado paternal. E daí? Aquilo foi naquela época, isto é agora. Ela está me enxergando como um homem inteligente, sensível. Olhe para ela: está inalando as minhas palavras. Está incrivelmente atraída por mim. Encare. Sou sensível. Sou profundo. Com que freqüência uma mulher solteira da idade dela, de qualquer idade, conhece um homem como eu?*

Mas, senhoras e senhores, o fato de os estudantes de medicina, os médicos ou os psicoterapeutas ansiarem por um diagnóstico e tratamento simples e diretos do luto não faz com que isso aconteça. Tentar compreender o luto com o emprego de um modelo de doença médica é omitir precisamente aquilo que há de mais humano em nós. Perda não é como uma invasão bacteriana, não é como um trauma físico; a dor psíquica não é análoga à disfunção somática; mente não é corpo. A intensidade, a natureza, da angústia que sentimos é determinada não pela (ou não apenas pela) natureza do trauma, mas pelo *significado d*o trauma. E *significado* é precisamente a diferença entre o soma e a psiquê.

Ernest estava acertando o passo. Examinou os rostos do seu público para ter certeza da atenção.

Lembra, Ernest tagarelou consigo mesmo, *o quanto ela tinha medo do divórcio por causa da experiência anterior com homens, que a usaram sexualmente e depois simplesmente continuaram seu caminho? Lembra o quanto ela se sentia vazia? Se eu fosse para casa com ela esta noite, estaria simplesmente fazendo o mesmo com ela: seria mais um de uma longa fila de homens exploradores.*

— Gostaria de dar um exemplo da importância de "significado" tirado da minha pesquisa. Consideremos o seguinte enigma: duas viúvas, recentemente de luto, cada uma tendo estado casada por quarenta anos. Uma das viúvas passou por muito sofrimento, mas tinha gradualmente recuperado a sua vida e desfrutado de alguns períodos de equanimidade e, ocasionalmente, até de enorme prazer. A outra se saiu muito pior: um ano depois, estava mergulhada numa profunda depressão, às vezes suicida, e exigiu uma atenção psiquiátrica contínua. Como podemos explicar a diferença nos desfechos? *Ê* um enigma. Agora quero oferecer uma dica: Embora estas duas mulheres fossem parecidas em muitos aspectos, elas eram extremamente diferentes num único aspecto significativo: a natureza de seus casamentos. Uma delas teve um relacionamento conjugai de tumultos e conflitos, a outra, um relacionamento amoroso crescente, mutuamente respeitoso. Bem, a minha pergunta para você é: qual é qual?

Enquanto esperava uma resposta do público, Ernest captou novamente o olhar de Nan e pensou: *Como sei que ela se sentiria vazia? Ou explorada? E quanto à gratidão? Talvez nosso relacionamento leve a algum lugar. Quem sabe ela esteja sexualmente tão impaciente quanto eu estou! Nunca consigo ficar de folga do dever? Preciso ser um psiquiatra vinte e quatro horas por dia? Se tiver de me preocupar com as nuances de cada ato isolado, cada relacionamento, num ca conseguirei ir pra cama!*

Mulheres, peitos grandes, ir pra cama... você é nojento, ele disse a si mesmo. *Você não tem nada mais importante para fazer? Qualquer coisa mais elevada em que pensar?*

— Sim, exatamente! — disse Ernest a uma mulher da terceira fileira que tinha se aventurado a dar uma resposta. — Você está certa: a mulher com o relacionamento conflituoso teve o pior desfecho. Muito bom. Aposto que já leu o meu livro, ou talvez você não precise. — Adorando os sorrisos da platéia, Ernest os sorveu e continuou. — Mas isso não parece ir contra a intuição? Poderíamos imaginar que a viúva que tinha tido um relacionamento profundamente gratificante e amoroso de quarenta anos poderia passar menos bem. Afinal, não foi ela quem teve a maior perda?

"Contudo, como você sugere, o inverso é freqüentemente o caso. Existem várias explicações. Acho que "arrependimento" é o conceito central. Pense na angústia da viúva que sente, bem lá no fundo, que passou quarenta anos casada com o homem errado. Portanto, seu pesar não é, ou não é *apenas,* pelo marido. Ela está de luto por sua própria vida."

Ernest, ele se repreendeu, *existem milhões, bilhões, de mulheres no mundo. Existe, provavelmente,*

uma dúzia na platéia desta noite que adoraria ir pra cama com você se você tivesse coragem suficiente para abordá-las. Fique simplesmente longe das pacientes! Fique longe das pacientes!

Mas ela não é uma paciente. É uma mulher livre.

Ela o viu, e ainda o vê, de uma maneira irrealista. Você a ajudou; ela confiou em você. A transferência foi poderosa. E você está tentando explorá-la!

Dez anos! A transferência é imortal? Onde está esse mandamento? Olhe paru ela! Ela está magnífica. Adora você. Quando foi que uma mulher como essa já o escolheu numa multidão e deu bola para você desse jeito? Olhe para você mesmo. Olhe a sua pança. Mais alguns quilos e você não conseguirá ver a braguilha. Quer uma prova? Aqui está a sua prova!

A atenção de Ernest estava tão dividida que ele começou a se sentir tonto. A divisão era uma divisão familiar para ele. De um lado, preocupação genuína pelos pacientes, estudantes, seu público. E preocupação genuína, também, pelos verdadeiros problemas da existência: crescimento, arrependimento, vida, morte, significado. De outro, sua sombra: egoísmo e carnalidade. Ah, ele era adepto de ajudar os pacientes a recuperar suas sombras, tirar força delas: poder, energia vital, impulso criativo. Ele conhecia todas as palavras; adorava a proclamação de Nietzsche de que as árvores mais poderosas precisam enterrar as raízes bem no fundo, no fundo da escuridão, no fundo do mal.

Ainda assim, essas palavras maravilhosas tinham pouco significado para ele. Ernest odiava seu lado escuro, odiava o domínio que o lado escuro tinha sobre ele. Odiava a servidão, odiava ser impelido pelo instinto animal, odiava ser escravizado por uma programação precoce. E hoje era o exemplo perfeito: o farejo e gorjeio do quintal, sua luxúria primitiva por sedução e conquista. O que *seriam* eles, senão os fósseis vindos diretamente do alvorecer da história? E sua paixão pelo seio, pelo amasso e mamada. Patético! Uma relíquia vinda do berçário!

Ernest cerrou o punho e enterrou as unhas na palma da mão, com força! *Preste atenção! Você tem cem pessoas aí! Dê a elas o máximo que puder.*

— E uma outra coisa no relacionamento conjugai conflituoso: a morte o congela no tempo. Será para sempre conflituoso, para sempre inacabado, insatisfatório. Pense na culpa! Pense nas ocasiões em que a viúva ou viúvo enlutado diz:"Se *ao menos eu tivesse.."* Acho que esse é um dos motivos pelos quais o luto em conseqüência de uma morte súbita, por exemplo, um acidente de carro, é muito difícil. Nessas situações, marido e mulher não tiveram tempo de dizer adeus, não tiveram tempo para a preparação — muitos problemas inacabados, muitos conflitos não resolvidos.

Ernest agora deslizava suavemente e a platéia estava atenta e silenciosa. Ele não olhava mais para Nan.

— Quero deixar com vocês uma última questão antes de parar para as perguntas. Pensem por um momento sobre como os profissionais de saúde avaliam o processo do luto conjugai. O que é um luto bem-sucedido? Quando acaba? Um ano? Dois anos? Diz o senso comum que o trabalho de luto está terminado quando a pessoa em luto tiver se afastado suficientemente do cônjuge morto para, de novo, retomar uma vida funcional. Mas é mais complicado que isso! Bem mais complicado!

"Uma das descobertas mais interessantes da minha pesquisa é que uma proporção substancial dos cônjuges enlutados, talvez 25 por cento, simplesmente não retomam a vida nem voltam ao seu nível anterior de funcionamento, mas, pelo contrário, passam por um grau substancial de crescimento pessoal."

Ernest adorava este parte; o público sempre a considerava significativa.

— *Crescimento pessoal* não é o termo perfeito. Não sei como chamá-lo — talvez *percepção existencial intensificada* fosse melhor. Só sei que uma certa proporção das viúvas, e ocasionalmente dos viúvos, aprende a abordar a vida de uma maneira bem diferente. Essas pessoas desenvolvem

uma nova apreciação para o valor da vida. E um novo conjunto de prioridades. Como caracterizar? Poderíamos dizer que elas aprendem a trivializar as trivialidades. Aprendem a dizer não para as coisas que não querem fazer, a se dedicar àqueles aspectos da vida que dão significado: amor dos amigos íntimos e família. Também aprendem a sorver de suas próprias fontes criativas, a vivenciar a mudança das estações e a beleza natural que as cerca. Talvez o mais importante de tudo, ganham um aguçado senso de sua própria finitude e, em conseqüência, aprendem a viver no presente imediato, em vez de adiar a vida para algum momento futuro: o fim de semana, as férias de verão, a aposentadoria. Descrevo tudo isto em grande detalhe no meu livro e também especulo sobre as causas e os antecedentes desta percepção existencial.

"Agora, algumas perguntas." Ernest gostava das perguntas de campo: "Quanto tempo você trabalhou no livro?" "As histórias dos casos eram reais e, se eram, o que dizer sobre a confidencialidade?""Seu próximo livro?" "Qual a utilidade da terapia no luto?" Perguntas sobre terapia eram sempre feitas por alguém no meio de um luto pessoal e Ernest respondia a tais perguntas com extrema delicadeza. Portanto, ele ressaltava que o luto é autolimitado — os indivíduos enlutados, na maioria das vezes, irão melhorar com ou sem terapia — e que não existe nenhuma prova de que, para a média das pessoas enluta-das, aquelas que estão em terapia se saem melhor ao final de um ano do que aquelas que não estão em terapia. Mas, para não parecer que ele estava

trivializando a terapia, Ernest se apressou em acrescentar que existem evidências de que a terapia pode tornar o primeiro ano menos doloroso e evidências incontestáveis da eficiência da terapia com pessoas enlutadas que sofrem de uma intensa culpa ou raiva.

As perguntas foram todas rotineiras e amáveis. Ele não esperava menos de um público de Palo Alto. Bem diferentes das perguntas agressivas, irritantes, de uma multidão de Berkeley. Ernest olhou seu relógio de relance e fez um sinal para sua anfitriã de que ele tinha terminado, fechou a pasta de notas e se sentou. Depois de uma declaração formal de gratidão da proprietária da livraria, houve uma robusta explosão de aplausos. Um enxame de compradores de livros cercaram Ernest. Ele sorria graciosamente enquanto autografava cada livro. É possível que fosse fantasia pura, mas pareceu a ele que várias mulheres atraentes olhavam para ele com interesse e fixavam o olhar por um ou dois segundos a mais. Ele não respondia: Nan Carlin estava esperando por ele.

Lentamente, a multidão se dispersou. Finalmente, ele estava livre para se juntar a ela. Como ele deveria lidar com isto? Um *cappuccino* na cafeteria da livraria? Um lugar menos público? Ou, quem sabe, uns poucos minutos apenas de conversa na livraria e desistir de todo esse problema complicado? O que fazer? O coração de Ernest começou novamente a bater forte. Ele olhou por toda a sala. Onde ela estava?

Ernest fechou sua maleta e se apressou, procurando, pela livraria. Nenhum sinal de Nan. Ele voltaria a espiar a sala de leitura para uma última olhada. Estava inteiramente vazia, exceto por uma mulher sentada silenciosamente no lugar que Nan tinha ocupado — a mulher esguia e grave com cabelos pretos curtos encaracolados. Ela tinha olhos irritados, penetrantes. Mesmo assim, Ernest tentou novamente capturar o seu olhar. Uma vez mais, ela o desviou.

QUATRO

Um cancelamento de último minuto de um paciente deu ao dr. Marshal Streider uma hora livre antes de seu encontro semanal de supervisão com Ernest Lash. Seus sentimentos sobre o cancelamento eram confusos. Sentia-se incomodado com a profundidade da resistência do paciente: por nem um minuto sequer ele comprou a frágil desculpa de uma viagem de negócios, mas, ainda assim, recebeu de bom grado o tempo livre. O dinheiro era o mesmo qualquer que fosse o caso: iria, naturalmente, cobrar o paciente pela hora independentemente da desculpa.

Depois de retornar os telefonemas e responder a correspondência, Marshal saiu do consultório para seu pequeno terraço, para aguar os quatro bonsais que ficavam numa prateleira de madeira do lado de fora da janela: uma serissa com raízes expostas milagrosamente delicadas (algum jardineiro

meticuloso a tinha plantado de modo que crescesse sobre uma rocha e, então, quatro anos depois, lascou meticulosamente a rocha, desfazendo-se dela); um pinheiro retorcido de cinco galhos, de pelo menos 60 anos; um grupo de nove árvores de bordo; e um junípero. Shirley, sua mulher, tinha passado o sábado anterior ajudando-o a moldar o junípero e este parecia transformado, muito parecido com um garoto de 4 anos depois do seu primeiro e verdadeiro corte de cabelo; eles tinham podado todos os brotos do lado debaixo das duas principais ramificações em oposição, amputado uma ramificação dissidente que crescia para a frente e aparado a árvore para o elegante formato de triângulo escaleno.

Então, Marshal se permitiu um dos seus maiores prazeres: dedicou-se às tabelas de ações do *Wall Street Journal* e tirou da carteira os dois instrumentos do tamanho de um cartão de crédito que lhe permitiam calcular seus lucros: uma lâmina de ampliação para ler as letras pequenas dos preços de mercado e uma calculadora movida a energia solar. Um mercado de baixo volume

ontem. Nada linha se movido, exceto seus maiores títulos, o Banco do Vale do Silício, comprado por uma boa dica de um ex-paciente, que tinha subido um e um oitavo; com 15 mil ações, isso significava quase 17 mil dólares. Consultou as tabelas de ações e sorriu. A vida era boa.

Separando a edição mais recente do *The American Journal of Psycho-analysis,* Marshal deu uma olhada no sumário, mas fechou rapidamente. Dezessete mil dólares! Cristo, por que ele não tinha comprado mais? Recostando na cadeira giratória de couro, inspecionou a vista do seu consultório: o Hundertwasser e as gravuras de Chagall, a coleção de taças de vinho do século XIX com os pés em forma de fita delicadamente torcida, brilhantemente exibida numa bem polida vitrine de jacarandá. Acima de tudo, gostava de suas três peças gloriosas de escultura de vidro de Musler. Levantou-se para tirar o pó com um velho espanador de penas que o pai tinha usado em tempos passados para limpar as estantes no seu pequenino armazém no cruzamento da rua R com a Quinta, em Washington.

Embora fizesse um rodízio das pinturas e gravuras de sua grande coleção em casa, as delicadas taças de xerez e as frágeis peças de Musler eram acessórios permanentes do consultório. Depois de checar as montagens à prova de terremoto das esculturas de vidro, ele acariciou amorosamente a sua predileta: A Borda Dourada do Tempo, uma imensa e resplandecente tigela laranja, fina como uma hóstia, com bordas lembrando alguma linha do horizonte metropolitano futurista. Desde que a comprou 12 anos antes, ele dificilmente passou um dia sem a acariciar; seus contornos perfeitos e seu extraordinário frescor eram maravilhosamente relaxantes. Mais de uma vez ele tinha se sentido tentado, apenas tentado obviamente, a estimular um paciente perturbado a afagá-la e absorver seu mistério refrescante e calmante.

Graças a Deus, ele tinha suplantado os desejos da esposa e comprado as três peças: tinham sido as melhores compras que ele já fizera. E, possivelmente, suas últimas. Os preços de Musler tinham subido tanto que outra peça lhe custaria o salário de seis meses. Mas, se conseguisse pegar uma nova alta do mercado com os futuros da Standard and Poor, como fizera no ano anterior, talvez então — mas, naturalmente, seu melhor palpiteiro tinha sido desatencioso o bastante para encerrar a terapia. Ou, talvez, quando seus dois filhos terminassem a graduação e pós-graduação, mas isso estava a pelo menos cinco anos.

Três minutos depois das onze. Ernest Lash estava atrasado, como de costume. Marshal era supervisor de Ernest há dois anos e, mesmo com Ernest pagando dez por cento a menos que um paciente, Marshal quase sempre esperava ansiosamente pela sua hora semanal. Ernest era uma folga reparadora no dia para sua carga de casos clínicos. Um estudante perfeito: um buscador, brilhante, receptivo a novas idéias. Um aluno que possuía uma imensa curiosidade — e uma ignorância ainda maior em psicoterapia.

Embora Ernest fosse velho, aos 38, para ainda estar sob supervisão, Marshal considerava isso um ponto forte, não uma fraqueza. Durante a residência em psiquiatria de Ernest, concluída há mais de dez anos, ele tinha resistido bravamente a aprender qualquer coisa sobre psicoterapia. Em vez disso, prestando atenção ao canto da sereia da psiquiatria biológica, ele tinha se concentrado no

tratamento farmacológico das doenças mentais e, depois da residência, tinha optado por gastar vários anos em pesquisas no laboratório de biologia molecular.

Ernest não era um caso único. A maioria de seus colegas tinha assumido a mesma postura. Dez anos antes, a psiquiatria parecia estar à beira de importantes avanços biológicos nas causas bioquímicas da doença mental, na psicofarmacologia, em novos métodos de diagnóstico por imagem para o estudo da anatomia e função do cérebro, na psicogenética e na iminente descoberta da localização cromossômica do gene específico para cada um dos principais transtornos mentais.

Esses novos desenvolvimentos, porém, não fizeram Marshal vacilar. Aos 63 anos, ele tinha sido psiquiatra por tempo suficiente para ter passado por várias dessas mudanças positivistas. Ele se lembrou de uma onda depois de outra de otimismo e êxtase (e subseqüente decepção) cercando a introdução do Thorazine, psicocirurgia, Miltown, Reserpina, Pacatal, LSD, Tofranil, lítio, Ecstasy, betabloqueadores, Xanax e Prozac — e não ficou surpreso quando parte do fervor pela biologia molecular começou a diminuir, quando muitas das extravagantes alegações investigativas não foram substanciadas e quando os cientistas começaram a reconhecer que, talvez, afinal de contas, eles ainda não tinham localizado o cromossomo corrompido por trás de cada pensamento corrompido. Na semana anterior, Marshal tinha comparecido a um seminário patrocinado pela universidade, no qual os mais importantes cientistas apresentaram a vanguarda de seu trabalho ao Dalai Lama. Embora não

fosse nenhum defensor das visões de mundo não materialistas, ele se encantou com a resposta do Dalai Lama às novas fotos de átomos individuais que os cientistas obtiveram e de sua certeza de que nada existia fora da matéria."E o tempo?", o Dalai Lama tinha perguntado docemente. "Essas moléculas já foram vistas? E, por favor, os senhores poderiam me mostrar as fotos do 'eu', o permanente senso do 'eu'?"

Depois de trabalhar anos como um pesquisador em psicogenética, Ernest ficou cada vez mais desencantado com a pesquisa e com a política acadêmica e tinha iniciado um consultório particular. Por dois anos, exerceu a profissão como um psicofarmacologista puro, examinando pacientes em consultas de vinte minutos e receitando medicamentos para todos. Gradualmente — e, aqui, Seymour Trotter teve um papel —, Ernest percebeu as limitações, mesmo a vulgaridade, de tratar todos os pacientes com medicamentos e, pelo sacrifício de quarenta por cento de seus rendimentos, mudou gradualmente para um consultório de psicoterapia.

Marshal sentia que era um mérito de Ernest, portanto, ter agora procurado a supervisão de um especialista em psicoterapia e planejado se candidatar a um instituto de psicanálise. Marshal estremeceu ao pensar em todos os psiquiatras no mercado, bem como todos os psicólogos, assistentes sociais e conselheiros, que aplicavam a terapia sem um estágio prático adequado em análise.

Ernest, como sempre, entrou correndo no consultório, exatamente cinco minutos atrasado, serviu-se de uma xícara de café, afundou-se na cadeira branca de couro italiano de Marshal e procurou suas notas clínicas na maleta.

Marshal tinha parado de indagar sobre os atrasos de Ernest. Durante meses, sem satisfação, tinha questionado sobre isso. Certa vez, Marshal tinha até saído do prédio e cronometrado a caminhada de uma quadra entre seu consultório e o de Ernest. Quatro minutos! Já que a consulta das 11:00h do Ernest terminava às 1 l:50h, havia tempo suficiente com folga, mesmo para uma parada no toalete, para Ernest chegar ao meio-dia. Ainda assim, algum obstáculo invariavelmente surgia, afirmava Ernest: um paciente tinha passado da hora ou uma chamada telefônica exigiu atenção ou Ernest esqueceu suas anotações e teve de voltar correndo ao seu consultório. Sempre havia alguma coisa.

E essa alguma coisa era obviamente resistência. Pagar uma grande quantia de dinheiro por cinqüenta minutos e, então, esbanjar sistematicamente dez por cento desse dinheiro e tempo, pensava Marshal, é obviamente uma evidência inequívoca de ambivalência.

Normalmente, Marshal teria sido como uma rocha na sua insistência de que o atraso deveria ser plenamente explorado. Mas Ernest não era um paciente. Não exatamente. A supervisão situava-se numa terra de ninguém entre a terapia e a instrução. Havia ocasiões em que um bom supervisor tinha de sondar mais adiante do caso material e penetrar profundamente nos conflitos e motivações inconscientes do estudante. Mas, sem um contrato terapêutico específico, havia limites além dos quais o supervisor não poderia ir.

Portanto, Marshal deixou o assunto morrer, embora fizesse questão de encerrar invariavelmente sua hora de supervisão de cinqüenta minutos exatamente na hora, com uma exatidão quase de segundo.

— Muito para conversar — Ernest começou. — Não tenho certeza sobreonde começar. Queria discutir algo diferente hoje. Sem novos desenvolvimentos com os dois regulares que estamos acompanhando — tive apenas as sessões corriqueiras com o Jonathan e a Wendy; eles estão indo bem.

"Quero descrever uma sessão com o Justin em que surgiu muito material de contratransferência. E também sobre um encontro social que tive, na noite passada, com uma ex-paciente, na palestra que dei na Printer s sobre meu livro."

—O livro ainda está vendendo bem?

—As livrarias ainda o estão expondo. Todos os meus amigos o estão lendo. E recebi algumas boas resenhas. Uma foi publicada esta semana no boletim da AMA.[3]

—Ótimo! É um livro importante. Vou enviar uma cópia para minha irmã mais velha, que perdeu o marido no verão passado.

Ernest pensou em dizer que ficaria feliz em autografar o livro com uma nota um pouco pessoal. Mas as palavras congelaram na sua garganta. Pareceria presunçoso dizer isso a Marshal.

—Muito bem, vamos ao trabalho... Justin... Justin... — Marshal folheou as suas anotações. — Justin? Refresque minha memória. Não era o seu obsessivo-compulsivo crônico? Aquele com tantos problemas conjugais?

—É. Não falava sobre ele há muito tempo. Mas você se lembra que acompanhamos atentamente o tratamento dele durante vários meses.

Não sabia que você ainda estava tratando dele. Esqueci... qual o motivo para lermos parado de acompanhá-lo na supervisão?

Bem, para ser honesto, o verdadeiro motivo é que tinha perdido o interesse nele. Tornou-se evidente que ele não conseguiria ir muito adiante. Não estávamos realmente fazendo terapia... mais uma ação de manutenção. Mesmo assim, ele ainda continua vindo três vezes por semana.

—Uma ação de manutenção... três consultas por semana? É muita manutenção. — Marshal sentou-se para trás na cadeira e olhou fixamente para o teto, como geralmente o fazia quando estava ouvindo atentamente.

—Bem, eu me preocupo com isso. Não é por isto que decidi falar sobre ele hoje, mas talvez seja igualmente correto que também abordemos isso. Parece que não consigo reduzir as consultas — e são três vezes por semana, mais uma ou duas chamadas pelo telefone!

—Ernest, você tem uma lista de espera?

—Uma curta. Na verdade, apenas um paciente. Por quê? — Mas Ernest sabia exatamente para onde Marshal estava indo e admirava sua maneira de fazer perguntas difíceis com uma pose

[3] Associação Médica Americana. (N. do E.)

perfeita. Droga, ele era duro!

—Bem, meu argumento é que muitos terapeutas se sentem tão ameaçados por horas em aberto que inconscientemente mantêm seus pacientes dependentes.

—Estou sob controle nesse aspecto, e conversei repetidas vezes com Justin sobre reduzir as nossas horas. Se eu estivesse mantendo um paciente na terapia em prol da minha carteira, não estaria dormindo muito bem à noite.

Marshal inclinou ligeiramente a cabeça, sinalizando que estava satisfeito, por ora, com a resposta de Ernest. — Uns minutos atrás você disse que *não* tinha pensado que ele poderia ir mais adiante. Tempo passado. E, agora, aconteceu algo para mudar sua opinião a respeito?

Marshal estava ouvindo muito bem — uma retenção total. Ernest o olhou com admiração: cabelos loiros queimados, olhos escuros alertas, pele sem manchas, o corpo de um homem vinte anos mais jovem. A psiquê de Marshal era como sua *persona:* sem gordura, sem desperdício, musculatura sólida. Ele já tinha jogado como *linebacker*[4] defensivo na Universidade de Rochester.

Seus bíceps largos e seus antebraços cheios de sardas preenchiam inteiramente as mangas da jaqueta — uma rocha! E uma rocha também no seu papel profissional: sem desperdícios, nem dúvidas, sempre confiante, sempre certo do caminho correto. Alguns dos outros analistas didatas também tinham um ar de certeza, uma certeza gerada pela ortodoxia e crença, mas nenhum era como Marshal, nenhum falava com uma autoridade esclarecida, flexível. A certeza de Marshal originava de alguma outra fonte, alguma firmeza instintiva do corpo e da mente que dispersava toda dúvida, que invariavelmente o dotava de uma percepção imediata e penetrante das questões mais amplas. Desde seu primeiro encontro dez anos atrás, quando Ernest ouviu uma palestra de Marshal sobre psicoterapia analítica, ele vinha usando Marshal como um modelo.

—Você tem razão. Para atualizá-lo, precisarei voltar um pouco para trás— disse Ernest. — Talvez você se lembre que, desde o início, Justin pediu explicitamente minha ajuda para deixar a esposa. Você achou que me envolvidemais, que o divórcio de Justin tinha se tornado minha missão, que tinhafeito disso uma cruzada. Isto foi quando você se referiu a mim como "terapeu-ticamente incontinente", lembra?

Marshal lembrava, é claro. Ele assentiu com um sorriso.

—Bem, você estava certo. Meus esforços estavam mal direcionados. Tudo o que fiz para ajudar o Justin a deixar a mulher fracassou. Sempre que ele chegava perto de a deixar, sempre que a mulher sugeria que talvez eles devessem pensar em separação, ele entrava em pânico. Cheguei perto de interná-lo mais de uma vez.

—E a mulher dele? — Marshal tirou uma folha de papel em branco e começou a fazer anotações. — Desculpe, Ernest, não tenho as minhas anotações antigas.

—O que tem a mulher? — Ernest perguntou.

—Você alguma vez encontrou-se com eles como um casal? Como ela é? Ela também faz terapia?

—Nunca a vi! Não sei sequer qual a sua aparência, mas penso nela como um demônio. Ela se recusava a vir me ver, disse que era uma patologia do Justin, não dela. Nem ela entraria em terapia individual — pela mesma razão, imagino. Não, havia mais alguma coisa... Lembro de Justin me contando que ela odiava psiquiatras. Tinha consultado dois ou até três deles quando era mais jovem c cada um deles acabou fazendo ou tentando fazer sexo com ela. Como você sabe, já examinei várias pacientes abusadas e ninguém se sente mais ultrajado que eu com esta traição despropositada. Ainda assim, se tivesse acontecido para a mesma mulher duas ou três vezes... não sei. Talvez devêssemos nos perguntar sobre as motivações inconscientes *dela.*

[4] Jogador de futebol americano da linha de defesa, o *linebacker* tem como função o bloqueio às corridas de ataque adversários, podendo, também, interceptar passes. (N. do E.)

— Ernest — disse Marshal, sacudindo a cabeça vigorosamente —, esta será a única vez que você me ouvirá dizendo isto, mas neste caso, as motivações inconscientes são irrelevantes! Quando ocorre sexo de paciente-terapeuta, devemos esquecer sobre a dinâmica e examinar apenas o comportamento. Os terapeutas que agem sexualmente com seus pacientes são invariavelmente irresponsáveis e destrutivos. Não há nenhuma defesa para eles. Devem ficar fora do campo! Talvez alguns pacientes tenham conflitos sexuais, talvez queiram seduzir os homens — ou as mulheres — em posições de autoridade, talvez sejam sexualmente compulsivos, mas é por esse motivo que estão fazendo terapia. E se o terapeuta não consegue entender e enfrentar isso, então ele deverá mudar de profissão.

"Já contei", Marshal continuou, "que estou no Conselho Estadual de Ética Médica. Pois bem, passei a noite passada lendo os casos da reunião mensal da semana que vem, em Sacramento. Incidentalmente, eu ia conversar com você sobre isso. Quero indicar seu nome para exercer um cargo no conselho. Meu mandato de três anos vence no mês que vem e acho que você faria um excelente trabalho. Lembro-me da postura que você assumiu naquele caso do Seymour Trotter há vários anos. Aquilo demonstrou coragem e integridade; todos os outros estavam tão intimidados pelo velho bastardo nojento que não quiseram testemunhar contra ele. Você prestou um grande serviço à profissão. Mas o que eu ia dizer era que o abuso sexual terapeuta-paciente está ficando epidêmico. Há um novo escândalo publicado nos jornais quase todos os dias. Um amigo me enviou uma história publicada no *Boston Globe* que conta sobre 16 psiquiatras que foram acusados de abuso sexual nos últimos anos, inclusive algumas figuras bem conhecidas: o ex-reitor da Tufts e um dos analistas didatas veteranos do Instituto de Boston. E então, é claro, há o caso do Jules Masserman, que, assim como Trotter, foi um ex-presidente da Associação Americana de Psiquiatria. Consegue acreditar no que ele fez — ministrando pentotal sódico para as pacientes e então fazendo sexo com elas enquanto estavam inconscientes? É impensável!"

—É, foi esse o que mais me chocou — disse Ernest. Meus colegas de quarto do internato freqüentemente ficam me gozando por eu ter passado aqueleano deixando os meus pés de molho — eu tinha unhas encravadas terríveis e lendo Masserman: seu *Princípios de psiquiatria dinâmica* foi o melhor compêndio que já li!

—Sei, sei — disse Marshal —, todos os ídolos caídos. E está piorando! Não entendo o que está acontecendo. Na noite passada, li as acusações contra oito terapeutas. Material chocante, repulsivo. Consegue acreditar que um terapeuta deitou com — e cobrou! — sua paciente em cada sessão, duas vezes por semana, por *oito* anos! Ou que um psiquiatra infantil foi apanhado num motel com uma paciente de 15 anos de idade? Ele estava coberto de xarope de chocolate e sua paciente estava lambendo-o! Repugnante! E houve uma ofensa voyeurística — um terapeuta que tratava estados de múltiplas personalidades hipnotizava os pacientes e estimulava as personalidades mais primitivas a emergirem e a se masturbarem na frente dele. A defesa do terapeuta foi que ele nunca tocou em seus pacientes e também que era o tratamento correto; primeiro, dar a essas personalidades uma livre expressão num ambiente seguro e, então, gradualmente estimular o teste da realidade e a integração.

—E durante o tempo todo se excitando sexualmente enquanto ficava vendo-os se masturbarem — acrescentou Ernest, olhando sorrateiramente o seu relógio.

—Você espiou seu relógio, Ernest. Pode colocar isso em palavras?

—Bem, o tempo está passando. Queria introduzir algum material sobre *Justin.*

—Em outras palavras, embora esta discussão possa ser interessante, não é para isto que você veio. Na verdade, você preferiria não desperdiçar seu tempo e dinheiro de supervisão nisso?

Ernest deu de ombros.

—Estou perto? Ernest inclinou a cabeça.

—Então por que não dizê-lo? É seu tempo; você está pagando por ele!

—Certo, Marshal, é aquela velha história de querer agradar. De ainda lhe devotar uma grande reverência.

—Um pouco menos de reverência e um pouco mais de franqueza prestarão um melhor serviço para esta supervisão.

Como uma rocha, Ernest pensou. Uma montanha. Estas pequenas trocas, geralmente bem separadas da tarefa formal de discutir os pacientes, eram freqüentemente o ensinamento mais valioso que Marshal dava. Ernest esperava que, mais cedo ou mais tarde, ele conseguiria internalizar a dureza mental de Marshal. Ele também tomou nota das atitudes draconianas de Marshal sobre as relações sexuais paciente-terapeuta; ele tinha a intenção de conversar sobre seu dilema envolvendo Nan Carlin na palestra na livraria. Agora, não tinha tanta certeza.

Ernest voltou a Justin. — Bem, quanto mais eu trabalhava com Justin, mais ficava convencido de que qualquer progresso feito nas nossas horas era imediatamente desfeito em casa no seu relacionamento com a esposa, Carol — uma górgona absoluta.

— Os fatos estão voltando para mim. Ela não era a limítrofe que se jogoupara fora do carro para impedi-lo de comprar *bagels* e *lox?*

Ernest assentiu. — É essa a Carol, sim! A mulher mais malvada e dura que já encontrei, mesmo indiretamente, e que espero nunca conhecer cara a cara. Quanto ao Justin, por cerca de dois a três anos, fiz um bom trabalho tradicional com ele: boa aliança terapêutica, interpretações claras da dinâmica dele, o distanciamento profissional correto. Ainda assim, não consegui fazer este cara mudar de opinião. Tentei de tudo, levantei todas as perguntas certas: Por que ele tinha decidido se casar com Carol? Que compensação ele obteve em permanecer no relacionamento? Por que tinha decidido ter filhos? Mas nada do que conversamos jamais se traduziu em comportamento. Ficou óbvio para mim que nossas premissas habituais — que interpretação e *insight* suficientes acabarão levando à mudança externa — não eram a resposta. Interpretei por anos, mas Justin tinha, me pareceu, uma paralisa total da força de vontade. Talvez você se lembre que, como conseqüência do meu trabalho com Justin, fiquei fascinado com o conceito de vontade e comecei a ler tudo que conseguia sobre o assunto: William James, Rollo May, Hannah Arendt, Allen Wheelis, Leslie Farber, Silvano Arieti. Imagino que tenha sido cerca de dois anos atrás que dei uma palestra, num grande ciclo de seminários, sobre a paralisia da vontade.

— Sim, lembro-me daquela palestra. Você se saiu bem, Ernest. Ainda achoque você deveria colocar aquilo por escrito para publicação.

— Obrigado. Eu mesmo tive uma pequena paralisia de vontade em terminar aquele artigo. Neste exato instante, está empilhado atrás de outros doisprojetos que pretendo escrever. Talvez você se lembre que, nesse ciclo, concluíque, se *insight* não der o pontapé inicial na vontade, então os terapeutas precisarão descobrir alguma outra maneira de a mobilizar. Tentei exortação: deuma maneira ou outra, comecei a cochichar no carro dele: "Você tem que tentar, você sabe." Entendi, eu realmente entendi, o comentário de Allen Wheelisde que alguns pacientes precisam se afastar do divã e colocar mãos à obra.

"Tentei imaginário visual", continuou Ernest,"e incitei Justin a se projetar no futuro, daqui a dez, vinte anos, e a se imaginar ainda parado neste casamento letal, imaginar seu remorso e arrependimento por aquilo que tinha feito com sua própria vida. Não ajudou.

"Tornei-me como um segundo no córner de um pugilista, oferecendo conselhos, orientando-o, ajudando-o a ensaiar as declarações de libertação conjugai. Mas eu estava sendo o treinador de um peso-pena e a mulher dele era um peso pesado da classe cruzador. Nada funcionava. Imagino que a gota d'água tenha sido a história do grande acampamento. Contei sobre disso?"

—Vá em frente; interromperei se já tiver ouvido.

—Bem, há cerca de quatro anos, Justin decidiu que seria uma ótima coisa a família ir acampar —

ele tem gêmeos, um menino e uma menina agora com 8 ou 9 anos. Eu o estimulei. Ficava encantado com qualquer coisa que tivesse o aroma de iniciativa. Ele sempre se sentiu culpado por não passar tempo suficiente com os filhos. Sugeri que ele pensasse em uma maneira de mudar isso e ele decidiu que uma viagem para acampar poderia ser um exercício de como ser um bom pai. Fiquei maravilhado e lhe disse. Mas Carol não ficou maravilhada! Ela se recusou a ir — nenhum motivo em particular, apenas uma simples perversidade — e proibiu as crianças de irem com Justin. Não queria que elas dormissem nos bosques. Ela é fóbica com tudo, tudo o que você possa imaginar: insetos, sumagre-venenoso, cobras, escorpiões. Além disso, ela tem problema em ficar sozinha em casa, o que é estranho, já que não tem nenhuma dificuldade em viajar sozinha a negócios — ela é advogada, uma implacável advogada de tribunal. E Justin tampouco consegue ficar em casa sozinho. Uma *folie à deux.*

"Justin, com minha veemente incitação, é claro, insistiu que ele iria acampar e iria com ou sem a permissão dela. Desta vez, ele estava batendo o pé!

'Coragem, vamos lá!' sussurrei. *'Agora estamos avançando!* Ela fez o diabo, adulou, barganhou, prometeu que se, neste ano, todos eles fossem a Yosemite e ficassem no Hotel Ahwahnee, então no ano seguinte ela iria acampar com eles. 'Nada de acordo', eu o orientei,'fique firme'."

—Então, o que aconteceu?

—Justin a encarou firmemente sem titubear. Ela cedeu e convidou a irmã para vir e ficar com ela enquanto Justin e as crianças fossem acampar. Mas, então... entrou em cena o crepúsculo... além da imaginação... coisas estranhas começaram a acontecer. Justin, deslumbrado com seu triunfo, começou a ficar preocupado que ele não estava numa forma física boa o bastante para tal aventura. Seria necessário, primeiro, perder peso — ele definiu nove quilos como meta — e, depois, fortalecer as costas. Então, ele começou a malhar, principalmente subindo quarenta andares para chegar e sair do escritório. Durante uma das malhações, ele desenvolveu um quadro agudo de falta de ar e passou por uma extensa avaliação médica.

—Que foi negativa, naturalmente — disse Marshal. — Não me lembro de você me contar esta história, mas acho que consigo preencher os vazios. Seu paciente tornou-se morbidamente preocupado com a viagem do acampamento, não conseguiu perder peso, ficou cada vez mais convencido de que as costas não agüentariam e que ele não conseguiria cuidar dos filhos. Finalmente, desenvolveu ataques de pânico completos e esqueceu sobre o acampamento. A família partiu para o hotel Ahwahnee e todo mundo se perguntou como é que o psiquiatra idiota dele chegou a cogitar um plano tão estouvado assim.

—O hotel da Disneylândia.

—Ernest, esta é uma história muito velha. E um erro bem velho! Você pode contar com este cenário sempre que o terapeuta confundir os sintomas do sistema familiar com os sintomas do indivíduo. Foi nesse momento então que você desistiu?

Ernest assentiu. — Foi quando mudei para uma ação de manutenção. Assumi que ele estava paralisado para sempre na sua terapia, seu casamento, sua vida. Foi quando parei de falar sobre ele na nossa supervisão.

—Mas, agora, surge um grande e novo desenvolvimento?

—Sim. Ontem, ele veio e, com uma indiferença quase total, me contou que tinha deixado Carol e ido morar com uma mulher bem mais jovem, alguém que ele mal tinha mencionado para mim. Três vezes por semana ele me vê e *esquece* de falar sobre ela.

—Arrá! É interessante! E...?

—Bem, foi uma péssima hora. Estávamos fora de sincronia. Eu me senti difusamente irritado a maior parte da sessão.

—Passe rapidamente pela sessão comigo, Ernest.

Ernest narrou os eventos da sessão, e Marshal foi diretamente para a contra-transferência — a resposta emocional do terapeuta para o paciente.

—Ernest, vamos focar primeiro na sua irritação com o Justin. Tente reviver a consulta. Quando o seu paciente lhe conta que deixou a mulher, o quevocê começou a sentir? Faça simplesmente uma associação livre por um minuto. Não tente ser racional. Fique solto!

Ernest se arriscou. — Bem, foi como se ele estivesse fazendo pouco, até ridicularizando, nossos anos de bom trabalho juntos. Trabalhei o diabo durante anos com este sujeito, me fiz de bobo. Durante anos, ele foi um peso morto em torno do meu pescoço... isto é matéria bruta, Marshal.

—Continue. A *premissa é* que seja matéria bruta.

Ernest pesquisou seus sentimentos. Havia muitos, mas quais ele ousaria compartilhar com Marshal? Ele não estava em terapia com Marshal. E ele desejava o respeito profissional de Marshal, também seus encaminhamentos e seu aval para o instituto de análise. Mas também queria que a supervisão fosse supervisão.

—Bem, fiquei furioso. Furioso por ele jogar na minha cara os oitenta mil dólares, furioso por ele ter simplesmente caído fora daquele casamento sem discutir comigo. Ele sabia o quanto eu tinha investido em ele deixá-la. Nem mesmo um telefonema para mim! E, quero lhe contar, este cara me telefonou para falar sobre coisas incrivelmente triviais. Além disso, ele tinha escondido a outra mulher de mim e isso também me deixou fulo da vida. Também fiquei irritado com a capacidade dela, a capacidade de qualquer mulher, simplesmente estalar os dedos ou sacudir a genitália e dar a ele a capacidade de fazer o que não consegui durante quatro anos.

—E quanto aos seus sentimentos com o fato de que ele realmente deixou a mulher?

—Bem, ele o fez! E isso é bom. Não importa *como* tenha feito, é bom. Mas ele não fez do jeito certo. Por que diabo ele não conseguiu fazer do jeito certo?

Marshal, isto é loucura. Matéria bruta, praticamente processo primário. Realmente, não me sinto à vontade verbalizando isto.

Marshal inclinou-se para a frente e colocou a mão no braço de Ernest, um gesto bem fora do comum para ele. — Acredite em mim, Ernest. Isto não é nada fácil. Você está se saindo muito bem. Tente continuar.

Ernest sentiu-se estimulado. Era interessante ele experimentar aquele estranho paradoxo de terapia e supervisão: quanto mais ilegal, vergonhosa, sombria a coisa que você revelava, mais você era recompensado! Mas suas associações tinham perdido o impulso: — Vejamos, preciso explorar. Odiei a coisa do Justin se permitir ser levado para qualquer lado por seu pênis. Esperava melhores coisas dele, esperava que ele conseguisse deixar aquela ogra do jeito certo. Aquela esposa dele, a Carol... ela mexe comigo.

—Faça uma associação livre com ela, apenas por um ou dois minutos — Marshal pediu. Sua frase tranqüilizadora "apenas por um ou dois minutos" era uma das poucas concessões de Marshal a um contrato de supervisão, e não de terapia. Um limite de tempo curto e claro colocava fronteiras em torno da auto-revelação e fazia o processo dar a impressão de ser mais seguro para Ernest.

—Carol?... essência ruim... cabeça de górgona... mulher egoísta, limítrofe, perversa... dentes afiados... olhos estreitos e puxados... encarnação do mal... a mulher mais asquerosa que *jamais* conheci...

—Então você *de fato* a conheceu?

—Quis dizer a mulher mais asquerosa que *nunca* conheci. Só a conheço através do Justin. Mas,

depois de setecentas horas, conheço-a muito bem.

—O que quis dizer quando disse que ele não fez do jeito *certo.* Qual é o jeito certo?

Ernest se contorceu. Olhou para fora da janela, evitando os olhos do Marshal.

— Bem, posso dizer qual o jeito *errado:* o jeito errado é ir da cama de umamulher para a cama de outra mulher. Vejamos... se eu tivesse um desejo para oJustin, o que seria? Que, por uma vez, apenas uma vez, ele fosse um homem! Eque ele largasse a Carol como um homem! Que ele decidisse que esta era aescolha errada, o jeito errado de gastar a primeira e única vida, que ele simplesmente saísse de casa, enfrentasse seu próprio isolamento, chegasse à conclusão de quem ele é e aceitasse quem ele é, como uma pessoa, como um adulto,como um ser humano separado. O que ele fez é patético: abandonar sua responsabilidade, cair em transe, caindo de amores por algum rosto jovem e bonito, "um anjo criado no céu", como ele o colocou. Mesmo que funcione por algum tempo, ele não vai crescer, não vai aprender nadinha dessa coisa!

"Bem, aí está, Marshall Não é bonito! E não tenho orgulho disso! Mas se você quer matéria bruta, aí está. Bastante, e é patente. Posso perceber a maior parte disso sozinho!" Ernest suspirou e recostóu, exausto, esperando a resposta do Marshal.

—Você sabe, já disseram que o objetivo da terapia é se transformar naprópria mãe e no próprio pai. Acho que poderíamos dizer algo análogo sobresupervisão. O objetivo é você se tornar seu próprio supervisor. Então... vamosdar uma espiada naquilo que você vê em você mesmo.

Antes de olhar para dentro, Ernest lançou um olhar para Marshal e pensou: "Ser minha própria mãe e pai, ser meu próprio supervisor — maldição, ele é bom."

—Bem, a coisa mais óbvia é a profundidade dos meus sentimentos. Estou excessivamente envolvido, com toda a certeza. E esta sensação louca de ultraje, de ser proprietário — de *como ele ousa* tomar esta decisão sem antes me consultar.

—Certo! — Marshal assentiu vigorosamente com a cabeça. — Agora, coloque lado a lado o ultraje com sua meta de diminuir a dependência dele em você e de reduzir as consultas deles.

—Eu sei, eu sei. A contradição é ofuscante. Quero que ele quebre sua ligação comigo, mas, mesmo assim, fico com raiva quando ele age independentemente. É um sinal saudável quando ele insiste no seu mundo privado, até escondendo de mim esta mulher.

—Não apenas um sinal saudável — disse Marshal —, mas um sinal de que você estava fazendo uma boa terapia. Uma terapia muito boa! Quando você trabalha com um paciente dependente, sua recompensa é a rebeldia, não a ingratidão. Tire satisfação nisso.

Ernest ficou comovido. Sentou-se em silêncio, segurando as lágrimas, digerindo com gratidão aquilo que Marshal lhe tinha dado. Há tantos anos um cuidador, não estava acostumado a ser cuidado por outros.

—O que você enxerga — Marshal continuou — nos seus comentários sobre o jeito certo de Justin largar a mulher?

—Minha arrogância! Uma única maneira: a minha maneira! Mas é muito forte. Sinto-o ainda agora. Estou decepcionado com Justin. Queria coisas melhores para ele. Acho que estou falando como um pai exigente, eu sei!

—Você está assumindo uma postura forte, tão extrema na qual que você mesmo não acredita. Por que tão forte, Ernest? De onde está vindo o ímpeto? E quanto às suas exigências consigo mesmo?

—Mas eu realmente acredito nisso! Ele saiu de uma posição dependente para outra, de uma

esposa-demônio-mãe para anjo-mãe. E, sentindo-se desmaiar, apaixonando-se, a coisa do "anjo do céu", ele está numa fusão de grande felicidade, como uma ameba incompletamente dividida, ele disse... qualquer coisa para evitar enfrentar seu próprio isolamento. E é o medo do isolamento que o manteve nesse casamento letal todos esses anos. Preciso ajudá-lo a enxergar isso.

—Mas tão forte assim, Ernest? Tão exigente? Acho que, teoricamente, você está certo, mas qual paciente em processo de divórcio conseguirá algum dia atingir esse padrão? Você exige o herói existencial. Ótimo para romances, mas, quando olho para trás e penso nos meus anos de consultório, não consigo lembrar de um único paciente que tenha deixado um cônjuge daquela maneira nobre. Portanto, deixe-me perguntar de novo, de onde está vindo esse ímpeto? O que dizer das questões semelhantes na sua própria vida? Sei que sua esposa morreu num acidente de carro há vários anos. Mas não sei muito mais sobre sua vida com mulheres. Você voltou a casar? Passou por um divórcio?

Ernest sacudiu a cabeça e Marshal continuou: — Avise-me se eu estiver indo longe demais, se estivermos cruzando o limite entre terapia e supervisão.

—Não, você está na pista certa. Nunca voltei a casar. Minha mulher, Ruth, morreu há seis anos. Mas a verdade é que nosso casamento tinha acabado muito antes daquilo. Estávamos vivendo separadamente, mas na mesma casa, simplesmente continuando juntos por comodidade. Tive muita dificuldade em deixar Ruth, mesmo sabendo muito cedo — ambos sabíamos — que éramos errados um para o outro.

—Portanto — Marshal insistiu —, voltando ao Justin e sua contratrans-ferência...

—Obviamente tenho algum trabalho a fazer e preciso parar de pedir a Justin para fazer meu trabalho por mim. — Ernest olhou para cima, para o ornamentado relógio Luís XIV plaquetado de ouro no consolo da lareira de Marshal só para acabar lembrando, uma vez mais, que era puramente decorativo. Ele olhou para o seu relógio: — Restam cinco minutos. Deixe-me discutir um outro ponto.

—Você mencionou algo sobre uma palestra numa livraria e um encontro social com uma ex-paciente.

—Bem, antes uma outra coisa. A questão toda de se eu deveria ter confessado francamente a minha irritação ao Justin quando ele me questionou. Quando ele me acusou de tentar fazê-lo descer de sua felicidade amorosa, ele estava com toda a razão. Ele estava lendo corretamente a realidade. Acho que, *por não confirmar suas percepções precisas,* eu estava fazendo antiterapia.

Marshal sacudiu a cabeça severamente. — Pense nisto, Ernest: o que você teria dito?

—Bem, uma possibilidade era ter simplesmente contado a verdade ao Justin, mais ou menos o que lhe contei hoje. — *Era isso que Seymour Trotter teria feito.* Mas, é claro, Ernest não mencionou isso.

—Como o quê? O que você quer dizer?

—Que eu tinha me tornado inadvertidamente possessivo; que posso tê-lo confundido por desestimular sua independência com relação à terapia; e também que posso ter deixado que alguns dos meus próprios problemas pessoais turvassem a minha visão.

Marshal estivera olhando fixamente para o teto e repentinamente olhou para Ernest, esperando ver um sorriso no rosto. Mas não havia nenhum sorriso.

—Está falando sério, Ernest?

—Por que não?

—Não vê que você já está envolvido demais nisso? Quem é que disse que o objetivo da terapia é

ser verdadeiro sobre tudo? *O ponto central, o primeiro e único ponto, é sempre agir no interesse do paciente.* Se os terapeutas descartassem as diretrizes estruturais e, em vez disto, decidissem fazer do seu próprio jeito, improvisar de qualquer maneira, ser sincero o tempo todo, ora, imagine — a terapia se transformaria em caos. Imagine um general com um rosto lúgubre andando entre seus soldados, retorcendo as mãos na véspera de uma batalha. Imagine contar a uma pessoa gravemente limítrofe que, não importa o quanto ela se esforce, ela está fadada a outros vinte anos de terapia, outras 15 internações, outros 12 cortes de pulso ou de overdoses. Imagine contar ao seu paciente que você está cansado, entediado, flatulento, esfomeado, que está farto de ouvir ou simplesmente morrendo de vontade de entrar numa quadra de basquete. Três vezes por semana jogo basquete ao meio-dia e, durante uma hora ou duas antes, sou inundado com fantasias de

arremessos com salto e lances com giro em direção à cesta. Devo contar essas coisas ao paciente?

—Claro que não! — Marshal respondeu sua própria pergunta. — Guardoessas fantasias para mim mesmo. E se elas entrarem a meio caminho, entãoanaliso minha própria contratransferência ou faço exatamente o que você estáfazendo neste exato instante, e se saindo bem, quero acrescentar: trabalhandonela com um supervisor.

Marshal olhou seu relógio. — Desculpe continuar por tanto tempo. Estamos ficando sem tempo. E parte disso é culpa minha por falar sobre o Comitê de Ética. Na semana que vem, quero lhe dar os detalhes sobre você começar um mandato no comitê. Mas agora, por favor, Ernest, fale dois minutos sobre o encontro na livraria com sua ex-paciente. Sei que isto estava na sua agenda.

Ernest começou a guardar as anotações na sua maleta. — Ah, não foi nada dramático, mas a situação foi interessante, o tipo de coisa que poderia gerar uma boa discussão num grupo de estudo do instituto. No início da noite, uma mulher muito atraente me flertou agressivamente e eu, por um instante ou dois, respondi e devolvi o flerte. Então, ela me disse que tinha sido minha paciente por um período curto, bem curto, num grupo há cerca de dez anos, no meu primeiro ano de residência, que a terapia tinha sido bem-sucedida e que ela estava indo muito bem na sua vida.

—E...? — perguntou Marshal.

—Então ela me convidou a encontrar com ela depois da minha palestra, apenas para um café na cafeteria da livraria.

—E o que você fez?

—Dei uma desculpa, é claro. Disse a ela que tinha um compromisso naquela noite.

—Hum... sim, entendo o que você quer dizer. *É* uma situação interessante. Alguns terapeutas, mesmo alguns analistas, poderiam ter se encontrado com ela por um breve momento para um café. Alguns poderiam dizer, dado que você a viu somente numa curta terapia e em grupo, que você estava sendo rígido demais. Mas — Marshal se levantou para sinalizar o fim da sua consulta — concordo com você, Ernest. Você fez a coisa certa. Eu teria feito exatamente o mesmo.

CINCO

Com 45 minutos para gastar antes do seu próximo paciente, Ernest saiu para uma longa caminhada pela Fillmore até Japantown. Tinha ficado inquieto, por vários motivos, com a sessão de supervisão, em especial com o convite, ou melhor, a ordem de Marshal de fazer parte do Comitê Estadual de Ética Médica.

Marshal tinha, de fato, ordenado a ele que fizesse parte da força policial da profissão. E que, se ele quisesse se tornar um analista, não poderia se afastar de Marshal. Mas por que Marshal estava pressionando tanto? Ele deveria saber que o papel não era certo para Ernest. Quanto mais pensava no assunto, mais ansioso ficava. Não era uma sugestão inocente. Com certeza, Marshal estava lhe enviando uma espécie de mensagem retorcida, codificada. Talvez: "Veja com seus próprios olhos o

destino dos psiquiatras incontinentes."

Acalme-se, não faça disso um grande drama, disse Ernest a si mesmo. Talvez os motivos de Marshal fossem inteiramente benignos. Provavelmente, cumprir um mandato nesse comitê facilitaria a aceitação como candidato ao instituto de análise. Mesmo assim, Ernest não gostou da idéia. Sua natureza era entender alguém em termos humanos, não condenar. Ele tinha agido como policial somente uma vez antes, com Seymour Trotter, e, embora seu comportamento tenha sido publicamente impecável naquela ocasião, ele tinha resolvido nunca mais participar de outro julgamento.

Ernest olhou seu relógio: somente 18 minutos antes do primeiro de seus quatro pacientes da tarde. Comprou duas maçãs fuji crocantes de um armazém na Divisadero e as devorou enquanto voltava apressado ao consultório. Almoços rápidos de maçãs ou cenouras eram a mais recente de uma longa série de estratégias para perder peso, todas elas um estrondoso fracasso. Ernest estava tão faminto à noite que devorava o equivalente a vários almoços durante o jantar.

A simples verdade: Ernest era um glutão. Consumia comida em grande quantidade e nunca perderia peso meramente trocando as proporções durante o dia. A teoria de Marshal (que Ernest secretamente considerava uma bobagem analítica) era que ele fazia demais as vezes de uma mãe na terapia, permitia-se ser sugado até quase secar por seus pacientes, que se empanturrava para encher seu vazio. Na supervisão, Marshal tinha repetidamente incitado-o a dar menos e a dizer menos, limitando-se a apenas três ou quatro interpretações a cada consulta.

Dando uma olhadela em todas as direções — Ernest detestaria que um paciente o visse comendo —, ele continuou a refletir sobre a sessão de supervisão. "O general torcendo as mãos diante dos soldados na véspera de uma batalha!" Soava bem. Tudo o que Marshal disse naquele atrevido sotaque bostoniano soava bem. Quase tão bem quanto a palestra em Oxford dos dois analistas britânicos no Departamento de Psiquiatria. Ernest ficou maravilhado com a maneira como ele e todos os demais se prenderam a cada palavra deles, mesmo que ainda não tivesse ouvido nenhum deles expressar um pensamento original.

E também Marshal soava bem. Mas o que ele realmente tinha dito? Que Ernest deveria se ocultar, que deveria esconder quaisquer dúvidas ou incertezas. E quanto ao general retorcendo as mãos — que tipo de analogia foi aquela? Que diabo o campo de batalha tem a ver com ele e o Justin? Estaria ocorrendo uma guerra? Seria ele um general? Justin, um soldado? Puro sofisma!

Esses pensamentos eram perigosos. Nunca antes Ernest tinha se permitido ser tão crítico de Marshal. Ele chegou ao consultório e começou a esquadrinhar suas anotações em preparação para seu próximo paciente. Ernest não se permitia nenhum tempo ocioso para devaneios pessoais quando estava prestes a atender um paciente. Pensamentos hereges sobre Marshal teriam de esperar. Uma das regras fundamentais de terapia de Ernest era dar a cada paciente cem por cento de sua atenção.

Ele freqüentemente citava esta regra quando os pacientes reclamavam que pensavam nele muito mais do que ele pensava neles, que ele não era nada mais que um amigo alugado por hora. Ele geralmente respondia que, quando ele estava com eles no aqui-e-agora da hora de terapia, ele estava inteira e integralmente com eles. Sim, é claro que eles pensavam mais nele do que ele neles. Como poderia ser de outra maneira? Ele tinha muitos pacientes, eles tinham um único terapeuta. Seria de alguma maneira diferente para o professor com muitos alunos ou um pai ou mãe com muitos filhos? Ernest muitas vezes ficava tentado a dizer aos pacientes que, quando ele estivera em terapia, tinha sentido as mesmas coisas por *seu* terapeuta, mas esse era exatamente o tipo de revelação que provocava a mais severa crítica de Marshal.

"Pelo amor de deus, Ernest", ele diria. "Guarde alguma coisa para os amigos. Seus pacientes são clientes profissionais, *não* seus amigos." Mas, ultimamente, Ernest estava começando a questionar mais seriamente a discrepância entre as *personas* pessoal e profissional de uma pessoa.

Seria tão impossível que terapeutas fossem genuínos, fossem autênticos em todos os encontros?

Ernest pensava numa fita que tinha recentemente ouvido do Dalai Lama falando a uma platéia de professores budistas. Um dos membros da platéia tinha lhe perguntado sobre a exaustão do professor e se seria aconselhável um tempo de folga estruturado. O Dalai Lama deu uma risadinha e disse: "O Buda *de folga?* Jesus Cristo *de folga?*"

Mais tarde naquela mesma noite, durante o jantar com seu velho amigo Paul, ele voltou a esses pensamentos. Paul e Ernest se conheciam desde a sexta série e sua amizade tinha se solidificado durante a escola de medicina e residência na Johns Hopkins, quando dividiram um quarto numa pequena casa branca em Mount Vernon Place, em Baltimore.

Nos últimos anos, sua amizade vinha sendo conduzida principalmente por telefone, já que Paul, recluso por natureza, vivia num terreno de oito hectares coberto de bosques no contraforte de Sierra, a três horas de carro de São Francisco. Eles tinham feito uma promessa de passar uma noite por mês juntos. Às vezes, ele se encontravam a meio caminho e, outras vezes, alternavam a viagem de carro. Este tinha sido o mês de Paul viajar e eles se encontraram para um jantar cedo. Paul nunca mais passara a noite; sempre misantrópico, tinha se tornado cada vez mais à medida que envelhecia e tinha recentemente desenvolvido uma forte aversão a dormir em qualquer lugar que não fosse sua própria cama. Ficava impassível às interpretações de Ernest sobre o pânico homossexual ou suas gozações sobre enfiar seu amado cobertor e colchão no carro.

A crescente satisfação de Paul com as jornadas interiores era uma fonte de aborrecimento para Ernest, que sentia falta do seu companheiro de viagens dos anos anteriores. Embora Paul fosse extremamente culto em psicoterapia — certa vez ele tinha passado um ano como candidato no Instituto Junguiano

de Zurique —, sua predileção pela vida rural limitava seu suprimento de pacientes de psicoterapia de longo prazo. Ele ganhava a vida principalmente como um psicofarmacologista numa clínica psiquiátrica do condado. Mas esculpir era sua verdadeira paixão. Trabalhando em metal e vidro, ele dava uma forma gráfica às suas mais profundas preocupações psicológicas e existenciais. A peça favorita de Ernest era aquela que tinha sido dedicada a ele: uma enorme tigela de barro contendo uma pequena figura em bronze que agarrava uma grande rocha enquanto examinava inquisitivamente por sobre a borda. Paul a tinha chamado de *Sísifo curtindo a paisagem.*

Jantaram no Grazie, um pequeno restaurante em North Beach. Ernest foi diretamente do consultório, vestido elegantemente num paletó cinza-claro com um colete em xadrez preto e verde. O traje de Paul — botas de caubói, camisa xadrez e gravata fininha presa por uma grande pedra azul-turquesa — não condizia com sua barba professoral pontuda e seus óculos de aro grosso. Parecia um cruzamento entre Spinoza e Roy Rogers.

Ernest pediu uma refeição enorme, enquanto Paul, um vegetariano, desagradou o garçom italiano por recusar todas as suas sugestões e pedir apenas uma salada e *zuechini* marinado grelhado. Ernest não perdeu tempo para começar a contar a Paul sobre os eventos da sua semana. Mergulhando *afocaccia* em azeite de oliva, ele descreveu seu encontro na livraria com Nan Carlin e continuou com a queixa sobre ter fracassado com as três mulheres que tinha abordado naquela semana.

—Aqui está você, num tesão dos infernos — disse Paul, olhando detidamente através de seus óculos grossos e apanhando ligeiramente a sua salada de *radiechio* —, e ouça o que você está falando: uma linda mulher vem atrás de você e, por causa de alguma desculpa disparatada de tê-la visto vinte anos atrás...

—Não de tê-la "visto", Paul; fui seu terapeuta. E isso aconteceu há dez anos.

—Dez anos, então. Porque ela foi membro do seu grupo por algumas sessões dez anos atrás, meia geração atrás, você não pode ter um relacionamento diferente com ela agora? Ela provavelmente está com fome de sexo e a melhor coisa que você poderia ter lhe oferecido era o seu pau.

—Esperai, Paul, fale sério... Garçom! Mais *focaccia,* azeite e Chianti, por favor.

—*Estou* falando sério — continuou Paul. — Sabe por que você não chegou a ir pra cama? Ambivalência. Um oceano, um grande oceano de ambivalência.

É um motivo diferente a cada vez. Com Myrna, você estava com medo de que da se apaixonasse por você e ficasse permanentemente magoada. Com a não-sei-quem do mês passado, você estava com medo de que ela percebesse que você só estava interessado nos grandes seios dela e ela se sentisse usada. Com Marcie, você temia que uma travessura na cama com você destruísse o casamento dela. As letras são diferentes, mas a música é sempre a mesma: a dama admira você, você age com nobreza, não se deita, a dama o respeita ainda mais e, então, ela volta para casa, para a cama com o seu vibrador.

Não posso ligar e desligar. Não posso ser um modelo de responsabilidade durante o dia e, à noite, ficar na fila da curra.

— Na fila da curra? Ouça você falando! Você não consegue acreditar queexistam muitas mulheres interessadas em alívio sexual casual como nósestamos. Tudo o que estou dizendo é que você mesmo se encurralou num becosem saída de tesão piedoso. Você assume muita responsabilidade "terapêutica"por toda mulher, não lhes dá aquilo que elas possam realmente querer.

O argumento de Paul foi um golpe certeiro. De uma maneira curiosa, era parecido com o que Marshal vinha dizendo há anos: não usurpe a responsabilidade pessoal de todos os demais. Não almeje ser a mama universal. Se quiser que as pessoas cresçam, ajude-as a aprender a ser sua própria mãe e seu próprio pai. Apesar da rabugice misantrópica do Paul, seus *insights* eram invariavelmente incisivos e criativos.

—Paul, não vejo exatamente você ministrando as necessidades de peregrinas sexualmente carentes.

—Mas você não me vê reclamando. Não sou aquele que está sendo levado para cá e para lá pelo seu membro. Não mais. E não sinto falta disso. Envelhecer não é ruim. Acabei de terminar uma ode à "tranqüilidade gonadal".

— Ugh! "Tranqüilidade gonadal!" Realmente vejo isso gravado no tímpano do seu mausoléu.

— *Tímpano?* Boa palavra, Ernest. — Paul a anotou no seu guardanapo eenfiou-o no bolso da camisa xadrez de flanela. Ele tinha começado a escreverpoesia para acompanhar cada uma das suas peças de escultura e coligia palavras interessantes. — Mas não estou morto, apenas sossegado. Pacífico. Nãoo cara que está fugindo da coisa jogada no meu colo. Aquela na livraria quequer um pouco de sexo de psiquiatra? Mande-a para mim. Garanto que não

desenterrarei alguma desculpa para não ir pra cama com ela. Diga-lhe que ela pode contar com um homem esclarecido e, ao mesmo tempo, voraz.

—Falei sério sobre apresentá-lo a Irene, aquela mulher bem-arrumada que conheci através dos anúncios pessoais. Você está mesmo interessado?

—Só se ela ficar agradecida com o que receber, não ficar se intrometendo na minha casa e dirigir de volta para casa na mesma noite. Ela pode espremer qualquer coisa que quiser, contanto que não seja suco de laranja de manhã.

Ernest levantou o olhar do seu minestrone para captar o sorriso de Paul. Mas não havia nenhum sorriso. Só os olhos arregalados de Paul olhando atentamente através de seus óculos grossos. — Paul, vamos ter que enfrentar isto. Você está sendo levado até a misantropia terminal. Mais um ano e você terá se mudado para uma caverna da montanha com uma imagem de São Jerônimo na parede.

—Santo Antônio, você quer dizer. São Jerônimo viveu no deserto e se associou aos pedintes. Detesto pedintes. E o que você tem contra as cavernas?

—Não muito, só os insetos, o frio, a umidade, a escuridão, a cavernosidade — ah, que inferno, este projeto é grande demais para esta noite, especialmentesem a cooperação do sujeito em questão.

O garçom se aproximou, olhou para baixo avaliando a entrada de Ernest.

— Deixe-me adivinhar quem fica com o quê. O ossobuco, o *fagiolini* e oacompanhamento do *gnoechi alpesto* devem ir para você? — ele perguntou,colocando-os na frente do Paul num gesto brincalhão. — E você — voltando-separa o Ernest —, você vai adorar estes vegetais frios secos.

Ernest riu. — *Zucchini* demais. Não consigo comer tudo isso! — Ele trocou os pratos e pôs mãos à obra. — Fale a sério comigo sobre o meu paciente Justin — disse entre os bocados de comida — e a orientação que estou recebendo do Marshal. Isto realmente está me deixando agitado, Paul. Por um lado, o Marshal parece saber o que está fazendo, quero dizer, afinal, existe um corpo de conhecimento real neste negócio. A ciência da psicoterapia tem quase cem anos...

—Ciência? Está gozando? Droga, quase tão científico quanto a alquimia. Talvez menos!

—Tá certo. A arte da terapia... — Ernest percebeu a carranca de Paul e tentou se corrigir. — Ah, você sabe o que quero dizer... o campo, o empreendimento... O que quero dizer é que, durante cem anos, houve muitas pessoas brilhantes neste campo. Freud não era intelectualmente indolente, você sabe. Não são muitos os que estão à altura dele. E todos esses analistas gastando décadas, milhares, dezenas de milhares de horas ouvindo os pacientes. É esse o argumento de Marshal: que seria o ponto culminante da arrogância ignorar tudo o que eles aprenderam, simplesmente para inventar tudo de novo, para inventar enquanto vou em frente.

Paul balançou a cabeça. — Não aceite esta estupidez de que ouvir invariavelmente gera conhecimento. Há coisas como o ouvir indisciplinado, como a concretização do erro, como a desatenção seletiva, como as profecias que se auto-realizam, como incitar inconscientemente o paciente a lhe dar o material que você quer ouvir. Quer fazer uma coisa interessante? Vá até as estantes da biblioteca, escolha um texto de hidroterapia do século XIX, não um resumo histórico, mas o texto original. Vi textos de mil páginas com as mais precisas instruções; você sabe, temperatura da água, duração da imersão, força do borrifo, a seqüência correta de calor e frio, e tudo calibrado para cada tipo específico de diagnóstico. Bem impressionante, bem quantitativo, bem científico, mas não tem nenhuma maldita coisa a ver com a realidade. Portanto, não fico impressionado com a "tradição", e você também não deveria. Outro dia, algum especialista em eneagrama reagiu a uma contestação alegando que o eneagrama tinha suas raízes nos antigos textos sagrados sufistas. Como se quisesse dizer que deveria ser levado a sério. Tudo o que provavelmente significava, e ele não gostou que eu lhe dissesse, era que num grupo informal de discussão, há muitíssimo tempo atrás, alguns condutores de camelo, reunidos em torno de pilhas de estéreo seco, remexiam aqueles do seu camelo na areia e desenhavam diagramas da personalidade.

— Estranho — fico me perguntando por que ele não gostou disso — disse Ernest, enquanto acabava com o que restava do molho *de pesto* com um naco *de focaccia.*

Paul continuou. — Sei no que você está pensando: misantropia terminal, especialmente com os especialistas. Contei sobre minha decisão de Ano-Novo? Irritar um especialista todos os dias! Essa pose dos especialistas, é tudo LI ma farsa. A verdade é que muitas vezes não sabemos que diabo estamos fazendo. Por que não sermos verdadeiros, por que não admiti-lo, por que não ser um ser humano com o seu paciente?

"Já lhe contei", Paul continuou,"sobre minha análise em Zurique? Consultei um dr. Feifer, um cara da velha-guarda, que tinha sido um associado próximo de Jung. Falou sobre auto-revelação do terapeuta! Este cara me contava os sonhos *dele,* especialmente se um sonho me envolvia ou até se envolvia remotamente algum tema mesmo que remotamente relevante para a minha terapia. Você

leu as *Memórias, sonhos, reflexões* de Jung?"

Ernest assentiu. — É, um livro bizarro. Desonesto também.

—Desonesto? Desonesto como? Coloque isso na agenda do mês que vem. Mas, por ora, lembra dos comentários dele sobre o curador ferido?

—Que somente o curador ferido pode verdadeiramente curar?

—O velho foi mais adiante disso. Disse que a situação terapêutica ideal ocorria quando o paciente trazia o emplasto perfeito para a ferida do terapeuta.

—*O paciente* ministra na ferida do terapeuta? — perguntou Ernest.

—Exatamente! Imagine só as implicações disso! Explode a sua droga da sua cabeça! E o que quer mais que você pense de Jung, Deus sabe que ele não era nenhum palerma. Não da classe de Freud, mas perto. Bem, muitos do círculo inicial de Jung adotaram essa idéia bem literalmente e trabalhavam em seus próprios problemas quando eles surgiam na terapia. Meu analista não apenas me contou os seus sonhos; entrou em um material muito pessoal nas interpretações dele sobre os sonhos, inclusive, em certa ocasião, seus ardentes desejos homossexuais por mim. Nessa hora, quase que saí em disparada do consultório dele. Descobri mais tarde que ele não estava realmente interessado no meu traseiro peludo. Estava ocupado demais trepando com duas de suas pacientes mulheres.

—Aprendeu isso do decano, tenho certeza — disse Ernest.

— Sem dúvida. O velho Jung não tinha nenhum escrúpulo em dar em cima das pacientes mulheres. Aqueles primeiros analistas eram inteiramente predatórios, praticamente cada um deles. Otto Rank estava trepando com Anais Nin, Jung estava trepando com Sabina Spielrein e Toni Wolff, e Ernest Jones trepou com todo mundo, teve que sair de pelo menos duas cidades por causa de escândalo sexual. E, é claro, Ferenczi teve dificuldade em manter suas mãos longe de seus pacientes. Praticamente o único que não fez foi o próprio Freud.

— Provavelmente porque estava ocupado demais se dedicando à Minna, sua cunhada.

—Não, não acho — replicou Paul. — Nenhuma evidência real para isso. Acho que Freud teve uma chegada prematura à tranqüilidade gonadal.

—Obviamente você tem sentimentos tão fortes quanto eu sobre ser predador das pacientes mulheres. Então, como você estava no meu caso, há alguns minutos, quando lhe contei sobre a ex-paciente que encontrei na livraria?

—Sabe o que essa cena me fez lembrar? O meu tio ortodoxo Morris, que se mantinha tão *kosher* que não comia um sanduíche de quejjo numa lanchonete *não-kosher:* ele tinha medo de que pudesse ter sido cortado com uma faca que tivesse cortado antes um sanduíche de presunto. Há responsabilidade e há fanatismo com máscara de responsabilidade. Que diabo, lembro-me das nossas horas sociais no Hopkins com estudantes de enfermagem: você invariavelmente saía de lá correndo e voltava para o seu romance, ou, então, ia atrás daquela que fosse mais receptiva. Lembra da Matilda Gallo? Nós a chamávamos de "Matilda Galinha"? É essa que você escolheria! E aquela maravilhosa que costumava segui-lo por toda a parte, você a evitava como quem evita a peste. Como ela se chamava?

—Betsy. Ela parecia incrivelmente frágil e, mais, o namorado dela era um detetive da polícia.

—Olha aí, é isso que eu quero dizer! Fragilidade, namorado. Ernest, esses problemas são *dela,* não seus. Quem é que o nomeou terapeuta mundial? Mas deixe-me terminar de contar sobre este dr. Feifer. Em várias ocasiões, ele costumava trocar de cadeira comigo.

—Trocar de cadeira?

—Literalmente. Algumas vezes, bem no meio da consulta, ele se levantava e sugeria que eu me sentasse na cadeira dele e ele, na minha. Ele poderia começar a falar sobre as suas dificuldades pessoais com o problema que eu estava discutindo. Ou, então, poderia revelar alguma forte contratransferência e trabalhar nisso na mesma hora.

—Isto é parte do cânone junguiano?

—De uma certa maneira, sim. Ouvi dizer que Jung fez alguma experimentação com esta estranha figura chamada Otto Gross.

—Qualquer coisa escrita sobre isto?

—Não tenho certeza. Sei que Ferenczi e Jung conversaram sobre troca de cadeiras e fizeram experiência com isso. Nem mesmo tenho certeza de quem fez isso com quem.

—Então, o que seu analista revelou a você? Dê um exemplo.

—A revelação de que me lembro com mais nitidez tinha a ver com o fato de eu ser judeu. Embora ele pessoalmente não fosse anti-semita, o pai foi um simpatizante nazista suíço e ele tinha uma grande vergonha disso. Ele me contou que foi seu principal motivo para se casar com uma mulher judia.

—E como isso afetou sua análise?

—Bem, olhe para mim! Já viu alguém mais integrado?

—Certo. Mais uns dois anos com ele e, a esta altura, você já teria levantado uma parede de tijolos na entrada da caverna! Sério, Paul, o que isso fez?

—Você sabe o quanto é difícil a atribuição, mas minha melhor leitura é que a revelação dele nunca atrapalhou o processo. De um modo geral, ajudou. Me libertou, me permitiu acreditar nele. Lembre-se que, em Baltimore, consultei três ou quatro analistas ríspidos e nunca voltei para uma segunda sessão.

—Eu fui bem mais submisso do que você. Olivia Smithers foi a primeira analista que consultei e fiquei com ela por cerca de seiscentas horas. Ela era uma analista didata e, portanto, imaginei que ela deveria saber o que estava fazendo e se eu não conseguisse entender, então o problema era meu. Grande erro. Gostaria de ter de volta aquelas seiscentas horas. Ela não compartilhou nada sobre ela mesma. Nunca tivemos um momento honesto entre nós.

—Bom, não quero lhe dar a idéia errada do meu relacionamento com Feifer. Revelação *à la suisse* não significa necessariamente verdadeira. Na maior parte do tempo, ele não se relacionava comigo. Sua auto-revelação era pontuada. Ele não olhava para mim, sentava-se a cerca de três metros de distância e, então, repentinamente, ele se abriria num estalo como uma caixa de surpresas e me contaria o quanto queria decapitar o pai ou trepar com a irmã. Então, no minuto seguinte, ele voltaria, num estalar de dedos, à *sua persona* rígida, arrogante.

—Estou mais interessado no contínuo realismo do relacionamento — disse Ernest. — Pense naquela sessão com o Justin que eu lhe contei. Ele deve ter percebido que eu estava magoado com ele, que estava sendo mesquinho. Vejo o paradoxo em que eu o coloquei: primeiro, digo a ele que a finalidade da minha terapia é melhorar seu modo de se relacionar com os outros. Segundo, tento formar um relacionamento autêntico com ele. Terceiro, acontece uma situação em que ele percebe, com grande precisão, algum aspecto problemático do nosso relacionamento. Então, pergunto a você: se eu negar a observação correta dele, de que mais você pode chamar isso senão antiterapia?

—Por Deus, Ernest, você não acha que poderia estar perseverando num único e minúsculo evento na história da humanidade? Sabe quantos pacientes atendi hoje? Vinte e dois! E isso porque parei cedo para vir dirigindo até aqui. Dê a esse sujeito um pouco de Prozac e marque uma consulta de 15 minutos em semanas alternadas. Você realmente acha que ele estaria pior?

—Que inferno, esqueça isso, Paul, já passamos por essa discussão. Fique comigo nesta única vez.

—Bem, então simplesmente o faça. Execute o experimento; troque de cadeiras durante a sessão e seja um verdadeiro contador da verdade. Você diz que o vê três vezes por semana. Você quer que ele desmame de você, que ele o desidealize; portanto, mostre-lhe algumas das suas limitações. Quais seriam os riscos?

—Provavelmente poucos riscos com Justin, exceto que, depois de tantos anos, ele ficaria confuso com uma mudança radical na técnica. A idealização é tenaz. Poderia até ser um tiro pela culatra. Conhecendo o Justin, ele provavelmente me idealizaria ainda mais por ser tão honesto.

—E daí? Você então chamaria a atenção dele para *isso.*

—Tem razão, Paul. A verdade é que o verdadeiro risco não é para o paciente, mas para *mim.* Como posso ser supervisionado pelo Marshal e fazer algo ao qual ele se opõe com tanta intensidade? E certamente não posso mentir a um supervisor. Imagine pagar 160 dólares por hora para mentir.

—Talvez você seja profissionalmente um adulto. Talvez tenha chegado a hora de parar de consultar Marshal. Ele pode até concordar com isso. Você teve seu aprendizado.

—Rá! No mundo da análise, nem sequer comecei. Preciso de uma análise didática completa, talvez quatro ou cinco anos, anos de aulas, anos de supervisão intensiva nos meus casos de treinamento prático.

—Bem, isso ocupa perfeitamente bem o restante da sua vida — Paul respondeu. — É o *modus operandi* da ortodoxia. Eles asfixiam um jovem e perigoso cérebro que está florescendo no estrume da doutrina durante alguns anos até que ele passe a semear. Então, quando a última partícula de criatividade tiver sido soprada e eliminada, eles diplomam o iniciado e confiam que ele, em sua imbecilidade, perpetue o santo livro. É desse jeito que funciona, não é? Qualquer contestação de um *trainee* seria interpretada como resistência, não seria?

—Algo assim. Com toda a certeza, Marshal interpretaria qualquer experimentação como encenação ou, como ele o coloca, como minha incontinênciaterapêutica.

Paul fez um sinal para o garçom e pediu um café expresso. — Existe uma longa história de terapeutas fazendo experiências com auto-revelação. Acabei de começar a ler os novos diários clínicos de Ferenczi. Fascinante. Do círculo íntimo de Freud, só o Ferenczi teve a coragem de desenvolver tratamentos mais eficientes. O velho estava ele próprio muito preocupado com a teoria, o cuidado e a preservação do seu movimento para prestar muita atenção para os resultados clínicos. Além disto, acho que ele era cínico demais, estava convencido demais da inexorabilidade do desespero humano, para esperar que qualquer mudança real pudesse ocorrer a partir de qualquer forma de tratamento psicológico. Logo, Freud tolerava Ferenczi, amava-o de uma forma, tanto quanto era capaz de amar uma pessoa. Costumava levar Ferenczi nas férias com ele e analisá-lo enquanto caminhavam juntos. Mas todas as vezes que Ferenczi ia longe demais na sua experimentação, todas as vezes que seus procedimentos ameaçavam dar à psicanálise uma má fama, então Freud atacava com dureza, muita dureza. Existe uma carta de Freud repreendendo Ferenczi por entrar na sua terceira puberdade.

—Mas Ferenczi não mereceu isso? Não estava dormindo com pacientes?

—Não tenho tanta certeza assim. É possível, mas acho que ele estava atrás do mesmo objetivo que você: alguma maneira de humanizar o procedimento terapêutico. Leia o livro. Acho que o livro traz um material interessante sobre aquilo que ele chama de análise "dupla" ou "mútua": ele analisa o paciente por uma hora e a hora seguinte o paciente o analisa. Vou te emprestar o livro, assim que você devolver os outros 14. E todas as multas vencidas.

—Obrigado, Paul. Mas já o tenho. Está na minha estante de cabeceira esperando a sua vez. Mas

sua oferta de um empréstimo... Fico comovido com ela para não dizer desconcertado.

Durante vinte anos, Paul e Ernest tinham recomendado livros reciprocamente, principalmente romances, mas também não-ficção. A especialidade de Paul eram os romances contemporâneos, em particular aqueles ignorados ou repudiados pelo *establishment* nova-iorquino, enquanto Ernest ficava deliciado em conseguir surpreender Paul com escritores mortos, praticamente esquecidos, como Joseph Roth, Stefan Zweig ou Bruno Shulz. Emprestar livros estava fora de questão. Paul não gostava de partilhar, nem mesmo comida, sempre frustrando o desejo de Ernest de dividir as entradas. As paredes da casa de Paul estavam cobertas de livros e ele freqüentemente passava os olhos por eles, sentindo novamente a alegria de vivenciar velhas amizades com cada um. Ernest também não gostava de emprestar livros. Lia até mesmo os fugazes livros de suspense, aqueles de se ler de uma só vez, com lápis na mão, sublinhando partes que o comoveram ou o fizeram pensar, possivelmente para usar em seus próprios textos. Paul procurava por palavras e imagens poéticas e interessantes,Ernest por idéias.

Quando chegou em casa naquela noite, Ernest passou uma hora passando os olhos no diário de Ferenczi. Também começou a pensar sobre os comentários de Seymour Trotter sobre contar a verdade na terapia. Seymour disse que devemos mostrar aos pacientes que comemos a comida que nós cozinhamos, que, quanto mais abertos, quanto mais genuínos nos tornarmos, mais eles seguirão o exemplo. Apesar da desonra terminal de Trotter, Ernest intuiu que havia nele um quê de mago.

E se ele seguisse a sugestão de Trotter? Revelar-se totalmente a um paciente? Antes que a noite tivesse terminado, Ernest tomou uma ousada decisão: conduziria um experimento empregando uma terapia radicalmente igualitária. Ele se revelaria inteiramente, tendo um único objetivo: estabelecer um autêntico relacionamento com esse paciente e partir da premissa de que o relacionamento, *somente o relacionamento e por si só,* seria curativo. Nada de reconstrução história, nada de interpretações do passado, nada de explorações do desenvolvimento psicossexual. Ele não se concentraria em nada além daquilo que estivesse entre ele e o paciente. E ele começaria o experimento imediatamente.

Mas quem seria o paciente experimental? Nenhum dos seus atuais pacientes; a transição de seu velho para o seu novo método seria desastrosa. Melhor, muito melhor, fazer um novo começo com um novo paciente.

Ele pegou sua agenda de compromissos e examinou a agenda do dia seguinte. Havia uma nova paciente chegando às dez da manhã — uma Carolyn Leftman. Ele não sabia nada dela exceto que veio por conta própria, tendo ouvido a palestra dele na livraria Printers Inc. em Palo Alto. "Bem, quem quer que você seja, Carolyn Leftman, você está prestes a entrar numa experiência terapêutica inédita", disse ele, e então desligou a luz.

SEIS

Às 9:45h, Carol chegou ao consultório de Ernest e, seguindo as instruções dadas a ela quando telefonou para marcar a consulta, entrou sem ser anunciada à sala de espera. Como a maioria dos psiquiatras, Ernest não usava recepcionista. Carol tinha chegado deliberadamente cedo para ter alguns minutos para se acalmar, ensaiar a história clínica que tinha inventado e mergulhar no seu papel. Sentou-se no mesmo sofá de couro verde que Justin habitualmente usava. Apenas duas horas antes, Justin tinha subido impetuoso e alegremente as escadas e amarrotado o mesmo acolchoado em que agora Carol estava sentada.

Ela serviu-se de um pouco de café, sorveu lentamente em pequenos goles e, então, respirou profundamente várias vezes para sentir o cheiro da ante-câmara de Ernest. *Então é esta,* ela pensou enquanto seus olhos davam um giro pela sala; *é esta a sala de guerra onde este detestável homem e meu marido conspiraram contra mim por tanto tempo.*

Ela examinou os móveis. Hediondos! A tapeçaria de parede de mau gosto — sobrevivente da

feira da rua Haight dos anos 1960 —, as poltronas emboloradas, as fotografias amadoras de São Francisco, inclusive a cena obrigatória das casas vitorianas da praça Alamo. *Deus me livre de mais fotografias domésticas de psiquiatra,* pensou Carol. Ela teve um calafrio com a lembrança do consultório do dr. Cooke em Providence, de se deitar naquele surrado tapete persa e olhar fixamente nas paredes as fotos do sonolento nascer do sol de Truro enquanto o médico segurava suas nádegas com as mãos congeladas e, com grunhidos sombrios e silenciosos, impelia vigorosamente dentro dela a afirmação sexual de que, dizia ele insistentemente, ela precisava.

Ela tinha gasto mais de uma hora se vestindo. Querendo parecer sensual, porém carente e vulnerável, ela tinha passado das meias de seda até a longa saia estampada, da transparente blusa de cetim até o suéter magenta de *cashmere.* Finalmente, decidiu por uma saia preta curta, um suéter justo com nervuras, também preto, e uma corrente de ouro simples. Debaixo disso, um sutiã de renda novinho em folha, bem acolchoado e que levantava os seios, comprado especialmente para a ocasião. Não tinha sido à toa que ela tinha estudado a interação de Ernest com Nan na livraria. Somente um tolo cego teria deixado de perceber seu interesse pueril pelos seios. Aquele asqueroso grudento — e aqueles lábios tremendo, babando. Ele tinha praticamente se inclinado e começado a sugar. Pior ainda, ele era tão presunçóso, tão cheio de si, que provavelmente nunca tinha lhe ocorrido que as mulheres percebem seu olhar malicioso. Já que Ernest não era alto, mais ou menos da altura do Justin, ela usou sapatos baixos. Ela pensou em usar meias pretas rendadas, mas as rejeitou. Não ainda.

Ernest entrou na sala de espera e ofereceu sua mão. — Carolyn Leftman? Sou Ernest Lash.

—Como vai, doutor? — disse Carol, apertando sua mão.

—Por favor, entre, Carolyn — disse Ernest, fazendo um gesto para ela se sentar na poltrona em frente à dele. — Aqui sendo a Califórnia, costumo tratar meus pacientes pelo primeiro nome. "Ernest" e "Carolyn" estaria bem para você?

—Tentarei me acostumar, doutor. Pode ser que eu leve algum tempo. — Ela o seguiu para dentro do consultório e rapidamente apreendeu o ambiente. Duas poltronas baratas de couro colocadas em ângulos retos para que tanto o médico quanto o paciente tivessem que virar ligeiramente para olhar de frente. No chão, um surrado tapete Kashan falso. E contra uma das paredes, o divã obrigatório — bom! —, acima do qual estava pendurado um par de diplomas emoldurados. O cesto de lixo estava cheio, com alguns papéis amassados, com manchas visíveis de gordura, provavelmente direto do Burger King. Um biombo mexicano em mau estado, feito de madeira compensada e corda puída, estava em frente à abarrotada mesa de Ernest, que estava com pilhas altas de livros e papéis e eram coroadas com um grande monitor de computador. Nenhuma evidência de qualquer sensibilidade estética. Nem o menor vestígio do toque de uma mulher. Bom!

Sua cadeira dava a impressão de ser dura e nada convidativa. No início, ela resistiu a colocar todo o seu peso nela, abraçando-se com os braços. A cadeira de Justin. Durante quantas horas, horas que ela pagara, Justin tinha se sentado nesta cadeira e a violado? Ela tremeu ao imaginar ele e este asno, sentados neste consultório, suas gordas cabeças juntas, fazendo planos contra ela.

Numa voz bem agradável, ela disse: — Obrigada por me atender tão rápido. Senti que estava no limite das minhas forças.

—Você pareceu sob pressão no telefone. Vamos começar pelo começo — disse Ernest, pegando seu bloco de anotações. — Conte-me tudo que preciso saber. Da nossa rápida conversa, sei apenas que seu marido tem câncer e que você me telefonou depois de me ouvir numa livraria.

—É isso. Depois, eu li seu livro. Fiquei bem impressionada. Por muitas coisas: sua compaixão, sua sensibilidade, sua inteligência. Nunca tive muito respeito pela terapia ou pelos terapeutas que conheci. Com uma única exceção. Mas quando o ouvi falar, tive a forte sensação de que você e só você poderá ser capaz de me ajudar.

Oh, Deus, pensou Ernest, *é esta a paciente que escolhi para a terapia de contar a verdade, para um*

relacionamento intransigentemente honesto, e aqui estamos nós, logo no primeiro minuto, decolando para o mais falso dos inícios. Só que ele se lembrava bem demais a sua luta com a própria sombra naquela noite na livraria. Mas o que ele poderia dizer a Carolyn? Certamente não a verdade! Que ele oscilava para a frente e para trás entre seu pênis e seu cérebro, entre o desejo ardente por Nan e a preocupação por seu tema e sua platéia. Não! Disciplina! Disciplina! Naquela hora e lugar, Ernest começou a desenvolver um conjunto de princípios diretores para sua terapia de contar a verdade. Primeiro princípio: *Revele de si próprio somente o que possa ser útil ao paciente.*

Fiel a isto, Ernest deu uma resposta honesta, porém comedida: — Tenho algumas respostas diferentes ao seu comentário, Carolyn. Naturalmente, fico satisfeito com seus elogios. Mas, ao mesmo tempo, não me sinto à vontade com sua sensação de que somente eu posso ajudá-la. Porque sou também um escritor e, aos olhos do público, as pessoas tendem a me imbuir com mais sabedoria e conhecimento terapêutico do que possuo.

"Carolyn", ele continuou,"digo isto a você porque, se descobrirmos que não trabalhamos bem juntos por qualquer que seja o motivo, quero que você saiba que existem muitos terapeutas nesta comunidade tão competentes quanto eu. Deixe-me acrescentar, porém, que darei o melhor de mim para corresponder às suas expectativas."

Ernest sentiu um cálido arrebatamento. Satisfeito consigo mesmo. Nada mau. Nada mau mesmo.

Carol exibiu um sorriso de admiração. *Nada pior,* ela pensou, *que uma falsa humildade. Bastardo pretencioso! E se ele continuar dizendo "Carolyn" a cada duas sentenças, vou vomitar.*

— Então, Carolyn, vamos começar pelo começo. Primeiro, alguns fatos básicos sobre você mesma: idade, família, vida, situação no trabalho.

Carol tinha decidido tomar um meio-caminho entre a mentira e a verdade. Para evitar que ela própria caísse na armadilha de mentiras, ela ficaria o mais perto possível da verdade sobre sua vida e alteraria os fatos somente o quanto fosse necessário para evitar que Ernest percebesse que ela era a esposa do Justin. No início, planejou usar o nome Caroline, mas lhe pareceu muito estranho e ela se decidiu por Carolyn, esperando que fosse suficientemente distanciado de Carol. A trapaça veio fácil para ela. Voltou a olhar de relance o divã. *Isto não levaria muito tempo,* ela pensou. *Talvez apenas duas a três horas!*

Ela apresentou sua bem ensaiada história ao desprevenido Ernest. Tinha preparado cuidadosamente. Tinha comprado uma nova linha telefônica para casa, temendo que Ernest percebesse que ela tinha o mesmo número do Justin. Pagou em dinheiro para evitar a dificuldade de abrir uma conta com seu nome de solteira, Leftman. E tinha preparado um roteiro sobre sua vida, que era tão próximo da verdade quanto possível sem levantar as suspeitas do Ernest. Tinha 35 anos, contou ela a Ernest, advogada, mãe de uma filha de 8 anos, infeliz num casamento de nove anos com um homem que, há vários meses atrás, passou por uma cirurgia radical para câncer da próstata. O câncer voltou a aparecer e ele tinha sido tratado com orquiectomia, hormônios e quimioterapia. Ela também tinha planejado dizer que, em decorrência dos hormônios e da remoção cirúrgica dos testículos, ele tinha ficado impotente e ela, sexualmente frustrada. Mas, agora, pareceu que tudo isso de uma só vez era demais. Sem pressa. Tudo no devido tempo.

Em vez disso, tinha decidido concentrar esta primeira consulta na sua desesperada sensação de ter sido apanhada numa armadilha. Seu casamento, ela contou a Ernest, nunca tinha sido satisfatório e ela vinha pensando seriamente na separação, quando o câncer dele foi diagnosticado. Uma vez firmado o diagnóstico, o marido caiu num profundo desespero. Ficou aterrorizado pelo pensamento de morrer sozinho e ela não conseguiu levantar a questão de terminar o casamento. E, então, apenas alguns meses depois, o câncer voltou a aparecer. O prognóstico era sombrio. O marido lhe implorou que não o

deixasse morrer sozinho. Ela concordou e, agora, pelo resto da vida dele, da estava aprisionada. Ele tinha insistido que deveriam se mudar do meio-oesle para São Francisco para ficar perto do centro de tratamento de câncer da Universidade da Califórnia. Portanto, há cerca de dois meses, ela

deixou todos os amigos em Chicago, abandonou a carreira de advogada e mudou-se para São Francisco.

Ernest ouviu atentamente. Ficou surpreso com a similaridade da história dela com a de uma viúva que ele tinha tratado alguns anos antes, uma professora que estava prestes a pedir o divórcio quando o marido dela também desenvolveu câncer de próstata. Ela prometeu a ele que não o deixaria morrer sozinho. Mas o horror disso era que ele levou nove anos para morrer! Nove anos sendo sua enfermeira enquanto o câncer se espalhava lentamente por todo o seu corpo. Horrível! E depois da morte dele, ela ficou devastada pela raiva e arrependimento. Tinha jogado fora os melhores anos da vida por um homem de quem não gostava. Estaria aquilo no futuro de Carolyn? Ernest sentiu uma forte simpatia por ela.

Ele tentou empatizar, imaginar-se na situação dela. Percebeu a própria relutância. Como que mergulhando numa piscina fria. Que armadilha pavorosa!

— Diga-me, agora, de que maneira isto a afetou.

Carol recitou seus sintomas: insônia, ansiedade, solidão, crises de choro, um senso de futilidade sobre a sua vida. Não tinha ninguém com quem conversar. Certamente não com o marido. Eles nunca tinham conversado no passado e, agora, mais do que nunca, um grande abismo crescia entre os dois. Uma única coisa ajudava — maconha — e, desde que tinha se mudado para São Francisco, fumava dois ou três grandes cigarros por dia. Ela suspirou profundamente e caiu em silêncio.

Ernest examinou atentamente Carolyn. Uma mulher triste, atraente, com lábios finos torcidos nos cantos numa careta amarga; grandes olhos castanhos escuros, chorosos; cabelos pretos curtos encaracolados; pescoço longo e gracioso surgindo de um suéter justo de nervuras que abrigava os seios grandes e firmes e estava esticado nas pontas por mamilos resolutos; uma saia justa; um vislumbre da calcinha preta quando ela cruzava lentamente as pernas esguias. Em circunstâncias sociais, Ernest teria diligentemente dado em cima desta mulher, mas hoje ele estava impermeável ao seu feitiço sexual. Durante o curso de medicina, ele tinha aprendido o truque de apertar um botão e desligar toda a excilação sexual, até mesmo o interesse sexual, quando trabalhava com pacientes. Ele fez exames pélvicos a tarde toda na clínica de ginecologia praticamente sem um pensamento sexual e, então, mais tarde, naquela mesma noite, se fez de completo idiota tentando abrir caminho até as calcinhas de alguma enfermeira.

O *que ele poderia jazer por Carolyn?,* se perguntou. Seria este realmente um problema psiquiátrico? Talvez ela fosse simplesmente uma vítima inocente que aconteceu de estar no lugar errado na hora errada. Sem dúvida, numa época anterior, ela teria consultado o padre em busca de consolo.

E, talvez, um consolo sacerdotal fosse exatamente o que ele deveria estar oferecendo. Certamente havia algo a ser aprendido dos dois mil anos da Igreja na questão da terapia. Ernest sempre especulara sobre o treinamento dos sacerdotes. O quanto eles eram realmente bons em oferecer consolo? Onde aprenderam sua técnica? Cursos sobre consolação? Cursos sobre aconselhamento no confessionário? Certa vez, a curiosidade de Ernest o tinha levado a fazer uma pesquisa de literatura na biblioteca sobre o aconselhamento confessório católico. Ele não tinha encontrado nada. Em outra ocasião, ele tinha investigado num seminário local e soube que os currículos não ofereciam nenhum treinamento psicológico explícito. Uma vez, enquanto visitava uma catedral deserta em Xangai, Ernest entrou sorrateiramente no confessionário e, por trinta minutos, sentou-se no assento do padre, inalando o ar católico e murmurando, repetidamente: "Você está perdoado. Meu filho, você está perdoado!" Ele emergiu do confessionário cheio de inveja. Que poderosas as armas jovianas contra o desespero que os padres brandiam; em contraste, seu próprio arsenal secular de interpretações e confortos das criaturas pareceu insignificante, de fato.

Uma viúva a quem ele tinha orientado durante o período de luto e que ainda voltava ocasionalmente para uma sessão de ajuste certa vez se referiu ao papel dele como o de uma testemunha piedosa. *Talvez,* Ernest pensou, *o testemunho piedoso seja tudo o que serei capaz de oferecer a Carolyn Leftman.*

Mas talvez não! Talvez existam algumas aberturas para um verdadeiro trabalho aqui.

Ernest formulou silenciosamente uma lista de áreas a explorar. Antes de mais nada, por que um relacionamento tão pobre assim com o marido antes que ele tivesse câncer? Por que permanecer por dez anos com alguém que você não ama? Ernest meditou sobre seu próprio casamento sem amor. Se

Ruth não tivesse se acidentado e morrido no seu automóvel, seria ele capaz de separar-se? Talvez não. Ainda assim, se o casamento de Carolyn era tão ruim, por que não houve tentativas de terapia conjugai? E deveria a avaliação dela do casamento ser aceita tal e qual apresentada? Talvez ainda existisse uma chance de salvar o relacionamento. Por que se mudar para São Francisco para o tratamento do câncer? Muitos pacientes vêm ao centro de tratamento por breves períodos e depois voltam para casa. Por que desistir tão resignadamen-te da carreira e dos amigos dela?

— Você vem se sentindo presa numa armadilha há muito tempo, Carolyn,primeiro conjugalmente, agora conjugai *e* moralmente — se aventurou Ernest.— Ou conjugalmente *versus* moralmente.

Carol tentou inclinar a cabeça num assentimento arrebatado. *Oh, muito brilhante,* ela pensou. *Devo me ajoelhar?*

— Sabe, gostaria que você me pusesse a par, me contasse tudo sobre vocêmesma, tudo o que você acha que eu deveria saber para nos ajudar a encontrar uma explicação para a difícil situação da sua vida.

Nos, Carol pensou, *hum, interessante. Eles são tão espertos. Conseguem o gancho tão habilmente. Quinze minutos de sessão e já é "nos", é "conte-me tudo"; parece que "nós"já concordamos que encontrar uma explicação da minha "difícil situação" oferecerá salvação. E ele precisa saber de tudo, tudinho. Não há pressa. Por que deveria haver, a 150 dólares por hora? São 150 limpos, sem cinqüenta por cento de custos indiretos, sem auxiliares de escritórios, sem sala de reuniões, sem biblioteca do consultório, sem assistentes de advogado, nem mesmo uma secretária.*

Voltando sua atenção novamente para o Ernest, Carol começou a recontar sua história pessoal. Permaneça segura na verdade. Dentro dos limites. Com certeza, ela raciocinou, Justin era egocêntrico demais para ter falado muito sobre os detalhes da vida da esposa. Quanto menos mentiras contasse, mas convincente ela seria. Portanto, além de trocar seus estudos de Brown e da Escola de Direito de Brown para Radcliffe e Direito em Chicago, ela simplesmente contou a Ernest a verdade sobre o início da sua vida, sobre uma mãe frustrada e amarga que lecionava na escola elementar e que nunca se recuperou do fato de o marido a ter abandonado.

Memórias do pai? Foi embora quando ela estava com 8 anos. De acordo com a mãe, ele ficou louco aos 35 anos, juntou-se ao repugnante grupo dos filhos da flor, seguiu o Grateful Dead por alguns anos e permaneceu alucinado nuna comunidade de São Francisco nos 15 anos seguintes. Ele enviou a ela cartões de aniversário (sem endereço para resposta) durante alguns anos e, então... nada. Até o funeral da mãe. Então, ele reapareceu repentinamente, vestido, como se numa dobra temporal, num uniforme puído da comunidade Haight-Ashbury, com sandálias rotas, *jeans* desbotado em frangalhos e uma camisa *tie-dyed,* e declarou que apenas a presença da esposa tinha impedido, todos esses anos, assumir seu papel paternal natural. Carol queria e precisava desesperadamente de um pai, mas começou a suspeitar do juízo dele quando ele sussurrou para ela, na cerimônia do cemitério, que ela não deveria demorar em tirar do peito toda a sua raiva contra a mãe.

Qualquer ilusão que restava da volta de um pai se evaporou no dia seguinte, quando, gaguejando, cocando seus cabelos infestados de piolhos e enchendo a sala com o mau cheiro de seus cigarros enrolados a mão, ele apresentou uma proposta comercial que consistia em ela entregar a ele a pequena herança dela para investir numa loja de drogas do Haight Street. Quando ela se recusou, ele contra-atacou, insistindo que a casa da mãe pertencia "propriamente" a ele — segundo a "lei humana" se não pela "lei legal", já que ele tinha feito o pagamento da entrada 25 anos

antes. Naturalmente, ela tinha sugerido que ele fosse embora (as palavras dela, que ela não disse a Ernest, tinham sido: "Pegue a estrada, seu asqueroso."). Ela teve sorte suficiente de nunca ter ouvido falar dele de novo.

—Então, você perdeu seu pai e sua mãe ao mesmo tempo? Carol assentiu, com bravura.

—Irmãos?

—Um irmão, três anos mais velho.

—O nome dele?

—Jeb.

—Onde ele está?

—Nova York ou Nova Jersey, não tenho certeza. Algum lugar na Costa Leste.

—Ele não telefona para você?

—É bom que não telefone!

A resposta de Carol foi tão incisiva e amarga que, involuntariamente, Ernest teve um sobressalto.

—Por que "é bom que" ele não telefone? — ele perguntou.

—Jeb casou-se aos 19 anos e entrou na Marinha aos 21. Aos 31 anos, molestou sexualmente suas filhas pequenas. Fui ao julgamento: pegou apenas uma sentença de três anos de prisão e uma baixa com desonra. Está sob injunção do tribunal para não viver a menos de 1.600 quilômetros de Chicago, onde vivem as filhas.

—Vejamos. — Ernest consultou as anotações e calculou: — Ele é três anos mais velho... você devia estar com 28... portanto, tudo isto aconteceu há dez anos. Você não o viu desde que ele foi condenado à prisão?

—Uma pena de três anos é curta. Ele recebeu uma pena maior de mim.

—De quanto tempo?

—Por toda a vida!

Um calafrio percorreu o corpo de Ernest. — Por toda a vida é uma sentença longa.

—Para uma ofensa capital?

—E quanto a *antes* da ofensa? Você tinha muita raiva do seu irmão, então?

—As filhas estavam com 8 e 10 anos quando ele abusou delas.

—Não, não, quero dizer a raiva contra ele que existia *antes* da ofensa.

—As filhas tinham *8* e *10* quando ele abusou delas — Carol repetiu por entre os dentes cerrados.

Uau! Ernest tinha tropeçado numa mina terrestre. Sabia que estava fazendo uma sessão "arriscada", uma que ele nunca poderia descrever ao Marshal. Ele conseguia imaginar as críticas: "Que diabo você está fazendo ao pressioná-la sobre o irmão antes mesmo de tirar uma história pregressa sistemática e decente? Você não explorou sequer o casamento dela, o motivo manifesto para ela ir ao consultório". Sim, ele conseguia ouvir as palavras do Marshal: "Sem dúvida, existe alguma coisa aí. Mas, pelo amor de Deus, você não consegue esperar? Armazene-o; volte a isso na ocasião correta. Você está novamente incontinente."

Mas Ernest sabia que tinha de tirar o Marshal da sua mente. Sua resolução de ser inteiramente franco e honesto com Carolyn exigia que ele fosse espontâneo, que ele partilhasse *aquilo* que ele sentisse *quando* o sentisse. Sem tática, sem guardar idéias com esta paciente! O tema hoje era: "Seja você mesmo. Doe-se."

Além disso, Ernest ficou fascinado com a subitaneidade da raiva de Carolyn — tão imediata, tão real. Um pouco antes, ele teve dificuldade em chegar até ela: ela parecia tão afável, trivial. Agora havia substância: ela tinha ganhado vida; seu rosto e suas palavras estavam em sincronia. Para chegar até esta mulher, ele tinha que mantê-la verdadeira. Ele decidiu confiar na intuição e ir até onde estava a emoção.

— Você está com raiva, Carolyn, e não só de Jeb, mas de mim também.*Finalmente, seu idiota, você entendeu alguma coisa direito,* Carol pensou.

Cristo, você é pior do que imaginei. Não admira que nunca tenha pensado duas vezes sobre o que você e o Justin estavam fazendo comigo. Você nem sequer vacila com a imagem de uma menina de 8 anos de idade sendo violada pelo pai!

—Peço desculpas, Carolyn, por ter remexido tão agressivamente numa área tão dolorosa. Talvez eu tenha me precipitado. Mas permita que eu seja franco com você. Eu estava tentando chegar ao seguinte: se Jeb pôde ser bárbaro a ponto de fazer aquilo com suas próprias filhas pequenas, o que ele poderia ter feito para sua irmã mais nova?

—O que você quer dizer...? — Carol abaixou a cabeça; de repente, ela se sentiu desfalecer.

—Você está bem... quer um pouco de água?

Carol sacudiu a cabeça e se recompôs rapidamente. — Desculpe, de repente senti que ia desmaiar. Não sei o que foi isso.

—O que você acha que foi?

—Não sei.

—Não perca a sensação, Carolyn. Fique com ela por apenas mais uns minutos. Aconteceu quando perguntei sobre Jeb e você. Estava pensando em você aos 10 anos de idade e como era a sua vida com um irmão mais velho como esse.

—Fui advogada em dois processos judiciais envolvendo abuso sexual infantil. É o processo mais brutal que já testemunhei. Não somente as horríveis memórias recuperadas, mas a violenta convulsão nas famílias e toda a controvérsia sobre memórias implantadas. É brutal para todos. Imagino que tenha ficado pálida com o pensamento de passar por esta coisa eu mesma. Não tenho certeza se você estava me levando para essa direção. Se estava, tenho de lhe contar agora mesmo que não me lembro de nenhum trauma particular envolvendo Jeb: minhas lembranças são apenas do tipo irmão atormentando irmã. Mas também é verdade que me lembro bem pouco do início da minha infância.

—Não, não, me perdoe, Carolyn, não fui claro. Não estava pousando em algum trauma importante de infância e o conseqüente estresse pós-traumático. Não mesmo, embora eu concorde com você de que esse tipo de raciocínio está muito em moda hoje. O que eu tinha em mente era algo menos dramático, mais insidioso, mais contínuo. Algo como o seguinte: como poderia ter sido para você ter crescido, ter passado parte considerável de cada dia com um irmão indiferente e, até, abusivo?

—Sim, sim, entendo a diferença.

Ernest olhou de relance para o relógio. *Que droga,* ele pensou, *só restam sete minutos. Tanto afazer! Tenho que começar a examinar o casamento dela.*

Embora o olhar de relance de Ernest para o relógio tenha sido furtivo, Carol o percebeu. Sua primeira reação foi inexplicável. Ela se sentiu magoada. Mas isso passou rapidamente e ela pensou: *Olhe para ele — que bastardo dissimulado, ganancioso —, imaginando quantos minutos faltam antes que ele possa se livrar de mim e recomeçar o tique-taque do cronômetro para os próximos 150 dólares.*

O relógio de Ernest estava no fundo de uma estante fora do ângulo de visão do paciente. Em contraste, Marshal colocava seu relógio bem à vista, sobre uma mesinha entre ele e o paciente. "Só para ser honesto", disse Marshal. "E de conhecimento público que o paciente paga por cinqüenta minutos do meu tempo; portanto, por que manter o relógio secreto? Esconder o relógio é conspirar na presunção de que você e o paciente têm um relacionamento pessoal, e não profissional." Tipicamente Marshal: sólido, irrefutável. Mesmo assim, Ernest mantinha seu relógio um pouco fora do campo de visão.

Ernest tentou dedicar os poucos minutos que restavam ao marido de Carolyn: — Estou impressionado com o fato de que todos os homens que você mencionou, os homens centrais na sua vida, a decepcionaram profundamente e sei que "decepção" é uma palavra frouxa demais: seu pai, seu irmão e, é claro, seu marido. Mas eu realmente não sei muito sobre o seu marido ainda.

Carol ignorou o convite de Ernest. Ela tinha sua própria agenda.

— Enquanto estamos conversando sobre os homens da minha vida queme decepcionaram, devo mencionar uma única e importante exceção. Quando eu era estudante de graduação em Radcliffe, eu estava num estado psicológico perigoso. Nunca estive pior: abatida comigo mesma, deprimida, sen lindo-me inadequada, feia. E, então, a última gota: fui largada por Rusty, meu namorado desde o colegial. Realmente cheguei ao fundo do poço, bebendo, usando drogas, pensando em largar a faculdade, até suicídio. Então, consultei um terapeuta, um dr. Ralph Cooke, que salvou minha vida. Ele foi extraordinariamente bondoso, gentil e afirmativo.

—Por quanto tempo você o viu?

—Cerca de um ano e meio, como um terapeuta.

—Existe mais alguma coisa, Carolyn?

—Estou com um pouco de receio de entrar nisso. Realmente dou valor a este homem e não quero que você entenda errado. — Carol pegou um lenço de papel e arrancou uma lágrima.

—Consegue continuar?

—Bem... estou muito constrangida em falar sobre isto... tenho medo de que você o julgue. Nunca deveria ter mencionado o nome dele. Sei que a terapia é confidencial. Mas... mas...

—Existe aí uma pergunta para mim, Carolyn? — Ernest não queria perder nenhum tempo em deixá-la saber que ele era um terapeuta a quem ela poderia questionar e que responderia a todas as perguntas.

Que diabo, Carol pensou, contorcendo-se com irritação na cadeira. *"Carolyn, Carolyn, Carolyn" Cada maldita sentença, ele precisa dizer "Carolyn"!*

Ela continuou: — Uma pergunta... bem, tenho. Mais de uma. Primeiro, isto é inteiramente confidencial? Para não ser dito a ninguém mais? E, segundo, você irá julgá-lo ou estereotipá-lo?

— Confidencial? Claro, sem dúvida. Conte comigo.

Contar com você?, pensou Carol. *É, assim como pude contar com Ralph Cooke.*

—E quanto a julgar, minha tarefa aqui é entender, não julgar. Darei o melhor de mim e prometo que serei franco com você sobre isso. Responderei a qualquer uma das suas perguntas — disse

Ernest, urdindo firmemente a sua resolução de falar a verdade no decorrer desta primeira sessão.

—Bem, vou simplesmente desembuchar. O dr. Cooke e eu nos tornamos amantes. Depois que já tinha tido algumas sessões com ele, ele começou a me abraçar de tempos em tempos para me confortar e, então, simplesmente aconteceu, lá, naquele glorioso tapete persa do seu consultório. Foi a melhor coisa que apareceu no meu caminho. Não sei como falar sobre isso, exceto dizer que salvou minha vida. Eu o via todas as semanas. E, todas as semanas, fazíamos

amor e toda a dor e toda a desgraça simplesmente desapareciam. Finalmente, ele não achou mais que eu precisava de terapia, mas continuamos sendo amantes por mais um ano. Com a ajuda dele, eu me graduei e ingressei na faculdade de direito. Na melhor: a Universidade de Chicago.

—Seu relacionamento terminou quando você entrou na escola de direito?

—Basicamente. Mas, algumas vezes, quando precisei dele, voei para Cambridge e, a cada vez, ele estava lá e me deu o conforto de que eu precisava.

—Ele ainda está na sua vida?

—Morto. Ele morreu jovem, cerca de três anos depois de eu me formar. Acho que nunca parei de procurar por ele. Conheci meu marido, Wayne, pouco depois disso e decidi me casar com ele. Uma decisão apressada. E ruim. Talvez eu quisesse tanto o Ralph que imaginei tê-lo visto no meu marido.

Carol pegou mais lenço de papel, esvaziando a caixa de Ernest. Ela não precisava espremer as lágrimas para fora, agora; elas corriam por vontade própria. Ernest esticou a mão até a gaveta da escrivaninha para pegar uma nova caixa de lenços de papel, arrancou a cobertura de plástico e deu início ao fluxo de papel, tirando o primeiro lenço, que entregou a Carol. Ela estava estarrecida com suas lágrimas: uma trágica e romântica inspeção da sua própria vida passou como uma onda por cima dela quando sua ficção se transformou na sua verdade. Como foi sublime ter sido tão amada por este magnífico homem tão generoso; e como foi horrível, como foi insuportável — aqui, Carol chorou mais ainda — nunca mais tê-lo visto novamente, tê-lo perdido para sempre! Quando os soluços de Carol diminuíram, ela colocou de lado o lenço de papel e levantou os olhos para Ernest em expectativa.

— Agora, já disse. Você não está julgando? Você disse que me diria a verdade,Ernest estava numa enrascada. A verdade era que ele sentiu pouca afeição para com este falecido dr. Cooke. Ele considerou rapidamente as suas opções. Lembre-se, ele lembrou a si mesmo: revelação total. Mas ele torceu o nariz. Revelação total neste caso não teria sido no melhor interesse da sua paciente. Sua entrevista com Seymour Trotter tinha sido sua primeira exposição a um abuso sexual praticado por um terapeuta. Nos oito anos seguintes, ele tinha trabalhado com vários pacientes que tinham se envolvido sexualmente com seus terapeutas anteriores e, em todos os casos, sem exceção, o resultado tinha sido calamitoso para o paciente. E, apesar da fotografia de Seymour, apesar do seu braço erguido jubilantemente em direção ao céu, quem pode dizer qual foi o desfecho para a Belle? Naturalmente, houve o dinheiro que foi concedido a ela no julgamento, mas o que mais? A deterioração cerebelar do Seymonr foi progressiva. Provavelmente depois de um ano ou dois, ela ficou presa como enfermeira em tempo integral para o resto da vida dele. Não, de forma alguma seria possível dizer que, a longo prazo, o desfecho foi bom para Belle. Nem para qualquer paciente de que ele já ouviu falar. Ainda assim, hoje, aqui, Carolyn diz que ela e seu terapeuta tiveram um relacionamento sexual contínuo e isso salvou sua vida. Ernest ficou atordoado.

Seu primeiro impulso foi não dar crédito à declaração de Carolyn: talvez a transferência a este dr. Cooke fosse tão forte que ela escondia a verdade dela mesma. Afinal de contas, era evidente que Carolyn não estava em casa livre. Aí está, 15 anos depois e ela ainda está soluçando por causa dele. Além do mais, como resultado do encontro dela com o dr. Cooke, ela fez um mau casamento, que a tem afligido desde então.

Com *cuidado!,* Ernest advertiu a si mesmo, *não faça um pre julgamento disto. Assuma uma postura moralista, honrada, e você perderá a paciente. Seja franco; tente entrar no mundo das*

experiências de Carolyn. E, acima de tudo, não fale mal do dr. Cooke agora. Marshal lhe tinha ensinado isso. A maioria dos pacientes sente uma profunda ligação com os terapeutas ofensores e precisa de tempo para trabalhar os restos de seu amor. Não é fora do comum que pacientes sexualmente abusados passem por vários novos terapeutas antes de encontrarem aquele com quem conseguem trabalhar.

—Então seu pai, irmão e marido acabaram abandonando-a, traindo-a ou pegando-a numa armadilha. E o único homem com quem você realmente se importou morreu. Às vezes a morte também dá a sensação de abandono. — Ernest ficou desgostoso consigo mesmo, com este clichê da terapia, mas, sob as circunstâncias, foi o melhor que conseguiu fazer.

—Não acho que o dr. Cooke ficou muito feliz em morrer.

Carol imediatamente se arrependeu das suas palavras. *Não seja estúpida!,* ela repreendeu a si mesma. *Você quer seduzir este cara, sugá-lo, que diabo você está fazendo ficando suscetível e defendendo este maravilhoso dr. Cooke, que é uma pura ficção da sua imaginação?*

— Desculpe, dr. Lash... quero dizer, Ernest. Sei que não foi o que você quisdizer. Imagino que eu esteja sentindo muita saudade do Ralph agora. Estoume sentindo muito sozinha.

— Sei disso, Carolyn. É exatamente por isso que é importante que fiquemos próximos.

Ernest percebeu os olhos de Carolyn se arregalarem. *Cuidado,* ele advertiu a si mesmo, *ela poderia considerar que essa declaração é sedutora.* Numa voz mais formal, ele continuou: — E é precisamente por isto que o terapeuta e o paciente devem examinar todas as coisas que sejam um obstáculo no seu relacionamento, como, por exemplo, sua irritação comigo uns minutos atrás. — *Bom, bom, muito melhor,* ele pensou.

—Você disse que partilharia os seus pensamentos comigo. Imagino que eu estava me perguntando se você *estava* fazendo um juízo dele ou de mim.

—Existe uma pergunta aí para mim, Carolyn? — Ernest estava protelando por um tempo.

Bom Deus! Será que tenho de dizer com todas as letras?, pensou Carol. — Você *estava* fazendo um juízo? *Como* você se sente?

— Sobre Ralph? — Mais proteção.

Carol inclinou a cabeça, gemendo silenciosamente.

Ernest lançou cautela ao entusiasmo e disse a verdade. Praticamente. — Admito que o que você me contou me *tirou* o equilíbrio. E imagino que *realmente* sinto que estou julgando-o. Mas estou trabalhando nisso. Não quero fechar; quero ficar inteiramente aberto à sua experiência.

"Deixe-me lhe contar por que perdi o equilíbrio", continuou Ernest. "Você me conta que ele foi imensamente útil a você e eu acredito em você. Por que você viria aqui, me pagaria muito dinheiro e não me contaria a verdade? Portanto, não duvido das suas palavras. Contudo, aquilo que eu deveria supostamente fazer com a minha própria experiência — para não mencionar uma grande literatura profissional e um poderoso consenso clínico — é que me leva a diferentes conclusões: ou seja, que o contato sexual entre paciente e terapeuta é invariavelmente destrutivo para o paciente, e, em última instância, também para o terapeuta."

Carol tinha se preparado bem para este argumento. — O senhor sabe, dr. Lash... desculpe, Ernest — logo irei me acostumar; não estou acostumada com psiquiatras como pessoas reais com seus primeiros nomes. Eles geralmente se escondem por trás dos seus títulos. Geralmente não são francos com sua humanidade como você. O que eu estava dizendo... ah, sim, tomei a liberdade, enquanto estava no processo de decidir consultá-lo, de conferir a sua bibliografia na biblioteca. Um velho hábito profissional: checar as credenciais dos médicos que estão testemunhando no tribunal na qualidade de especialista.

—E...?

—E descobri que você teve um bom treinamento nas ciências naturais e publicou vários relatos da sua pesquisa psicofarmacológica.

—E...?

—Bem, é possível que você esteja ignorando os seus padrões científicos aqui? Considere os dados que você está usando para formar conclusões sobre Ralph. Examine as suas evidências, uma amostra inteiramente sem controle. Seja honesto: seria aprovado em qualquer tipo de revisão científica? *É claro* que sua amostra de pacientes que tiveram envolvimento sexual com os terapeutas é formada de pacientes magoados ou insatisfeitos, mas isso é por que *eles são aqueles que vêm em busca de ajuda.* Mas os outros, clientes satisfeitos como eu, não vêm consultá-lo e você não tem a menor idéia do tamanho que poderia ter essa população. Em outras palavras, tudo o que você conhece é o numerador, apenas aqueles que vêm em busca de terapia. Você nada sabe do denominador, o número de pacientes e terapeutas que têm contato sexual ou o número dos que tiveram ajuda ou o número daqueles para os quais a experiência foi irrelevante.

Impressionante, pensou Ernest. *Interessante ver sua* persona *profissional; eu não gostaria de estar do lado oposto ao desta mulher numa sala de tribunal.*

— Entende meu argumento, Ernest? É possível que eu esteja certa? Sejahonesto comigo. Você já se deparou com alguém antes de mim que não foimagoado por um relacionamento assim?

Sua mente foi novamente levada até Belle, a paciente de Seymour Trotter. *Será que Belle se encaixaria na categoria daquelas que foram ajudadas?* Uma vez mais, a fotografia esmaecida de Seymour e Belle passou rapidamente por sua mente. *Aqueles olhos tristes. Mas talvez ela estivesse em melhor situação. Quem sabe, talvez, os dois tenham acabado em melhor situação? Ou temporariamente em melhor situação. Não, quem pode ter certeza de alguma coisa naquele caso, muito menos como acabaram juntos?* Durante anos, Ernest tinha especulado quando foi o momento em que decidiram se retirar juntos para uma ilha. Teria Seymour, bem no final, decidido resgatá-la? Ou teriam eles planejado juntos muito antes? Talvez desde o início?

Não, estes não eram pensamentos a serem compartilhados. Ernest varreu Seymour e Belle para fora da sua mente e balançou suavemente a cabeça em resposta à pergunta de Carolyn. — Não, não me deparei, Carolyn. Nunca tive um paciente que não tenha sofrido danos por isso. Mas, apesar disso, seu argumento sobre objetividade foi bem colocado. Será útil para que eu não faça um prejulgamento. — Ernest lançou um longo olhar para o seu relógio. — Já passamos do nosso horário, mas ainda preciso registrar algumas perguntas.

— Claro. — Carol se animou. Outro sinal promissor. *Primeiro ele me pediupara lhe fazer perguntas. Nenhum psiquiatra sério faz isso. Há até uma implicação que ele responderá a perguntas pessoais sobre sua vida. Vou testar isto napróxima vez. E agora ele está quebrando as regras passando muito além doscinqüenta minutos.*

Ela tinha lido as diretrizes da APA para os psiquiatras sobre como evitar acusações de abuso sexual: manter-se firme a todos os limites, evitar declives escorregadios, não chamar os pacientes pelo primeiro nome, começar e terminar prontamente as sessões. Cada um dos casos isolados de abuso do tera-peuta em que ela tinha sido advogada tinha começado com o terapeuta prolongando os cinqüenta minutos. *Arrá,* ela pensou, *um pequeno deslize aqui, outro ali, quem sabe onde estaremos depois de algumas sessões?*

—Em primeiro lugar, quero saber sobre qualquer mal-estar que você estará levando para casa em relação à sessão de hoje. Que me diz sobre os fortes sentimentos no início quando conversamos sobre Jed?

—Não *Jed, Jeb.*

— Desculpe. Jeb. Você se sentiu desfalecer por um breve instante quando falamos dele.

— Ainda estou um pouco abalada, mas não perturbada. Acho que você captou algo importante.

— Certo. Segundo, quero descobrir alguma coisa sobre o espaço entre nós. Você trabalhou muito hoje, assumiu alguns grandes riscos, revelou partes realmente importantes de você mesma. Você confiou muito em mim e dou valor à sua confiança. Você acha que podemos trabalhar juntos? Como está se sentindo a meu respeito? Que tal lhe parece ter revelado tanto para mim?

— Sinto-me bem em trabalhar com você. Realmente bem, Ernest. Você é afável e flexível; você faz com que seja fácil falar e tem uma habilidade impressionante de focar os pontos feridos, pontos que não conheço sobre mim mesma. Sinto que estou em muito bons braços. E aqui está seu honorário. — Ela lhe entregou três notas de cinqüenta dólares. — Estou entre uma troca de bancos de Chicago para São Francisco e é mais fácil pagar tudo em dinheiro.

Em bons braços, refletiu Ernest enquanto a acompanhava até a porta. *A expressão não seria "em boas mãos"?*

À porta, Carol virou. Com olhos úmidos, ela disse: — Obrigada. Você é uma ádiva de Deus!

Então, ela se inclinou, deu ao Ernest pego em surpresa um leve abraço por dois ou três segundos e saiu.

Enquanto Carol descia as escadas, uma onda de tristeza a atingiu. Imagens indesejadas de muito tempo atrás passaram por ela: ela e Jeb fazendo uma briga de travesseiros; pulando e gritando na cama dos pais; o pai carregando seus livros quando a levava a pé para a escola; o caixão da mãe afundando na terra; o rosto de menino de Rusty lançando um largo sorriso para ela ao pegar os livros dela do armário do colégio; o calamitoso reaparecimento do pai na vida dela; o triste e puído tapete persa no consultório do dr. Cooke. Ela apertou os olhos para as expulsar. Então pensou em Justin, talvez neste exato momento andando de mãos dadas com sua nova mulher em algum outro lugar da cidade. Talvez perto daqui. Chegou à entrada da frente do edifício vitoriano e olhou de um lado e outro da rua Sacramento. Nenhum sinal de Justin. Mas um jovem atraente com cabelos loiros, com calça de moleton, uma camisa rosa e um suéter cor de marfim passou correndo e subiu as escadas de dois em dois degraus. *Provavelmente o próximo bobão de Lash,* ela pensou. Começou a se afastar e depois virou para olhar para cima para a janela do consultório de Ernest. *Maldição,* ela pensou, *aquele filho da puta está tentando me ajudar.*

Lá em cima, Ernest estava sentado à mesa registrando as anotações da sessão. O pungente aroma cítrico do perfume de Carolyn permaneceria por muito tempo.

SETE

Depois da hora de supervisão de Ernest, Marshal Streider se recostou em sua cadeira e pensou sobre charutos da vitória. Vinte anos atrás, ele tinha ouvido o dr. Roy Grinker, um eminente analista de Chicago, descrever seu ano no divã de Freud. Eram os anos 1920, nos dias em que a respeitabilidade analítica exigia uma peregrinação até o divã do mestre — às vezes por duas semanas, outras vezes, se a pessoa sonhasse em se tornar uma promovedora e agitadora analítica, por até um ano. De acordo com Grinker, Freud nunca escondeu sua alegria quando fazia uma interpretação incisiva. E se Freud achasse que tinha feito uma interpretação monumental, ele abria sua caixa de charutos baratos, oferecia um ao paciente e sugeria que fumassem um charuto da "vitória". Marshal sorriu ao pensar no modo afável e ingênuo com que Freud manejava a transferência. Se ainda fumasse, ele teria acendido um charuto de celebração depois da partida de Ernest.

A supervisão do jovem Ernest estava ocorrendo satisfatoriamente nos últimos meses, mas hoje tinha sido uma sessão histórica. Colocar Ernest no Comitê de Ética Médica foi, no mínimo, uma idéia iluminada. Marshal muitas vezes achava que o ego de Ernest estava crivado de lacunas: ele era pretensioso e impulsivo. Partes ingovernáveis de seu id sexual se projetavam formando estranhos

ângulos. Mas o pior de tudo era a sua iconoclástica e juvenil barba por fazer: Ernest tinha muito pouco respeito pela disciplina, pela autoridade legitimada, pelo conhecimento elaborado durante décadas por analistas diligentes com mentes mais aguçadas que a dele.

E que melhor método, pensou Marshal, *de ajudar a resolver a iconoclastia do que nomear Ernest para a função de juiz? Brilhante!* Era em ocasiões como esta que Marshal ansiava por observadores, um público para apreciar o trabalho de arte que ele tinha modelado. Todo mundo reconhecia os motivos tradicionais para o analista ser integralmente analisado. Mas Marshal pretendia, mais cedo ou mais tarde (sua lista a fazer dos artigos tinha crescido mais e mais), escrever um artigo sobre um aspecto não valorizado da maturidade: a capacidade de ser criativo ano após ano, década após década, na ausência de qualquer público externo. Afinal de contas, que outros artistas — que ainda conseguem levar a sério a afirmação de Freud de que a psicanálise é uma ciência?

podem se dedicar uma vida inteira a uma arte que nunca é vista pelos outros? Imagine Cellini moldando um cálice de prata de luminosa beleza e lacrando-o num cofre. Ou Musler girando o vidro e moldando-o numa obra-prima de graça e, então, na privacidade do seu estúdio, estilhaçando-a. Horrível! *Não é a "audiência",* pensou Marshal, *um dos nutrientes não anunciados mais importantes que a supervisão fornece para o terapeuta ainda não maduro? Uma pessoa precisa de décadas de experiência para ser capaz de criar sem espectadores.*

Ii é verdadeira também para a vida, refletiu Marshal. *Nada pior que viver uma vida não observada.* Repetidas vezes, em seu trabalho analítico, ele percebera uma extraordinária sede dos pacientes por sua atenção — de fato, a necessidade de um público é um importante fator não devidamente reconhecido na terapia interminal prolongada. No trabalho com seus pacientes em luto (e, nisto, ele concordava com as observações de Ernest em seu livro), ele linha freqüentemente visto seus pacientes caírem em desespero porque tinham perdido seu público: suas vidas não eram mais observadas (exceto se fossem os felizardos que acreditavam numa deidade que tinha o tempo de lazer para examinar minuciosamente todas as ações deles).

Espere!, pensou Marshal. *Seria realmente verdadeiro que os artistas analíticos trabalham em solidão? Não seriam os pacientes um público? Não, neste aspecto, eles não contam. Os pacientes nunca são suficientemente desinteressados. Mesmo as declarações analíticas mais elegantemente criativas são perdidas neles! E eles são gananciosos! Preste atenção em como eles sugam a essência de uma interpretação sem um olhar de admiração para a magnificência de seu recipiente. E os estudantes ou os que são supervisionados? Não seriam eles uma audiência? É muito raro que um estudante seja suficientemente perspicaz para captar o talento artístico de um analista. Geralmente, a interpretação está além de sua capacidade; mais tarde em seu exercício clínico, talvez meses, até anos depois, alguma coisa vibrará sua memória e subitamente, num lampejo, eles apreenderão a sutileza e grandeza da arte de seu professor e perderão o fôlego.*

Certamente isto será verdadeiro para Ernest. Tempo virá quando ele chegará à compreensão e gratidão. Ao forçá-lo agora a se identificar com o agressor, poupei-lhe pelo menos um ano na sua análise didática.

Não que ele tivesse pressa para que Ernest terminasse. Marshal queria que ele ficasse por perto por muito tempo.

Mais tarde naquela noite, depois que tinha atendido seus cinco pacientes analíticos da tarde, Marshal apressou-se para voltar para casa só para acabar encontrando a casa vazia e um bilhete da esposa, Shirley, dizendo que o jantar estava na geladeira e que ela estaria de volta de uma exposição de arranjo floral por volta das sete. Como sempre, ela tinha deixado um arranjo de *ikebana* para ele: um longo e tubular vaso de cerâmica contendo um leito de ramos de *Euonymus* cinzas, angulares, pelados, voltados para baixo. Numa das pontas do leito emergiam dois lírios brancos de cabo longo voltados para lados opostos.

Maldição, ele pensou, enquanto empurrava o arranjo na mesa, quase até sua borda. *Tive oito horas com pacientes e uma hora de supervisão hoje — mil e quatrocentos dólares — e ela não pôde colocar o jantar na mesa para mim porque está ocupada demais com esses malditos arranjos florais!*

A raiva de Marshal se dissipou assim que ele abriu os recipientes plásticos na geladeira: gaspacho com um aroma arrasador, uma salada *niçoise* jovialmente colorida feita com atum fresco tostado com pimenta e uma salada de frutas com manga, uvas verdes e papaia num molho de maracujá. Shirley tinha colado um bilhete na tigela do gaspacho: "Eureca! Finalmente, uma receita com calorias negativas: quanto mais você come, mais magro você fica. Só duas tigelas. Não desapareça da minha vista." Marshal sorriu. Mas somente por um momento. Ele lembrava vagamente de outra piada de "desaparecer" que Shirley tinha feito há apenas alguns dias.

Enquanto comia, Marshal abriu o *Examiner* da tarde, na seção de finanças. O índice Dow tinha subido vinte. Naturalmente, o *Examiner* tinha apenas as cotações da uma da tarde e, ultimamente, o mercado estava virando violentamente no fim do dia. Mas não importa: ele gostava de checar as cotações duas vezes ao dia e veria as cotações de fechamento no *Chronicle,* amanhã de manhã. Ele segurou a respiração enquanto teclava impacientemente a alta de cada uma de suas ações na calculadora e computava os lucros do dia. Mil e cem dólares — e poderia ser mais ao fechamento do mercado. Uma cálida onda de satisfação percorreu seu corpo e ele pegou sua primeira colher de um rubro o espesso gaspacho com pequenos cubos verde-esbranquiçados brilhantes de cebola, pepino e *zucchini.* Mil e quatrocentos dólares das faturas da clínica e 1.100 dos lucros das ações. Tinha sido um bom dia.

Depois da página de esportes e de uma rápida olhada nas notícias do mundo, Marshal trocou rapidamente a camisa e partiu noite adentro. Sua paixão por exercícios quase se equiparava ao seu amor pelos lucros. Jogava basquete na YMCA às segundas, quartas e sextas durante sua hora de almoço. Nos fins de semana, andava de bicicleta e jogava tênis ou raquetebol. Nas terças e quintas, ele linha de encaixar um tempo para aeróbica a todo o custo — havia uma reunião do Instituto Psicanalítico Golden Gate às 8:00h e Marshal saía suficientemente cedo para a enérgica caminhada de trinta minutos até o instituto.

A cada larga e forte passada, a expectativa de Marshal crescia enquanto pensava na reunião daquela noite. Iria ser uma sessão extraordinária. Nenhuma dúvida: haveria muito drama. Haveria sangue derramado. Ah, o sangue — sim, essa era a parte excitante. Nunca em sua vida ele tinha apreendido com tanta clareza a fascinação do horror. A atmosfera carnavalesca nas execuções públicas dos velhos tempos, os vendedores ambulantes apregoando forcas de brinquedo, o burburinho de excitação quando os tambores rufavam e os condenados se arrastavam para subir as escadas do cadafalso. O enforcamento, as decapitações, as fogueiras, o arraste e esquartejamentos — imagine os quatro membros de um homem sendo amarrados a um grupo de cavalos que eram chicoteados, esporeados e incitados por espectadores até que fossem separados em quartos, todas as grandes artérias jorrando de uma só vez. Horror, sim. Mas o horror de um outro — alguém que oferecia uma visão da conjuntura precisa de ser e de não-ser no momento, no exato instante, em que espírito e corpo são arrancados e separados.

Quanto mais grandiosa a vida a ser aniquilada, maior a fascinação. A excitação durante o Reino do Terror deve ter sido extraordinária, quando cabeças nobres rolaram e o sangue jorrava rubro dos torsos reais. E a excitação, também, sobre aquelas últimas palavras sagradas. À medida que se aproxima aquela conjuntura entre ser e não-ser, até mesmo os livres-pensadores falam com vozes abafadas, ouvindo, fazendo força para ouvir as sílabas finais da pessoa agonizante — como se, naquele exato momento, quando a vida é arrancada e a carne viva começa a se transformar em carne morta, fosse existir uma revelação, uma pista para os grandes mistérios. Isso lembrava Marshal da avalanche de

interesse nas experiências de quase morte. Todo mundo sabia que era puro charlatanismo, mas a novidade durou vinte anos e vendeu milhões de livros. *Deus!,* pensou Marshal, *o dinheiro que se ganhou com esse disparate!*

Não que houvesse um regicídio na agenda do instituto daquela noite. Mas a melhor coisa depois disso: excomunhão e expulsão. Seth Pande, um dos membros fundadores do instituto e um veterano analista didata, estava em julgamento e certamente seria expulso por causa de diversas atividades anti-analíticas. Desde a expulsão de Seymour Trotter vários anos antes, por fazer sexo com uma

paciente, não tinha havido uma ocasião como esta.

Marshal sabia que sua posição política pessoal era delicada e que, esta noite, ele teria de agir com enorme cautela. Era de conhecimento público que Seth Pande tinha sido seu analista didata 15 anos antes e tinha sido imensamente útil a Marshal, tanto pessoal quanto profissionalmente.

Contudo, a estrela de Seth estava minguando; estava com mais de 70 anos e, três anos antes, passara por uma extensa cirurgia para câncer do pulmão. Sempre pomposo, Seth tinha considerado um privilégio seu desconsiderar todas as regras da técnica e moralidade. E agora sua doença e confrontação com a morte o tinham libertado de quaisquer pressões de conformidade. Seus colegas de análise tinham ficado cada vez mais constrangidos e irritados com suas pos]uras antianalíticas extremas com relação à psicoterapia e seu ultrajante comportamento pessoal. Mas ele ainda era uma presença: seu carisma era tão imenso que foi imediatamente procurado pela impressa e emissoras de tevê para declarações sobre quase todas as notícias quentes — o impacto da violência na tevê sobre as crianças, a indiferença municipal com os sem-teto, as atitudes com as esmolas públicas, o controle de armas, os imbróglios sexuais dos políticos. Sobre cada uma delas, Seth tinha algum comentário irreverente, jornalisticamente interessante e freqüentemente escandaloso. Nos últimos meses, a coisa tinha ido longe demais e o atual presidente do instituto, John Weldon, e o velho contingente analítico anti-Pande tinham finalmente trabalhado com afinco para contestá-lo.

Marshal ponderou sobre sua estratégia: ultimamente, Seth tinha se excedido tanto, sido tão flagrante em sua exploração sexual e financeira dos pacientes, que seria um suicídio político apoiá-lo agora. Marshal sabia que sua voz tinha de ser ouvida. John Weldon estava contando com seu apoio. Não seria fácil. Embora Seth fosse um homem agonizante, ele ainda tinha seus aliados.

Muitos dos seus analisandos atuais e passados estariam presentes. Durante quarenta anos, ele tinha tido um importante papel intelectual nas questões do instituto. Ao lado de Seymour Trotter, Seth era um dos dois membros fundadores vivos do instituto — isto é, supondo que Seymour ainda estivesse vivo. Há unos não havia nenhuma notícia de Seymour ter sido visto — graças a Deus! O dano que aquele homem tinha feito à reputação do campo! Seth, por outro lado, era uma ameaça viva e tinha cumprido tantos mandados de três anos como presidente que teria de ser tirado à força do poder.

Marshal se perguntava se Seth poderia existir sem o instituto: o instituto e a identidade dele estavam inteiramente amalgamados. Banir Seth seria como proferir uma sentença de morte. Muito ruim! Seth deveria ter pensado nisso antes de lançar o bom nome da psicanálise em descrédito. Não havia outra maneira: Marshal tinha de dar seu voto contra Seth. Contudo, Seth foi seu ex-analista. Como evitar parecer cruel ou parricida? Delicado. Muito delicado.

As perspectivas futuras de Marshal no instituto eram excelentes. Estava tão certo de sua liderança fundamental que sua única preocupação era como fazer isso acontecer o mais rapidamente possível. Ele era um dos poucos membros-chave que tinham entrado no instituto durante os anos 1970, quando a estrela da análise parecia estar em declínio e o número de candidatos tinha sofrido uma queda significativa. Nos anos 1980 e 1990, o pêndulo tinha oscilado de volta e muitos tinham se inscrito à candidatura no programa de sete a oito anos. Portanto, o instituto tinha essencialmente uma distribuição etária bimodal: havia a velha-guarda, os sábios idosos chefiados por John Weldon, que tinham se associado para desafiar Seth, e vários novatos, alguns deles analisandos de Marshal, aceitos como membros com plenos direitos somente nos últimos dois a três anos.

Em sua própria faixa etária, Marshal teve poucos desafios: dois dos mais promissores do grupo tiveram mortes extemporâneas por doença arterial coronariana. De fato, foi a morte deles que estimulou as frenéticas tentativas aeróbicas de Marshal para limpar os debris arteriais que eram uma conseqüência da profissão sedentária da psicanálise. Os únicos verdadeiros concorrentes de Marshal eram Bert Kantrell, Ted Rollins e Dalton Salz.

Bert, um sujeito doce mas sem qualquer senso político, tinha se comprometido por seu profundo envolvimento com projetos não-analíticos, particularmente seu trabalho de terapia de apoio com os

pacientes aidéticos. Ted era inteiramente ineficaz: seu treinamento em análise tinha levado 11 anos e todo mundo sabia que ele tinha finalmente se diplomado puramente por piedade e fadiga analítica. Dalton tinha recentemente se dedicado tanto às questões ambientais que nenhum analista o levava a sério. Quando Dalton leu seu artigo idiota sobre analisar as arcaicas fantasias destrutivas ambientais — estuprando a Mãe Terra e urinando nas paredes do nosso lar planetário —, o primeiro comentário de John Weldon foi: "Você está falando sério ou está nos provocando?" Dalton manteve sua posição e, no final — depois da rejeição de todos os periódicos analíticos —, publicou o artigo num periódico junguiano. Marshal sabia que tudo o que precisaria fazer era esperar e não cometer erros. Todos estes três palhaços estavam destruindo suas chances sem nenhuma ajuda dele.

Mas a ambição de Marshal ia muito além da presidência do Instituto Analítico Golden Gate. Aquele gabinete serviria como um trampolim para um gabinete nacional, possivelmente até da Associação Internacional de Psicanálise (IPA). Esta era a hora: nunca tinha havido um presidente da IPA que tivesse se graduado em um instituto do oeste dos Estados Unidos.

Mas havia um único obstáculo: Marshal precisava de publicações. Idéias não lhe faltavam. Um de seus casos atuais, uma paciente limítrofe que tinha uma gêmea idêntica esquizóide sem, no entanto, características limítrofes, teve implicações enormes para a teoria do espelho e estava pedindo para ser escrito. Suas idéias sobre a natureza da cena primai e as platéias das execuções resultariam numa importante revisão da teoria básica. Sim, Marshal sabia que suas idéias fluíam em abundância. O problema era sua redação: suas palavras e sentenças deselegantes ficam muito atrás de suas idéias.

É aí que entrava Ernest. Ultimamente, Ernest tinha se tornado irritante — sua imaturidade, sua impulsividade, sua insistência de que o terapeuta fosse autêntico e auto-revelador era um teste de paciência para qualquer supervisor. Mas Marshal tinha um bom motivo para ser paciente: Ernest tinha um extraordinário talento literário. Sentenças elegantes fluíam de seu teclado. As idéias de Marshal e as sentenças de Ernest seriam uma combinação imbatível. Tudo o que ele precisava era refrear Ernest o bastante para que ele fosse aceito no instituto. Convencer Ernest a colaborar em artigos para periódicos, até projetos de livros, não seria um problema. Marshal já tinha plantado as sementes, exagerando sistematicamente a dificuldade que Ernest enfrentaria e obter a admissão no instituto e a importância do patrocínio de Marshal. Ernest ficaria grato por anos. Além disto, Ernest era tão ambicioso, acreditava Marshal, que agarraria a oportunidade de co-autoria com Marshal.

À medida que se aproximava do prédio, Marshal respirou profundamente o ar frio várias vezes para clarear a mente. Ele precisaria estar alerta; uma batalha pelo controle certamente irromperia esta noite.

John Weldon, um homem alto e imponente na casa dos 60 anos, com uma tez vermelha, cabelos brancos ralos e um longo pescoço enrugado com um formidável pomo-de-adão, já estava de pé no salão revestido de livros que servia ao duplo dever de biblioteca e sala de reuniões. Marshal passou os olhos pela grande assembléia e não conseguiu pensar em nenhum membro do instituto que estivesse ausente. Exceto Seth Pande, obviamente, que tinha sido exaustivamente entrevistado por um subcomitê e a quem fora especificamente solicitado que não comparecesse a esta reunião.

Além dos membros, estavam presentes três candidatos a estudante, analisandos de Seth que tinham apresentado uma petição para estarem presentes, fato este sem precedentes. E suas apostas eram altas: se Seth fosse expulso ou banido ou, de fato, se ele simplesmente perdesse sua condição de analista didata, eles perderiam o crédito por seus anos de trabalho analítico com ele e seriam forçados a começar de novo com outro analista didata. Todos os três tinham deixado claro que poderiam se recusar a trocar de analista, mesmo que isso significasse renunciar à sua candidatura. Houve até uma conversa sobre a formação de um instituto dissidente. Dadas estas considerações, o comitê gestor, na esperança de que os três descobrissem que sua lealdade a Seth era equivocada, deu o passo extraordinário e altamente controverso de permitir que eles comparecessem como participantes sem direito a voto.

No instante que Marshal tomou um assento na segunda fileira, John Weldon, como se estivesse esperando pela entrada de Marshal, bateu seu pequeno martelo laqueado e abriu a sessão.

— Cada um de vocês — ele começou — foi informado sobre a finalidade desta reunião extraordinária. A dolorosa tarefa que enfrentamos esta noite é considerar acusações sérias, muito sérias, contra um dos nossos mais venerados membros, Seth Pande, e estudar qual conduta, se necessário for, o instituto deve seguir. Como vocês todos foram informados por carta, o subcomitê *ad hoc* investigou cada uma dessas acusações com grande cuidado e considerou que seria prático irmos diretamente às suas apreciações.

—Dr. Weldon, uma questão de procedimento! — Era Terry Fuller, um jovem e atrevido analista admitido há apenas um ano. Ele tinha sido analisado por Seth.

—A mesa reconhece dr. Fuller. — Weldon endereçou seus comentários a Perry Wheeler, um analista parcialmente surdo de 71 anos de idade que cumpriu um mandado como secretário do instituto e estava escrevendo furiosamente as minutas.

—Seria correto que considerássemos essas "acusações" na ausência de Seth Pande? Um julgamento em ausência não apenas é moralmente repugnante, mas viola os estatutos do instituto.

—Falei com o dr. Pande e ambos concordamos que seria melhor para todos os envolvidos se ele não comparecesse à reunião desta noite.

—Correção! *Vocês,* não nós, pensaram que seria melhor, John. — A poderosa voz de Seth Pande retumbou. Ele estava de pé junto à porta, inspecionando cuidadosamente o público e, então, pegou uma cadeira no fundo da sala e carregou-a até a fileira da frente. Em seu caminho, deu a Terry Fuller uma afetuosa batida no ombro e continuou: — Eu disse que levaria em consideração a questão e lhes informaria a minha decisão. E minha decisão, como vêem, é estar aqui no seio dos meus amados irmãos e distintos colegas.

A constituição física de Seth, de l,90m, tinha sido vergada por seu câncer, mas ele ainda era um homem imponente, com cabelos brancos brilhantes, tez bronzeada, nariz fino aquilino e queixo régio. Ele provinha de uma linhagem real e, nos seus anos iniciais, tinha sido criado na corte real de Kipoche, uma província do norte da Índia. Quando o pai foi nomeado representante da Índia na ONU, Seth mudou-se para os Estados Unidos e continuou seus estudos em Exeter e Harvard.

Santa paciência, pensou Marshal. *Fique fora do caminho e deixe os grandes comerem.* Ele se encolheu tanto quanto possível.

Um rubor púrpura correu o rosto de John Weldon, mas sua voz continuou calma. — Lamento sua decisão, Seth, e acredito sinceramente que você terá motivo para também se lamentar. Eu estava meramente protegendo-o contra você mesmo. Poderá ser humilhante para você ouvir a uma discussão pública detalhada do seu comportamento profissional, e não-profissional.

— Nada tenho a esconder. Sempre tive orgulho do meu trabalho profissional. — Seth olhou o público e continuou: — Se você precisar de prova, John, sugiro que olhe ao seu redor. A presença nesta sala de pelo menos meia dúzia de meus ex-analisandos e três atuais — cada um criativo, integrado, uma honra para a profissão dele ou dela (e, aqui, ele fez uma profunda e polida reverência em direção a Karen Jaye, uma das mulheres analistas) — atesta a solidez do meu trabalho.

Marshal estremeceu. *Seth iria tornar isto o mais difícil possível. Ah, meu Deus!* Ao varrer a sala com os olhos, Seth tinha momentaneamente captado seu olhar intenso. Marshal olhou para outra direção apenas para encontrar o olhar atento de Weldon esperando por ele. Fechou os olhos, apertou o quadril e se encolheu ainda mais.

Seth continuou: O que realmente me humilharia, John, e neste ponto posso ser diferente de você, é ser falsamente acusado, possivelmente caluniado, e não fazer nenhum esforço para me defender. Vamos direto aos negócios. Quais são as acusações? Quem são meus acusadores? Vamos ouvi-los

um por um.

—A carta que cada um de vocês, e isso inclui você, Seth, recebeu do Comitê de Ensino — respondeu John Weldon — enumera as queixas. Eu as lerei uma por uma. Comecemos com o escambo: a troca de horas analíticas por serviço pessoal.

—Tenho o direito — exigiu Seth — de saber quem apresentou qual acusação.

Marshal estremeceu. *Minha hora chegou,* ele pensou. Fora ele que tinha informado a Weldon sobre a prática de escambo de Seth. Ele não teve outra opção senão se levantar e falar com toda a franqueza e confiança que conseguisse reunir.

— Assumo a responsabilidade pela queixa do escambo. Alguns meses atrás,atendi um novo paciente, um consultor financeiro profissional, e em nossadiscussão sobre os honorários, ele sugeriu uma permuta de serviços. Já quenossos honorários por hora eram semelhantes, ele disse: "Por que não trocarsimplesmente os serviços sem a necessidade de dinheiro tributável trocandode mãos?" Naturalmente, declinei e expliquei por que tal acordo sabotaria, emvários níveis, a terapia. Ele me acusou de ter mente estreita e ser intransigentee disse o nome de duas pessoas, um de seus associados e um cliente, um jovem arquiteto, que tinha um acordo de permuta com Seth Pande, o ex-presidente do instituto psicanalítico.

— Responderei substantivamente a essa queixa no devido momento, Marshal, mas naturalmente não é possível que, antes de tudo, nos perguntemos por que um colega, amigo e, ainda mais, ex-analisando optou por não falar comigo, não levantar a questão diretamente comigo?!

— Onde está escrito — respondeu Marshal — que o analisando correia mente analisado deve tratar para sempre seu ex-analista com parcialidade li lial? Aprendi com você que a meta do tratamento e da exploração da transferência do começo ao fim é ajudar o analisando a deixar seus pais, desenvolver autonomia e integridade.

Seth exibiu um amplo sorriso, como um pai que fica radiante quando o filho lhe dá um xeque-mate pela primeira vez. — Bravo, Marshal. E *touché* Você aprendeu bem suas lições e tenho orgulho pelo seu desempenho. Mas, ainda assim, eu me pergunto se, apesar de nossa labuta, dos nossos cinco anos de esfregações e polimentos psicanalíticos, ainda restam manchas de sofisma?

— Sofisma? — Marshal alfinetou teimosamente. Como um *linebacker* defutebol americano na faculdade, suas pernas poderosas e vigorosas empurravam implacavelmente para trás homens com o dobro do seu tamanho. Umavez que se engalfinhasse com um oponente, ele nunca desistia.

"Não vejo sofisma. Devo, em atenção ao pai analítico, colocar entre parênteses minha convicção; convicção esta que tenho certeza de que todos nesta sala compartilham — de que trocar horas analíticas por serviços pessoais é errado? Errado em todos os sentidos. É legalmente e moralmente errado: é expressamente proibido pelas leis fiscais deste país. É tecnicamente errado: é uma devastação para a transferência e a contratransferência. E seu erro é agravado quando os serviços desfrutados pelo analista são de uma espécie pessoal: por exemplo, consultoria financeira, onde o paciente precisa conhecer os dela lhes mais íntimos da sua vida financeira. Ou, segundo entendo no caso do paciente arquiteto, projetar uma nova casa onde o paciente precisa ter conhecimento dos detalhes mais íntimos dos seus hábitos e preferências domesticas. Você acoberta seus próprios erros com acusações capciosas do meu caráter."

E, com isso, Marshal sentou-se, satisfeito consigo mesmo. Ele se absteve tio olhar à volta. Não era necessário. Quase conseguiu ouvir as respirações ofegantes de admiração. Ele sabia que tinha se definido como um homem com quem é necessário ajustar as contas. Também conhecia Seth bem o bastante para prever o que aconteceria. Sempre que Seth era atacado, ele invariavelmente atacava de volta de uma maneira que o implicava ainda mais profundamente. Não havia necessidade de explicar em maior detalhe a natureza destrutiva do comportamento de Seth; ele mesmo se prejudicaria.

— Basta — disse John Weldon, batendo o martelo. — Esta questão é importante demais para nos enredarmos num tumulto *ad hominem.* Vamos nos ater à substância: uma revisão sistemática das acusações e uma discussão substantiva de cada uma.

— Escambo — disse Seth, ignorando inteiramente o comentário de Weldon — não é senão um termo feio que insinua que um ato de ágape analítico é uma outra coisa, algo hostil.

— Como você pode defender o escambo, Seth? — perguntou Olive Smith, uma analista idosa cuja principal pretensão à fama era sua linhagem psicanalítica regia: 45 anos antes, tinha sido analisada por Frieda Fromm-Reichman, que, por sua vez, tinha sido analisada pelo próprio Freud. Além do mais, ela mantivera em tempos passados uma breve amizade e correspondência com Anna Freud e conhecia alguns dos netos de Freud. — Obviamente, um referencial não-contaminado, particularmente no tocante aos honorários, é parte integral do processo analítico.

— Você fala sobre ágape analítico como uma maneira de justificar o escambo. Certamente você não está falando sério — disse Harvey Green, um rechonchudo e vistoso analista que raramente deixava de fazer um comentário irritante. — Suponha que sua cliente trabalhasse como uma prostituta? Como, então, funcionaria o seu sistema de escambo?

— Um comentário venal e original, Harvey — devolveu Seth. — A venalidade, bem, isto não surpreende, naturalmente, vindo de você. Mas a originalidade, a esperteza da sua pergunta, é que é de fato inesperada. Mas uma pergunta sem mérito de qualquer espécie. O sofisma criou um lar no Instituto Golden Gate, pelo que vejo. — Seth voltou a cabeça em direção a Marshal e, então, voltou a olhar fixamente para Harvey. — Diga-nos, Harvey, quantas prostitutas você analisou recentemente? Qualquer de vocês? — Os olhos escuros de Seth varreram a sala. — Quantas prostitutas podem ter um profundo olhar analítico sobre elas mesmas e ainda serem prostitutas?

"Cresça, Harvey! — Seth continuou, obviamente saboreando a confrontação. — Você confirma algo sobre o qual escrevi no *International Journal,* isto é, que deveria ser exigido que nós, velhos habitantes analíticos — qual o termo

oficial que vocês judeus usam? *Alte cockers!* — tivéssemos regularmente análises de manutenção, digamos, a cada dez anos mais ou menos. De fato, poderíamos servir como casos-controle para os candidatos. Isto seria uma maneira de prevenir ossificação. Certamente esta organização precisa disso."

— Ordem — disse Weldon, batendo o martelo. — Retornemos ao assunto em discussão. Como presidente, insisto...

— Escambo! — continuou Seth, que tinha ficado de costas para o pódio e agora encarava os membros. — Escambo! Que crime! Uma ofensa capital! Um jovem arquiteto profundamente perturbado, um homem com anorexia, a quem tratei por três anos e levei à beira de uma importante mudança caracterológica, subitamente perdeu seu cargo quando a firma dele foi ingerida por outra empresa. Ele levará um ou dois anos para se estabelecer independentemente. Enquanto isso, ele praticamente não tem renda. Qual a ação analítica correta? Abandoná-lo? Permitir que incorra numa dívida de vários milhares de dólares, uma alternativa fundamentalmente inaceitável para ele? Enquanto isso, por motivos relacionados à minha saúde pessoal, tinha planejado construir uma ala na minha casa que incluísse um escritório e uma sala de espera. Eu estava procurando por um arquiteto. Ele estava procurando por um cliente.

"A solução — a solução correta, a solução moral, de acordo com meu julgamento, que não tenho de justificar a este ou qualquer outro público — era óbvia. O paciente projetou minha nova estrutura. O problema dos honorários foi aliviado e ele foi afetado de uma maneira terapeuticamente positiva por minha confiança nele. Planejo colocar este caso no papel: o ato de projetar minha casa — a toca íntima do pai — levou-o às camadas mais profundas das memórias arcaicas e fantasias do seu pai, camadas inacessíveis por técnicas conservadoras. Preciso, alguma vez precisei, de sua permissão para exercer criativamente a minha profissão?"

Aqui, Seth voltou a percorrer dramaticamente os olhos pelo público, deixando que seu olhar fixo parasse por alguns momentos sobre Marshal.

Somente John Weldon ousou responder: — Limites! Limites! Seth, você está além de toda a técnica estabelecida? Fazer o paciente inspecionar e projetar a sua casa? Você pode chamar isto de criativo. Mas eu lhe digo, e sei que todos concordam comigo, *isto não é análise.*

— "Técnica estabelecida." "Não é análise." — Seth parodiou John Weldon, repetindo suas palavras de uma maneira monótona e aguda. — A lamúria das mentes pequenas. Você acha que a técnica origina das tábuas de Moisés? A técnica é moldada por analistas visionários: Ferenczi, Rank, Reich, Sullivan, Searles, Sim, e Seth Pande!

Um status visionário autoproclamado — Morris Fender, um homem calvo, olhos esbugalhados parecendo um gnomo, com óculos imensos e sem pescoço, entrou na discussão — é um veículo inteligente, diabólico,para ocultar e racionalizar inumeráveis pecados. Tenho algumas preocupações profundas, Seth, sobre o seu comportamento. Mina o bom nome da análise para o público geral e, francamente, estremeço só de pensar que você está treinando jovens analistas. Reflita sobre seu próprio texto — como as duas afirmações na L*ondon Literary Review.*

Morris tirou algumas páginas de jornal do bolso e as desdobrou tremulamente. — Isto — ele disse, sacudindo as páginas na frente dele — é de sua própria revisão da correspondência Freud-Ferenczi. Aqui você proclama publicamente que diz aos pacientes que você os ama, que você os abraça e discute detalhes íntimos da sua vida com eles: seu divórcio pendente, seu câncer. Você lhes diz que eles são seus melhores amigos. Você os convida a ir à sua casa tomar um chá, conversa com eles sobre suas preferências sexuais. Pois bem, sua preferência sexual é assunto seu — e a natureza dela não está em discussão aqui —, mas por que o público leitor inteiro, bem como seus analisandos, têm de saber sobre sua bissexualidade? Você não pode negar isto. Novamente Morris agitou os jornais na frente dele. — São suas próprias palavras.

— Claro, são minhas próprias palavras. Seria plágio também uma acusação na ordem do dia? — Seth apanhou a carta do comitê *ad hoc* e fingiu zombeteiramente estudá-la cuidadosamente: — Plágio, plágio — ah, tantas outras ofensas capitais, tantas outras variedades de depravação capital, mas nada de plágio. Disso pelo menos fui poupado. Sim, é claro, minhas próprias palavras., E eu as defendo. Existe uma ligação mais íntima que aquela entre o analista e o analisando?

Marshal ouviu em expectativa. *Bom para você, Morris,* ele pensou. *Provocação perfeita. Primeira coisa inteligente que já vi você fazer!* Os foguetes de Seth estavam soltando fumaça; ele estava prestes a se explodir numa órbita de autodestruição.

— Sim — Seth continuou, seu único pulmão trabalhando penosamente, a voz cada vez mais rouca. — Mantenho minhas palavras de que meus pacien-

tes são meus amigos mais íntimos. E isto é verdadeiro para todos vocês. Você também, Morris. Meus pacientes e eu passamos quatro horas por semana na mais íntima discussão possível. Digam-me, quais de vocês passam esse tanto de tempo íntimo com um amigo? Respondo por vocês: *nenhum de vocês* — certamente não você, Morris. Todos nós conhecemos os padrões americanos de amizade masculina. Talvez alguns de vocês almocem com um amigo e, entre o pedido e a mastigação, gastam trinta minutos num congresso íntimo.

"Vocês negam — a voz de Seth ocupou toda a sala — que a hora de terapia objetiva é um templo de honestidade? Se seus pacientes forem suas conexões mais íntimas, *então tenham a coragem de deixar de lado a hipocrisia e digam a eles!* E que diferença faz se eles conhecerem os detalhes da sua vida pessoal? Nem uma única vez minha auto-revelação interferiu no meu procedimento analítico. Pelo contrário, acelera o processo. Talvez, devido ao meu câncer, a velocidade tenha se tornado importante para mim. Meu único arrependimento é ter esperado tanto tempo para descobrir isto. Meus novos analisandos presentes nesta sala podem atestar a velocidade com que trabalhamos. Perguntem-lhes! Estou convencido agora de que nenhuma análise didática precisa ser de mais de três anos. Vão em frente, deixem que eles falem!"

Marshal levantou-se: — Eu faço objeção! É impróprio e incontinente — aquela palavra novamente, sua palavra favorita! — envolver seus analisandos de qualquer maneira que seja nesta discussão deplorável. É um sinal de mau juízo até mesmo considerá-lo. O ponto de vista deles é duplamente atravancado: pela transferência e pelo interesse próprio. Você lhes pergunta sobre velocidade, sobre uma análise rápida e suja — *é claro* que concordarão. É claro que serão seduzidos pela idéia de uma breve análise didática de três anos. Que candidato não seria? Mas não estamos evitando a questão central: sua doença e o impacto que tem sobre seus pontos de vista e seu trabalho. Como você mesmo sugere, Seth, sua doença o imbuiu com uma urgência para terminar rapidamente com os pacientes. Nenhum de nós deixa de entender e ser simpático a isso. Sua doença muda sua perspectiva de várias maneiras, maneiras perfeitamente compreensíveis, dada a situação.

"Mas isso não significa", Marshal continuou com crescente confiança, "que sua nova perspectiva, nascida da urgência pessoal, deva ser apresentada aos estudantes como uma doutrina psicanalítica. Desculpe-me, Seth, mas devo concordar com o Comitê de Ensino que é certo e oportuno levantar a questão do seu status de instrutor e sua capacidade de continuar exercendo a profissão nesse status. Uma organização psicanalítica não pode se dar ao luxo de negligenciar a questão da sucessão. Se os analistas não puderem, como poderemos esperar que outras organizações que buscam nossa ajuda — corporações, governos — cuidem do processo da transferência de responsabilidade e poder da velha e poderosa geração à próxima?"

—Nem podemos — exaltou-se Seth — nos dar ao luxo de ignorar aqueles muito medíocres que se agarram selvagemente ao poder, sem merecê-lo!

—Ordem! — John Weldon bateu seu martelo. — Voltemos à substância. O comitê *ad hoc* trouxe à nossa atenção os seus comentários públicos e publicados, atacando e repudiando depreciativamente alguns dos pilares centrais da teoria psicanalítica. Por exemplo, na sua recente entrevista à *Vanity Fair,* você ridiculariza o complexo edipiano e o rechaça qualificando-o como um "erro judeu", e, então, vai em frente para dizer que é um dos muitos cânones fundamentais da psicanálise...

—É claro — desferiu Seth, todas as tentativas de troça ou humor esgotadas —, *é claro que é um erro judeu.* O erro de elevar o pequeno triângulo familiar judaico-vienense à família universal e depois tentar resolver para o mundo aquilo que os judeus atormentados pelo remorso não conseguem resolver sozinhos!

Nesse momento, o salão estava em alvoroço e vários analistas tentaram falar ao mesmo tempo. "Anti-semita", disse um deles.

Muitos outros comentários podiam ser ouvidos: "massageando os pacientes", "sexo com pacientes" e "auto-engrandecimento" não é análise — deixem que ele faça qualquer maldita coisa que ele queira, mas não chamem de análise.

Seth falou acima de todos. — É claro, John, eu disse e escrevi essas coisas. E mantenho esses comentários, também. Todo mundo, lá no fundo, sabe que estou certo. O pequeno gueto familiar judeu de Freud representa uma minúscula minoria da humanidade. Tomemos minha própria cultura, por exemplo. Para cada família judia que resta na Terra, existem milhares de famílias muçulmanas. A análise nada sabe sobre essas famílias e esses pacientes. Nada sabe sobre o papel diferente e arrogante do pai, sobre o profundo desejo inconsciente pelo pai, por uma volta ao conforto e segurança do pai, para uma fusão com o pai.

— Sim — disse Morris, e abriu um periódico —, está aqui numa carta ao editor no *Contemporary Psychoanalysis.* Você discute sua interpretação a um jovem bissexual sobre o anseio dele, e eu cito: "que era um anseio universal para voltar à sinecura mundial primordial — o ventre-reto do pai." Você se refere a isso com a sua costumeira modéstia como — aqui Morris leu mais adiante —"uma interpretação fundamental transformadora que tem sido inteiramente obscurecida pelo preconceito racial da psicanálise."

—Exatamente! Mas esse artigo, publicado há apenas dois anos, foi escritoseis anos atrás. Não vai

longe o bastante. É uma interpretação universal; torno-o central agora no meu trabalho com *todos* os meus pacientes. A psicanálise não é nenhum empreendimento provinciano judeu. Deve reconhecer eabraçar as verdades do Oriente e do Ocidente. Cada um de vocês tem muito aaprender e tenho dúvidas sérias tanto sobre o seu desejo quanto à sua capacidade de absorver novas idéias.

Foi Louise Saint Clare, uma dócil analista de cabelos grisalhos de grande integridade, que fez o primeiro desafio decisivo. Falou diretamente à mesa. — Acho que ouvi o suficiente, sr. Presidente, para me convencer de que o dr. Pande afastou-se demais do corpo dos ensinamentos psicanalíticos para ser responsável pelo treinamento de jovens analistas. Proponho a moção da remoção do seu status como analista didata!

Marshal ergueu a mão: — Apóio essa moção.

Seth levantou-se ameaçadoramente e lançou um olhar fulminante aos membros: — Vocês *me* removerem? Não esperava menos da máfia analítica judia.

—Máfia judia? — questionou Louise Saint Clare. — O padre da minha paróquia ficará espantado de ouvir isto.

—Judeus, cristãos, nenhuma diferença — uma máfia judaico-cristã. E vocês acham que podem me remover. Bem, eu os removerei. Criei este instituto. Sou este instituto. E para onde eu for — e acreditem, estou partindo —, *lá* estará o instituto. — Com isto, Seth empurrou sua cadeira para o lado, apanhou o chapéu e o casaco e, a passos largos, saiu ruidosamente.

Rick Chapton quebrou o silêncio depois que Seth Pande saiu. Naturalmente, Rick, como um dos ex-analisandos de Seth, sentiria de uma maneira particularmente intensa os efeitos da remoção de Seth. Muito embora seu estágio prático estivesse inteiramente terminado e ele fosse um membro efetivo do instituto, Rick, assim como a maioria, continuava a se orgulhar do status do seu analista didata.

— Gostaria de falar em defesa de Seth — disse Rick. — Tenho sérias dúvidas sobre o espírito e a propriedade dos procedimentos desta noite. Nem acho que várias das últimas declarações de Seth sejam pertinentes. Elas nada provam. Ele é um homem doente e orgulhoso e todos nós sabemos que, quando ele é pressionado, e poderíamos suspeitar que ele foi intencionalmente pressionado esta noite, ele sabidamente reage de uma maneira defensiva e arrogante.

Rick parou por um momento para consultar uma ficha de oito por 12 centímetros e, então, continuou: — Eu gostaria de oferecer uma interpretação sobre os procedimentos processuais desta noite. Vejo muitos de vocês se fustigando num frenesi de pretensa superioridade moral sobre a postura teórica de Seth. Mas eu me pergunto se é realmente o *conteúdo* das interpretações do dr. Pande o tema em discussão, e não seu estilo e visibilidade! Seria possível que muitos de vocês se sintam ameaçados por seu brilhantismo, por suas contribuições ao nosso campo, por sua habilidade literária e, acima de tudo, por sua ambição? Não estariam os membros com inveja da freqüente presença de Seth nas revistas e jornais e na tevê? Podemos tolerar um inconformista? Podemos tolerar alguém que contesta a ortodoxia de uma maneira bem parecida como Sandor Ferenczi contestou a doutrina analítica 75 anos atrás? Sugiro que a controvérsia desta noite não esteja dirigida ao *conteúdo* das interpretações analíticas de Seth Pande. A discussão da sua teoria focada no pai é uma pista falsa, um exemplo clássico de deslocamento. Não, isto é uma vendeta, um ataque pessoal, e, neste sentido, indigno. Sugiro que os verdadeiros motivos em ação aqui são a inveja, a defesa da ortodoxia, o medo do pai e o medo da mudança.

Marshal reagiu. Conhecia bem o Rick, tendo supervisionado um de seus casos analíticos por três anos. — Rick, respeito sua coragem, sua lealdade e sua disposição de falar o que pensa, mas devo discordar de você. O conteúdo interpretativo de Seth Pande é bem o *meu* tema em discussão aqui. Ele se afastou tanto da teoria analítica que é nossa responsabilidade nos diferenciarmos dele. Examine o conteúdo das interpretações dele: a pulsão de se fundir com o pai, a volta ao ventre-reto do pai. Francamente!

—Marshal — contrapôs Rick —, você está tirando uma das interpretações inteiramente fora do contexto. Quantos de vocês fizeram alguma interpretação idiossincrática que, fora do contexto, pareceria tola ou indefensável?

—Isso pode ser. Mas não é essa a situação com Seth. Ele muitas vezes deu palestras e escreveu para os profissionais da área e para o público geral dizendo que considera este motif, ou este tema, uma dinâmica crucial na análise de todo homem. Ele deixou claro esta noite que não era alguma ocasião interpretativa isolada. Uma "interpretação universal", ele a chamou. Ele se vangloriou de ter feito esta mesma interpretação perigosa a todos os seus pacientes masculinos!

—Bravo, apoiado. — Marshal teve o apoio de um coro de vozes.

—"Perigosa", Marshal? — Rick repreendeu. — Não estamos exagerando?

—Talvez subestimando. — A voz de Marshal ficou mais forte. Ele tinha agora claramente emergido como um poderoso porta-voz do instituto. -— Você questiona o papel supremo ou o poder da interpretação? Tem alguma idéia de quanto dano esta interpretação pode ter causado? Todo homem adulto que tenha algum anseio por um período regressivo, alguma volta temporária a um lugar de repouso terno, afetuoso, recebe a interpretação de que ele deseja se rastejar através do ânus do pai de volta ao ventre-reto. Pense na culpa e ansiedade iatrogênicas da regressão homossexual.

— Concordo inteiramente — acrescentou lohn Weldon. — O Comitê deEnsino foi unânime em sua recomendação de que Seth Pande seja liberado doseu status como analista didata. Foram somente a grave doença de Seth Pandee suas contribuições a este instituto no passado que os levou a não expulsá-lointeiramente. Os membros devem votar se aceitam a recomendação do Comitê de Ensino.

— Proponho que a questão seja decidida numa votação — disse Olive Smith.Marshal apoiou e a votação teria sido unânime, não fosse o voto contra de

Rick Chapton. Mian Khan, um analista paquistanês que trabalhou freqüentemente em colaboração com Seth, e quatro dos ex-analisandos anteriores de Seth se abstiveram.

O grupamento dos três atuais analisandos não-votantes de Seth sussurravam juntos e um deles disse que eles precisavam de tempo para decidir seu curso futuro, mas que, como grupo, estavam consternados com o teor da reunião. Então, se retiraram da sala.

—Estou mais que consternado — disse Rick, que juntou ruidosamente suas coisas e então se dirigiu à saída. — Isto é escandaloso, pura hipocrisia. — Ao chegar à porta, ele acrescentou: — Junto-me à Nietzsche na crença de que a única verdade verdadeira é a verdade vivida!

—O que isso significa neste contexto? — perguntou John Weldon, batendo o martelo para pedir silêncio.

—Esta organização realmente se junta a Marshal Streider na crença de que Seth Pande infligiu um dano sério a seus pacientes masculinos com sua forma de interpretações baseadas em fusões com o pai?

—Acredito que possa falar pelo instituto — replicou John Weldon —, quando digo que nenhum analista responsável discordaria da opinião de que Seth infligiu um deplorável dano a vários dos pacientes.

Rick, de pé junto à porta, disse: — Então a implicação; de Nietzsche para você é bem simples. Se esta organização real e sinceramente acredita que um terrível mal foi feito aos pacientes de Seth e se restou alguma integridade a esta organização, então existe um único curso aberto a você — isto é, se você quiser agir de uma maneira moral e legalmente responsável.

—E o que é? — perguntou Weldon.

—*Recalll*

—*Recall?* O que é isso?

—Se — respondeu Rick — a General Motors e a Toyota tiverem a integridade e a macheza — desculpem-me, senhoras, não existe um termo equivalente politicamente correto — para fazer um *recall* de veículos mal fabricados, veículos com algum problema técnico que acabará causando algum prejuízo a seus proprietários, então o caminho a seguir é certamente evidente.

—Você quer dizer...?

—Você sabe exatamente o que quero dizer. — Rick saiu pisando forte e não hesitou em bater a porta atrás dele.

Três ex-analisandos de Seth e Mian Khan partiram imediatamente depois de Rick. À porta, Terry Fuller deu este aviso: — Levem isto muito a sério, senhores. Há uma ameaça real de cisma irreversível.

John Weldon não precisava de nenhum lembrete para levar o êxodo a sério. A última coisa que ele queria sob *sua* supervisão era um cisma e a formação de um instituto psicanalítico dissidente. Tinha acontecido muitas vezes em outras cidades: Nova York tinha três institutos depois da dissidência dos seguidores de Karen Horney e, mais tarde, dos interpessonalistas sullivanianos. Tinha acontecido em Chicago, em Los Angeles, na escola Washington -Baltimore. Deveria ter provavelmente acontecido em Londres, onde, por décadas, três grupos, os seguidores de Melanie Klein, Anna Freud e a "escola do meio" — os discípulos das relações objetais de Fairbairn e Winnicott — tinham travado uma guerra implacável.

O Instituto Analítico Golden Gate tinha vivido em paz por cinqüenta anos, talvez porque suas energias agressivas tivessem sido efetivamente lançadas contra inimigos mais visíveis: um robusto Instituto Junguiano e uma sucessão de escolas de terapias alternativas — transpessoal, reichiana, de vidas passadas, da respiração holotrópica, homeopática, *rolfing* — que originaram implacável e milagrosamente das nascentes vaporosas e banheiras quentes do Condado de Marin. Além do mais, John sabia que haveria algum jornalista culto que não resistiria a uma matéria sobre uma divisão no instituto psicanalítico. O espetáculo de analistas bem analisados incapazes de viver juntos, fazendo poses, lutando pelo poder, discutindo trivialidades e finalmente divorciando se num acesso de raiva, era uma maravilhosa literatura burlesca. John não quis ser lembrado como aquele que presidiu a fragmentação do instituto.

—*Recall!.* — exclamou Morris. — Uma coisa assim nunca foi feita.

—Medidas desesperadas para tempos difíceis — murmurou Olive Smith. Marshal olhou atentamente o rosto de John Weldon. Ao ver uma ligeira inclinação da cabeça em resposta a Olive, ele seguiu seu exemplo.

—Se não aceitarmos o desafio de Rick — que tenho certeza se tornará de domínio público em pouco tempo —, então nossas chances de remediar esta fratura serão bem baixas.

—Mas *recall* — disse Morris Fender —,por causa de interpretação errada?

—Não minimize uma questão séria, Morris — disse Marshal. — Existe alguma ferramenta analítica mais poderosa que a interpretação? E não estamos de acordo de que a formulação de Seth é, ao mesmo tempo, errada e perigosa?

—É perigosa *porque* é errada — aventurou-se Morris.

—Não — disse Marshal —; poderia ser errada, mas passiva. Errada porque não leva junto o paciente. Mas isto é errado *e* ativamente perigoso. Imagine! Cada um de seus pacientes homens que anseia por algum ligeiro conforto, algum ligeiro contato humano, é levado a acreditar que está vivenciando um desejo primitivo de se arrastar novamente através do ânus do pai para chegar ao

conforto de seu ventre-intestino. É sem precedentes, mas acredito que seja correto que tomemos as providências para proteger os pacientes dele. — Um rápido olhar garantiu a Marshal que John não apenas apoiava, mas dava valor à sua postura.

—Ventre-reto! De onde surgiu esta porcaria, esta heresia, este... esta... *este âesvario?* — disse Jacob, um analista de aparência selvagem com papadas e enormes costeletas e sobrancelhas grisalhas.

—Da própria análise dele, ele me contou, com Allen Janeway — disse Morris.

—E Allen já está morto há três anos. Você sabe que nunca confiei em Allen. Não tinha nenhuma evidência, mas sua misoginia, sua janotice, aquelas gravatas-borboleta, seus amigos *gays,* ele escolher um condomínio no Castro, ele construir toda a sua vida em torno da ópera...

—Vamos manter o foco, Jacob — John Weldon interrompeu. — A questão neste momento não é a preferência sexual de Allen Janeway. Nem a de Seth. Precisamos ser bem circunspectos sobre isto. No clima de hoje, seria uma catástrofe política se fôssemos vistos como aqueles que censuraram ou repeliram um membro porque ele *eragay.*

—Ele ou *ela era gay* — disse Olive.

John inclinou impacientemente a cabeça em assentimento e continuou: — E, neste sentido, também não é a questão da suposta má conduta sexual do Seth com os pacientes — a qual ainda não discutimos esta noite. Recebemos relatos ele má conduta sexual de terapeutas que trataram de duas das ex-pacientes de Seth, mas nenhuma das pacientes, por enquanto, concordou em protocolar uma queixa formal. Uma delas não está convencida de que tenha causado algum dano duradouro nela; a outra declara que a má conduta introduziu uma duplicidade insidiosa e destrutiva no casamento dela, mas, seja por alguma perversa lealdade transferenciai a Seth ou por que ela está relutante em enfrentar a publicidade, recusou-se a insistir nas acusações. Concordo com Marshal: nosso curso correto é permanecer numa única questão, a saber, que sob a égide da psicanálise, ele fez interpretações incorretas, não-analíticas e perigosas.

—Mas olhe os problemas — disse Bert Kantrell, uma das coortes deMarshal na sua classe analítica —, pense nas questões de confidencialidade.Seth poderia nos processar por calúnia. E quanto à má conduta profissional?Se Seth for judicialmente processado por má conduta profissional por um deseus ex-pacientes, o que impediria outros pacientes de vir em busca dospolpudos bolsos do nosso instituto ou até do instituto nacional? Afinal, seriamuito fácil eles dizerem que éramos responsáveis por Seth, que nós o nomeamos para um importante cargo didático. É um ninho de vespas; seria melhorque mantivéssemos nossas mãos fora disso.

Marshal adorava ver seus concorrentes parecerem fracos e indecisos. Para ressaltar o contraste, ele falou com toda a sua confiança. — *Au contraire,* Bert.

Seremos muito *mais* vulneráveis se *não* agirmos. O próprio argumento que você defende para não agir é o motivo pelo qual *devemos* agir com rapidez para nos dissociarmos de Seth e fazer tudo o que pudermos para corrigir os danos. Simplesmente consigo ver Rick Chapton, maldito seja, trazendo uma ação judicial contra nós ou, no mínimo, incitando um repórter do *Times* contra nós, se censurarmos Seth e, então, nada fizermos para proteger os pacientes dele.

—Marshal tem razão — disse Olive, que freqüentemente fazia as vezes da consciência moral do instituto. — Acreditando, como o fazemos, que nosso tratamento é potente e que a aplicação equivocada da psicanálise — a análise selvagem — é poderosamente prejudicial, então não temos nenhuma outra opção senão viver de acordo com as nossas palavras. Precisamos trazer de volta os ex-pacientes de Seth para um curso de psicoterapia corretiva.

—Mais fácil dizer do que fazer — advertiu Jacob. — Nenhum poder na Terra poderia convencer Seth a revelar os nomes dos seus ex-pacientes.

—Isso não será necessário — disse Marshal. — Nosso procedimento preferencial, parece-me, é fazer um apelo público na imprensa popular a todos os seus pacientes dos últimos vários anos, ou pelo menos todos os homens. — Com um sorriso, Marshal acrescentou: — Vamos partir da premissa de que ele maneja as mulheres de maneira diferente.

Sorrisos passaram por toda a platéia com o duplo sentido de Marshal. Embora os rumores da encenação sexual de Seth com as pacientes mulheres fossem conhecidos há anos pelos membros, era um enorme alívio finalmente ouvir abertamente.

—Estamos de acordo, então — disse John Weldon, batendo o martelo —, que devemos tentar oferecer terapia corretiva aos pacientes do Seth?

—Proponho essa moção — disse Harvey.

Depois de uma votação unânime, Weldon dirigiu-se a Marshal: — Você estaria disposto a assumir a responsabilidade por esta moção? Bastará formalizar junto ao comitê diretor os seus planos precisos.

— Sim, é claro, John — disse Marshal, mal contendo sua alegria e seu assombro no quanto sua estrela tinha subido naquela noite. — Irei também pedir aautorização para todas as nossas ações junto à Associação Internacional dePsicanálise — preciso conversar com o secretário, Ray Wellington, sobre umaoutra questão esta semana.

OITO

Quatro e meia da manhã. Tiburon estava escuro, exceto por uma casa fortemente iluminada empoleirada no alto de um promontório com vista para a baía de São Francisco. As luzes da poderosa Golden Gate eram obscurecidas pela névoa leitosa, mas as delicadas luzes na linha do horizonte da cidade tremulavam à distância. Oito homens exaustos se debruçavam sobre uma mesa e não prestavam a menor atenção para a ponte, a névoa ou a linha do horizonte-, tinham olhos apenas para as cartas distribuídas a eles.

Len, robusto, rosto vermelho, usando largos suspensórios amarelos decorados com dados e jogando cartas, anunciou: "Ultima mão". Era decisão do carteador e Len escolheu o *high-low* de sete cartas: as duas primeiras cartas fechadas, quatro abertas e a última fechada. As fichas da mesa eram divididas por dois vencedores: aquele com a maior e com a menor mão.

Shelly, cuja esposa, Norma, era uma das sócias da firma de advocacia de Carol, era o grande perdedor daquela noite (e todas as noites, pelo menos nos últimos cinco meses), mas apanhou suas cartas avidamente. Era um homem bonito, poderoso, com olhos sombrios, otimismo irreprimível e costas ruins. Antes de olhar suas duas primeiras cartas, Shelly levantou-se e ajustou a bolsa de gelo presa com uma tira ao redor da cintura. Quando jovem, tinha excursionado como tenista profissional e, mesmo agora, apesar das evidentes objeções de alguns discos intervertebrais protuberantes, ainda jogava quase todos os dias.

Ele pegou as duas cartas, uma sobre a outra. O ás de ouros! Nada mau. Lentamente ele deslizou a segunda carta para ver. O dois de ouros. Um ás e um dois de ouros! Cartas fechadas perfeitas! Seria possível, depois de uma sucessão de cartas miseráveis? Ele as colocou de volta à mesa e, alguns segundos depois, não conseguiu resistir e voltou a olhá-las. Shelly não percebeu os outros jogadores olhando-o atentamente — aquele segundo olhar carinhoso era um dos muitos"gestos denunciadores"de Shelly,pequenos maneirismos relaxados que denunciavam sua mão.

As duas cartas seguintes abertas eram igualmente boas: um cinco e, depois, um quatro de ouros. Santo Cristo! Uma mão de um milhão de dólares. Shelly quase explodiu num coro do *"Zip-a-dee-doo-dah, zip-a-dee-ay, my oh my — what a wonderful day".* Um, dois, quatro e cinco de ouros — uma mão pela qual morrer! Finalmente sua sorte tinha mudado. Ele sabia que tinha que acontecer, bastando que ele se mantivesse firme lá. E Deus sabe que ele se manteve.

Ainda faltava vir mais três cartas e tudo de que ele precisava para um *flush*[5] com o ás na cabeça seria mais uma carta de ouros, ou um três de ouros para uma seqüência do mesmo naipe — que lhe daria a metade das fichas na mesa que cabe ao melhor jogo. Qualquer carta baixa — três, seis ou mesmo um sete lhe daria a metade que vai para o jogo mais baixo. Se conseguisse um ouros e uma carta baixa, conseguiria ganhar *tanto* pelo melhor *quanto* pelo pior jogo todas as fichas da mesa. Esta mão o tornaria mais saudável, mas não inteiramente íntegro; ele estava no negativo em 12 mil.

Em geral, nas raras ocasiões em que ele teve uma mão decente, a maioria dos caras desistiu cedo. Que azar! Será que foi mesmo? Era aí que seus "gestos denunciadores" o entregavam — os jogadores desistiam em uníssono quando captavam sua animação, ele contando silenciosamente o total de fichas apostadas, protegendo as cartas mais firmemente, apostando mais imediatamente que o habitual, desviando o olhar do apostador para estimular mais apostas, as patéticas tentativas de camuflagem, ao fingir estudar as mãos altas, tendo, de fato, uma mão fraca.

Mas ninguém estava desistindo desta vez! Todos pareciam fascinados com suas próprias mãos (isso não era incomum para a última mão — os rapazes adoravam tanto jogar que, caracteristicamente, sugavam até a última gota do último jogo). Haveria uma enorme bolada em jogo.

Para atrair para si a maior mesa possível, Shelly começou a apostar na terceira carta. Na quarta, apostou cem (o cacife tinha um limite de 25 dólares na primeira rodada, cem nas rodadas seguintes e duzentos nas últimas duas) e ficou espantado quando Len aumentou a aposta. Len não mostrava muito na mesa: duas cartas de espadas, um dois e um rei. O melhor que Len conseguiria era um *flush* encabeçado pelo rei (um ás de espadas estava na frente de Harry).

Continue aumentando, Len, Shelly rezou. *Por favor, continue aumentando. Que Deus lhe conceda seu* flush *com rei na cabeça! Vai perder pro meu* flush *de ouros com ás na cabeça.* Ele voltou a aumentar e todos os sete jogadores entraram no jogo. Todos os sete — impressionante! O coração do Shelly bateu mais rápido. Ele ia ganhar uma fortuna e tanto. Deus, como era bom estar vivo! Deus, como adorava jogar pôquer!

A quinta carta de Shelly foi decepcionante, um inútil valete de copas. Ainda assim, ele ainda tinha mais duas cartas chegando. Era hora de pensar nesta mão. Passou os olhos apressadamente pela mesa e tentou calcular as chances. Quatro cartas de ouros na mão e outras três abertas na mesa. Isso significava que sete das treze cartas de ouros estavam fora. Sobravam seis cartas de ouros. Chances enormes de conseguir *o flush.* E, então, havia o jogo mais baixo. Bem poucas cartas baixas na mesa; muitas e muitas sobrando no baralho e ele tinha mais duas cartas chegando.

A cabeça de Shelly girou — complicado demais imaginar com precisão, mas as chances eram fabulosas. Super a seu favor. Para o inferno ficar calculando as chances, ele iria com tudo nesta mão, não importa o que acontecesse. Com sete jogadores na rodada, ele conseguiria três dólares e meio de volta para cada dólar investido. E uma boa chance de ganhar o pote inteiro — um retorno de sete para um.

A carta seguinte foi um ás de copas. Shelly estremeceu. Um par de ases não tinha muita utilidade. Ele começou a se preocupar. Tudo dependia da última carta. Ainda assim, uma única carta de ouros e apenas duas cartas baixas foram abertas na última rodada; suas chances ainda eram fabulosas. Ele apostou o máximo: duzentos. Len e Bill aumentaram. Havia um limite de três repiques e Shelly voltou a aumentar num terceiro repique. Seis jogadores pagaram. Shelly estudou as mãos. Ninguém mostrava muito. Somente dois pares baixos na mesa inteira. Por que diabo todos eles continuavam a apostar? Haveria algumas asquerosas surpresas? Shelly continuou tentando contar dissimuladamente o pote. Gigantesco! Provavelmente mais de sete mil e ainda restando mais uma grande rodada de apostas.

A sétima e última carta foi distribuída. Shelly apanhou suas três cartas fechadas, mudou todas de lugar e, então, as abriu lentamente. Ele tinha visto seu pai fazê-lo dessa maneira um milhar de

[5] No jogo de pôquer, combinação de cinco cartas quaisquer do mesmo naipe. (N. do E.)

vezes. Um ás de paus! Droga! A pior carta que ele poderia conseguir. Começando com quatro ouros baixos e terminando com três ases. Não eram nada — pior que nada, porque ele prova velmente não conseguiria ganhar e, ainda assim, eram bons demais para de sistir. Esta mão era uma maldição! Ele estava preso numa armadilha; linha de continuar! Pediu mesa. Len, Arnie e Willy apostaram, aumentaram, aumentaram de novo e aumentaram mais uma vez. Ted e Harry desistiram. Oitocentos para ele. Deveria soltar a grana? Cinco jogadores dentro. Sem chance de ganhar. Inconcebível que nenhum deles não ganhasse de três ases.

Mas mesmo assim... mesmo assim... não havia nenhuma mão alta aberta. Talvez, apenas talvez, Shelly pensou, *todos os outros quatro jogadores estivessem indo pelo jogo mais baixo! Len tinha um par de três em aberto; talvez estivesse forçando com dois pares ou uma trinca de três. Ele era conhecido por isso. Não! Acorde, sonhador! Economize os oitocentos. Sem chance de ganhar com trinca de ases — tinha de haver* flushes *ou seqüências escondidos.* Tinha *de haver. Com o que mais eles poderiam estar apostando? Quanto estava em jogo? No mínimo, 12 mil, talvez mais. Poderia voltar pra casa e para a Norma como um vencedor.*

E desistir desta mão agora — e ficar sabendo que sua trinca de ases teria vencido —, Cristo, ele nunca se perdoaria por essa falta de coragem. Nunca se recuperaria. Maldição! Maldição! Ele não tinha escolha. Tinha ido longe demais nesta jogada para recuar. Shelly colocou os oitocentos.

O desenlace foi rápido e misericordioso. Len abriu um *flush* encabeçado pelo rei, e a trinca de ases do Shelly morreu na praia. Mesmo *o flush* de Len não ganhou: Arnie tinha um *full house*[6] inteiramente oculto — isso significava que ele o tirou na última carta. Droga! Shelly viu que, mesmo que tivesse conseguido seu *flush* de ouros, teria perdido. E mesmo que tivesse conseguido seu três ou quatro, ainda teria perdido para o menor jogo — Bill virou uma *minhoca,* o perfeito jogo baixo: cinco, quatro, três, dois, ás. Por um instante, Shelly quis chorar, mas, em vez disso, abriu seu grande sorriso e falou: "Digam-me se não foi uma diversão-digna de dois mil dólares!"

Todos contaram suas fichas e pegaram o dinheiro com Len. O jogo fazia um rodízio de casa em casa, a cada duas semanas. O anfitrião fazia as vezes de banqueiro e acertava todas as coisas no fim da noite. Shelly ficou no prejuízo de 14 mil e trezentos. Ele fez um cheque e explicou, pedindo desculpas, que estava fazendo um pré-datado para dali a alguns dias. Tirando um enorme maço de notas de cem dólares, Len disse: "Esqueça, Shelly, eu cubro. Traga o cheque para o próximo jogo". Era assim que este jogo era. A confiança era tão profunda que os caras muitas vezes diziam que, no caso de uma enchente ou um terremoto, eles poderiam jogar pôquer por telefone.

Não, sem problema — Shelly respondeu com indiferença. Trouxe o talão errado e só preciso transferir os fundos para esta conta.

Mas Shelly tinha realmente um problema. Um grande problema. Quatro mil dólares na sua conta bancária e ele devia 14 mil dólares. E se a Norma descobrisse sobre suas perdas, o casamento estaria acabado. Era bem possível que este fosse seu último jogo de pôquer. Ao sair, ele fez um passeio nostálgico em volta da casa de Len. Talvez esta fosse sua última caminhada em volta da casa do Len, ou das casas de qualquer um dos amigos. As lágrimas vieram aos seus olhos enquanto olhava os cavalos do carrossel antigo no patamar da escada e o brilho da enorme mesa de madeira koa[7] lustrada da sala de jantar, a laje de meio metro quadrado de arenito coberta com as impressões de um peixe pré-histórico congelado para todo o sempre.

Sete horas antes, a noite tinha começado naquela mesa, com um banquete de sanduíches de carne-seca apimentada, língua *e pastrami,* que Len fatiou, colocou numa pilha alta cercada de picles de legumes e salada de repolho e batata ao molho azedo — todos especialmente trazidos de avião naquele mesmo dia, vindos da Carnegie Deli de Nova York. Len comeu muitíssimo e divertiu-se muitíssimo. Depois, exercitou-se para perdê-lo, a maior parte, no simulador de escada rolante Stair-Master e na esteira da sua bem equipada sala de ginástica.

[6] No pôquer, uma trinca e um par. (N. do E.)
[7] Madeira nativa das ilhas do Havaí. (N. do E.)

Shelly entrou no salão e se juntou aos outros que estavam de pé admirando uma pintura antiga que Len tinha acabado de comprar num leilão em Londres. Não reconhecendo o artista e com medo de revelar sua ignorância, Shelly permaneceu em silêncio. Arte era apenas um dos assuntos dos quais Shelly se sentia excluído; havia outros: vinho (vários de seus colegas de pôquer tinham adegas do tamanho da de um restaurante e muitas vezes viajavam juntos para os leilões de vinhos), ópera, balé, cruzeiros de navio, restaurantes parisienses três-estrelas, limites de aposta em cassinos. Tudo pesado demais para o sangue de Shelly.

Ele deu uma boa olhada em cada um dos jogadores, como se para gravar cada um indelevelmente na sua memória. Sabia que estes eram os bons e velhos tempos e que, em algum momento no futuro — talvez depois de um derrame, enquanto sentado no gramado de uma clínica de repouso num dia de outono, as folhas secas tombando ao vento, um cobertor xadrez desbotado no colo —, ele iria querer conseguir conjurar cada um dos rostos sorridentes.

Tinha o Jim, o Duque de Ferro ou o Rochedo de Gibraltar, como era freqüentemente chamado. Jim tinha mãos gigantescas e um queixo imponente. Deus, ele era durão. Ninguém tinha tirado Jim de uma rodada com um blefe, nunca.

E Vince: enorme. Ou *às vezes* enorme. Às vezes, não era. Vince tinha um relacionamento ioiô com os centros de saúde e de emagrecimento Pritikin: sempre indo até um (duas vezes, seu despertador tinha ficado numa cadeira em um dos jogos só para interrompê-lo) ou saindo de um, esbelto e elegante — e trazendo refrigerantes dietéticos de pêssego, maçãs frescas e biscoitos cobertos de chocolate sem gordura. A maioria das vezes, ele colocava aparadores generosos quando o jogo era na sua casa — a esposa fazia uma ótima comida italiana —, mas durante os primeiros dois meses depois de sair de um centro Pritikin, os rapazes ficaram apavorados com a comida que ele servia: lascas de tortilhas assadas, cenouras e cogumelos crus, salada de frango chinês sem óleo de gergelim. A maioria dos rapazes comia antes de ir. Eles gostavam de comida pesada — quanto mais gordurosa, melhor.

Em seguida, Shelly pensou em Dave, um psiquiatra calvo de barba que tinha uma visão ruim e entrava em parafuso quando o anfitrião não fornecia baralho de pôquer extragigante. Ele correria para fora da casa e sairia rugindo na sua Honda Civic entalhada vermelho-brilhante até a loja de conveniência mais próxima — uma façanha nada simples, já que algumas das casas se situavam em bairros residenciais bem afastados. A insistência de Dave em cartas corretas era uma fonte de grande diversão. Ele era um jogador tão ruim, vomitando "gestos denunciadores" por toda a mesa, que a maioria dos rapazes achava que ele se sairia melhor quando não visse suas cartas. E o mais cômico era que Dave realmente achava ser um ótimo jogador de pôquer! O engraçado era que Dave geralmente acabava no lucro. Era o grande mistério dos jogos das terças: *Por que diabo o Dave não perdia neste jogo?*

Era uma fonte interminável de diversão pensar que um psiquiatra estivesse menos ciente de si próprio que qualquer outra pessoa na mesa. Ou, no mínimo, *tivesse ficado* menos ciente. Dave estava chegando. Não mais as imbe-cilidades intelectuais arrogantes mais sagradas que vós. Não mais palavras de dez sílabas. Quais eram? "Penúltima mão" ou"estratégia dúplice". Ou, em vez de um "derrame", ele diria "acidente cerebrovascular". E a comida que ele costumava servir — *sushi, kabobs* de melão, sopa fria de frutas, picles de *zucchini.* Pior que a do Vince. Ninguém arriscava uma única mordida sequer, mas ainda assim I)ave levou um ano para sacar — e, mesmo assim, só depois de ter começado a receber fax anônimos de receitas de peito bovino, *brownie* e *cheesecake.*

Ele. está tão melhor agora, pensou Shelly, *que age como uma pessoa real. Deveríamos tê-lo cobrado pelos nossos serviços. Vários caras cuidam dele. Arnie vendeu a ele uma participação de 5% em um de seus cavalos de corrida, levou-o para os treinos e corridas, ensinou-lhe a ler as tabelas de corridas e como entender os cavalos examinando seus treinos. Harry apresentou o Dave ao basquete profissional. Quando se conheceram, Dave não sabia diferenciar um armador de um* free safety *ou de uma interbase. Onde ele tinha passado seus primeiros quarenta anos? Agora, Dave dirige um Alfa* burgundy, *divide os ingressos da temporada de basquete com Ted e do hóquei com Len,faz suas apostas com os outros rapazes com o* bookmaker *do Arnie de Las Vegas e quase soltou mil pratas para*

ir ao concerto da Streisand, em Las Vegas, com o Vince e o Harry.

Shelly ficou vendo o Arnie sair pela porta usando seu chapéu idiota Sherlock Holmes. Ele sempre usava um chapéu durante o jogo e, se ganhasse, continuava usando o mesmo chapéu até que sua sorte fosse embora. Então, ele saía e comprava um novo. Aquele maldito chapéu Sherlock Holmes faturou para ele cerca de quarenta mil. Arnie dirigia seu Porsche feito sob medida por duas horas e meia para o jogo. Uns dois anos atrás, ele se mudou para Los Angeles por um ano para administrar sua empresa de telefones celulares e voava regularmente para visitar seu dentista e jogar pôquer. Como um ritual, os rapazes tiravam o valor da passagem aérea dele das primeiras rodadas. Seu dentista, Jack, também jogou algumas vezes — até que perdeu demais. Jack era um péssimo jogador, mas vestia-se pior. Certa vez, Len gostou muito da camisa rancheira com pesponto metálico de Jack e fez uma aposta paralela numa mão: duzentos dólares contra a camisa. Jack perdeu: um *full house* com "rainha na cabeça" contra *straight flush*[8] do Len. Len deixou que ele usasse a camisa para voltar para casa, mas voltou para pegá-la na manhã seguinte. Esse foi o último jogo de Jack. E em todos os jogos seguintes, por cerca de um ano, Len veio vestido com a camisa de Jack.

Mesmo durante seus melhores tempos, Shelly era quem tinha, de longe, menos dinheiro no grupo. Por um fator de dez. Ou mais. E agora, com a baixa do Vale do Silício, não era uma de suas melhores épocas; ele estava sem trabalho desde que a Digilog Microsystems tinha falido cinco meses atrás. No início, ele tinha ido ao encalço dos *headhunters* e esquadrinhado os anúncios classificados todos os dias. Norma cobrou 250 por hora por seus serviços legais. Isso foi ótimo para as finanças familiares, mas Shelly ficou envergonhado de aceitar um trabalho que pagava vinte ou 25 por hora. Ele fixou tão no alto as suas exigências que os *headhunters* acabaram desistindo dele e ele gradualmente se aclimatou à idéia de ser sustentado pela mulher.

Não, Shelly não tinha talento para ganhar dinheiro. E era uma coisa de família. O pai tinha trabalhado e "ralado" por anos para salvar duas apostas quando Shelly era jovem. E perdeu as duas. Ele afundou a primeira num restaurante japonês em Washington, D.C., que foi inaugurado duas semanas antes de Pearl Harbor. A segunda, dez anos depois, ele usou para comprar uma concessão do Edsel.

Shelly manteve a tradição familiar. Foi um jogador universitário de classe internacional, mas só venceu três jogos em três anos no circuito profissional. Era bonito, jogava com brilhantismo, as multidões o adoravam, sempre conseguia quebrar o primeiro serviço — mas simplesmente não conseguia bater o oponente. Talvez ele fosse um sujeito bonzinho demais. Talvez precisasse de um "fechador". Quando se aposentou do circuito profissional, investiu sua modesta herança num clube de tênis perto de Santa Cruz um mês antes de o terremoto de 1989 ter engolido seu vale inteiro. Recebeu uma pequena quantia num acordo com a seguradora, a maior parte da qual investiu em ações da Pan Am Airlines, logo antes desta falir; parte foi para ações de alto risco por meio da corretora de Michael Milken; o restante, ele investiu no San Jose Nets da Liga Americana de Vôlei.

Talvez essa fosse uma das atrações do jogo para Shelly. Esses caras sabiam o que estavam fazendo. Sabiam ganhar dinheiro. Talvez parte disso sobrasse para ele.

De todos os rapazes, Willy era de longe o mais rico. Quando vendeu sua jovem empresa de *softwares* de finanças pessoais para a Microsoft, ele saiu com cerca de quarenta milhões. Shelly sabia disso por ler nos jornais; nenhum dos rapazes jamais falou abertamente sobre isso. O que ele adorava em Willy era a maneira como aproveitava o dinheiro. Ele não fazia nenhum mistério sobre isso: sua missão na Terra era se divertir. Sem culpa. Sem vergonha. Willy falava e lia grego — seus parentes eram imigrantes gregos. Ele gostava particularmente do escritor grego Kazantzakis e tentava se espelhar em Zorba, um de seus personagens, cujo objetivo na vida era deixar para a morte "nada além de um castelo inteiramente consumido pelo fogo".

Willy adorava ação. Sempre que desistia de uma mão, corria até a outra sala para espiar algum

[8] No pôquer, seqüência de cinco cartas do mesmo naipe. O *royal straight flush é* a seqüência mais alta, constituída de dez, valete, dama, rei e ás. (N.do E.)

jogo na tevê — basquete, futebol, beisebol — no qual ele tinha apostado uma grande soma em dinheiro. Certa vez, ele alugou um rancho de jogos de guerra em Santa Cruz por um dia inteiro, o tipo de lugar onde os grupos jogam de Capturar a Bandeira, usando armas que atiram balas de tinta. Shelly sorriu ao se lembrar de dirigir até o local e ver os rapazes assistindo a um duelo. Willy, usando óculos de proteção e o chapéu de um piloto de avião de combate da Primeira Guerra Mundial, e Vince, ambos com armas na mão e de costas um para o outro, estavam se afastando dez passos. Len, o árbitro, usava a camisa de Jack e segurava um punhado de notas de cem dólares da aposta. Aqueles sujeitos eram malucos — apostavam em qualquer coisa.

Shelly seguiu Willy para fora, onde os Porsches, os Bentleys e os Jags estavam roncando os motores e esperando que Len abrisse os imensos portões de ferro. Willy virou e colocou o braço ao redor dos ombros de Shelly; os rapazes se tocam bastante. — Como vai, Shelly? A busca de emprego está andando?

—*Comme çi, comme ça.*

—Agüente firma — disse Willy. — Os negócios estão mudando. Tenho a sensação de que o Vale vai voltar a abrir em breve. Vamos almoçar. — Os dois tinham se tornado amigos íntimos com o correr dos anos. Willy adorava jogar tênis e Shelly muitas vezes lhe dava algumas instruções e tinha, durante anos, ensinado informalmente os filhos de Willie, com um deles agora jogando na equipe do Stanford.

—Ótimo! Semana que vem?

—Não, depois disso. Vou ficar muito tempo fora nas próximas duas semanas, mas com muito tempo livre no fim do mês. Minha agenda está no escritório. Telefono pra você amanhã. Quero conversar com você sobre uma coisa. Te vejo no próximo jogo.

Sem comentários de Shelly.

— Certo?

Shelly assentiu com a cabeça. — Certo, Willy.

— Tchau, Shelly, tchau, Shelly."Tchau, Shelly.""Tchau, Shelly." — Os gritosdesapareceram enquanto os grandes sedãs se afastavam. Shelly sentiu uma dorao vê-los se afastando de carro e sumindo na noite. Ah, como ele sentiria faltadeles. Deus, ele adorava esses caras!

Shelly dirigiu para casa em profundo sofrimento. *Perder 14 mil. Que inferno — é preciso talento para perder 14 mil.* Mas não era o dinheiro. Shelly não se importava com os 14 mil. Ele se importava é com os rapazes e o jogo. Mas não tinha jeito de ele continuar jogando. Absolutamente nenhum jeito! A aritmética era simples: não havia mais dinheiro. *Preciso conseguir um emprego. Se não em vendas de* softwares, *então que seja em outro campo — talvez voltar a vender iates em Monterey. Ugh! Posso fazer isso? Ficar sentado por semanas à espera da minha única venda a cada mês, ou a cada dois meses, seria o bastante para me levar de volta aos cavalos.* Shelly precisava de ação.

Nos últimos seis meses, ele tinha perdido muito dinheiro no jogo. Talvez quarenta, cinqüenta mil dólares — ele tinha ficado com medo de manter um cálculo exato. Não tinha nenhum jeito de conseguir mais dinheiro. Norma depositava o pagamento dela numa conta bancária separada. Ele tinha feito empréstimo em tudo. E com todo mundo. Exceto, é claro, com um dos rapazes. Isso seria uma maneira ruim. A única e última posse em que ele poderia colocar as mãos — mil ações da Imperial Valley Bank, valia cerca de 15 mil dólares. Seu problema era como trocar por dinheiro sem que Norma descobrisse. De uma forma ou outra, ela tinha ficado esperta. Ele já não tinha mais nenhuma desculpa. E ela estava ficando sem paciência. Era só uma questão de tempo.

Catorze mil? Aquela última e maldita mão. Ele continuou revivendo-a. Estava certo de que tinha jogado certo: quando as chances estão a seu favor, você tem que pressionar... perca a coragem e está tudo acabado. Foram as cartas. Ele sabia que iriam mudar logo. Foi assim que aconteceu. Ele pensou

a longo prazo. Sabia o que estava fazendo. Vinha jogando pesadamente desde que era adolescente e tinha dirigido uma operação de apostas em beisebol durante todo o colegial. E uma baita operação lucrativa, também.

Quando estava com 14 anos, ele tinha lido, não se lembrava onde, que as chances de escolher três jogadores de beisebol para conseguir um total combinado de seis rebatidas válidas em qualquer dado dia era de cerca de vinte para um. Portanto, ele oferecia nove ou dez para um e conseguia muitos apostadores. Dia após dia os idiotas continuavam a acreditar que três jogadores selecionados entre aqueles do nível do Mantle, Musial, Berra, Pesky, Bench, Carevv, Banks, McQuinn, Rose e Kaline *tinham* de conseguir seis rebatidas válidas entre eles. Bobalhões! Nunca aprenderam.

Talvez agora fosse *ele* que não estivesse aprendendo. Talvez fosse *ele* que fosse o idiota e não devesse estar neste jogo. Sem dinheiro suficiente, sem coragem suficiente, um jogador não suficientemente bom. Mas Shelly passou por maus bocados por acreditar que poderia ser tão ruim assim. De repente, depois de manter sua posição por mais de 15 anos neste jogo, teria ele se tornado um mau jogador? Não fazia sentido. Mas, talvez, houvesse algumas pequenas coisas que ele estivesse fazendo diferente. Talvez a má série de cartas estivesse afetando seu modo de jogar.

Seu pior pecado, ele sabia, durante toda a maré de má sorte, foi ter ficado impaciente demais e tentado forçar em mãos medíocres. Sim, sem dúvida. Foram as cartas. E indubitavelmente elas mudariam. Só uma questão de tempo. Poderia acontecer em qualquer jogo — provavelmente no próximo — e, então, ele poderia decolar num fantástico impulso vencedor. Ele tinha participado do jogo por 15 anos e, mais cedo ou mais tarde, as coisas se equilibrariam. Só uma questão de tempo. Mas, agora, Shelly não conseguiria comprar mais tempo.

Uma chuva leve começou. Sua janela embaçou. Shelly ligou os limpadores e o desembaçador, parou para pagar seus três dólares no pedágio da Golden C iate e rumou para a rua Lombard. Ele não era bom em planejar o futuro, mas agora, quanto mais pensava sobre o futuro, mais percebia o quanto estava em jogo: sua participação no jogo, seu orgulho, sua auto-estima como jogador. Para não mencionar o casamento — isto também estava em jogo!

Norma sabia sobre seus jogos. Antes de se casarem oito anos antes, ela tinha tido uma longa conversa com a primeira mulher dele — que o tinha deixado seis anos antes quando, numa maratona de jogos num cruzeiro para as Bahamas, quatro valetes tinham acabado com toda a poupança deles.

Shelly realmente amava Norma e estava falando sério e sendo sincero quando fez a promessa a ela: desistir inteiramente dos jogos, participar das reuniões dos Jogadores Anônimos, entregar a ela os salários e deixar que ela cuidasse de toda a finança. E, então, numa demonstração de boa-fé, Shelly até propôs trabalhar no seu problema com qualquer terapeuta que ela escolhesse. Norma escolheu um psiquiatra que ela havia consultado dois anos antes. Ele foi ao psiquiatra — um tipo estúpido — durante alguns meses. Uma total perda de tempo; não se lembrava de nada do que discutiram. Mas um bom investimento — firmou o acordo, provando a Norma que ele levava a sério as suas promessas.

E, na maior parte, Shelly tinha mantido as promessas. Desistiu de jogar, exceto pelo jogo de pôquer. Nada de apostas em futebol ou basquete, disse adeus ao Sonny e ao Lenny, seus *bookmakers* de longa data; nada de Las Vegas ou Reno. Cancelou suas assinaturas do *The Sporting Life* e *Card Player.* O único evento esportivo que ele apostava era no U. S. Open; sabia ler as tabelas de tênis. (Mas perdeu uma fábula apostando em McEnroe contra o Sampras.)

E, até que a Digilog quebrasse seis meses antes, ele entregava fielmente seu salário à Norma. Ela sabia sobre o jogo de pôquer, é claro, e lhe dava uma quantia especial para isso. Ela achava que fosse um jogo de cinco e dez dólares e, por vezes, adiantava a ele de bom grado duzentos dólares — Norma até que gostava da idéia de o marido socializar com alguns dos homens de negócios mais ricos e mais influentes do norte da Califórnia. Além do mais, dois dos rapazes a contrataram para aconselhamento legal.

Mas havia duas coisas de que Norma não sabia. Em primeiro lugar, as apostas. Os rapazes eram muito discretos sobre isso — sem dinheiro na mesa, só as fichas que eles sempre chamavam de "quartos" (vinte e cinco dólares), "meios" (cinqüenta dólares) e "dólares" (cem dólares). Ocasionalmente, os filhos de um dos rapazes assistiam ao jogo durante algumas mãos e não tinham nenhuma idéia das apostas reais. Às vezes, quando Norma encontrava um dos jogadores ou suas esposas socialmente — em casamentos, crismas, *bar mitzvahs* —, Shelly se preparava para ela ficar sabendo sobre suas perdas ou da magnitude do risco. Mas os rapazes — que Deus abençoe seus corações — sabiam o que dizer: ninguém nunca cometeu um deslize. Era uma daquelas regras que ninguém nunca mencionou, mas todo mundo conhecia.

A outra coisa que Norma não sabia era sobre a conta dele do pôquer. Entre os casamentos, Shelly juntou sessenta mil dólares em capital. Ele tinha sido um supervendedor de *softwares...* sempre que decidia trabalhar. Ele contribuiu com vinte mil dólares no casamento, mas tinha ainda quarenta mil como seu fundo do pôquer e ele o manteve escondido de Norma numa conta bancária secreta em Wells Fargo. Ele achou que quarenta mil poderiam durar para sempre, que ele conseguiria agüentar qualquer maré de perdas. E conseguiu. Por 15 anos. Até esta aqui — esta maré de perdas do inferno!

As apostas tinham aumentado gradualmente. Ele se opôs sutilmente aos aumentos, mas ficou com vergonha de dar muita importância ao assunto. Para ter emoção no jogo, todo mundo precisa de apostas altas. As perdas precisam doer um pouco. O problema era que os outros tinham dinheiro demais: apostas altas para ele eram como uma "pingada"[9] de centavos para eles. O que ele podia fazer? Agüentar a humilhação de dizer: "Desculpe, rapazes, não tenho dinheiro bastante para jogar cartas com vocês. Sou pobre demais, covarde demais, fracassado demais para estar à altura de vocês?" Nenhuma chance de algum dia ele dizer isso.

Mas agora seu fundo do pôquer estava acabado, exceto por quatro mil. Graças a Deus que Norma nunca ficou sabendo dos quarenta mil. Senão, ela já teria ido embora há muito. Norma odiava apostas porque o pai dela tinha perdido a casa da família no mercado de ações: ele não jogava pôquer (era um diácono da igreja, uma vara reta, um cabo de vassoura no traseiro), e sim no mercado de ações — a mesma coisa! *Os mercados,* Shelly sempre pensava, *eram para os delicados sem a valentia para o pôquer!*

Shelly tentou se concentrar; precisava de dez mil bem rápido: tinha pré-datado o cheque para dali a apenas quatro dias. O que ele tinha de fazer era conseguir o dinheiro de algum lugar em que Norma não pensaria em olhar por duas semanas. Shelly *sabia,* sem dúvida alguma *sabia,* como soubera de algumas coisas na sua vida antes, que se ele apenas conseguisse levantar uma aposta e jogar no próximo jogo, as cartas iriam mudar, ele ganharia uma bolada e tudo voltaria a entrar nos eixos.

Quando chegou em casa às cinco e meia, Shelly tinha decidido o que fazer. A melhor solução, a única solução, era vender parte de suas ações do Imperial Bank. Cerca de três anos atrás, Willy tinha comprado o Imperial Bank e, com informações internas privilegiadas, tinha dado a Shelly uma dica que era infalível. Willy estava achando que, no mínimo, ele dobraria seu investimento em uns dois anos, quando o banco fosse lançado na bolsa de valores. Portanto, Shelly comprou mil ações com o pé-de-meia de vinte mil dólares que ele tinha levado para o casamento, vangloriando-se à Norma sobre a dica privilegiada o o dinheiro que ele e Willy iriam ganhar.

O histórico de Shelly de estar no lugar errado na hora errada permaneceu intacto: foi a época do escândalo das poupanças e empréstimos. O banco de Willy foi gravemente prejudicado: as ações caíram de vinte para 11 por ação. Agora, tinha voltado a 15. Shelly recebeu a perda com calma e sabia que Willy tinha perdido muito, também. Mesmo assim, ele se perguntou por que, imerso na rede dos velhos camaradas, ele não conseguia, uma vez sequer, tirar proveito. Tudo em que ele tocava virava lixo.

Ele ficou acordado até as 6:00h para que pudesse telefonar para Earl, seu corretor, para fazer um

[9] A"pingada"ou"pingo"é a aposta obrigatória inicial, realizada em cada rodada ("mão") do jogo de pôquer. (N. do E.)

pedido para vender a preço de mercado. Inicialmenle, ele tinha planejado vender apenas 650 ações — isso lhe daria os dez mil dólares líquidos de que precisava. Mas enquanto estava no telefone, decidiu vender todo o lote de mil ações, para poder cobrir os dez mil e ter cinco mil extras para colocá-lo num último jogo.

—Quer que telefone de volta para confirmar a venda, Shelly? — perguntou Earl naquela sua voz de taquara rachada.

—Quero sim, amigo, vou estar em casa o dia todo. Quero saber o valor exato. E, ah sim, apresse as coisas pra mim e não deposite o cheque na nossa conta. Isso é importante, não o deposite. Fique com ele para mim que vou passar aí e pegar.

Isto correria bem, Shelly pensou. *Em duas semanas, depois do próximo jogo, ele compraria de volta as ações com seus ganhos e Norma nunca perceberia.* Sua animação voltou. Ele assobiou suavemente uns"Zip-a-dee-doo-dah" e se enfiou na cama. Norma, que tinha um sono leve, estava dormindo no quarto de hóspedes, como de costume nas noites de pôquer. Ele leu um pouco da revista *Tennis Pro* para se acalmar, desligou a campainha do telefone, colocou protetores auriculares para não ouvir Norma se preparando para o trabalho e desligou a luz. Com um pouco de sorte, ele dormiria até o meio-dia.

Era quase uma da tarde, quando ele entrou cambaleando na cozinha e serviu-se um pouco de café. Assim que voltou a ligar a campainha do telefone, este tocou. Era Carol, amiga de Norma, que era uma advogada da mesma firma.

—Oi, Carol, está procurando pela Norma? Ele saiu faz tempo. Não está no escritório? Escute, Carol, fico contente de falar com você pelo telefone. Soube sobre o Justin sair de casa. Norma disse que você ficou abalada. Que idiota deixar alguém de classe como você. Ele nunca esteve à sua altura. Desculpe nunca ter telefonado para conversar. Mas a oferta agora está aberta. Almoço? Uma bebida? Um carinho? — Desde a tarde em que Carol o escolheu para ir pra cama como vingança, Shelly tinha tido fantasias quentes de uma repetição de performance.

—Obrigada, Shelly — disse Carol na sua voz mais fria —, mas preciso adiar o bate-papo social. É um telefonema profissional.

— O que você está dizendo? Eu disse a você que a Norma não está aqui.

—Shelly, estou telefonando para você, não para a Norma. A Norma me contratou como advogada para representá-la. É uma situação embaraçosa, é claro, dado o nosso pequeno encontro, mas Norma pediu e eu não poderia recusar de maneira alguma.

—Vou direto ao ponto, agora — Carol continuou na sua voz profissional pausada. — Minha cliente me pediu que preparasse os documentos para entrar com um pedido de separação e, por meio deste ato, eu o instruo a estar fora da casa, inteiramente fora, até as 19:00h desta noite. Ela não deseja mais nenhum outro contato direto com o senhor. O senhor não deve tentar falar com ela, sr. Merriman. Eu a aconselhei que todas as transações necessárias entre vocês fossem executadas através de mim, a advogada da sua esposa.

—Pare com esse palavrório legalês, Carol. Já fui pra cama com uma piranha, não vou ser intimidado pela linguagem pomposa dela! Fale de modo claro. Que diabo está acontecendo?

—Sr. Merriman, fui instruída pela minha cliente para dirigir sua atenção à sua máquina de fax. A resposta a todas as suas perguntas ficará evidente. Mesmo para o senhor. Lembre-se, temos um mandado judicial, às 19:00h desta noite. Ah, sim, mais uma coisa, sr. Merriman. Se for permitido que esta advogada faça um curto comentário pessoal: o senhor é uma anta. Cresça! — E, com isso, Carol bateu o telefone.

Os ouvidos de Shelly tocaram por um momento. Ele correu à máquina de fax. Lá, para o seu horror, estava uma cópia da sua transação das ações da manhã, com um bilhete de que Shelly

poderia apanhar o cheque no dia seguinte.

E embaixo daquilo algo ainda pior: uma xerox do extrato do fundo secreto de pôquer de Shelly no Wells Fargo. E colado a ele, um *post-it* amarelo com um bilhete conciso de Norma: — Você não queria que eu o visse? Descubra um jeito de esconder as suas pegadas! Nosso casamento já era!

Shelly telefonou para o seu corretor. — Ei, Earl, que diabo está acontecendo? Pedi pra você *me* telefonar com a confirmação. Que belo amigo!

— Calma aí, idiota — disse Earl. — Você pediu para telefonar para casa para confirmar. Vendemos às 7:15h. Minha secretária telefonou às 7:30h. Sua mulher atendeu e minha secretária lhe deu a mensagem. Ela nos pediu que enviasse por fax para o escritório dela. Minha secretária deveria saber que não era para contar para a sua mulher? Lembre-se, os títulos eram mantidos numa conta conjunta. Deveríamos esconder dela? Eu deveria perder minha licença pela sua mísera conta de 15 mil?

Shelly desligou. Sua cabeça girou. Ele tentou entender o que tinha acontecido. Ele nunca deveria ter pedido por um telefonema de confirmação. E aqueles malditos protetores de ouvido. Quando Norma ficou sabendo da venda das ações, ela deve ter começado a examinar todos os seus documentos e encontrado sua conta no Wells Fargo. E agora ela sabia de tudo. Estava tudo acabado.

Shelly releu o fax de Norma e então gritou: "Pro inferno com tudo, pro inferno!" e rasgou em pedacinhos. Voltou à cozinha, aqueceu seu café e abriu o *Chronicle* da manhã. Hora dos classificados. Só que, agora, ele não precisava de um emprego apenas, mas também de um apartamento mobiliado. Entretanto, uma estranha manchete na primeira página da editoria de Cidades chamou a sua atenção.

ABRAM CAMINHO, FORD, TOYOTA, CHEVROLET! AGORA OS PSIQUIATRAS FAZEM RECALL DE PRODUTO!

Shelly leu.

Tirando uma página dos cadernos dos gigantes fabricantes de automóveis, o Instituto Psicanalítico Golden Gate publicou um comunicado de *recall* (veja a página D2). Numa reunião tempestuosa em 24 de outubro, o instituto censurou e suspendeu um de seus luminares, o dr. Seth Pande,"por conduta prejudicial à psicanálise".

Seth Pande! Seth Pande! Ei, Shelly pensou, não foi o psiquiatra que Norma pediu que eu consultasse antes de nos casarmos? Seth Pande... é, tenho certeza disso: quantos *Pandes* podem existir? Shelly continuou a ler:

O dr. Marshal Streider, porta-voz do instituto, não quis dar maiores detalhes, exceto dizer que os membros acreditavam que os pacientes do dr. Pande podem não ter recebido o melhor tratamento que a psicanálise tinha a oferecer e possivelmente podem ter sofrido algum dano como conseqüência de seu trabalho analítico com o dr. Pande. Está sendo oferecido aos pacientes do dr. Pande um "ajuste psicanalítico" gratuito! "Foi a bomba de gasolina?", perguntou este repórter. "Trem elétrico? Faísca nas tomadas? Sistema de exaustão?" O dr. Streider não quis comentar.

O dr. Streider diz que o ato é uma evidência do compromisso do Instituto Psicanalítico com os mais elevados padrões possíveis de cuidados do paciente, responsabilidade profissional e integridade. É possível que sim. Mas este desenvolvimento não levantaria outras questões sobre a presunção do empreendimento psiquiátrico como um todo? Quanto tempo mais os psiquiatras poderão fingir que oferecem orientação para indivíduos, grupos e organizações, quando, mais uma vez — lembram do escandaloso caso de Seymour Trotter anos atrás? —, surgem evidências gráficas de sua incapacidade de governar a si próprio?

Entramos em contato com o dr. Pande. Seu comentário (surpresa!): "Fale com o meu advogado".

Shelly pulou para a página D2 para ler o aviso formal.

Recall de Pacientes Psiquiátricos O Instituto Psicanalítico Golden Gate solicita a todos os pacientes do sexo masculino tratados pelo dr. Seth Pande, a partir de 1984, que telefonem para 415-555-2441 para uma avaliação psicológica e, se necessário, um período de tratamento psiquiátrico corretivo. É possível que o tratamento do dr. Pande possa ter se desviado significativamente das diretrizes psicanalíticas e possa ter tido efeitos deletérios. Todos os serviços serão oferecidos gratuitamente.

Em segundos, Shelly estava ao telefone com a secretária do Instituto Psicanalítico.

—Sim, sr. Merriman, o senhor tem o direito, de fato é estimulado, a passar por um período gratuito de terapia com um dos nossos membros. Nossos terapeutas estão oferecendo seus serviços em sistema de rodízio. O senhor é a primeira pessoa a telefonar. Posso lhe oferecer uma consulta com o dr. Marshal Streider, um dos nossos analistas mais experientes? Sexta-feira, às 9:00h à rua Califórnia, nº2313.

—Você poderia me informar de que se trata exatamente? Isto está me deixando nervoso. Não quero ter um ataque de pânico enquanto espero.

—Não posso lhe informar muito. O dr. Streider irá dar todos os detalhes, mas o instituto acha que algumas das interpretações do dr. Pande podem não ter sido úteis para alguns dos pacientes.

—Portanto, se eu tinha um sintoma — digamos, um vício —, você está me dizendo que ele pode ter me ferrado inteiramente.

—Bem... alguma coisa assim. Não estamos dizendo que o dr. Pande o prejudicou *intencionalmente.* O instituto simplesmente foi a público para dizer que discorda veementemente dos métodos dele.

—Certo, 9:00h da manhã da sexta-feira será ótimo. Mas, você sabe, sou muito propenso a ataques de pânico. Tudo isto está me deixando perturbado e não quero acabar num pronto-socorro; seria um alívio — um alívio de salvar a vida — ter por escrito isso que você acabou de me dizer, inclusive a hora e o lugar da minha consulta. Qual o nome dele? Vê o que estou querendo dizer? Já estou perdido. Acho que preciso disso agora. Você pode me enviar por fax agora mesmo?

—Com prazer, sr. Merriman.

Shelly foi até a máquina de fax e esperou. Finalmente *alguma coisa* tinha dado certo. Ele escreveu rapidamente um bilhete:

Norma,

Leia estas coisas! Um mistério resolvido! Lembra do seu terapeuta, o dr. Pande? E de como cheguei até ele? E o quanto eu era contra a terapia? E como eu me coloquei nas mãos dele a seu pedido? Isto me causou, e a você, a nós, muito sofrimento. Tentei fazer a coisa certa. Não admira que a terapia não tenha ajudado! Agora sabemos o

porquê, listou lentando fazer a coisa certa de novo — indo para fazer todos os consertos. Vou fazê-lo! Não importa o que seja necessário. Por mais tempo que leve. Fique comigo. Por favor!

Seu primeiro e único marido Shelly então enviou por fax o seu bilhete para Norma, juntamente com o artigo do jornal e a carta da secretária do Instituto Analítico. Meia hora depois, a máquina de fax voltou a tinir e uma mensagem de Norma deslizou.

Shelly,

Disposta a conversar. Vejo-o às 18:00.

Norma

Shelly voltou ao seu café, fechou a seção de classificados e voltou à página de esportes.

"Zip-a-dee-doo-dah, zip-a-dee-ay."

NOVE

Marshal checou sua agenda de consultas. O próximo paciente, Peter Ma-condo, um homem de negócios mexicano que morava na Suíça, estava vindo para sua oitava e última sessão. O sr. Macondo, em visita a São Francisco durante um mês, tinha telefonado pedindo por uma terapia rápida para uma crise familiar. Até dois ou três anos atrás, Marshal só aceitava casos analíticos de longo prazo, mas os tempos tinham mudado. Agora, assim como um de cada dois terapeutas da cidade, ele tinha horas vagas e ficou feliz em atender o sr. Macondo duas vezes por semana durante um mês.

Tinha sido um prazer trabalhar com o sr. Macondo, que tinha feito um bom uso da terapia. Um uso excepcionalmente bom. Além do mais, ele pagava em dinheiro vivo à vista. No final da primeira sessão, ele entregou a Marshal duas notas de cem dólares e disse: "Prefiro simplificar a vida com dinheiro vivo. Incidentalmente, talvez o senhor queira saber que não declaro imposto de renda nos Estados Unidos e não incluo despesas médicas nos meus impostos suíços.

Com isso, ele saiu pela porta.

Marshal sabia exatamente o que fazer. Seria um erro egrégio começar a terapia sob a sombra de algum conluio num projeto desonesto, mesmo um projeto tão disseminado como ocultar renda em dinheiro vivo. Embora desejasse ser firme, Marshal falou num tom gentil — Peter Macondo era um homem gentil que tinha um ar de inocente nobreza.

— Sr. Macondo, preciso lhe dizer duas coisas. Em primeiro lugar, deixe-me dizer que sempre declaro todos os meus rendimentos. É a coisa certa a fazer. Eu lhe darei um recibo no final de cada mês. Segundo, o senhor me pagou demais. Meus honorários são de 175. Olhe, deixe-me ver se tenho troco. — Ele esticou o braço até a mesa.

O sr. Macondo, uma das mãos na maçaneta, virou e levantou a outra mão, a palma voltada para Marshal. — Por favor, dr. Streider, em Zurique a consulta é duzentos dólares. E os terapeutas suíços são menos qualificados que o senhor. Bem menos qualificados. Peço-lhe a gentileza de aceitar minha cortesia de fixar os mesmos honorários. Isto me deixará à vontade e, portanto, facilitará meu trabalho com o senhor. Até quinta-feira.

Marshal, a mão ainda no bolso, ficou embasbacado com a figura que se afastava. Muitos pacientes tinham considerado seus honorários altos demais, mas nunca Marshal tinha encontrado um que insistisse que era baixo demais. *Ah, bem,* ele pensou, *ele é europeu. E não existem implicações de transferência de longo prazo; é apenas uma terapia rápida.*

Não era simplesmente o caso de Marshal ter pouco respeito pela terapia rápida. Ele a desprezava. Terapia focada no alívio dos sintomas... o modelo do cliente satisfeito... ao diabo com isso! O que contava para Marshal, e para a maioria dos analistas, era a *profundidade* da mudança. Profundidade era tudo. Psicanalistas de todos os lugares sabiam que quanto mais profunda a exploração, mais efetiva a terapia. "Aprofunde-se" — Marshal ouvia a voz de Bob McCallum, seu próprio supervisor psicanalítico —,"aprofunde-se nos domínios mais antigos da consciência, nos sentimentos primitivos, nas fantasias arcaicas; volte para as camadas mais iniciais da memória e então, e só então, você será capaz de erradicar inteiramente a neurose e efetuar uma cura analítica".

Mas a terapia profunda estava perdendo a batalha: as hordas bárbaras da diligência estavam em todos os lugares. Avançando para as novas bandeiras engomadas da assistência gerenciada, os batalhões da terapia rápida obscure-ceram a paisagem e, a golpes de martelo, insistiram nos institutos analíticos, os últimos enclaves armados de sabedoria, verdade e razão na psicoterapia. O inimigo estava perto o bastante para que Marshal enxergasse suas várias faces: *biofeedback* e relaxamento muscular para transtornos da ansiedade; implosão ou dessensibilização para fobias; fármacos para distimia e transtornos obsessivos/compulsivos; terapia cognitiva de grupo para

transtornos da alimentação; treinamento de afirmação para os tímidos; grupos de respiração diafragmática para os pacientes em pânico; treinos em aptidões sociais para os socialmente evitantes; intervenções hipnóticas de uma única sessão para o tabagismo; e aqueles malditos grupos de 12 passos para todo o resto!

A jamanta econômica da assistência gerenciada tinha esmagado as defesas médicas em muitas partes do país. Os terapeutas nos estados subjugados eram forçados, se desejassem permanecer na profissão, a se ajoelhar diante do

conquistador, que lhes pagava uma fração de seus honorários costumeiros e lhes encaminhava os pacientes para um tratamento por cinco ou, talvez, seis sessões, quando, na verdade, eram necessárias cinqüenta ou sessenta sessões.

Quando os terapeutas esgotavam suas escassas rações distribuídas, a charada começava a sério e eles eram forçados a implorar ao seu gerente de casos por mais sessões para continuar o tratamento. E, é claro, eles tinham de registrar sua solicitação com montanhas de documentação falsificada que consumia muito tempo para ser elaborada, em que eram forçados a mentir, exagerando o risco suicida do paciente, o abuso de substâncias ou a propensão à violência; aquelas eram as palavras mágicas que chamavam a atenção dos planos de saúde — não porque os administradores sentissem qualquer preocupação pelo paciente, mas porque ficavam intimidados pela ameaça de algum futuro litígio.

Portanto, os terapeutas não apenas recebiam a ordem de tratar pacientes em períodos impossivelmente curtos, mas também tinham a humilhante tarefa adicional de apaziguar e obsequiar os gerentes de casos — freqüentemente jovens e impetuosos administradores com um conhecimento bem rudimentar do campo. Um dia destes, Victor Young, um colega respeitável, recebeu uma nota do seu gerente de casos de 27 anos de idade, concedendo-lhe mais quatro sessões no seu tratamento de um paciente gravemente esquizóide. Na margem estava rabiscada a instrução críptica e idiota do gerente de casos: "Negação avançada!"

Não apenas a dignidade dos psiquiatras estava sendo agredida, mas também seus bolsos. Um dos colegas de consultório do Marshal tinha largado a psiquiatria e, aos 43 anos, iniciou uma residência em radiologia. Outros, que tinham investido bastante, estavam pensando numa aposentadoria precoce. Marshal não tinha mais uma lista de espera e aceitava agradecido pacientes que, no passado, teria encaminhado a outros. Muitas vezes ele se preocupava com o futuro — seu futuro e o futuro do campo.

Normalmente, Marshal sentia que o máximo que conseguiria realizar na terapia rápida era alguma ligeira melhora dos sintomas, o que, com sorte, poderia segurar o paciente até o ano fiscal seguinte, quando os gerentes de casos poderiam permitir mais algumas sessões. Mas Peter Macondo tinha sido uma notável exceção. Há apenas quatro semanas, ele estava altamente sintomático: carregado de culpa, com intensa ansiedade, insônia e desconforto gástrico. E agora ele estava virtualmente sem sintomas. Raramente Marshal tinha tido um paciente a que ele havia ajudado tanto num período tão curto.

Teria essa mudança alterado a opinião de Marshal sobre a eficácia da terapia rápida? De maneira alguma! A explicação para o incrível sucesso de Peter Macondo era simples e claro: o sr. Macondo não apresentava nenhum problema neurótico ou caracterológico significativo. Ele era um indivíduo excepcionalmente engenhoso e bem-integrado, cujos sintomas emanavam do estresse que era, na maior parte, vinculado a uma situação.

O sr. Macondo era um homem de negócios de grande sucesso que, acreditava Marshal, se viu frente a frente com os problemas típicos dos muito ricos. Divorciado há poucos anos, estava agora pensando na possibilidade de um casamento com Adriana, uma jovem e bela mulher. Embora amasse muito Adriana, estava paralisado pela hesitação — tinha conhecido um número grande demais de divórcios que foram um pesadelo e que envolviam ricos homens de negócios e esposas do tipo troféu. Ele sentia que sua única alternativa

alternativa detestável e embaraçosa — era insistir num acordo pré-nupcial. Mas como apresentá-lo sem comercializar e contaminar o amor entre eles? Ele ficou movendo em círculos, ficou obcecado, adiou a decisão. Era esse o principal problema que o tinha levado à terapia.

Os dois filhos de Peter representavam um outro problema. Fortemente influenciado por Evelyn, sua raivosa ex-esposa, as crianças eram inabalavelmente contrárias ao casamento e se recusavam até a conhecer Adriana. Peter e Evelyn tinham sido inseparáveis na faculdade e tinham se casado no dia seguinte à formatura. Mas o casamento rapidamente perdeu o brilho e, em poucos anos, Evelyn tinha se afundado num grave alcoolismo. Peter tinha heroicamente mantido a família intacta, garantido que os filhos tivessem uma boa educação católica e, então, quando se formaram no colegial, entrou com um pedido de divórcio. Mas os anos de convivência em meio a um amargo conflito cobravam um preço dos filhos. Retrospectivamente, Peter sabia que teria sido melhor se tivesse se divorciado mais cedo e tivesse lutado pela guarda dos filhos.

Os filhos, com seus vinte e poucos anos, acusavam abertamente Adriana de planejar ficar com a fortuna da família. Nem eram tímidos em expressar seu ressentimento contra o pai. Mesmo tendo Peter colocado quase três milhões em custódia para cada um, eles insistiam que o pai não tinha sido justo com eles. Para apoiar sua alegação, eles se referiram a uma recente reportagem no *Financial Times* de Londres que descrevia um investimento dele altamente lucrativo de duzentos milhões de libras.

Ele ficou paralisado pelos sentimentos conflitantes. Por natureza um homem generoso, não queria nada além de dividir seus bens com os filhos — eles eram toda a sua razão para acumular propriedades. Ainda assim, o dinheiro tinha se transformado numa maldição. Os dois filhos tinham desistido da faculdade, tinham largado a igreja e estavam cambaleando sem interesses em carreira, sem ambição, sem visão do futuro e sem um conjunto diretor de valores morais. Em cima disso tudo, o filho estava abusando seriamente das drogas.

Peter Macondo estava despencando no niilismo. Para que ele tinha trabalhado nestes últimos vinte anos? Sua própria fé religiosa tinha diminuído gradualmente, seus filhos já não representavam um projeto significativo para o futuro e até seus empreendimentos filantrópicos tinham começado a parecer sem sentido. Ele dera dinheiro para várias universidades do México, seu país natal, mas se sentia esmagado pela pobreza, pela corrupção policial, a explosão populacional descontrolada na Cidade do México, a catástrofe ambiental. A última vez que tinha visitado a Cidade do México, ele teve de usar uma máscara de tecido porque não conseguia respirar o ar. O que seus poucos milhões poderiam fazer?

Marshal não tinha nenhuma dúvida de que ele era o terapeuta perfeito para Peter Macondo. Estava acostumado a trabalhar com pacientes ultra-ricos e seus filhos e entendia os seus problemas. Tinha dado várias palestras públicas a vários grupos filantrópicos e de capital de investimento sobre o assunto e sonhava em, algum dia, escrever um livro. Mas este livro — para o qual ele já tinha um título: *Riqueza: a maldição da classe governante* —, assim como outras boas idéias de Marshal para livros, continuava um sonho. Subtrair tempo de um consultório de grande movimento para escrever um livro parecia impossível. Como os grandes teóricos — Freud, Jung, Rank, Fromm, May, Horney — tinham feito?

Marshal usou várias técnicas de terapia rápida focada com Peter Macondo e, para seu enorme prazer, cada uma que ele experimentou funcionou à perfeição. Ele normalizou o dilema de seu paciente e, para atenuar a culpa dele, informou-o sobre a universalidade desses problemas entre os muito ricos. Para despressurizar o relacionamento de Peter com os filhos, ele o ajudou a ficar mais ciente do mundo de experiências dos filhos, em particular, o aprisionamento deles na batalha existente entre a mãe e o pai. Ele sugeriu que a melhor maneira de melhorar seu relacionamento com os filhos era melhorar seu relacionamento com a ex-esposa. Gradualmente, ele restabeleceu um relacionamento mais respeitoso com ela e, depois da quarta hora de terapia, o sr. Macondo convidou a ex-esposa para um almoço durante o qual os dois tiveram sua primeira conversa não-agressiva em anos.

Novamente, seguindo uma sugestão de Marshal, Peter estimulou a ex-mulher a se juntar a ele em reconhecer que, embora não pudessem mais viver juntos, eles tinham se amado durante muitos anos e a realidade desse amor passado ainda existia: era importante valorizá-lo, e não jogá-lo no lixo. Peter ofereceu, por sugestão de Marshal, pagar vinte mil dólares para ela permanecer um mês no Centro de Reabilitação de Alcoólicos Betty Ford. Embora ela tivesse recebido um acordo de divórcio extremamente generoso e tivesse condições financeiras de pagar, sem dificuldade, do próprio bolso, ela tinha sempre resistido ao tratamento. Mas o gesto de afeição de Peter a comoveu bastante e, para a surpresa dele, ela aceitou sua oferta.

Assim que Peter e a ex-mulher começaram a se comunicar melhor, o relacionamento dele com os filhos melhorou. Com a ajuda de Marshal, ele fez um plano para uma custódia de mais cinco milhões de dólares para cada filho, a ser distribuída nos dez anos seguintes quando certos objetivos específicos fossem atingidos: graduação em faculdade, casamento, dois anos em algum empreendimento profissional estabelecido com valor intrínseco e o serviço em conselhos de projetos orientados para a comunidade. Esta custódia generosa, mas estritamente estruturada, fez maravilhas pelos filhos e, num tempo excepcionalmente curto, a atitude deles para com o pai mudou drasticamente.

Marshal dedicou duas das sessões para a propensão do sr. Macondo em assumir a culpa. Ele odiava decepcionar qualquer um e, embora tendesse a minimizar as inúmeras brilhantes decisões de investimento que tinha feito para seus investidores — um grupo fiel de banqueiros suíços e escoceses —, ele se lembrava nitidamente de cada decisão isolada insatisfatória e ficava mais triste no consultório de Marshal quando se lembrava dos rostos de seus poucos investidores decepcionados.

Marshal e o sr. Macondo gastaram a maior parte da quinta sessão em um único incidente de investimento. Cerca de um ano antes, seu pai, um eminente professor de economia na Universidade do México, tinha ido de avião do México para Boston para se submeter a uma cirurgia de tripla ponte de safena.

Depois da operação, o cirurgião, dr. Black, a quem o sr. Macondo se mostrou excessivamente grato, pediu uma doação para o programa de pesquisas cardiovasculares em Harvard. Não apenas o sr. Macondo concordou prontamente, mas expressou também um desejo de fazer uma doação ao dr. Black pessoalmente. O dr. Black declinou da oferta, declarando que os honorários cirúrgicos de dez mil dólares eram um pagamento adequado para ele. Entretanto, numa conversa, o sr. Macondo mencionou casualmente que esperava obter um lucro considerável numa grande posição que tinha assumido no dia anterior nos futuros do peso mexicano. O dr. Black imediatamente fez o mesmo investimento e acabou perdendo setenta por cento dele na semana seguinte, quando Luis Colosio, o candidato presidencial, foi assassinado.

O sr. Macondo ficou cheio de culpa por causa do dr. Black. Marshal empreendeu esforços tremendos para confrontá-lo com a realidade, lembrando a seu paciente que ele tinha agido de boa-fé, que ele também tinha perdido muito, que o dr. Black tinha tomado uma decisão independente de investir. Mas o sr. Macondo continuou a ruminar sobre como ele poderia corrigir as coisas novamente. Depois da sessão, e apesar dos protestos de Marshal, ele impulsivamente enviou ao dr. Black um cheque pessoal de trinta mil dólares, a quantia que ele tinha perdido no investimento.

Mas o dr. Black, para o seu crédito, imediatamente enviou o cheque de volta, com agradecimentos, mas um lembrete lacônico de que ele era um adulto e que sabia como lidar com as intempéries. Além disso, o dr. Black acrescentou, ele poderia usar as perdas para compensar alguns ganhos de capital no mercado de futuros em açúcar. Finalmente, o sr. Macondo acalmou sua consciência com uma doação adicional de trinta mil dólares para o programa de pesquisas cardiovasculares em Harvard.

Seu trabalho com o sr. Macondo lhe trouxe responsabilidades. Nenhum dos seus pacientes tinha estado numa liga financeira tão estratosférica quanto esta. Era arrepiante ter um vislumbre íntimo da grande fortuna a partir da perspectiva de um *insider,* e partilhar as decisões sobre gastar um

milhão aqui, outro acolá. Ele não conseguia deixar de salivar com o relato de Peter sobre sua generosidade com o médico do pai. Mais e mais, ele sonhava acordado sobre seu paciente agradecido enviando dinheiro para a sua direção. Mas, todas as vezes, Marshal varria apressadamente para longe a fantasia; a memória da excomunhão de Seth Pande por má conduta profissional era demasiado vivida. Era má conduta profissional aceitar presentes consideráveis de qualquer paciente da terapia, mas particularmente de um paciente que fosse patologicamente generoso e escrupuloso. Qualquer comitê de ética, certamente *qualquer* comitê de ética em que *ele* fosse um membro, condenaria vigorosamente um terapeuta por explorar tal paciente.

O desafio mais difícil na terapia do sr. Macondo era seu medo irracional de discutir o acordo pré-nupcial com sua noiva. Marshal escolheu uma abordagem sistemática e disciplinada. Em primeiro lugar, ele ajudou a elaborar os termos do contrato pré-nupcial: uma soma redonda de um milhão de dólares, que aumentaria rapidamente de acordo com a longevidade do casamento e mudaria, após dez anos, para um terço de todas as suas propriedades. Em seguida, ele e o paciente encenaram a discussão diversas vezes. Mas, mesmo assim, o sr. Macondo expressou dúvidas sobre confrontar Adriana. Finalmente, Marshal ofereceu facilitar a discussão e pediu que ele trouxesse Adriana com ele para uma sessão a três.

Quando os dois chegaram alguns dias depois, Marshal temeu ter cometido um engano: nunca tinha visto o sr. Macondo tão agitado — ele mal conseguia permanecer na sua cadeira. Adriana, entretanto, era o epítome de graça e calma. Quando o sr. Macondo iniciou a sessão com uma declaração dolorosamente atrapalhada sobre os conflitos entre seus desejos matrimoniais e as rei-vindicações da família à sua herança, ela imediatamente interrompeu e comentou que tinha estado pensando que um acordo conjugai pré-nupcial não apenas seria adequado, mas também desejável.

Ela disse que entendia bem as preocupações de Peter. De fato, ela também tinha muitas dessas preocupações. Outro dia mesmo, o pai dela, que estava muito doente, tinha conversado com ela sobre a sensatez de manter a própria herança fora da propriedade conjugai comum. Mesmo que os pertences dela fossem pequenos em comparação com os de Peter, ela acabaria recebendo uma herança muito maior — o pai era um importante acionista de uma grande rede de cinemas da Califórnia.

A questão foi resolvida imediatamente. Peter apresentou nervosamente suas condições e Adriana as aceitou com entusiasmo, com a cláusula adicional de que os recursos pessoais dela permaneceriam no seu próprio nome. Marshal percebeu, com desprazer,que seu paciente tinha dobrado as quantias que eles tinham discutido anteriormente, provavelmente por conta da gratidão para com Adriana, por ela tornar as coisas tão fáceis. *Generosidade incurável,* Marshal pensou. *Mas existem doenças piores, imagino.* Depois que o casal saiu, Peter voltou, apertou a mão de Marshal e disse: — Nunca esquecerei o que você fez por mim hoje.

Marshal abriu a porta e convidou o sr. Macondo a entrar. Peter vestia uma jaqueta de *cashmere* castanho-avermelhada suntuosamente macia, que com binava com os cabelos castanhos sedosos que caíam graciosamente sobre os olhos e precisavam ser colocados de novo no lugar repetidas vezes.

Marshal dedicou a sessão final deles para revisar e solidificar os ganhos. O sr. Macondo lamentou o fim do trabalho deles e salientou o quanto ele se sen tia imensuravelmente devedor de Marshal.

— Dr. Streider, toda a minha vida paguei aos consultores somas consideráveis por aquilo que geralmente era equivalente a algo de pouco ou nenhum valor. Com o senhor, tive a experiência oposta: o senhor me deu algo de valor inestimável e, em troca, não lhe dei praticamente nada. Nestas poucas sessões, o senhor mudou minha vida. E como correspondi? Mil e seiscentos dólares? Se eu estiver disposto a suportar o tédio, posso ganhar esse montante de dinheiro em 15 minutos investindo em futuros financeiros.

Ele se apressou, falando cada vez mais rápido: — O senhor me conhece bem, dr. Streider, bem o bastante para perceber que esta desigualdade não se assenta bem em mim. É um fator de irritação: ficará preso na minha garganta. Não podemos ignorá-lo porque , quem sabe?, poderá até cancelar

alguns dos ganhos que obtive em conseqüência do nosso trabalho. Quero, *insisto,* que acertemos as contas.

"Bem, você sabe", ele continuou, "que não sou bom em comunicação interpessoal direta. E não sou bom em ser paternal. Ou em enfrentar as mulheres. Mas existe uma coisa em que sou muito bom e que é ganhar dinheiro. O senhor estaria me fazendo uma grande honra se permitisse que eu lhe desse como presente uma parte de um de meus novos investimentos."

Marshal corou. Sentiu que ia desmaiar, invadido por um choque entre ganância e decoro. Mas ele apertou os dentes, fez a coisa certa e declinou da oportunidade que só aparece uma vez na vida: — Sr. Macondo, fico comovido, mas é inteira meu te fora de questão. Temo que, no meu campo, seja considerado antiético aceitar um presente monetário, ou qualquer outro presente, dos pacientes. Uma questão que nunca discutimos na terapia é seu mal-estar em aceitar ajuda. Talvez se algum dia trabalharmos juntos no futuro, isso deverá estar na nossa agenda. Por ora, só há tempo para que eu simplesmente o lembre de que eu determinei, e o senhor pagou, honorários justos pelos meus servidos. Defendo a mesma postura do cirurgião do seu pai e garanto-lhe que não existe nenhuma dívida.

— Dr. Black? Que comparação! O dr. Black cobrou dez mil dólares por umtrabalho de poucas horas. E trinta minutos depois da cirurgia, ele me mordeuem um milhão para uma cadeira em cirurgia cardiovascular em Harvard.

Marshal sacudiu a cabeça enfaticamente. — Sr. Macondo, admiro sua generosidade; é maravilhosa. E eu adoraria aceitar. Gosto da idéia de segurança financeira tanto quanto qualquer outra pessoa — mais que a maioria, já que anseio por um tempo livre para escrever; tenho vários projetos em teoria analítica lutando para nascer. Mas não posso aceitar. Violaria o código de ética da minha profissão.

— Outra sugestão — o sr. Macondo contrapôs rapidamente —, não umpresente monetário. Permita-me abrir uma conta de futuros em seu nome enegociar durante um mês. Conversaremos diariamente e lhe ensinarei a artede ganhar dinheiro, negociando diariamente os contratos de mercado futuro.Depois, pego de volta meu investimento original e lhe repasso os lucros.

Ora, esta sugestão, esta possibilidade de aprender as técnicas de negociação com alguém de dentro, um *insider,* era extraordinariamente atraente para Marshal. Foi tão doloroso recusar que seus olhos se encheram de lágrimas. Mas ele sustentou sua resolução e sacudiu a cabeça com maior vigor ainda. — Sr. Macondo, se estivéssemos em alguma outra... uh... situação... aceitaria com prazer. Fico comovido pela sua oferta e gostaria de aprender técnicas de negociação com o senhor. Mas não. Não. Não é possível. E ainda tem uma coisa que esqueci de dizer antes. Obtive do senhor mais que os meus honorários. Há mais alguma coisa, que é o prazer de testemunhar a sua melhora. É muito gratificante para mim.

O sr. Macondo se deixou afundar repentinamente em sua cadeira, os olhos cheios de admiração pelo profissionalismo e integridade do Marshal. Ele ergueu as mãos com as palmas para cima, como que para dizer: "Eu me rendo; tentei de tudo". A hora tinha terminado. Os dois homens apertaram as mãos pela última vez. No caminho em direção à saída, o sr. Macondo pareceu perdido nos pensamentos. De repente, ele parou e se voltou.

— Um último pedido. Isto o senhor não pode recusar. Por favor, seja meuconvidado para um almoço amanhã. Ou sexta-feira. Parto para Zurique nodomingo.

Marshal hesitou.

O sr. Macondo acrescentou rapidamente: — Sei que existem regras contra a socialização com os pacientes, mas com aquele aperto de mãos final um minuto atrás não somos mais médico e paciente. Graças aos seus bons serviços, superei minha doença e somos ambos novamente colegas cidadãos.

Marshal considerou o convite. Ele gostou. O sr. Macondo e suas histórias de fazer a riqueza, de um *insider.* Que mal poderia fazer? Não havia aqui nenhuma violação da ética.

Vendo a hesitação de Marshal, o sr. Macondo acrescentou: — Embora eu vá retornar a São Francisco de tempos em tempos para os negócios — com certeza duas vezes por ano para as reuniões do conselho, ver meus filhos e visitar o pai e as irmãs da Adriana —, estaremos vivendo em diferentes continentes. Com certeza não existe nenhuma regra contra um almoço depois de terminada a terapia.

Marshal pegou a sua agenda. — Uma hora, na sexta?

—Excelente. O Pacific Union Club. Conhece?

—Conheço de *ouvir falar.* Mas nunca estive lá.

—Na Califórnia, no alto do monte Nob. Ao lado do Fairmont. Tem um estacionamento nos fundos. Basta mencionar meu nome. Vejo-o lá então.

Na sexta de manhã, Marshal recebeu um fax: uma cópia de um fax que o sr. Macondo tinha recebido da Universidade do México.

Caro sr. Macondo,

Ficamos encantados com sua generosa dotação para custear o encontro anual do Ciclo de Palestras Marshal Streider: Saúde Mental no Terceiro Milênio. Convidaremos, é claro, por sua sugestão, o dr. Streider para fazer parle do comitê de três membros para selecionar os palestrantes anuais. O reitor da universidade,Raoul Menendez estará entrando em contato com ele em breve. O reitor Menendez pediu-me que lhe enviasse suas saudações pessoais; a propósito, ele almoçou com o seu pai no início desta semana.

Somos gratos por esta e muitas outras doações em apoio à pesquisa e ensino mexicanos. É doloroso imaginar a difícil situação desta universidade sem a força revigorante de sua parte e de um pequeno grupo de benfeitores visionários com a mesma opinião.

Atenciosamente,

Raoul Gomez Reitor, Universidade do México

O bilhete de Peter Macondo anexado:

Nunca digo não. Aqui está um presente que nem mesmo o senhor pode recusar! Vejo-o amanhã.

Marshal leu o fax duas vezes, lentamente, tentando pôr em ordem seus sentimentos. O ciclo de palestras patrocinado por Marshal Streider — um memorial que se estenderia indefinidamente. Quem não ficaria satisfeito? A perfeita apólice de seguro da auto-estima. Daqui a anos, sempre que ele se sentisse diminuído, ele poderia pensar no seu ciclo de palestras com dotação. Ou voar até a Cidade do México para a palestra e levantar-se, relutantemente, mão erguida, virando lenta e modestamente para agradecer os aplausos de uma platéia grata.

Mas era um presente agridoce, um pobre conforto por deixar a oportunidade financeira de toda uma vida escorregar por entre seus dedos. Quando ele voltaria a ter um paciente megarrico que não quisesse nada além de fazer dele um homem rico? A oferta de um presente do sr. Macondo "uma parte de um de meus novos investimentos" —; Marshal ficou especulando quanto poderia ter sido. Cinqüenta mil? Cem mil? Deus, que diferença isso faria na sua vida! E ele poderia negociar isso rapidamente. Mesmo sua própria estratégia de investimento — usando um programa de computador para cronometrar o mercado e entrar e sair dos fundos seletos da Fidelity — tinha lhe conseguido um lucro líquido de 16 por cento por ano nos últimos dois anos. Com a oferta do sr. Macondo de negociar nas bolsas de futuros estrangeiras, ele provavelmente poderia dobrar ou triplicar esses ganhos. Marshal sabia que ele era o insignificante forasteiro da bolsa de valores —

era invariavelmente tarde demais quando quaisquer migalhas de informação apareciam na sua frente. Aqui, pela primeira vez na vida, ele tinha recebido a chance de ser um *insider.*

Sim, como um *insider,* ele poderia se arrumar para o resto da vida. Não precisava de muito. Tudo o que ele realmente queria era tempo livre e dedicar três ou quatro tardes por semana para pesquisar e escrever. E o dinheiro!

E, ainda assim, ele teve de recusar tudo isto. Maldição! Maldição! Maldição! Mas que escolha ele teve? Ele queria seguir os passos de Seth Pande? Ou de Seymour Trotter? Ele sabia que tinha feito a coisa certa.

Na sexta-feira, ao se aproximar do imenso vão da porta do Pacific Union Club, Marshal sentiu um arrepio, quase uma reverência. Durante anos, ele tinha se sentido excluído de lugares tão fabulosos quanto o P.U. Club, o Burlingame Club e o Bohemian Grove. Agora, as portas estavam se abrindo para ele. Ele parou junto à soleira, tomou um fôlego e andou a passos largos na toca mais profunda dos *insiders.*

Era o fim de uma jornada, pensou Marshal, *uma jornada que tinha começado em 1924 na apinhada e fétida terceira classe de uma barcaça transatlântica que trouxe seus pais, de Southampton à Ilha Ellis. Não, não, começou antes disso, em Prussina, uma shtetl próxima à fronteira polaco-russa feita de raquíticas casas de madeira com chão de terra. Numa dessas casas, o pai tinha dormido, quando criança, num pequeno e quente recanto em cima do grande forno de barro que ocupava boa parte do cômodo comum.*

Como eles tinham conseguido ir de Prussina até Southampton? Marshal especulava. Por terra? Barco? Ele nunca tinha perguntado a eles. E, agora, era tarde demais. A mãe e o pai tinham virado pó, lado a lado, há muito tempo, nos altas relvas de um cemitério de Anacostia, bem perto de Washington, D.C. Havia um único sobrevivente daquela longa jornada que ainda poderia saber — o irmão da mãe, Label, embalando seus anos finais na longa varanda de madeira de uma casa de repouso cheirando a urina de Miami Beach, com paredes de estuque rosa. Hora de telefonar para Label.

A rotunda central, um gracioso octógono, era rodeada por imponentes sofás de couro cor de mogno e encimada, três metros e meio acima, por um magnífico teto de vidro translúcido gravado com um delicado padrão floral. O mordomo, vestido de *smoking* e couro envernizado, cumprimentou Marshal com grande deferência e, ao ouvir seu nome, inclinou a cabeça e o dirigiu para a sala de estar. Lá, na extremidade mais distante, diante de uma enorme lareira, estava sentado Peter Macondo.

A sala de estar era imensa — metade de Prussina provavelmente caberia sob o alto teto sustentado pelas reluzentes paredes de carvalho que se alternavam com os painéis de cetim escarlate *defleur-de-lis.* E couro por toda a parte — Marshal rapidamente contou 12 longos sofás e trinta cadeiras imensas. Em algumas das cadeiras estavam sentados homens com rugas, cabelos grisalhos e trajes de risca de giz segurando jornais. Marshal teve de examinar atentamente para determinar se eles ainda estavam respirando. Doze candelabros numa das paredes — o que significava 48 na sala, cada um com três fileiras de bulbos, a mais interna com cinco, a seguinte com sete, a mais externa com nove, um total de 21 lâmpadas, um total geral de...

Marshal parou de multiplicar ao perceber um par de apara-livros de metal de cerca de um metro de altura em uma das lareiras, réplicas dos escravos presos de Michelangelo; no centro do salão estava uma imensa mesa com pilhas altas de jornais, a maioria financeiros, de todo o mundo; junto de uma das paredes, um estojo de vidro contendo uma enorme tigela de porcelana de fins do século XVIII com uma placa declarando que tinha sido doada por um membro e era cerâmica Ching-te Cheng. Suas cenas pintadas representavam episódios do romance *Sonho do quarto vermelho.*

Autênticos, originais. Sim, eram autênticos, Marshal pensou, enquanto se aproximava de Peter, que estava num sofá conversando amigavelmente com outro membro — um homem alto, imponente, vestindo um paletó xadrez vermelho, uma camisa rosa e uma echarpe de seda

vivamente florida. Marshal nunca tinha visto ninguém se vestir assim, nunca tinha visto qualquer um que *pudesse* se vestir com roupas que conflitavam tão chocantemente e, ainda assim, revelavam graça e dignidade.

— Ah, Marshal — disse Peter —, que bom te ver. Quero lhe apresentarRoscoe Richardson. O pai de Roscoe foi o melhor prefeito que São Franciscojá teve. Roscoe, dr. Marshal Streider, um dos melhores psicanalistas de SãoFrancisco. Existe um rumor, Roscoe, de que o dr. Streider acabou de receber ahonra de ter um ciclo de palestras com o seu nome numa universidade.

Depois de uma rápida troca de cumprimentos, Peter levou Marshal até a sala de jantar e, então, virou-se para um último comentário.

—Roscoe, *não* acredito que exista espaço no mercado para mais um sistema *mainframe,* mas não estou inteiramente fechado a ele; se a Cisco realmente decidir investir, eu também poderia me interessar. Convença-me e eu convencerei meus próprios investidores. Por favor, envie o plano comercial a Zurique e me dedicarei a ele na segunda, quando voltar ao escritório.

—Ótima pessoa — disse Peter enquanto se afastavam. — Nossos pais se conheciam. E um grande golfista. A casa dele fica exatamente em frente ao campo Cypress Point. Uma possibilidade de investimento interessante, mas eu não o recomendaria a você: essas empresas novas representam um grande risco. Muito caro jogar o jogo — você acerta numa única empresa em cada vinte. É claro que, quando você *realmente* acerta, elas pagam mais, bem mais, que vinte para um. A propósito, espero que não esteja sendo presunçoso em chamá-lo de Marshal.

—Não, claro que não. Primeiros nomes. Não estamos mais num relacionamento profissional.

—Você disse que nunca esteve no Club antes?

—Não — disse Marshal. — Passei por ele. Admirei-o. Não faz parte dos círculos freqüentados pela comunidade médica. Não sei quase nada sobre o P.V. Qual o perfil dos seus membros? Principalmente homens de negócios?

—Principalmente dinheiro tradicional de São Francisco. Conservador. A maioria formada de sovinas, que dependem da riqueza herdada. Roscoe é uma exceção, é por isso que gosto dele. Aos 71 anos, é ainda um grande especulador. Vejamos... o que mais? Todos homens, principalmente brancos protestantes anglo-saxões, politicamente incorretos. No início, tive objeções há dez anos, mas as coisas mudam lentamente por aí, especialmente depois do almoço. Vê o que quero dizer? — Peter fez um gesto sutil em direção às cadeiras em que dois octogenários de *tweed* tiravam uma soneca, ainda se agarrando aos seus exemplares do *Financial Times* de Londres como se suas vidas estivessem em jogo.

Ao chegarem ao salão de jantar, Peter dirigiu-se ao mordomo: — Emil, estamos prontos. Alguma chance de termos um pouco daquele salmão *en croute* hoje? Il *est toujours délicieux.*

—Acredito que eu consiga convencer o *chef* a preparar algum especialmente para o senhor, sr. Macondo.

—Emil, lembro-me o quanto era maravilhoso no Cercle Union Interalliée, em Paris. — Peter então sussurrou a Emil: "Não conte meu segredo a nenhum francês, mas prefiro como é preparado aqui".

Peter continuou a conversar animadamente com Emil. Marshal não ouviu a conversa porque estava atordoado com a magnificência do salão de jantar, com uma gigantesca tigela de porcelana sustentando a mãe de todos os arranjos florais japoneses — gloriosas orquídeas *cymbidium* descendo em cascata por um ramo de bordo de folhas escarlate. *Se minha mulher pudesse ver isso,* pensou Marshal. *Pagaram muito a alguém por esse arranjo — essa poderia ser uma maneira de ela transformar seu pequeno* hobby *em algo útil.*

—Peter — disse Marshal depois que Emil os tinha acomodado —, você está em São Francisco

tão raramente. Você mantém uma filiação continuamente ativa neste clube e também em Zurique e Paris?

— Não, não, não — disse Peter, sorrindo com a ingenuidade de Marshal. — A esse preço, o almoço aqui custaria cerca de cinco mil um sanduíche. Todos estes clubes — o Circolo dell'Unione de Milão, o Atheneum de Londres, o Cosmos Club de Washington, o Cercle Union Interalliée de Paris, o Pacific Union de São Francisco, o Baur au Lac de Zurique —, todos eles fazem parte de uma rede: a afiliação a um deles concede privilégios em todos. Na verdade, foi assim que conheci Emil: ele costumava trabalhar no Cercle Union Interalliée de Paris. — Peter pegou seu menu. — Então, Marshal, começamos com um drinque?

— Só uma água Calistoga. Ainda tenho quatro pacientes para atender.Peter pediu um Dubonnet e soda e, quando as bebidas chegaram, ergueu sua taça. — A você e ao ciclo de palestras sob o patrocínio de Marshal Streider.

Marshal ruborizou. Estava tão subjugado pelo Clube que tinha esquecido de agradecer a Peter.

— Peter, as palestras patrocinadas — quanta honra. Tive a intenção de lhe agradecer antes de mais nada, mas fiquei preocupado com meu último paciente.

— Seu último paciente? Isso me surpreende. De certa forma, tive a sensação de que, quando os pacientes saem, eles só voltam a ocupar a mente do terapeuta depois que chegam para sua próxima consulta.

— Seria melhor dessa maneira. Mas — e isto é um segredo comercial — mesmo os analistas mais disciplinados carregam os pacientes por toda a parte e têm conversas silenciosas com alguns entre as sessões.

— Sem honorários extras!

— Ah, ai de mim, não. Somente os advogados cobram pelo tempo que ficam pensando.

— Interessante, interessante! É bem possível que você esteja falando de Iodos os terapeutas, Marshal, mas tenho um pressentimento de que você está falando de você mesmo. Muitas vezes me perguntei por que obtive tão pouco dos outros terapeutas. Talvez seja porque você seja mais dedicado, talvez seus pacientes signifiquem mais para você.

O salmão *en croute* chegou, mas Peter o ignorou enquanto continuava a contar como Adriana, também, tinha ficado muito insatisfeita com seus terapeutas anteriores.

— Na verdade, Marshal — ele continuou —, é uma das duas coisas que eugostaria de discutir com você hoje. A Adriana gostaria imensamente de trabalhar com você por algumas sessões: ela precisa resolver alguns problemas norelacionamento dela com o pai, particularmente agora que é possível que nãoreste muito tempo para ele viver.

Marshal, um atento observador das diferenças de classe, sabia há muito que a classe alta deliberadamente demorava para pegar o primeiro bocado de comida; de fato, quanto mais antiga a riqueza, maior a espera antes da primeira garfada. Marshal deu o melhor de si para acompanhar a pausa de Peter. Ele, também, ignorou o salmão, bebericou sua Calistoga, ouviu atentamente, inclinou a cabeça e garantiu a Peter que ficaria feliz em atender Adriana numa terapia rápida.

Finalmente, Marshal não conseguiu mais suportar. Pôs mãos à obra. Ficou contente de ter aceitado a recomendação de Peter de pedir o salmão. *Estava* delicioso. A delicada crosta amanteigada fazia estalidos e derretia na boca; não era necessário mastigar o salmão — com a mais ligeira pressão da língua no palato, os flocos com alecrim se separavam e, num leito de manteiga quente cremosa, deslizavam suavemente pela sua garganta. Ao *inferno com o colesterol,* Marshal pensou, sentindo-se verdadeiramente perverso.

Peter, pela primeira vez, olhou a comida, quase surpreso em vê-la ali. Pegou um bom pedaço,

então pousou o garfo e voltou a falar.

— Bom. A Adriana precisa de você. Estou bem aliviado. Ela lhe telefonaráesta tarde. Aqui está o cartão dela. Se vocês dois não conseguirem se falar pelotelefone, ela ficará agradecida se você lhe telefonar para marcar uma consultapara a semana que vem. Qualquer horário livre que você tiver: ela acertará aagenda dela conforme o horário das consultas. Além disso, Marshal, já acerteiisto com a Adriana, gostaria de pagar pelas consultas dela. Isto cobrirá cincosessões. — Ele entregou a Marshal um envelope com dez notas de cem dólares. — Não sei nem como lhe dizer o quanto sou grato por você atender aAdriana. E, é claro, isto confere mais ímpeto ao meu desejo de pagar minhadívida com você.

O interesse de Marshal foi despertado. Ele supusera que o patrocínio do ciclo de palestras sinalizava que sua janela de oportunidades tinha se fechado para sempre. O destino, ao que parecia, tinha decidido novamente seduzi-lo. Mas ele sabia que seu profissionalismo iria prevalecer: — Há pouco, você falou de dois assuntos que você queria discutir. Um deles era eu atender a Adriana em terapia. Seria sua contínua sensação de ter uma dívida o segundo assunto?

Peter inclinou a cabeça.

— Peter, você precisa esquecer isto. Ou então, e isto é uma grande ameaça, vou ter de sugerir que você adie sua viagem por três ou quatro anos para que possamos resolver isto na análise. Vou repetir: *não existe nenhuma dívida pendente.* Você contratou os meus serviços. Cobrei honorários adequados. Você pagou esses honorários. Até mesmo pagou mais que os honorários que cobro. Lembra? E, então, você foi muito bondoso e generoso e fez uma dotação para um ciclo de palestras em meu nome. Nunca *houve* uma dívida não paga. E, mesmo que houvesse, sua doação sem dúvida alguma a saldou. Mais do que a saldou: sinto-me em dívida com *você!*

— Marshal, você me ensinou a ser verdadeiro comigo mesmo e a expressar abertamente os meus sentimentos. Portanto, vou fazer exatamente isso. Faça-me esta gentileza por alguns minutos. Escute-me até o fim. Cinco minutos. Está bem?

— Cinco minutos. E, depois, enterraremos para sempre. Estamos entendidos?Peter assentiu com a cabeça. Com um sorriso Marshal tirou seu relógio e o colocou entre eles.

Peter apanhou o relógio de Marshal, estudou-o atentamente por um momento, devolveu-o à mesa e começou.

— Primeira coisa: deixe-me esclarecer algo. Eu me sentiria uma fraude sedeixasse você pensar que a doação para a universidade foi realmente um presente para você. A verdade é que faço uma doação de valor moderado para auniversidade quase todos os anos. Quatro anos atrás, estabeleci uma dotaçãopara a própria cadeira de economia que pertence ao meu pai. Portanto, teriafeito a doação de qualquer maneira. Tudo que fiz de diferente foi destiná-lapara o seu ciclo de palestras.

"Segunda coisa: entendo inteiramente seus sentimentos sobre presentes e eu os respeito. Entretanto, tenho uma sugestão que você poderá achar aceitável. Quanto tempo resta?

— Três minutos e contando. — Marshal deu um sorriso forçado.

— Não lhe contei muito sobre a minha vida de negócios, mas o que faço principalmente é comprar e vender empresas. Sou um especialista em determinar o preço das empresas; fiz pela Citicorp vários anos antes de passar a fazer por conta própria. Imagino que tenha participado da compra de mais de duas centenas de empresa nesses anos todos.

— Recentemente, identifiquei uma empresa holandesa que está com um preço tão incrivelmente subavaliado e com tal potencial de grandes lucros que comprei-a para mim mesmo. Estou sendo egoísta, possivelmente, mas minha nova parceria ainda não foi concluída. Estamos levantando 250 milhões. A oportunidade de comprar esta empresa é curta e, vou ser honesto, é boa demais para dividir com os outros.

Contrariado consigo mesmo, Marshal ficou intrigado. — E...?

— Espere, deixe-me terminar. Esta empresa, a Rucksen, é o segundo maiorfabricante de capacetes de ciclistas, com 14 por cento do mercado. As vendasforam boas no ano passado — 23 milhões —, mas tenho certeza de que possoquadruplicá-las em dois anos. E é este o motivo. A maior fatia do mercado —26 por cento — é mantida pela Solvag, uma empresa finlandesa, e simplesmente acontece que meu consórcio controla uma parte da Solvag! E eu possuo uma participação de controle no consórcio. Bem, o principal produto da

Solvag são os capacetes de motociclista e aquela divisão c muito mais lucrativa que a divisão de capacetes para ciclistas. Meus planos são agilizar a Solvag, fundindo-a com uma empresa austríaca de capacetes para motociclistas que estou agora em licitação para comprar. Quando isto acontecer, vou parar com os capacetes para ciclistas da Solvag e converter sua fábrica para se dedicar inteiramente aos capacetes para motociclistas. Enquanto isso, terei ampliado a capacidade produtiva da Rucksen e a posicionado para preencher o vazio deixado pela Solvag. Enxerga a beleza disto, Marshal?

Marshal inclinou a cabeça. De fato ele entendia. A beleza de ser um *insider. E t*ambem enxergava a futilidade de suas patéticas tentativas de cronometrar o mercado de ações ou comprar uma ação com migalhas inúteis de informações que chegaram aos *outsiders.*

— Eis o que eu proponho. — Peter olhou de relance para o relógio. — Dois minutos mais. Ouça-me até o fim. — Mas Marshal tinha esquecido inteiramente do limite de cinco minutos.

"Eu alavanquei a compra da Rucksen e só preciso colocar nove milhões em dinheiro. Minha previsão é tornar a Rucksen uma empresa de capital aberto em aproximadamente 22 meses e tenho razões muitos boas para esperar um retorno de mais de quinhentos por cento. A saída da Solvag do setor deixará a Rucksen sem nenhum concorrente de peso — que, é claro, ninguém mais sabe, exceto eu, e portanto você precisa manter isto confidencial. Tenho também a informação — não posso revelar a fonte, nem mesmo para você — de uma legislação que torna obrigatório para os menores o uso de capacete de ciclista, que está para ser apresentada em três países europeus.

"Proponho que você pegue uma parte do investimento, digamos, um por cento — não, espere, Marshal, antes de recusar: não é um presente e não sou mais um paciente. É um investimento de boa-fé. Você me dá um cheque e se torna dono de uma parte. Com uma única cláusula, entretanto — e é aqui que peço que você seja flexível: não quero me ver num novo cenário do dr. Black. Lembra do prejuízo que me causou?

"Portanto", continuou Peter, percebendo o crescente interesse de Marshal e falando agora com maior confiança, "aqui está minha solução. Em prol da minha saúde mental, quero que isto seja sem riscos para você. Se, a qualquer momento, você se sentir insatisfeito com o investimento, comprarei suas ações ao preço que você pagou. Proponho lhe dar uma nota promissória em meu próprio nome — totalmente garantida e pagável mediante solicitação num valor igual a cem por cento do seu investimento mais juros de dez por cento ao ano. Mas você precisa *me* prometer que fará uso desta nota na eventualidade de algum incidente imprevisível — quem sabe o quê?... assassinato do presidente, minha morte acidental ou qualquer outra coisa que você sinta que se colocará sob risco. Em outras palavras, você terá a obrigação de fazer uso desta nota."

Peter se recostou, ergueu o relógio de Marshal e entregou-o de volta a ele. — Sete minutos e meio. Agora, terminei.

Todas as engrenagens de Marshal estavam girando ao mesmo tempo. E, agora, finalmente, as engrenagens não estavam mais rangendo. *Noventa mil dólares,* ele pensou. *Ganho, digamos, setecentos por cento — é um lucro de mais de seiscentos mil dólares. Em vinte e dois meses. Como eu poderia, como qualquer um poderia, recusar essa oferta? Investir isso a doze por cento significa 72 mil dólares por ano pelo resto da minha vida. O Peter tem razão. Ele não é mais um paciente. Não é um presente por transferência — eu coloco dinheiro; é um investimento. E qual o problema se for sem riscos! É uma nota privada. Não existe aqui uma má conduta profissional. Isto é limpo. Limpíssimo.*

Marshal parou de pensar. Era hora de agir. — Peter, só vi parte de você em meu consultório. Agora, eu o conheço melhor, Agora sei por que você é tão bem-sucedido. Você define uma meta e a persegue, persegue-a com uma tenacidade e inteligência que raramente vi... e elegância, também. — Marshal estendeu a mão. — Aceito sua oferta. E com gratidão.

O restante da transação foi rapidamente concluído. Peter ofereceu aceitar Marshal como sócio por qualquer quantia até um por cento da empresa. Marshal decidiu, agora que tinha chegado tão longe assim, agarrar a oportunidade de ouro e investir o máximo: noventa mil. Ele levantaria o dinheiro da venda das ações da Wells Fargo e suas ações eletrônicas da Fidelity e transferiria o dinheiro ao banco de Peter em Zurique em cinco dias. Peter iria fechar a compra da Rucksen em oito dias e a lei holandesa exigia a listagem de todas as partes. Enquanto isto, Peter prepararia uma nota garantida e a deixaria no consultório de Marshal antes de partir para Zurique.

Mais tarde, naquele mesmo dia, depois de Marshal ter atendido seu último paciente do dia, alguém bateu à sua porta. Um mensageiro adolescente com espinhas, de bicicleta, numa jaqueta *jeans* com braceletes fluorescentes magenta e o obrigatório boné surrado dos Giants de San Francisco, entregou-lhe um envelope em papel *kraft* contendo uma nota autenticada especificando todos os aspectos da transação. Uma segunda nota para assinatura de Marshal especificava que ele era obrigado a solicitar ressarcimento integral do seu investimento caso, por qualquer motivo, o valor da Rucksen caísse abaixo do seu preço de compra. Um memorando de Peter também foi anexado: "Para sua completa paz de espírito, uma nota garantida elaborada pelo meu advogado chegará às suas mãos até quarta-feira. Aprecie minha lembrança para a celebração da assinatura de nossa parceria.

Marshal enfiou a mão no envelope e tirou uma caixa da Joalheria Shreves. Ele a abriu, perdeu o fôlego e colocou alegremente seu primeiro relógio Rolex cravado de pedras preciosas.

DEZ

Pouco antes das 18:00h de uma tarde de terça-feira, Ernest recebeu um telefonema da irmã de Eva Galsworth, uma de suas pacientes.

— Eva me disse para lhe telefonar e dizer apenas: "Está na hora."

Ernest escreveu uma mensagem com pedido de desculpas para seu paciente das 18:10h, colou-a com uma fita adesiva na porta do consultório e foi correndo até a casa de Eva, uma mulher de 51 anos de idade com câncer avançado de ovário. Eva era uma professora de redação criativa, uma mulher elegante, de grande dignidade. Ernest muitas vezes imaginou, com prazer, viver sua vida lado a lado com Eva, se ela fosse mais jovem e eles tivessem se conhecido sob circunstâncias diferentes. Ele a achava bela, admirava-a profundamente e ficava maravilhado com o compromisso dela com a vida. No último ano e meio, ele tinha se dedicado incansavelmente a aliviar a dor de sua agonia.

Com muitos dos seus pacientes, Ernest introduziu o conceito de arrependimento em sua terapia. Ele pedia que os pacientes examinassem seus arrependimentos por sua conduta passada e os incitava a evitar futuros arrependimentos."O objetivo" — ele dizia — "é viver de maneira que, daqui a cinco anos, você não olhe para trás para estes cinco anos cheio de arrependimento."

Ocasionalmente, a estratégia de Ernest de "antecipar o arrependimento" fracassava. Geralmente se revelava significativo. Mas nenhum paciente nunca levou isso com a mesma seriedade de Eva, que se dedicou, como ela dizia, "a sugar a medula dos ossos da vida". Eva juntou muita coisa nos dois anos depois do seu diagnóstico: deixou um casamento sem alegria, teve aventuras amorosas tempestuosas com dois homens que há muito desejava, fez um safári na selva no Quênia, terminou dois contos e viajou pelo país visitando seus três filhos e alguns de seus ex-estudantes prediletos.

Durante todas essas mudanças, Ernest e ela tinham trabalhado em íntima associação e bem. Eva considerava o consultório do Ernest um porto seguro, um lugar para levar todos os medos dela

sobre a morte, todos os sentimentos macabros que ela não ousava expressar aos amigos. Ernest prometeu enfrentar tudo diretamente com ela, não recuar diante de nada, tratá-la não como uma paciente, mas uma colega de viagem e de sofrimentos.

E Ernest manteve sua palavra. Passou a marcar para Eva a última hora do dia porque ele muitas vezes terminava a consulta tomado de ansiedade com a morte de Eva e também com a sua própria morte. Ele a lembrava seguidas vezes que ela não estava inteiramente sozinha em sua agonia, que ele e ela estavam ambos enfrentando o terror da finitude, que ele iria com ela tão longe quanto fosse humanamente possível. Quando Eva lhe pediu que prometesse que ele estaria com ela quando morresse, Ernest lhe deu a sua palavra. Ela esteve doente demais nos últimos dois meses para ir ao seu consultório, mas Ernest manteve contato por telefone e fez visitas ocasionais em sua casa, pelas quais decidiu não cobrar.

Ernest foi recebido pela irmã de Eva e conduzido ao seu quarto. Eva, intensamente ictérica por causa do tumor que tinha invadido o fígado, estava respirando com grande dificuldade e perspirando tão intensamente que seus cabelos encharcados estavam grudados à cabeça. Ela inclinou a cabeça e, num sussurro entre respirações, pediu a irmã que saísse. — Quero mais uma sessão particular com o meu médico.

Ernest sentou-se ao seu lado. — Consegue falar?

— Tarde demais. Sem mais palavras. Apenas me abrace.

Ernest tomou a mão de Eva, mas ela meneou a cabeça. — Não, por favor, só me abrace — ela sussurrou.

Ernest sentou-se na cama e se inclinou para abraçá-la, mas não conseguiu encontrar nenhuma posição razoável. Não havia nada a fazer senão subir na cama, deitar-se ao seu lado e colocar os braços ao seu redor. Ele continuou com seu paletó e sapatos e lançou nervosamente um olhar para a porta, preocupado que alguma pessoa entrasse e houvesse um mal-entendido. Sentiu-se desajeitado no início e ficou grato pelas camadas entre eles — lençol, acolchoado, colcha, paletó. Eva o puxou para ela. Gradualmente, a tensão dele se dissipou. Ele relaxou, tirou seu paletó, puxou de volta o acolchoado e apertou Eva firmemente. Ela devolveu o aperto. Por um instante, sentiu dentro um indesejável ruído surdo e quente, o prenuncio de excitação sexual, mas, furioso

consigo mesmo, conseguiu bani-lo e se dedicar a abraçar Eva carinhosamente. Depois de alguns minutos, ele perguntou: — Está melhor, Eva?

Nenhuma resposta. A respiração de Eva tinha se tornado difícil.

Ernest saltou da cama, inclinou-se sobre ela e chamou pelo seu nome.

Ainda sem nenhuma resposta. A irmã de Eva, ouvindo seu chamado, entrou correndo no quarto. Ernest pegou o pulso de Eva, mas não conseguiu sentir nenhum pulso. Colocou a mão sobre seu peito, apertando gentilmente a lateral de seu grande peito, e tentou sentir um pulso apical. Constatando que as batidas do seu coração estavam finas e muito irregulares, ele pronunciou: — Fibrilação ventricular. É muito ruim.

Os dois sentaram-se vigilantes por cerca de duas horas, ouvindo a pesada e errática respiração de Eva. *Respiração de "Cheyne-Stokes",* pensou Ernest, surpreso de como o termo tinha surgido dos profundos recantos inconscientes do terceiro ano da faculdade de medicina. Os olhos de Eva tremiam de tempos em tempos, mas não voltaram a se abrir. Uma espuma seca se formava continuamente nos seus lábios e Ernest a limpava com o lenço de papel em intervalos de poucos minutos.

— É um sinal de edema pulmonar — pronunciou Ernest. — O coração está falhando e, por isso, o fluido se acumula nos pulmões.

A irmã de Eva inclinou a cabeça e pareceu aliviada. *Interessante,* pensou Ernest, *como estes*

rituais científicos — dar nome e explicar os fenômenos — aliviam o terror. Então dou um nome para a sua respiração! Explico então como o ventrículo esquerdo enfraquecido faz o fluido voltar para a aurícula esquerda e depois para os pulmões, provocando a espuma? Pra quê? Não ofereci nada! Tudo que fiz foi dar um nome ao monstro. Mas sinto-me melhor, a irmã se sente melhor e, se a pobre Eva estivesse consciente, ela provavelmente se sentiria melhor também.

Ernest segurou a mão de Eva enquanto a respiração ficava cada vez mais superficial e irregular e, depois de cerca de uma hora, parou inteiramente. Ernest não pôde sentir nenhum pulso. — Ela se foi.

Ele e a irmã de Eva ficaram sentados em silêncio por alguns minutos e, então, começaram a fazer os planos. Geraram uma lista de telefonemas a serem dados — aos filhos, aos amigos, ao jornal, à casa funerária. Depois de um tempo, Ernest levantou-se para sair, enquanto a irmã se preparava para lavar o corpo de Eva. Eles discutiram rapidamente como a vestir. Ela seria cremada, disse a irmã, e ela achava que a casa funerária forneceria algum tipo de manto. Ernest concordou, embora não soubesse o que quer que fosse sobre o assunto.

Sabia muito pouco sobre isto tudo, pensou Ernest, a caminho de casa. Apesar de sua extensa experiência médica e em dissecção de cadáver na escola de medicina, ele, assim como muitos médicos, nunca estivera presente no momento real da morte. Ele se manteve calmo e clínico; embora fosse sentir falta de Eva, sua morte tinha sido misericordiosamente fácil. Ele sabia que tinha feito tudo o que podia, mas continuou sentindo a pressão do corpo dela contra seu peito durante toda a noite de grande aflição.

Ele acordou logo antes das 5:00h da manhã, preso aos restos de um sonho intenso. Fez exatamente o que sempre orientava os pacientes a fazerem depois de um sonho perturbador: permaneceu na cama sem se mover e recordou o sonho antes mesmo de abrir os olhos. Esforçando-se para pegar um lápis e um bloco de anotações ao lado da cama, Ernest escreveu o sonho no papel.

Eu estava caminhando com meus pais e meu irmão num shopping e *decidimos subir ao andar de cima. Eu me vi sozinho num elevador. Foi um percurso muito, muito longo. Quando saí, estava na praia. Mas não conseguia encontrar a minha família. Procurei de um lado a outro por eles. Embora fosse um cenário adorável... a praia é um paraíso... comecei a sentir um pavor por todo o meu corpo. Então, comecei a vestir um camisão de dormir que tinha um gracioso rosto sorridente do urso Smokey. Aquele rosto se tornou mais claro, depois brilhante... logo o rosto se transformou no único foco do sonho — como se toda a energia do sonho tivesse sido transferida para aquele pequeno e gracioso rosto sorridente do urso Smokey.*

Quanto mais Ernest pensava nele, mais importante este sonho parecia. Não conseguindo voltar a dormir, vestiu-se e foi ao seu consultório às 6:00h da manhã para colocá-lo no computador. Era perfeito para o capítulo sobre sonhos no novo livro que estava escrevendo, *Ansiedade pela morte e psicoterapia.* Ou, talvez, *Psicoterapia, morte e ansiedade.* Ernest não conseguia se decidir sobre o título.

O sonho não era nenhum mistério. Os eventos da noite anterior tornaram o significado inteiramente claro. A morte de Eva o tinha arremessado para um confronto com sua própria morte (representada no sonho pelo medo pelo corpo todo, por sua separação da família e por sua longa subida pelo elevador até uma praia celestial). *Como era irritante,* Ernest pensou, *que seu próprio criador de sonhos tivesse comprado a história de fadas de uma ascensão ao paraíso! Mas o que ele poderia fazer? O criador de sonhos era seu próprio senhor, formado no alvorecer da consciência, e obviamente moldava mais pela cultura popular que por volição.*

O poder do sonho residia no camisão de dormir com o brilhante emblema do urso Smokey, personagem dos anúncios de prevenção de incêndios. Ernest sabia que esse símbolo fora incitado pela discussão de como vestir Eva em preparação para a cremação — o urso Smokey representando a cremação! Sinistro, porém instrutivo.

Quanto mais Ernest pensasse nele, mais útil este sonho poderia ser no ensino dos

psicoterapeutas. Por um lado, ilustrava um argumento de Freud de que uma função primária dos sonhos era a preservação do sono. Neste caso, um pensamento aterrador — cremação — é transformado em algo mais benigno e prazeroso: a bela e adorável figura do urso Smokey. Mas o sonho teve um sucesso apenas parcial: embora tenha permitido que ele continuasse dormindo, a ansiedade pela morte que passou pelo filtro foi suficiente para impregnar de pavor seu sonho inteiro.

Ernest escreveu por duas horas, até Justin chegar para a sua consulta. Ele adorava escrever nas primeiras horas da manhã, mesmo que isso implicasse que ele estaria exausto no início da noite.

— Desculpe sobre a segunda-feira — disse Justin, caminhando diretamente à sua cadeira e evitando um contato de olhos com o Ernest. — Não acredito que fiz aquilo. Por volta das 10:00h, estava a caminho do escritório, assobiando, sentindo-me com um ótimo humor quando, de repente, foi como se uma tonelada de tijolos tivesse me atingido: *eu tinha esquecido da minha consulta com você.* O que posso dizer? Não tenho nenhuma desculpa. Nenhuma mesma. Simplesmente esqueci por completo. Nunca aconteceu antes. Vou ser cobrado?

— Bem... — Ernest hesitou. Odiava cobrar um paciente por faltar a uma consulta, mesmo quando, como era o caso, fosse obviamente por causa da resistência. — Bem, Justin, já que, em todos os nossos anos juntos, esta é a primeira vez que você faltou... ali, Justin, por que não dizemos que, de hoje em diante, cobrarei pelas sessões que você faltar sem um aviso prévio de 24 horas.

Ernest mal pode acreditar nos seus próprios ouvidos. Ele realmente disse isso? Como poderia *não* cobrar de Justin? Ficou apavorado com a próxima sessão de supervisão. Marshal iria vir com tudo em cima dele por causa disto! Marshal não aceitava nenhuma desculpa — acidente de automóvel, doença, tempestade de granizo, enchente repentina, perna quebrada. Ele cobraria dos pacientes se eles tivessem faltado para ir ao funeral da própria mãe.

Ele conseguia ouvir Marshal agora: — Você está nisto para ser um cara legal, Ernest? E esse o objetivo? Para que, um dia, seus pacientes digam a alguém: "Ernest Lash é um cara legal?" Ou você ainda se sente culpado porque ficou irritado com o Justin por ele deixar a mulher antes de falar com você? Que tipo de referencial volúvel e incoerente você está oferecendo para a terapia?

Bem, não havia nada a fazer a respeito agora.

Vamos penetrar mais fundo, Justin. Existem mais coisas acontecendo que simplesmente faltar à sessão da segunda. Na nossa última sessão, você chegou alguns minutos atrasado e também tivemos alguns silêncios, longos silêncios, nas duas últimas sessões. O que você acha que está acontecendo?

— Bem — disse Justin com uma franqueza fora do normal —, não haverásilêncio hoje. Tem uma coisa importante e quero conversar sobre isso: decidiassaltar a minha casa.

Justin, Ernest percebeu, estava falando de uma maneira diferente: havia maior franqueza e menor deferência em sua voz. Entretanto, ele ainda estava se esquivando de uma discussão sobre o relacionamento entre eles. Ernest voltaria a isso mais tarde — por hora ele estava morrendo de curiosidade com as palavras do Justin. — O que você quer dizer com *assaltar?*

— Bem, Laura acha que devo pegar o que me pertence — nada mais, nadamenos. Neste exato momento só tenho as coisas que enfiei numa única maleta na noite em que parti. Tenho um guarda-roupa imenso. Sempre satisfizmeus caprichos quando se trata de roupas. Deus, as lindas gravatas que tenhoem casa; parte o meu coração. Laura acha estúpido sair e comprar todos ostipos de novas coisas quando possuo tanto. Além disso, precisamos do dinheiro para outras vinte coisas, começando com casa e comida. Laura acha quedevo simplesmente marchar diretamente para dentro da minha casa e pegar oque é meu.

—**Grande** passo. Como você se sente a respeito disso?

—Bem, acho que Laura está certa. Ela é muito jovem e nada mimada — e nunca fez análise —, deixa de lado um monte das porcarias e vê direto o centro das questões.

—E Carol? A reação dela?

—Bem, telefonei duas vezes para ela — sobre ver as crianças e sobre pegar algumas das minhas coisas. Peguei parte das coisas da folha de pagamento do próximo mês no meu computador de casa — meu pai vai me matar. Não contei a ela sobre os dados no computador, pois ela iria apagá-los. — Justin caiu em silêncio.

—E...? — Ernest estava entrando em contato com parte da irritação que tinha sentido contra Justin na semana anterior. Depois de cinco anos de tratamento, ele não deveria ter que se esforçar tanto para arrancar cada pedacinho de informação.

—Bem, a Carol foi a Carol. Antes que eu conseguisse dizer qualquer coisa, ela perguntou quando eu estaria voltando para casa. Quando lhe disse que não estaria voltando, ela me chamou de um maldito bastardo e desligou.

—A Carol foi a Carol, você diz.

—Veja, é engraçado, ela está me ajudando por ser a peste de sempre. Depois que ela gritou e desligou, eu me senti melhor. Cada vez que a ouço esbravejar no telefone, tenho mais certeza de que eu estava certo em sair de lá. Cada vez mais, fico pensando que idiota eu fui para ter jogado nove anos da minha vida naquele casamento.

—É, Justin, ouço as suas lamentações, mas a coisa importante é não olhar para trás, daqui a dez anos, e ser vencido por lamentações semelhantes. E veja o começo que você está criando! Que maravilha que você tenha deixado esta mulher. Que maravilha que tenha tido a coragem de dar esse passo.

—É, doutor, você sempre disse estas palavras: "evite lamentações futuras", "evite lamentações futuras". Eu costumava dizê-las durante o meu sono. Mas não conseguia realmente ouvi-las antes.

—Bem, Justin, pense simplesmente da seguinte maneira: você não estava pronto para ouvi-las. E, agora, você está pronto para ouvi-las *e* agir segundo elas.

—Que maravilha — disse Justin — que Laura apareceu na hora que apareceu. Não consigo lhe dizer que diferença faz estar com uma mulher que realmente *gosta* de mim, que até me admira, que está do meu lado.

Embora Ernest estivesse irritado porque Justin falava continuamente de Laura, ele próprio estava sob bom controle — a sessão de supervisão com o Marshal realmente tinha ajudado. Ernest sabia que não tinha nenhum outro recurso senão se aliar à Laura. Ainda assim, ele não queria que Justin entregasse lodo o seu poder a ela. Afinal de contas, ele tinha acabado de recuperar o seu poder, tirando-o das mãos de Carol, e seria uma boa coisa que ele a possuísse por algum tempo.

É maravilhoso que Laura tenha entrado na sua vida, Justin, mas não quem que você subestime sua própria participação nisto — você realizou a ação, foram *seus* pés que caminharam para fora da vida de Carol. Mas, um pouco antes, você disse alguma coisa sobre um "assalto"?

—Bem, aceitei o conselho de Laura e ontem fui de carro até a casa paraapanhar minhas posses.

Justin percebeu a surpresa de Ernest e acrescentou: — Não se preocupe; não perdi inteiramente a cabeça. Telefonei antes para ter certeza de que Carol tinha saído para o trabalho. Bem, pode acreditar que a Carol me trancou fora da minha própria casa? A bruxa trocou as fechaduras. A noite inteira, Laura e eu conversamos sobre o que fazer. Ela acha que devo apanhar um pé-de-cabra de uma das lojas do meu pai e voltar, arrombar a porta e simplesmente pegar aquilo que me pertence. Quanto mais penso nisso, mais acho que ela está certa.

—Muitos maridos trancados para fora de casa fizeram essas coisas — disse Ernest, perplexo com o poder recém-descoberto de Justin. Ele imaginou,por um momento, o Justin em casaco de couro preto e máscara de esquiador,pé-de-cabra na mão, arrancando as novas fechaduras que Carol colocou nacasa. Delicioso! Ernest estava começando a gostar mais de Laura. Porém, prevaleceu a razão: ele sabia que era melhor ele se proteger porque, mais tarde,ele teria que descrever esta entrevista a Marshal. — Mas o que você me dizsobre conseqüências legais? Você pensou em consultar um advogado?

— Laura é contra qualquer delonga: procurar por um advogado só dará àCarol mais tempo para pilhar e destruir minhas coisas. Além disso, sua brutalidade no tribunal é bem conhecida — eu teria muita dificuldade de encontrar um advogado nesta cidade que estivesse disposto a lutar contra ela. Vocêsabe, este negócio de pegar minhas coisas de volta não é opcional: Laura e euestamos ficando sem dinheiro. Não tenho dinheiro para pagar por nada — etemo que isso inclua a sua conta!

—Mais um motivo para procurar ajuda legal profissional. Você me disse que Carol ganhava muito mais que você. Na Califórnia, isso significa que você tem direito a pensão conjugai.

—Você está gozando! Consegue ver Carol me pagando pensão?

—Ela é como qualquer outra pessoa; precisa obedecer às leis do país.

—Carol nunca me pagará pensão. Ela levaria até a Corte Suprema, jogaria o dinheiro pela privada, iria para a cadeia, antes de me pagar.

—Ótimo, ela vai para a cadeia, Justin, e você entraria, pegaria suas coisas, seus filhos e sua casa de volta. Não vê o quanto você a vê de uma maneira não realista? Ouça a você mesmo! Ouça o que você está dizendo: Carol tem poderes sobrenaturais! Carol inspira tanto terror que nenhum advogado da Califórnia ousaria se opor a ela! Carol está acima de toda a lei! Justin, estamos falando da sua esposa, não de Deus! Não de Al Capone!

—Você não a conhece como eu a conheço — mesmo depois de todos esses anos de terapia, você ainda realmente não a conhece. E meus pais não são muito melhores. Se eles estivessem me pagando um salário justo, eu estaria bem. Sei, sei, você vem me pressionando há anos para eu exigir um salário realista. Eu deveria ter feito isso há muito tempo. Mas agora não é a hora — eles estão realmente furiosos comigo por tudo isto.

—Furiosos? Como assim? — perguntou Ernest. — Pensei que você tinha dito que eles odiavam a Carol.

—Nada os agradaria mais se nunca mais a vissem. Mas ela os deixou com os pés e mãos amarrados: está usando as crianças para fazer chantagem. Desde que saí, ela não permitiu que eles vissem os netos — nem mesmo para conversar com eles pelo telefone. Ela avisou que, se eles me ajudassem e apoiassem agora, eles poderiam dizer adeus para os netos para sempre. Estão tremendo da cabeça aos pés — com medo de fazer qualquer coisa para me ajudar.

Durante o resto da sessão, Justin e Ernest conversaram sobre o futuro da sua terapia. Faltar a uma sessão e chegar atrasado obviamente era um reflexo de um compromisso decrescente com o tratamento, comentou Ernest. Justin concordou e deixou claro que não teria mais condições financeiras para bancar a terapia. Ernest aconselhou contra a interrupção da terapia em meio a tanto tumulto e ofereceu permitir a Justin que adiasse o pagamento até que suas finanças tivessem endireitado. Mas Justin, ostentando sua recém-descoberta segurança em si mesmo, discordou porque não conseguia enxergar suas finanças se endireitando por anos — não até que seus pais morressem. E Laura sentia (e ele concordava) que não era uma boa idéia começar a nova vida deles com uma grande dívida.

Mas não era apenas o dinheiro. Justin disse a Ernest que não precisava mais de terapia. Conversar com Laura dava toda a ajuda de que precisava. Ernest não gostou disso, mas se acalmou

ao se lembrar das palavras de Marshal de que a rebelião de Justin era um sinal de verdadeiro progresso. Ele aceitou a decisão de Justin de encerrar a terapia, mas argumentou suavemente contra a interrupção tão repentina. Justin estava obstinado, mas finalmente concordou em voltar para mais duas sessões.

A maioria dos terapeutas fazia uma pausa de dez minutos entre os pacientes e compromissos agendados a cada hora. Não Ernest — era indisciplinado demais para isso e muitas vezes começava tarde ou ia além dos cinqüenta minutos. Desde que tinha começado a clinicar, ele tinha organizado um intervalo de 15 ou vinte minutos entre as sessões e agendava os pacientes em horários estranhos: 9:10h, 11:20h, 14:50h. Naturalmente, Ernest mantinha esta prática não-ortodoxa como segredo para Marshal, que teria criticado sua incapacidade de manter os limites.

Geralmente, Ernest usava o intervalo para colocar anotações no prontuário do paciente ou escrever as idéias em um diário do seu atual projeto de livro. Mas ele não fez anotações depois que Justin saiu. Ernest ficou simplesmente sentado silenciosamente, meditando sobre a conclusão do Justin. Era um fim incompleto. Embora Ernest soubesse que tinha ajudado Justin, ele não o tinha levado longe o bastante. E, é claro, era irritante que Justin atribuísse toda a sua melhora à Laura. Mas, de alguma forma, isso já não importava tanto para Ernest. A supervisão tinha ajudado a atenuar esses sentimentos. Ele precisa, sem falta, de lembrar de contar isso a Marshal. Os indivíduos tão supremamente autoconfiantes quanto Marshal geralmente recebem poucos a lagos — a maioria das pessoas não acha que eles precisem de alguma coisa. Mas Ernest tinha uma intuição de que ele gostaria de algum *feedback.*

Apesar do seu desejo de que tivesse conseguido levado Justin um pouco mais para a frente, Ernest não estava insatisfeito com o fim. Cinco anos bastavam. Ele não tinha talento para manter pacientes crônicos. Era um aventureiro,

e quando os pacientes perdiam o apetite para se pôr a caminho para um novo e inexplorado território, Ernest perdia o interesse neles. E Justin nunca tinha sido o tipo explorador. Sim, era verdade que, finalmente, Justin tinha rompido suas correntes e se libertado daquele abominável casamento. Mas Ernest deu a Justin pouco crédito por essa ação — não foi Justin, mas uma nova entidade: Justin-Laura. Quando Laura sumisse, como certamente aconteceria, Ernest suspeitava que Justin estaria preso ao mesmo e velho Justin.

ONZE

Na tarde seguinte, Ernest rabiscou apressadamente algumas anotações clínicas antes que Carolyn Leftman chegasse para a sua segunda sessão. Tinha sido um longo dia, mas Ernest não estava cansado: ele sempre se sentia revigorado por fazer uma boa terapia e, até agora, estava satisfeito com o seu dia.

No mínimo satisfeito com quatro de suas cinco sessões com pacientes. O quinto paciente, Brad, usou o tempo, como sempre o fazia, para fazer um relatório detalhado, e enfadonho, das atividades da semana. Muitos desses pacientes pareciam constitucionalmente incapazes de usar terapia. Depois de fracassar com todas as tentativas para guiá-lo a níveis mais profundos, Ernest começou a sugerir que uma outra abordagem terapêutica, talvez uma comportamental, poderia oferecer mais ajuda a Brad à sua ansiedade crônica e delonga incapacitante. Entretanto, a cada vez que ele começava a emitir as palavras, Brad comentava gratuitamente sobre o quanto esta terapia tinha sido imensamente útil, o quanto seus ataques de pânico tinham diminuído e o quanto ele valorizava seu trabalho com Ernest.

Ernest não estava mais satisfeito em conter a ansiedade de Brad. Tinha ficado muito impaciente com Brad como tinha ficado com Justin. Os critérios de Ernest de bom trabalho terapêutico tinham mudado: agora só ficava satisfeito se os pacientes se revelassem, assumissem riscos, abrissem novos horizontes e, mais que tudo, estivessem dispostos a se concentrar e explorar a "intermedialidade" — o espaço entre paciente e terapeuta.

Na sua última sessão supervisora, Marshal tinha censurado Ernest por sua desfaçatez em pensar que um foco na intermedialidade fosse algo original; durante as últimas oito décadas, os analistas vinham se concentrando microscopicamente na transferência, nos sentimentos irracionais do paciente dirigidos ao terapeuta.

Mas Ernest não seria calado c continuou obstinadamente a tomar notas para um artigo para periódico sobre o relacionamento terapêutico intitulado *Intermedialidade: o argumento a favor da autenticidade na terapia.* Apesar de Marshal, ele estava convencido de que estava introduzindo algo de novo na terapia ao se focar não na transferência — o relacionamento irreal, distorcido —, mas no relacionamento *autêntico, verdadeiro* entre ele próprio e o paciente.

A abordagem que Ernest estava desenvolvendo exigia que ele revelasse mais de si próprio aos pacientes, que ele e o paciente se concentrassem no seu verdadeiro relacionamento — o *nós* no consultório terapêutico. Ele há muito pensava que o trabalho da terapia consistia na compreensão e remoção de todos os obstáculos que diminuem esse relacionamento. O experimento radical de auto-revelação de Ernest com Carolyn Leftman era simplesmente o passo lógico seguinte na evolução de sua nova abordagem à terapia.

Não apenas Ernest estava satisfeito com seu trabalho do dia, como também tinha recebido um bônus especial: os pacientes tinham lhe descrito dois sonhos arrepiantes, que, com a permissão deles, ele poderia utilizar no seu livro sobre a ansiedade da morte. Ele ainda tinha cinco minutos antes do horário que Carolyn deveria chegar e ligou o computador para anotar os sonhos.

O primeiro foi apenas um excerto:

Vim ao seu consultório para uma consulta marcada. Você não estava. Olhei para todos os lados e vi seu chapéu de palha no porta-chapéus — estava todo coberto de teias de aranha. Uma onda opressiva de enorme tristeza invadiu todo o meu corpo.

Madeline, a sonhadora, tinha câncer de mama e tinha acabado de ficar sabendo que tinha se espalhado para a sua coluna. No sonho de Madeline, o alvo da morte muda: não é *ela* que enfrenta a morte e a deterioração, mas o terapeuta, que desapareceu deixando para trás somente seu chapéu coberto de teias de aranha. *Ou,* Ernest pensou, o *sonho poderia refletir seu senso de perda do mundo: se a consciência dela for responsável pelo modelo, forma e significado de toda a realidade "objetiva" — seu mundo inteiro pessoalmente significativo —, então a extinção de sua consciência resultaria no desaparecimento de tudo.*

Ernest estava acostumado a trabalhar com pacientes agonizantes. Mas esta imagem particular — seu adorado chapéu-panamá em teias de aranha — fez um calafrio correr pela espinha.

Matt, um médico de 64 anos, forneceu o outro sonho:

Eu estava caminhando por um alto penhasco na costa de Big Sur e cheguei até um riacho correndo para o Pacífico. Ao me aproximar, fiquei surpreso em ver que o rio estava fluindo para longe do oceano, correndo para trás. Então vi um velho encurvado, que lembrava o meu pai, de pé, sozinho e abatido, em frente a uma caverna fluvial. Não consegui me aproximar dele já que não existia nenhuma trilha para baixo e, portanto, continuei seguindo o rio de cima. Pouco tempo depois, deparei-me com outro homem, ainda mais encurvado, talvez meu avô. Não consegui descobrir uma maneira de chegar até ele, tampouco, e acordei irrequieto e frustrado.

O maior medo de Matt não era a morte em si, mas de morrer sozinho. O pai, um alcoólico crônico, tinha morrido alguns meses antes e, embora tivessem tido um longo e conflituoso relacionamento, Matt não conseguia se perdoar por deixar que seu pai morresse sozinho. Ele tinha medo que seu destino, também, fosse morrer sozinho e sem lar, como tinha acontecido com todos os homens de sua família. Freqüentemente, quando ele estava dominado pela ansiedade no meio da noite, Matt se acalmava ficando sentado ao lado da cama do filho de 8 anos e ouvindo-o respirar. Ele era arrastado para uma fantasia de nadar no oceano, longe da praia, com seus dois filhos, que carinhosamente o ajudavam a escorregar debaixo das ondas para sempre. Mas, já que não tinha

ajudado o pai nem o avô a morrerem, ele se perguntava se merecia esses filhos.

Um rio fluindo para trás! O rio, carregando pinhas e folhas de carvalho castanhas e quebradiças, correndo *a montante,* afastando-se do oceano. Um rio fluindo para trás até a idade dourada da infância e a reunião da família primeva. Que imagem visual extraordinária para o tempo virado para trás, para o anseio por uma fuga do destino do envelhecimento e da diminuição! Ernest estava muito admirado com o artista latente em todos os seus pacientes; muitas vezes, ele quis tirar seu chapéu em homenagem ao criador de sonhos inconsciente que, noite após noite, ano após ano, teceu obras-primas de ilusão.

Na sala de espera do outro lado da parede, Carol também escrevia: anotações da sua primeira sessão terapêutica com Ernest. Ela parou e releu suas palavras:

PRIMEIRA SESSÃO 12 de fevereiro de 1995

Dr. Lash — inadequadamente informal. Intrometido. Insistiu, contra meus protestos, que eu o chamasse de Ernest... tocou-me nos primeiros trinta segundos — meu cotovelo quando eu entrava na sala...muito gentil — voltou a me tocar, minha mão, quando me entregou um lenço...tirou a história dos meus problemas mais importantes e da história da minha família... pressionou bastante nas memórias reprimidas de abuso sexual na primeira sessão! Ê demais, rápido demais — eu me senti sufocada e confusa! Revelou seus sentimentos pessoais para mim... me diz que é importante que fiquemos muito próximos... convida-me a lhe fazer perguntas sobre ele mesmo... promete revelar tudo sobre ele mesmo... expressou aprovação com a minha aventura amorosa com o dr. Cooke... foi dez minutos além da hora... insistiu em me dar um abraço de despedida...

Ela se sentiu satisfeita. *Estas anotações serão muito úteis,* ela pensou. *Não sei bem como. Mas algum dia, alguém — Justin, meu advogado de má conduta profissional, o Comitê Estadual de Ética — irá considerá-las de grande interesse.* Carol fechou o seu caderno de notas. Ela precisava se concentrar para a sua sessão com o Ernest. Depois dos eventos das últimas 24 horas, ela não estava pensando muito bem.

Ela tinha voltado para casa ontem e encontrou um bilhete de Justin colado à porta da frente: *"Voltei para pegar as minhas coisas".* — A porta dos fundos havia sido forçada e ele tinha apanhado tudo o que ela ainda não tinha destruído: as raquetes de raquetebol, roupas, produtos de perfumaria, sapatos, livros, assim como alguns artigos de posse conjunta — livros, câmera, binóculos, CD *player* portátil, a maioria da sua coleção de CD e várias panelas, frigideiras e copos. Ele tinha até arrombado seu baú de cedro e tirado o computador dele.

Num frenesi, Carol tinha telefonado para os pais de Justin e lhes informado que pretendia ver Justin atrás das grades e que ela os colocaria na cela ao lado se eles, de qualquer maneira que fosse, ajudasse seu filho delinqüente. Os telefonemas para Norma e Heather não ajudaram em nada — na verdade, as coisas ficaram piores. Norma estava preocupada com sua própria crise conjugai e Heather, de seu jeito suave e irritante, lembrou a ela que Justin tinha o direito às suas próprias coisas. Não seria possível fazer nenhuma acusação formal de arrombamento e invasão — era a própria casa dele e ela não tinha nenhum direito legal de mudar as fechaduras nem de tentar excluí-lo de qualquer outra maneira sem uma medida cautelar.

Carol sabia que Heather tinha razão. Ela não tinha obtido uma ordem do tribunal impedindo Justin de entrar no local porque ela nunca — nem nos seus sonhos mais loucos — conseguiria imaginar ele tomando tal atitude.

Como se os objetos levados não fossem ruins o bastante, ao se vestir naquela manhã ela encontrou todas as suas calcinhas com as entrepernas recortadas. E apenas para que não pudesse haver nenhuma confusão sobre como isso tinha acontecido, Justin tinha deixado, em cada uma, um pequeno pedaço de uma das gravatas que ela tinha retalhado e jogado de volta ao armário dele.

Carol ficou aturdida. Isso não era o Justin. Não o Justin que ela conhecia. Não, não havia nenhuma possibilidade de que Justin conseguisse fazer isso sozinho. Ele não tinha a coragem. Nem a

imaginação. A única maneira pela qual poderia ter acontecido... somente uma pessoa poderia ter orquestrado isto: Ernest Lash! Ele olhou para cima e lá estava ele em carne e osso — inclinando sua gorda cabeça para ela e a convidando a entrar no consultório! *Não importa o quanto custe, seu filho-da-puta,* Carol resolveu, *não importa quanto tempo leve, não importa o que eu precise fazer, vou tirar você do ramo.*

—Então — disse Ernest depois que ele e Carol estavam sentados —, o que lhe parece importante hoje?

—Tantas coisas. Preciso de um momento para ordenar meus pensamentos. Não tenho certeza por que estou me sentindo tão agitada.

— Sim, vejo no seu rosto que muita coisa está acontecendo hoje.*Ah, brilhante, brilhante, seu asno,* Carol pensou.

—Mas estou tendo uma grande dificuldade em ler você, Carolyn — continuou Ernest. — Um tanto perturbada, talvez. Um tanto triste.

—Ralph, meu falecido terapeuta, costumava dizer que existem quatro sentimentos básicos...

— Sim — Ernest apressou-se em intervir —, ruim, furioso, alegre e triste. Éuma boa mnemônica.

Boa mnemônica? Este campo é um verdadeiro grupo de especialistas — uma profissão de uma só sílaba, pensou Carol. *Vocês canalhas são todos iguais!* — Imagino que eu esteja sentindo um pouco de cada um, Ernest.

—Como assim, Carolyn?

—Bem, "furiosa" com as rupturas ruins da minha vida — com algumas das coisas que discutimos da última vez: meu irmão, meu pai, especialmente. E "ruim" — ansiosa —, quando penso na armadilha em que me encontro, esperando meu marido morrer. E "triste"... Imagino que "triste" quando penso nos anos que desperdicei num casamento ruim.

—E alegre?

—Essa é a fácil — "alegre" quando penso em você e sobre que sorte tive em encontrá-lo. Pensar em você e em vê-lo hoje foi a coisa mais importante a me manter andando nesta semana.

—Pode me dizer mais sobre isso?

Carol tirou a bolsa do colo, colocou-a no chão e cruzou graciosamente as longas pernas. — Tenho medo que você vá me fazer corar. — Fez uma pausa, recatadamente, pensando: *Perfeito! Mas devagar, vá devagar, Carol.* — A verdade é que a semana inteira venho sonhando acordada com você. Devaneios sensuais. Mas você provavelmente está acostumado com suas pacientes mulheres achando-o atraente.

Ernest ficou aturdido ao pensar em Carolyn tendo devaneios, provavelmente fantasias masturbatórias, com ele. Ele pensou sobre como reagir — como responder *honestamente.*

—Você *não está* acostumado a isto, Ernest? Você disse que eu deveria lhe fazer perguntas.

—Carolyn, existe algo na sua pergunta que me deixa constrangido e estou tentando imaginar por quê. Acho que é porque ela pressupõe que o que acontece aqui entre nós é algo padronizado — algo previsível.

—Não tenho certeza se estou entendendo.

—Bem, eu a considero singular. E sua situação de vida, singular. E este encontro entre você e eu, singular. Portanto, uma pergunta sobre aquilo que *sempre* acontece parece de alguma forma deslocada.

Carol apertou os olhos num olhar fixo faiscante.

Ernest saboreou suas próprias palavras. *Que ótima resposta! Preciso tentar me lembrar dela — ela se ajustará com perfeição no meu artigo sobre "intermedialidade".* Ernest também percebeu, contudo, que tinha desviado a sessão para o território abstrato, impessoal e se apressou a corrigir isso: — Mas, Carolyn, estou me afastando da sua verdadeira pergunta... que é...?

— Que é como você se sente sobre eu achá-lo atraente — replicou Carol.— Gastei tanto tempo pensando sobre você nesta semana que passou... decomo poderia ter sido se tivéssemos, por acaso — talvez numa de suas palestras —, nos conhecido como homem e mulher, em vez de como terapeuta ecliente. Sei que eu devo falar sobre isso, mas é difícil... é embaraçoso... talvezvocê ache isso — quero dizer, *eu* — repugnante. *Sinto-me* repugnante.

Bom, muito bom, pensou Carol. *Puxa, sou boa nisto!*

— Bem, Carolyn, prometi respostas honestas. E a verdade é que acho muito agradável ouvir que uma mulher — uma mulher muito atraente, poderiaacrescentar — me acha atraente. Assim como a maioria das pessoas, tenhodúvidas sobre minha atratividade física.

Ernest fez uma pausa. *Meu coração está correndo. Nunca disse algo tão pessoal a uma paciente. Gostei de lhe contar que ela é atraente — me deu energia. Provavelmente um erro. Demasiadamente sedutor. Ainda assim, ela se considera repugnante. Ela não sabe que é uma mulher bonita. Por que não lhe oferecer alguma afirmação, um ensaio de realidade, sobre sua aparência?*

Carol, da parte dela, ficou exultante — pela primeira vez em semanas. — *Uma mulher muito atraente. — Vitória! Lembro de Ralph Cooke emitindo as mesmas palavras. Esse foi o primeiro avanço dele. E foram as palavras exatas que aquele nojento dr. Zweizung tinha usado. Graças a Deus que fui sensata o bastante para chamá-lo de porco desprezível e sair daquele consultório. Mas esses dois provavelmente continuam com isso com outras vítimas. Se eu tivesse lido ao menos a sensatez de conseguir as evidências, delatar esses bastardos. Agora posso compensar. Se eu tivesse ao menos trazido um gravador na minha bolsa. Na próxima vez! Eu simplesmente não acreditava que ele seria tão lascivo com tanta rapidez.*

— Mas — continuou Ernest —, para ser inteiramente honesto com você,não levo suas palavras de uma maneira muito pessoal. Pode haver um poucode mim nas suas palavras, mas, num grau muito maior, você não está reagindoa mim; está reagindo ao meu papel.

Carol foi pega de surpresa. — O que você quer dizer?

— Bem, voltemos alguns passos. Vamos examinar desapaixonadamente oseventos recentes. Aconteceram algumas coisas horríveis com você; você manteve tudo dentro, partilhando pouco com qualquer pessoa. Você teve relacionamentos desastrosos com os homens importantes da sua vida, um depois dooutro — seu pai, seu irmão, seu marido e... Rusty, não foi? Seu namorado docolegial. E o único homem com quem se sentiu bem, seu ex-terapeuta, a abandonou, por morrer.

"E, então, você vem me ver e, pela primeira vez, resolve se arriscar e partilhar tudo comigo. Sabendo disto tudo, Carolyn, seria uma surpresa que você desenvolvesse alguns sentimentos intensos por mim? Acho que não. É isso que quero dizer quando digo que é o papel, não eu. E também aqueles sentimentos poderosos para com o dr. Cooke? Não é surpreendente que eu herde alguns daqueles sentimentos — quero dizer, eles foram transferidos para mim.

— Concordo com essa última parte, Ernest. *Estou* começando a sentir porvocê os mesmos sentimentos que tive pelo dr. Cooke.

Um breve silêncio. Carol cravou os olhos em Ernest. Marshal teria esperado por mais tempo. Não Ernest.

— Discutimos o "alegre" — disse Ernest —, e gostei de sua honestidade lá.Poderíamos dar uma olhada nos outros três sentimentos? Vejamos, você disse"ruim" para as circunstâncias do seu

passado — particularmente os homensda sua vida; "ruim" para a armadilha em que você se encontra com o seu marido; e"triste" porque... porque... me lembre, Carolyn.

Carol ruborizou. Tinha esquecido a própria história. — Eu mesma esqueci o que disse — estou agitada demais para me concentrar bem. — *Isto não bastará,* ela pensou. *Preciso permanecer no meu papel. Uma única maneira de evitar estes escorregões — preciso ser honesta sobre eu mesma —, exceto, é claro, sobre o Justin.*

— Ah, eu me lembro — disse Ernest —: "triste" por causa dos arrependimentos acumulados na sua vida, "os anos desperdiçados", acho que é comovocê o colocou. Veja, Carolyn, que aquela mnemônica de "ruim, furioso, alegree triste" é bem simplista — você é obviamente uma mulher inteligente e tenhomedo de insultar a sua inteligência: contudo, ela *foi* útil hoje. As questões associadas a cada um destes quatro sentimentos são absolutamente centrais —vamos continuar a explorá-los.

Carol assentiu com a cabeça. Sentiu-se decepcionada por eles terem mudado e se afastado tão rapidamente dos comentários dele sobre ela ser atraente. *Paciência,* ela lembrou a si mesma. *Lembre-se de Ralph Cooke. É este o* modus operandi *deles. Primeiro, eles ganham a sua confiança; depois, tornam você inteiramente dependente e fazem com que eles próprios se tornem absolutamente indispensáveis. E, só então, eles agem. Não há nenhuma maneira de evitar esta farsa. Dê-lhe duas semanas. Teremos que passar por isto no ritmo dele.*

Como começaremos? — perguntou Ernest.

Triste — disse Carolyn —, triste pensar em todos os anos que gastei com um homem que não consigo suportar.

—Nove anos — disse Ernest. — Um bom pedaço da sua vida.

—Um pedaço muito grande. Gostaria de tê-lo de volta.

—Carolyn, vamos tentar descobrir por que você abriu mão de nove anos.

—Vasculhei muito do passado com outros terapeutas. Nunca ajudou. Olhar para o passado não nos afastará da minha presente situação, meu dilema?

—Boa pergunta, Carolyn. Acredite em mim, não sou um vasculhador.Mesmo assim, o passado faz parte da sua consciência presente — forma os óculos através dos quais você experimenta o presente. Caso eu queira conhecê-lainteiramente, preciso ver o que você vê. Quero também descobrir como vocêtomou decisões no passado para que possamos ajudá-la a tomar melhores decisões no futuro.

Carol concordou inclinando a cabeça. — Entendo.

—Então, fale-me sobre o seu casamento. Como aconteceu de você ter decidido se casar e ficar casada por nove anos com um homem que você detestava?

Carol seguiu seu plano de ficar perto da verdade e deu a Ernest uma história honesta do seu casamento, mudando somente a geografia e detalhes factuais que pudessem levantar qualquer suspeita em Ernest.

—Conheci Wayne antes de me graduar em direito. Estava trabalhandocomo auxiliar numa firma de advocacia de Evanston e fui designada a umcaso representando o negócio do pai de Wayne, uma cadeia de lojas de sapatos de grande sucesso. Passei muito tempo com Wayne — era bonito, meigo,dedicado, pensativo e destinado a assumir o controle do negócio de cinco milhões de dólares do pai em um ano ou dois. Eu não tinha nenhum dinheiro etinha acumulado enormes empréstimos quando estudante. Tomei uma decisão rápida de me casar. Foi uma decisão bem estúpida.

—Como assim?

—Depois de poucos meses de casamento, comecei a enxergar as qualidades do Wayne de uma maneira mais realista. Logo aprendi que "meigo" não era bondade, mas covardia. "Pensativo" transformou-se em indecisão monstruosa. "Dedicado" tornou-se dependência grudenta. E "rico" virou cinzas quando o comércio de sapatos do pai foi a falência três anos depois.

—E a boa aparência?

—Um imbecil bonito e pobre com um dólar e meio no bolso só compra *cappuccino* para você. Foi uma decisão ruim em todos os sentidos — uma decisão de arruinar uma vida.

—O que você sabe sobre tomar aquela decisão?

—Bem, sei o que aconteceu depois. Contei-lhe que meu namorado do colegial, o Rusty, me largou no meu segundo ano da faculdade sem nenhuma explicação. Durante todo o curso de direito, fiquei em companhia contínua com o Michael. Éramos uma equipe dos sonhos; Michael era o segundo da classe...

—Como isso fez de você uma equipe dos sonhos — Ernest interrompeu. — Você também era uma boa estudante?

—Bem, tínhamos um futuro brilhante. Ele era o segundo da classe e eu, a primeira. Mas Michael acabou me largando para se casar com a filha cabeça oca de um dos sócios mais antigos da maior firma legal corporativa de Nova York. E, então, durante meu estágio de verão na comarca, lá estava o Ed, um influente assistente de um juiz da comarca, que foi meu tutor particular sem roupa no divã do seu escritório quase todas as tardes. Mas ele não queria ser visto em público comigo e, depois de terminado o verão, nunca respondeu às minhas cartas ou telefonemas. Eu não tinha ficado próxima de um homem por um ano e meio quando conheci Wayne. Arrisco-me a dizer que me casar com ele foi uma decisão reativa.

—Estou ciente de um grande bando de homens que a traíram ou a abandonaram: seu pai, Jed...

—Jeb. É um *b.* — *B, b, b, seu idiota,* pensou Carol. Ela forçou um sorriso amigável. — Pense em *b* de *brother,* irmão — uma mnemônica de suas sílabas. Ou *betrayer, bullshitter* ou *butcher*[10]

—Desculpe, Carolyn. Jeb, dr. Cooke e Rusty e, então, hoje acrescentamos o Michael e o Ed. É uma lista e tanto! Imagino que, quando Wayne se aproximou, você deve ter ficado aliviada em encontrar alguém que parecia seguro e confiável.

—Sem nenhum perigo de o Wayne me abandonar — ele era tão pegajoso, quase não estava disposto a ir ao banheiro sem mim.

—Talvez "pegajoso" tivesse uma sedução na época. E este bando de homens fracassados? É um bando sem quebras? Não ouvi você falar de nenhuma exceção, de qualquer homem que tenha sido bom para você. E bom com você.

—Só teve o Ralph Cooke. — Carol se apressou a entrar na segurança da trapaça. Uns momentos antes, quando ele listou os homens que a traíram, Ernest estava começando a revolver emoções dolorosas, exatamente como o fizera na última sessão. Ela percebeu que tinha de ficar em guarda. Nunca tinha se dado conta de o quanto a terapia era sedutora. E o quanto era traiçoeira.

—E ele morreu em você — disse Ernest.

—E, agora, tem você. Você vai ser bom comigo?

Antes que Ernest conseguisse responder, Carol sorriu e colocou uma outra pergunta: — E como está a *sua* saúde?

[10] Em português: traidor, idiota e açougueiro, respectivamente.

Ernest sorriu. — Minha saúde é excelente, Carolyn. Planejo continuar por aqui por muito tempo.

—E minha outra pergunta?

Ernest olhou para ela zombeteiramente.

—Você vai ser bom comigo?

Ernest hesitou e então escolheu suas palavras com cuidado: — Sim, tentarei ser o mais útil que eu puder. Você pode contar com isso. Você sabe, estou pensando no seu comentário de que você foi a oradora da turma de direito. Tive quase que arrancá-lo de você. Primeira da classe na Faculdade de Direito da Universidade de Chicago — não é uma conquista pequena, Carolyn. Você tem orgulho disso?

Carol deu de ombros.

—Carolyn, seja condescendente comigo. Por favor, conte-me de novo: academicamente, como é que você se saiu na Faculdade de Direito da Universidade de Chicago?

—Me saí bastante bem.

—O quanto você se saiu bem?

Silêncio e, então, numa voz baixa, Carol disse: — Fui primeira na minha classe.

—Vamos tentar de novo. O quanto você se saiu bem? — Ernest colocou a mão em concha no ouvido para dar a entender que ele mal conseguia ouvir.

—Primeira na minha classe — disse Carol em voz alta. E acrescentou: — E editora da revista de direito. E ninguém mais, inclusive Michael, chegou sequer perto de mim. — E, então, ela explodiu num choro.

Ernest lhe entregou um lenço de papel, esperou até que seus ombros parassem de subir e descer e, então, perguntou suavemente: — Consegue colocar algumas dessas lágrimas em palavras?

—Você sabe, você tem alguma idéia, das perspectivas que estavam abertas para mim então? Eu poderia ter feito qualquer coisa — recebi uma dúzia de boas ofertas —, poderia ter escolhido minha firma. Poderia até ter feito direito internacional, já que tive uma boa oferta para trabalhar no gabinete do advogado geral da Agência de Desenvolvimento Internacional dos Estados Unidos. Poderia estar fazendo alguma coisa de grande influência na política governamental. Ou, se tivesse ido para uma firma de prestígio de Wall Street, agora eu estaria ganhando quinhentos mil dólares por ano. Em vez disto, olhe para mim: fazendo direito de família, testamentos, trabalho tributário de meia-pataca — e ganhando trocados. Desperdicei tudo.

—Por Wayne?

—Por Wayne e também por Mary, que nasceu dez meses depois do nosso casamento. Eu a amo muito, mas ela foi parte da armadilha.

—Fale-me mais sobre a armadilha.

—O que eu realmente queria fazer era direito internacional, mas como você faz trabalho internacional quando tem uma filha pequena e um marido que é imaturo demais mesmo para ser um bom dono de casa — um marido que se apavora quando fica sozinho em casa uma única noite, que não consegue decidir o que vestir de manhã sem me consultar antes? Portanto, decidi por menos, dei as costas às minhas oportunidades e aceitei uma oferta de uma firma menor para ficar em Evanston para que Wayne ficasse perto da matriz da empresa do pai.

—Há quanto tempo você percebeu seu erro? Você sabia, realmente sabia, em que você tinha se metido?

—Difícil dizer. Tive minhas suspeitas nos primeiros dois anos, mas houve um incidente — a grande briga do acampamento —, aquilo removeu qualquer sombra de dúvida. Foi cerca de cinco anos atrás.

—Fale-me sobre isso.

—Bem, Wayne decidiu que a família deveria se entregar ao passatempo predileto dos Estados Unidos: uma viagem para acampar. Certa vez, quase morri, na minha adolescência, de uma picada de abelha — choque anafilático — e tenho reações malignas ao sumagre-venenoso; portanto, eu não iria acampar de jeito nenhum. Sugeri uma dúzia de outras viagens: conoagem, *snorkel,* viagens por rotas fluviais até o Alasca, navegação a vela nas Ilhas de San Juans, Caribe ou Maine — sou uma boa marinheira. Mas Wayne decidiu que sua masculinidade estava em jogo e que nada mais serviria, exceto uma viagem de acampamento.

—Mas como ele poderia esperar que você fosse acampar com uma sensibilidade a picada de abelha? Ele esperava colocar sua vida em risco?

—Ele só conseguia ver que eu estava tentando controlá-lo. Lutamos batalhas campais. Disse-lhe que nunca iria e, então, ele insistiu em levar Mary sem mim. Não via nenhum problema em ele ser um mochileiro e insisti que ele fosse com alguns amigos homens — mas ele não tinha amigos. Senti que não era seguro ele levar a Mary — ela só tinha 4 anos. Ele é tão inepto, tão covarde, que tive medo pela segurança dela. Acredito que ele quisesse a Mary lá para a proteção dele, em vez do contrário. Mas ele não arredava o pé. Finalmente, ele me venceu pelo cansaço e eu concordei.

—E é quando as coisas ficaram bizarras — continuou Carol. — Primeiro, ele decidiu que precisava entrar em forma e perder quatro ou cinco quilos — 14 quilos teria sido mais correto. A propósito, é essa a resposta à sua pergunta sobre a boa aparência: ele engordou logo depois do nosso casamento. Começou a ir à academia de ginástica todos os dias para fazer levantamento de pesos e perder os excessos, o que ele fez, mas depois desistiu e voltou a ganhar peso. Ele ficava tão ansioso, que muitas vezes hiperventilava. Uma vez, num jantar em minha homenagem, quando tornei-me sócia efetiva da nossa firma, tive que sair para levá-lo ao pronto-socorro. É tudo que preciso falar sobre o acampamento de macho. Foi quando comecei a ter plena consciência do horror do meu erro.

—Uau, que história, Carolyn. Ernest ficou espantado com as semelhanças entre este relato e a história de Justin sobre seu fiasco do acampamento com a mulher e os gêmeos. Fascinado por ouvir duas histórias tão semelhantes — mas de perspectivas bem diferentes.

—Mas, diga-me, quando você realmente percebeu seu erro — vejamos, há quanto tempo foi essa viagem para acampar? Você disse que sua filha estava com 4 anos?

—Há cerca de cinco anos. — A cada intervalo de alguns minutos, Carol se refreava; apesar de abominar Ernest, ela se pegava imersa no interrogatório dele. *Surpreendente,* ela pensou, *o quanto o processo terapêutico se torna cativante. Eles conseguem fisgar em uma ou duas horas e, depois que pegam, eles podem fazer o que quiser —fazer você vir todos os dias, cobrar o quanto quiser rem, transar com você no tapete e até cobrá-la por isso. Talvez seja perigoso demais me apresentar honestamente. Mas não tenho outra escolha — se eu inventasse uma* persona, *em algum momento eu tropeçaria várias vezes nas minhas próprias mentiras. Este sujeito é um pulha, mas não é nenhum palerma. Não, preciso ser eu mesma. Tenha cuidado. Muito cuidado.*

—Foi então, Carolyn, cinco anos atrás que você percebeu seu erro — mas, mesmo assim, continuou! Talvez tenham existido partes mais positivas do casamento que você ainda não discutiu.

—Não, foi um casamento hediondo. Não tive nenhum amor por Wayne. Nenhum respeito. Nem ele por mim. Não ganhei nada dele. — Carol enxugou os olhos. — O que me manteve no casamento? Meu Deus, não sei! Hábito, medo, minha filha — embora Wayne nunca tenha se ligado a ela —, não tenho certeza... o câncer e minha promessa a Wayne... nenhum outro lugar para ir... não tive

nenhuma outra oferta.

—Oferta? De homens, você quer dizer?

—Bem, nenhuma oferta dos homens, certamente, e,por favor, Ernest, vamos dizer que hoje — preciso fazer alguma coisa sobre os meus sentimentos sexuais — estou faminta, estou desesperada nessa área. Mas não é o que quis dizer há pouco — quis dizer nenhuma oferta profissional interessante. Não como aquelas ofertas de ouro quando eu era jovem.

—Sim, aquelas ofertas de ouro. Você sabe, ainda estou pensando nas suas lágrimas alguns minutos atrás quando você falou sobre ser a primeira da sua classe e da perspectiva ilimitada de carreira à sua frente...

Carol armou-se de coragem. *Ele está tentando penetrar de novo,* ela pensou. *Uma vez que encontram a área vulnerável, eles continuam a fazer a prospecção dela.*

— Há muita dor aí — continuou Ernest —, sobre como sua vida poderia tersido. Estava pensando naquele maravilhoso poema de Whittier: *"de todas as tristes palavras da língua ou caneta, / As mais tristes são estas: 'Poderia ter sido'."*

Ah, não, pensou Carol. *Poupe-me. Agora, é poesia. Ele está se esforçando ao máximo. A próxima coisa vai ser ele afinar o velho violão.*

— E — continuou Ernest — você abriu mão de todas aquelas possibilidadespor uma vida com o Wayne. Uma barganha ruim — não é de admirar que tentenão pensar sobre isso... você vê a dor que surge quando enfrentamos as coisasde frente? Acho que é por isso que você ainda não deixou o Wayne — isto seria omesmo que colocar o estigma de realidade sobre isso tudo. Não haveria maiscomo negar que você desistiu de tanta coisa, de todo o seu futuro, por tão pouco.

Mesmo contra a sua vontade, Carol estremeceu. A interpretação de Ernest soou verdadeira. *Seu puto, você quer sair do meu caso? Quem lhe pediu para pontificar sobre a minha vida?* — Talvez você tenha razão. Mas está acabado; como isso pode ajudar agora? É exatamente isto que eu queria dizer quando falei sobre vasculhar o passado. O que passou, passou.

—É mesmo, Carolyn? Acho que não. Não acho que se trate apenas de você ter tomado uma decisão ruim no passado: acho que você ainda está fazendo escolhas ruins. Agora mesmo na sua vida hoje.

—Que escolha eu tenho? Abandonar um marido à morte?

—Dá a impressão de ser muito cruel, eu sei. Mas é assim que as más escolhas são sempre formadas — convencendo-se de que não existe nenhuma outra escolha a fazer. Talvez essa possa ser uma das nossas metas.

—O que você está querendo dizer?

—Ajudá-la a entender que talvez existam outras opções possíveis, uma maior gama de opções.

—Não, Ernest, ainda se resume à mesma coisa. Só existem duas opções: ou abandono o Wayne ou fico com ele. Certo?

Carol recobrou sua compostura: este Wayne inventado estava bem afastado de Justin. Mesmo assim, ver Ernest tentar ajudá-la a deixá-lo revelou os métodos dele de fazer lavagem cerebral no Justin para que este a deixasse.

— Não, de forma alguma. Você está partindo de suposições que não sãonecessariamente verdadeiras. Por exemplo, que você e Wayne sempre terãodesprezo um pelo outro. Você omitiu a possibilidade de que as pessoas possam mudar. A confrontação com a morte é um grande

catalisador para a mudança — para ele, possivelmente para você. Possivelmente uma terapia conjugai com o casal poderia ajudar — você mencionou que não tentou isso. Talvezexista algum amor enterrado que você ou ele possam redescobrir. Afinal decontas, vocês viveram juntos e criaram uma filha por nove anos. Como seriapara você se você o deixasse ou se ele morresse e você soubesse que poderiater tentado com mais empenho melhorar as coisas no seu casamento? Tenhocerteza de que você estaria melhor sentindo que não deixou de revolver nenhuma pedra.

"E outra maneira de olhar para isso — continuou Ernest — é questionar sua suposição básica de que acompanhá-lo até o fim da vida dele é uma boa coisa. Isto é necessariamente verdadeiro? Duvido.

— É melhor do que ele morrer sozinho.

— É? — Ernest perguntou. — É uma boa coisa que Wayne morra na presença de alguém que sente desprezo por ele? E mais uma outra possibilidade ainda é lembrar sempre que o divórcio não precisa ser sinônimo de abandono. Não seria possível imaginar um cenário em que você constrói uma vida diferente para você mesma, mesmo com um outro homem, e ainda não abandonar Wayne? Você poderia até conseguir estar mais presente com ele se não tivesse tanto ressentimento por fazer parte da armadilha. Você vê, existe todo tipo de possibilidade.

Carol assentiu com a cabeça, desejando que ele parasse. Parecia que Ernest era capaz de continuar para sempre. Ela olhou para o relógio.

— Você olhou para o seu relógio, Carolyn. Pode traduzir isso em palavras? — Ernest sorriu ligeiramente ao se lembrar da sessão de supervisão na qual Marshal o confrontou com palavras idênticas.

— Bem, nosso tempo está quase no fim — disse Carol, enxugando os olhos —, e existem outras coisas sobre as quais eu queria conversar hoje.

Ernest ficou mortificado ao pensar que tinha sido tão condutor que sua paciente não tinha conseguido abordar a sua própria agenda. Ele agiu rapidamente. — Alguns minutos atrás, Carolyn, você mencionou a pressão sexual pela qual você está passando. Ê essa uma das coisas?

— É a principal. Estou fora de mim pela frustração — tenho certeza de que éa raiz de toda esta ansiedade. Nossa vida sexual não foi muito ativa antes, mas,desde que Wayne fez sua cirurgia de próstata, ele está impotente. Sei que não éfora do comum depois da cirurgia. — Carol tinha feito sua lição de casa.

Ernest assentiu com a cabeça. E esperou.

—Então, Ernest... tem certeza que está certo chamá-lo Ernest?

—Se eu a chamo Carolyn, você deve me chamar Ernest.

—Está bem, é *Ernest.* Então, Ernest, o que devo fazer? Muita energia sexual e nenhum lugar para onde direcioná-la.

—Conte-me sobre você e Wayne. Mesmo que ele esteja impotente, existem maneiras de você e ele ficarem juntos.

—Se por "ficarem juntos" você estiver pensando em alguma maneira para me satisfazer, esqueça. Não há nenhuma solução aí. Nossa vida sexual estava acabada há muito tempo antes da cirurgia. Essa era uma das razões pelas quais eu queria deixá-lo. Agora fico totalmente fria com qualquer espécie de contato físico com ele. E ele próprio não poderia estar menos interessado. Ele nunca me achou atraente — disse que sou magra demais, muito ossuda. Agora, ele me diz para sair e ir pra cama em algum outro lugar.

—E...? — perguntou Ernest.

—Bem, não sei o que fazer e como fazer. Ou para onde ir. Estou numa cidade estranha. Não conheço ninguém. Não sou de ir para um bar e ficar disponível para ser apanhada. É uma selva aí fora. Perigosa. Tenho certeza que você concordaria que a última coisa no mundo de que preciso é sofrer novamente um abuso por um homem.

—Sem dúvida alguma, Carolyn.

—Você é solteiro, Ernest? Divorciado? A sobrecapa do seu livro não menciona uma esposa.

Ernest respirou fundo. Nunca tinha conversado sobre a morte da sua mulher com um paciente. Agora, seu compromisso com a auto-revelação seria colocado à prova. — Minha mulher morreu seis anos atrás num acidente de automóvel.

— Ah, sinto muito. Deve ter sido difícil.Ernest assentiu. — Difícil... sim.

Desonesto. Desonesto, ele pensou. *Embora seja verdade que Ruth morreu seis anos atrás, é também verdade que, de qualquer forma, meu casamento*

nunca teria durado. Mus ela precisa saber disso? Fique com aquilo que ajuda -rá a paciente.

— Então, você também está batalhando no mundo dos solteiros agora? — perguntou Carol.

Ernest sentiu-se emperrado. Esta mulher era imprevisível. Ele não previra uma navegação tão agitada assim para sua viagem inaugural de revelação lotai e estava fortemente tentado a rumar para as águas calmas da neutralidade analítica. Conhecia esse curso maquinalmente: seria bem simples dizer: "eu me pergunto por que você está fazendo essas perguntas" ou "tento imaginar quais as suas fantasias sobre eu estar no mundo dos solteiros." Mas tal neutralidade tortuosa, tal falta de autenticidade, era precisamente o que Ernest tinha prometido evitar.

O que fazer? Ele não ficaria surpreso se, a seguir, ela indagasse sobre as estratégias dele para ter um encontro. Por um momento, imaginou a Carolyn, dali a alguns meses ou anos, contando a algum outro terapeuta sobre a abordagem terapêutica do dr. Ernest Lash: "Ah, sim, o dr. Lash discutia freqüentemente seus problemas pessoais e suas técnicas de conhecer mulheres solteiras."

Sim, quanto mais Ernest pensava sobre isso, mais percebia que era neste ponto que se situava um grande problema da auto-revelação do terapeuta. O *paciente tem confidencialidade, mas o terapeuta não tem nenhuma!* Nem pode um terapeuta exigi-la: se os pacientes iniciarem uma terapia no futuro com uma outra pessoa, eles devem ter a liberdade absoluta de discutir tudo, inclusive as peculiaridades de seus ex-terapeutas. E embora possamos ter a confiança de que os terapeutas protegerão a confidencialidade do paciente, eles muitas vezes trocam fofocas entre eles sobre os pontos fracos dos colegas.

Várias semanas atrás, por exemplo, Ernest encaminhou a esposa de um de seus pacientes a um outro terapeuta, um amigo chamado Dave. Recentemente, o mesmo paciente pediu outra recomendação para a esposa; ela tinha encerrado a terapia com o Dave por causa do hábito dele de *a cheirar* como uma maneira de apreender o humor dela! Normalmente, Ernest teria ficado horrorizado com este comportamento e nunca mais teria encaminhado um paciente a ele. Mas Dave era tão bom amigo que Ernest lhe perguntou o que tinha acontecido. Dave disse que a paciente tinha largado a terapia porque tinha ficado furiosa com ele por ter se recusado a prescrever Valium, que ela vinha consumindo abusivamente há anos, secretamente. "E sobre cheirar?" A princípio, Dave ficou confuso, mas, alguns minutos depois, lembrou de uma única ocasião em que, no início da terapia, ele fez um elogio casual sobre um novo perfume parlicularmente forte que ela estava usando.

Ernest acrescentou um novo item às suas regras de revelação: *revele-se até o ponto em que isso seja útil ao seu paciente; mas se você quiser continuar a clinicar, tenha cuidado sobre como sua auto-revelação soará para os outros terapeutas.*

—Então, você também está batalhando no mundo dos solteiros? — Carol repetiu.

—Estou solteiro, mas não estou batalhando — Ernest respondeu. — Não no momento, pelo menos. — Ernest se esforçou por um sorriso simpático, mas ainda assim indiferente.

—Eu gostaria que você me contasse mais sobre como você lida com a vida de solteiro em São Francisco.

Ernest hesitou. Existe uma diferença entre espontaneidade e impulsividade, ele lembrou a si mesmo. Ele não deve, por bem ou por mal, responder a todas as perguntas. — Carolyn, gostaria que você me contasse mais sobre o motivo pelo qual você está fazendo esta pergunta. Fiz algumas promessas a você: ser o mais útil que puder ser, isto é essencial, e, a serviço disto, ser o mais honesto possível. Portanto, agora, do ponto de vista do meu objetivo principal, ser útil a você, vamos tentar entender a sua pergunta: diga-me, o que realmente você está me perguntando? E por quê?

Nada mau, Ernest pensou, *nada mau mesmo.* Ser transparente não significa ser escravo de todos os caprichos e vôos de curiosidade do paciente. Ernest anotou sua resposta a Carolyn; era boa demais para perder — poderia usar no seu artigo do periódico.

Carol estava preparada para a pergunta dele e ensaiou silenciosamente esta seqüência. — Eu sentiria que seria mais inteiramente compreendida por você se eu soubesse que você está lidando com problemas parecidos. E, em especial, se você conseguiu passar por eles. Posso senti-lo mais parecido comigo.

— Isso faz sentido, Carolyn. Mas deve existir mais que isso na sua pergunta, já que eu disse que estou enfrentando, e enfrentando satisfatoriamente, o lato de ser solteiro.

— Estava com esperança de que você pudesse me dar uma orientação direta — me colocar na direção certa. Estou me sentindo realmente paralisada— para ser honesta, sinto-me excitada e aterrorizada ao mesmo tempo.

Ernest olhou o seu relógio. — Sabe, Carolyn, estamos sem tempo. Antes da nossa próxima sessão, quero sugerir que você trabalhe no desenvolvimento de uma série de opções para conhecer homens e, então, estudaremos os prós e os contras de cada uma. Sinto-me muito pouco à vontade de lhe dar sugestões concretas ou, como você colocou, "colocá-la na direção certa". Aceite a minha palavra — passei por isto incontáveis vezes: esse tipo de orientação direta raramente se revela útil ao paciente. O que é bom para mim ou alguma outra pessoa pode não ser bom para você.

Carol se sentiu frustrada e furiosa. *Seu bastardo presunçoso e hipócrita,* ela pensou. *Não vou terminar esta consulta sem algum progresso categórico.* — Ernest, vou passar por maus bocados esperando por mais uma semana inteira. Poderíamos marcar alguma coisa antes; preciso vê-lo com maior freqüência. Lembre-se, sou uma boa cliente que paga em dinheiro. — Ela abriu a bolsa e contou 150 dólares.

Ernest ficou desconcertado com o comentário de Carol sobre o dinheiro. *Cliente* pareceu uma palavra particularmente feia: ele detestava enfrentar qualquer parte do aspecto comercial da psicoterapia. — Ah... é... Carolyn, isso não é necessário... sei que você pagou em dinheiro na primeira sessão, mas de agora em diante preferiria lhe enviar uma conta no final de cada mês. E realmente prefiro um cheque a dinheiro — mais fácil para os meus métodos primitivos de contabilidade. Sei que um cheque é menos cômodo porque você não quer que o Wayne saiba que você está me consultando, mas talvez um cheque administrativo?

Ernest abriu sua agenda de consultas. O único horário disponível era a consulta das 8:00h da manhã de Justin que tinha acabado de ficar vago e que Ernest queria reservar para escrever. — Vamos improvisar, Carolyn. No momento, estou um pouco apertado de tempo. Espere um dia ou dois e se você sentir que realmente precisa me ver antes da semana que vem, ligue para mim e darei um jeito. Aqui está o meu cartão; deixe uma mensagem na minha secretária eletrônica e eu retornarei e deixarei uma hora marcada.

— É inconveniente se você telefonar. Ainda não estou trabalhando e meumarido está sempre em casa...

— Certo. Olha aqui, vou escrever no cartão o número da minha casa. Você geralmente me encontra lá entre 21:00h e 23:00h. — Ao contrário de muitos de seus colegas, Ernest não tinha nenhuma preocupação em dar o número da sua casa. Ele tinha aprendido há muito que, em geral, quanto mais fácil fosse ser encontrado pelos pacientes, menos provável que eles telefonassem.

Quando estava saindo do consultório, Carol jogou a última carta que tinha na mão. Voltou-se para Ernest e lhe deu um abraço, um pouco mais longo, um pouco mais apertado, que o anterior. Sentindo o corpo dele ficar tenso, ela comentou: — Obrigada, Ernest. Precisava desse abraço para o caso de eu precisar agüentar mais uma semana inteira. Precisava muito ser tocada, mal consigo suportar.

Enquanto descia as escadas, Carol se perguntou: *É minha imaginação ou meu pombo está mordendo a isca? Ele respondeu àquele abraço só um pouquinhol* Tinha descido a metade quando o corredor do suéter marfim chegou subindo correndo as escadas, quase a derrubando. Ele agarrou firmemente o braço dela para equilibrá-la, levantou seu boné branco pela aba, e lançou um sorriso brilhante para a Carol. — Ei, voltamos a nos encontrar. Desculpe por quase passar por cima de você. Sou Jess. Parece que temos o mesmo psiquiatra. O brigado por mantê-lo além da hora; do contrário, ele estaria interpretando o meu atraso durante a metade da sessão. Ele está em boa forma hoje?

Carol olhou fixamente para a boca dele. Nunca tinha visto dentes brancos tão perfeitos. — Boa forma? Sim, está em boa forma. Você vai ver. Ah, sou Carol. — Ela se virou para ver Jess subir o resto da escada de dois em dois degraus. *Belo traseiro!*

DOZE

Na quinta de manhã, alguns minutos antes das 9:00h, Shelly fechou sua tabela de corridas e bateu os pés impacientemente na sala de espera de Marshal Streider. Assim que terminasse com o dr. Streider, ele teria um bom dia à frente. Primeiro, um pouco de tênis com o Willy e os filhos, que estavam em casa para o feriado da Páscoa. Os filhos do Willy jogavam tão bem agora que parecia menos uma aula e mais um jogo de duplas competitivo. Depois, almoço no clube do Willy: alguns daqueles lagostins grelhados com manteiga e anis ou talvez aquele *sushi* de siri mole. E depois até a pista de Bay Meadows com o Willy para o sexto páreo. Ting-a-ling, cavalo do Willy e do Arnie, estava correndo no grande prêmio de Santa Clara. (Ting-a-ling era o nome do jogo de pôquer predileto de Shelly: um jogo aberto de cinco cartas de mão maior e mão menor, onde uma sexta carta poderia ser comprada ao final por 250 dólares.)

Shelly tinha pouco uso para os psiquiatras. Mas tinha boa vontade para com Streider. Embora ainda não o tivesse conhecido, Streider já lhe tinha servido bem. Quando Norma — que, apesar de tudo, realmente o amava — voltou para casa à noite depois de receber seus fax, ela estava tão grata por não ter que pôr um fim ao casamento que se jogou nos braços de Shelly e o arrastou até o quarto. Eles renovaram os seus votos: Shelly, de fazer bom uso da terapia para ajudar no seu hábito de jogar, e Norma, de dar a Shelly um dia ocasional de descanso para as vorazes necessidades sexuais dela.

Agora, pensou Shelly, *tudo que tenho que fazer é passar pelas formalidades com este dr. Streider e aí terei passado pelo pior. Mas talvez possa haver algum jeito de eu tirar algum proveito. Deve existir alguma coisa. Já que preciso gastar o tempo, provavelmente várias horas, para satisfazer a Norma —* e *satisfazer o psiquiatra também —*, *talvez exista algum uso real que eu possa fazer desse sujeito.*

A porta se abriu. Marshal se apresentou, apertou sua mão e o convidou a entrar. Shelly escondeu sua tabela de corridas no seu jornal, entrou no consultório e começou a avaliar seu conteúdo.

— Bela coleção de cristais o senhor tem aqui, doutor! — Shelly apontou aspeças de Musler. — Gosto daquela grande cor de laranja. Importa-se se eu a tocar?

Shelly já tinha se levantado e, ao gesto de Marshal de "fique à vontade" acariciou a Borda Dourada do Tempo. — Legal. Bem relaxante. Aposto que o senhor tem pacientes que gostariam de levar essa para casa. E aquela borda denteada, sabe, parece alguma coisa como o horizonte de Manhattan. E aqueles cristais? Antigos, hein?

—Muito antigo, sr. Merriman. Cerca de 250 anos. Gosta deles?

—Bem, gosto de vinho antigo. Não sei sobre cristais antigos. Valiosos, hein?

—Difícil de dizer. Não é possível dizer que existe um mercado florescente de taças antigas de *sherry.* Bem, sr. Merriman... — Marshal adotou sua voz formal de início de sessão —, por favor, sente-me e vamos começar.

Shelly acariciou o globo laranja uma última vez e sentou-se.

—Sei pouco sobre o senhor, exceto que já foi um paciente do dr. Pande e que contou à secretária do instituto que precisava marcar uma hora imediatamente.

—Bem, não é todo dia que você lê no jornal que seu terapeuta é um pulha. Qual é a acusação contra ele? O que é que ele fez comigo?

Marshal assumiu um controle mais firme da sessão: — Por que não começamos com o senhor me contando um pouco sobre si mesmo e por que começou com o tratamento com o dr. Pande.

— Calminha aí, doutor. Preciso de mais foco. A General Motors não coloca um aviso público dizendo que existe alguma coisa muito errada com o seucarro e depois deixa o dono adivinhar o que é, coloca? Eles dizem que existealguma coisa errada com o seu sistema de ignição ou bomba de gasolina outransmissão automática. Por que não começamos com o senhor me contandosobre o defeito na terapia do dr. Pande?

Tendo se sentido sobressaltado por um momento, Marshal rapidamente recobrou seu equilíbrio. Este não era um paciente comum, disse a si mesmo: era um caso-teste — o primeiro caso de tratamento por *recall* na história da psiquiatria. Se houvesse necessidade de flexibilidade, ele poderia ser flexível. Desde os dias de *linebacker,* ele se orgulhava da sua capacidade de ler os rivais. Respeite a necessidade do sr. Merriman de saber, decidiu. Dê lhe isso...e nada mais.

—Muito justo, sr. Merriman. O Instituto Psicanalítico decidiu que o dr. Pande freqüentemente oferecia interpretações que eram idiossincráticas e inteiramente sem fundamento.

—Como é que é?

—Desculpe, quis dizer que ele dava aos pacientes explicações agressivas e freqüentemente problemáticas para o comportamento deles.

—Ainda não estou entendendo. Que tipo de comportamento? Me dê um exemplo ilustrativo.

—Bem, por exemplo, que todos os homens anseiam por algum tipo de união homossexual com seu pai.

—*O quê?*

—Bem, que eles podem querer entrar no corpo do pai e fundir-se com ele.

—É? O *corpo* do pai? O que mais?

—E esse desejo pode interferir no contato e amizade deles com outros homens. Isso lhe soa familiar a alguma coisa do seu trabalho com o dr. Pande?

—Sim, sim. Soa familiar. Está começando a voltar para mim. Foi há muitos anos e esqueci a coisa. Mas é verdade que a gente nunca realmente esquece das coisas? Tudo está no armazém no andar de

cima, tudo que já aconteceu com a gente?

—Exatamente — disse Marshal inclinando a cabeça. — Dizemos que está na mente *inconsciente.* Fale-me, agora, do que o senhor se lembra da sua terapia.

—Só aquilo — aquela coisa sobre fazer com o meu pai.

—E os seus relacionamentos com outros homens? Problemas nessa área?

—Grandes problemas. — Shelly ainda estava tateando, mas estava lentamente começando a discernir os contornos de como se aproveitar. — Problemas enormes! Por exemplo, estou procurando por um emprego desde que minha empresa faliu há alguns meses e toda vez que vou para uma entrevista, quase sempre com homens, eu estrago tudo, de uma maneira ou outra.

—O que acontece nas entrevistas?

—Simplesmente fracasso. Fico alterado. Acho que deve ser aquela coisa inconsciente com o meu pai.

—Alterado, como?

— Muito alterado. Como é que vocês chamam? O senhor sabe, pânico.Respirando rápido e tudo o mais.

Shelly viu Marshal colocar no papel algumas anotações e imaginou que estava acertando na mina de ouro. — É, pânico. É a melhor palavra pra isso. Não consigo respirar. Suo feito doido. Os entrevistadores me olham como se eu estivesse louco e devem imaginar: "Como é que este cara vai vender os nossos produtos?"

Marshal anotou isso também.

—É, os entrevistadores me mostram a saída bem rapidinho. Fico tão nervoso que eles ficam nervosos. Então, estou sem trabalho há muito tempo. E tem mais uma coisa, doutor, tenho este jogo de pôquer, jogando com os mesmos caras há 15 anos. Jogo amigável, mas apostas grandes o bastante para perder uma nota preta... isto é confidencial, não é? Quero dizer, mesmo que, em algum momento, o senhor se encontre com a minha mulher, isso é confidencial, não é? O senhor fez o juramento do sigilo?

—É claro que sim. Tudo o que o senhor disser ficará aqui nesta sala. Estas anotações são apenas para o meu uso.

—Isso é bom. Não iria querer que minha mulher ficasse sabendo das minhas perdas; meu casamento já está cambaleando. *Perdi* uma fábula e, agora que penso nisso, comecei a perder mais ou menos na época em que fui atendido pelo dr. Pande. Desde a minha terapia com ele, perdi minha capacidade — ansiedade quando estava junto com os caras, exatamente como estávamos conversando agora pouco. O senhor sabe, antes da terapia, eu costumava ser um bom jogador, melhor que a média. Depois da terapia, comecei a ficar amarrado, tenso, deixava adivinharem a minha mão... perdi todos os jogos. O senhor joga pôquer, doutor?

Marshal sacudiu a cabeça. — Temos muito a tratar. Talvez devêssemos conversar um pouco sobre o motivo pelo qual o senhor marcou a primeira consulta com o dr. Pande.

—Num segundo. Deixe-me terminar antes, doutor. O que eu ia dizer é que o pôquer não tem a ver com a sorte: o pôquer tem a ver com os nervos. Setenta e cinco por cento do jogo de pôquer é psicologia: como você controla as emoções, como você blefa, como reage aos blefes, os sinais que você exibe num lampejo, involuntariamente, quando você tem boas mãos e mãos ruins.

—Sim, entendo o seu argumento, sr. Merriman. Se não estiver à vontade com seus colegas

jogadores, não vai ter sucesso no jogo.

—"Não ter sucesso" no jogo significa perder o rabo. Dinheiro grosso.

—Então, vamos voltar à questão do porquê você procurou o dr. Pande. Vejamos... em que ano foi isso?

—Então, o que imagino é que, entre o pôquer e ser transformado em alguém incontratável, este dr. Pande e suas interpretações erradas acabou me custando minha grana — grana grossa, bem grossa!

— Sim, entendo. Mas diga-me por que você consultou o dr. Pande pelaprimeira vez.

Exatamente quando Marshal tinha começado a ficar cada vez mais alarmado com o rumo que a sessão estava tomando, Shelly de repente relaxou a garra. Já sabia de que precisava. Não tinha sido à toa que ele estava casado há nove anos com uma advogada de primeira ordem especializada em atos ilícitos. A partir deste ponto, imaginou ele, tinha tudo a ganhar e nada a perder se fosse um paciente cooperativo. Ele intuiu que teria um caso bem mais forte no tribunal se demonstrasse que era inteiramente responsivo às técnicas convencionais de psicoterapia. Portanto, ele continuou no sentido de responder a todas as perguntas de Marshal com grande honestidade e minúcia — exceto as perguntas, é lógico, sobre seu tratamento com o dr. Pande, sobre o qual Shelly não se lembrava de absolutamente nada.

Quando Marshal perguntou sobre os pais, Shelly aprofundou no passado: na glorificação resoluta da mãe dos talentos e da beleza dele, que contrastava inteiramente com a persistente decepção dela com os muitos planos e muitos fracassos do pai. A despeito da devoção da mãe, Shelly estava convencido de que o pai tinha sido o ator principal na sua vida.

Sim, quanto mais ele pensava no assunto, mais perturbado ficava — contou ele a Marshal — sobre as interpretações do dr. Pande sobre o seu pai. Apesar da irresponsabilidade do pai, ele sentia uma profunda conexão com ele. Quando era jovem, idolatrava o pai. Adorava vê-lo com os amigos, jogando pôquer, indo às corridas — a Monmouth em Nova Jersey, a Hialeah e Pim-lico quando viajavam de férias a Miami Beach. O pai apostava em qualquer esporte — nos galgos, na pelota basca, tabelas de todos os jogos de futebol, basquete — e jogava qualquer jogo: pôquer, pinocle,[11] copas, gamão. Alguns dos momentos favoritos de Shelly, ele contou, foi ficar sentado no colo do pai e pegar e organizar as mãos de pinocle do pai. Sua iniciação para a vida adulta ocorreu quando o pai permitiu que ele participasse do jogo. Shelly estremeceu ao lembrar de seu pedido sabichão, aos 16 anos, para que as apostas do pinocle fossem aumentadas.

Sim, Shelly concordava com o comentário de Marshal de que sua identificação com o pai tinha sido muito profunda, muito extensa. Ele tinha a voz do pai e muitas vezes cantava todas as músicas do Johnnie Ray que o pai costumava cantar. Costumava usar o mesmo creme de barbear e loção após barba que o pai usava. Escovava os dentes com fermento em pó, também, e nunca, jamais deixava de terminar seu banho de chuveiro matutino com alguns segundos de *spray* frio. Gostava das batatas crocantes e, exatamente como o pai, costumava pedir no restaurante que o garçom levasse as batatas de volta e as *queimasse[1].*

Quando Marshal perguntou sobre a morte do pai, as lágrimas inundaram os olhos do Shelly ao descrever o pai morrendo de uma coronária aos 58 anos, cercado por seus camaradas, enquanto puxava um peixe num cruzeiro de pesca em alto-mar na costa de Key West. Shelly até contou a Marshal o quanto ficou envergonhado no funeral do pai por ficar preocupado com o último peixe que o pai fisgou. Ele tinha tirado do mar? De que tamanho era? Os rapazes sempre tinham um bolão gigante de aposta para o maior peixe e, talvez, estivesse chegando algum dinheiro para o pai — ou para o seu herdeiro. Era possível que ele nunca mais visse os amigos de pescaria do pai e estava

[11] É jogado por duas pessoas que utilizam dois baralhos com 48 cartas — excluindo-se as cartas do 8 ao 2. A partida é de mil pontos. (N. do E.)

dolorosamente tentado a fazer essas perguntas no funeral. Só a vergonha o impediu de fazê-lo. Desde a morte do pai, Shelly, de uma maneira ou outra, pensou nele todos os dias. Quando se vestia de manhã e se olhava no espelho, percebia seus músculos protuberantes da panturrilha, suas nádegas pequenas. Aos 39 anos, ele estava, cada vez mais, começando a se parecer com o pai.

Quando chegou o fim da consulta, Marshal e Shelly concordaram que, já que estavam indo muito bem, eles deveriam se encontrar novamente em breve. Marshal tinha vários horários vagos — não tinha preenchido o de Peter Macondo — e acertou para se encontrar com Shelly três vezes na semana seguinte.

TREZE

—Então, este analista tem dois pacientes que, por acaso, são amigos ínti-mos... você está ouvindo? — Paul perguntou a Ernest, que estava absorto tirando a espinha de um bacalhau vermelho agridoce com seus pauzinhos chineses. Ernest tinha uma palestra em Sacramento e Paul tinha ido de carro até lá para se encontrar com ele. Estavam sentados numa mesa de canto no China Bistrô, um grande restaurante com patos e frangos assados caramelizados em exposição numa ilha central de cromo e vidro. Ernest estava vestido no seu uniforme para palestras: um *blazer* azul trespassado sobre um *cashmere* branco de gola alta.

—É claro que estou ouvindo. Você acha que não consigo comer e ouvir ao mesmo tempo? Dois amigos íntimos estão em análise com o mesmo analista e...

—E depois do tênis, certo dia — Paul continuou —, trocam figurinhas sobre o seu analista. Exasperados com a pose dele de serena onisciência, eles tramam um pouco de diversão: os dois amigos concordam contar a ele o mesmo sonho. Então, no dia seguinte, um deles conta ao analista o sonho às 8:00h da manhã e, às 11:00, o outro descreve o sonho idêntico. O analista, sereno como de costume, exclama: "Não é incrível? É a *terceira vez* que ouço esse sonho hoje!"

—Boa história — disse Ernest, gargalhando, quase engasgando no seu *chowfun* —, mas a propósito de quê?

—Bem, de um lado, a propósito do fato que não são apenas os terapeutas que se escondem. Muitos pacientes foram apanhados mentindo no divã. Já contei sobre um paciente que eu estava atendendo que, uns dois anos atrás, consultava dois terapeutas ao mesmo tempo sem contar a um sobre o outro?

—Qual o motivo?

—Ah, algum tipo de triunfo vingativo. Ele comparava os comentários dos dois e ridicularizava ambos em silêncio por proclamarem, com grande certeza, interpretações inteiramente contrárias, igualmente absurdas.

—Um triunfo e tanto! — disse Ernest. — Lembra do que o velho professor Whitehorn chamaria a isso?

—Uma vitória pírrica!

—*Pírrica* — disse Ernest —, sua palavra predileta. Nós a ouvíamos toda vez que ele falava sobre pacientes que resistiam à psicoterapia!

"Mas, você sabe", continuou Ernest, "seu paciente que freqüentava dois terapeutas — lembra quando estávamos na Hopkins e apresentávamos o mesmo paciente a dois supervisores diferentes e gozávamos sobre a falta de concordância deles em qualquer coisa? A mesma coisa. Fiquei intrigado com sua história sobre os dois terapeutas. Ernest repousou seus pauzinhos. — Eu me pergunto: isso poderia acontecer comigo? Acho que não. Estou bem certo de que sei quando um paciente está sendo honesto comigo. Às vezes, no início, há uma certa dúvida, mas chega um momento em que não pode mais haver dúvida de que estamos juntos na verdade."

— *Juntos na verdade* — soa bem, Ernest, mas o que significa? Nem sei dizer quantas vezes atendi um paciente por um ano ou dois e, então, acontece ou fico sabendo de alguma coisa que me faz reavaliar tudo o que sei sobre o paciente. Às vezes, examino um paciente em terapia individual por anos e depois o coloco num grupo de terapia e fico surpreso com o que vejo. É a mesma pessoa? Todas as partes dele mesmo que não tinha me mostrado!

"Há três anos", Paul continuou, "estou trabalhando com uma paciente, uma mulher muito inteligente, com cerca de 30 anos, que começou, sem absolutamente nenhum estímulo de minha parte, a recuperar espontaneamente memórias de incesto com o pai. Bem, trabalhamos nisto por cerca de um ano e estava convencido de que, para usar as palavras que você usou, estávamos juntos na verdade. Segurei-lhe a mão durante os meses de terror à medida que as memórias reapareciam, apoiei-a em algumas cenas cabeludas na família depois que ela tentou confrontar o pai a este respeito. Agora, talvez seguindo o ritmo da *blitz* pública da mídia, ela de repente começou a duvidar de todas essas memórias antigas.

"Vou lhe dizer, minha cabeça está girando. Não tenho a menor idéia de o que é verdade, o que é ficção. Além disso, ela está me criticando cada vez mais por eu ser tão crédulo. Na semana passada, ela sonhou que estava na casa dos pais e um caminhão da Boa Vontade se joga e começa a desferir repetidos golpes contra as fundações da sua casa. Por que você está sorrindo?

—Três chances para adivinhar quem é o caminhão da Boa Vontade*?*

—Certo. Nenhum mistério aí. Quando pedi a ela associações sobre o caminhão, ela disse em tom de brincadeira que o nome do sonho era: "A inflo que ajuda volta a atacar." Portanto, a mensagem do sonho é que, sob o disfarce, ou crença, da ajuda, estou minando as próprias fundações da sua casa e família.

—A ingrata.

—Certo. E fui estúpido o bastante para tentar me defender. Quando chamei a atenção de que eram as memórias *dela* que eu estava analisando, ela me chamou de simplista por acreditar em tudo o que ela dizia.

"E, você sabe", Paul continuou,"talvez ela tenha razão. Talvez sejamos crédulos demais. Estamos tão acostumados com os pacientes nos pagando para ouvir sua verdade que somos provavelmente ingênuos sobre a possibilidade das mentiras. Ouvi falar sobre uma pesquisa recente que mostrou que os psiquiatras, e também os agentes do FBI, eram particularmente ineptos em identificar mentirosos. E a controvérsia do incesto fica ainda mais bizarro... está ouvindo, Ernest?"

—Continue. Você estava dizendo que a controvérsia do incesto se torna bizarro...

—Certo. Fica realmente bizarro quando você entra no mundo do abuso ritual satânico. Sou o médico de serviço este mês na unidade hospitalar do condado. Seis dos vinte pacientes na unidade alegam abuso ritual. Você não acredita no que acontece nos grupos de terapia: estes seis pacientes descrevem seu abuso ritual satânico, inclusive sacrifício humano e canibalismo, com tanta vivacidade e convicção que ninguém ousa expressar qualquer ceticismo. E isso inclui a equipe hospitalar! Se os terapeutas de grupo fossem contestar esses relatos, seriam apedrejados pelos grupos; se tornariam inteiramente inefetivos. Para lhe dizer a verdade, vários da equipe realmente acreditam nesses relatos. É falar sobre um asilo insano.

Ernest inclinou a cabeça enquanto virava habilmente o peixe e começava o outro lado.

— O mesmo problema com o transtorno de múltiplas personalidades —continuou Paul. — Conheço terapeutas, realmente bons, que relataram duasdezenas de casos disso e conheço outros bons terapeutas que estão clinicandohá trinta anos e ainda afirmam que nunca encontraram um único caso.

—Você conhece o comentário de Hegel — replicou Ernest: — "A coruja de Minerva só voa ao

cair da noite." Talvez só descobriremos a verdade sobre esta epidemia depois que ela passar e pudermos ter um olhar mais objetivo. Concordo com aquilo que você esteve dizendo sobre os sobreviventes de incesto e múltiplas personalidades. Mas deixe-os de lado por um momento e examine o seu caso de terapia ambulatorial do dia-a-dia. Acho que um bom terapeuta reconhece a verdade com os pacientes.

—Com sociopatas?

—Não, não, não, você sabe o que estou dizendo; seu paciente de terapia do dia-a-dia. Quando você chega a ter um sociopata em terapia, alguém que pague pela terapia e que não esteja lá por ordem judicial? Sabe aquela nova paciente sobre quem lhe falei, a cobaia do meu grande experimento com revelação total? Bem, na nossa segunda sessão na semana passada, não consegui lê-la por um tempo... estávamos tão distantes... como se não estivéssemos na mesma sala. E, então, ela começou a falar sobre ser a primeira na classe de direito e então de repente caiu em lágrimas e passou a um estado de intensa honestidade. Falou sobre grandes arrependimentos... sobre desperdiçar todas as suas chances de ouro para a carreira e, em vez disto, escolher um casamento que logo se tornou uma ruína para ela. E, sabe, exatamente a mesma coisa, o mesmo tipo de grande avanço em direção à verdade, aconteceu na primeira sessão quando ela falou sobre o irmão e algum abuso, ou possível abuso, quando ela era jovem.

"Lamentei sinceramente por ela a cada vez... sabe, nós realmente nos tocamos. Tocamos de tal maneira que a desonestidade é agora impossível entre nós. Na verdade, logo depois daquele momento na última sessão, ela penetrou incrivelmente fundo na verdade... começou a falar de uma maneira incrivelmente sincera... sobre frustração sexual... sobre ficar maluca se não for para cama."

—Bem, vejo que vocês dois têm muito em comum.

—Sim, sim. Estou trabalhando nisso. Paul, pare com os brotos de feijão. Está num treino sério para a olimpíada dos anoréxicos? Olhe aqui, experimente um pouco destes escalopes tostadinhos, especialidade da casa. Por que sempre acaba ficando comigo o trabalho dos dois no jantar? Olha este linguado, é lindo.

—Não, obrigado, consigo meu mercúrio mastigando os termômetros.

—Muito engraçado. Cristo, que semana! Minha paciente Eva morreu há dois dias. Lembra da Eva? Contei sobre ela, a esposa, ou a mãe, que gostaria de ter tido? Câncer de ovário? Uma professora de redação. Uma grande dama.

—Ela é aquela que teve aquele sonho do pai dizendo: "Não fique em casa comendo canja de galinha como eu, vá, vá para a África."

—Ah, sim. Tinha me esquecido dessa. Sim, essa era a Eva, sim, Vou sentir saudades dela. Esta morte machuca.

—Não sei como você trabalha com pacientes com câncer assim. Como você agüenta, Ernest? Vai ao enterro dela?

—Não. É onde traço um limite. Preciso me proteger, tenho uma zona de amortecimento. E mantenho um limite no número de pacientes agonizantes que atendo. Estou tratando uma paciente que é uma assistente social psiquiátrica na clínica de oncologia e só atende pacientes com câncer, o dia inteiro, e vou te dizer, esta mulher está sofrendo.

—É uma profissão de alto risco, Ernest. Viu os índices de suicídios entre os oncologistas? Tão altos quanto da psiquiatria! Você tem que ser masoquista para continuar fazendo isso.

—Não precisa ser tudo negro — replicou Ernest. — Dá para tirar alguma coisa disso, também. Se você trabalha com pacientes que estão morrendo e você próprio estiver em terapia, você entra em contato com diferentes partes de você mesmo, reorganiza as prioridades, trivializa as trivialidades.

Sei que geralmente saio das sessões de terapia me sentindo melhor comigo mesmo e com a minha vida. Esta assistente social passou por uma análise bem-sucedida de cinco anos, mas, depois de trabalhar com pacientes agonizantes, emergiram todos os tipos de material novo. Os sonhos, por exemplo, estavam repletos de ansiedade pela morte.

"Ela teve um ótimo na semana passada depois que uma de suas pacientes prediletas morreu. Sonhou que estava presente numa reunião do comitê que eu estava presidindo. Ela tinha que me trazer algumas pastas e tinha que passar por uma grande janela aberta que ia até o chão. Estava furiosa com a minha indiferença ao risco que ela teve que assumir. Então, veio uma tempestade e fiquei responsável pelo grupo e fiz todos subirem por uma escada com degraus metálicos, como de uma saída de incêndio. Todos eles subiram, mas os degraus terminavam num beco sem saída no teto — sem nenhum lugar para ir — e todo mundo teve de voltar a descer de novo."

—Em outras palavras — replicou Paul —, você e ninguém mais vai conseguir protegê-la ou tirá-la desta doença que leva à morte.

—Exatamente. Mas a tese que quis defender é que, em cinco anos de análise, o tema da sua mortalidade nunca sequer veio à tona.

—Quase nunca vem com meus pacientes de terapia tampouco.

—Você precisa ir atrás. Está sempre se espalhando sobre a superfície.

—Então, e quanto a você, Ernest, com toda esta confrontação ontológica? Novo material surgindo, isso significa mais terapia na livraria?

—É por isto que estou escrevendo o livro sobre a ansiedade da morte. Lembre-se que Hemingway costumava dizer que Corona era seu terapeuta.

—Charuto Corona?

—Máquina de escrever. Antes do seu tempo. E, além dos meus escritos, *você* está me dando uma boa terapia.

—Certo, e aqui está minha conta pela noite. — Paul apontou para a conta e fez um gesto indicando que fosse entregue ao Ernest. Ele olhou para o relógio. — Você precisa estar na livraria em vinte minutos. Conte-me rapidamente sobre seu experimento de auto-revelação com aquela nova paciente. Como ela é?

— Uma estranha dama. Altamente inteligente, competente e, ainda assim,estranhamente ingênua. Mau casamento; gostaria de levá-la até um pontoonde ela consiga encontrar uma saída. Quis o divórcio uns dois anos atrás,mas o marido apareceu com câncer de próstata e agora ela se sente presa a elenos anos que lhe restam. Sua única terapia anterior que teve sucesso foi comum psiquiatra da Costa Leste. E, agora, entenda isto, Paul, ela teve um longocaso sexual com este cara! Ele morreu há alguns anos. O mais lastimável é queela insiste que foi curativo, ela põe a mão no fogo por este sujeito. É a primeiravez que vejo. Nunca soube de uma paciente que afirmou que sexo com umterapeuta foi útil. Já soube de um caso assim?

—Útil? Foi útil para o terapeuta se satisfazer! Mas, para a paciente..., é sempre má notícia para a paciente!

—Como você pode dizer "sempre"? Um minuto atrás, contei-lhe sobre um caso em que foi útil. Não vamos deixar que os fatos fiquem no caminho da verdade científica!

—Certo, Ernest. Sinto-me corrigido. Deixe-me tentar ser objetivo. Vejamos, deixe-me pensar. Lembro daquele caso em você esteve envolvido há

alguns anos como testemunha-especialista. Seymour Trotter, não era? Ele alegou que ajudou sua paciente, que era a única maneira pela qual ele conseguiria tratá-la com sucesso. Mas aquele sujeito

era tão narcisista, uma ameaça, quem consegue acreditar nele? Trabalhei certa vez, anos atrás, com uma paciente que tinha dormido um par de vezes com o seu antigo terapeuta depois que a esposa dele tinha morrido. "Uma transa misericordiosa", foi como ela chamou. Afirma que não foi particularmente doloroso nem útil, mas, no mínimo, foi mais positivo do que negativo.

"Naturalmente", Paul continuou, "houve muitos terapeutas que se envolveram com as pacientes e depois se casaram com elas. Precisamos contá-los, também. Nunca vi nenhum dado sobre isso. Quem sabe sobre o destino desses casamentos. Talvez acabem funcionando melhor do que iríamos prever! A verdade é: simplesmente não temos os dados. Sabemos somente sobre as vítimas. Em outras palavras, só conhecemos o numerador, mas não o denominador."

—Estranho — disse Ernest —, é exatamente esse — palavra por palavra — o argumento que minha paciente apresentou.

—Bem, é óbvio: sabemos sobre as vítimas, mas não o total geral dos quais elas surgem. Talvez existam por aí pacientes que lucraram com tal relacionamento e nunca ouvimos falar deles! Os motivos para o seu silêncio não são difíceis de imaginar. Primeiro, não é o tipo de coisa sobre a qual você fala publicamente. Segundo, talvez tenham sido ajudados e não ouvimos falar sobre eles porque não vêm mais em busca de mais terapia. Terceiro, se tiver sido uma boa experiência, então tentarão proteger seu terapeuta-amante com o silêncio.

"Portanto, Ernest, existe a resposta à sua pergunta sobre a verdade científica. Agora já prestei minha homenagem à ciência. Mas, por mim, a questão do sexo entre terapeuta e paciente é uma questão moral; não existe nenhuma chance de a ciência vir a me provar que essa imoralidade é moral. Acredito que sexo com seus pacientes não é terapia nem amor, é exploração, violação de uma confiança. Ainda assim, não sei o que fazer com sua série de uma única paciente que diz o contrário — nenhum motivo pelo qual esta paciente devesse mentir para você!

Ernest pagou a conta. Ao saírem do restaurante para a curta caminhada até a livraria, Paul perguntou: — Então... fale-me mais sobre o experimento. Quanto você está revelando?

—Estou desbravando novos territórios com minha própria transparência, mas não está acontecendo do jeito que esperava. Não o que eu tinha em mente.

—Por que não?

— Bem, eu queria um tipo mais humano, mais existencial de revelação,uma que resultasse em "cá estamos nós, juntos, enfrentando as exigências daexistência". Achei que eu estaria falando sobre os meus sentimentos aqui-e-agora em relação a ela, sobre nosso relacionamento, sobre minhas própriasansiedades, as preocupações fundamentais que ela e eu temos em comum.Mas ela não pergunta sobre nada profundo ou significativo; pelo contrário,está me pressionando sobre coisas triviais: meu casamento, minhas práticaspara namorar.

—Como você responde a ela?

—Estou lutando para encontrar um caminho. Tentando diferenciar entre reagir com autenticidade e satisfazer a curiosidade lasciva.

—O que ela quer de você?

—Alívio. Ela está presa numa situação de vida miserável, mas se fixa estreitamente na sua frustração sexual. Ela tem uma verdadeira comichão sexual. E ela chegou a ponto de me abraçar no fim de cada sessão.

—Abraçar? E você coopera com isso?

—Por que não? Estou experimentando um relacionamento completo. Na sua vida de eremita, você pode estar perdendo de vista o fato de que, no mundo real, as pessoas se tocam o tempo todo. Não é um abraço sexual. Conheço o sexual.

—E eu o conheço. Cuidado, Ernest.

— Paul, deixe-me aliviar o seu espírito. Lembra da passagem em *Memórias, sonhos, reflexões* em que Jung diz que o terapeuta deve inventar uma novalinguagem terapêutica para cada paciente? Quanto mais penso nessas palavras, mais elas parecem me inspirar. Acho que é a coisa mais interessante queJung já disse sobre psicoterapia, exceto que acho que ele não levou longe obastante, não percebeu que não era a invenção de uma nova linguagem ou, defato, de uma nova terapia para cada paciente, mas a *invenção* é que era importante! Em outras palavras, o importante é o processo do terapeuta e pacientetrabalhando, inventando juntos com honestidade. É algo que aprendi do velho Seymour Trotter.

— Grande professor — replicou Paul. — Olhe onde ele acabou.

Numa linda praia do Caribe, Ernest ficou tentado a dizer, mas, em vez disso, disse: — Não desconsidere tudo sobre ele. Ele sabia de uma coisa ou duas. Mas com esta paciente... Será mais fácil conversar sobre ela se eu lhe der um nome; vamos chamá-la de Mary. Com a Mary, estou levando tudo isto muito a sério. Eu me comprometi a ser totalmente honesto com ela e, até agora, tenho a sensação de que o resultado é bem autêntico. O abraço é apenas uma parte disso, não é nada demais. É uma mulher privada de toque e o toque é apenas um símbolo de afeição. Acredite, o abraço representa caridade, não luxúria.

—Mas, Ernest, acredito em você. Acredito que é isso que o abraço representa *para você.* Mas, *epara ela?* O que significa para ela?

—Quero responder contando-lhe uma conversa que ouvi na semana passada sobre a natureza da ligação terapêutica. O conferencista descreveu um sonho terrível de uma de suas pacientes perto do fim da terapia. A paciente sonhou que ela e seu terapeuta estavam assistindo a uma conferência juntos num hotel. Em algum momento, o terapeuta sugeriu que ela pegasse um quarto ao lado do seu, para que pudessem dormir juntos. Ela vai até a recepção e providencia isso. Então, um pouco depois, o terapeuta muda de idéia e diz que não *é* uma boa idéia. Portanto, ela volta à recepção para cancelar a transferência. Mas é tarde demais. Todas as coisas dela tinham sido transferidas para o novo quarto. Acontece que o novo quarto é muito mais bonito, maior, mais alto, melhor vista. E, numerologicamente, o número do quarto, 929, é mais propício.

—Bonito. Bonito. Entendi — disse Paul: — Com a esperança de união sexual, a paciente faz algumas mudanças positivas importantes; o quarto melhor. No momento em que a esperança de sexo se revela uma mera ilusão, as mudanças são irreversíveis, ela não consegue voltar a trocar, também não conseguiria ter de volta o antigo quarto do hotel.

—Exatamente. Portanto, essa é a minha resposta para você. É a chave da minha estratégia com a Mary.

Eles caminharam em silêncio por alguns minutos e então Paul disse: — Quando eu era estudante de medicina em Harvard, lembro de Elvin Semrad, um professor maravilhoso, dizendo alguma coisa bem parecida... sobre as vantagens, mesmo a necessidade, de alguns pacientes terem uma certa tensão sexual no relacionamento. Mesmo assim, é uma estratégia arriscada para você, Ernest. Espero que você tenha uma margem de segurança grande o bastante. Ela é atraente?

—Muito! Não necessariamente meu estilo, mas, sem dúvida, uma mulher elegante.

—É possível que você a esteja lendo erradamente? É possível que ela esteja dando em cima de você? Quer um terapeuta que a ame exatamente como o último?

—Ela realmente quer isso. Mas vou usar isso como uma alavanca na terapia. Acredite em mim. E, da minha parte, o abraço é assexual. Avuncular.

Pararam em frente à Livraria Tower. — Bem, aqui estamos — disse Ernest.

— Estamos adiantados. Ernest, quero lhe perguntar mais uma coisa antes de você entrar. Diga-

me a verdade: você gosta dos abraços avunculares com a Mary?

Ernest vacilou.

— A verdade, Ernest.

— Sim, gosto de abraçá-la. Gosto muito desta senhora. Ela usa um perfume incrível. Se não gostasse, não o faria!

— Ah? É um comentário interessante. Pensei que este abraço avuncular fosse pela paciente.

— É. Mas se eu não gostasse dele, ela perceberia e o gesto perderia toda a autenticidade.

— E você me falando num palavreado complicado e sem sentido!

— Paul, estamos falando sobre um rápido abraço amigável. Estou controlando.

— Bem, mantenha o zíper fechado. Do contrário, seu posto no Comitê Estadual de Ética Médica vai ser embaraçosamente curto. Quando é essa reunião do comitê? Vamos nos encontrar para jantar.

— Daqui a duas semanas. Soube que tem um novo restaurante cambojano.

— Minha vez de escolher. Acredite, tenho uma festa reservada para você — uma grande surpresa macrobiótica!

CATORZE

Na noite seguinte, Carol telefonou para Ernest em casa, dizendo que se sentia em pânico e precisava de uma sessão de emergência. Ernest falou com ela demoradamente, deu a ela um horário para a manhã seguinte e ofereceu fazer por telefone uma receita para um remédio para aliviar a ansiedade numa farmácia aberta a noite toda.

Enquanto estava sentada na sala de espera, Carol leu todas as anotações da sessão anterior.

Chamou-me uma mulher atraente, muito atraente...deu-me o telefone da sua casa, pede-me para telefonar para ele lá... sondou emprofundidade a minha vida sexual... revela sua vida pessoal, a morte da mulher, namoros, mundo dos solteiros... me abraçou no fim da sessão — mais tempo que da última vez... diz que gosta que eu tenha fantasias sexuais com ele,passa dez minutos além da hora... estranhamente incomodado em aceitar meu dinheiro.

As coisas estão progredindo bem, pensou Carol. Inserindo um microcassete no seu gravador miniatura, ela o deslizou numa bolsa de palha porosa, comprada especialmente para a ocasião. Ela entrou no escritório de Ernest, animada pelo conhecimento de que a armadilha estava armada, que cada palavra, cada irregularidade, seria capturada.

Vendo que a urgência da noite anterior tinha desaparecido, Ernest voltou sua atenção para entender o ataque de pânico. Ele e sua paciente, tornou-se rapidamente evidente, tinham pontos de vista bem diferentes. Ernest achava que a ansiedade de Carolyn tinha sido evocada pela sessão anterior. Ela, por outro lado, afirmava que estava explodindo em tensão sexual e frustração e continuou suas tentativas de arrancar dele sugestões sobre possíveis saídas sexuais.

Quando Ernest interrogou mais sistematicamente sobre a vida sexual de Carol, obteve mais do que tinha regateado. Ela descreveu, detalhadamente, muitas fantasias masturbatórias nas quais ele desempenhava um papel proeminente. Sem um pingo de inibição, ela contou sobre sua excitação ao desabotoar a camisa dele, ajoelhando-se diante da cadeira dele no consultório, abrindo o zíper das calças, deslizando-o na sua boca. Ela gostava do pensamento de levá-lo seguidas vezes quase ao ponto do orgasmo e, então, desacelerando e esperando até que ele afrouxasse para então começar tudo de novo. Isso, disse ela, geralmente era suficiente para levá-la ao orgasmo enquanto ela se

masturbava. Ou então, ela continuava a fantasia, arrastando-o até o chão e imaginando-o levantando a saia dela e deslizando apressadamente a calcinha dela para o lado e penetrando-a com força. Ernest ouviu atentamente e tentou não se contorcer.

— Mas a masturbação — continuou Carol — nunca foi realmente satisfatória para mim. Em parte, acredito, que seja a vergonha ligada a isso. Exceto uma ou duas vezes com o Ralph, esta é a primeira vez que já conversei sobre isso com qualquer pessoa; homem ou mulher. O problema é que muitas vezes não culmina num orgasmo completo, mas, pelo contrário, tenho vários pequenos espasmos sexuais que ainda me deixam num estado de grande excitação. Estou começando a me perguntar se poderia ser minha técnica de masturbação. Você poderia me dar algumas instruções sobre isso?

A pergunta de Carol fez o sangue subir ao rosto de Ernest. Ele estava se acostumando com seu jeito casual de falar sobre sexo. De fato, ele admirava sua qualidade de falar de suas práticas sexuais — por exemplo, o modo como ela, no passado, havia apanhado homens em bares sempre que viajava ou estava furiosa com o marido. Parecia tudo tão fácil, tão natural para ela. Ele pensou nas horas de agonia — e futilidade — que ele tinha tolerado nos bares de solteiros e nas festas. Ele tinha passado um ano em Chicago durante o internato. *Por que, oh, por que,* Ernest pensou, *eu não poderia ter me deparado com a Carolyn quando ela estava caçando nos bares de Chicago?*

Quanto à sua pergunta sobre técnica masturbatória, o que ele sabia sobre o assunto? Virtualmente nada, exceto a óbvia necessidade da estimulação do clitóris. As pessoas freqüentemente supunham que os psiquiatras sabiam mais que elas.

— Não sou especialista nisso, Carolyn. — Onde, Ernest se perguntou, ela imaginou que ele poderia ter aprendido sobre masturbação feminina? No curso de medicina? Talvez seu próximo livro devesse ser *Coisas que não ensinam na faculdade de medicina!*

—A única coisa que me vem à mente, Carolyn, é uma palestra de uma terapeuta sexual que ouvi recentemente sobre ser aconselhável liberar o clitóris de todas as adesões.

—Ah, isso é algo que você possa checar num exame físico, dr. Lash? Para mim, não teria nenhum problema.

Ernest ruborizou de novo. — Não, pendurei meu estetoscópio e fiz meu último exame físico sete anos atrás. Sugiro que você leve isto ao seu ginecologista. Algumas mulheres acham mais fácil falar dessas coisas com uma ginecologista mulher.

—É diferente para os homens, dr. Lash, quero dizer, você... os homens têm problema com masturbação com orgasmo parcial?

—De novo, não sou especialista, mas acredito que os homens geralmente têm uma experiência do tipo tudo ou nada. Você discutiu isto com Wayne?

—Com Wayne? Não, não conversamos sobre nada. É por isto que faço estas perguntas a você. Você é a pessoa. Neste exato momento, você é o homem mais importante, o único homem, na minha vida!

Ernest sentiu-se perdido. Sua resolução de ser honesto não oferecia nenhuma instrução. Ele se sentia confuso com a agressividade de Carolyn; estava perdendo a linha. Ele recorreu à sua pedra de toque, seu supervisor, e tentou imaginar como Marshal poderia ter respondido à pergunta de Carolyn.

A técnica correta, teria dito Marshal, era obter mais dados: tirar uma história sexual sistemática, desapaixonada, inclusive os detalhes da prática de masturbação de Carolyn e as fantasias que a acompanhava — tanto no presente quanto no passado.

Sim, era essa a abordagem correta. Mas Ernest tinha um problema: Carolyn estava começando a excitá-lo. Em toda a sua vida adulta, Ernest tinha se sentido sem atrativo para as mulheres. Toda a

sua vida, ele acreditou que precisava trabalhar duro, para usar seu intelecto, sensibilidade e charme, para vencer sua aparência de *nerd.* Dava uma sensação violentamente excitante ouvir esta mulher adorável descrever uma masturbação com o pensamento em despi-lo e arrastá-lo até o chão.

A excitação de Ernest limitava sua liberdade como terapeuta. Se ele pedisse a Carolyn detalhes mais íntimos de suas fantasias sexuais, ele poderia não ser franco sobre seus motivos. Estaria fazendo em benefício dela ou para o seu próprio estímulo sexual? Daria a impressão de voyeurismo, como se excitar com sexo verbal. Por outro lado, se evitasse as fantasias dela, estaria ele sendo justo com sua paciente em não permitir que ela falasse sobre o que era mais importante na sua mente? E não seria evitação estar dizendo a ela que suas fantasias eram vergonhosas demais para discutir?

E quanto ao seu contrato de auto-revelação? Ele não deveria simplesmente compartilhar com Carolyn exatamente aquilo em que estava pensando? Mas, não, ele estava certo de que isso seria um erro! Haveria aí um outro princípio da transparência do terapeuta? Talvez os terapeutas não devessem compartilhar coisas que lhes fossem fortemente conflituosas. Melhor que o terapeuta trabalhasse antes nessas questões na terapia pessoal. Do contrário, o paciente ficará sobrecarregado com a tarefa de trabalhar nos problemas do terapeuta. Ele anotou esse princípio no seu bloco de notas — valia a pena lembrar.

Ernest agarrou a primeira oportunidade para desviar o foco. Voltou ao ataque de ansiedade de Carolyn da noite anterior e especulou se ela poderia ter estado ansiosa por causa de algumas das questões difíceis que tinha levantado na sessão anterior. Por exemplo, por que ela tinha permanecido tanto tempo num casamento amargo, sem amor? E por que ela nunca tinha tentado melhorar o casamento na terapia de casais?

— É difícil transmitir o quanto me sinto total e extremamente desesperançada com o meu casamento, ou com o casamento em geral. Não houve nenhuma centelha de felicidade nem de respeito no nosso casamento durante anos. E Wayne é tão niilista quanto eu sou: ele teve muitos e muitos anos infrutíferos e caros de terapia.

Ernest não seria tão facilmente frustrado.

— Carolyn, quando penso na sua desesperança com o seu casamento, não consigo deixar de me perguntar qual o papel que o casamento fracassado dos seus pais teve no seu próprio. Quando perguntei na semana passada sobre os seus pais, você disse que nunca ouviu sua mãe mencionar seu pai de qualquer maneira que não fosse de ódio e desdém. Talvez sua mãe não tenha lhe feito nada de bom ao alimentá-la com uma dieta contínua de tanto ódio. Talvez não tenha sido no melhor dos seus interesses ela ter martelado na sua cabeça, dia após dia, ano após ano, que não era possível confiar em nenhum homem para cuidar de qualquer coisa, exceto dos seus próprios interesses?

Carol quis voltar para a sua agenda sexual, mas não conseguiu deixar de correr em defesa da mãe: — Não foi fácil para ela criar dois filhos, inteiramente sozinha, sem ajuda de ninguém.

—Por que sozinha, Carolyn? O que você me diz da própria família dela?

—Que família? Mamãe era inteiramente sozinha. O pai da minha mãe também foi embora quando ela era jovem. Um dos pioneiros entre os pais malandros. E ela teve pouca ajuda da mãe dela. Uma mulher amarga, paranóica. Elas mal se falavam.

—E a rede social da sua mãe? Amigas?

—Ninguém!

—A sua mãe teve um padrasto? Sua avó voltou a se casar?

—Não, fora de questão. Você tinha que conhecer a vovó. Usou preto para sempre. Até lenços pretos. Nunca vi um sorriso seu.

—E a sua mãe? Outros homens na vida dela?

—Está brincando? Nunca vi um homem na nossa casa. Ele odiava os homens! Mas passei por tudo isto antes na terapia. Esta história é antiga. Achei que você disse que não era um vasculhador.

—Interessante — disse Ernest, ignorando os protestos da Carol — o quanto o roteiro de vida da sua mãe seguiu bem de perto o da mãe *dela.* Como se houvesse este legado de dor na família sendo passado para os descendentes, como uma batata quente, de uma geração de mulheres para a seguinte.

Ernest captou o olhar impaciente de Carol para o relógio. — Sei que estamos além da hora, mas fique comigo nisto mais um minuto, Carolyn. Você sabe, isto é realmente importante. Eu lhe direi por que... porque levanta a urgente questão daquilo que você pode estar passando para a sua filha! Veja você, talvez a melhor coisa que possamos fazer na sua terapia seja ajudá-la a quebrar o ciclo! Quero ajudá-la, Carolyn, e me comprometo a isso. Mas talvez a verdadeira beneficiária, a principal beneficiária, de nosso trabalho juntos vá ser a sua filha!

Carol estava totalmente despreparada para este comentário e isto a deixou atônita. A contragosto, as lágrimas brotaram copiosamente e transbordaram. Sem qualquer outra palavra, ela saiu correndo do consultório, ainda chorando e pensando: *Que maldito, ele fez de novo. Por que estou deixando o bastardo me atingir?*

Descendo as escadas, Carol tentou identificar quais dos comentários de Ernest se aplicavam *à persona* fictícia que ela tinha criado e quais se aplicavam verdadeiramente a ela. Ela ficou tão abalada e tão perdida nos pensamentos que quase pisou em Jess, que estava sentado no primeiro degrau.

— Oi, Carol. Jess. Lembra de mim?

— Ah, oi, Jess. Não o reconheci. — Ela secou uma lágrima. — Não estouacostumada a vê-lo sentado parado.

— Adoro fazer *jogging,* mas sou conhecido por caminhar. O motivo paravocê sempre me ver correndo aqui é que estou cronicamente atrasado; umproblema difícil de trabalhar na terapia porque sempre chego lá tarde demaispara falar a respeito!

— Não está atrasado hoje?

— Bem, troquei meu horário para as 8:00h da manhã.

O horário de Justin, pensou Carol. — Então, você não tem uma hora marcada com o Ernest agora?

—Não. Parei para falar com você. Fiquei pensando se poderíamos conversar alguma hora, talvez correr juntos. Ou almoçar? Ou os dois?

—Não sei nada sobre *jogging.* Nunca fiz. — Carol enxugou as lágrimas.

—Sou um bom professor. Tome um lenço. Vejo que você teve uma sessão "daquelas" hoje. Ernest também me atinge. É misterioso como ele sabe onde a dor está. Alguma coisa que eu possa fazer? Dar uma caminhada?

Carol começou a devolver o lenço de Jess, mas começou a soluçar novamente.

—Não, fique com o lenço. Olha, tive esse tipo de sessão, também, e quase sempre quis um tempo sozinho para digerir as coisas. Então, vou embora. Mas eu poderia telefonar para você? Aqui está o meu cartão.

—E aqui está o meu. — Carol tirou um cartão da sua bolsa. — Mas quero que minhas reservas sobre *jogging* continuem registradas.

Jess olhou o cartão. — Anotado e gravado, advogada. — Com isso, ele bateu de leve o boné de iatista e partiu para fazer *jogging* pela rua Sacramento. Enquanto ele se afastava, Carol ficou olhando fixamente para ele, os longos cabelos loiros voando ao vento e o suéter branco fechado em torno do pescoço que se erguia e descia com as ondulações dos seus poderosos ombros.

No andar de cima, Ernest incluiu suas anotações no prontuário de Carolyn:

Progredindo bem. Hora dum de trabalho. Auto-revelação intensa sobre sexo e as fantasias de masturbação dela. Transferência erótica crescente. Preciso encontrar uma maneira de abordar isso. Trabalhei no relacionamento com a mãe, com o modelo de papéis familiares. Defensiva sobre qualquer percepção de crítica contra a mãe. Terminei a sessão com um comentário sobre o tipo de modelo de família que ela passará afilha. Saiu chorando, em disparada, do consultório. Devo esperar outra chamada de emergência. É um erro encerrar uma sessão com uma mensagem tão poderosa?

Além disto, Ernest pensou ao fechar a pasta, *não posso ter ela saindo impulsivamente do meu consultório desse jeito —perdi o meu abraço!*

QUINZE

Depois de almoçar com Peter Macondo na semana anterior, Marshal vendeu imediatamente ações no valor de noventa mil dólares com o intuito de transferir o dinheiro ao Peter assim que fosse compensado. Mas a mulher insistiu para que ele discutisse o investimento com o primo dele, Melvin, um advogado tributarista do Ministério da Justiça.

Shirley geralmente não tinha nenhum papel nas finanças da família Streider. Â medida que passou a se dedicar à meditação e ao *ikebana,* ela começou a ficar não apenas mais despreocupada com os bens materiais, mas cada vez mais insolente com a obsessão do marido de adquiri-los. Sempre que Marshal se deleitava com a beleza de uma pintura ou uma escultura de cristal e lamentava o preço de tabela de cinqüenta mil dólares, ela respondia simplesmente dizendo: "Beleza? Por que você não a vê lá?" E, então, apontava para um dos seus arranjos de *ikebana* — um gracioso minueto de um ramo de carvalho em espiral e seis camélias Aurora da Manhã florescentes — ou para as elegantes linhas inclinadas de um bonsai de um altivo e retorcido pinheiro de cinco agulhas.

Embora indiferente ao dinheiro, Shirley era ardentemente interessada na única coisa que o dinheiro é capaz de oferecer: a melhor educação possível para os filhos. Marshal tinha sido tão expansivo, tão grandiloqüente, em descrever os retornos futuros do seu investimento na fábrica de capacete para ciclistas de Peter que ela ficou preocupada e, antes de concordar com o investimento (a posse de todas as ações era conjunta), ela insistiu em que Marshal telefonasse para o Melvin.

Durante anos, Marshal e Melvin tinham tido um arranjo de permuta informal mutuamente lucrativo: Marshal oferecia a Melvin conselhos médicos e psicológicos e Melvin compensava com orientação em investimentos e impostos. Marshal telefonou ao primo sobre o plano do Peter Macondo.

—Não gosto do cheiro disso disse Melvin. — *Qualquer* investimento prometendo essa taxa de retorno é suspeito. Quinhentos, setecentos por cento de retorno — vem cá, Marshal! Setecentos por cento! Cai na real. E a nota promissória que você me enviou por fax? Sabe quanto vale? Nada, Marshall Exatamente nada!

—Por que nada, Melvin? Uma nota promissória assinada por um homem de negócios altamente visível? Este sujeito é conhecido em todos os lugares.

—Se ele é tão ótimo empresário — disse Melvin na sua voz áspera diga-me, por que ele lhe dá um pedaço de papel sem garantia; uma promessa vazia? Não vejo nenhum colateral. Digamos que ele decida não te pagar? Ele sempre poderá criar justificativas contra o pagamento, desculpas para não pagar. Você teria que abrir um processo judicial contra ele; isso custaria centenas e milhares, e, então, você só teria mais um pedaço de papel, um julgamento, e ainda teria de descobrir os bens

dele para cobrar. Isto lhe custaria mais dinheiro ainda. A nota não remove este risco, Marshal. Sei do que estou falando. Vejo esta coisa o tempo todo.

Marshal repudiou os comentários de Melvin imediatamente. Em primeiro lugar, Melvin era pago para ter suspeitas. Segundo, Melvin sempre pensava pequeno. Era exatamente como o pai, o tio Max, que, ao contrário de todos os parentes que tinham vindo da Rússia, não tinha conseguido prosperar no novo país. O pai tinha começado a implorar a Max para fazer sociedade num armazém, mas Max zombou da idéia de se levantar às 4:00h da manhã para ir ao mercado, trabalhar 16 horas e terminar o dia jogando fora as maçãs podres, marrom como as baratas e os *grapefruits* com úlceras verdes. Max tinha pensamento pequeno, tinha escolhido a proteção e segurança de um emprego no ser viço público, e Melvin, esse pobre infeliz com orelhas de gorila e um filho com braços que praticamente chegam ao chão, tinha seguido os passos do pai.

Mas Shirley, que tinha por acaso ouvido a conversa entre eles, não repudiou tão facilmente os avisos de Melvin. Ficou alarmada. Noventa mil dólares pagariam um curso universitário inteiro. Marshal tentou ocultar seu aborrecimento com a interferência de Shirley. Durante seu casamento de 19 anos, nem uma vez ela tinha mostrado o menor interesse em qualquer um dos investimentos dele. E *agora,* quando estava fadado a agarrar a oportunidade econômica da sua vida, agora ela decidia intrometer seu nariz desinformado. Mas Marshal se acalmou — entendeu que Shirley tinha ficado alarmada por causa da ignorância nos assuntos financeiros. Teria sido diferente se ela tivesse conhecido o Peter. A cooperação dela, porém, era essencial. Para obtê-la, ele teria que apaziguar o Melvin.

— Tudo bem, Melvin, diga-me o que fazer. Seguirei suas recomendações.

— Muito simples. O que queremos é um banco para garantir o pagamento da nota — isto é, um compromisso irrevogável e incondicional de um banco de primeira linha que honre a nota *a qualquer momento que você exigir o seu dinheiro.* Se as propriedades desse homem forem tão extensas quanto você descreve, ele não deverá ter nenhuma dificuldade em obter isto. Se quiser, redigirei pessoalmente uma nota blindada da qual Houdini não conseguiria escapar.

— Isso é bom, Melvin. Faça isso — disse Shirley, que tinha se juntado à discussão numa extensão do telefone.

— Uau, espere um minuto, Shirley. — Marshal estava ficando irritado com essas obstruções mesquinhas. — Peter me prometeu uma nota garantida na quarta-feira. Por que não esperamos simplesmente e vemos o que ele envia? Eu a enviarei por fax para você, Melvin.

— Certo. Estarei por aqui a semana inteira. Mas não transfira o dinheiro enquanto eu não falar com você. Ah, mais uma coisa: você diz que o Rolex veio numa caixa da Joalheria Shreves? A Shreves é uma joalheria de prestígio. Faça-me um favor, Marshal. Reserve vinte minutos, pegue o relógio e leve até a Shreves e deixe que eles a autentiquem! Rolexes falsos estão em voga — são vendidos em qualquer esquina no centro de Manhattan.

— Ele irá, Melvin — disse Shirley —, e eu irei com ele.

A viagem até a Shreves acalmou e deu segurança a Shirley. O relógio era, de fato, um Rolex — um Rolex de 3.500 dólares! Não apenas tinha sido comprado lá, mas o vendedor se lembrava bem do Peter.

— Um cavalheiro de boa aparência. O mais belo casaco que já vi: *cashmere*cinza trespassado que *chegava* quase até o chão. Estava quase comprando umsegundo relógio idêntico para o pai, mas, então, pensou melhor — disse quevoaria para Zurique naquele fim de semana e compraria o relógio lá.

Marshal ficou tão satisfeito que ofereceu comprar um presente a Shirley. Ela escolheu um refinado vaso verde de duas bocas de cerâmica para o *ikebana.*

Na quarta-feira, como prometido, a nota de Peter e, para o grande prazer de Marshal, atendia com precisão às especificações de Melvin — uma nota garantida pela Crédit Suisse, de noventa mil dólares mais taxa referencial de juros, pagável mediante solicitação nas centenas de agências do Crédit Suisse em todo o mundo. Até mesmo Melvin não conseguiu encontrar nenhuma Ia lha nela e admitiu, a contragosto, que ela parecia realmente ser totalmente inexpugnável. Assim mesmo, Melvin reiterou, ele não se sentia à vontade com qualquer investimento que insinuava aquela taxa de retorno.

—Isso significa — disse Marshal — que você não iria querer uma parte deste investimento?

—Você está oferecendo uma parte? — perguntou Melvin.

—Deixe-me pensar a respeito! Eu telefono de volta. — *Nenhuma chance,* Marshal pensou, ao desligar o telefone. *Melvin terá que esperar muito para pegar uma parte disto.*

No dia seguinte, o dinheiro da venda de ações de Marshal entrou na sua conta e ele transferiu noventa mil a Peter em Zurique. Ele jogou muito bem basquete ao meio-dia e teve um rápido almoço com o Vince, um dos jogadores, um psicólogo que tinha um consultório ao lado do seu. Embora Vince e eles fossem confidentes, Marshal não falou sobre o investimento com ele. Ou com ninguém no seu campo. Só Melvin sabia. E, ainda assim, Marshal tranqüilizou a si próprio, esta transação era totalmente irrepreensível. Peter não era um paciente; era um ex-paciente e um ex-paciente de terapia rápida. Transferência não era um problema. Mesmo sabendo que não havia nenhum conflito profissional de interesses, Marshal lembrou a si mesmo de pedir ao Melvin que mantivesse isto inteiramente confidencial.

Ainda naquela mesma tarde, quando se encontrou com Adriana, a noiva de Peter, Marshal tomou cuidado para manter os limites de seu relacionamento profissional, evitando qualquer discussão sobre o seu investimento com Peter. Ele agradeceu elegantemente os cumprimentos dela por suas palestras patrocinadas, mas quando ela o informou que soubera no dia anterior pelo Peter que um projeto de lei exigindo que ciclistas adolescentes usem capacetes tinha sido apresentado na legislatura tanto da Suécia quanto da Suíça, ele apenas assentiu rapidamente com a cabeça e imediatamente voltou para os problemas dela: uma investigação do relacionamento dela com o pai, um homem basicamente benevolente que, entretanto, era tão intimidador que ninguém ousava confrontá-lo. O pai de Adriana tinha sentimentos bem positivos para com Peter — de fato, era um do grupo de investidores de Peter —, mas, ainda assim, era vigorosamente contrário a um casamento que levaria não apenas a filha, mas seus futuros netos e herdeiros para fora do país.

Os comentários de Marshal para Adriana sobre o relacionamento dela com o pai — sobre como ser bons pais consiste em preparar os filhos a tornarem-se indivíduos, a tornarem-se autônomos, a serem capazes de deixar os pais — se revelaram úteis. Pela primeira vez, Adriana começou a compreender que ela não precisaria necessariamente aceitar a culpa que 9 pai lançava sobre ela. Não era sua culpa que a mãe tivesse morrido. Nem era sua culpa que o pai estivesse envelhecendo ou que a vida dele tivesse tão poucas pessoas. A sessão com Adriana terminou com ela levantando a questão de se ele poderia continuar por mais que as cinco horas que Peter tinha solicitado.

— Poderia ser possível também, dr. Streider — Adriana perguntou ao se levantar para sair —, que o senhor nos recebesse conjuntamente, a mim e a meu pai?

Ainda não tinha nascido o paciente que conseguiria forçar Marshal Streider a estender a sessão. Mesmo em um minuto ou dois. Marshal se orgulhava disso. Mas sem conseguir resistir a uma referência ao presente de Peter, fez um gesto apontando seu pulso e disse: — Meu novo relógio, com precisão de até um milissegundo, diz 14:50h exatamente. Poderíamos começar nossa próxima sessão com as suas perguntas, srta. Roberts?

DEZESSEIS

Marshal estava animado quando se preparava para ver o Shelly. *Que grande dia!,* ele pensou. Não vai ficar melhor que isto: o dinheiro foi final mente transferido para Peter, uma sessão brilhante

com Adriana e um jogo de basquete glorioso — aquele gancho num impulso final, o corredor se abrindo como mágica, ninguém ousando ficar no seu caminho.

E ele estava ansioso para ver Shelly. Era a quarta sessão deles. Suas duas sessões naquela semana tinham sido extraordinárias. Teria sido possível que qualquer outro terapeuta trabalhasse com tanto brilhantismo? Ele tinha iniciado uma hábil e eficiente análise de setores no relacionamento de Shelly com o pai e, com a precisão de um cirurgião, tinha metodicamente substituído as interpretações corrompidas de Seth Pande pelas corretas.

Shelly entrou no consultório e, como sempre, acariciou a tigela laranja da escultura de cristal antes de tomar seu assento. Então, sem qualquer persuasão de Marshal, ele começou imediatamente.

—Você lembra do Willy, meu companheiro de pôquer e tênis? Conversei sobre ele na semana passada. Ele é um dos que valem cerca de quarenta, cinqüenta milhões. Bem, ele me convidou para uma viagem até La Costa por uma semana para ser seu parceiro no torneio anual de duplas convidadas Pancho Segura. Achei que eu não tinha nenhum problema com isso, mas... bem, tem alguma coisa nisso que não cai bem. Não sei bem o quê.

—Quais as suas idéias sobre isso?

—Gosto do Willy. Ele está tentando ser um bom camarada. Sei que os dois mil que ele estará desembolsando por mim em La Costa não é nada para ele. Ele é tão podre de rico que não conseguiria de jeito nenhum gastar até mesmo os juros sobre o seu dinheiro. Além disso, não é o caso de ele não estar recebendo alguma coisa de volta. Ele está de olho no ranking nacional de duplas sêniores e, deixe-me dizer, ele não vai encontrar um parceiro melhor do **que** eu. Mas não sei. Isto ainda não explica como eu me sinto.

—Tente uma coisa, sr. Merriman. Gostaria que o senhor fizesse algo diferente hoje. Concentre-se na sua sensação ruim e concentre-se, também, no Willy e deixe simplesmente que os pensamentos corram soltos. Diga qualquer coisa que vier à mente. Não tente prejulgar nem selecionar coisas que façam sentido. Não tente dar sentido a qualquer coisa. Simplesmente pense em voz alta.

—*Gigolô* — é a primeira palavra que me vem —, sou um gigolô cativo, um moço de recados para a diversão do Willy. Mesmo assim, gosto do Willy — se ele não fosse obscenamente rico, poderíamos ser amigos íntimos... bem, talvez não... não confio em mim mesmo. Talvez, se ele não fosse rico, eu perdesse o interesse nele.

—Vá em frente, sr. Merriman, está se saindo muito bem. Não escolha, não censure. Qualquer coisa que vier à mente, deixe-a entrar e depois fale sobre ela. Não importa em que o senhor pense ou o que veja, descreva-o para mim.

—Montanha de dinheiro... moedas, notas... o dinheiro se assoma... sempre que estou com o Willy estou fazendo planos... sempre fazendo planos... como posso usá-lo? Conseguir alguma coisa dele? Qualquer coisa... Quero alguma coisa: dinheiro, favores, almoços *gourmet,* novas raquetes de tênis, dicas de negócios. Fico impressionado com ele... seu sucesso... ser visto com ele me torna maior. Também me torna menor... Eu me vejo segurando a grande mão do meu pai...

—Fique com essa imagem do senhor e do seu pai. Concentre-se nela. Deixe alguma coisa acontecer.

—Vejo esta cena, devia ter menos de 10 anos porque é quando mudamos para o outro lado da cidade —Washington, D.C. — para viver em cima da loja do meu pai. Meu pai segurava a minha mão quando me levava ao Parque Lincoln nos domingos. Neve suja e lama nas ruas. Lembro-me da minha calça cinza de veludo cotelê roçando quando eu andava e fazendo aquele som de catraca. Eu estava com um saco de amendoins, acho, e estava alimentando os esquilos, jogando os amendoins para eles. Um deles mordeu meu dedo. Mordida forte.

—O que aconteceu depois?

—Doía muito. Mas não consigo lembrar mais nada. Nada.

—Como um deles o mordeu se o senhor estava jogando amendoins?

—Certo! Boa pergunta. Não faz sentido. Talvez estivesse com as mãos para baixo em direção do chão e ele estivesse comendo na minha mão, mas estou chutando — não lembro disso.

—Você deve ter ficado apavorado.

—Provavelmente. Não lembro.

—Ou lembra-se de receber um tratamento? As mordidas de esquilo podem ser graves — raiva.

—É verdade. Raiva em esquilos costumava ser um grande problema na Costa Leste. Mas nada me vem à mente. Pode ser que me lembre de puxar bruscamente a mão para trás. Mas estou pressionando.

—Continue descrevendo apenas o seu fluxo de consciência.

—Willy. Como ele me faz sentir menor. O sucesso dele faz meus próprios fracassos se destacarem mais. E, sabe, a verdade é que quando estou perto dele, não apenas me sinto menor, mas meu desempenho é menor... ele fala sobre o seu projeto de um condomínio imobiliário e o quanto as vendas estão lentas... Tenho algumas boas idéias sobre promoção, sou ótimo nisso, mas quanto lhe conto sobre as minhas idéias, meu coração começa a pular e esqueço metade delas... acontece até com o tênis... quando jogo como seu parceiro de duplas... Jogo no mesmo nível dele... Eu poderia me sair melhor... estou me segurando, só forçando meu segundo serviço... quando jogo com qualquer outra pessoa, acerto aquela virada no canto, de revés. Consigo acertar a linha nove entre dez vezes... não sei por que... não quero que ele se destaque... preciso mudar isso quando jogarmos no torneio de duplas. É engraçado, quero que ele tenha sucesso... mas quero que ele fracasse... na semana passada, ele me contou sobre um investimento em arbitragem que estava azedando e... droga, sabe como me senti? Feliz! Acredita nisso? Feliz. Eu me senti um sacana... que belo amigo sou eu... este cara nunca fez nada, exceto ser bom comigo...

Marshal ouviu as associações de Shelly durante a metade da sessão antes de oferecer uma interpretação.

— O que me chama a atenção, sr. Merriman, são seus sentimentos profundamente ambivalentes, com relação ao Willy e ao seu pai. Acredito que seu relacionamento com seu pai é o modelo pelo qual podemos entender seu relacionamento com o Willy.

— *Modelo?*

— O que quero dizer é que seu relacionamento com seu pai é a chave, ofundamento, para os seus relacionamentos com outros "grandes" homens ouos homens de sucesso. Durante as últimas duas sessões, o senhor me faloumuito sobre como seu pai o negligenciava ou depreciava. Hoje, pela primeiravez, o senhor me apresentou uma memória calorosa, positiva, do seu pai e,ainda assim, veja como termina o episódio; com uma terrível ferida. E veja anatureza da ferida, uma mordida no dedo!

—Não entendi o seu raciocínio.

—Parece improvável que seja uma memória verdadeira! Afinal de contas, como o senhor mesmo ressalta, como pode um esquilo morder seu dedo enquanto você está jogando os amendoins? E um pai permitiria que o filho alimentasse na mão um roedor portador de raiva? Improvável! Portanto, é possível que essa ferida em particular, ser mordido no dedo, seja um símbolo de algum outro tipo de ferida temida.

—Repita de novo. Aonde o senhor está querendo chegar, doutor?

—Lembra daquela memória antiga que o senhor descreveu na última sessão? A primeira memória que o senhor lembra de toda a sua vida? O senhor disse que estava na cama dos seus pais e que colocou o seu caminhão de chumbo de brinquedo no soquete de luz no criado-mudo e que levou um choque terrível e que metade do seu caminhão derreteu.

—Sim, é assim que me lembro. Claro como o dia.

—Então, vamos justapor estas memórias: você coloca o caminhão no soquete da mamãe e se queima. Há perigo ali. Perigo de ficar perto demais da sua mãe. Esse é o território do papai. Então, como o senhor enfrenta o perigo que vem do seu pai? Talvez o senhor tente se aproximar dele, mas seu dedo ganha uma ferida grave. E não é evidente que essas feridas, ao seu caminhão-zinho e ao seu dedo, parecem simbólicas: o que mais poderiam representar senão algum ferimento no seu pênis?

"O senhor disse que sua mãe é louca pelo senhor" continuou Marshal, notando que ele tinha toda a atenção de Shelly. "Ela era pródiga em afeto para você e, ao mesmo tempo, difamava o seu pai. Isso parece uma posição perigosa para uma criança pequena — ser colocado contra o pai. Então, o que o senhor faz? Como enfrenta? Uma maneira é se identificar com o seu pai. E foi o que o senhor fez, de todas as maneiras que descreveu: imitando o gosto dele por batatas queimadas, o jogo, a falta de cuidado com o dinheiro, a maneira como se sente sobre seu corpo ser parecido com o dele. Outra maneira é com petir com ele. E foi o que o senhor fez. Pinocle, boxe, tênis; na verdade, foi fácil derrotá-lo, ser melhor que ele, porque ele era muito malsucedido. E, ainda as sim, o senhor se sente bem pouco à vontade de superá-lo, como se existisse algum perigo nisto, algum perigo em ter sucesso."

—Qual é exatamente o perigo? Honestamente, acho que o velho queria que eu tivesse sucesso.

—O perigo não está no sucesso em si, mas em ter um sucesso *maior* que o dele, de ser melhor que ele, de substituí-lo. Talvez, na sua mente de menininho, o senhor quisesse que ele fosse embora — seria bem natural —, quisesse que ele desaparecesse para que o senhor pudesse ser o único proprietário da mamãe. Mas, para a criança, "desaparecer" é equivalente à morte. *Portanto, o senhor teve desejos ruins de morte por ele.* E esta não é uma acusação contra o senhor. É o que acontece em todas as famílias, é simplesmente o modo como somos construídos. O filho se ressente da obstrução do pai. E o pai se ressentido filho por tentar substituí-lo, na família, na vida.

"Pense nisso — é incômodo ter desejos de morte. Dá a sensação de perigo so. Qual é o perigo? Olhe o seu caminhão! Olhe o seu dedo! *O perigo está na retaliação do seu pai.* Pois bem, são velhos eventos, velhos sentimentos, aconteceram há décadas. E, ainda assim, esses sentimentos não se dissolveram. Estão enterrados dentro do senhor, ainda dão a sensação de serem recentes, ainda influenciam a maneira como o senhor vive. A sensação de perigo daquela criança ainda está dentro do senhor. Já faz muito tempo que o senhor esqueceu o motivo, mas pense naquilo que o senhor me contou hoje: *o senhor age como se o sucesso fosse muito perigoso.* Portanto, não se permite ter sucesso, ou ser engenhoso, perto de Willy. Nem sequer se permite jogar um bom tênis. Portanto, todas as suas aptidões, seus talentos, permanecem trancados, não utilizados, dentro do senhor."

Shelly não respondeu. Quase nada disto tudo fazia sentido para ele. Ele fechou os olhos e esquadrinhou as palavras de Marshal, procurando freneticamente por qualquer porcaria que pudesse ser útil.

—Um pouco mais alto — disse Marshal, sorrindo. — Mal consigo ouvi-lo.

—Não sei em que pensar. O senhor disse muito. Imagino que eu esteja me perguntando por que o dr. Pande não chamou a minha atenção para tudo isto.

As suas explicações parecem tão certas, muito mais no alvo que aquele lixo homossexual com o meu pai. Em quatro sessões, o senhor fez mais que o dr. Pande fez em quarenta.

Marshal estava subindo ao céu. Sentia-se um garanhão interpretativo. Uma vez a cada ano ou a cada dois anos, ele entrava numa "zona" no basquete: a cesta parecia um enorme barril lá em cima. Cesta de três pontos, ganchos em giro, arremessos com salto com qualquer uma das mãos. Ele simplesmente não erraria. Agora, ele estava numa zona no seu consultório, com Peter, Adriana, Shelly. Simplesmente não erraria. Cada interpretação ira zu-nindo — zzzuuuuuum — direto no coração.

Deus, ele queria que Ernest Lash pudesse ter visto e ouvido esta sessão. Ele tinha tido outra confrontação com Ernest durante sua supervisão ontem. Elas estavam chegando com maior freqüência agora. Quase todas as vezes. Cristo, o que ele tinha que tolerar. Todos esses terapeutas como Ernest, esses amadores, simplesmente não entendem, simplesmente não captam, não compreendem que a tarefa do terapeuta é interpretar, somente interpretar. Ernest não consegue compreender que a interpretação não é uma das muitas opções, não é somente uma das coisas que o terapeuta pode fazer. É *tudo* o que o terapeuta deve fazer. É um insulto à sabedoria e à ordem natural que alguém de seu nível de desenvolvimento deva ter que tolerar a contestação juvenil de Ernest contra a eficácia da interpretação, os disparates verborreicos de Ernest sobre a autenticidade e franqueza e toda aquela porcaria transpessoal sobre os encontros entre almas.

De repente, as nuvens se separaram e Marshal viu tudo e entendeu tudo. Ernest, e todos os críticos da análise, estavam certos, tudo bem, sobre a ineficácia das interpretações; *interpretações* deles! A interpretação, nas mãos deles, era ineficaz porque o conteúdo estava errado. E sem dúvida alguma, Marshal pensou, *não é apenas o conteúdo que o tornava excepcional, mas sua maneira de oferecer, sua capacidade de emoldurar a interpretação precisamente na linguagem certa e na metáfora perfeita para cada paciente e sua genialidade em ser capaz de alcançar cada paciente em qualquer caminhada da vida: o acadêmico mais sofisticado, o ganhador do Nobel em física, até as vidas inferiores — os jogadores e tenistas desocupados —, até o sr. Merriman, que estava comendo na sua mão.* Mais do que nunca, ele viu que instrumento soberbamente afiado de interpretação ele era.

Marshal pensou **sobre seus** honorários. Certamente, não era natural **que** ele cobrasse o mesmo que os outros terapeutas quando estava obviamente no topo da linha. Na verdade, Marshal pensou, *quem* seria seu igual? Com certeza, se esta sessão tivesse sido testemunhada por algum tribunal celeste de imortais analíticos — Freud, Ferenczi, Fenichel, Fairbairn, Sullivan, Winnicott —, eles diriam, maravilhados: "Wunderbar, impressionante, extraordinário. Aquele garoto Streider tem um quê a mais. Passe a bola para ele e saia do seu caminho. Sem dúvida, ele é o maior terapeuta vivo do mundo!".

Já fazia muito tempo desde a última vez que tinha se sentido tão bem assim — talvez desde seus gloriosos anos de *linebacker* na faculdade. *Talvez, pensou Marshal, ele tenha estado subclinicamente deprimido todos estes anos. Talvez Seth Pande não tivesse realmente analisado em profundidade a sua depressão e as sutilezas de suas fantasias de grandeza. Deus sabe que Seth tinha pontos cegos em relação à grandiosidade.* Mas agora, hoje, Marshal entendeu com maior clareza do que nunca que a *grandiosidade não precisava ser abandonada,* que é o jeito natural do ego de romper as limitações, a monotonia e o desespero da vida cotidiana. O que é necessário é descobrir uma maneira de canalizar a grandiosidade numa forma adulta, adaptativa, realizável. Como descontar um cheque de capacetes de ciclistas de seiscentos mil dólares em dinheiro ou fazer o juramento de presidente da Associação Psicanalítica Internacional. E tudo isso estava chegando. Em breve!

Palavras ásperas indesejáveis arrancaram Marshal de seu devaneio.

— Sabe, doutor — disse Shelly —, o modo como o senhor foi direto à base das coisas, o modo como me ajudou tão rapidamente, me faz ficar ainda mais fulo com o modo como esse estúpido do Seth Pande me despedaçou! Na noite passada, eu estava fazendo uma lista, somando o quanto o tratamento dele, como o senhor o chamou... os "métodos errantes"?, me custaram. Bom, isto é entre mim e o senhor, não quero que isto vá a público, mas calculo perdas de quarenta mil dólares no pôquer. Explique como minha tensão perto dos homens, tensão que Pande causou com suas explicações malucas, ferrou com o meu pôquer. Aliás, o senhor não precisa aceitar minha palavra sobre os quarenta mil — posso facilmente provar essa quantia, a qualquer investigador, em qualquer tribunal, com os registros bancários e cheques cancelados da minha conta de pôquer. E depois

tem o emprego e minha incapacidade de fazer uma boa entrevista devido aos efeitos do mau tratamento psiquiátrico. São pelo menos seis meses sem salários e benefícios, outros quarenta mil. Então, de quanto estamos falando? Estamos falando de, aproximadamente, oitenta mil.

—Sim, entendo seus sentimentos de amargura em relação ao dr. Pande.

—Bem, vai além dos sentimentos, doutor. E vai além da amargura. Para colocar em termos legais, é mais uma exigência de indenização. Acho, e minha esposa e seus colegas advogados concordam, que tenho um bom caso para uma ação judicial. Não sei quem deverá ser processado — dr- Pande, é claro, mas, nos dias de hoje, os advogados vão atrás dos "bolsos mais recheados". Poderia ser o Instituto Psicanalítico.

Quando tinha a mão certa, Shelly era um bom blefador. E ele estava com cartas muito boas nas mãos.

Todo o plano do *recall* tinha sido uma idéia nascida da cabeça de Marshal. Ele tinha montado na idéia e esperava cavalgar direto até a presidência do instituto. E, aqui, o primeiro paciente de terapia de *recall* estava ameaçando processar judicialmente o instituto naquele que indubitavelmente seria um julgamento altamente embaraçoso e de grande visibilidade. Marshal tentou manter sua calma.

—Sim, sr. Merriman, entendo sua aflição. Mas será que um juiz ou um júri a entenderá?

—Parece-me que este é um caso claríssimo. Nunca chegará a um julgamento. Eu estaria bem disposto a estudar a possibilidade, estudar seriamente a possibilidade de uma oferta de acordo. Talvez o dr. Pande e o instituto possam dividir os custos.

—Só posso agir como seu terapeuta e não tenho nenhuma autoridade para falar pelo instituto ou qualquer outra pessoa, mas parece-me que *teria* de chegar a um julgamento. Em primeiro lugar, conheço o dr. Pande — ele é duro. E teimoso. Um verdadeiro lutador. Acredite em mim, não existe nenhuma maneira no mundo de que ele algum dia admita conduta ilegal. Ele lutaria sem trégua até o fim, contrataria os melhores advogados de defesa do país, gastaria nessa luta até o último centavo que possui. E o instituto, também. Eles lutariam. Nunca fariam um acordo voluntariamente porque isso abriria o caminho para processos judiciais intermináveis. Seria sua sentença de morte.

Shelly pagou a aposta de Marshal e a aumentou descuidadamente. — O julgamento está bem para mim. É barato, também. Tudo na família. Minha mulher é uma advogada incrível especializada em processos litigiosos.

Marshal voltou a aumentar a aposta sem sequer piscar. — Passei por julgamentos envolvendo má conduta em terapia. Deixe-me dizer, o paciente paga um alto preço emocional. Toda aquela exposição pessoal; não apenas o senhor, mas os outros. Inclusive sua esposa, que talvez não possa ser sua advogada, já que teria de testemunhar sobre o grau da sua dor emocional. E, depois, e quanto à quantia das suas perdas no jogo? Se se tornasse público, não seria muito bom em termos de relações públicas para o exercício profissional dela. E, é claro, todos os seus amigos que jogam pôquer seriam chamados para testemunhar.

Shelly respondeu com confiança: — Eles não são apenas jogadores de pôquer, mas amigos íntimos. Ninguém, nenhum deles, se recusaria a testemunhar.

—Mas o senhor, se eles são amigos, lhes pediria para testemunhar — ir a público com informações de que estão envolvidos em jogos desta magnitude? Pode não ser bom para a própria vida pessoal ou profissional deles. Além disso, jogo privado é ilegal na Califórnia, não é? O senhor estaria pedindo a cada um deles que colocasse a cabeça no laço. O senhor não disse que alguns são advogados?

—Amigos fazem coisas assim uns pelos outros.

—Quando fazem, não continuam amigos.

Shelly deu mais uma olhada em Marshal. *Este cara tem a constituição de uma droga de casa de alvenaria,* ele pensou, *nem um único pingo de gordura — ele seria capaz de parar um tanque.* Ele parou para dar uma outra olhada nas cartas. *Droga,* ele pensou, *este cara é um jogador. Está jogando como se tivesse um* full hand *com trinca de ás contra o meu* flush. *Melhor economizar um pouco para a próxima mão.* Shelly desistiu das suas cartas. — Bem, vou pensar nisso, doutor. Conversar longamente com os meus advogados.

Shelly caiu em silêncio. Marshal, é claro, esperou ele sair do silêncio.

—Doutor, posso lhe perguntar uma coisa?

—Você pode perguntar qualquer coisa. Sem promessas sobre responder.

—Volte cinco minutos... nossa conversa sobre o processo judicial... o senhor se agarrou a isso com dureza. O que foi isso? O que aconteceu aí?

—Sr. Merriman, acredito que é mais importante explorar a motivação por trás da sua pergunta. O que o senhor está realmente perguntando? E como isto pode articular com a minha interpretação anterior sobre o senhor e o seu pai?

—Não, doutor, não é daí que vem a coisa. Terminamos isso. Entendi. Falo sério. Sinto-me inteiramente esclarecido sobre o soquete da minha mãe, sobre o meu pai e a competição e os desejos de morte. Eu quero conversar agora é sobre esta mão que acabamos de jogar. Vamos voltar e jogar com as cartas abertas na mesa. É assim que o senhor pode realmente ajudar.

—O senhor ainda não me contou *o porquê.*

—Certo. *O porquê* é fácil. Estamos trabalhando na causadas minhas ações — como o senhor a chamou? A *chave molde?*

—*Modelo.*

— Certo. E parece que jogamos sem comprar cartas. Mas ainda continuocom os padrões danificados, maus hábitos de demonstrar minha tensão. Nãoestou aqui apenas para entender; preciso de ajuda para mudar meus maus padrões. O senhor sabe que sofri danos, do contrário, não estaria sentado aquime dando de graça sessões de 175 dólares. Certo?

— Certo, estou começando a entender sua intenção. Bem, diga-me de novoo que o senhor está me perguntando.

— Voltando então. Cinco ou dez minutos atrás quando estávamos conversando sobre julgamento, júri e perdas no pôquer, o senhor poderia ter desistido da sua mão. Mas calmamente pagou minha aposta. Quero saber como revelei minhas cartas!

—Não tenho certeza. Mas acho que foi o seu pé.

—Meu pé?

—É, ao tentar ser mais convincente, o senhor dobrou muito o seu pé, sr. Merriman. Um dos sinais mais garantidos de ansiedade. Ah, e sua voz — um pouco mais alta, meia oitava acima.

—Não brinca! Ei, isso é ótimo. Sabe, isso é útil. É *isso* o que eu *realmente* chamo de ajuda. Estou tendo uma idéia — uma inspiração sobre como o senhor pode realmente consertar o dano.

—Temo, sr. Merriman, que o senhor já viu o que posso fazer. Já exauri meu estoque de observações. Estou convencido de que posso ser mais útil fazendo exatamente o que estivemos fazendo nestas últimas quatro sessões.

—Doutor, o senhor me ajudou por toda aquela coisa do pai na infância. Tive uma nova concepção. Boa concepção! Mas estou ferido: não posso me reunir com os meus amigos para um

jogo amigável de pôquer. Uma terapia verdadeiramente eficaz deve conseguir consertar isso. Certo? Uma nova terapia deve me libertar o bastante para que eu possa escolher como gastar meu tempo livre.

—Não estou entendendo. Sou um terapeuta, não posso ajudá-lo a jogar pôquer.

—Doutor, o senhor sabe o que é um "gesto denunciador"?

—Um gesto denunciador?

—Deixe-me mostrar. — Shelly pegou sua carteira e tirou um maço de notas. — Vou pegar esta nota de dez dólares, dobrá-la, colocar minhas mãos atrás de mim e colocá-la em uma das minhas mãos. — Shelly fez como descreveu e, então, estendeu as mãos, os punhos cerrados em frente dele. — Agora, a sua tarefa é adivinhar em que mão. Adivinhe certo e você fica com os dez dólares; adivinhe errado e você me dá dez dólares. Vou repetir isto seis vezes.

—Vou cooperar com isto, sr. Merriman, mas sem jogar nisto.

—Não! Acredite em mim, não funcionará sem risco. Tem que haver alguma coisa valendo nisso ou não funcionará. Quer me ajudar ou não?

Marshal aquiesceu. Estava tão grato por Shelly parecer ter desistido da idéia de um processo judicial que teria concordado em jogar três-marias no chão se fosse isso o que Shelly desejasse.

Seis vezes Shelly esticou as mãos e seis vezes Marshal adivinhou. Três vezes ele adivinhou certo e três vezes errado.

— Certo, doutor, o senhor ganhou trinta pratas e perdeu trinta pratas.Estamos quites. É a ordem natural. Do jeito que deveria ser. Aqui, pegue o dez.Coloque-o na sua mão. Agora, é a minha vez de adivinhar.

Seis vezes, Marshal escondeu o dez em uma ou outra mão. Shelly errou a primeira vez e depois adivinhou corretamente as cinco seguintes.

— O senhor ganhou dez mangos, doutor, e eu ganhei cinqüenta. O senhorme deve quarenta. Precisa de troco?

Marshal colocou a mão no bolso, pegou um maço de notas presas por um forte clipe prateado. O clipe do pai. Vinte anos atrás, seu pai tinha sucumbido a um derrame fulminante. Enquanto esperava que o esquadrão de resgate respondesse à chamada do 911, a mãe tinha tirado o dinheiro do pai do bolso dele, colocado as notas na bolsa dela e dado o clipe para o filho. — Olha aqui, Marshal, isto é para você — ela tinha dito. — Você o usa e pensa no seu pai quando o fizer. — Marshal respirou profunda e silenciosamente, tirou duas notas de vinte — o máximo que já tinha perdido numa aposta em sua vida — e as entregou a Shelly.

—Como o senhor faz isto, sr. Merriman?

—Os nós dos seus dedos estavam um pouco brancos na mão vazia — o senhor apertou muito forte. E seu nariz virava, muito ligeiramente, para a mão dos dez dólares. *Isso* é um gesto denunciador, doutor. Quer uma revanche?

—Uma boa demonstração, sr. Merriman. Sem necessidade de revanche: entendi o argumento. Ainda não tenho certeza de para onde isto está levando; entretanto, temo que nosso tempo tenha terminado. Vejo-o na quarta-feira. — Marshal se levantou.

—Tive uma idéia, uma idéia fantástica, sobre para onde está levando. Quer ouvir?

—De fato, eu quero, sr. Merriman. — Marshal voltou a olhar o relógio e se levantou. — Na quarta-feira, às 16:00h em ponto.

DEZESSETE

Dez minutos antes de sua sessão, Carol tentou se preparar mentalmente. Hoje, sem gravador. O gravador, escondido na sua bolsa na última sessão, não tinha captado nada de inteligível. Para conseguir uma gravação decente, ela percebeu, teria de investir num aparelho de escuta de nível profissional — talvez algo que ela pudesse comprar na loja de espionagem que tinha aberto recentemente perto da Union Square.

Não que houvesse alguma coisa que valesse a pena gravar. Ernest estava sendo mais astuto do que ela tinha esperado. E mais dissimulado. E mais paciente. Ele estava dedicando um tempo surpreendentemente grande para ganhar a confiança dela e torná-la dependente dele. Ele não parecia ter nenhuma pressa — provavelmente transando satisfatoriamente com outra de suas pacientes. Ela, também, tinha que ser paciente: mais cedo ou mais tarde, ela sabia que o verdadeiro Ernest emergiria, o Ernest malicioso, lascivo e predador que ela tinha visto na livraria.

Carol resolveu ser mais forte. Ela não podia continuar desmoronando como fez na semana passada quando Ernest fez o comentário sobre passar a raiva da sua mãe para a sua filha. Aquela observação ficou soando nos seus ouvidos nos últimos dias e, de uma maneira inesperada, tinha afetado abruptamente o seu relacionamento com os filhos. Seu filho tinha até comentado que estava feliz porque ela não ia mais ficar triste, e a filha tinha deixado um desenho de um grande rosto sorridente no seu travesseiro.

E, então, na noite passada, aconteceu uma coisa extraordinária. Pela primeira vez em semanas, Carol sentiu uma onda de bem-estar. Tinha acontecido enquanto abraçava os filhos e lia seu capítulo noturno das *Aventuras Maravilhosas de Nils* — o mesmo livro marcado com uma dobra no canto que, décadas atrás, a mãe dela tinha lido para ela todas as noites. Voltaram as memórias dela e de Jeb se apegando à mãe e juntando suas cabecinhas para ver as imagens. Estranho que, vez ou outra na semana passada, ela tivesse pensado sobre o imperdoável e banido Jeb. Não querendo vê-lo, é claro — ela falou sério quando disse sobre prisão perpétua —, mas apenas se perguntando sobre ele: onde estaria, o que estaria fazendo.

Mas então, Carol se perguntou, *é realmente necessário usar de evasivas para esconder de Ernest os meus sentimentos? Talvez minhas lágrimas não sejam algo tão ruim — servem a um propósito: aumentam a aparência de autenticidade aqui. Embora dificilmente seja necessário — Ernest, pobre coitado, não tem a menor idéia. Contudo, mesmo assim, este é um jogo arriscado; por que dar a ele qualquer influência sobre mim? Por outro lado, por que eu não deveria obter alguma coisa positiva dele? Estou pagando bem. Mesmo ele precisa dizer algo de útil, às vezes. Mesmo um porco cego encontra uma bolota de vez em quando!*

Carol esfregou as pernas. Mesmo que Jess, fiel à sua palavra, tenha sido um orientador de *jogging* paciente e gentil, as barrigas da perna e as coxas estavam doendo. Jess tinha telefonado na noite anterior e eles tinham se encontrado de manhã cedo em frente ao Museu De Young para correr no meio da névoa que se erguia em volta do lago e nos campos de corrida do Parque Golden Gate. Ela tinha seguido seu conselho e não tinha ido a uma velocidade maior que uma caminhada rápida, deslizando, arrastando os pés, mais que correndo, mal erguendo os sapatos da grama orvalhada. Depois de quinze minutos, ela estava sem fôlego e lançou um olhar de súplica a Jess, que deslizava graciosamente ao lado dela.

— Apenas mais alguns minutos — ele prometeu. — Mantenha um ritmo de uma caminhada rápida; encontre o ritmo em que você consiga respirar facilmente. Vamos parar na Casa de Chá Japonês.

E, então, depois de minutos *de jogging,* algo maravilhoso tinha acontecido. A fadiga desapareceu e Carol foi tomada de uma sensação de energia ilimitada. Ela lançou um olhar intenso a Jéss, que assentiu com a cabeça e sorriu em êxtase como se estivesse esperando sua segunda onda de iluminação. Carol deslizou mais rápido. Ela voou, sem peso, sobre a grama. Ergueu os pés a uma altura maior, depois mais alto ainda. Conseguiria continuar para sempre. E, então, quando eles

reduziram a velocidade e pararam na frente da casa de chá, Carol desmoronou prostrada e ficou grata pelo apoio do poderoso braço de Jess.

Enquanto isso, Ernest, do outro lado da parede, estava colocando no seu computador um incidente de uma reunião do grupo de terapia que ele tinha acabado de dirigir — uma adição valiosa ao seu artigo sobre a intermedialidade terapeuta-paciente. Um dos membros do seu grupo linha trazido um sonho cativante:

Todos nós, membros do grupo, estávamos sentados ao redor de uma mesa longa com o terapeuta numa das pontas segurando um pedaço de papel. Todos nós estávamos nos alongando, esticando os pescoços, debruçando, tentando ver a anotação, mas ele a manteve escondida. De alguma forma, todos sabíamos que, naquele pedaço de papel, estava escrita a resposta à pergunta: qual de nós você mais ama?

Esta pergunta — Qual de nós você mais ama? — Ernest escreveu, *é de falo o pesadelo do terapeuta de grupo. Todo terapeuta tem medo que, algum dia, o grupo exigirá saber com qual de seus membros ele ou ela mais se imporia. E é precisamente por esta razão que muitos terapeutas de grupo (e terapeutas individuais, também) são avessos a expressar seus sentimentos aos pacientes.*

O que houve de especial nesta sessão foi que Ernest tinha sido fiel à sua resolução de ser transparente e, em fazendo, sentiu que tinha enfrentado a situação brilhantemente. Primeiro, ele tinha conduzido o grupo para uma discussão produtiva da fantasia de cada membro sobre quem era a criança favorita do terapeuta. Isso, naturalmente, era o estratagema convencional — muitos terapeutas o fariam. Mas, então, ele fez algo que poucos terapeutas fariam: discutiu abertamente seus sentimentos para com cada pessoa do grupo. Não se ele gostava ou amava cada pessoa, é lógico — respostas tão globais nunca eram úteis —, mas quais características de cada um o atraíam mais e quais o repeliam. E a tática tinha surtido efeito maravilhosamente: cada pessoa no grupo decidiu fazer o mesmo com os outros e todos tinham recebido um retorno valioso. Que prazer, Ernest refletiu, liderar seus soldados diretamente no *front,* e não na retaguarda.

Ele desligou o computador e folheou rapidamente suas anotações sobre a sessão anterior de Carolyn. Antes de se levantar para ir buscá-la, também revisou os princípios da auto-revelação do terapeuta que ele tinha formulado até então.

1. Revele-se somente até o ponto em que será útil ao paciente.

2. Revele-se judiciosamente. Lembre-se de que você está se revelando ao paciente, não para você mesmo.

3. Tenha cuidado, se quiser continuar a clinicar, sobre como sua auto-revelação soará a outros terapeutas.

4. A auto-revelação do terapeuta deve ser dependente do estágio. Considere se o momento é oportuno: algumas revelações úteis mais tardias na terapia podem, num estágio inicial, ser contraproducentes.

5. Os terapeutas não devem compartilhar coisas sobre as quais sintam um grande conflito; devem resolvê-las antes na supervisão ou na terapia pessoal.

Carol entrou no consultório de Ernest determinada a conseguir resultados naquele dia. Deu alguns passos além da porta, mas não tomou seu assento. Em vez disso, simplesmente permaneceu de pé ao lado da cadeira. Ernest começou a descer para a sua cadeira, olhou de relance para Carolyn se assomando sobre ele, parou no meio do ar, levantou-se novamente e olhou para ela debochadamente.

— Ernest, na quarta-feira, saí correndo daqui tão comovida por aquilo quevocê disse que esqueci uma coisa: meu abraço. E nem sei explicar quanta diferença isso fez. O quanto senti falta dele nos últimos dois dias. É como eu tivesse perdido você, como se você não mais existisse. Pensei em lhe

telefonar, massua voz incorpórea não serve para mim. Preciso do contato físico. Pode serindulgente comigo e me dar esta satisfação?

Ernest, não querendo demonstrar seu prazer em receber um abraço de compensação, hesitou por um momento e disse: "Contanto que concordemos em conversar sobre isso", e lhe deu um breve abraço de tronco.

Ernest sentou-se, o pulso palpitando. Gostava de Carolyn e adorava seu toque: a sensação felpuda do suéter de *cashmere,* o ombro quente, a delgada e recatada tira de seu sutiã nas costas, a sensação dos seios firmes contra o peito dele. Mesmo sendo um inocente abraço, Ernest voltou à sua cadeira sentindo-se maculado.

—Você percebeu que saí sem um abraço? — perguntou Carol.

—Sim, percebi.

—Sentiu falta?

—Bem, estava ciente de que meu comentário a você sobre sua filha tocou em algumas coisas sensíveis e profundas em você.

—Você prometeu que seria franco comigo, Ernest. Por favor, sem táticas evasivas de psiquiatra. Não vai me dizer se você sentiu falta do abraço? Um abraço meu é desagradável para você? Ou agradável?

Ernest estava ciente da urgência na voz de Carolyn. Obviamente o abraço linha um significado tremendo para ela — como uma afirmação tanto de sua atratividade quanto do compromisso dele de ser íntimo dela. Ele se sentiu encurralado, procurou pela resposta certa e, então, tentando um sorriso encantador, respondeu: — Quando chegar o dia em que eu achar que um abraço cie uma mulher atraente como você — atraente em todos os sentidos da palavra — é desagradável, então esse será o dia de chamar pelo agente funerário.

Carol ficou extremamente estimulada. *"Uma mulher muito atraente — atraente em todos os sentidos da palavra!" Sombras do dr. Cooke e do dr. Zweizung. Agora o caçador está começando a fazer sua jogada. É tempo de a presa acossar a armadilha.*

Ernest continuou: — Fale-me mais sobre o toque e sua importância para você.

— Não tenho certeza de o que mais posso dizer — ela disse. — Sei quepenso em tocar você por horas sem-fim. Às vezes é bem sexual, às vezes estoumorrendo de vontade de tê-lo dentro de mim, explodir como um gêiser e meencher com o seu calor e umidade. E existem outras vezes quando não é sexual,apenas quente, amoroso,protetor. A maioria das noites desta semana fui paraa cama cedo só para imaginar estar com você.

Não, isto não basta, pensou Carol. *Preciso ser explícita, preciso subir mais um degrau. Mas é realmente difícil imaginar ser sexual com este nojento. Gordo e sebento — a mesma gravata manchada dia após dia, aqueles sapatos surrados que imitam os sapatos sociais da Rockport.*

Ela continuou: — Minha cena favorita é imaginar nós dois nestas cadeiras e, depois, vou para cima de você, sento-me no chão ao seu lado e você começa a acariciar meus cabelos e depois escorrega para baixo para ficar comigo e me acaricia inteira.

Ernest tinha encontrado outras pacientes com uma transferência erótica, mas nenhuma que a expressasse tão explicitamente e nenhuma que o tivesse abalado tanto assim. Ficou sentado silenciosamente, transpirando, ponderando as opções e concentrando vigorosamente a sua vontade em não ter uma ereção.

—Você me pediu para falar honestamente — continuou Carol —, para dizer aquilo em que eu estivesse pensando.

— Foi isso mesmo que fiz, Carolyn. E você está fazendo exatamente o que deveria estar fazendo. A honestidade é a principal virtude no reino da terapia.

Podemos, devemos, falar sobre *tudo,* expressar *tudo...* contanto que cada um de nós permaneça em seu próprio espaço físico.

— Ernest, isso não funciona para mim. Conversas e palavras não bastam.Você conhece minha história com os homens. A desconfiança corre muitofundo. Não consigo acreditar em palavras. Antes do Ralph, consultei váriosterapeutas, cada um por uma ou duas sessões. Eles seguiram o procedimento,seguiram a fórmula até a última letra, foram fiéis ao seu código profissional,permaneceram corretamente remotos. E cada um deles fracassou comigo. Atéo Ralph. Até que conheci um verdadeiro terapeuta — alguém disposto a serflexível, a trabalhar com o lugar onde eu estava, aquilo de que eu precisava. Elesalvou a minha vida.

— Além do Ralph, ninguém lhe ofereceu nada de útil?

— Só palavras. Quando saía do consultório deles, não levava nada comigo. É o mesmo agora. Quando saio sem tocá-lo, as palavras simplesmente desaparecem, você desaparece, a menos que eu tenha alguma impressão sua na minha pele.

Preciso fazer alguma coisa acontecer hoje, pensou Carol. *Preciso colocar este* show *na estrada. E acabar com isto.*

— Na verdade, Ernest — continuou ela —, o que eu realmente quero hoje não é conversar, mas sentar-me ao seu lado no divã e apenas sentir sua presença perto de mim.

— Eu não me sentiria à vontade fazendo isso — não é dessa maneira que poderei melhor ajudá-la. Temos muito trabalho a fazer, muitas coisas sobre as quais conversar.

Ernest estava ficando mais impressionado com a profundidade e o poder da necessidade de contato físico que Carolyn sentia. Não era, ele disse a si mesmo, uma necessidade da qual ele teria que bater em retirada aterrorizado. Era uma parte da paciente que tinha de ser levada a sério; era uma necessidade que tinha de ser compreendida e tratada como qualquer outra necessidade.

Durante a semana anterior, Ernest tinha gastado tempo na biblioteca revisando a literatura sobre transferência erotizada. Tinha ficado impressionado com algumas das advertências de Freud no tocante ao tratamento de "mulheres de uma passionalidade elementar". Freud se referia a essas pacientes como "filhas da natureza" que se recusavam a aceitar o espiritual no lugar do físico e que só respondiam "à lógica do mingau e ao argumento dos bolinhos".

Pessimista sobre o tratamento de tais pacientes, Freud defendia que o terapeuta tinha apenas duas alternativas inaceitáveis: corresponder ao amor do paciente ou ser o alvo da fúria de uma mulher mortificada. *Em um ou outro caso,* disse Freud, *é necessário reconhecer o fracasso e retirar-se do caso.*

Carol era uma dessas "filhas da natureza", tudo bem. Nenhuma dúvida sobre isto. Mas Freud estava certo? Havia apenas duas alternativas possíveis igualmente inaceitáveis para o terapeuta? Freud tinha chegado a essas conclusões quase cem anos atrás enquanto estava imerso no *zeitgeist* do autoritarismo vienense. Talvez as coisas pudessem ser diferentes agora. Freud não poderia ter sido capaz de imaginar o fim do século XX — tempos de maior transparência do terapeuta, tempos em que paciente e terapeuta poderiam ser reciprocamente *francos.*

As palavras seguintes de Carol tiraram Ernest de seu devaneio. — Poderíamos simplesmente ir até o divã e conversar lá? É frio demais, opressivo demais, conversar com você desta distância. Experimente por alguns minutos. Só fique sentado ao meu lado. Prometo não exigir mais de você. E garanto que me ajudará a falar e entrar em contato com correntes mais profundas. Ah, não balance a cabeça; sei tudo sobre os códigos de comportamento da APA e a padronização das táticas e conduta. Mas, Ernest, não existe lugar para a criatividade? O verdadeiro terapeuta não precisa

encontrar uma maneira de ajudar todo paciente?

Carol tocava Ernest como a um violino: escolheu todas as palavras perfeitas: "Associação Americana de Psiquiatria", "padronizado", "manuais de tratamento", "códigos de conduta profissional", "regras", "criatividade", "flexibilidade". Como agitar palavras vermelhas diante de um touro iconoclasta.

Enquanto Ernest ouvia, algumas das palavras de Seymour Trotter vieram à sua mente: *Técnica formal aprovada? Abandone toda a técnica. Quando você crescer como terapeuta, estará disposto a dar o salto de autenticidade e fazer das necessidades do paciente — não os padrões profissionais da APA — o seu manual de terapia.* Estranho o quanto ele vinha ultimamente pensando em Seymour. Talvez fosse simplesmente reconfortante conhecer um terapeuta que já tinha andado por este mesmo caminho. No tocante ao momento de agora, contudo, Ernest tinha esquecido, aquele Seymour nunca encontrara seu caminho de volta.

Estaria a transferência de Carolyn saindo de controle? Seymour tinha dito que não poderia ser poderosa demais. *Quanto mais forte a transferência,* ele dissera, *mais eficiente uma arma para combater a autodestrutividade do paciente.* E Deus sabe que Carolyn era autodestrutiva! Por que mais ela permaneceria num casamento como aquele?

— Ernest — Carol repetiu —, sente-se ao meu lado no divã. Preciso disso.

Ernest pensou no conselho de Jung de tratar cada paciente mais individualmente possível, de *criar uma nova linguagem de terapia para cada paciente.* Pensou em como Seymour tinha levado isso mais adiante e defendido que o terapeuta precisa inventar uma nova terapia para cada paciente. Essas palavras lhe deram força. E resolução. Ele se levantou, caminhou até o divã, acomodou-se no canto e disse: — Vamos experimentar.

Carol levantou-se e sentou-se ao seu lado, o mais perto possível sem tocá-lo, e imediatamente começou: — Hoje é meu aniversário. Trinta e seis. Contei que meu aniversário é no mesmo dia do da minha mãe?

—Feliz aniversário, Carolyn. Espero que os próximos 36 aniversários sejam cada vez melhores para você.

—Obrigada, Ernest. Você é realmente amável. — E, com isso, ela se debruçou e deu a Ernest um beijinho na bochecha. *Ugh,* ela pensou, *pós-barba de soda limonada. Nojento.*

A necessidade de estar fisicamente próxima, o sentar no sofá e, agora, o beijo na bochecha — tudo fazia Ernest sinistramente se lembrar da paciente de Seymour Trotter. Mas, obviamente, Carolyn era muito melhor em articular tudo do que a impulsiva Belle. Ernest estava ciente da comichão quente dentro. Simplesmente deixou correr, aproveitou por um minuto e então conduziu sua crescente excitação a um canto remoto da sua mente, voltando ao trabalho e assumindo sua voz profissional: — Fale-me de novo das datas da sua mãe, Carolyn.

—Ela nasceu em 1937 e morreu dez anos atrás aos 48 anos. Fiquei pensando esta semana que tenho três quartos da idade com que ela morreu.

—Que sentimentos isso provoca?

—Tristeza por ela. Que vida sem realização ela teve. Abandonada por um marido aos 30 anos. Gastou a vida inteira criando os dois filhos. Não teve nada — bem pouco prazer. Fico contente que ela tenha vivido até eu ter me formado em direito. E contente, também, que ela tenha morrido antes da condenação de Jeb e de sua ida para a prisão. E antes que minha vida desmoronasse.

— Foi aqui que ficamos na última sessão, Carolyn. Estou chocado, de novo,por sua convicção de que a sua mãe estava condenada aos 30 anos, que ela nãoteve nenhuma outra escolha exceto ser infeliz e morrer sobrecarregada delamentações. Como se todas as mulheres que perderam os maridos estejamfadadas ao mesmo destino. Isso é verdadeiro? Não havia nenhum outro caminho

possível para ela? Um caminho mais afirmativo para a vida?

Despautério tipicamente masculino, pensou Carol. *Gostaria de vê-lo criando uma vida de auto-afirmação enquanto estivesse preso a dois filhos, sem instrução porque colocou e sustentou o cônjuge na escola, e depois não recebeu nenhuma ajuda do cônjuge ocioso e com placas de Proibido impedindo todos os empregos decentes no país.*

—Não sei, Ernest. Talvez você tenha razão. São pensamentos novos para mim. — Mas, então, ela não conseguiu deixar de acrescentar: — No entanto, fico importunada com os homens trivializando a armadilha em que a maioria das mulheres está.

—Você quer dizer *este* homem? Aqui? Agora?

—Não, não quis dizer isso — feminismo reflexo. Sei que você está do meu lado, Ernest.

—Tenho meus pontos cegos, Carolyn, e estou aberto a você apontá-los — mais que isto, estou d*esejoso* disso. Mas não acredito que este seja um deles. Parece-me que você não está considerando qualquer responsabilidade de sua mãe pelo próprio projeto de vida dela.

Carol mordeu a língua e não disse nada.

—Mas vamos falar mais sobre o seu aniversário, Carolyn. Você sabe que habitualmente comemoramos os aniversários como se fossem ocasiões para alegria, mas sempre acreditei que o oposto era verdadeiro — que os aniversários são marcadores tristes de nossas vidas passando e que a comemoração do aniversário é uma tentativa de negar a tristeza. Há alguma verdade nisto para você? Consegue conversar sobre os pensamentos de ter 36 anos? Você diz que tem três quartos da idade da sua mãe quando ela morreu. Você está, assim como ela, inteiramente aprisionada na vida que você vive agora? Foi realmente sentenciada para sempre a viver num casamento infeliz?

—*Estou* numa armadilha, Ernest. O que você acha que devo fazer?

Ernest, para encarar Carolyn mais facilmente, tinha repousado o braço ao longo das costas do sofá. Carolyn tinha sub-repticiamente desabotoado o segundo botão da sua blusa e agora tinha furtivamente se aproximado e inclinado a cabeça sobre o braço e ombro dele. Por um momento, apenas por um momento, Ernest deixou que sua mão repousasse na cabeça dela e acariciasse os cabelos.

Ah, o nojento começa a rastejar, pensou Carol. *Vejamos até onde ele vai rastejar hoje. Espero que eu tenha estômago para agüentar isto.* Ela pressionou a cabeça mais para perto. Ernest sentiu o peso da cabeça dela no seu ombro. Aspirou o perfume cítrico puro. Olhou fixamente para baixo, na fenda entre os seios. E, então, subitamente, levantou-se.

— Carolyn, você sabe, acho que é melhor se voltarmos ao nosso velho arranjo de sentar. — Ernest voltou para a sua cadeira.

Carol permaneceu onde estava. Parecia prestes a derramar lágrimas ao perguntar: — Por que não fica no divã? Por que pus minha cabeça no seu ombro?

— Não é o modo que sinto que posso ser mais útil a você. Acho que preciso manter um certo espaço e distância para ser capaz de trabalhar com você.

Relutantemente, Carol voltou à sua cadeira, tirou os sapatos e dobrou as pernas debaixo dela. — Talvez eu não devesse dizer isto — talvez seja injusto para você —, mas me pergunto se você se sentiria diferente se eu fosse uma mulher realmente atraente.

—Não é essa, de forma alguma, a questão. — Ernest tentou se compor. — Na verdade, é exatamente o contrário; o verdadeiro motivo pelo qual *não posso* ficar em contato físico íntimo com você é exatamente porque a considero atraente e excitante. E não posso ser eroticamente atraído

por você e ser seu terapeuta ao mesmo tempo.

—Sabe, Ernest, estive pensando. Contei... não contei? Que fui a uma das suas palestras na livraria Printer s Inc. cerca de um mês atrás?

—Sim, você disse que foi quando você tomou a decisão de vir me ver.

—Bem, eu estava olhando você lá antes da leitura e não pude deixar de reparar que você estava dando em cima daquela mulher atraente sentada ao seu lado.

Ernest estremeceu. *Drogai Ela me viu com a Nan Carlin. Isto é um belo de um ' Onde é que fui me meter?*

Nunca mais Ernest seria tão superficial ao considerar a transparência do terapeuta. Não havia mais nenhum sentido em ele tentar pensar como o Marshal, ou outros mentores, poderiam reagir à declaração de Carolyn. Ele estava numa posição tão isolada, muito além do que decretava a técnica tradicional, tão além da prática clínica aceitável, que sabia que estava inteiramente por sua própria conta e risco — perdido na selva da terapia arriscada. Sua única alternativa era continuar sendo honesto e seguir seus instintos.

—E... seus sentimentos sobre isso, Carolyn?

—E quanto aos *seus* sentimentos, Ernest?

—Constrangimento. Para ser honesto com você, Carolyn, este é o pior pesadelo de um terapeuta. É extremamente desconfortável estar conversando com você, ou qualquer paciente, sobre minha vida pessoal com as mulheres -mas tenho o compromisso de trabalhar *em verdade* com você e tentarei continuar com você nisto, Carolyn. Agora, *seus* sentimentos?

—Ah, todos os tipos de sentimentos. Inveja. Raiva. Sensação de injustiça. Azarada.

—Poderia se aprofundar neles? Por exemplo, raiva ou sensação de injustiça.

—É só que tudo é tão arbitrário. Se eu tivesse feito apenas aquilo que ela fez — aproximou-se e sentou-se ao seu lado. Se pelo menos eu tivesse a ousadia, a coragem, de falar com você.

—E... então?

—Então tudo poderia ter sido diferente. Fale-me a verdade, Ernest, o que teria acontecido se eu tivesse me aproximado de você, se eu tivesse tentado flertar? Teria ficado interessado em mim?

—Todas essas perguntas condicionais — estes "ses", "teria", "tivesse" —, o que você está realmente perguntando, Carolyn? Mencionei mais de uma vez que a considero uma mulher atraente. Não consigo deixar de me perguntar — você está querendo que eu volte a repetir isso?

—E eu estou me perguntando se você está evitando minha pergunta com a sua, Ernest.

—Se eu poderia ter reagido aos seus avanços? A resposta é que é bem possível que eu poderia. Isto é, sim. Eu provavelmente teria.

Silêncio. Ernest sentiu-se nu. Ele nunca havia tido um discurso tão violentamente diferente com qualquer outro paciente e já estava considerando seriamente se poderia continuar tratando de Carolyn. Certamente não apenas Freud, mas o consenso dos teóricos psicanalíticos que ele estivera lendo durante a semana, teriam decretado que uma paciente com uma transferência erotizada como Carolyn era intratável — indubitavelmente por ele.

— Então, o que você sente agora? — ele perguntou.

— Bem, é exatamente isto que quero dizer com arbitrário, Ernest. Um lançamento ligeiramente diferente dos dados e você e eu poderíamos ser amantes agora, em vez de terapeuta e paciente. E,

honestamente, acredito que você poderia fazer mais por mim como um amante que como um terapeuta. Eu não pediria muito de você, Ernest, somente um encontro uma ou duas vezes por semana — para me abraçar e me livrar desta frustração sexual que está me matando.

— Ouço você, Carolyn, mas sou seu terapeuta e não seu amante.

— Mas isso é puramente arbitrário. Nada é obrigatório. Tudo poderia ser o contrário. Ernest, vamos voltar o relógio para trás — voltar à livraria e lançar de novo os dados. Torne-se meu amante; estou morrendo de frustração.

Enquanto falava, Carol escorregou para fora da cadeira, deslizou sobre Ernest, sentou-se no chão ao lado da cadeira dele e repousou a mão no joelho dele.

Ernest uma vez mais colocou a mão na cabeça de Carolyn. *Deus, como gosto de tocar esta mulher. E seu desejo ardente de fazer amor comigo — Cristo sabe que posso empatizar. Quantas vezes fui sobrepujado pela luxúria? Sinto pena dela. E entendo o que ela quer dizer sobre a arbitrariedade do nosso encontro. É bem ruim para mim, também. Preferiria ser seu amante a seu terapeuta. Adoraria me arrastar para fora desta cadeira e tirar suas roupas. Adoraria acariciar seu corpo. E, quem sabe? Suponhamos que eu a* tivesse *conhecido na livraria. Suponhamos que tivéssemos nos tornado amantes. Talvez ela esteja certa — talvez eu tivesse lhe oferecido mais dessa maneira do que como um terapeuta! Mas nunca saberemos — é um experimento que não pode ser feito.*

— Carolyn, o que você está pedindo — voltar o relógio, tornar-me seuamante... Serei honesto com você... você não é a única que se sente tentada —isto soa maravilhoso também para mim. Acho que poderíamos nos divertirmuito. Mas temo que *este* relógio — disse Ernest, apontando para o relógiodiscreto na estante de livros — não pode ser voltado para trás.

Enquanto Ernest falava, ele começou de novo a afagar os cabelos de Carolyn. Ela se encostou mais pesadamente contra a perna dele. Subitamente, ele retirou a mão e disse: — Por favor, Carolyn, volte de novo à sua cadeira e deixe-me dizer uma coisa importante para você.

Ele esperou enquanto Carol deu um rápido beijo no joelho dele e tomou seu assento. *Deixe-o fazer seu pequeno discurso de protesto, ir em frente com o seu jogo. Ele precisa fingir a ele mesmo que está resistindo.*

—Vamos voltar alguns passos para trás — disse Ernest — e examinar o que está acontecendo aqui. Deixe-me revisar as coisas como as vejo. Você está em sofrimento. Buscou minha assistência como um profissional de saúde mental. Nós nos conhecemos e fiz um acordo solene com você — um acordo solene através do qual me comprometi a ajudá-la nas suas lutas. Como uma conseqüência da natureza íntima dos nossos encontros, você desenvolveu sen timentos amorosos dirigidos à minha pessoa. E temo dizer que não fui inteiramente inocente aqui: acredito que meu comportamento, abraçando-a, tocando seus cabelos, esteja atiçando as chamas. E estou preocupado com isso. De qualquer forma, não posso mudar de idéia de uma hora para outra, tirar vantagem desses seus sentimentos amorosos e decidir ir em busca de meu próprio prazer com você.

—Mas, Ernest, você não está vendo o ponto principal. O que estou dizendo é que ser meu amante é ser o melhor terapeuta possível para mim. Durante cinco anos Ralph e eu...

—Ralph é Ralph e eu sou eu. Carolyn, estamos sem tempo e teremos de continuar esta discussão na próxima sessão. — Ernest levantou-se para marcar o fim da hora. — Permita-me, porém, uma última observação. Espero que na nossa próxima sessão você comece a explorar outras maneiras de aceitar o que tenho realmente a oferecer em vez de continuar me pressionando contra os meus limites.

Enquanto Carol estava recebendo seu abraço de despedida de Ernest, ela disse: — E um último comentário meu, Ernest. Você argumentou, com eloqüência, que não devo seguir a rota da minha mãe, que não devo abdicar da responsabilidade pelo curso da minha vida. E aqui, hoje, estou colocando em cena o seu conselho, estou tentando melhorar as coisas por mim mesma. Vejo do que,

e de quem, preciso na minha vida e estou tentando agarrar o dia. Você me disse para viver de uma maneira a eliminar arrependimentos futuros, e é exatamente isso que estou tentando fazer.

Ernest não conseguiu encontrar uma resposta adequada.

DEZOITO

Marshal sentou-se no seu terraço durante uma hora livre e ficou apreciando seu bonsai de bordo: nove belos e diminutos bordos, suas folhas escarlate começando a lançar os envoltórios dos brotos. No último fim de semana, ele os tinha transplantado. Com suaves estocadas com um pauzinho oriental, ele tinha tirado a terra das raízes de cada árvore e, depois, tinha reposicionado as árvores na grande bacia de cerâmica azul da maneira tradicional: dois grupamentos desiguais, de seis e três árvores, separadas por uma diminuta pedra arredondada rosa-acinzentada, importada do Japão. Marshal percebeu que uma das árvores no grupamento maior estava começando a se desviar e, em alguns meses, cruzaria o plano de sua vizinha. Ele cortou um pedaço de fio de cobre de quinze centímetros, enrolou-o cuidadosamente ao redor do tronco do obstinado bordo e vergou-o suavemente numa posição mais vertical. Em intervalos de alguns dias, ele vergaria o fio um pouco mais e, então, num prazo de cinco ou seis meses, removeria o fio antes que machucasse o tronco do impressionável bordo. *Ah,* ele pensou, *se ao menos a psicoterapia fosse tão simples e direta.*

Normalmente, ele teria requisitado o dedo verde da esposa para ajustar o curso do bordo errante, mas ele e Shirley tinham tido uma briga sobre o fim de semana e não se falavam há três dias. Este último episódio era na verdade, sintoma de uma desavença que vinha crescendo há anos.

Tudo tinha começado, acreditava Marshal, vários anos atrás quando a Shirley se matriculou no seu primeiro curso de *ikebana.* Ela desenvolveu uma paixão pela arte e tinha revelado um talento fora do comum. Não que Marshal fosse capaz de ele próprio julgar a capacidade dela — não sabia nada sobre *ikebana* e tinha feito questão de continuar não sabendo de nada — mas não havia como negar a sala cheia de prêmios e fitas que ela ganhara nas competições.

Shirley logo centrou a vida inteira dela em torno do *ikebana.* Seu círculo de amizades consistia exclusivamente de colegas que se devotavam ao *ikebana,* enquanto ela e Marshal tinham cada vez menos em comum. Para piorar ainda mais as coisas, sua mestre de *ikebana* de 80 anos de idade, a quem ela se devotava incondicionalmente, a estimulou a começar a prática da meditação budista vipassana, que logo começou a exigir cada vez mais do seu tempo.

Três anos antes, Marshal tinha ficado tão preocupado com o impacto do *ikebana* e da meditação (sobre o qual Marshal também optou por continuar desinformado) sobre seu casamento que ele suplicou a Shirley que entrasse numa faculdade de psicologia clínica. Ele esperava que compartilhar o mesmo campo voltaria a aproximá-los. Esperava também que, uma vez que Shirley entrasse no campo dele, ela seria capaz de apreciar o talento artístico-profissional dele. Então, também não demoraria muito até que ele pudesse encaminhar pacientes a ela e a idéia de uma segunda fonte de renda era deliciosa.

Mas as coisas não tinham acontecido como ele desejara. Shirley de fato entrou na faculdade, mas não desistiu de seus outros interesses. Agora, com os estudos de graduação mais o tempo gasto na coleta e preparação das flores ou na meditação no Centro Zen, não tinha sobrado virtualmente nenhum tempo para Marshal. E, então, três dias atrás, ela o tinha devastado ao informá-lo de que a dissertação de doutorado dela, em seus estágios finais de preparação, era um estudo da eficácia da prática do *ikebana* no controle do transtorno do pânico.

"Perfeito" — ele lhe tinha dito. "O perfeito apoio conjugai para a minha candidatura à presidência do Instituto Psicanalítico — uma esposa excêntrica fazendo uma excêntrica terapia de arranjo floral!"

Eles pouco se falavam. Shirley voltava para casa apenas para dormir — e eles dormiam em quartos diferentes. Sua vida sexual era inexistente há meses. E, agora, Shirley tinha entrado em

greve na cozinha; toda noite, tudo o que ia ao encontro de Marshal na mesa da cozinha era um novo arranjo floral.

Os cuidados com seu pequeno bordo dava a Marshal uma certa tranqüilidade dolorosamente necessária. Havia algo de profundamente sereno no ato de enrolar o bordo com o cobre. Prazer... sim, o bonsai era uma diversão prazerosa.

Mas não um meio de vida. Shirley tinha que amplificar tudo, fazer das flores sua *raison d'être.* Nenhum sentido de proporção. Ela tinha até proposto que ele introduzisse a terapia com bonsai na sua pratica terapêutica de tantos anos. Idiotice! Marshal recortou alguns novos enxertos do junípero que estavam indo para baixo e aguou todas as árvores. Não era uma boa época para ele. Não apenas ele estava irritado com Shirley; também estava decepcionado com Ernest, que tinha precipitadamente encerrado a supervisão. E, depois, houve outros contratempos.

Primeiro, Adriana não tinha comparecido para a sua hora marcada. Nem sequer tinha telefonado. Muito estranho. Muito impróprio dela. Marshal tinha aguardado alguns dias, depois telefonado a ela e deixado um recado na secretária eletrônica informando sobre uma hora marcada para a mesma hora na semana seguinte, pedindo que ela o avisasse se o horário não fosse conveniente.

E os honorários para a hora perdida de Adriana? Normalmente, Marshal cobraria, sem piscar, pela hora perdida. Mas não eram circunstâncias normais e Marshal ruminou sobre os honorários durante dias. Peter tinha lhe dado mil dólares — os honorários para cinco sessões com a Adriana. Por que não deduzir simplesmente os duzentos pela sessão perdida? Peter chegaria a saber disso? Se chegasse a saber, se sentiria insultado? Sentiria que Marshal estava sendo desleal ou mesquinho? Ou ingrato com a sua generosidade — o investimento na empresa de capacetes para ciclistas, o ciclo de palestras patrocinado, o Rolex?

Por outro lado, seria melhor cuidar da questão dos honorários exatamente como ele o faria com qualquer outro paciente. Peter respeitaria sua coerência profissional e a observância aos seus próprios padrões. De fato, Peter não o tinha repreendido mais de uma vez por não pedir um valor correto pelos seus serviços?

No fim, Marshal decidiu cobrar Adriana pela sessão à qual ela faltou. Era a coisa certa a fazer — tinha certeza disso. Mas, então, por que é que ele estava tão impaciente? Por que não conseguia espantar a sensação sombria, persistente, de que ele viveria para se arrepender desta decisão?

Este enervante ataque de ruminite era uma pequena nuvem de poeira em comparação com a tempestade que estava irrompendo no papel de Marshal na expulsão de Seth Pande do instituto. Art Bookert, um eminente colunista de humor, tinha escolhido a notícia do *recall* no *San Francisco Chronicle* (ABRAM CAMINHO, FORD, TOYOTA, CHEVROLET; AGORA OS PSIQUIATRAS FAZEM *RECALL* DE PRODUTO) e escrito uma matéria satírica prevendo que os terapeutas em breve

estariam abrindo consultórios nas oficinas de automóveis onde, em maratona de sessões, tratariam os clientes à espera do serviço automotivo. Na sua nova parceria, dizia a coluna, os terapeutas e os operadores de oficinas de automóveis ofereceriam uma garantia conjunta de cinco anos para freios e controle de impulso, sistemas de ignição e reafirmação pessoal, lubrificação automática e mecanismos de auto-acalmação, volante e controle do humor, sistemas de amortecimento/escapamento e serenidade gastrointestinal e integridade do eixo principal e potência erótica.

A coluna de Bookert (HENRY FORD E SIGMUND FREUD CHEGAM A UM ACORDO SOBRE A FUSÃO) teve um grande destaque tanto no *The New York Times* como no *The International Herald Tribune.* O acossado presidente do instituto, John Weldon, imediatamente lavou as mãos da questão, encaminhando todas as perguntas a Marshal, o executor do plano de *recall.* Colegas psicanalistas de todo o país, que não acharam a história divertida, telefonaram a Marshal a semana inteira. Num único dia, os presidentes dos quatro institutos psicanalíticos — de Nova York Chicago, Filadélfia e Boston — tinham telefonado para expressar sua grande inquietude.

Marshal fez o máximo possível para tranqüilizá-los com a notícia de que somente um paciente tinha respondido, que ele próprio estava tratando este paciente num curso altamente eficiente de terapia rápida, e que o aviso de *recall* não voltaria a ser publicado.

Mas tal tranqüilização não foi possível quando um altamente irritado dr. Sunderland, o presidente da Associação Internacional de Psicanálise, telefonou com a perturbadora notícia de que Shelly Merriman tinha repetida e agressivamente enviado faxes e telefonado ao seu consultório afirmando que tinha sido prejudicado pelos métodos errantes do dr. Pande e em breve instituiria uma ação legal se suas exigências de acordo financeiro não fossem imediatamente atendidas.

— Que diabos está acontecendo aí? — tinha perguntado o dr. Sunderland. — O país inteiro está rindo de nós. De novo! Os pacientes estão trazendo exemplares do *Ouvindo o Prozac* para suas consultas analíticas; as companhias farmacêuticas, os neuroquímicos, os behavioristas e os críticos como o Jeffrey Masson estão atacando a golpes de picareta as nossas instituições; ações judiciais ligadas a memórias recuperadas e contraprocessos judiciais de memórias implantadas estão nos nossos calcanhares. Que inferno, não *é* disto — repito, NÃO É DISTO — que o empreendimento analítico precisa! Por autoridade de quem você colocou aquele aviso de *recalll*

Marshal explicou calmamente a natureza da emergência que o instituto enfrentava e a necessidade da ação de *recall.*

—Estou mortificado em saber que o senhor não foi informado sobre estes eventos, dr. Sunderland — Marshal acrescentou. — Assim que tiver inteirado de tudo, tenho certeza de que entenderá a lógica por trás de nossas ações. Além disto, seguimos o devido protocolo. No dia seguinte à votação em nosso instituto, conferenciei com Ray Wellington, o secretário da Internacional, para verificar a aceitabilidade.

—Wellington? Acabo de tomar conhecimento de que ele está mudando seu consultório e sua clínica inteira para a Califórnia! Agora estou começando a entender a lógica. A lógica sul-californiana do tipo couve-de-bruxelas e espinafre. Toda esta catástrofe foi roteirizada em Hollywood.

—São Francisco, dr. Sunderland, fica na região norte da Califórnia, 640 quilômetros ao norte de Hollywood, uma distância aproximadamente igual àquela entre Boston e Washington. Não estamos no sul da Califórnia. Acredite em mim quando digo que existe uma lógica nortista por trás das nossas ações.

—Lógica nortista? Droga! Por que a sua lógica nortista não o informou que o dr. Pande tem 74 anos e está morrendo de câncer de pulmão? Sei que ele é um pé no saco, mas quanto tempo mais ele pode durar? Um ano? Dois anos? O senhor é o conservador da sementeira psicanalítica: um pouco mais de paciência, um pouco mais de continência, e a natureza teria capinado o seu jardim.

"Está bem, basta disto! — o dr. Sunderland continuou. — O que está feito está feito. O futuro está me pressionando: tenho uma decisão imediata a tomar e quero sua ajuda. Este Shelly Merriman está ameaçando com um processo judicial. Ele está disposto a recuar por um acordo de setenta mil. Nossos advogados acham que ele entrará em acordo pela metade dessa quantia. Temos medo de estabelecer um precedente, é claro. Qual a sua leitura disto? Até que ponto a ameaça é séria? Setenta ou mesmo 35 mil dólares farão o sr. Merriman ir embora? E ficar longe? Esse dinheiro vai comprar o silêncio? O quanto esse seu sr. Merriman é discreto?

Marshal respondeu rapidamente, na sua voz mais segura de si: — Meu conselho é não fazer nada, dr. Sunderland. Deixe isto comigo. O senhor pode contar comigo para resolver a questão categórica e eficientemente. A ameaça é vazia, eu lhe garanto. O homem está blefando. E quanto a dinheiro comprando o silêncio e discrição dele? Nenhuma chance. Esqueça, existe uma sociopatia significativa. Devemos assumir uma postura firme.

Foi só mais tarde naquele dia, quando acompanhava Shelly para dentro do seu consultório, que Marshal percebeu que tinha cometido um erro egrégio: pela primeira vez na sua carreira

profissional, tinha violado a confidencialidade paciente-terapeuta. Tinha entrado em pânico enquanto conversava com Sunderland. Como pôde ter feito aquele comentário sobre sociopatia? Ele não deveria ter contado nada sobre o sr. Merriman a Sunderland.

Ele estava fora de si. Se Merriman descobrisse, ele iria processá-lo por má conduta profissional ou, sendo informado da incerteza da Internacional, aumentaria suas exigências para um acordo financeiro. A situação estava entrando numa espiral que levaria a uma catástrofe total.

Só havia um único caminho sensato a seguir, Marshal decidiu: telefonar ao dr. Sunderland o mais rapidamente possível e reconhecer sua indiscrição — um lapso momentâneo, compreensível, emanando de um conflito de lealdade: o desejo de servir à Internacional e ao seu paciente ao mesmo tempo. Sem dúvida o dr. Sunderland compreenderia e estaria obrigado pela honra a não repetir seus comentários sobre este paciente a ninguém. Claro que nada disto iria restaurar sua reputação nos círculos psicanalíticos nacionais ou internacionais, mas Marshal não podia mais se preocupar com sua imagem nem com seu futuro político: sua meta agora era controlar e aliviar os danos.

Shelly entrou no consultório e demorou-se na escultura de Musler mais tempo que o habitual.

— Adoro esse globo laranja, doutor. Se algum dia quiser vendê-lo, me dê um toque. Eu passaria a mão nele, ficaria frio e me tranqüilizaria antes de todo jogo importante. — Shelly se deixou cair no seu assento. — Bom, doutor, estou passando um pouco melhor. Suas interpretações ajudaram. Melhor tênis, com certeza; eu me soltei feito louco no meu segundo serviço. Willy e eu temos treinado três, quatro horas por dia e acho que temos uma boa chance de ganhar no torneio de La Costa na semana que vem. Então é essa a parte boa.

Mas ainda há um bom caminho a andar na outra coisa. É nisso que quero trabalhar.

—Outra coisa? — perguntou Marshal, embora soubesse muito bem o que era a outra coisa.

—O senhor sabe. A coisa em que estávamos trabalhando na última vez. Os gestos denunciadores. Quer tentar tudo aquilo de novo? Refrescar a memória? Nota de dez dólares... o senhor adivinha cinco vezes, eu adivinho cinco vezes.

—Não. Não. Não será necessário. Entendi o conceito... o senhor explicou com eficiência. Mas o senhor disse no final da última sessão que tinha algumas idéias sobre como continuar o trabalho.

—Sem dúvida alguma. É este o meu plano. Assim como o senhor fez alguns gestos denunciadores na última vez e lhe custou quarenta dólares no nosso joguinho, bem, tenho certeza que estou disparando esses gestos o tempo todo no meu jogo, no pôquer. E qual é o motivo de eu estar disparando esses gestos denunciadores? Por causa do estresse, por causa de toda a "terapia errante" do dr. Pande — não foi assim que você colocou?

—Algo assim.

—Acho que foram essas as suas palavras.

—Métodos errantes — é o que acredito ter dito.

—Tá, "métodos errantes". Mesma diferença. Por causa dos métodos errantes do Pande desenvolvi maus hábitos nervosos no pôquer. Exatamente como o senhor fez seus gestos denunciadores na semana passada, fiquei com uma tonelada de maus gestos no pôquer. Tenho certeza disso — deve ter sido isso, indiscutivelmente, a razão de eu ter perdido aqueles quarenta mil dólares no meu jogo social amigável.

—Sim, continue — disse Marshal, cada vez mais desconfiado. Embora inteiramente empenhado em apaziguar seu paciente de todas as maneiras possíveis e levar a terapia a uma conclusão imediata e satisfatória, ele estava começando a sentir o cheiro de um verdadeiro perigo.

—Como a terapia se encaixa nisto? — ele perguntou a Shelly. — Acredito que o senhor não está esperando que eu jogue pôquer com o senhor. Não sou um jogador de risco, certamente não sou um jogador de pôquer. Como é que o senhor poderia aprender alguma coisa se jogasse pôquer comigo?

—Espera aí, doutor. Quem é que disse alguma coisa sobre jogar pôquer com o senhor? Mas não nego que isso passou pela minha cabeça. Não, o necessário

é a situação real, fazer com que o senhor me observe jogar num jogo real, com apostas altas e a tensão que vem junto com isso, e usar suas habilidades de observação para identificar e me apontar o que estou fazendo para perder minhas mãos, e meu dinheiro.

— O senhor quer que eu vá ao seu jogo de pôquer e o observe jogar? — Marshal sentiu-se aliviado. Por mais bizarro que fosse este pedido, não era tão ruim quanto ele temia que fosse uns minutos atrás. Neste exato momento, ele teria concordado com qualquer pedido que fizesse com que o dr. Sunderland parasse de importuná-lo e o deixasse em paz e que expulsasse Shelly do seu consultório para sempre.

— Está brincando? O senhor me acompanhar no jogo com os rapazes? Cara, isso seria uma cena e tanto... chegar ao jogo com o meu próprio psiquiatra particular! — Shelly batia nos joelhos enquanto dava uma gargalhada. — Ah, cara... essa é ótima... Doutor, isso nos tornaria duas lendas, o senhor e eu — eu por levar meu psiquiatra e o divã ao jogo... os rapazes ficariam falando sobre isso durante o próximo milênio.

— Fico feliz que o senhor ache isto tão divertido, sr. Merriman. Não tenho certeza se entendi. Talvez o senhor deva me contar: qual é o seu plano?

— Só existe uma única maneira. O senhor vir comigo num cassino de jogos profissionais e me observar jogar. Ninguém nos conhece. Iríamos incógnitos.

— Quer que eu vá a Las Vegas com o senhor? Cancelar meus outros pacientes?

— Uau, doutor. Lá vai o senhor de novo. Está um pouco *nervosinho* hoje. Éa primeira vez que o vejo assim. Quem disse qualquer coisa sobre Las Vegasou cancelar qualquer coisa ou qualquer pessoa? Isto é simples assim. A vinteminutos ao sul daqui, bem perto da estrada até o aeroporto, tem uma sala dejogos de primeira classe chamada Avocado Toes.

"O que estou lhe pedindo — e este é meu último pedido ao senhor — é uma noite do seu tempo. Duas ou três horas. O senhor presta atenção em tudo que faço no jogo de pôquer. No final de cada mão, mostro rapidamente as minhas cartas para que o senhor saiba exatamente o que eu estava jogando. O senhor me observa com cuidado: como ajo quando tenho uma boa mão, quando estou blefando, quando estou torcendo por uma carta para tentar fazer um *full hand* ou *um flush,* quando estou resoluto e não me importo com as cartas que são viradas. O senhor observa tudo: minhas mãos, gestos, expressões faciais, meus olhos, como jogo com minhas fichas, quando puxo minha orelha, coço o saco, seguro o nariz, tusso, engulo, tudo que eu faço."

—E o senhor disse "último pedido"? — perguntou Marshal.

—É isso! E seu trabalho estará terminado. O resto é comigo — apreender o que o senhor me der, estudar e depois usar no futuro. O senhor estará de volta depois do Avocado Joes; terá feito tudo o que um psiquiatra é capaz de fazer.

—E... ahn... poderíamos formalizar isso de alguma maneira? —As engrenagens de Marshal estavam se movendo. Uma carta formal de satisfação do Shelly poderia ser sua salvação: ele enviaria imediatamente por fax a Sunderland.

—Quer dizer uma espécie de carta assinada dizendo que o curso de tratamento foi um sucesso?

—Algo assim, alguma coisa bem informal, só entre o senhor e eu, algo que diga que tive sucesso em tratá-lo, que não restou nenhum sintoma — disse Marshal.

Shelly hesitou enquanto suas engrenagens também se moviam. — Eu poderia concordar com isso, doutor... em troca de uma carta do senhor expressando sua satisfação com o meu progresso. Poderia se revelar útil em remendar algumas feridas conjugais.

—Está bem, deixe-me repassar — disse Marshal. — Vou ao Avocado Joe's, passo duas horas lá observando-o jogar. Depois trocamos as cartas e nossos negócios juntos está terminado. De acordo? Um aperto de mãos para selar este acordo? — Marshal esticou sua mão.

—Provavelmente mais perto de duas horas e meia — preciso de tempo para prepará-lo antes do jogo e precisamos de algum tempo depois do jogo para que o senhor me conte em detalhes tudo o que observou.

—Está certo. Duas horas e meia, então.Os dois homens apertaram as mãos.

—Agora — perguntou Marshal —, a hora do nosso encontro no Avocado Joes?

—Hoje à noite? Às 20:00h? Amanhã saio durante uma semana em La Costa com o Willy.

—Não posso esta noite. Tenho um compromisso docente.

—Muito mau, estou realmente de prontidão para começar. Não daria pra arranjar uma desculpa para faltar?

—Fora de questão. Assumi um compromisso.

—Certo. Vejamos, estou de volta em uma semana; que tal uma semana a contar de sexta — 20:00h no Avocado Joes? Encontro-o no restaurante lá?

Marshal assentiu com a cabeça. Depois que Shelly saiu, ele desabou na cadeira e sentiu uma onda de alívio percorrer todo o seu corpo. Assombroso! *Como é que isto tinha acontecido?,* ele se perguntou. Que ele, um dos melhores analistas do mundo, devesse se sentir aliviado, devesse, com gratidão, esperar ansiosamente por um encontro com um paciente no Avocado Joes?

Uma batida na porta e Shelly entrou e voltou a sentar. — Esqueci de lhe contar uma coisa, doutor. É contra as regras ficar de pé ao redor da mesa e assistir ao jogo de pôquer no Avocado Joes. O senhor terá que jogar no jogo comigo. Olha aqui, trouxe um livro para o senhor.

Shelly entregou a Marshal um exemplar do *Texas Hold'Em — à moda do Texas.*

—Não precisa se preocupar, doutor — disse Shelly em resposta ao olhar de horror no rosto do Marshal. — Jogo simples. Duas cartas fechadas e depois cinco cartas comunitárias abertas. O livro explica tudo. Vou lhe dizer o que e necessário saber na próxima semana, antes de jogarmos. O senhor desiste de todas as mãos, só perde a aposta obrigatória. Não chegará a muito.

—Está falando sério? Tenho que jogar?

—Vou fazer o seguinte, doutor: vou dividir seus prejuízos. E se o senhor tiver uma mão arrasadora, continue na jogada e aposte e poderá ficar com os lucros. Leia antes o livro e explicarei melhor quando nos encontrarmos. E um bom negócio para o senhor.

Marshal observou Shelly se levantar e sair do seu consultório, afagando o globo laranja ao passar por ele.

Um bom negócio, é como ele chama. *Sr. Merriman, o que chamo de um bom negócio é quando eu tiver visto pela última vez o senhor e os seus bons negócios.*

DEZENOVE

Durante semanas Ernest teve que suar hora após hora com Carol. Suas sessões crepitavam de tensão erótica e, embora Ernest lutasse tremendamente para defender seus limites, Carol começou a abrir brechas neles. Eles se encontravam duas vezes por semana, mas sem que Carol soubesse, ela ocupava muito mais que os cinqüenta minutos que lhe cabiam. Nos dias de sua consulta marcada, Ernest acordava de manhã com um senso aguçado de expectativa. Imaginava o rosto de Carolyn no seu espelho, observando-o enquanto ele esfregava as bochechas com um vigor extra, fazia a barba mais rente e borrifava o pós-barba Royall Lyme.

"Os dias de Carolyn" eram dias de se vestir com elegância. Ernest guardava suas calças mais bem passadas para Carolyn, suas camisas mais joviais, mais coloridas e suas gravatas mais elegantes. Duas semanas antes, Carolyn tinha tentado dar a ele uma das gravatas de Wayne — agora o marido estava doente demais para sair, ela explicou, e já que o apartamento deles de São Francisco tinha pouco espaço para guardar as coisas, ela estava se desfazendo de boa parte do guarda-roupa formal dele. Ernest, para a grande irritação de Carolyn, tinha, é claro, recusado o presente, mesmo tendo ela gastado a hora inteira tentando convencê-lo a mudar de idéia. Mas na manhã seguinte, enquanto se vestia, Ernest sentiu um forte desejo por aquela gravata. Era requintada: um tema japonês de pequenas flores escuras brilhantes dispostas em camadas ao redor de uma vigorosa florescência iridescente verde-floresta central. Ernest tinha saído para comprar uma como aquela, mas em vão — era sem dúvida um exemplar único. Às vezes, ele dava tratos à bola sobre como ele poderia ficar sabendo onde ela a tinha conseguido. Talvez, se acontecesse de ela voltar a oferecê-la, ele pudesse dizer que uma gravata no fim da terapia, um par de anos no futuro, poderia não ser inteiramente impróprio.

Os dias de Carolyn eram também dias de roupas novas. Hoje, era o novo colete e a calça que tinha comprado na liquidação anual da Wilkes Bashford. O colete de tela bege-urze ficava soberbo sobre sua camisa rosa de botões embutidos e calça marrom espinha-de-peixe. *Talvez,* ele pensou, *o colete pudesse ser mais bem exibido sem um paletó. Ele deixaria o paletó dobrado sobre uma cadeira e usaria apenas uma camisa, gravata e colete. Ernest inspecionou-se no espelho. É, aquilo funcionava — um pouco audacioso, mas ele conseguiria impressionar.*

Ernest adorava observar Carolyn: aquele andar gracioso quando entrava no consultório, o modo como ela movia sua cadeira mais para perto da dele antes de se sentar, o som sexy do roçar das meias quando cruzava as pernas. Adorava aquele primeiro momento quando se olhavam nos olhos um do outro antes de iniciar o trabalho da hora. E, mais que tudo, adorava o modo como ela o venerava, a maneira como ela descrevia suas fantasias com masturbação pensando nele — fantasias que ficavam cada vez mais gráficas, cada vez mais evocativas, cada vez mais arrebatadoras. Uma hora nunca parecia ser o bastante e, quando a sessão terminava, Ernest, mais de uma vez, corria até sua janela para arrebatar um último olhar para Carolyn enquanto ela descia a escada da frente. Uma coisa surpreendente que tinha percebido depois das duas últimas sessões foi que ela devia ter trocado os sapatos por tênis na sala de espera, pois viu seu trote descendo as escadas e subindo pela rua Sacramento!

Que mulher! Deus, que azar eles *não terem* se conhecido socialmente naquela livraria, em vez de se tornarem terapeuta e paciente! Ernest gostava de tudo em Carolyn: a rápida inteligência e intensidade, o fogo nos olhos, seu caminhar firme e corpo flexível, suas meias estampadas de linhas elegantes, a absoluta desenvoltura e franqueza em discutir sexo — suas ânsias, sua masturbação, seus casos ocasionais.

E ele gostava da sua vulnerabilidade. Embora ela tivesse uma *persona* externa firme e rápida (provavelmente exigida e reforçada por seu trabalho no tribunal), também estava disposta, com um convite diplomático, a entrar nas áreas da sua dor. Por exemplo, seus medos de passar para a filha sua amargura pelos homens, ter sido abandonada pelo pai quando criança, a dor profunda pela mãe, o desespero por estar aprisionada num casamento com um homem que detestava.

Apesar da atração sexual que sentia por Carolyn, Ernest se apegou resolutamente à sua perspectiva terapêutica e se manteve sob uma contínua vigilância pessoal. Tanto quanto era capaz de perceber, ele ainda estava fazendo uma terapia excelente. Estava altamente motivado a ajudá-la,

tinha se mantido focado e, vezes sem conta, a tinha levado a *insights* importantes. Ultimamente, ele a vinha confrontando com todas as implicações da amargura e ressentimento de toda uma vida — e sua falta de percepção de que os outros sentiam a vida de uma maneira diferente.

Sempre que Carolyn introduzia distrações ao trabalho de terapia — e isto acontecia em todas as sessões, com indagações irrelevantes sobre a vida pessoal dele ou implorando por mais contato físico —, Ernest tinha resistido com habilidade e vigor. Talvez com excessivo vigor na última sessão, quando tinha respondido ao pedido de Carolyn de alguns minutos de "tempo no divã" com uma dose de terapia de choque existencial. Ele tinha desenhado uma linha numa folha de papel, representado uma das pontas da linha como o dia de seu nascimento e a outra, o dia da sua morte. Ele lhe entregou o papel e lhe pediu que colocasse um X na linha para indicar em que ponto de sua vida ela se encontrava naquele momento. Depois, pediu-lhe que meditasse alguns momentos sobre a resposta dela.

Ernest tinha usado este recurso com outros pacientes, mas nunca tinha encontrado uma resposta tão poderosa. Carolyn colocou uma cruz na linha a três quartos em direção ao fim, olhou fixamente e em silêncio durante dois ou três minutos, depois disse: — Uma vida tão pequena — e explodiu em lágrimas. Ernest pediu-lhe que falasse mais, mas tudo que ela conseguiu fazer foi balançar a cabeça e dizer: — Não sei. Não sei por que estou chorando tanto.

— Acho que sei, Carolyn. Acho que está chorando por toda a vida não-vivida dentro de você. Espero que, como resultado do nosso trabalho, ajudemos a libertar uma parte dessa vida.

Isso a fez soluçar ainda mais e, uma vez mais, ela saiu do consultório apressadamente. E sem um abraço.

Ernest sempre gostou do abraço de adeus, que tinha se tornado uma parte regulamentar da sua hora, mas tinha recusado obstinadamente todas as outras exigências de Carolyn por toques, além do pedido ocasional de se sentar ao lado dele durante um breve período no divã. Ernest invariavelmente terminava esses "interlúdios de sentar" depois de poucos minutos, ou antes se

Carolyn avançasse pouco a pouco e ficasse perto demais ou se ele ficasse excessivamente excitado.

Mas ele não era cego aos perturbadores sinais de alerta vindos de dentro. Percebeu que sua animação com os dias de Carolyn era portentosa. E também o era a insidiosa incursão de Carolyn na vida de fantasias dele e, particularmente, em suas próprias fantasias masturbatórias. E a parte de auto-observação de Ernest considerava cada vez mais agourento que o cenário das fantasias dele fosse invariavelmente o consultório. Era irresistivelmente excitante imaginar Carolyn sentada na frente dele no consultório, discutindo os problemas dela e, então, ele fazer um sinal para ela se aproximar com um mero gesto do dedo, instruí-la a sentar-se no seu colo e continuar falando enquanto ele desabotoava lentamente a blusa dela, soltava o sutiã e beijava os seios, tirava gentilmente as meias-calças e deslizava lentamente até o chão com ela, penetrando-a deliciosamente enquanto ela continuava a falar com ele como paciente, e então dar golpes longos e lentos até o orgasmo surdo.

Suas fantasias o excitavam e o desgostavam ao mesmo tempo — ofendiam o próprio alicerce da vida de serviços à qual ele tinha se dedicado. Entendia perfeitamente que a excitação sexual na sua fantasia era intensificada pelo senso de poder absoluto que exercia sobre Carolyn, pela proibição conferida pela situação clínica. Quebrar tabus sexuais era sempre excitante: Freud não tinha chamado a atenção, um século antes, de que não haveria nenhuma necessidade de tabus se o comportamento proibido não fosse tão sedutor? Mas tal entendimento lúcido da fonte da excitação em suas fantasias pouco fazia para diminuir o poder ou o feitiço.

Ernest sabia que precisava de ajuda. Primeiro, voltou a recorrer à literatura profissional sobre transferência erótica e encontrou lá mais do que esperava. De um lado, sentiu-se confortado pelo conhecimento de que, durante gerações, outros terapeutas tinham lutado com o seu dilema. Muitos tinham chamado a atenção, como Ernest concluíra por contra própria, no sentido de que o

terapeuta não deve evitar o material erótico na terapia nem responder com gestos ou palavras de desaprovação ou condenação, para que o material não seja levado ao subterrâneo e a paciente sinta que seus desejos são perigosos e danosos. Freud insistira em que havia muito a aprender com a transferência erótica da paciente. Numa de suas primorosas metáforas, ele disse que deixar de explorar a transferência erótica seria análogo a convocar um espírito do mundo dos espíritos e depois mandá-lo embora sem lhe fazer uma única pergunta.

Para Ernest, foi apaziguante ler que a grande maioria dos terapeutas que tinham se tornado sexualmente envolvidos com as pacientes alegava que estava oferecendo amor. "Mas não confunda isto com amor", escreveram muitos terapeutas. "Não é amor, mas uma outra forma de abuso sexual." Foi também apaziguante ler que muitos terapeutas ofensores tinham sentido, como ele o sentira, que seria cruel negar amor sexual a uma paciente que ansiava e precisava tanto disso!

Outros sugeriram que nenhuma transferência erótica intensa conseguiria persistir por um tempo suficientemente longo se o terapeuta não conspirasse inconscientemente. Um analista muito conhecido sugeriu que o terapeuta cuidasse de sua própria vida amorosa e se certificasse de que seu "orçamento libidinal e narcisista fosse suficientemente positivo". Isso soou verdadeiro para Ernest e, para equilibrar seu orçamento libidinal, ele se empenhou em retomar um relacionamento com Marsha, uma velha amiga com quem tivera um arranjo não-passional, mas sexualmente satisfatório.

A idéia de conspiração inconsciente perturbou Ernest. Era bem possível que ele estivesse, de alguma maneira dissimulada, transmitindo seus sentimentos lascivos a Carolyn — confundindo-a por lhe dar verbalmente uma mensagem e não-verbalmente, uma mensagem oposta.

Outro psiquiatra, a quem Ernest particularmente respeitava, escreveu que alguns terapeutas presunçosos às vezes recorriam aos relacionamentos sexuais quando estavam desesperados com sua falta de aptidão para curar o paciente, quando era frustrada a crença neles mesmos como um curador onipotente. *Ele não se encaixava nisso,* pensou Ernest. *Mas sabia de alguém que se encaixava nisso: Seymour Trotter! Quanto mais pensava em Seymour, em sua desmedida arrogância, seu orgulho em ser visto como "o terapeuta do último recurso", sua crença em que, se se dispusesse a aceitar a tarefa, ele seria capaz de curar todos os pacientes —, mais ficava claro o que tinha acontecido entre Seymour e Belle.*

Ernest recorreu à ajuda dos amigos, particularmente Paul. Conversar com Marshal seria fora de questão. A reação de Marshal teria sido inteiramente previsível: primeiro, uma censura; depois, qualificar de ultraje o afastamento de Ernest da técnica tradicional; e, finalmente, uma insistência absoluta em que ele encerrasse a terapia com a paciente e voltasse a fazer análise pessoal.

Além do mais, Marshal não estava mais em cena. Na semana anterior, Ernest tivera que encerrar a supervisão dele por causa de uma curiosa série de eventos. Seis meses antes, Ernest aceitara um novo paciente, Jess, que tinha encerrado abruptamente o tratamento com um analista de São Francisco a quem estivera consultando há dois anos. Quando Ernest indagou sobre as circunstâncias de seu encerramento, Jess descreveu um incidente peculiar.

Certo dia enquanto fazia *jogging* no Parque Golden Gate, Jess, um incansável corredor, tinha visto uma estranha agitação num lugar escondido entre os ramos de um bordo-chorão japonês escarlate. Quando se aproximou, viu que era a esposa do seu analista encadeada num abraço apaixonado com um monge budista com uma túnica cor de açafrão.

Que dilema! Não havia nenhuma dúvida de que era a esposa do seu analista: Jess estava tendo aulas práticas de *ikebana* e ela era uma bem conhecida mestra da escola Sogetsu, a mais inovadora das tradições de *ikebana.* Ele a tinha encontrado duas vezes antes em competições de arranjos florais.

O que Jess deveria fazer? Embora seu analista fosse um homem formal e distante por quem Jess não sentia nenhuma grande afeição, ainda assim ele era competente, decente e tinha sido tão útil que Jess se sentira relutante cm magoá-lo se lhe contasse a dolorosa verdade sobre sua esposa.

Ainda assim, por outro lado, como é que seria possível ele continuar sua análise e, ao mesmo tempo, guardar tão imenso segredo? Jess enxergava um único curso de ação: encerrar a análise sob o pretexto de algum conflito inevitável de agenda.

Jess sabia que ainda precisava de terapia e,por recomendação da irmã, uma psicóloga clínica, começou a trabalhar com Ernest. Jess era o herdeiro de uma antiga e rica família de São Francisco. Exposto à impetuosa ambição do pai e à expectativa de que ele acabaria entrando nos negócios bancários da família, Jess tinha se rebelado em todas as frentes possíveis: abandonando a faculdade por não conseguir ser aprovado, surfando por dois anos, abusando de álcool e cocaína. Depois da dolorosa dissolução de um casamento de cinco anos, ele tinha lentamente começado a reconstruir a sua vida. Primeiro, uma longa internação hospitalar e um programa ambulatorial de recuperação por abuso de substância, depois um estágio em arquitetura paisagística, uma profissão de sua própria escolha, depois dois anos de análise com Marshal e um rigoroso regime de condicionamento físico e corridas.

Nos seus primeiros seis meses de terapia com Ernest, Jess descreveu por que tinha parado a terapia, mas se recusado a dar o nome de seu terapeuta anterior. A irmã de Jess lhe tinha contado muitas e muitas histórias sobre como os terapeutas adoram fazer fofocas uns sobre os outros. Mas, à medida que as semanas passaram, Jess passou a confiar em Ernest e, certo dia, repentinamente divulgou o nome do seu terapeuta anterior: Marshal Streider.

Ernest ficou espantado. Não Marshal Streider! Não |á.eu inexpugnável supervisor, o Rochedo de Gibraltar! Ernest tinha sido lançado no mesmo dilema que Jess tinha enfrentado. Ele não poderia contar a verdade a Marshal — ele estava preso à confidencialidade profissional — nem continuar a supervisão com Marshal enquanto estivesse em posse deste segredo abrasador. O incidente, contudo, não foi inteiramente inconveniente, pois já fazia algum tempo que estava tomando forma na mente de Ernest a resolução de encerrar a supervisão e a revelação de Jess fornecia o ímpeto necessário.

E, portanto, sem muita trepidação, Ernest contou a Marshal sobre sua decisão. "Marshal, já há algum tempo tenho sentido que está na hora de cortar o cordão. Você me conduziu por um longo caminho e agora, finalmente, aos 38 anos, decidi sair de casa e me sustentar sozinho."

Ernest se preparou para uma vigorosa contestação por parte de Marshal. Sabia exatamente o que Marshal diria: ele certamente insistiria em analisar seus motivos para um encerramento tão precipitado. Indagaria, sem dúvida, sobre o momento desta decisão. Quanto a esse patético desejo de Ernest por si só, Marshal iria prever e combater esses argumentos num instante. Sugeriria que era mais uma evidência da iconoclastia juvenil de Ernest; poderia até insinuar que esta impetuosidade sugeria que faltava a Ernest a maturidade e o impulso para o autoconhecimento tão necessário para se candidatar ao Golden Gate.

Curiosamente, Marshal não fez nenhuma dessas coisas. Parecendo abatido e distraído, respondeu de uma maneira superficial: "Sim, talvez esteja na hora. Sempre poderemos retomar no futuro. Boa sorte para você, Ernest! Meus mais sinceros votos."

Mas não foi com alívio que Ernest ouviu essas palavras e encerrou sua supervisão com Marshal. Pelo contrário, foi com perplexidade. E, sim, decepção. Desaprovação teria sido bem mais preferível que tal indiferença.

Depois de gastar meia hora lendo um longo artigo sobre comportamento sexual entre terapeuta e paciente que Paul havia lhe enviado por fax, Ernest pegou o telefone.

—Obrigado pelo"Romeus de consultório e médicos perdidos de amor"! Bom Deus, Paul!

—Ah, vejo que recebeu o meu fax.

—Infelizmente, sim.

—Por que "infelizmente", Ernest? Espere um minuto, deixe-me trocar para o telefone sem fio e me acomodar na minha cadeira confortável. Tenho a sensação de que isto vai ser uma conversa histriônica... Certo... vamos de novo, por que "infelizmente"?

—Porque "Romeu de consultório" não é o que está acontecendo. Esse artigo degrada algo muito precioso, uma coisa sobre a qual ele não tem o menor conhecimento. Uma linguagem trivializante pode ser usada para vulgarizar qualquer sentimento mais delicado.

—É como lhe parece porque você está muito perto para ver o que está acontecendo. Mas é importante que você veja o que parece para quem está de fora. Ernest, desde a nossa última conversa, estou preocupado com você. Ouça todas as coisas que você vem dizendo: "estar em verdade profunda, amar sua paciente, ela ser carente de toque, você ser suficientemente flexível para dar a ela a proximidade física de que ela precisa para trabalhar na terapia." Acho que você está com um parafuso solto! Acho que está caminhando para um problema sério. Olha, você me conhece, estou ridicularizando os freudianos ortodoxos desde que entramos neste campo, certo?

Ernest gruniu um assentimento.

—Mas quando o decano disse que "encontrar um objeto de amor é sempre *reencontrar* um", ele estava ciente de uma coisa. Aquela paciente está instigando algo em você que origina de algum outro lugar, muito longe e hámuito tempo.

Sem resposta de Ernest.

—Certo, Ernest, aqui vai um enigma para você: Que mulher você conhece que amou incondicionalmente toda pequena molécula do seu corpo? Três chances!

—Ah, não, Paul. Você não está se apegando à rotina da mãe de novo? Nunca neguei que tive uma boa mãe que me criou bem. Ela me deu um bom começo nos primeiros anos; desenvolvi um monte da boa e básica confiança; é provavelmente de onde origina minha promíscua auto-revelação. Mas ela não foi uma boa mãe quando parti para viver por conta própria; nunca, até o dia em que morreu, ela conseguiu me perdoar por deixá-la. Então, qual o seu argumento? Que no alvorecer da vida, quando era um jovem patinho, recebi um *imprinting,* uma estampagem, e venho procurando por minha mãe pata desde de sempre? "E mesmo que fosse assim", Ernest continuou, "ele conhecia bem as suas falas; Paul e ele já tinham tido conversas semelhantes no passado. — Concordo com você nisso. Em parte disso! Mas você está sendo tão reducionista, que não sou *nada além de* um adulto ainda procurando pela mãe que aceita tudo. Isso é besteira! Sou, todos nós somos, muito mais que isso. Seu erro, e também o erro de todo o empreendimento analítico, é esquecer que existem um relacionamento real no presente que não é determinado pelo passado, que existem no momento, duas almas se tocando, influenciadas mais pelo futuro do que pelo passado remoto; pelo "ainda não", pelo destino que nos aguarda. Pelo nosso companheirismo, por nós nos juntarmos para enfrentar e agüentar os duros fatos existenciais da vida. E que esta forma de relacionamento, puro, de aceitação, mútuo, igual, é redentora e a força mais poderosa que temos para curar."

—Puro? Puro? — Paul conhecia Ernest bem demais para se deixar intimidar ou dominar por seus devaneios oratórios. — *Um relacionamento puro?* Se fosse puro, eu não estaria te atormentando. Você está sendo excitado por essa mulher, Ernest. Pelo amor de Deus, confesse!

—Um abraço assexual no final da sessão, é isso. E tenho isto sob controle. É verdade, tenho fantasias. Já confessei. Mas mantenho-as na terra da fantasia.

—Bem, aposto que suas fantasias e as fantasias dela estão fazendo um minueto único na terra da fantasia. Mas a verdade, Ernest, me tranqüiliza. Nenhum outro toque? Na hora de ficar sentado ao lado dela no divã? Um beijo inofensivo?

O pensamento de afagar os belos cabelos de Carolyn enquanto ela se apoiava contra ele flutuava na mente de Ernest. Mas ele sabia que não seria entendido, que Paul também vulgarizaria isso. — Não, é só isso. Nenhum outro contato. Paul, acredite em mim, estou fazendo uma boa terapia com

esta mulher. Estou controlando isto.

— Se eu pensasse assim, não estaria importunando-o sobre isto. Existe algo nessa mulher que não consigo entender. Continuar a persegui-lo desse jeito assim, hora após hora. Mesmo depois que você deixa bem claro e se mantém firme sobre os limites. Ou pensa que está. Ora, não estou questionando se você é magnífico. Quem poderia resistir àquele seu lindo traseiro? Mas tem mais alguma coisa acontecendo: estou convencido de que você a está encorajando inconscientemente... quer meu conselho, Ernest? Meu conselho é livrar-se dela. Agora! Encaminhá-la a uma terapeuta mulher. E também abandonar seu experimento de auto-revelação! Ou confiná-lo aos pacientes homens, pelo menos por ora!

Depois de desligar, Ernest ficou dando voltas no consultório. Sempre dissera a verdade a Paul e este raro lapso o deixou se sentindo sozinho. Para se distrair, voltou a atenção para a correspondência. Para renovar seu seguro contra má conduta profissional, ele tinha que responder a um questionário cheio de perguntas sobre seu relacionamento com pacientes. Isso significava perguntas explícitas. Ele alguma vez tocou os pacientes? Em caso afirmativo, de que maneira? Ambos os sexos? Por quanto tempo? Que parte do corpo do paciente ele tocou? Tinha alguma vez tocado no seio, nas nádegas ou em outras partes sexuais do corpo do paciente? Ernest sentiu um impulso de rasgar em tiras o formulário. Mas não ousou. Ninguém ousava, nestes dias litigiosos, realizar uma terapia sem seguro contra erro médico. Ele voltou a apanhar o formulário e marcou "sim" à pergunta: "Você toca os pacientes?" À pergunta: "De que maneira?" ele respondeu: "Somente para apertar as mãos". Em todas as outras perguntas, marcou "não".

Ernest então abriu a pasta de Carolyn para se preparar para a sua próxima hora. Seus pensamentos voltaram a perambular rapidamente para a sua conversa com Paul. *Encaminhar Carolyn para uma terapeuta mulher? Ela não iria. Desistir do experimento? Por quê? Está em progresso, está em processo. Desistir de ser honesto com os pacientes? Jamais! A verdade me colocou nisto e a verdade irá me tirar disso!*

VINTE

Na sexta-feira à tarde, antes de trancar o consultório, Marshal inspecionou as coisas que amava. Tudo estava no seu devido lugar: a reluzente vitrine de jacarandá que continha as taças de xerez de hastes torcidas, as esculturas de vidro, a Borda Dourada do Tempo. Ainda assim, nada iluminava seu humor sombrio nem afrouxava o nó na garganta.

Ao fechar a porta, ele fez uma pausa e tentou analisar seu desassossego. Não emanava unicamente da ansiedade que sentia pelo encontro com Shelly no Avocado Joes em três horas — embora, Deus sabe, fosse bem preocupante. Não, era inteiramente sobre uma outra questão: Adriana. No início da semana, ela não tinha, novamente, comparecido à sua hora marcada e não tinha telefonado para cancelar. Marshal ficou desconcertado. Simplesmente não fazia sentido: uma mulher de tão excelente educação e presença social simplesmente não se comporta desta maneira. Marshal pagou a si mesmo outros duzentos dólares do dinheiro que Peter lhe dera, desta vez sem muita deliberação, lílc tinha telefonado a Adriana imediatamente e deixado uma mensagem pedindo-lhe que entrasse em contato com ele assim que possível.

É possível que ele tivesse cometido o erro tático de concordar em tratar dela, mesmo para uma terapia rápida. Ela pode ter mais reservas com o casamento do que tinha admitido a Peter e, talvez, se sentisse constrangida em Discuti-las. Afinal, ele era o ex-terapeuta de Peter, tinha sido pago por Peter e era agora um investidor de Peter. Sim, quanto mais Marshal pensava sobre isso, mais suspeitava que tinha cometido um erro de julgamento. Isso, ele lembrou a si próprio, é exatamente o problema com as violações dos limites — a tendência dos deslizes: um deslize leva a outro.

Três dias tinham se passado desde seu telefonema a Adriana, e ainda sem nenhuma resposta. Não era seu estilo telefonar a um paciente mais de uma vez, mas Marshal destrancou a porta, entrou de novo no consultório e discou novamente o seu número. Desta vez, ele foi informado de que a linha tinha sido desconectada! A companhia telefônica não poderia lhe fornecer nenhuma

outra informação.

Enquanto Marshal voltava de carro para casa, considerou duas explicações diametralmente opostas. Ou Adriana e Peter, possivelmente com a provocação do pai dela, tinham tido uma briga feia e ela não desejava ter nada a ver com um terapeuta que estava ligado a Peter. Ou Adriana tinha ficado farta de seu pai e tinha impulsivamente entrado num avião para se encontrar com Peter em Zurique. Ela tinha dado indícios durante sua última sessão que iria ser difícil ficar afastada de Peter.

Mas nenhuma dessas hipóteses explicava o fato de ela não lhe ter telefonado. Não, quanto mais Marshal pensava sobre isso, mais certeza começava a ter sobre algo profundamente portentoso. Doença? Morte? Suicídio? Seu próximo passo era evidente: tinha de telefonar a Peter em Zurique! Marshal olhou de relance o seu Rolex, com precisão de milissegundo. 18:00h. Isso significava 3:00h da manhã em Zurique. Ele teria que esperar até depois de seu encontro com Shelly e telefonar a Peter às 0:00h — 9:00h da manhã em hora suíça.

Ao abrir a porta da sua garagem para estacionar, Marshal percebeu que o carro de Shirley não estava lá. Uma noite fora. Como de costume. Acontecia com tal freqüência agora que Marshal tinha perdido a noção da agenda dela: se ela estava trabalhando até tarde em seu internato clínico, assistindo a uma das poucas aulas que faltavam de psicologia clínica, ensinando *ikebana,* participando de alguma exposição de *ikebana* ou sentada em meditação no Centro Zen.

Marshal abriu a porta da geladeira. Nada lá. Shirley ainda não estava cozinhando. Como de costume, ela tinha deixado um novo arranjo floral na mesa da cozinha para ele. Sob a tigela estava um bilhete dizendo que estaria de volta antes das 22:00h. Marshal olhou rapidamente o arranjo: um tema simples contendo três copos-de-leite, dois brancos, um açafrão. Os longos e graciosos caules de um copo-de-leite branco e outro cor de açafrão estavam entrelaçados e separados por um denso crescimento de bagas rubras do terceiro copo-de-leite, que descia se afastando o máximo possível dos outros copos-de-leite e se inclinava perigosamente sobre a borda da bacia de cerâmica lavanda rachada.

Por que ela deixava para ele esses arranjos florais? Por um momento, apenas por um momento, ocorreu a Marshal o pensamento de que, ultimamente, Shirley vinha usando muito os copos-de-leite açafrão e branco. Quase como se ela estivesse lhe enviando uma mensagem. Mas ele rejeitou o pensamento rapidamente. O tempo gasto em tal bobagem efêmera o oprimia. Tantas maneiras melhores de usar o tempo da gente. Como cozinhar o jantar. Como pregar alguns botões de suas camisas. Como terminar a dissertação dela que, por mais excêntrica que fosse, tinha de ser concluída antes que ela pudesse começar a cobrar dos pacientes. *Shirley era ótima em exigir direitas iguais,* pensou Marshal, *mas também era boa em desperdiçar tempo e, desde que o marido estivesse ali para pagar as contas, ficava satisfeita em adiar indefinidamente o momento da entrada no mundo adulto, de cobranças.*

Bem, *ele* sabia como usar o tempo. Tirando o arranjo floral do cominho, ele abriu o *Examiner* da tarde e calculou seus lucros diários com as ações. Então, ainda tenso e irrequieto, decidiu por uma malhação no Nautilus, apanhou sua bolsa de ginástica e saiu em direção ao YMCA. Mais tarde, no restaurante do Avocado Joes, ele faria uma refeição ligeira.

Shelly assobiou o "Zip-a-dee-doo-dah, zip-a-dee-ay" durante todo o caminho até o Avocado Joes. Ele tivera uma semana explosiva. Jogando o tênis da sua vida, ele tinha carregado Willy até o campeonato sênior de duplas na Califórnia e uma vaga no campeonato nacional. Mas havia mais, muito mais.

Willy, montado numa crista de euforia, tinha feito a ele uma oferta que, com um rápido golpe, resolveria todos os problemas de Shelly. Ambos tinham decidido ficar um dia a mais no sul da Califórnia para assistir às corridas de cavalo no Hollywood Park — Willy tinha um cavalo de 2 anos chamado Omaha correndo no páreo principal, o Derby Juvenil de Hollywood. Willy estava entusiasmado com o Omaha, bem como com o jóquei que o montava; havia apostado uma nota preta e tinha insistido com Shelly que fizesse o mesmo. Willy apostou primeiro, enquanto Shelly se deixou ficar para trás na sede do clube, estudando um cavalo em exibição para uma segunda aposta

na corrida. Quando Willy voltou, Shelly saiu para fazer suas apostas. Entretanto, Willy, depois de ver os cavalos no *paddock* e admirar as elegantes linhas das ancas musculares negras de Omaha, e percebeu que o favorito da corrida estava suando muito — "encharcado" — e prontamente voltou correndo para o guichê de apostas. Tinha acabado de colocar mais cinco mil quando viu Shelly fazendo suas apostas na janela de vinte dólares.

—O que está acontecendo, Shelly? Há dez anos venho às corridas e nunca o vi acertar em nada, exceto no guichê de cem dólares. Aqui estou, jurando pela minha mãe, minha filha, minha prostituta, neste cavalo e você está na janela de vinte dólares?

—Bem... — Shelly ruborizou. — Cortando os gastos... você sabe... em prol da harmonia conjugai... apertando um pouco o cinto... mercado de trabalho em baixa... muitas ofertas, é claro, mas esperando pela coisa certa... você sabe, dinheiro é apenas uma pequena parte disso, preciso sentir que estou me usando da maneira certa. Para dizer a verdade, Willy, é a Norma... rígida, *muito rígida* sobre meus jogos de azar quando ela é provedora-líder da família. Tivemos uma grande briga na semana passada. Você sabe, minha renda sempre foi a renda da família... com o grande salário dela, ela sempre considera dinheiro *dela.* Sabe como as mulheres resmungam e choramingam sobre não ter oportunidades, mas assim que as conseguem não ficam muito a fim de carregar o fardo.

Willy deu um tapa na própria cabeça. — *É por isso* que você não esteve nos dois últimos jogos! Mas que droga, Shelly, devo ser um grande cego por não ter adivinhado... uau, espera aí, espera aí, eles deram a partida! Olha o Omaha! Olha aquele maldito cavalo voando! Número cinco, o McCarron está com o casaco amarelo, chapéu amarelo; ele vai permanecer no bando do lado de fora até três quartos da distância e depois levar aquele cavalo para uma outra direção! Olha lá, ele está fazendo isso agora. O Omaha está fazendo sua jogada, está decolando. Olha aquelas passadas largas, mal está tocando o chão! Você já viu *alguma vez na vida* um cavalo se movimentar daquele jeito? O cavalo do placê parece estar correndo para trás. Está com a adrenalina toda. Eu lhe digo, Shelly, ele conseguiria correr uma segunda milha.

Depois do páreo — Omaha pagou oito-oitenta —, quando Willy voltou das festividades no círculo do vencedor, ele e Shelly foram para o bar da sede do clube e pediram Tsingtaos.

—Shelly, quanto tempo faz agora que você está sem trabalho?

—Seis meses.

—Seis meses! Por Cristo, isso é horrível. Olha, em pouco tempo eu ia me sentar com você para termos uma longa conversa e isto bem que poderia ser agora. Sabe aquele grande projeto que tenho em Walnut Creek? Bem, estamos passando pelo conselho municipal há cerca de dois anos e tentando conseguir o sinal verde para transformar em condomínio todas as quatrocentas unidades, e estamos quase chegando lá. Todas as minhas fontes internas, e digo a você, estou espalhando muito dinheiro por toda a parte, dizem que estamos a um mês da aprovação. Nosso próximo passo é conseguir o sinal verde dos moradores. É claro que vamos ter que lhes oferecer antes os direitos a preços com um grande desconto, e, então, começamos a construção da conversão.

—Tá. E daí?

—E daí... o fundamental é: preciso de um gerente de vendas. Sei que você não trabalhou com bens imobiliários, mas também sei que você é um vendedor fabuloso. Há alguns anos, você me vendeu um iate de um milhão de dólares e você o fez com tanta tranqüilidade que saí do *showroom* realmente sentindo que você tinha me feito um favor. Você aprende rápido e tem algo em você que ninguém mais consegue copiar: confiança. Confiança total. Confio em você mil por cento. Jogo pôquer com você há quinze anos; e sabe aquela besteira que estamos sempre repetindo de que, se algum dia as estradas fossem fechadas por causa de um terremoto, ainda poderíamos jogar pôquer pelo telefone?

Shelly inclinou a cabeça.

— Bem, quer saber o que mais? Não é besteira não! Acredito nisso. É possível que sejamos o único grupo de pôquer no mundo que poderia fazer isso.Acredito em você e em todos os rapazes, de olhos fechados. Então, vá trabalhar para mim, Shelly. Droga, vou ter você nas quadras de tênis por tantas horas treinando para os jogos do nacional que você seria despedido de qualqueroutro emprego.

Shelly concordou em ir trabalhar para Willy. Com o mesmo salário de sessenta mil dólares que ele tinha no último emprego. Mais as comissões. Mas isso não era tudo. Willy queria proteger o jogo, queria uma garantia de que Shelly poderia continuar a jogar.

— Sabe aquele iate de um milhão de dólares? Eu me diverti muito nele, masnão é uma diversão de um milhão de dólares, não como a diversão que tenhono jogo. Não tem comparação. Se eu tivesse que desistir, do iate ou do jogo, obarco seria coisa do passado num piscar de olhos. Quero que o jogo continuepara sempre, exatamente como tem sido sempre. E vou lhe dizer a verdade, nãogostei tanto dos dois últimos jogos sem você. O Dillon pegou o seu lugar, ele é

tenso, apertando tão forte as suas cartas, que as rainhas estavam chorando. Noventa por cento das mãos, ele sai sem nem mesmo ficar para *o flop.* Noite insípida. Uma parte da vida tinha desaparecido do jogo. Perca um cara central como você e toda a coisa desmorona. Então me diga, Shelly, e juro por Deus que isto fica entre você e eu. Quanto você precisa para jogar?

Shelly explicou que um cacife de quarenta mil o tinha mantido durante quinze anos, e ainda estaria mantendo se não fosse por aquela maré de cartas do inferno. Willy prontamente se ofereceu a bancar os quarenta mil. Um empréstimo de dez anos, renovável, sem juros, do qual Norma não seria informada.

Shelly hesitou.

—Vamos chamar... disse Willy — de um bônus de assinatura.

—Bem... — Shelly vacilou.

Willy entendeu e procurou instantaneamente uma melhor maneira de oferecer o dinheiro sem comprometer o relacionamento entre eles.

— Espere, tenho uma sugestão melhor, Shelly. Vamos cortar dez mil do seusalário oficial, o salário do qual Norma ficaria sabendo, e eu lhe darei um adiantamento de quarenta mil, escondido numa conta fora do país, nas Bahamas;e estaremos quites em quatro anos. De qualquer maneira, as comissões vãosuperar o seu salário.

E foi assim que Shelly conseguiu seu cacife. E um emprego. E um ingresso para o jogo para todo o sempre. E, agora, nem mesmo Norma poderia negar as vantagens comerciais do seu pequeno jogo de pôquer social. *Que dia!,* pensou Shelly depois da conversa entre eles, enquanto estava numa longa fila para coletar seu bilhete vencedor de vinte mil dólares. *Um dia quase perfeito. Só uma coisinha: se ao menos, se ao menos esta conversa tivesse acontecido na semana passada! Ou ontem. Ou mesmo esta manhã! Eu estaria na fila de cem dólares com um punhado de bilhetes. Oito-oítenta! Deus do céu, que cavalo!*

Marshal chegou cedo ao Avocado Joes, um grande cassino com um néon vistoso que tinha um conversível Mazda Miata vermelho flamejante em exibição logo na entrada da frente — um prêmio promocional a ser dado no próximo mês, explicou o porteiro. Depois de mergulhar por dez ou 15 degraus na densa nuvem de fumaça de cigarro, Marshal olhou rapidamente para todos os lados e então deu meia-volta e voltou ao seu carro. Ele estava vestido exagera-damente bem demais e a última coisa que ele queria fazer era chamar a atenção para si próprio. Os jogadores mais bem-vestidos no Avocado Joe's estavam usando os blusões de aquecimento dos Forty-niners de São Francisco.

Marshal respirou profundamente algumas vezes para limpar os pulmões e depois se dirigiu ao

seu carro num canto mais escuro do bem iluminado estacionamento. Depois de se certificar que não havia observadores, subiu no assento traseiro, tirou a gravata e a camisa branca, abriu a bolsa de ginástica e colocou a parte de cima do seu conjunto de aquecimento. Ainda não estava certo, com sapatos pretos engraxados e calça azul-marinho: chamaria menos atenção para ele mesmo se fizesse o serviço completo. Calçou, então, os tênis de basquete e se enfiou na calça de aquecimento, escondendo o rosto das duas mulheres que tinham se aproximado do lugar e assobiado quando olharam para dentro do seu carro.

Marshal esperou até que elas tivessem ido embora, deu uma última respirada de ar puro e voltou a mergulhar no Avocado Joe's. A enorme galeria principal estava dividida em dois salões de jogos, um para o pôquer ocidental, outro para o jogo asiático. O salão ocidental tinha 15 mesas em forma de ferradura forradas com feltro verde, cada uma iluminada por um lustre pendurado que imitava o estilo Tiffany e cada uma cercada por dez assentos para os jogadores e um assento central do carteador. Máquinas de Coca-Cola ocupavam três cantos do salão e o quarto continha uma grande máquina de vender lotada de bonecas e bichos de pelúcia baratos. Por quatro moedas de um quarto de dólar, era possível comprar o privilégio de manobrar um grande conjunto de pinças numa tentativa de agarrar um dos prêmios. Marshal não via uma dessas desde que era garoto, quando caminhava pelo passeio de tábuas de Atlantic City.

Todas as 15 mesas estavam jogando o mesmo jogo: o Texas Hold'Em. Só diferiam no valor da aposta permitida. Marshal caminhou até uma mesa de cinco e dez dólares e, de pé atrás de um dos jogadores, observou uma mão. Tinha lido o suficiente do folheto que Shelly tinha deixado com ele para entender os rudimentos do jogo. Cada jogador recebia duas cartas viradas para baixo, fechadas. Em seguida, cinco cartas comunitárias eram viradas com a face para cima, as três primeiras de uma só vez *(o flop),* as duas seguintes uma de cada vez *(fourth street efifth street).*

Muito dinheiro estava sendo apostado na mão. Marshal começou a se aproximar da borda da mesa para olhar melhor quando Dusty, o supervisor, de cabelos ruivos, fumando cigarilha, parecido com Alan Ladd e que não precisava de nenhuma ajuda de qualquer espécie para autoconfiança, aproximou-se a largas passadas e olhou Marshal de alto a baixo, concentrando-se particularmente nos seus tênis de basquete infláveis.

—Ei, camaradinha — disse ele a Marshal —, o que está fazendo aqui? Intervalo do jogo?

—Assistindo — respondeu Marshal —, enquanto espero meu amigo chegar e, então, planejamos jogar.

—Assistindo? Você deve estar de gozação! Acha então que pode simplesmente ficar aqui de pé e assistir? Já pensou como os jogadores poderiam se sentir sobre isso? Olha, aqui, a gente se preocupa com os sentimentos. Como se chama?

—Marshal.

—Certo, Marshal, quando estiver pronto para jogar, venha falar comigo e eu coloco seu nome na lista de espera. Todas as mesas agora estão lotadas.

Dusty começou a se afastar, mas, então, virou-se e sorriu: — Ei, estou contente de ter você aqui, Xerife. Falo sério. Bem-vindo ao Avocado Joes. Mas, enquanto isso, até você começar a jogar, você quer fazer alguma coisa, qualquer coisa... *não* faça. Venha falar comigo antes. Se quiser assistir, vá para lá — ele instruiu, mostrando com um gesto a distante galeria atrás de uma divisória de vidro —, ou para o salão asiático — lá você tem muita ação e é ótimo para assistir.

Enquanto se afastava, Marshal ouviu Dusty dizer a um dos carteadores que estava saindo de uma mesa para um intervalo: — Ele quer assistir! Acredita nisso? Estou surpreso que ele não tenha trazido a sua câmera!

Sentindo-se acanhado, Marshal voltou discretamente para a galeria e perscrutou a cena. No centro de cada mesa de dez jogadores sentava-se o carteador, usando uma calça escura e um colete

floral brilhante, o uniforme da casa. A intervalos de alguns minutos, Marshal via o ganhador de cada mão lançar uma ficha para o carteador, que este estalava habilmente na mesa antes de jogá-la no bolso interno do seu colete. Um costume, imaginou Marshal, que tinha como objetivo sinalizar ao gerente do salão que o carteador estava colocando no seu bolso o dinheiro da sua gorjeta pessoal, e não o dinheiro da casa. Era um costume arcaico, é claro, já que a ação em cada mesa estava sendo inteiramente televisionada para exame posterior, se surgissem quaisquer irregularidades. Normalmente um homem não sentimental, Marshal recebeu com alegria esta pequena reverência ao ritual no Avocado Joes, um templo do oportunismo materialista de estalidos incessantes e um ritmo alucinante.

No início de cada rodada do Texas Hold'Em, três dos dez jogadores, sucessivamente, eram forçados a pingar. O carteador dividia o pingo em três partes: uma parte ficava na mão, outra parte era depositada na fenda da casa — para pagar o aluguel da casa pelo jogo — e a terceira ia para a fenda do *jackpot,* que, de acordo com um cartaz na parede, era pago quando alguém tivesse uma mão capaz de ganhar de um *full hand* de ás sobre dez. *O jackpot* estava perto dos dez mil dólares, cuja maior parte ia para o ganhador e para a segunda melhor mão, mas parte dele era dividida pelos outros jogadores da mesa. Em intervalos de aproximadamente vinte minutos, o carteador tirava uma folga e um substituto assumia seu lugar. Marshal viu jogadores que tinham se saído bem durante o turno de um carteador deslizar algumas fichas extras quando ele estava saindo para o seu descanso.

Marshal tossiu e tentou expelir parte da fumaça de cigarro das suas narinas. Usar uma roupa de ginástica no Avocado Joes era irônico, já que o cassino era um santuário da má saúde. Todo mundo parecia doente. Todos à sua volta tinham rostos amarelados, sombrios. Muitos dos jogadores estavam naquilo há dez ou 15 horas consecutivas. Todo mundo estava fumando. A carne de vários indivíduos obesos transbordava pelas fendas de suas cadeiras. Duas garçonetes anoréxicas moviam-se rapidamente, cada qual se abanando com uma bandeja vazia; vários jogadores tinham ventiladores elétricos em miniatura colocados diante deles para afastar a fumaça; vários jogadores devoraram a comida enquanto jogavam — camarão com molho gelatinoso de lagosta era o jantar especial. O código de roupas era o casual-bizarro: um homem com uma barba branca cortada irregularmente usava chinelos turcos com bico curvo pontudo e um fez rubro; havia outros com pesadas botas de caubói e chapéus monstruosos; alguém estava com uma roupa de marinheiro japonês de cerca de 1940; muitos estavam com roupas de trabalho de escritório; e várias mulheres idosas usavam vestidos florais bem-cuidados no estilo dos anos 1950, abotoados até o queixo.

Por toda a parte, conversas sobre o jogo. Não dava para fugir disso. Algumas sobre a loto estadual da Califórnia; Marshal ouviu alguém prendendo a atenção de um pequeno grupo com uma descrição de como as apostas de El Camino tinham sido abiscoitadas naquela tarde por um azarão de noventa por um que terminou o páreo aos trancos. Nas proximidades, Marshal viu um homem dar um maço de notas à namorada e dizer: "Lembre-se, não importa o que eu faça, não importa o quê, mesmo que eu suplique, ameace, pragueje, chore, o que quer que seja, me diga que é para eu sumir da frente, me dê uma joelhada no saco, use seu caratê se for preciso. *Mas não devolva este maço para mimí* Estas são as nossas férias no Caribe. Saia correndo daqui e pegue antes um táxi até em casa". Outro gritou para o gerente do salão para colocar na tela o jogo de hóquei dos Sharks. Havia uma dúzia de aparelhos de televisão, cada um mostrando um jogo diferente de basquete, cada um rodeado pelos clientes que tinham algum interesse naquele jogo. Todo mundo estava apostando em alguma coisa.

O Rolex de Marshal mostrou que faltavam cinco minutos para as 20:00h. O sr. Merriman deveria chegar a qualquer momento e Marshal decidiu esperar por ele no restaurante, um pequeno salão esfumaçado dominado por um grande bar de carvalho. Vidro imitando o estilo Tiffany por toda a parte: lustres, cinzeiros, expositores de vidro, painéis. Um canto da sala abrigava uma mesa de sinuca em torno da qual uma grande multidão de espectadores-apostadores assistia a um jogo intenso de bola-oito.

A comida era tão pouco saudável quanto o ar. Nenhuma salada no cardápio; Marshal estudou seguidas vezes os itens, procurando pelo prato menos tóxico. A garçonete anoréxica respondeu

apenas "Hein? — quando Marshal perguntou sobre a possibilidade de legumes ao vapor. E "Hein?" de novo quando ele perguntou sobre o tipo de óleo usado no camarão e molho de lagosta. Finalmente, ele pediu rosbife sem molho e tomates e alfaces fatiadas — a primeira carne que comeria em anos, mas, pelo menos, saberia o que estaria comendo.

— Ei, doutor, como vai? Ei, Sheila — disse Shelly enquanto gesticulava, jogando um beijo para a garçonete —, me traga o que quer que o doutor esteja comendo. Ele sabe o que faz bem. Mas não se esqueça do molho. — Ele se debruçou sobre a mesa do lado e apertou as mãos com um comensal que lia a tabela de corridas. — Jason, tenho um cavalo para você! O *derby* de Del Mar em duas semanas. Economize. Vou te enriquecer, e todos os seus descendentes também. Falo com você depois; tenho alguns negócios com meu camarada aqui.

Sem dúvida alguma ele estava em seu elemento, pensou Marshal. — O senhor parece animado esta noite, sr. Merriman. Um bom torneio de tênis?

—O melhor. O senhor está dividindo a mesa com metade da dupla campeã do campeonato de duplas da Califórnia! Mas, sim, estou me sentindo bem, doutor, graças ao tênis, graças aos meus amigos e graças ao senhor.

—Então, sr. Merriman...

—Psiu, doutor. Nada de "sr. Merriman". Precisa se misturar. Precisa passar. "Shelly", aqui. "Shelly" e "Marshal", certo?

—Certo, Shelly. Podemos ir em frente com a nossa agenda desta noite? Você ia me detalhar os meus deveres. Preciso lhe dizer que tenho pacientes que começam amanhã de manhã bem cedo e, portanto, não posso ficar muitas horas. Lembre-se: um limite de duas horas e meia, 150 minutos, e estou fora.

—Entendido. Vamos ao trabalho.

Marshal inclinou a cabeça enquanto cortava fora cada nódulo de gordura do rosbife, fez um sanduíche, cobriu-o com tomate fatiado e alface murcha, verteu ketchup e mastigou enquanto Shelly descrevia em linhas gerais as atividades da noite.

— Você leu o folheto que dei sobre o Texas Hold'Em?Marshal inclinou de novo a cabeça.

—Bom. Então entende o suficiente para se virar. Basicamente, tudo o que quero é que você saiba o bastante para não chamar atenção para você mesmo. Não quero que você se concentre nas suas próprias cartas e não quero que você jogue: quero que me observe. O seguinte: tem uma mesa de vinte-quarenta dólares que vai abrir logo. É assim que funciona: a aposta obrigatória gira — três caras precisam colocar dinheiro em cada mão. Um deles põe cinco dólares — é o que chamam de *butt,* ou "fundo", e é a comissão da casa: o aluguel sobre a mesa e o carteador. O outro cara é o *blind* ou "escuro", que aposta vinte dólares no escuro. O cara depois dele, o *double blind* ou "escuro pequeno", coloca dez mangos. *Capisce* até aqui?

—Isso significa — perguntou Marshal — que o cara dos vinte dólares então pode ver *oflop* sem colocar mais dinheiro?

—Certo. A menos que haja um aumento. Isso significa que você pagou pelo *flop* e deve conseguir vê-lo uma vez por rodada. Provavelmente, haverá nove jogadores; portanto, uma vez a cada nove mãos. Nas outras oito, você desiste.

Não pague a primeira aposta. Repito, doutor, *não pague.* Isto significa que, em cada rodada completa, você terá a aposta obrigatória até três vezes, num total de 35 mangos. A rodada inteira de nove mãos deve durar mais ou menos 25 minutos. Então, você deve perder setenta mangos por hora, no máximo. A menos que você faça algo estúpido e tente jogar uma mão.

— Quer sair em duas horas? — continuou Shelly, quando a garçonete trazia seu rosbife

flutuando em muito molho. — Vou lhe dizer o seguinte. Vamosjogar por uma hora e trinta ou quarenta minutos e então conversar durantemeia hora depois disso. Decidi cobrir todos os seus prejuízos, estou me sentindo generoso hoje, então aqui estão cem mangos. — Ele pescou uma nota decem dólares e tirou da carteira.

Marshal pegou a nota. — Vejamos... cem... o total está certo? — Ele pegou uma caneta e escreveu no guardanapo. — Trinta e cinco dólares a cada 25 minutos e você quer jogar por uma hora e quarenta minutos. Cem minutos. Isso dá um total de 140 dólares. Certo?

— Tá, tá. Aqui estão outros quarenta. E, olha, aqui estão mais algumas decem. Só um empréstimo, durante esta noite. Melhor comprar trezentos dólares em fichas para começar, parece melhor, não vai chamar a atenção paravocê como um caipira local. Você troca por dinheiro quando formos embora.

Shelly continuou, devorando o rosbife com o pão encharcado com molho. — Agora ouça com muita atenção, doutor: se perder mais que 140, você estará por sua própria conta e risco. Porque a única maneira disso acontecer é jogar com as suas cartas. E eu não o aconselharia a fazer isso; esses caras são bons. A maioria deles joga três, quatro vezes por semana, e muitos deles ganham a vida fazendo isto. *E mais uma coisa,* se você jogar com as suas cartas, não ficará estudando o que estou fazendo. E é esse o objetivo deste esquema. Certo?

— Seu livro — disse Marshal — diz que existem algumas mãos valiosas que deveriam ver *oflop* todas as vezes: pares altos, ás-rei do mesmo naipe.

— Droga, não. Não no meu tempo. Depois que eu sair, doutor, a bola vai estar com você. Jogue tudo o que quiser.

— Por que *seu* tempo? — perguntou Marshal.

— Porque estou pagando todas as suas apostas obrigatórias para ver todas aquelas cartas. E, além de tudo, esta ainda é minha hora de terapia oficial, mesmo sendo a última sessão.

Marshal inclinou a cabeça. — Bem, acho que sim.

— Não, não, espera, doutor. Vejo de onde você está tirando isso. Quem entende melhor do que eu como é difícil desistir de uma boa mão? Isso seria uma punição cruel e fora do normal. Vamos chegar a um meio-termo. A qualquer momento em que suas duas primeiras cartas forem um par de ases, de reis ou de rainhas, você paga a aposta para ver *oflop.* Se *oflop* não melhorar sua mão, quer dizer, se você não fizer uma trinca de reis ou dois pares *no flop, então* você desiste da mão: você não paga mais uma aposta. E então, é claro, dividiremos meio a meio todos os ganhos.

—Meio a meio? — perguntou Marshal. — É legal os jogadores da mesma mesa dividirem os ganhos? E ficamos também no meio a meio nos prejuízos que eu tiver?

—O.k. Certo. Estou me sentindo generoso — você fica com todos os ganhos, mas precisa concordar em jogar somente nos pares de ases, rainhas ou reis. Desista de todas as outras mãos. Mesmo ás-rei do mesmo naipe! Faça de qualquer outra maneira e todos os prejuízos serão seus. Estamos conversados agora?

—Estamos.

— Vamos conversar agora sobre a coisa mais importante: a razão por quevocê está aqui. Quero que você me observe quando aposto. Vou blefar bastante esta noite; então, fique olhando para ver se deixo à vista alguma espécie de"gesto denunciador"; você sabe, o tipo de coisa que você percebeu no seu consultório: o pé se mexendo, coisa desse tipo.

Alguns minutos depois, Marshal e Shelly ouviram pelo alto-falante seus nomes serem chamados para participar do jogo vinte-quarenta. Todos os receberam amavelmente. Shelly cumprimentou o carteador: — Como vai, Al? Aqui, me dê quinhentos dólares daquelas redondas e cuide bem do meu

amigo aqui, um principiante; estou tentando corrompê-lo e preciso da sua ajuda.

Marshal comprou trezentos dólares em fichas — uma pilha de fichas vermelhas de cinco dólares e outra pilha de fichas de listras azuis e brancas de vinte dólares. Na segunda mão, Marshal era o *blind* — teve que apostar vinte dólares nas duas cartas fechadas e conseguiu ver *o flop:* três espadas de baixo valor. Marshal estava com duas cartas de espadas — um dois e um sete — e, portanto, tinha um *flush* em cinco cartas. A carta seguinte aberta, o *fourth street,* era também uma carta baixa de espadas. Marshal, deslumbrado com o seu *flush,* desafiou as instruções do Shelly e continuou durante o restante da mão, duas vezes pagando apostas de quarenta dólares. No final da mão, todos os jogadores viraram as cartas para cima. Marshal exibiu seu dois e sele de espadas e disse orgulhosamente: *"Flush".* — Mas outros três jogadores tinham *flushes* maiores.

Shelly se debruçou e disse, o mais gentilmente possível: — Marshal, quatro espadas no *flop,* isso significa que *todo mundo* com pelo menos uma carta de espadas tem um *flush.* Suas seis cartas de espadas não são melhores que as cinco espadas de qualquer outro e suas sete cartas de espadas estão fadadas a serem derrotadas por uma carta de espadas maior. Por que você pensou que os outros jogadores continuaram na aposta? Sempre se pergunte isso. Eles tinham que *terflushesl* Neste ritmo, meu amigo, calculo que vai perder aproximadamente novecentos dólares por hora do *seu* — Shelly enfatizou o "seu" — dinheiro duramente ganho.

Ouvindo sem querer esses comentários, um dos jogadores que estava contando suas fichas — um homem negro alto vestindo um Borsalino cinza e um Rolex no pulso — disse: — Cara, estava quase trocando as fichas por dinheiro e saindo da mesa... ir dormir um pouco... mas... ahn, um sujeito jogando *flush* com sete sendo a maior carta... ah, acho que vou ficar por aqui mais um tempo.

Marshal ruborizou com a observação e o carteador disse num tom tranqüilizador: — Não deixe que eles te perturbem, Marshal. Tenho a sensação de que você vai pegar o jeito beeeeem rapidinho, e quando pegar, vai dar um chute no traseiro de alguém. — Marshal iria aprender que um bom carteador era um terapeuta de grupo frustrado e era sempre possível contar com ele para acalmar os sentimentos e oferecer apoio: tranqüilidade na mesa era sempre sinônimo de ótimas gorjetas.

Depois disso, Marshal jogou conservadoramente e desistiu de todas as mãos. Ele ouviu algumas chacotas afáveis por jogar tão tenso, mas Shelly e o carteador o defenderam e insistiram que tivesse paciência até que se familiarizasse com a coisa. Então, meia hora depois, ele recebeu um par de ases e *oflop* era um ás e um par de dois, dando-lhe um *full hand* com ás na cabeça. Não foram muitos os jogadores que pagaram a aposta na sua mão, mas ainda assim Marshal coletou uma mesa de 250 dólares. Marshal passou o resto do tempo observando Shelly atentamente como um falcão, ocasionalmente rabiscando discretamente num pequeno bloco de anotações. Ninguém pareceu se importar com ele tomando notas, exceto uma mulher pequena asiática, quase inteiramente escondida pelas pilhas bem altas de fichas vencedoras, que se esticou, inclinou-se sobre sua pilha de fichas preto-e-branco de vinte dólares e disse a Marshal, apontando para o bloco de anotações: — E não se esqueça, uma seqüência grande bate um *full hand* miudinho! Hee-hee-hee.

Shelly era de longe o apostador mais ativo na mesa e parecia saber o que estava fazendo. Mesmo assim, quando tinha uma mão vencedora, poucos jogadores pagavam sua aposta para continuar no jogo. E quando ele blefava, mesmo com a melhor posição possível na mesa, um ou dois jogadores com mãos fracas sempre pagavam e ganhavam dele. Quando alguém mais apostava uma mão fechada, Shelly insensatamente permanecia. Embora Shelly tivesse cartas acima da média, sua pilha de fichas declinou continuamente e, ao final de noventa minutos, ele tinha acabado com seus quinhentos dólares. Não levou muito tempo para Marshal descobrir o motivo.

Shelly levantou-se, jogou para o carteador as suas poucas fichas restantes como gorjeta e foi em direção ao restaurante. Marshal trocou as suas fichas, não deixou nenhuma gorjeta e seguiu Shelly.

—Pegou alguma coisa, doutor? Alguns gestos denunciadores?

—Bem, Shelly, você sabe que sou um amador, mas me parece que a única maneira pela qual você conseguiria contar mais a eles sobre as suas mãos seria semaforicamente.

—Hem? Tenta de novo.

—Você sabe, aquele sistema de bandeirolas que os navios usam para fazer sinais para outros navios.

—Ah, tá. Mau assim, hein? Marshal assentiu com a cabeça.

—Que tal uns exemplos? Me dê os detalhes.

— Bem, para começar, você lembra das mãos muito boas que você teve.Contei seis: quatro *full houses,* uma seqüência alta e um *flush* alto?

Shelly sorriu melancolicamente, como se lembrando de velhos amores. — É, lembro de cada uma delas. Não eram maravilhosas?

—Bem — continuou Marshal —, notei que qualquer outro na mesa que teve boas mãos sempre ganhou mais dinheiro que você com mãos comparáveis. Muito mais dinheiro: pelo menos o dobro ou o triplo. Na verdade, eu nem deveria chamar suas mãos de "boas mãos", talvez mãos razoáveis, porque você nunca ganhou uma mesa grande com nenhuma delas.

—E isso quer dizer...?

—Quer dizer que quando você tinha uma mão razoável, a notícia se espalhava como um rastilho de pólvora na mesa.

—Como é que eu sinalizava?

—Bem, deixe-me passar pelas minhas observações. Parece-me que quando você tem cartas ótimas, você as aperta.

—Aperto-as?

—É, protege-as como se tivesse o Forte Knox na sua mão. Aperta tão forte que entorta as rodas da bicicleta. E, outra coisa, quando consegue um *full hand,* você fica olhando para as suas fichas antes de apostar. Vejamos, tinha mais alguma coisa... — Marshal estudou suas anotações. — Ah, está aqui. Toda vez que você consegue uma mão ótima, você olha para longe da mesa, para bem longe, como se estivesse tentando assistir a um dos jogos de basquete da tevê, tentando, imagino, fazer com que os outros jogadores pensem que você não está muito interessado na mão. Mas se você estiver blefando, você fica bem de cara com todo mundo, como se estivesse tentando derrubá-los com um olhar, intimidá-los, dissuadi-los de apostar.

— Tá brincando, doutor? Eu faço isto? Não acredito. Sei tudo isto. Está tudo no *Livro dos gestos denunciadores de Mike Caro.* Mas não sabia que eu fazia isso. — Shelly se levantou e deu a Marshal um forte abraço.

— Doutor, é isto que eu chamo de terapia! Terapia de primeira linha! Mal posso esperar para voltar para aquele jogo. Vou reverter todos os meus gestos denunciadores. Vou dar um nó tão grande na cabeça deles que aqueles palhaços nem vão saber o que foi que os atingiu.

— Espera! Tem mais. Quer ouvir?

— Claro. Mas vamos rápido. Quero ter certeza de que consigo aquele lugar de volta na mesa. Pensando melhor, quero guardar pra depois. — Shelly foi correndo até Dusty, o supervisor, deu um tapa no ombro dele, cochichou alguma coisa para ele e deslizou um dez para ele. Voltando rapidamente até Marshal, Shelly era todo ouvidos.

— Continue em frente — você está numa onda de sorte.

— Duas coisas. Se você olha para as fichas, faz talvez uma contagem rápida, então não há dúvida:

você conseguiu uma ótima mão. Acho que já disse isso. Mas o que eu não disse é o seguinte: quando você blefa, nunca olha para as suas fichas. E, então, uma coisa mais sutil: baixo nível de confiança neste aqui... Desembuche por mim. Qualquer coisa que você lenha a dizer, doutor, eu quero ouvir! Quero te dizer, você está cuspindo ouro!

—Bem, parece-me que, quando você tem uma boa mão, você coloca a sua aposta na mesa com grande delicadeza. E bem perto de você; não estica muito o seu braço. E quando blefa, você faz o oposto; mais agressivo, você arremessa as fichas exatamente no centro da mesa. Também quando você blefa, muitas vezes, mas nem sempre, você parece olhar muitas vezes seguidas as suas cartas vazias, como se esperasse que elas mudassem. Uma última coisa: você continua até o fim quando todos os outros na mesa parecem saber que o cara tem uma mão fechada. Imagino, então, que você esteja jogando demais com as suas cartas e não esteja jogando com o outro cara. Bem, é isso. — Marshal começou a rasgar a sua página de anotações.

—Não, não, doutor. Não rasgue. Deixe-me ficar com ela. Vou colocar numa moldura. Não, não, vou lacrá-la em plástico e carregar comigo — um amuleto de boa sorte, a pedra de toque da fortuna do Merriman. Escuta, tenho que ir — aquela oportunidade única... — Shelly acenou em direção à mesa de pôquer da qual eles tinham acabado sair. — Pode ser que aquele grupo especial de trouxas nunca mais volte a se reunir. Ah, sim, quase esqueci. Aqui está a carta que prometi a você.

Ele entregou uma carta e Marshal a examinou de ponta a ponta:

A quem possa interessar:

Atesto por meio desta que recebi um excelente tratamento do dr. Marshal Streider. Considero-me inteiramente recuperado de todos os efeitos nocivos que sofri em decorrência do meu tratamento com o dr. Pande.

Shelly Merriman

—Que tal? — perguntou Shelly.

—Perfeito — disse Marshal. — Agora, só falta colocar a data.

Shelly datou a declaração e, então, expansivamente, acrescentou uma linha.

Por meio desta, abro mão de quaisquer reclamações legais contra o Instituto Psicanalítico Golden Gate.

—Que tal?

—Ainda melhor. Obrigado, sr. Merriman. Amanhã, colocarei no correio a carta que prometi.

—Isso nos deixará quites. Uma mão lava a outra. Sabe, doutor, estive pensando... primeiros estágios, nada muito planejado ainda, mas o senhor poderia ter toda uma nova carreira em aconselhamento para pôquer. O senhor é fantástico nisso. Ou acho que é, vamos ver o que acontece quando eu voltar para a mesa. Mas vamos almoçar algum dia. Eu poderia ser convencido a atuar como seu agente. Basta dar uma olhada geral para este lugar, centenas de perdedores com seus pequenos castelos no ar, morrendo de vontade de melhorar. E outros cassinos são bem maiores... o Garden City, o Club 101... eles pagariam qualquer coisa. Eu conseguiria lotar sua clínica num instante, ou conseguiria encher um auditório para um *workshop;* duas centenas de jogadores, cem mangos por cabeça, vinte mil por dia. Eu receberia os honorários de um agente regular, é claro. Pense nisso. Preciso ir. Te telefono. A oportunidade me chama.

E, com isso, Shelly voltou à mesa de pôquer, cantando "Zip-a-dee-doo-dah, zip-a-dee-ay".

Marshal caminhou para fora do Avocado Joes até o estacionamento. A hora era 23:30h. Em meia hora, ele telefonaria para Peter.

VINTE E UM

Naquela noite antes de sua próxima sessão com Carolyn, Ernest teve um sonho intenso. Sentou-se na cama e o anotou: *Estou correndo por um aeroporto. Reconheço Carolyn numa multidão de passageiros. Estou contente em vê-la e corro até ela e tento lhe dar um grande abraço, mas ela deixa a bolsa na frente, tornando-o um abraço volumoso e insatisfatório.*

Ao pensar sobre seu sonho de manhã, ele lembrou de sua resolução depois da conversa com o Paul: "A verdade me colocou nisto e a verdade irá me tirar disso." Ernest decidiu fazer algo que nunca havia feito antes. Iria contar seu sonho à sua paciente.

Na sessão seguinte, Carol ficou intrigada quando Ernest lhe contou sobre o sonho de dar um abraço nela. Depois da última sessão, ela tinha começado a se perguntar se poderia ter feito um mau julgamento de Ernest; estava perdendo as esperanças de que conseguiria incitá-lo a se comprometer. E aqui, hoje, ele lhe conta que sonhou com ela. *Talvez isto possa levar a algum lugar interessante,* pensou Carol. Mas sem convicção: ela não mais sentia que tinha qualquer controle da situação. *Para um psiquiatra, ele é inteiramente imprevisível,* ela pensou; praticamente em todas as sessões, Ernest fazia ou dizia alguma coisa que a surpreendia. E praticamente em todas as sessões, ele mostrava a ela alguma coisa sobre si mesma que ela não conhecia.

—Bem, Ernest, isto é muito estranho porque tive um sonho com você na noite passada. Não é a isto que Jung chamou de "sincronicidade"?

—Não exatamente. Por "sincronicidade", acho que Jung se referia a uma concordância de dois fenômenos relacionados, um ocorrendo no mundo subjetivo, o outro no mundo físico, objetivo. Lembro que ele descreveu em algum lugar sobre ter trabalhado com o sonho de uma paciente que envolvia um antigo escaravelho egípcio e depois ter notado que um besouro vivo estava voando contra a vidraça como se estivesse tentando entrar na sala.

— Nunca entendi o significado daquele conceito — continuou Ernest.— Acho que muitas pessoas ficam tão pouco à vontade com a pura contingência da vida que encontram conforto em acreditar em alguma forma deinterconexão cósmica. Nunca fui atraído por isto. De alguma forma, a idéia dealeatoriedade ou a indiferença da natureza nunca me perturbou. Por que umasimples "coincidência" é tão horrível? Por que deve ser considerada algo maisque coincidência?

"Quanto a sonharmos um com o outro, isso é digno de espanto? Parece-me que, dado o volume de contato que temos e a intimidade da nossa conexão, seria surpreendente se *não entrássemos* nos sonhos um do outro. Desculpe ficar falando assim, Carolyn, deve estar parecendo que estou fazendo um sermão. Mas as idéias como "sincronicidade" mexem com muitos sentimentos meus: muitas vezes sinto-me sozinho, caminhando com dificuldade na terra de ninguém entre o dogmatismo freudiano e o misticismo junguiano.

—Não, não me importo quando você fala sobre estas coisas, Ernest. Na verdade, gosto quando você me conta os seus pensamentos desse jeito. Mas você tem um hábito que realmente faz as coisas parecerem um sermão: você fica repetindo o meu nome a cada dois minutos.

—Não tinha a menor consciência disso.

—Você se importa que eu lhe diga isso?

—Importar? Fico encantado. Faz com que eu sinta que você está começando a me levar a sério.

Carol se inclinou e deu um aperto na mão de Ernest. Ele devolveu o aperto por um segundo e disse: — Mas temos trabalho a fazer. Voltemos ao sonho. Pode me dizer quais os seus pensamentos sobre ele?

—Ah, não! É *seu* sonho, Ernest. O que você pensa?

—Muito justo. Bem, freqüentemente a psicoterapia é simbolizada nos sonhos como alguma forma de jornada. Portanto, acho que o aeroporto representa a nossa terapia. Tento me aproximar de você, abraçá-la. Mas você coloca um obstáculo: a sua bolsa.

—E, então, Ernest, como você interpreta a bolsa? Eu me sinto um pouco esquisita, é como se estivéssemos trocando os papéis.

—De forma alguma, Carolyn, eu estou estimulando; nada é mais importante que sermos honestos um com o outro. Então, continuemos assim. Bem, o que vem à mente é que Freud salienta repetidamente que uma "bolsa" é um símbolo comum para os genitais femininos. Como já mencionei, não me restrinjo ao dogma freudiano, mas ainda tento não despejar o bebê junto com a água do banho. Freud teve tantos *insights* corretos que seria insensato ignorá-los. E uma vez, anos atrás, participei de um experimento no qual pedíamos às mulheres, sob hipnose, que sonhassem que um homem que elas desejavam vinham até sua cama. Mas foram instruídas a disfarçar o ato sexual explícito no sonho. Um número impressionante de mulheres usou uma bolsa como símbolo, isto é, um homem vindo até elas e inserindo alguma coisa na bolsa delas.

— Portanto, então, Ernest, o sonho significa que...?

— Acho que o sonho está dizendo que você e eu estamos embarcando naterapia, mas que você pode estar inserindo sexualidade entre nós de uma maneira que nos impede de sermos verdadeiramente íntimos.

Carol caiu em silêncio por alguns momentos e depois comentou: — Há uma outra possibilidade. Uma interpretação mais simples e direta: que, bem no fundo, você me quer fisicamente, que o abraço é um equivalente. Afinal de contas, não foi você quem iniciou o abraço no sonho?

— E o que você me diz — perguntou Ernest —, sobre a bolsa como um obstáculo?

— Se, como disse Freud, um charuto às vezes pode ser um charuto, o que você me diz sobre o equivalente feminino, que, às vezes, uma bolsa pode ser apenas uma bolsa... uma bolsa contendo dinheiro?

— Sim, entendo aonde você quer chegar... você está dizendo que a desejo como um homem deseja uma mulher e que o dinheiro, em outras palavras, nosso contrato profissional, torna-se obstáculo. E que me sinto frustrado com isso.

Carol fez um gesto de aprovação. — Sim, o que me diz *dessa* interpretação?

— Com certeza é mais parcimoniosa e não tenho a menor dúvida deque existe verdade nela, que se não tivéssemos nos conhecido como terapeuta e paciente, eu teria gostado de a conhecer de uma maneira pessoal,não-profissional. Conversamos sobre isso na nossa última sessão. Não fiz nenhum segredo de que a considero uma mulher bonita, cativante, com umamente maravilhosamente ativa e aguçada.

Carol sorriu radiantemente. — Estou começando a gostar cada vez mais desse sonho.

— Entretanto — continuou Ernest —, os sonhos são geralmente supradeterminados: não existe nenhuma razão para pensar que meu sonho não estejadescrevendo os desejos de ambos: meu desejo de trabalhar com você comoum terapeuta sem a intrusão nem o transtorno do desejo sexual *e* o desejo deconhecê-la como uma mulher sem a intrusão do nosso contrato profissional.É nesse o dilema que preciso trabalhar.

Ernest ficou maravilhado com o quanto ele tinha avançado nesta história de contar a verdade. Aqui estava ele — com total naturalidade, sem acanha-mento —, dizendo coisas a uma paciente que, poucas semanas antes, jamais teria se imaginado dizendo. E até onde ele era capaz de perceber, ele tinha a si próprio sob controle. Ele não mais sentia que estava sendo sedutor com Carolyn. Estava sendo franco, mas, ao mesmo tempo, responsável e lera peuticamente útil.

—E quanto ao dinheiro, Ernest? Às vezes, vejo você olhar de relance o relógio e acho que represento apenas um cheque para você e que cada tique-taque do relógio é simplesmente mais um dólar.

—O dinheiro não é um assunto importante para mim, Carolyn. Ganho mais do que consigo gastar e raramente penso em dinheiro. Mas preciso manter o controle do tempo, Carolyn. Exatamente como você faz quando atende um cliente e precisa manter um horário. Contudo, nunca quis que nosso tempo passasse rapidamente. Nem uma única vez. Espero ansiosamente vê-la, prezo nosso tempo juntos e a maioria das vezes fico triste quando nosso tempo acaba.

Carol voltou a cair em silêncio. Como era irritante perceber que ela se sentia lisonjeada com as palavras de Ernest. Como era irritante perceber que ele parecia estar falando a verdade. Como era irritante perceber que, às vezes, ele não mais parecia repulsivo.

—Outro pensamento que tive, Carolyn, foi sobre o conteúdo da bolsa. É claro, como você sugere, o dinheiro vem imediatamente à mente. Mas o que mais poderia estar recheando a bolsa que se torna um obstáculo para a nossa intimidade?

—Não sei bem o que você quer dizer, Ernest.

— Quero dizer que, talvez, você possa não estar me vendo como realmente sou por causa de algumas idéias preconcebidas ou preconceitos que estão atrapalhando. Talvez você esteja carregando alguma velha bagagem queestá bloqueando nosso relacionamento: mágoas de seus relacionamentos [lassados com outros homens, seu pai, seu irmão, seu marido. Ou, quem sabe, expectativas de uma outra era: pense em Ralph Cooke e com que freqüência você me disse:"Seja como o Ralph Cooke... seja meu amante-terapeuta." Num certo sentido, Carolyn, você está me dizendo: "Não seja *você,* Ernest, seja alguma outra coisa, seja alguma outra pessoa."

Carol não pôde evitar de pensar o quanto Ernest estava perto do alvo — mas não exatamente pelas razões que ele imaginou. Estranho o quanto ele ficou mais inteligente recentemente.

—E o seu sonho, Carolyn? Acho que não posso fazer mais com o meu agora.

—Bem, sonhei que estávamos juntos na cama, inteiramente vestidos, e acho que estávamos...

—Carolyn, você começaria de novo e tentaria descrever o sonho no tempo presente, como se estivesse acontecendo neste exato momento? Muitas vezes, faz reviver a emoção do sonho.

—Está certo, é assim que me lembro. Você e eu estávamos sentados...

—Você e eu *estamos* sentados. Fique no tempo presente —, Ernest se interpôs.

—Certo, você e eu estamos sentados ou deitados na cama inteiramente vestidos e estamos tendo uma sessão. Quero que você seja mais amoroso, mas você continua firme e mantém sua distância. Então, outro homem entra no quarto um homem grotesco, feio, atarracado, preto como carvão, e imediatamente decido tentar seduzi-lo. Faço isso com grande facilidade e fazemos sexo bem na sua frente na mesma cama. Durante todo o tempo, estou pensando que, se você vir o quanto sou sexualmente boa com ele, ficará mais interessado em mim e se aproximará e fará sexo comigo também.

—Os sentimentos no sonho?

—Frustração com você. Repugnância com a visão deste homem. Ele era nojento, emanava maldade. Não sei quem era ele, mas, contudo, eu realmente sabia. Era o Duvalier.

—Quem?

—Duvalier. Você sabe, o ditador haitiano.

—Qual a sua conexão com Duvalier? Significa alguma coisa para você?

—E essa a coisa curiosa. Absolutamente nada. Não penso no nome dele há anos. Estou espantada que tenha me ocorrido.

—Faça uma associação livre com Duvalier por um tempo, Carolyn. Veja o que aparece.

—Nada. Nem sei bem se algum dia vi a fotografia do homem. Tirano. Brutal. Sombrio. Bestial. Ah, sim, acho que li recentemente um artigo sobre ele estar vivendo na pobreza em algum lugar da França.

—Mas o velho está morto há muito tempo.

—Não, não, não é o velho. É o Duvalier mais jovem. O único que eles chamavam de "Baby Doe". Tenho certeza de que era o Baby Doe. Não sei como eu sabia, mas sei que era ele. Esse nome me veio à cabeça assim que ele entrou. Achei que tinha acabado de contar isso a você.

—Não, não contou, Carolyn, mas acho que é a chave do sonho.

—Como?

—Bem, em primeiro lugar, você rumina sobre o sonho. É melhor pegar as suas associações, exatamente como fizemos no meu sonho.

—Vejamos. Sei que estava me sentindo frustrada. Você e eu estávamos na cama, mas eu não estava chegando a lugar algum com você. Então esse homem desprezível aparece e faço sexo com ele, eca!; estranho que eu fizesse isso, e a lógica esquisita no sonho era que você veria meu desempenho e de alguma forma seria conquistado. Isso não faz sentido.

—Fale mais, Carolyn.

—Bem, não faz. Quer dizer, se eu fizer sexo com algum homem grotesco na sua frente, vamos falar sério, não vou conquistar o seu coração. Muito mais provavelmente você seria repelido, e não atraído, por aquilo.

—Isso é o que a lógica lhe diria, se tomássemos o sonho pelo valor aparente. Mas sei de um jeito que o sonho *faria* sentido. Vamos supor que o Duvalier não é o Duvalier, mas que, pelo contrário, represente alguém ou alguma outra coisa.

—Por exemplo?

—Pense no nome dele: "Baby Doe"! Imagine que este homem represente alguma parte de mim: o bebê, a parte mais primitiva ou desprezível em mim. No sonho, então, você espera ter relações com esta parte de mim, na esperança de que o restante de mim, a parte mais natural de mim, fosse também cativado.

"Você vê, Carolyn, que dessa maneira o sonho faria sentido? Se você pudesse seduzir alguma parte, algum *alter ego,* de mim e, então, o restante de mim poderia facilmente seguir o exemplo!"

Silêncio por parte de Carol.

—O que você acha, Carolyn?

—Inteligente, Ernest, uma interpretação bem inteligente. — E para si própria, Carol disse: *Mais inteligente do que você imagina!*

— Então, Carolyn, deixe-me resumir: minhas leituras dos dois sonhos, oseu e o meu, apontam para uma conclusão parecida: que, embora você venha me ver e professe fortes sentimentos dirigidos a mim e queira me tocare me abraçar, ainda assim você não quer realmente ficar íntima de mim. E,você sabe, essas mensagens oníricas são semelhantes aos meus sentimentosgerais sobre o nosso relacionamento. Várias semanas atrás, deixei claro que euestaria inteiramente aberto a você e abordaria honestamente todas as suasperguntas para mim. Mesmo assim, você nunca

buscou realmente esta oportunidade. Você diz que quer que eu seja seu amante, mas, exceto pelas perguntas sobre a minha vida no mundo dos solteiros, você nunca fez nenhuma tentativa de saber quem eu sou. Vou continuar persistindo com você neste ponto,Carolyn, porque é bem central, muito próximo do núcleo. Vou continuar ainsistir que você se relacione honestamente comigo, e para fazer isso, vocêtem que me conhecer e confiar em mim o bastante para se deixar revelarinteiramente na minha presença. E essa experiência será o prelúdio de vocêse tornar você mesma, no mais profundo sentido, com outro homem quevocê ainda irá conhecer.

Carol continuou em silêncio e olhou para o seu relógio.

—Sei que nosso tempo acabou, Carolyn, mas use mais um minuto ou dois. Consegue ir mais fundo nisto?

—Não hoje, Ernest — disse ela, e então se levantou e saiu rapidamente do consultório.

VINTE E DOIS

O telefonema de Marshal a Peter Macondo às 00:00h trouxe pouco conforto — ele meramente chegou a um gravador, em três idiomas, declarando que o Grupo Financeiro Macondo estava fechado durante o fim de semana e voltaria a abrir na segunda-feira de manhã. Nem a telefonista do serviço de informações de Zurique tinha um telefone da casa de Peter. Isso, obviamente, não era nenhuma surpresa: Peter tinha falado muitas vezes da Máfia e da necessidade dos ultra-ricos de proteger sua privacidade. Iria ser um longo fim de semana. Marshal teria que esperar e voltar a telefonar às 00:00h de domingo.

Às 2:00h da manhã, não conseguindo dormir, Marshal começou a esquadrinhar algumas das amostras farmacêuticas no seu armário de remédios em busca de um sedativo. Isto não era nada característico — ele freqüentemente vociferava contra tomar pílulas e insistia que o indivíduo corretamente analisado deveria lidar com o mal-estar psicológico somente através da introspecção e auto-analise. Mas, nesta noite, nenhuma auto-analise era possível: sua tensão estava lá nas alturas e ele precisava de alguma coisa para se acalmar. Finalmente, encontrou um certo Clor-Trimeton, um anti-histamínico sedante, engoliu dois comprimidos e dormiu intranquilo por algumas horas.

À medida que o fim de semana avançava, crescia a inquietação de Marshal. Onde estava Adriana? Onde estava Peter? Concentração era impossível. Ele lançou o último número do *The American Journal of Psychoanalysis* até o outro lado do quarto, não conseguiu gerar interesse em aparar o seu bonsai, não conseguiu sequer calcular seus lucros semanais com as ações. Gastou uma hora extenuante na academia com pesos livres, jogou num jogo de basquete na YMCA, fez *jogging* pela Golden Gate. Mas nada afrouxou a garra da apreensão que o envolvia.

Ele fingiu ser seu próprio paciente. *Acalme-se! Por que tal comoção? Vamos sentar e avaliar o que realmente aconteceu. Uma única coisa: a Adriana deixou de comparecer às suas horas marcadas. E daí? O investimento está seguro. Em dois dias... vejamos... em 33 horas... você estará conversando com o Peter pelo telefone. Você tem uma carta da Crédit Suisse garantindo o empréstimo. A ação da Wells Fargo caiu quase dois por cento desde que você a vendeu: o pior que poderia acontecer é você apresentar a nota do banco e recompiar as suas ações a um menor preço. Sim, pode estar acontecendo alguma coisa com a Adriana que você não atinou. Mas você não é um vidente; pode não compreender alguma coisa, às vezes.*

Intervenções terapêuticas sólidas, pensou Marshal. *Mas ineficazes vindo dele para ele mesmo. Existem limites para a auto-analise; como Freud fez todos aqueles anos?* Marshal sabia que precisava dividir suas preocupações com alguém. Mas quem? Não a Shirley: hoje em dia, eles falavam muito pouco sobre qualquer coisa e o tema do seu investimento com Peter era incendiário. Ela tinha sido contra isso desde o início. Quando Marshal tinha pensado alto sobre como eles gastariam o lucro de setecentos mil dólares, ela tinha respondido com um impaciente: "Vivemos em dois mundos separados". A palavra *ganância* saía dos lábios de Shirley mais e mais agora. Duas semanas atrás, ela tinha até sugerido que Marshal buscasse uma orientação do consultor budista dela para

enfrentar a cobiça que estava tomando conta dele.

Além de tudo, Shirley tinha planos de fazer uma caminhada pelo monte Tamalpais no sábado para procurar por material para o *ikebana.* Naquela tarde, quando estava de saída, ela disse que poderia passar a noite fora: precisava de algum tempo pessoal, um minirretiro de *ikebana/*meditação. Alarmado com a idéia de gastar o resto do fim de semana sozinho, Marshal pensou em dizer a Shirley que precisava dela e lhe pedir que não fosse. Mas Marshal Streider não suplicava; não era seu estilo. Além do mais sua tensão era tão palpável e contagiosa que, indubitavelmente, Shirley precisava fugir.

Marshal olhou impacientemente para um arranjo que Shirley tinha deixado: um ramo de damasco em forquilha coberta de líquen, um dos galhos se estendendo para longe e paralelamente à mesa, o outro galho se estendendo verticalmente. Na ponta do galho horizontal repousava uma única florescência branca de damasco. O braço que se esticava para cima estava rodeado por espirais de lavanda e ervilha-doce, que abraçavam suavemente dois copos-de-leite, um branco e o outro açafrão. *Que droga,* pensou Marshal.para *isto ela tem tempo!* Por que ela faz isto? Três flores... um copo-de-leite açafrão e branco de novo... ele estudou o arranjo durante um minuto inteiro, sacudiu a cabeça e então empurrou-o para baixo da mesa, fora da vista.

Com quem mais posso conversar? Meu primo Melvin? De jeito nenhum! Melvin pode oferecer um bom conselho de vez em quando, mas seria inútil agora. Não conseguiria suportar o desdém na sua voz. Um colega? Impossível! Não violei nenhum limite profissional, mas não tenho certeza se posso contar com que os outros — especialmente outros que me invejam — cheguem à mesma conclusão. Se uma só palavra disto vazar, poderei dar um beijo de adeus para sempre para a presidência do instituto.

Preciso de alguém — um confidente. Se ao menos Seth Pande ainda estivesse disponível! Mas cortei aquele relacionamento. Talvez eu não devesse ter sido tão duro com o Seth... Não, não, não, o Seth mereceu; era a coisa certa afazer. Ele recebeu exatamente o que estava destinado a ele.

Um dos pacientes de Marshal, um psicólogo clínico, falava muitas vezes sobre seu grupo de apoio de dez terapeutas homens, que se encontravam por duas horas em semanas alternadas. Não apenas as reuniões eram sempre úteis, afirmava seu paciente, mas os outros membros freqüentemente telefonavam um para outro em tempos de necessidade. Obviamente, Marshal desaprovava o seu paciente participar de um grupo. Em tempos mais conservadores, ele teria proibido. Apoio, afirmação, consolo — todas essas patéticas muletas meramente reforçam a patologia e atrasam o trabalho da verdadeira análise. Ainda assim, agora, neste momento, Marshal tinha fome de tal rede. Ele pensou nas palavras de Seth Pande na reunião do instituto sobre a falta de amizades masculinas na sociedade contemporânea. Sim, era disso que ele precisava — um amigo.

No domingo às 00:00h — 9:00h da manhã de segunda-feira, horário de Zurique — ele telefonou e acabou ouvindo apenas uma perturbadora mensagem gravada: "Você telefonou para o Grupo Financeiro Macondo. O sr. Macondo encontra-se num cruzeiro por nove dias. O escritório permanecerá fechado durante esse período, mas, se o assunto for urgente, deixe uma mensagem. As mensagens serão verificadas e não serão poupados esforços para enviá-las ao sr. Macondo.

Um cruzeiro? Um escritório daquela magnitude fechado por nove dias? Marshal deixou uma mensagem pedindo que o sr. Macondo telefonasse a ele sobre um assunto realmente urgente. Mais tarde, deitado e desperto, a idéia de um cruzeiro fez mais sentido. *Obviamente aconteceu alguma briga séria,* pensou ele, *ou entre Peter e Adriana ou entre Adriana e o pai e, numa tentativa de consertar, Peter tomou uma decisão impetuosa de fugir —partir com ou sem Adriana num cruzeiro no Mediterrâneo. Não é nada além disso.*

Mas, à medida que os dias passavam sem nenhuma palavra de Peter, Marshal ficou mais apreensivo com o seu investimento. Sempre Jiaveria a opção de resgatar a nota bancária, mas isso significaria o fim de qualquer possibilidade de lucro da generosidade de Peter: seria insensato entrar em pânico e sacrificar esta oportunidade única. E para quê? Por que Adriana faltou a uma consulta? Estupidez!

Na quarta às 1 l:00h, Marshal tinha uma hora livre. A hora de supervisão de Ernest ainda não tinha sido preenchida. Ele fez uma caminhada pela rua Califórnia, passou pelo Pacific Union Club onde tinha almoçado com Peter e, então, uma quadra adiante, subitamente voltou e subiu as escadas, atravessou o portão de mármore, passou pelas fileiras de caixas de correio de bronze lustrado e penetrou na diáfana luz da rotunda com cúpula de vidro. Lá, cercado nos três lados por sofás de couro cor de mogno, estava Emil, o reluzente mordomo de *smoking.*

As imagens do Avocado Joes entraram na mente de Marshal: os blusões dos Forty-niners, a densa fumaça de cigarro, o almofadinha negro cheio de jóias com o Borsalino cinza e o supervisor Dusty, repreendendo-o sobre ficar assistindo porque "a gente se importa com os sentimentos aqui". E os sons: o burburinho da ação no Avocado Joes, os estalidos das fichas, as bolas de bilhar colidindo, as gozações, a conversa sobre jogo. Os sons do Pacific Union Club eram mais apagados. A prataria e os cristais tiniam ligeiramente quando os garçons colocavam as mesas do almoço; os membros sussurravam educadamente sobre as compras no mercado de ações, os sapatos de couro italiano batiam de leve em passos apressados nos assoalhos de carvalho encerados.

Qual deles estava em casa? Ou ele tinha uma casa?, Marshal se perguntava, *como o fizera tantas vezes antes. A que lugar ele pertencia — ao Avocado Joes ou ao Pacific Union Club? Seria ele carregado pelo vento para sempre, sem âncoras, na região intermediária, gastando a vida tentando sair de um e tentando chegar até o outro? E se algum diabinho ou gênio lhe ordenasse É sua vez agora de decidir; escolha um ou o outro — sua casa por toda a eternidade,* o que ele latia? Pensamentos de sua análise com Scth Pande vieram à mente. *Nunca trabalhamos nisto,* pensou Marshal. *Não estar "em casa" nem ter uma amizade e, de acordo com Shirley, nem com dinheiro ou ganância tampouco. Um que diabo ele realmente trabalhou durante novecentas horas?*

Por ora, Marshal fingiu estar em casa no Club e caminhou em passos apressados até o mordomo.

—Emil, como vai? Dr. Streider. Meu companheiro de almoço, o sr. Macondo, me contou há algumas semanas da sua prodigiosa memória, mas mesmo você pode não se lembrar de um convidado depois de um único encontro.

—Ah, sim, doutor, lembro-me muito bem do senhor. E do sr. Macota...

—Macondo.

— Sim, perdão,*Macondo.* Pronto, não preciso dizer mais nada sobre a minha prodigiosa memória. Mas, realmente, lembro-me muito bem do seu amigo. Embora tenhamos nos encontrado uma única vez, ele deixou uma impressão indelével. Um cavalheiro fino e muito generoso!

—Você quer dizer, você se encontrou apenas uma vez *em São Francisco.* Ele me contou sobre ter se encontrado com você quando você era mordomo no clube dele em Paris.

—Não, senhor, o senhor deve ter se confundido. É verdade que trabalhei no Cercle Union Interalliée de Paris, mas nunca encontrei o sr. Macondo lá.

—Em Zurique, então?

—Não, em lugar nenhum. Estou bem certo de nunca ter visto o cavalheiro antes. O dia em que os dois almoçaram aqui foi a primeira vez que o tinha visto.

—Então, bem... o que você quer dizer?... Isto é, como ele o conhecia tão bem... quero dizer... como ele até sabia que você trabalhou no clube em Paris? Como ele se qualificou para almoçar aqui? Não, quero dizer, ele tem uma conta aqui? Como ele paga?

—Existe algum problema, senhor?

—Sim, e tem a ver com você fingindo conhecê-lo tão bem, fingindo que são tão velhos amigos.

Emil pareceu perturbado. Olhou de relance em seu relógio, depois olhou ao seu redor. A rotunda

estava vazia, o clube, em silêncio. — Dr. Streider, tenho alguns momentos livres antes do almoço. Vamos sentar e conversar por alguns momentos. — Emil apontou para uma sala do tamanho de um armário, logo ao lado da sala de jantar. Dentro, Emil convidou Marshal a se sentar e pediu permissão para acender um cigarro. Depois de exalar profundamente, ele disse: — Posso falar, francamente, senhor? E confidencialmente.por assim dizer? Marshal inclinou a cabeça. — É claro.

—Há trinta anos trabalho em clubes exclusivos. Mordomo nos últimos 15. Sou testemunha de tudo. Nada me escapa. Vejo, dr. Streider, que o senhor não tem familiaridade com esses clubes. Perdoe-me se estiver presumindo demais.

—Não, de forma alguma — disse Marshal.

—Uma coisa que o senhor deveria saber é que, nos clubes privados, uma pessoa está sempre tentando conseguir alguma coisa — algum favor, um convite, uma apresentação, um investimento, alguma coisa — de uma outra pessoa. E para... vamos dizer... azeitar esse processo, a pessoa tem que dar uma certa impressão para a outra. Eu, como todo mordomo, devo desempenhar meu papel nesse processo; tenho a obrigação de garantir que tudo corra harmoniosamente. Portanto, quando o sr. Macondo tagarelou comigo naquela mesma manhã e perguntou se eu tinha trabalhado em qualquer outro clube europeu, naturalmente respondi, e cordialmente, lhe contei que tinha trabalhado em Paris por dez anos. E quando ele pareceu extremamente amigável em me cumprimentar na sua presença, o que se espera que eu faça? Virar para o senhor, o convidado dele, e dizer: "Nunca vi este homem antes"?

—Claro que não, Emil. Entendo perfeitamente a sua explicação. Não tive nenhuma intenção de criticar. Ocorre, simplesmente, que fiquei admirado de você não conhecê-lo.

—Mas, dr. Streider, o senhor mencionou um problema. Espero que não seja sério. Eu deveria querer saber se for. O clube deveria querer saber.

—Não, não. Um assunto sem importância. Só que perdi o endereço dele e gostaria de entrar em contato com ele.

Emil hesitou. Obviamente, ele não acreditou que fosse um assunto sem importância, mas quando Marshal não se dispôs a dar outras informações, ele se levantou. — Queira esperar por mim na rotunda. Farei o que puder para conseguir alguma informação para o senhor.

Marshal sentou-se, mortificado com sua própria falta de jeito. Era uma chance bem pequena, mas talvez Emil pudesse ajudar.

O mordomo voltou em poucos momentos e entregou a Marshal um pedaço de papel no qual estava escrito o mesmo endereço e telefone em Zurique que Marshal já tinha. — De acordo com a recepção, o sr. Macondo recebeu uma afiliação de cortesia aqui, já que era um membro do Baur au Lac Club em Zurique. Se o senhor desejar, podemos enviar um fax a eles e solicitar informações mais atuais.

— Por favor. E, se puder, envie a resposta para mim por fax. Aqui está omeu cartão.

Marshal virou-se para sair, mas Emil o parou e acrescentou, num sussurro: — O senhor perguntou sobre o pagamento. Digo o seguinte, também confidencialmente, doutor. O sr. Macondo pagou em dinheiro, e generosamente, Ele me deu duas notas de cem dólares, instruiu-me a pagar pelo almoço, deixar uma gorjeta generosa para o garçom e ficar com o resto para mim. Em assuntos como estes, minha memória prodigiosa é inteiramente confiável.

— Obrigado, Emil, você foi muito útil. — Marshal arrancou relutantemente uma nota de vinte do seu maço de dinheiro e colocou na mão empoada de Emil. Ele virou-se para sair e, então, de repente se lembrou de maisalguma coisa.

"Emil, posso lhe pedir um último favor? Na última vez, conheci um um amigo do sr. Macondo, um cavalheiro alto vestido um tanto vistosamente — camisa laranja, paletó xadrez vermelho, acredito.

Esqueci seu nome, mas o pai foi prefeito de São Francisco.

—Só poderia ser o sr. Roscoe Richardson. Eu o vi hoje. Ele está na biblioteca ou na sala de jogos. Uma sugestão, doutor: não fale com ele se estiver no gamão. Isso o faz ficar contrariado. Ele é um tanto intenso com seu jogo. Boa sorte, e cuidarei pessoalmente do seu fax. O senhor pode contar comigo. Emil inclinou a cabeça e esperou.

—Novamente, obrigado, Emil. — E, novamente, Marshal não teve outra escolha senão se desfazer de outros vinte.

Quando Marshal entrou na sala de jogos revestida de carvalho, Roscoe Richardson estava justamente saindo da mesa de gamão e indo em direção à biblioteca para o seu jornal antes do almoço.

— Ah, sr. Richardson, talvez o senhor se lembre de mim: dr. Streider. Eu oconheci há algumas semanas quando almocei aqui com ura conhecido seu,Peter Macondo.

—Ah, sim, dr. Streider. Lembro-me. O ciclo de palestras patrocinado. Meus parabéns. Maravilhosa homenagem. Maravilhosa. Acompanha-me para o almoço hoje?

—Ah, infelizmente não. Tenho uma agenda lotada de pacientes esta tarde. Mas peço-lhe um favor. Estou tentando entrar em contato com o sr. Macondo e me pergunto se o senhor sabe de seu paradeiro.

—Céus, não. Nunca o vi antes daquele dia. Sujeito agradável, mas, que coisa estranha, enviei a ele um material sobre minha nova empresa, mas a FedEx devolveu com um aviso de endereço inexistente. Ele lhe disse que me conhecia?

—Achei que sim, mas agora não tenho certeza. Lembro-me, de fato, que ele disse que o seu pai e o dele, um professor de economia, jogavam golfe juntos.

—Bem, quem sabe? É bem possível. Meu pai jogava com todo homem bem conhecido no mundo ocidental. E... — neste momento, ele contraiu seu rosto com uma imensa papada e produziu uma grande piscadela — com umas poucas mulheres, também. Bem, 1 l:30h. O *Financial Times* deve estar chegando. Há sempre uma corrida louca atrás dele; portanto, continuarei no meu caminho até a biblioteca. Boa sorte para o senhor, doutor.

Embora a conversa com Roscoe Richardson não tenha oferecido qualquer conforto, forneceu algumas idéias para ação. Assim que chegou no seu consultório, Marshal abriu sua pasta Macondo e tirou o fax anunciando o Ciclo de Palestras Marshal Streider. Qual era o nome daquele reitor na Universidade do México? Aqui: Raoul Gomez. Em poucos momentos, ele estava com o sr. Gomez ao telefone — a primeira coisa a correr bem em dias. Embora o espanhol de Marshal fosse limitado, foi suficiente para entender a negativa do sr. Gomez de que alguma vez tivesse sequer ouvido falar de um Peter Macondo, quanto mais ter recebido uma grande dotação dele para um ciclo de palestras Streider. Além do mais, quanto ao pai de Peter Macondo, não existia nenhum Macondo na faculdade do Departamento de Economia, nem, por falar nisso, em qualquer departamento da universidade.

Marshal desmoronou na sua cadeira. Tinha absorvido golpes demais e agora se recostava, tentando limpar sua cabeça. Depois de apenas alguns momentos, seu temperamento eficiente assumiu o controle: pegou uma caneta e papel e fez uma lista de coisas a fazer. O primeiro item era cancelar os pacientes da tarde. Marshal fez as ligações e deixou mensagens para quatro pacientes, cancelando suas horas. Não citou, obviamente, uma razão. A técnica correta,

Marshal linha certeza, era permanecer em silêncio e explorar as fantasias dos pacientes do porquê ele tinha cancelado. E o dinheiro! Quatro horas a 175 dólares. Setecentos dólares em honorários perdidos — dinheiro que nunca poderia ser recuperado.

Marshal se perguntou se o cancelamento da sua agenda da tarde representava algum ponto de virada da sua vida. Entrou na sua cabeça o pensamento de que esta decisão era um divisor de águas.

Nunca antes em sua carreira ele tinha cancelado uma sessão clínica. De fato, nunca tinha faltado a nada — um treino de futebol, um dia de escola. Sua pasta de recortes estava cheia de prêmios de freqüência que remontavam à escola primária. Não que ele nunca tivesse se machucado ou ficado doente. Ele ficava doente exatamente como o cara do lado. Mas ele era duro o bastante para suportar a doença. Ele não poderia suportar uma hora analítica num estado de pânico.

Próximo item: telefonar para o Melvin. Marshal sabia o que Melvin diria e Melvin não perdeu a oportunidade: — É hora de ir ao banco. Leve aquela nota imediatamente ao Crédit Suisse. Peça-lhes que façam um depósito direto de noventa mil dólares na sua conta bancária. E seja agradecido, Marshal, beije as minhas botas, por eu ter insistido nesta nota. Você me deve uma. E, lembre-se, céus, eu não deveria ter que lhe dizer isto, Marshal, você está cuidando de loucos: não invista com eles!

Uma hora depois, Marshal, garantia bancária nas mãos, estava andando pela rua Sutter em seu caminho para o Crédit Suisse. Durante o percurso, lamentou-se pelos sonhos perdidos: riqueza, acréscimos à sua coleção de arte, o tempo disponível para dar expressão escrita à sua mente fértil, mas, acima de tudo, lamentava a chave para o mundo seleto dos *insiders,* o mundo dos clubes privados, caixas de correio de bronze e cordialidade dos *insiders.*

E Peter? Seria ele daquele mundo? Ele não lucraria financeiramente, é claro — ou, se o fizesse, aquilo era entre ele e o banco. Mas, pensou Marshal, *se Peter não tinha um motivo financeiro, onde estavam seus motivos? Ridicularizar a psicanálise? Poderia existir um conexão com Seth Pande? Ou Shelly Merriman? Ou até a facção dissidente inteira do Instituto Psicanalítico? Seria possível que isto fosse uma maquinação? Pura malícia sociopática? Mas qualquer que fosse o jogo, qualquer que fosse o motivo, por que eu não consegui identificar antes? Tenho sido um grande imbecil. Um maldito e ganancioso imbecil!*

O Crédit Suisse era um escritório bancário, não um banco comercial funcional, no quinto andar de um edifício de escritórios na rua Sutter. O diretor do banco que cumprimentou Marshal inspecionou a nota e lhe garantiu que estavam inteiramente autorizados para cuidar disso. Ele pediu licença, dizendo que o gerente da agência, que estava ocupado com outro cliente, iria atendê-lo pessoalmente. Além disto, haveria um pequeno tempo de espera enquanto eles enviavam a nota por fax a Zurique.

Dez minutos depois, o gerente, um homem magro e solene com um rosto longo e um bigode à David Niven, convidou Marshal a entrar no seu escritório. Depois de inspecionar a identificação de Marshal e copiar os números de sua carteira de habilitação e cartões de banco, ele examinou a nota de garantia do banco e levantou-se para fazer uma fotocópia. Quando ele voltou, Marshal perguntou: — Como receberei o pagamento? Meu advogado me informou...

— Desculpe-me, dr. Streider, posso ter o nome e endereço do seu advogado?

Marshal lhe deu as informações relevantes sobre seu primo Melvin e continuou: — Meu advogado me aconselhou a pedir um depósito direto na minha conta da Wells Fargo.

O gerente ficou em silêncio por vários segundos, inspecionando a nota.

—Há algum problema? — perguntou Marshal. — Isso não garante o pagamento mediante solicitação?

—Esta é realmente uma nota do Crédit Suisse garantindo o pagamento mediante solicitação. Aqui, como o senhor pode ver — e aqui ele apontou para a linha de assinatura —, foi emitida do nosso escritório em Zurique e assinada por Winfred Forster, um vice-presidente sênior. Pois bem, conheço Winfred Forster muito bem, muito bem mesmo. Nós dois passamos três anos juntos na nossa agência em Toronto e, sim, dr. Streider, existe um problema: esta não é a assinatura de Winfred Forster! Além do mais, Zurique confirmou por fax: não há a menor semelhança. Sinto dizer que é meu desagradável dever informá-lo que esta nota é uma falsificação!

VINTE E TRÊS

Depois de sair do consultório de Ernest, Carol trocou suas roupas pelas de *jogginge* tênis na toalete do primeiro andar e foi de carro até a marina. Estacionou perto do Greerís, um restaurante vegetariano da moda dirigido eficientemente pelo Centro Zen de San Francisco. Havia uma trilha ao longo do ancoradouro de iates que seguia a baía por pouco mais de três quilômetros e terminava em Forte Point, debaixo da Golden Gate. Era o percurso favorito de Jess e tinha também se tornado o dela.

A corrida começava nos velhos edifícios do Forte Mason, que abrigavam pequenas galerias, uma livraria cheia como uma biblioteca, um museu de arte, um teatro, uma oficina dramática. Continuava além dos ancoradouros dos barcos e ao longo da baía onde gaivotas descaradas desafiavam os corredores a pisoteá-las. Passava pelo campo gramado onde pipeiros soltavam as suas pipas, não aquelas pipas simples de formato triangular ou em caixa que ela e o irmão, Jeb, soltavam, mas modelos de vanguarda em formatos como o do Super-Homem ou um par de pernas de mulheres, ou então elegantes triângulos metálicos *high-tech* que zuniam quando davam uma forte guinada, mudavam de direção ou mergulhavam diretamente para baixo, brecando instantaneamente para fazer uma delicada pirueta nas suas caudas. Depois disso, uma praia minúscula com alguns banhistas cercando uma surreal escultura de areia de uma sereia, depois um lorigo trecho ao lado da água onde windsurfistas com roupas de neoprene preparavam suas embarcações de prazer. Em seguida, uma passagem com dezenas de esculturas de pedra — colinas de pedras primorosamente escolhidas e precariamente equilibradas por algum artista desconhecido para que lembrassem os fantásticos pagodes birmaneses; depois, um longo píer fervilhando com pescadores asiáticos diligentes e sombrios, nenhum dos quais, até onde Carol sabia, nunca pescou nada. Depois, o trecho final até o ventre da Golden Gate, onde é possível assistir aos surfistas *sexy* de cabelos longos se balançando de um lado para o outro na água fria, à espera de montar as altas e escuras ondas.

Praticamente todos os dias agora, ela e Jess corriam, às vezes ao longo das trilhas no Parque Golden Gate ou ao longo da praia ao sul de Cliff House, mas a trilha da marina ainda era seu percurso regular. Ela se encontrava freqüentemente com Jess várias noites também. Geralmente quando ela voltava para casa depois do trabalho, ele estava lá preparando o jantar e batendo um papo com os gêmeos, que estavam gostando cada vez mais dele. Apesar de satisfeita com ele, Carol se preocupava. Jess parecia bom demais para ser verdade. E o que aconteceria quando ele se aproximasse ainda mais, aproximasse o suficiente para ver como ela era realmente? Seu lado de dentro, seus pensamentos íntimos não eram bonitos. Ele recuaria? Ela desconfiava da facilidade com que ele tinha se insinuado tão profundamente na sua casa — e a maneira como ele se fez tão importante para as crianças. Teria ela uma livre escolha se decidisse que Jess não era o homem para ela? Ou estaria ela presa por aquilo que era melhor para os filhos?

Nas raras ocasiões em que o trabalho de Jess impossibilitava os encontros de corrida com ela, Carol fazia a corrida de uma hora sozinha. Ela ficou espantada do quanto tinha passado a adorar *o jogging:* talvez fosse a sensação de flutuação que dava ao seu corpo durante o resto do dia ou aquela intensa euforia que a varria de alto a baixo quando aparecia o segundo jorro de energia. Quem sabe, ainda, ela tenha simplesmente passado a se importar tanto com Jess que gostava das atividades de que ele gostava.

Fazer *jogging* sozinha não era tão mágico quanto fazer *jogging* com Jess, mas fornecia algo a mais: tempo para auto-reflexão. No início, quando fazia *jogging* sozinha, ela carregava um *walkman* — música cownfry, Vivaldi, música japonesa tocada em flauta, os Beatles —, mas ultimamente ela estava deixando o *walkman* no carro em prol de uma meditação durante *ojogging.*

A idéia de dedicar um tempo para pensar sobre a sua vida foi revolucionária para Carol. Durante a maior parte de sua vida, ela tinha feito o oposto, preenchendo cada pedaço de tempo livre com distrações. *Qual era a diferença agora?,* ela se perguntava enquanto deslizava pelo percurso, espantando as gaivotas a cada passo. Uma das diferenças era a nova amplitude da sua vida

emocional. No passado, sua paisagem interna tinha sido monótona e árida, consistindo numa estreita e negativa série de emoções: raiva, ressentimento, arrependimento.

A maior parte deles tinha sido direcionada ao Justin, o restante para a maioria das outras pessoas que cruzavam o caminho diário dela. Além dos filhos, ela quase nunca tinha um bom pensamento sobre ninguém. Nisto, ela seguia a tradição familiar: era filha da sua mãe e neta da sua avó! Ernest a tornara ciente disso.

E se ela odiava tanto o Justin, por que ela *tinha,* em nome de Deus, se aprisionado naquele casamento e jogado fora a chave? Ela bem que poderia tê-la atirado nas vagas inconstantes do Pacífico, agora a apenas alguns metros à medida que ela se aproximava do píer dos pescadores.

Ela sabia que tinha cometido um erro hediondo e soube disso logo depois de ter se casado. Como Ernest — maldito seja! — a tinha forçado a reconhecer, ela teve escolhas exatamente como qualquer outra pessoa: poderia ter saído do casamento ou poderia ter tentado mudá-lo. Tinha optado, optado deliberadamente — é o que parecia agora —, por nenhuma dessas. Em vez disto, chafurdou-se num erro infeliz.

Ela lembrava agora que Norma e Heather tinham insistido, naquela noite depois que Justin tinha fugido da vida dela, que ele tinha lhe feito um favor. Elas tinham razão. E a sua fúria por ter sido ele e não ela, quem havia tomado a iniciativa? Que estupidez! Na longa meada das coisas — a frase pretensiosa de Ernest —, que diferença fazia quem deixou quem? Ambos estavam melhor fora daquele casamento. Há bem uma década ela não se sentia tão bem. E Justin pareceu melhor — dando, patética e fragilmente, o melhor de si para ser um pai decente. Na semana anterior, ele tinha até concordado, sem perguntas, a pajear os gêmeos quando ela e Jess foram para Mendocino para o fim de semana.

Que ironia, pensou ela, *que Ernest, sem suspeitar de nada, estivesse trabalhando tão arduamente com ela agora para fazer alguma coisa por seu casamento fictício com o Wayne — o quanto ele era incansável na insistência em que ela enfrentasse sua situação de vida e fizesse alguma coisa a respeito —, seja para mudar ou para terminar o casamento. Que piada; se ele soubesse que estava fazendo com ela exatamente a mesma coisa que tinha feito com Justin, só que, agora, ficando do lado* dela, *planejando com* ela *uma estratégia na sala de guerra, dando a* ela *o mesmo conselho que ele deve ter dado ao Justin!*

Carol estava respirando com dificuldade quando chegou na Golden Gate. Tinha feito *jogging* até o fim do percurso, tocado na barreira de arame mais distante sob a ponte e, sem parar, dado a meia-volta em direção ao Forte Mason. O vento, como de costume, estava soprando do Pacífico e agora, com o vento nas costas, ela voava sem esforço passando pelos surfistas, pelos pescadores, pelos pagodes birmaneses, a pipa do Super-Homem e as gaivotas descaradas.

Depois de almoçar uma maçã Red Delicious crocante no carro, Carol voltou aos escritórios de advocacia da Jarndyce, Kaplan e Tuttle, onde tomou uma ducha e se preparou para ver seu novo cliente, encaminhado a ela por Julius Jarndyce, o sócio sênior. O sr. Jarndyce, ocupado fazendo *lobby* em Washington, tinha lhe pedido que cuidasse particularmente bem deste cliente, um velho amigo, o dr. Marshal Streider.

Carol viu seu cliente, andando de um lado ao outro, obviamente muito agitado, na sala de espera. Quando o convidou a entrar no escritório, Marshal entrou rapidamente, sentou-se na borda de uma cadeira e começou: — Obrigado por me receber hoje, sra. Astrid. O sr. Jarndyce, a quem conheço há muitos anos, me ofereceu um horário na semana que vem, mas este é um assunto urgente demais para protelar. Para ir direto ao ponto básico: ontem, tomei conhecimento de que fui fraudado em noventa mil dólares. A senhora pode me ajudar? Que recurso está aberto para mim?

—Ser fraudado é um sensação horrível e entendo inteiramente seu senso de urgência, dr. Streider. Comecemos pelo princípio. Em primeiro lugar, diga-me o que o senhor acha que preciso saber sobre o senhor e depois vamos estudar, em detalhe e meticulosamente, exatamente o que aconteceu.

—Com prazer, mas, antes, posso ser elucidado sobre o referencial do nosso contrato?

—O referencial, dr. Streider?

—Desculpe — um termo analítico —, quero dizer que gostaria de ser esclarecido, antes de começarmos, sobre várias coisas. Sua disponibilidade? Honorários? E confidencialidade. Confidencialidade é extremamente importante para mim.

No dia anterior, assim que ficara sabendo da falsificação, Marshal tinha entrado em pânico e discado o número do Melvin. Enquanto ouvia o telefone tocar, tomou uma súbita decisão de que não queria o Melvin; queria um advogado mais simpático e de maior poder. Desligou o telefone e discou imediatamente para o sr. Jarndyce, um ex-paciente, um dos advogados mais eminentes de São Francisco.

Mais tarde, por volta das 3:00h daquela madrugada, Marshal percebeu que era imperativo manter todo este incidente o mais oculto possível. Ele fizera um investimento com um ex-paciente — muitos o criticariam. Isso, por si só, já era bem ruim, mas ele se sentia um idiota por ter sido logrado dessa maneira. Tomado como um todo, quanto menos pessoas soubessem disso, melhor seria. Na verdade, ele não deveria ter telefonado para o Jarndyce — isso, também, tinha sido um erro de julgamento, mesmo que a terapia com ele tivesse terminado muitos anos atrás. Sua decepção, portanto, ao saber que o sr. Jarndyce não estava disponível agora tinha se transformado em alívio.

—Estou disponível para esta questão enquanto o senhor precisar de mim, dr. Streider. Não tenho planos de viajar, se é isto que o senhor quer dizer. Meus honorários são 250 por hora e a confidencialidade é total, a mesma que na sua profissão — talvez, até mais rígida.

—Gostaria que isso incluísse o sr. Jarndyce. Quero que tudo permaneça estritamente entre nós dois.

—Aceito. Pode contar com isso, sr. Streider. Então, vamos começar.

Marshal, ainda inclinando-se para a frente na borda de sua cadeira, começou a contar a Carol a história toda. Não poupou nenhum único detalhe, salvo sua preocupação com a ética profissional. Depois de trinta minutos, ele terminou e afundou-se na cadeira, exausto e aliviado. Ele não deixou de notar o quanto foi consolador ter compartilhado tudo com Carol e o quanto já se sentia ligado a ela.

—Dr. Streider, agradeço a sua honestidade. Sei que não é fácil reviver todos estes detalhes dolorosos. Antes de prosseguirmos, deixe-me perguntar uma coisa: percebi a contundência com que o senhor disse, mais de uma vez, que isto era um investimento, e não um presente, e que o sr. Macondo era um *ex-paciente.* Existe alguma dúvida em sua mente sobre o seu comportamento — quero dizer, sobre a ética profissional?

—Não em *minha* mente. Minhas ações estão fora do alcance de qualquer reprovação. Mas a senhora tem razão em chamar a atenção para isso. Pode ser um problema para os outros. Tenho sido muito franco e eloqüente no meu campo sobre a defesa dos padrões profissionais do comportamento ético; participei do Comitê Estadual de Ética Médica e fui chefe da força-tarefa psicanalítica sobre ética profissional, e, portanto, minha posição nessas questões é delicada; meu comportamento não apenas deve estar acima de qualquer censura, mas *parecer* acima de qualquer censura.

Marshal estava perspirando intensamente e tirou um lenço para limpar a sobrancelha. — Por favor, entenda... e isto é realidade, e não paranóia... tenho rivais e inimigos, indivíduos que não apenas estariam bem ávidos em interpretar incorretamente alguma parte do meu comportamento, que ficariam encantados em me ver cair.

— Então — disse Carol, erguendo os olhos de suas anotações —, deixe-meperguntar

novamente: é verdade que o senhor não tem absolutamente nenhumadúvida pessoal sobre a violação dos limites financeiros entre terapeuta e paciente?

Marshal parou de limpar a fronte e olhou, surpreso, para a sua advogada. Obviamente, ela estava bem informada sobre tais questões.

—Bem, é óbvio demais para precisar ser dito, mas, em retrospecto, gostaria que eu tivesse me comportado de uma maneira diferente. Gostaria que eu tivesse sido mais rígido, como geralmente sou, em tais questões. Gostaria que eu tivesse dito a ele que *nunca* faço investimentos pessoais com pacientes *ou* ex-pacientes. Agora, pela primeira vez, começo a compreender que tais regras são uma proteção não apenas para o paciente, mas também para o terapeuta.

—Esses rivais ou inimigos, eles representam... quero dizer, seriam uma consideração importante?

—Não estou bem certo de o que a senhora quer dizer... bem, sim... tenho verdadeiros rivais. E, como deixei implícito, estou muito ansioso... não, deixe-me mudar isso... *estou querendo desesperadamente...* privacidade neste assunto... para a minha clínica, para as minhas associações profissionais. Portanto, a resposta é sim; quero que nada deste negócio nojento venha à tona. Mas por que a senhora persevera neste aspecto particular?

— Porque — respondeu Carol — sua necessidade de sigilo está diretamente conectada aos recursos a nós disponíveis. Quanto maior seu desejo por sigilo, menos agressivos poderemos ser. Explicarei isto em mais um minuto.Mas existe um outro motivo pelo qual pergunto sobre segredo; é acadêmico,já que é após o fato, mas pode ser de interesse para o senhor. Não quero serpresunçosa, dr. Streider, em falar ao *senhor* sobre questões psicológicas, masdeixe-me ressaltar uma coisa sobre a maneira como o vigarista profissionalsempre trabalha. Ele faz questão de envolver sua vítima num esquema em quea vítima sente que ela, *também,* está envolvida em algo marginalmente desonesto. Dessa maneira, a vítima se torna, como diríamos?... quase um co-conspirador e entra em um estado de mente diferente, em um estado no qual abandona sua cautela e discernimento normais. Além do mais, já que a vítima se sente até ligeiramente conspiratória, ela se mostra avessa a buscar ajuda de consultores financeiros confiáveis que, normalmente, ela poderia empregar. E, pelo mesmo motivo, depois da fraude, a vítima se mostra avessa a levar o processo judicial adiante, com determinação.

—Esta vítima não tem nenhum problema nessa esfera — disse Marshal. — Vou pegar aquele bastardo e o empurrar contra a parede. Não importa o que for necessário.

—Não de acordo com aquilo que o senhor acabou de me contar, dr. Streider. O senhor disse que privacidade é uma prioridade. Faça a si mesmo esta pergunta, por exemplo: estaria disposto a se envolver num julgamento público?

Marshal permaneceu em silêncio, a cabeça caída.

— Desculpe, dr. Streider, preciso enfatizar este ponto ao senhor. Não quero, de maneira alguma, desestimulá-lo. Sei que não é disso que o senhor precisa agora. Mas vamos em frente. Precisamos examinar rigorosamente cadadetalhe. Parece-me, de tudo o que o senhor disse, que Peter Macondo é umprofissional, já fez isto antes e é altamente improvável que nos tenha deixadouma boa pista. Em primeiro lugar, conte-me sobre as investigações que o senhor mesmo realizou. Pode fazer uma lista das pessoas que ele mencionou?

Marshal narrou suas conversas com Emil, Roscoe Richardson e o reitor da Universidade do México. E seu fracasso de conseguir entrar em contato com Adriana e Peter. Ele lhe mostrou o fax que tinha recebido aquela manhã do Pacific Union Club — uma cópia de um fax do Baur au Lac Club de Zurique declarando que não tinham nenhum conhecimento de um Peter Macondo. Eles confirmaram que o fax tinha sido enviado em seu papel timbrado e da máquina de fax em sua biblioteca, mas ressaltaram que qualquer membro, qualquer convidado, mesmo um ex-convidado, mesmo um hóspede no hotel vizinho ao clube, poderia ter facilmente entrado, tomado emprestado

seu papel timbrado e usado aquela máquina de fax.

— É possível — perguntou Marshal enquanto Carol lia — que evidências incriminatórias possam ser encontradas naquele fax, ou no fax da Universidade do México?

— Ou, aquele fax *supostamente* enviado da Universidade do México! — respondeu Carol. — Provavelmente ele mesmo o enviou.

— Então talvez possamos descobrir o local da máquina de onde ele veio. Ou impressões digitais? Ou entrevistar de novo o vendedor da joalheria — aquele que vendeu a ele o meu Rolex? Ou os registros de companhias aéreas que voam para a Europa? Ou controle de passaporte?

— Se, de fato, ele foi realmente à Europa. O senhor só sabe daquilo que ele lhe contou, dr. Streider, o que ele queria que o senhor soubesse. Pense nisso: *não há uma única fonte de informação independente.* Ele pagou em dinheiro por tudo. Não, não há nenhuma dúvida: seu homem é um verdadeiro profissional. Naturalmente devemos informar o FBI. Indubitavelmente o banco já o fez: eles são obrigados a notificar fraude internacional. É este o número a telefonar; simplesmente pergunte pelo agente do turno. Eu poderia auxiliá-lo com isto, mas só aumentaria as suas despesas legais.

"A maioria das perguntas que o senhor está fazendo — continuou Carol —, é investigativa, e não legal, e seria mais bem respondida por um detetive particular. Posso lhe recomendar um bom detetive, se quiser, mas meu conselho é: tenha cuidado; não coloque muito mais do seu dinheiro e energia naquilo que provavelmente será uma perseguição em vão. Já vi muitos destes casos. Este tipo de criminoso raramente é apanhado. E, quando são, raramente têm algum dinheiro sobrando.

— No final, o que acaba acontecendo a eles?

— São basicamente autodestrutivos. Mais cedo ou mais tarde, o seu sr. Macondo irá se destruir; assumir um risco grande demais, talvez tentar fraudar a pessoa errada e ser descoberto morto no porta-malas de um carro.

— É possível que ele já esteja começando a se destruir. Olhe o risco que ele assumiu aqui, olhe o seu alvo: um psicanalista. Admito que funcionou em mim, mas, ainda assim, ele está escolhendo um observador altamente treinado do comportamento humano, um que provavelmente identificará a trapaça.

— Não, dr. Streider, discordo. Tenho um bocado de experiência que sugere exatamente o oposto. Não tenho a liberdade de discutir minhas fontes, mas tenho evidências de que os psiquiatras podem estar entre as pessoas mais crédulas. Quero dizer, afinal de contas, eles estão acostumados com as pessoas lhes contando a verdade, pessoas que lhes *pagam* para ouvir suas histórias verdadeiras. Acho que os psiquiatras são fáceis de trapacear. É possível que o senhor não seja a primeira vítima dele desse tipo. Quem sabe? Trapacear os terapeutas poderia até ser seu *modus operandi.*

— Isto sugere que é possível pegá-lo numa armadilha. Sim, sra. Astrid, *realmente* quero o nome do seu detetive. Fui um *linebacker* de nível internacional; sei como perseguir e sei como abordar. Estou tão inteira e involuntariamente envolvido, tão tenso; agora até o limite possível, que não consigo esquecer. Não consigo pensar em mais nada, não consigo atender os pacientes, não consigo dormir. Só tenho dois pensamentos em minha mente agora: primeiro, dilacerá-lo, e segundo, conseguir de volta os meus noventa mil dólares. Estou desconsolado pela perda daquele dinheiro.

— Tudo bem, vamos nos dedicar a isso. Dr. Streider, forneça-me um quadro, se desejar, da sua situação financeira: renda, dívidas, investimentos, poupanças, tudo.

Marshal explicou detalhadamente toda a sua situação financeira enquanto Carol tomava notas rapidamente em folha após folha de um papel amarelo pautado.

Quando ele tinha terminado, Marshal apontou para as anotações de Carol e disse: — Então, a

senhora vê, sra. Astrid, que não sou um homem rico. E vê o que significa eu perder noventa mil dólares. É devastador, a pior coisa que já me aconteceu. Quando penso nos meses e meses que trabalhei para isto, acordando às 6:00h para encaixar um paciente extra, acompanhando, comprando e vendendo as minhas ações, telefonemas diários ao meu corretor e conselheiro financeiro, e... e... quero dizer... não sei como poderei me recuperar disto. Deixará uma cicatriz em mim e na minha família, permanentemente.

Carol estudou suas anotações, repousou-as e, numa voz tranqüilizadora, disse: — Deixe-me colocar isto em perspectiva para o senhor. Primeiro, tente entender que isto *não* é um prejuízo de noventa mil dólares. Com o registro de uma nota de garantia bancária falsificada, seu contador irá tratar isto como uma perda de capital e descontar os ganhos substanciais de capital que o senhor teve no ano passado e provavelmente terá no futuro. Mais ainda, três mil por ano poderão ser usados para compensar a renda *regular* nos próximos dez anos. Portanto, num só golpe, acabamos de reduzir substancialmente o seu prejuízo para menos de cinqüenta mil.

"O segundo e último argumento que terei de ter tempo para defender hoje — tenho um outro cliente esperando — é que, ao examinar a sua situação financeira pelas informações que o senhor me forneceu, não vejo devastação. O senhor foi um bom provedor, um excelente provedor, para a sua família e foi um investidor bem-sucedido. A verdade é que este prejuízo não mudará materialmente a sua vida em qualquer sentido!

—A senhora não entende... a educação do meu filho, minha coleção...

—Na próxima vez, dr. Streider. Preciso parar agora.

—Quando é a próxima vez? Tem algum horário amanhã? Não sei como vou conseguir passar os próximos dias.

—Sim, tenho, às 15:00h amanhã? O senhor poderia?

—Farei com que eu possa. Vou cancelar o que quer que eu tenha. Se me conhecesse melhor, dra. Astrid... ,

—*Sra.* Astrid, mas obrigada pela promoção.

—Sra. Astrid... mas o que eu ia dizer é que, se a senhora me conhecesse, entenderia que a situação deve ser realmente grave para que eu cancele os pacientes. Ontem foi a primeira vez que fiz isto em vinte anos.

—Vou me disponibilizar o máximo possível para o senhor. Entretanto, também queremos manter os custos baixos. Sinto-me constrangida em dizer isto a um psiquiatra, mas a melhor coisa para o senhor agora é conversar intimamente com um confidente: um amigo, um terapeuta. O senhor está preso a uma perspectiva que está aumentando o seu pânico e o senhor precisa de outros pontos de vista. O que me diz da sua esposa?

—Minha mulher vive num outro mundo, um mundo do *ikebana.*

—Onde? Ike... o quê? Desculpe, não entendi.

—*Ikebana* — sabe, o arranjo floral japonês — ela é viciada nisso e nos seus camaradas budistas que fazem meditação. Mal a vejo.

—Ah... entendo... o quê? Ah, sim, *ikebana...* sim, já ouvi falar disso... arranjo floral japonês. Compreendo. E ela fica longe, o senhor disse perdida naquele mundo? Não muito em casa?... Puxa, isso deve ser horrível para o senhor. Terrível. E o senhor está sozinho... e precisa dela agora. Terrível.

Marshal ficou surpreso, mas comovido, com a resposta de Carol, não muito própria de uma advogada. Ele e Carol ficaram em silêncio por alguns momentos até que foi Marshal que teve que

dizer: — E a senhora diz que tem outro cliente agora?

Silêncio.

—Sra. Astrid, a senhora diz...

—Desculpe, dr. Streider — disse Carol ao se levantar —, minha mente de-vaneou por um minuto. Mas encontre-me amanhã. Agüente firme. Estou do seu lado.

VINTE E QUATRO

Depois da saída de Marshal, Carol ficou aturdida por vários minutos. *Ikebanal* Arranjo floral japonês! Não poderia haver nenhuma dúvida — o cliente dela, dr. Streider, era o ex-terapeuta de Jess. Jess tinha, de tempos em tempos, conversado sobre seu terapeuta anterior — sempre em termos altamente positivos, sempre enfatizando sua decência, dedicação, o quanto ajudava. No início, ele havia se esquivado das perguntas de Carol sobre começar a terapia com Ernest, mas, quando o relacionamento entre eles se aprofundou, ele contou a ela sobre aquele dia em abril, quando, num lugar escondido entre os galhos do bordo-chorão escarlate, ele se deparou com a chocante visão da mulher do seu terapeuta encadeada num abraço intenso com um monge budista com túnica cor de açafrão.

Mas Jess fez questão de respeitar a privacidade de seu ex-terapeuta e não tinha revelado seu nome. *Mas não poderia haver nenhum erro nisto,* pensou Carol: tinha *de ser Marshal Streider. Quantos terapeutas têm uma esposa que é especialista em* ikebana *e budista?*

Carol mal podia esperar para ver Jess ao jantar; não se lembrava da última vez que estivera tão ansiosa para compartilhar algumas notícias com um amigo. Ela imaginava a expressão de incredulidade de Jess, sua boca macia e redonda dizendo: "Não! Não acredito! Horrível. Noventa mil dólares! E, acredite, este homem trabalha duro por seu dinheiro. E de todas as pessoas no mundo, ele foi até você!" Ela o imaginava ouvindo cada palavra. Ela se estenderia nos detalhes para prolongar o máximo possível a história suculenta.

Mas, então, ela abruptamente se deteve ao perceber que não poderia contar isto a Jess. *Não posso contar nada sobre o Marshal Streider,* ela pensou. *Não posso sequer revelar que o vi. Fiz um juramento explícito de defender o sigilo profissional.*

Ainda assim, ela estava morrendo de vontade de lhe contar. Talvez, algum dia, possa haver uma maneira. Mas, por ora, ela tinha de se satisfazer com qualquer alimento escasso que conseguisse extrair do magro mingau do respeito ao código de comportamento da sua profissão. E de se satisfazer, também, em se comportar como Jess gostaria que ela se comportasse: oferecer toda a ajuda possível ao seu ex-terapeuta. Isto não iria ser fácil. Carol nunca tinha conhecido um psiquiatra de quem gostasse. E gostou deste psiquiatra em particular, o dr. Streider, menos que da maioria: ele se lamentava demais, levava a si próprio exageradamente a sério e recorria a imagens machistas pueris do futebol. E mesmo estando momentaneamente humilhado por esta fraude, ela conseguia sentir sua arrogância fundamental. Não era difícil de entender por que ele tinha inimigos.

Entretanto, Jess tinha recebido muito do dr. Streider e, portanto, Carol, como um presente a Jess, assumiu o compromisso de se esforçar para ajudar este cliente de todas as maneiras possíveis. Ela gostava de dar presentes ao Jess, mas um presente secreto — ser uma boa samaritana secreta, sem que Jess sequer ficasse sabendo das suas boas ações —, isso ia ser difícil.

Os segredos sempre foram o seu forte em termos de processos judiciais. Carol era uma mestre da manipulação e intriga no seu trabalho de litígio. Nenhum litigante gostava de estar do lado oposto dela no tribunal; ela tinha conquistado a reputação de ser engenhosa e perigosamente cheia de artimanhas. Dissimulação sempre tinha vindo fácil para ela e ela fazia poucas distinções entre seu comportamento profissional e pessoal. Mas nas últimas semanas, ela tinha começado a ficar cansada das artimanhas. Existia algo de deliciosamente refrescante em ser honesta com Jess. Todas as vezes que ela o via, tentava assumir algum novo risco. Depois de apenas umas poucas semanas,

ela tinha revelado a Jess mais do que já havia compartilhado com qualquer outro homem. Salvo um único tópico, é claro: Ernest!

Nenhum deles falava muito sobre sobre Ernest. Carol tinha sugerido que a vida seria menos complicada se eles não falassem um com o outro sobre suas respectivas terapias e não falassem um do outro para o seu terapeuta comum. No início, ela teria gostado de virar Jess contra Ernest, mas desistiu logo desse plano — não havia nenhuma dúvida de que Jess estava tirando um enorme proveito da terapia e gostava imensamente de Ernest. Carol, é claro, não revelou nada de seu comportamento tortuoso nem de seus sentimentos por Ernest.

— Ernest é um terapeuta extraordinário — exclamou Jess certo dia depois de uma sessão particularmente boa. — Ele é muito honesto e humano. — Jess

continuou e descreveu a sessão deles naquele dia. — Ernest realmente chegou a uma coisa importante hoje. Ele me disse que sempre que ele e eu ficávamos mais próximos, sempre que passávamos a ter uma maior intimidade, eu invariavelmente o repelia, seja contando alguma piada homofóbica ou entrando numa distração intelectual.

"E ele está certo, Carol, faço isso o tempo todo com os homens, especialmente com meu pai. Mas vou lhe dizer o que foi assombroso nele — ele continuou e reconheceu que *também ele* achava incômodo uma intimidade masculina intensa, que ele tinha conspirado comigo por se deixar distrair pelas minhas piadas ou por entrar em alguma discussão intelectualizada.

"Pois bem, não é raro esse tipo de honestidade vindo de um terapeuta —, disse Jess —, especialmente depois de tantos anos com psiquiatras distantes, tensos? O mais surpreendente ainda é como ele consegue manter este nível de intensidade, hora após hora."

Carol ficou surpresa de saber o quanto Ernest era auto-revelador com Jess e, de uma maneira estranha, quase decepcionada de saber que não era apenas com ela que ele era. De uma maneira esquisita, ela se sentiu enganada. Contudo, Ernest nunca tinha dado a entender que a tratava de alguma maneira diferente daquela que tratava seus outros pacientes. Fortaleceu o pensamento de que ela poderia estar enganada sobre ele, que sua intensidade não era, afinal, um prelúdio para a sedução.

Na verdade, todo o seu projeto bizantino para com Ernest estava se transformando num lamaçal. Mais cedo ou mais tarde, Jess *teria* que mencioná-la na sua terapia e então Ernest ficaria sabendo da verdade. E seu objetivo de desacreditar Ernest, de colocá-lo fora da profissão e romper seu relacionamento com Justin já não fazia muito sentido. Justin tinha lentamente se transformado em irrelevância e Ralph Cooke e Zweizung tinham voltado novamente para o passado. Qualquer prejuízo a Ernest resultaria em nada além de dor para Jess e, em última instância, para ela. Raiva e vingança tinham impelido Carol por tanto tempo que, agora, sem elas, ela se sentia perdida. Sempre que refletia sobre seus motivos — e ela o fazia cada vez mais —, sentia-se confusa sobre o que estava fazendo e por que estava fazendo.

Mesmo assim, ela continuou, como se em piloto automático, a ser sexualmente sedutora com Ernest. Há duas sessões atrás, durante seu abraço de despedida, ela o puxou firmemente contra ela. Ele imediatamente congelou e disse claramente: "Carolyn, é evidente que você ainda quer que eu seja seu amante, exatamente como Ralph era. Mas agora está na hora de você parar com isso. O inferno irá se congelar antes que eu me envolva sexualmente com você. Ou com qualquer uma de minhas pacientes!

Ernest tinha imediatamente se arrependido de sua resposta agressiva e, na sessão seguinte, tinha voltado a ela.

— Peço desculpas com minha agressividade na última sessão, Carolyn. Não é freqüente eu perder o controle daquele jeito, mas existe algo muito estranho, muito impetuoso, na sua persistência. E tão autodestrutivo, me parece. Acho que poderemos fazer um bom trabalho juntos, tenho certeza de que tenho muito a lhe oferecer, mas o que não entendo é por que você continua

tentando sabotar nosso trabalho.

A resposta de Carol, suas súplicas sobre precisar mais dele, suas referências a Ralph Cooke, soavam vazias mesmo para ela e Ernest respondeu impacientemente: — Sei que isto deve parecer repetitivo, mas, enquanto você continuar fazendo pressão contra os meus limites, teremos de continuar a passar por isto, várias vezes seguidas. Em primeiro lugar, estou convencido de que me tornar seu amante acabará sendo prejudicial a você. Sei que você acredita no contrário e tentei de todas as maneiras convencê-la. Você não crê que eu possa ter uma preocupação genuína. Portanto, hoje vou tentar alguma coisa mais. Vou conversar sobre o nosso relacionamento, do meu ponto de vista egoísta, da perspectiva daquilo que é bom para mim.

"O ponto fundamental é que vou evitar agir de uma maneira que irá me causar dor mais tarde. *Sei* qual será para mim o resultado final de qualquer envolvimento sexual: irei me sentir mal comigo mesmo durante muitos anos no futuro, provavelmente para sempre. E não vou me tratar dessa maneira. E isto nem sequer chega a tocar nos riscos legais. Eu poderia perder minha licença. Trabalhei muito para chegar aonde estou, adoro o que faço e não estou disposto a colocar em perigo a minha carreira inteira. E está na hora de você começar a examinar por que você está pedindo isto de mim."

— Você está enganado. Não existe nenhum risco legal — contra-argumentou Carol —, porque não pode haver nenhuma ação legal sem ser protocolada uma queixa, e eu nunca, jamais, farei isso. Quero que você seja meu amante. Nunca poderia prejudicá-lo.

— Sei que você se sente assim. *Agora.* Mas são centenas de processos judiciais iniciados a cada ano e, em todos os casos, sem exceção, o paciente já tinha se sentido exatamente da mesma maneira que você sente neste momento.Então, deixe-me colocar de uma maneira bem franca e bem egoísta: estou mecomportando de acordo com o meu próprio interesse!

Nenhuma resposta de Carol.

— Bem, acho que é o bastante, Carolyn, falei sem rodeios. Não posso sermais claro. Você tem uma decisão a tomar. Vá para casa. Pense cuidadosamente sobre o que eu disse. Acredite em mim quando digo que nunca serei fisicamente íntimo de você, estou sendo inteiramente sério a este respeito, e depoisdecida se ainda quer continuar a me consultar.

Eles se separaram com uma mensagem sombria. Sem abraço. E, desta vez sem arrependimentos por parte de Ernest.

Carol sentou-se na sala de espera de Ernest para colocar seus sapatos de corrida. Abriu a bolsa e releu algumas de suas anotações sobre as sessões:

Incita-me a chamá-lo "Ernest", telefonar para a casa dele, diz que sou atraente em todos os sentidos da palavra, senta-se ao meu lado no soja, convida-me a lhe jazer perguntas sobre ele mesmo, afaga meus cabelos, diz que se tivéssemos nos conhecido em qualquer outro lugar, gostaria de ser meu amante...

Ela pensou em Jess, que estaria esperando por ela em frente ao Green's Restaurant. *Droga.* Ela rasgou as anotações e partiu correndo.

VINTE E CINCO

A visita de Marshal a Bat Thomas, o investigador particular que Carol tinha recomendado, começou promissoramente. Ele parecia se encaixar no papel: rosto de traços marcados, roupas enrugadas, dentes tortos, tênis, ligeiramente acima do peso e fora de forma — provavelmente o resultado de álcool demais e um número excessivo de operações sedentárias de vigilância. Suas maneiras eram bruscas e duras, sua mente, poderosa e disciplinada. Em seu escritório, um edifício dilapidado de quatro andares sem elevador ao lado de Fillmore, ensanduichado entre uma quitanda e uma padaria, os equipamentos necessários estavam todos nos devidos lugares: um divã

decadente e surrado de couro verde, assoalhos simples de madeira e uma mesa de madeira toda riscada com uma caixa de fósforos enfiada sob uma das pernas para impedir de balançar.

Marshal gostou de subir correndo as escadas — tinha estado agitado demais para jogar basquete ou fazer *jogging* nos últimos dias e sentiu falta dos exercícios. E, no início, gostou de conversar com o investigador honesto.

Bat Thomas concordava inteiramente com Carol. Depois de ouvir Marshal descrever o incidente todo — inclusive a angústia com a sua estupidez, a magnitude do prejuízo e o terror com a exposição pública —, ele comentou: — Sua advogada está certa — ela raramente erra e já trabalho com ela há anos. O sujeito é um profissional. Vou lhe dizer de que parte eu gosto: aquele pedaço sobre o cirurgião de Boston e pedindo-lhe que o ajude a trabalhar a culpa dele... ei, ei, técnica dinamite! Também comprando o seu silêncio com aquele Rolex de três mil e quinhentos. Coisa fina, superfina! Um amador teria lhe dado um relógio falsificado. E levá-lo ao Pacific Union Club. Ótimo! Ele conseguiu pescá-lo. Rápido. Você se revelou um pouco. Cara astuto. Tem sorte de ele não ter levado mais. Mas vejamos o que podemos conseguir dele. Tem qualquer outro nome que ele tenha mencionado? Como ele chegou até você, pra começo de conversa?

—Disse que uma amiga de Adriana tinha me recomendado respondeu Marshal. — Não deu nenhum nome.

—Você tem os números dele e da noiva? Vou começar com esses. E o número de telefone dele em Zurique, também. Ele teve de fornecer alguma identificação para conseguir o serviço telefônico, então vou verificar isso hoje. Mas não fique com muita esperança. Provavelmente falsa. Como ele se locomovia? Viu um carro?

—Não sei como ele chegou ao meu consultório. Carro alugado? Táxi? Quando saímos do P. U. Club, ele foi andando até o seu hotel... apenas algumas quadras. Que me diz de rastrear o fax da Universidade do México?

—Os fax levam a lugar nenhum, mas me dê e vou dar uma examinada, Sem dúvida, ele criou um logotipo no computador e ele próprio enviou por fax ou mandou a garota enviar. Vou seguir a pista dos nomes deles e ver se acendem alguma coisa no computador do CNIC; é o Centro Nacional de Informações sobre Crimes. Tenho alguém que, por um pequeno pagamento, pode entrar no computador e procurar por ele. Vale uma tentativa, mas não tenha muitas esperanças; seu homem está usando um apelido. Provavelmente faz isto três ou quatro vezes por ano, talvez apenas com psiquiatras. Nunca tinha ouvido falar desse *modus operandi,* mas vou checar por aí. Ou ele pode ir atrás de dinheiro mais grosso; cirurgiões, talvez. Mas mesmo com um peixe pequeno como você, ele tira líquido quatrocentos ou quinhentos mil por ano. Nada mau quando você considera que é livre de impostos! Este cara é bom; ele vai longe! Vou precisar de um adiantamento de quinhentos só para começar.

Marshal fez um cheque e pediu um recibo.

— Certo, doutor, estamos conversados. Vou mergulhar direto nisso. Volteesta tarde lá pelas 17:00h ou 18:00h e veremos o que temos.

Marshal voltou naquela tarde só para ficar sabendo que nada tinha aparecido. Adriana tinha conseguido um serviço telefônico usando uma carteira de motorista e um cartão de crédito roubados de Arkansas. Peter disse que pagou em dinheiro por tudo no Fairmont Hotel e usou um cartão American Express falsificado como garantia. Todos os fax foram de origem local. O telefone de Zurique foi conseguido com o mesmo cartão da AMEX.

—Sem pistas — disse Bat. — Zip! O sujeito é escorregadio, bem escorregadio. É preciso respeitá-lo.

—Peguei o quadro geral. Você gosta do trabalho deste sujeito. Fico contente de saber que vocês

dois estão se dando tão bem — disse Marshal. — Mas, lembre-se, *eu* sou o seu cliente e quero apanhá-lo.

—Quer pegá-lo? Só existe uma coisa a fazer: tenho amigos no Esquadrão de Fraudes. Vou falar com eles, almoçar com o meu amigo Lou Lombardi. Ele me deve um favor. Podemos checar trapaças semelhantes, outros psiquiatras ou médicos com quem fizeram do mesmo jeito: o cliente rico, curado, agradecido, a insistência de recompensar o cirurgião que faz milagres, o Rolex, o patronato para palestras, investimentos no exterior e a culpa por dicas para médicos que foram malsucedidas no passado. Esse roteiro é bom demais para não ter sido usado antes.

—Vá atrás do bastardo de todas as maneiras que puder.

—Tem uma complicação: você tem que ir comigo fazer uma queixa formal: é o território do Esquadrão de Fraudes de São Francisco; você fez a transação nesta cidade. Mas precisa usar o seu nome e não há como esconder da imprensa; não dá pra fazer, você tem que estar preparado. Você sabe, aquela droga no jornal, uma manchete do tipo em algum jornal, como *CARTEIRA DE PSIQUIATRA SUBTRAÍDA POR EX-PACIENTE!*

Marshal, as mãos segurando a cabeça, grunhiu. — Isso é pior que a trapaça. Iria me arruinar! Reportagens de jornal falando que aceitei um Rolex de um paciente? Como pude ser tão estúpido? Como pude?

—É seu dinheiro e sua decisão. Mas não posso ajudá-lo se você amarrar minhas mãos.

—Aquele maldito Rolex me custou noventa mil dólares! Estúpido, estúpido, estúpido!

—Seja tolerante consigo mesmo, doutor. Não há garantia de que o esquadrão de fraudes consiga apanhá-lo... o mais provável é que ele esteja fora do país. Olha, sente-se de novo, quero contar uma história. — Bat acendeu um cigarro, jogando o palito de fósforo no chão.

"Uns anos atrás, fui de avião a Nova York a negócios e para ver minha filha, que tinha acabado de ter meu primeiro neto. Um lindo dia de outono, um tempo revigorante, estou andando pela Broadway pela altura da Trinta e Nove ou Quarenta, pensando que talvez eu devesse ter trazido um presente. Meus filhos sempre acharam que eu era sovina. Então, eu me vi numa tela de tevê na rua; algum delinqüente anunciando um *minicameorder* da Sony novinho em folha por 150 dólares. Uso isso o tempo todo no meu trabalho. Custa cerca de seiscentos. Regateio com ele até chegar a 75, ele manda um garotinho sair cor rendo e, cinco minutos depois, um velho Buick chega até a calçada com uns 12 *cameorders* em caixas originais da Sony no banco traseiro. Eles ficam o tempo todo olhando furtivamente para todos os lados, me contando aquela típica besteira sobre terem caído de um caminhão. Roubados, obviamente. Mas sonso avarento que sou, acabo comprando mesmo assim. Dou a eles os 75 mangos, eles vão embora e eu levo a caixa de volta ao hotel. Então, começo a ficar paranóico. Eu era um investigador importante num caso de fraude bancaria de megadólares e tinha que ficar limpo. Senti que estava sendo seguido Depois que eu estava de volta ao hotel, fiquei ainda mais convencido de que estavam armando uma para mim. Fico com medo de deixar o *cameorder* roubado no meu quarto. Tranco-o numa maleta e coloco lá embaixo no hotel. No dia seguinte, pego a maleta, levo-a até a casa da minha filha, abro a caixa do *cameorder* Sony novinho em folha e lá está: um grande tijolo!

"Portanto, doutor, tire um pouco do peso de sobre você mesmo. Acontece com os profissionais. Para os melhores entre nós. Você não pode viver a vida toda sempre olhando para trás por sobre os ombros, sempre achando que os seus amigos vão te destroçar. Às vezes, só vai ser azarado o bastante para estar no caminho de um motorista bêbado. Desculpe, doutor. Mas são 19:00h. Tenho um serviço esta noite. Mais tarde vou enviar uma conta, mas seus quinhentos praticamente cobrirão as despesas."

Marshal olhou para cima. Pela primeira vez, ele realmente entendeu que tinham lhe roubado os noventa mil dólares. — E então? É isso? É o que consigo pelos meus quinhentos dólares? Sua historinha exótica sobre o tijolo e o *cameorder?*

— Olha aqui, eles te pegaram e você ficou mais limpo que bumbum de nenê, chega aqui sem a menor noção de nada, sem uma pista, sem nada... pede minha ajuda, dou quinhentos dólares do meu tempo e do tempo do meu pessoal. E não é que eu não o tenha avisado. Mas você não pode amarrar as minhas mãos, não deixar que eu faça o meu trabalho, e depois fica choramingando que seu dinheiro não foi bem gasto. Sei que você está furioso. Quem não estaria? Mas ou você me deixa ir atrás dele com tudo que tenho ou você precisa desistir.

Marshal ficou em silêncio.

—Quer meu conselho? O taxímetro está desligado: nenhuma cobrança a mais por isto: *dê adeus àquele dinheiro.* Considere uma das duras lições da vida.

—Bem, Bat — disse Marshal olhando por sobre os ombros enquanto saía do escritório —, não desisto tão fácil assim. Aquele filho da mãe pegou o cara errado.

—Doutor — Bat o chamou enquanto Marshal descia as escadas —, se estiver pensando de bancar o Cavaleiro Solitário — não faça! Aquele sujeito é mais esperto que você! Muito mais esperto!

—Vá pro inferno — Marshal murmurou enquanto saía pela porta para a Fillmore.

Marshal fez uma longa caminhada até sua casa, considerando cuidadosamente suas opções. Mais tarde, naquela mesma noite, agiu com decisão. Em primeiro lugar, telefonou para a Pac Bell e acertou os detalhes para a instalação de mais uma linha telefônica em casa com um número que não constasse na lista e uma secretária eletrônica. Depois, enviou por fax um anúncio a ser publicado no próximo número do *Psychiatric News* da Associação Psiquiátrica Americana, enviado semanalmente para todos os psiquiatras do país:

AVISO: Você está tratando de um paciente por terapia rápida (masc, branco, rico, atraente, 40, esbelto) por causa de problemas com filhos e noiva, envolvendo dispersão de bens e acordo pré-nupcial, que oferece grandes oportunidades de investimento, presentes, palestras patrocinadas? Você pode estar em grande perigo. Telefone para 415-555-1751. Absolutamente confidencial.

VINTE E SEIS

As noites eram especialmente difíceis para Marshal. Agora, só conseguia dormir com a ajuda de sedativos pesados. Durante o dia, nada poderia impedir que ele revivesse continuamente cada minuto que tinha passado com Peter Macondo.Às vezes, esquadrinhava todos os recantos da sua memória em busca de novos indícios, outras vezes, inventava fantasias de vingança nas quais ele armava uma cilada para Peter nos bosques e o surrava até que perdesse os sentidos, às vezes, ele simplesmente ficava deitado acordado se desprezando violentamente por sua estupidez e imaginando Peter e Adriana acenando alegremente enquanto passavam zunindo com um Porsche novo de noventa mil dólares.

Mas os dias também não eram fáceis. A ressaca do sedativo, apesar dos expressos duplos, durava até o meio-dia e era apenas com um enorme esforço que Marshal conseguia passar suas horas com os pacientes. Seguidas vezes, ele imaginava sair do seu papel e invadir a hora analítica: "Pare de se lamentar" ele queria dizer. Ou: "Não conseguiu dormir por uma hora — chama *isso* de insônia? Fiquei acordado a metade da droga da noite!" Ou: "Então, depois de dez anos, o senhor viu a Mildred no armazém e, de novo, teve aquela sensação mágica, aquela dorzinha aguda de desejo, aquele pequeno lampejo de medo! Grande porcaria! Vou lhe contar o que é dor."

Mesmo assim, Marshal continuou apegando-se a qualquer orgulho que conseguisse ter do conhecimento de que a maioria dos terapeutas, passando por seu nível de sofrimento, teria há muito jogado a toalha no chão e tirado uma licença médica. Quando as coisas ficam duras, ele lembrou a si mesmo, o durão vai em frente. E, portanto, hora após hora, dia após dia, ele engolia a dor e a expelia.

Só duas coisas faziam Marshal ir em frente. Em primeiro lugar, o desejo ardente por vingança; ele verificava a secretária eletrônica várias vezes por dia, na esperança de uma resposta ao seu anúncio no *Psychiatric News,* esperando alguma pista que o levaria a Peter. Segundo, as visitas acalmantes à sua advogada. Uma ou duas horas antes de cada encontro com Carol, Marshal conseguia pensar em pouca coisa mais; ele ensaiava o que diria, imaginava as suas conversas. Às vezes, quando pensava em Carol, seus olhos se enchiam de lágrimas de gratidão. Cada vez que ele saía do escritório dela, seu fardo parecia mais leve. Ele não analisava o significado dos seus profundos sentimentos por ela. Não se importava muito. Em pouco tempo, as reuniões semanais não bastavam, ele quis se encontrar duas, três vezes por semana, até diariamente.

As necessidades de Marshal puseram Carol à prova. Em pouco tempo, ela tinha exaurido tudo o que tinha a oferecer como advogada e estava perdida sobre como lidar com o sofrimento dele. Finalmente, ele decidiu que poderia satisfazer melhor seu voto de boa samaritana se o estimulasse a consultar um terapeuta. Mas Marshal nem quis ouvir falar nisso.

—Não posso consultar um terapeuta pelos mesmos motivos que não posso ter nenhuma publicidade sobre toda esta coisa. Tenho inimigos demais.

—O senhor acha que um terapeuta não conseguiria manter confidencialidade?

—Não, não é tanto uma questão de confidencialidade, é mais uma questão de visibilidade — respondeu Marshal. — É necessário considerar que qualquer um que possa ter utilidade para mim terá que ter passado por um treinamento prático de análise.

—O senhor quer dizer — interrompeu Carol — que nenhum outro tipo de terapeuta, exceto um analista, seria capaz de ajudá-lo?

—Sra... eu me pergunto se a senhora se importaria de nos tratarmos pelo primeiro nome? Sra. Astrid e dr. Streider soa tão tenso e formal, considerando a natureza íntima da nossa discussão.

Carol inclinou a cabeça em aprovação, não deixando de lembrar do comentário de Jess de que a única coisa que achava antipático em seu terapeuta era a formalidade: ele tinha menosprezado a sugestão de Jess de usar os primeiros nomes e insistiu em ser chamado de doutor...

— Carol... é, isto é melhor... diga-me a verdade: consegue me enxergar consultando algum terapeutazinho? Algum especialista em vidas passadas ou alguém que esteja desenhando diagramas de pais, filhos e adultos numa lousa portátil, ou algum jovem tolo de terapia cognitiva tentando corrigir meus maus hábitos de raciocínio?

—Certo, vamos supor, por ora, que seja verdade que apenas um analista poderia ser útil. Agora, continue com o seu argumento: Por que isso se apresenta como um problema tão grande assim para você?

—Bem, conheço todos os analistas da comunidade e não acho que exista alguém que pudesse ter a atitude neutra necessária em relação a mim. Tenho sucesso demais, sou ambicioso demais. Todos sabem que estou a caminho de me tornar presidente do Instituto Psicanalítico Golden Gate e que estou de olho na liderança nacional.

— Portanto, então, é uma questão de inveja e competição?

—É claro. Como qualquer analista poderia manter uma neutralidade analítica com relação a mim? Qualquer analista que eu consultasse se deleitaria secretamente com minha má sorte. Eu provavelmente o faria se estivesse no lugar dele. Todos gostam de ver o desmoronamento dos poderosos. E logo correria a notícia de estar em terapia. Em um mês, todo mundo na cidade ficaria sabendo disso.

—Como?

— Não há nenhuma maneira de ocultar. Os consultórios dos analistas estão agrupados. Alguém me reconheceria na sala de espera.

— E daí? É uma desgraça estar em terapia? Ouço as pessoas falarem com admiração dos terapeutas ainda dispostos a trabalhar neles mesmos.

— Entre os meus colegas, e na minha idade e nível, seria interpretado como um sinal de fraqueza, iria me arruinar politicamente. E, lembre-se, sempre que critiquei intensamente a má conduta profissional do terapeuta: até planejei as regras de disciplina e expulsão. Uma expulsão bem-merecida, poderia acrescentar, do meu próprio analista do instituto. Leu sobre a catástrofe de Seth Pande nos jornais?

— O *recall* psiquiátrico? Sim, é claro! — disse Carol. — Quem conseguiria deixar de reparar nisso? Foi você?

— Fui um ator importante nele. Talvez *o* ator principal. E, entre mim e você, poupei o instituto. Uma história longa e confidencial, não posso entrar neste assunto, mas o ponto é este: como eu poderia alguma vez voltar a falar em má conduta profissional de um terapeuta quando poderia existir alguém na platéia que sabe que aceitei um Rolex de um paciente? Sou forçado a ficar em silêncio, e em paralisia política, para sempre.

Carol sabia que havia algo seriamente errado com o argumento de Marshal, mas não conseguiu encontrar uma maneira de o contestar. Talvez sua desconfiança nos terapeutas fosse parecida demais com a sua própria. Ela tentou uma outra via.

— Marshal, volte à sua declaração de que somente um terapeuta com treinamento em análise poderia ajudá-lo. Onde você e eu ficamos nisso? Olhe para mim, uma pessoa inteiramente sem treino! Como é que você me considera útil?

— Não sei *como,* só sei que você *é.* E, neste exato momento, não tenho energiapara tentar descobrir o porquê. Talvez tudo o que você precise fazer seja simplesmente estar na sala comigo. Isso é tudo. Só deixar que eu faça o trabalho.

— Mesmo assim — disse Carol, sacudindo a cabeça — não me sinto à vontade com o nosso arranjo. Não é profissional; pode até ser antiético. Você estágastando dinheiro para ver alguém que não tem nenhum conhecimento especializado na área que você precisa. E é um bom dinheiro. Afinal de contas,cobro mais que um psicoterapeuta.

— Não, pensei com muito cuidado em todos os aspectos. Como pode ser antiético? Seu cliente está solicitando porque acha que é útil. Assinarei uma declaração juramentada nesse sentido. E não é caro se você levar em consideração as conseqüências fiscais. Gastos médicos moderados no meu nível de renda não são dedutíveis, mas as despesas legais são. Carol, você é cem por cento dedutível. Na verdade, você é menos dispendiosa que um terapeuta, mas não é essa a razão para vê-la! A verdadeira razão é que você é a única pessoa que pode me ajudar.

E, portanto, Carol foi persuadida a continuar com suas reuniões com Marshal. Ela não teve nenhuma dificuldade em identificar os problemas de Marshal. Um por um, ele os descreveu minuciosamente para ela. Assim como tantos excelentes advogados, Carol se orgulhava de sua bela caligrafia, e suas meticulosas anotações em folha de papel tamanho ofício logo continham uma lista convincente de questões. Por que era tão impossível para Marshal recorrer a qualquer outra pessoa em busca de ajuda? Por que tantos inimigos? E por que era tão arrogante, julgava com tanta intensidade os outros terapeutas e outras terapias? Ele era vorazmente julgador; não poupava ninguém, nem sua esposa, nem Bat Thomas, nem Emil, nem Seth Pande, nem seus colegas, nem seus estudantes.

Carol não conseguiu evitar de insinuar uma pergunta sobre Ernest Lash. Sob o pretexto de que uma de suas amigas estava pensando em iniciar uma terapia com ele, pediu sua recomendação.

— Bem — e, lembre-se, isto é confidencial, Carol —, ele não é a primeira pessoa que eu recomendaria a você. Ernest é um jovem brilhante e preocupado, que tem uma excelente formação em pesquisa de medicamentos. Nessa área, ele é de primeira. Sem dúvida alguma. Mas como terapeuta... bem... digamos simplesmente que ele ainda está em desenvolvimento, ainda está indiferenciado. O principal problema é que ele não teve nenhum verdadeiro estágio prático em análise além de uma limitada supervisão comigo. Nem, penso eu, ele é suficientemente maduro ainda para assumir um treino analítico adequado: indisciplinado demais, irreverente demais e iconoclasta. Ainda pior, ele se vangloria de sua indisciplina, tenta dignificá-la sob o nome de "inovação" ou "experimentação".

Indisciplinado! Irreverente! Iconoclasta! Em conseqüência destas acusações, a ação de Ernest subiu vários pontos em sua avaliação.

A seguir na lista de Carol, depois de desconfiança e arrogância, vinha a vergonha de Marshal. Vergonha profunda. *Talvez arrogância e vergonha caminhassem juntas,* pensou Carol. *Talvez, se Marshal não julgasse tanto os outros, não seria tão duro consigo mesmo. Ou será que funcionava da maneira oposta? Se não fosse tão duro consigo mesmo, poderia ele ser mais clemente com os outros? Engraçado, agora que ela pensava nisso, viu que era exatamente dessa maneira que Ernest tinha colocado para ela.*

Na verdade, de várias maneiras, ela se reconhecia em Marshal. Por exemplo: sua fúria, seu estado de excitação, sua tenacidade, a obsessão com a vingança, fazia com que ela se lembrasse da reunião que tivera com Heather e Norma naquela terrível noite depois que Justin tinha ido embora. Ela realmente nutrira a idéia de um pistoleiro, uma surra com corrente de ferro? Tinha realmente destruído os arquivos do computador de Justin, suas roupas, as lembranças da sua juventude? Nada disso parecia real agora. Parecia ter acontecido há mil anos. O rosto de Justin estava desaparecendo aos poucos da memória.

Como ela havia mudado tanto?, ela se perguntou. O encontro casual com Jess, provavelmente. Ou talvez simplesmente fugir do estrangulamento do casamento? E, então, Ernest cruzou em sua mente... seria possível que, apesar de tudo, ele tinha conseguido contrabandear um pouco de terapia nas suas sessões?

Ela tentou raciocinar com Marshal sobre a falta de utilidade da sua fúria e ressaltou o caráter de autoderrota. Sem qualquer proveito. Às vezes, ela tinha vontade de transfundir um pouco de sua recém-desenvolvida moderação nele. Outras vezes, perdia a paciência e queria sacudi-lo para enfiar um pouco de sensatez nele. "Esqueça!", ela queria gritar. "Não percebe o que sua fúria e seu orgulho idiotas estão lhe custando? Tudo! Sua paz de espírito, seu sono, seu trabalho, seu casamento, suas amizades! Esqueça, simplesmente." Mas nenhuma destas abordagens ajudaria. Ela se lembrava com enorme intensidade a tenacidade de sua própria sede de vingança há apenas poucas semanas e conseguia facilmente empatizar com a raiva de Marshal. Mas não sabia como ajudá-lo a deixar esquecer.

Alguns dos outros itens da sua lista, por exemplo, a preocupação de Marshal com dinheiro e prestígio, eram estranhos a ela. Ela não tinha nenhuma experiência pessoal com eles. Ainda assim, apreciava sua centralidade em Marshal: afinal, foram sua cobiça e ambição que o colocaram nesta confusão.

E sua mulher? Carol esperou pacientemente, hora após hora, que Marshal falasse dela. Mas mal falou uma palavra, a não ser para dizer que Shirley estava longe num retiro de três semanas, em Tassajara, para praticar a meditação *vipassana.* Nem Marshal respondeu às perguntas de Carol sobre o casamento deles, exceto para dizer que seus interesses tinham divergido e eles estavam seguindo caminhos separados.

Muitas vezes enquanto corria, enquanto pesquisava os casos de outros clientes, enquanto estava deitada na cama, Carol pensou em Marshal. Tantas perguntas. Tão poucas respostas. Marshal detectava a inquietação dela e a tranqüilizava dizendo que a simples ajuda para que ele formulasse e discutisse seus problemas básicos era suficiente para aliviar parte da sua dor. Mas Carol sabia que

não era suficiente. Ela precisava de ajuda; precisava de um consultor. Mas quem? E então, um dia, ocorreu a ela: sabia exatamente a quem recorrer.

VINTE SETE

Na sala de espera de Ernest, Carol decidiu que dedicaria sua hora inteira de terapia para obter conselhos sobre como ajudar Marshal. Ela fez uma lista das áreas nas quais ela precisava de ajuda com o seu cliente e planejou como melhor apresentá-la a Ernest. Ela sabia que tinha de ser cuidadosa: os comentários de Marshal deixaram claro que ele e Ernest se conheciam e ela teria que enterrar a identidade de Marshal bem profundamente. Isto não assustava Carol; *au contraire,* ela circulava com desenvoltura e jovialidade nos corredores da intriga.

Mas Ernest tinha uma agenda bem diferente. Assim que ela entrou no consultório, *ele* iniciou a hora.

—Sabe, Carolyn, sinto que a última sessão ficou inacabada. Terminamos no meio de algo importante.

—O que você quer dizer?

—Pareceu-me que estávamos no meio de um olhar mais investigativo do nosso relacionamento e você começou a ficar agitada. Você praticamente saiu feito um raio daqui no final da hora. Pode falar sobre os sentimentos que teve no seu caminho da nossa sessão até a sua casa?

Ernest, assim como a maioria dos terapeutas, quase sempre esperava que o paciente iniciasse a hora. Se ele chegasse a quebrar essa regra e introduzisse antes o tópico, era invariavelmente com a finalidade de explorar alguma questão que ficou pendente na sessão anterior. Ele tinha aprendido com Marshal há muito tempo que quanto mais as sessões de terapia fluíssem de uma para a outra, mais poderosa se tornava a terapia.

— Agitada? Não. — Carol sacudiu a cabeça. — Acho que não. Não me lembro muito da última sessão. Além do mais, Ernest, hoje é hoje e quero conversar com você sobre uma outra coisa. Preciso de algum conselho sobre umcliente que estou atendendo.

— Num minuto, Carolyn; primeiro deixe-se seguir com isto até o fim poralguns minutos. Existem algumas coisas que me parecem importantes e quequero dizer.

De qualquer maneira, de quem é esta terapia?, Carol resmungou consigo mesma. Mas assentiu amigavelmente e aguardou para que Ernest continuasse.

—Você se lembra, Carolyn, que eu lhe disse, na nossa primeira sessão, que nada era mais importante na terapia do que termos um relacionamento honesto? De minha parte, dei minha palavra que seria honesto com você. Contudo, a verdade é que não vivi de acordo com isso. Está na hora de purificar o ar e vou começar com meus sentimentos sobre a parte erótica... está havendo muito disso no nosso relacionamento e isso está me perturbando.

—O que quer dizer? — Carol se sentiu preocupada; o tom de Ernest deixou claro que esta não seria uma sessão comum.

—Bem, veja o que aconteceu. Desde a primeira sessão em diante, uma boa parte do nosso tempo foi dedicada a você falar sobre sua atração sexual por mim. Tornei-me o centro de suas fantasias sexuais. Várias vezes seguidas, você me pediu que tomasse o lugar de Ralph como seu amante-terapeuta. E, depois, existem os abraços no final da hora, as tentativas de me beijar, a "hora do divã", quando você quer se sentar perto de mim.

—Sim, sim, sei disso tudo. Mas você empregou a palavra *perturbação.*

—Sim, sem dúvida alguma perturbação, e em mais de um aspecto. Em primeiro lugar, porque

era sexualmente excitante.

—Você está perturbado porque eu ficava excitada?

— Não, porque *eu* estava. Você tem sido bem provocante, Carolyn, e já quea atividade mais importante aqui, e especialmente hoje, é honestidade, eu lhecontarei honestamente que isso tem sido perturbadoramente excitante paramim. Eu já lhe disse antes que a considero uma mulher muito atraente; é muito difícil para mim, como homem, não ser afetado por sua sedução. Você entrou nas *minhas* fantasias, também. Penso em vê-la horas antes de você entrar,penso sobre o que vestir nos dias que a vejo. Tenho que admitir até isto.

"Pois bem, a terapia não pode,obviamente, continuar assim. Veja você, mais do que ajudá-la a resolver estes... estes, como devo dizer?... sentimentos poderosos, mas irreais por mim, acredito que eu os fraudei, eu os encorajei. Gostei de abraçá-la, de tocar seus cabelos, de tê-la sentada ao meu lado no sofá. E acredito que você sabe que gostei disso. Você balança a cabeça dizendo 'Não',

Carolyn, mas acredito que aticei as chamas dos seus sentimentos por mim. Tenho dito 'Não, não, não' o tempo todo, mas, numa voz mais fraca, embora audível, venho também dizendo 'Sim, sim, sim'. E isso não tem sido tora • pêutico para você."

—Não ouvi o "Sim, sim, sim", Ernest.

—Talvez não conscientemente. Mas, se eu sinto esses sentimentos, tenho certeza de que você os sentiu em algum nível e foi estimulada por eles. Duas pessoas unidas num relacionamento íntimo, ou num relacionamento que está *tentando* ser íntimo, sempre comunicam tudo uma para a outra, se não explicitamente, então num nível não-verbal ou inconsciente.

—Não estou certa de que concordo com isso, Ernest.

—Tenho certeza que estou certo nisto. Voltaremos a isso de novo. Mas quero que você pense no âmago da questão daquilo que eu disse: seus sentimentos eróticos por mim não são bons para a terapia, e eu, com minha própria vaidade e minha própria atração sexual por você, devo assumir a responsabilidade por estimular esses sentimentos. Não tenho sido um bom terapeuta para você.

—Não, não — disse Carol, balançando vigorosamente a cabeça. — Nada disso é sua culpa...

—Não, Carolyn, deixe-me terminar... Há mais uma coisa que quero dizer a você... Antes mesmo que eu a conhecesse, tomei uma decisão consciente de que iria ser totalmente auto-revelador com meu próximo paciente. Senti, e ainda sinto, que o erro básico na terapia mais tradicional é que o relacionamento entre o paciente e o terapeuta não é genuíno. Meus sentimentos sobre isto são tão fortes que tive de romper com um supervisor analítico que eu admirava muitíssimo. É por esta mesma razão que recentemente tomei a decisão de não continuar com o treinamento psicanalítico formal.

—Não estou bem certa das implicações disto na nossa terapia.

—Bem, significa que, com você, meu tratamento tem sido experimental. Talvez, em minha própria defesa, eu deva dizer que é um termo forte demais já que, nos últimos anos, tenho tentado ser menos formal e mais humano com todos os meus pacientes. Mas com você há um paradoxo bizarro: eu me comprometi, comigo mesmo, a fazer um experimento de honestidade total e, contudo, nunca lhe contei sobre esse experimento. E, agora, ao fazer um inventa rio de onde estamos, não acredito que esta abordagem tenha sido útil. Fathel em criar o tipo de relacionamento honesto e autêntico que sei ser necessário caso você queira crescer na terapia.

—Acredito que nada disto foi culpa sua — ou culpa da sua abordagem.

—Não tenho certeza de *o que* deu errado. Mas *alguma coisa* deu errado. Sinto um enorme abismo entre nós. Sinto uma enorme suspeita e desconfiança vindo de você, que se alterna subitamente com alguma expressão de grande afeição e amor. E sempre me sinto frustrado porque

a maior parte do tempo não percebo você se sentir afetuosa ou mesmo positiva comigo. Com certeza, não estou lhe dizendo algo que você não saiba.

Carol, cabeça vergada, permaneceu em silêncio.

— Então, minha preocupação está crescendo: não fiz a coisa certa porvocê. Neste caso, a honestidade pode não ter sido a melhor política. Teriasido melhor se você tivesse consultado um terapeuta mais tradicional, alguém que promovesse um relacionamento terapeuta-paciente mais formal,alguém que mantivesse limites mais claros entre um relacionamento terapêutico e outro pessoal. Entãããão, Carolyn, imagino que é isto que querialhe dizer. Alguma resposta?

Carol começou a falar duas vezes, mas ficou atrapalhada buscando as palavras. Finalmente, ela disse: — Estou confusa. Não consigo falar... Não sei o que dizer.

— Bem, posso imaginar em que você está pensando. À luz de tudo que eu disse, acho que está pensando que estaria melhor com um outro terapeuta, que está na hora de dar um fim a este experimento. E acho que você pode estar com a razão. Eu a ajudarei nisto e ficarei feliz em dar sugestões de um outro terapeuta. Você pode até estar pensando que fui desonesto em cobrá-la por um procedimento experimental. Se for isto, vamos falar sobre isso; talvez devolver seus pagamentos seja a coisa correta a fazer.

O fim do experimento — há uma certa melodia nisso, pensou Carol. *E a saída perfeita para toda esta farsa pegajosa. Sim, está na hora de ir embora, está na hora de acabar com a mentira. Deixe o Ernest para o Jess e o Justin. Talvez você esteja certo, Ernest. Talvez seja tempo depararmos a terapia.*

É isso que ela deveria ter dito; em vez disso, ela se viu dizendo algo muito diferente.

— Não. Errado em todos os aspectos. Não, Ernest, não é a abordagem da sua terapia que está errada. Não gosto da idéia de você a mudar por minha

causa... isso me aborrece... me aborrece bastante. Certamente uma única paciente não é suficiente para que você chegue a tal conclusão. Quem sabe? Talvez seja cedo demais para dizer. Talvez seja a perfeita abordagem para mim. Dê-me tempo. Gosto da sua honestidade. Sua honestidade não me fez nenhum mal. Talvez tenha me feito muito bem. Quanto a devolver seus honorários, isto está fora de questão — e, incidentalmente, como advogada, quero aconselhá-lo contra tais declarações no futuro. Deixa você vulnerável a questões judiciais.

"A verdade?", continuou Carol."Quer a verdade? A verdade é que você me ajudou. Mais do que você sabe. E, não, quanto mais penso nisso, não quero parar de vê-lo. E não verei mais ninguém. Talvez tenhamos encerrado um período difícil. Talvez, inconscientemente, eu estivesse testando você. Acho que estava. E testando-o severamente."

—Como me saí no teste?

—Acho que você passou. Não, melhor que isso... o melhor da sua classe.

—Do que se tratava o teste?

—Bem... não tenho certeza se sei... deixe-me pensar sobre o assunto. Bem, sei algumas coisas sobre isto, mas poderíamos guardar para uma outra vez, Ernest? Tem uma coisa que *preciso* conversar com você hoje.

—Tudo bem, mas estamos entendidos. Você e eu?

—Cada vez mais entendidos.

—Passemos à sua agenda. Você disse que envolvia um cliente.

Carol descreveu a situação dela com Marshal, revelando que ele era um terapeuta, mas, em todos os outros aspectos, disfarçando cuidadosamente a identidade dele e lembrando a Ernest do

compromisso profissional dela com a confidencialidade e que, portanto, ele não poderia fazer perguntas importantes.

Ernest não foi cooperativo. Não gostou de transformar a hora de terapia de Carolyn numa consulta e apresentou uma série de objeções. Ela estava resistindo ao seu próprio trabalho; não estava fazendo bom uso do tempo dela ou do dinheiro dela; e o cliente dela deveria estar consultando um terapeuta, não uma advogada.

Carol contra-atacou a cada uma delas habilmente. O dinheiro não era problema — ela não estava desperdiçando o dinheiro dela. Ela cobrava mais do cliente do que Ernest cobrava dela. Quanto ao seu cliente consultar um terapeuta — bem, *ele simplesmente não queria* e ela não poderia explicar em maior detalhe por causa da confidencialidade. E ela não estava evitando seus próprios problemas — estava disposta a ver Ernest mais freqüentemente para compensar a hora. E já que os problemas do cliente eram um reflexo dos seus próprios problemas, ela estava trabalhando indiretamente nos seus problemas ao trabalhar nos problemas dele. Seu argumento mais poderoso era que, ao agir de uma maneira puramente altruísta pelo seu cliente, ela estava encenando a exortação de Ernest de quebrar o círculo de egoísmo é paranóia passados a ela por sua mãe e avó.

— Você me convenceu, Carolyn. Você é uma mulher formidável. Se algumdia eu precisar ser defendido num caso, quero-a como minha advogada. Conte-me sobre você e o seu cliente.

Ernest era um consultor experiente e ouviu atentamente enquanto Carol descrevia o que ela estava enfrentando em Marshal: fúria, arrogância, solidão, preocupação com o dinheiro e o prestígio e a falta de interesse em qualquer outra coisa na sua vida, inclusive seu casamento.

— O que chama a minha atenção — disse Ernest — é que ele perdeu todaa perspectiva. Encontra-se tão preso a esses eventos e sentimentos que seidentificou com eles. Precisamos encontrar uma maneira de ajudá-lo a se distanciar alguns passos dele mesmo. Precisamos ajudá-lo a se ver de um localmais distante, até mesmo de uma perspectiva cósmica. É exatamente o que eufazia com você, Carolyn, sempre que lhe pedia para considerar alguma coisada longa série de eventos da sua vida. Seu cliente *transformou-se* nessas coisas, perdeu o senso de um eu persistente que está passando por esses eventos por uma pequena fração da sua existência. E o que piora as coisas aindamais é que ele está pressupondo que seu atual tormento será seu estado permanente. Fixo por todo o sempre. Obviamente, essa é a marca distintiva dadepressão: uma combinação de tristeza mais pessimismo.

—Como rompemos isso?

—Bem, existem muitas possibilidades. Por exemplo, daquilo que você disse, é evidente que a realização e a eficiência são centrais em sua identidade. Ele deve se sentir absolutamente desamparado agora e aterrorizado com esse desamparo. O que aconteceu é que ele pode ter perdido de vista o fato de que ele tem escolhas e que essas escolhas lhe dão o poder de mudar. Ele precisa de ajuda para entender que sua difícil situação não é resultado de um destino

predeterminado, mas sim de suas próprias escolhas. Por exemplo, sua escolha de venerar o dinheiro. Uma vez que ele aceite que é o criador de sua situação, também poderá ser levado à compreensão de que ele tem o poder de se libertar: as escolhas que fez o colocaram nisto; as escolhas que fizer poderão tirá-lo disso.

"Ou", continuou Ernest,"ele provavelmente perdeu de vista a evolução natural do seu presente sofrimento, que existe agora, que teve um início e terá um fim. Você poderá até repassar épocas no passado em que ele sentiu este mesmo tanto de fúria e sofrimento e ajudá-lo a se lembrar de como aquela dor desapareceu aos poucos; exatamente como sua dor atual, em algum momento, se tornará uma pálida memória."

— Bom, muito bom, Ernest. Espetacular. — Carol rabiscou apressadamente as anotações. — O que mais?

—Bem, você diz que ele é um terapeuta. Há mais uma alavanca aqui. Quando trato terapeutas, freqüentemente descubro que consigo usar suas próprias qualificações profissionais com grande vantagem. É uma boa maneira de fazer com que eles se voltem para si mesmos, olhem para si mesmos de uma perspectiva mais distante.

—Como você faz isto?

—Uma maneira simples poderia ser pedir que imagine um paciente com as mesmas preocupações entrando no seu consultório. Como ele poderia abordar esse paciente? Pergunte-lhe: "O que você sentiria sobre este paciente? Como você poderia ajudá-lo?"

Ernest esperou enquanto Carol virava uma página e continuava a fazer suas anotações.

— Esteja preparada pois ele pode ficar aborrecido com isto; geralmentequando os terapeutas estão em profunda dor, são exatamente como qualqueroutra pessoa: querem que cuidem deles, não querem precisar ser seu próprioterapeuta. Mas seja persistente... é uma abordagem eficiente, é uma boa técnica. Na profissão, é o que chamamos de "amor difícil".

"Amor difícil não é o meu forte", continuou Ernest. "Meu ex-supervisor costumava me dizer que eu geralmente optava por gratificação imediata dos meus pacientes me amando, em vez da gratificação mais importante de observá-los melhorando. Acho, não, eu *sei,* que ele tinha razão. Devo muito a ele por isto."

—E a arrogância? — perguntou Carol, consultando suas anotações. — Meu cliente é tão arrogante, pomposo e competitivo que não tem nenhum amigo.

—Geralmente "às avessas" é a melhor abordagem: sua pompa está provavelmente encobrindo uma auto-imagem que é cheia de dúvidas e vergonha e autodepreciação. Pessoas arrogantes, muito dinâmicas, geralmente sentem que precisam ser grandes realizadoras só para continuar no mesmo nível. Portanto, não pensaria em explorar sua pompa ou seu armor-próprio. Concentre-se, pelo contrário, no seu autodesprezo...

—Psiu... — Carol levantou a mão para diminuir sua velocidade enquanto ela escrevia. Quando ela parou, ele perguntou: — O que mais?

—Sua preocupação com dinheiro — disse Carol — e com seu prestígio de *insider.* E o isolamento e a estreiteza. É como se a mulher e a família não tivessem nenhum papel na vida dele.

—Bem, você sabe, ninguém gosta de ser enganado, mas estou impressionado com a reação catastrófica do seu cliente: tal pânico, tal terror... é como se sua própria vida estivesse em jogo, como se, sem o dinheiro, ele não fosse nada. Estou inclinado a especular sobre as origens desse mito pessoal, e, incidentalmente, eu me referiria deliberada e repetidamente a isso como um "mito". Quando ele criou este mito? De quem é a voz que o guiou? Gostaria de conhecer mais sobre as atitudes dos pais com relação a dinheiro. É importante porque, daquilo que você me conta, sua reverência pelo prestígio é o que o arruinou; parece que um vigarista esperto deve ter identificado isto e usado para apanhá-lo numa armadilha.

"É um paradoxo", continuou Ernest."Seu cliente — quase disse *paciente* — considera que o prejuízo é sua ruína, mas, se você conseguir guiá-lo corretamente, a fraude poderá ser sua salvação. Poderá ser a melhor coisa que já aconteceu a ele!"

—Como faço isso acontecer?

—Eu lhe pediria para olhar bem profundamente dentro dele mesmo e examinar se sua essência, seu próprio centro, acredita que a finalidade de sua existência seja compilar dinheiro. Às vezes, pedi a pacientes assim que se projetassem para o futuro, até o ponto de sua morte, de seu funeral, até imaginar seu túmulo e redigir um epitáfio. Como poderá ele, o seu cliente, se sentir se tiver um relato da sua preocupação com o dinheiro talhado na sua lápide? É essa a maneira pela qual que ele gostaria que sua vida fosse resumida?

—Exercício apavorante — disse Carol. — Faz me lembrar daquele exercício de linha da vida que uma vez você me pediu para fazer. Talvez eu devesse tratar de resolver isto também... mas não hoje... não terminei com as perguntas sobre o meu cliente. Diga-me, Ernest, como você interpreta a indiferença dele com a esposa? Fiquei sabendo por puro acaso que ela pode estar tendo um caso.

—Mesma estratégia. Eu perguntaria o que *ele* diria a um paciente que é assim indiferente à pessoa mais próxima dele em todo o mundo. Peça-lhe para imaginar a vida sem ela. E o que aconteceu a este eu sexual? Para onde foi? Quando desapareceu? E não é estranho como ele se sente bem mais disposto a entender seus pacientes que sua esposa? Você diz que ela própria é lambem uma terapeuta, mas que ele ridiculariza o treino e a abordagem dela? Bem, eu confrontaria isso de frente, o mais vigorosamente possível. Qual a base da ridicularização? Tenho certeza de que não se baseia em evidências objetivas.

"Vejamos, o que mais? Quanto à incapacitação dele... se isso continuar, então talvez um período sabático de um ou dois meses longe da clínica pudesse ser bom para ele, tanto para ele quanto para os seus pacientes. Talvez a melhor maneira fosse um retiro com a esposa. Talvez eles pudessem consultar um conselheiro de casais e experimentar alguns exercícios de escuta. Acho que uma das melhores coisas que poderia acontecer seria se ele permitisse que ela, mesmo com os métodos que ele despreza, o ajudasse..."

—Uma última pergunta...

—Não hoje, Carolyn, estamos ficando sem tempo... e estou ficando sem idéias. Mas vamos gastar apenas um minuto examinando a nossa sessão de hoje. Diga-me, por baixo das palavras que estivemos trocando hoje, o que você sentiu? Sobre o nosso relacionamento? E, hoje, quero ouvir toda a verdade. Fui honesto com você. Seja honesta comigo.

—Sei que você foi. E gostaria de ser honesta... mas não sei como dizê-lo... sinto que fiquei sóbria, ou humilde... ou, talvez,"privilegiada" seja o termo correto. E sinto que você se importa comigo. Que confia em mim. E sua honestidade faz com que eu ache difícil ocultar.

—Ocultar o quê?

—Olha o relógio. Estamos além do tempo. Na próxima vez! — Carol levantou-se para sair.

Houve um momento de constrangimento à porta. Eles tinham de inventar um novo modo de despedida.

—Vejo-a na quinta — disse Ernest enquanto esticava o braço para umaperto de mãos formal.

- Não estou pronta para um aperto de mão — disse Carol. — Maus hábitos são difíceis de corrigir. Especialmente em alguém presunçosa e fria. Vamos reduzir lentamente. Que me diz de um abraço paternal?

—Um acordo para"avuncular"?

—O que é"avuncular"?

VINTE E OITO

Tinha sido um longo dia no consultório. Marshal caminhou penosamente até sua casa, perdido em devaneios. Nove pacientes atendidos naquele dia. Nove vezes 175 dólares. Mil quinhentos e setenta e cinco. Quanto tempo para ganhar de novo os noventa mil dólares? Quinhentas horas-paciente. Sessenta dias inteiros no consultório. Mais de 12 semanas de trabalho. Doze semanas preso sob o jugo do arado, trabalhando para aquele maldito Peter Macondo! Para não mencionar os custos indiretos durante este período: o aluguel do consultório, as obrigações profissionais, seguro de má conduta profissional, licença médica. Sem falar nos honorários perdidos quando ele cancelou

os pacientes durante as duas primeiras semanas depois da fraude. Nem os quinhentos que o detetive abocanhou. Sem falar que as ações da Wells Fargo subiram na semana passada e estão valendo quatro por cento mais do que quando ele as vendeu! E os honorários da advogada! *A Carol vale a pena,* pensou Marshal, *mesmo que não entenda que um homem não pode simplesmente desistir disto, Vou enforcar aquele bastardo mesmo que leve o resto da minha vida!*

Marshal entrou na casa pisando forte e, como sempre, largou sua maleta na porta e correu até sua nova linha telefônica para verificar as mensagens. *Voilàl* Cultiva e colherás! Havia uma mensagem na secretária eletrônica.

"Alô, vi seu anúncio no jornal da APA. Bem, não o seu anúncio, mas o seu aviso. Sou psiquiatra na cidade de Nova York e gostaria de mais informações sobre o paciente que você descreve. Parece com alguém que estou tratando. Por favor, telefone para minha casa no número 212-555-7082 esta noite. Pode telefonar bem tarde."

Marshal discou o número e ouviu um "Alô" no telefone, um "Alô" que, queira Deus, o levaria diretamente a Peter. — Sim — respondeu Marshal —, recebi sua mensagem. Você diz que está tratando alguém como a pessoa que descrevo no anúncio. Poderia descrevê-lo para mim?

—Só um minuto, por favor — disse a pessoa. Vamos voltar. Quem é você? Antes de lhe dizer qualquer coisa, preciso saber quem você é.

—Sou um psiquiatra e analista em São Francisco. E você?

—Um psiquiatra com clínica em Manhattan. Preciso de mais informações sobre o seu anúncio. Você usa o termo *perigo.*

—E *quero mesmo dizer* perigo. Este homem é um vigarista e, se estiver tratando dele, você está em perigo. Ele lhe parece seu paciente?

—Não tenho a liberdade — normas profissionais de confidencialidade — de simplesmente falar com um estranho sobre o meu paciente.

—Acredite, esqueça as regras, é uma emergência — disse Marshal.

—Eu gostaria que você me contasse antes o que puder sobre este paciente.

—Nenhum problema com isso — disse Marshal. — Cerca de quarenta anos, boa aparência, bigode, atende pelo nome de Peter Macondo...

—*Peter Macondo!* — a voz no telefone interrompeu. — É o nome do meu paciente!

—Isso é inacreditável! — Marshal caiu numa cadeira, estarrecido. — Usar o mesmo nome! Por *isto* eu não esperava. O mesmo nome? Bem, atendi esse sujeito, Macondo, numa breve terapia individual por oito horas. Problemas típicos dos megarricos: questões de herança com seus dois filhos e ex-mulher, todo mundo queria um pedaço dele, generoso ao extremo, mulher alcoólatra. Recebeu o mesmo *scripfí* — perguntou Marshal.

"Sim, ele me contou que a enviou ao Centro Betty Ford também — respondeu Marshal. — E então quando vi a noiva e ele juntos... É isso mesmo, uma mulher alta, elegante. Nome, Adriana... Ela também usou o mesmo nome?... É, é isso mesmo, trabalhar num acordo pré-nupcial... parece uma cópia carbono. Você conhece o resto... sucesso na terapia, queria me recompensar, queixou-se dos meus baixos honorários, palestras patrocinadas na Universidade do México...

"Ah, Buenos Aires? Bem, bom saber que ele ainda está improvisando. Ele mencionou seu novo investimento? Fábrica de capacetes para ciclistas?

"É isso mesmo. A chance que acontece uma vez na vida. Você recebe garantia absoluta contra o prejuízo. Sem dúvida você percebeu o grande dilema moral? Como ele deu uma péssima dica

financeira ao cirurgião que salvou a vida do pai? Como ele se torturava por aquilo? Não conseguiria lidar com a culpa de fazer mal a um benfeitor. Como ele nunca mais permitiria que isso acontecesse?

"É isso mesmo... um cirurgião cardíaco... gastou uma hora inteira comigo, também, trabalhando muito nisso. Um detetive que consultei... um pé no saco... realmente ficou entusiasmado com essa parte, chamou de um estratagema criativo.

"Então, até onde você foi? Já deu um cheque para o investimento?

"Almoço na semana que vem no Jockey Club; logo antes de partir para Zurique? Soa familiar. Bem, você viu meu anúncio bem a tempo. O restante da história será curta e mais amarga. Ele me enviou um relógio Rolex, que, é claro, recusei-me a aceitar, e suspeito que ele fará o mesmo com você. Depois, pedirá que você trate Adriana e o pagará generosamente e adiantado pela terapia dela. É possível que você a veja uma vez ou duas. E, então. Puf! Some. Ambos desaparecerão da face da terra.

"Noventa mil. E, acredite, não posso me dar a esse luxo. E quanto a você? Quanto estava planejando investir?

"É? Só quarenta mil? Sei o que você quer dizer sobre a sua mulher. Tenho o mesmo problema com a minha. Quer enterrar moedas de ouro debaixo do colchão. Neste caso, ela estava certa. Pela primeira vez. Mas estou surpreso que ele não tenha pressionado por mais.

"Ah, ele ofereceu emprestar outros quarenta, sem juros, enquanto você liberava mais dinheiro durante as próximas semanas? Bela jogada."

—Não conseguirei agradecer-lhe o bastante pelo seu aviso — disse a voz do outro lado do telefone. — Na hora H. Estou em dívida com você.

—Sim. Na hora H, sim. Não tem de quê. Feliz em ser útil a um colega de profissão. Como eu gostaria que outra pessoa tivesse feito isso por mim.

"Ei, ei, não desligue. Nem sei dizer o quanto estou feliz de tê-lo poupado de uma fraude. Mas não é por este motivo... ou o único motivo... que coloquei o aviso. Este bastardo é uma ameaça. Precisa ser detido. Ele simplesmente continuará com um outro psiquiatra. Precisamos tirar este sujeito de circulação.

"APA? Bem, concordo: conseguir que os advogados da APA se dedicassem seria uma maneira. Mas não temos tempo. Este sujeito só vem à tona por um breve tempo e depois desaparece. Tenho um investigador particular trabalhando nisso e, deixe-me dizer, quando Peter Macondo desaparece, ele desaparece. Impossível de ser encontrado. Você tem qualquer informação, qualquer indício de sua verdadeira identidade? Um endereço permanente? Já viu um passaporte? Cartões de crédito? Conta em banco?

"É, dinheiro para tudo? Fez isso comigo também, li quanto a placas de carro?

"Ótimo, se você conseguir pegar as placas dos carros, ótimo. Então, foi assim que você o conheceu? Alugou a casa na mesma rua da sua casa de verão em Long Island e lhe deu uma carona no seu novo Jaguar? Sei quem pagou por esse Jaguar. Mas, sim, sim, consiga o número da placa de qualquer jeito que puder. Ou o nome da loja, se ainda estiver no carro. Não há nenhum motivo para não conseguirmos pegá-lo numa armadilha.

"Concordo inteiramente. Você *deveria* consultar um investigador particular, ou, talvez, um advogado criminalista. Todos que eu consultei não pouparam esforços para me dar a saber o quanto este sujeito é profissional. Precisamos de ajuda profissional...

"Sim, muito melhor deixar que o detetive colha as informações, e não você. Se o Macondo o vir bisbilhotando em volta da casa ou carro dele, ele some.

"Honorários? Meu detetive cobrou quinhentos por dia, a advogada, 250 a hora. Em Nova York, vão explorá-lo mais.

"Não estou entendendo", disse Marshal."Por que *eu* deveria pagar os honorários?

"Também eu não tenho nada a ganhar. Estamos no mesmo barco. Todo mundo me garantiu que nunca receberei de volta um centavo sequer do meu dinheiro, que, quando o Macondo for apanhado, ele não terá nenhum bem e uma lista de um quilômetro de acusações contra ele. Acredite em mim, meus motivos aqui são iguais aos seus: justiça e a proteção de outros no nosso campo... Vingança? Bem, sim, tem um pouco disso, confesso. Certo, bem, que me diz do seguinte? Vamos dividir meio a meio toda e qualquer despesa que você tiver. Lembre-se, é dedutível do imposto de renda."

Depois de regatear um pouco, Marshal disse: — Sessenta-quarenta por cento? É aceitável. Então, temos um acordo? O próximo passo é consultar um detetive. Peça uma recomendação ao seu advogado. Depois, deixe que o detetive nos ajude a desenvolver um plano para pegá-lo numa armadilha. Entretanto, uma sugestão: Macondo vai oferecer dar a você uma nota garantida da sua escolha. Peça-lhe uma nota com garantia bancária; ele trará uma com uma assinatura forjada. E, então, poderemos pegá-lo por fraude bancária, um crime mais sério. Isso pode fazer o FBI entrar no caso... Não, não fiz. Não com o FBI. Não com a polícia. Vou ser honesto com você; eu estava apavorado

demais com a má publicidade, com a censura das violações dos limites, por investir com um paciente, ou um ex-paciente. Um erro, eu deveria ter ido atrás dele com tudo que eu tinha. Mas, veja, você não se encontra nesse dilema. Você ainda não investiu e, quando o fizer, será apenas para pegar o Macondo numa armadilha.

"Não tem certeza se quer se envolver? — Marshal começou a se controlar ao falar. Percebeu que poderia facilmente perder esta oportunidade preciosa e escolheu as palavras com muito cuidado.

"Como assim? Você *está* envolvido! Como é que você vai se sentir quando souber de outros psiquiatras, talvez amigos seus, sendo lesados e você souber que poderia tê-lo impedido? E como *eles* irão se sentir quando ficarem sabendo que você foi uma vítima e ficou em silêncio? Não falamos isso aos nossos pacientes? Sobre as conseqüências das ações, ou das omissões?

"O que você quer dizer com 'você vai pensar sobre isso'? Não temos tempo. Por favor, doutor... sabe, não sei o seu nome.

"É verdade, você não sabe o meu. Estamos na mesma situação difícil, estamos os dois com medo de exposição. Precisamos confiar um no outro. Meu nome é Marshal Streider, sou analista-didata com consultório em São Francisco, residência de psiquiatria em Rochester, Instituto Psicanalítico Golden Gate. Isso mesmo, quando John Romano era presidente de Rochester. Você?

"Arthur Randal... soa familiar... St. Elizabeths de Washington? Não, não conheço ninguém lá. Então, você teve principalmente uma especialização em psicofármacos?

"Bem, estou começando a fazer mais terapia rápida, também, e um pouco de trabalho com casais... Mas, por favor, dr. Randal, voltemos àquilo que estávamos conversando. Não há tempo para você pensar sobre o assunto —, está disposto a participar?

"Está brincando? É claro que irei a Nova York. Não perderia por nada. Não posso ir durante a semana inteira. Tenho uma agenda cheia. Mas quando chegar o momento decisivo, estarei aí. Telefone para mim depois que tiver falado com o detetive, quero participar de todas as partes disto. Você está telefonando da sua casa? Qual o número mais fácil de encontrá-lo?"

Marshal escreveu vários números: casa, consultório e número para os fins de semana em Long Island. — Certo, telefonarei mais ou menos a esta hora para a sua casa. É quase impossível falar comigo no meu consultório, também. Você faz um intervalo nas meias horas? Eu geralmente faço

um intervalo de dez minutos até a hora inteira. Nunca conseguiremos falar durante o dia.

Ele desligou o telefone sentindo um misto de alívio, euforia e triunfo. Peter atrás das grades. A cabeça de Peter caída. Adriana, abatida, com o uniforme cinza da prisão. O novo Jaguar, bom valor de revenda, estacionado na sua garagem. Vingança, finalmente! Ninguém ferra Marshal Streider impunemente!

Depois, ele foi à direção da APA em busca de uma fotografia de Arthur Randal: bonitas feições, cabelos loiros penteados reto para trás, nenhum cargo, 42 anos, estágios em Rutgers e St. Elizabeths, pesquisa em níveis de lítio e transtorno bipolar, dois filhos. O número do consultório conferia. Graças a Deus por dr. Randal.

Sujeitinho barato, porém, pensou Marshal. Se *alguém me poupasse quarenta mil, eu não ficaria chorando ninharias com ele sobre os honorários do detetive. Ainda assim, do ponto de vista dele, por que ele deveria soltar o dinheiro? Ele não foi atingido. Peter pagou seus honorários. Por que ele deveria investir dinheiro para pegar numa armadilha alguém que não lhe fez mal?*

Os pensamentos de Marshal se voltaram para Peter. Por que ele usaria o mesmo nome em outro embuste? Talvez Macondo estivesse começando a se autodestruir. Todo mundo sabe que, mais cedo ou mais tarde, os sociopatas se destroem inteiramente. Ou ele simplesmente achou que o palerma deste Streider era tão estúpido que não valia o esforço de adotar um apelido? Bem, veremos!

Uma vez colocado em movimento por Marshal, Arthur mexeu-se rapidamente. Na noite seguinte, ele já tinha consultado um detetive que, ao contrário de Bat Thomas, se mostrou útil. Ele recomendou colocar Macondo sob vigilância por vinte e quatro horas (a 75 dólares a hora). Ele conseguiria as placas do carro e faria uma checagem completa delas. Se as circunstâncias permitissem, poderia entrar no carro de Macondo em busca de impressões digitais e outros materiais para identificação.

O detetive tinha dito a Randal que não havia como agarrar Macondo enquanto ele não cometesse um crime em Nova York. Portanto, ele aconselhou que fossem em frente com um plano para uma armadilha, mantendo registros

meticulosos de cada conversa e entrando imediatamente em contato com o Esquadrão de fraudes do Departamento de Polícia de Nova York, a NYPD.

Na noite seguinte, Marshal soube de mais progressos. Arthur tinha entrado em contato com o Esquadrão de Fraudes de Manhattan e foi encaminhado ao agente Darnel Collins, que, tendo investigado um caso com um *modus operandi* semelhante seis meses antes, expressou interesse em Peter Macondo. Ele pediu que Arthur usasse uma escuta e se encontrasse com Peter, como o planejado, para um almoço no Jockey Club, entregasse o cheque administrativo para ele e recebesse em troca a garantia bancária falsificada. O esquadrão de fraudes, tendo testemunhado e gravado em vídeo a transação, entraria em ação imediatamente para efetuar a prisão.

Mas a NYPD precisava de uma boa causa para uma operação dessa extensão. Marshal teria que cooperar. Teria que voar para Nova York, fazer uma queixa oficial formal sobre Peter junto ao Esquadrão de Fraudes e identificá-lo pessoalmente. Marshal estremeceu com o pensamento da publicidade, mas, com sua presa tão próxima à mão, reconsiderou sua decisão. Verdade, seu nome poderia chegar a alguns tablóides menores de Nova York, mas qual eram as chances de que a história chegasse até São Francisco?

O relógio Rolex? Que Rolex? Marshal disse em voz alta, como se estivesse num ensaio. *Ah, o relógio que Macondo enviou no final da terapia? O relógio que recusei a aceitar e devolvi a Adriana?* Enquanto falava, Marshal tirou o relógio do seu pulso e o colocou no fundo da gaveta da sua cômoda. Quem o contestaria? Alguém iria acreditar em Macondo? Só sua mulher e o Melvin sabiam do Rolex. O silêncio de Shirley estava garantido. E Marshal era guardião de tantos segredos hipocondríacos e bizarros de Melvin que ele não tinha nenhuma preocupação aí.

A cada noite, Marshal e Arthur conversavam durante vinte minutos. Que alívio para Marshal ter, finalmente, um verdadeiro confidente e colaborador, que talvez acabasse sendo um amigo. Arthur até encaminhou um de seus pacientes a Marshal, um engenheiro de *softwares* da IBM que seria transferido para a região da baía de São Francisco.

O único ponto de discórdia dizia respeito ao dinheiro a ser dado a Peter para o investimento. Arthur e Peter tinham acertado se encontrarem para um almoço em quatro dias. Peter havia concordado em providenciar uma nota com garantia bancária e Arthur teria um cheque administrativo de quarenta mil dólares. Mas Arthur queria que Marshal arcasse sozinho com os quarenta mil dólares. Tendo acabado de comprar uma casa de verão, Arthur não tinha dinheiro disponível. Seu único recurso era o dinheiro da herança da esposa, deixado para ela pela mãe, que tinha morrido no inverno anterior. Mas a esposa, membro de uma proeminente família da sociedade de Nova York há mais de duzentos anos, era extraordinariamente sensível com a aparição social e fez uma enorme pressão sobre Arthur para que não tivesse nada a ver com toda esta sórdida confusão.

Marshal, ofendido pela injustiça da situação, teve uma longa sessão de negociação com Arthur, durante a qual perdeu todo o respeito por seu pusilânime colega. Finalmente, Marshal, em vez de se arriscar a uma capitulação de Arthur à esposa e sua total retirada, concordou novamente com uma divisão sessenta-quarenta. Arthur precisava apresentar um único cheque administrativo, compensável num banco de Nova York. Marshal concordou em colocar vinte e quatro mil dólares na conta de Arthur no dia anterior ao almoço, ou ele levaria para Nova York ou faria uma transferência eletrônica. Arthur, relutantemente, concordou em arcar com os outros dezesseis mil.

Na noite seguinte, Marshal voltou para casa e encontrou uma mensagem eletrônica do agente Darnel Collins, Esquadrão de Fraudes de Manhattan da Cidade de Nova York. Marshal recebeu um tratamento lacônico ao retornar a ligação. A atribulada telefonista policial disse que voltasse a telefonar de manhã: o agente Collins não estava de serviço e a chamada de Marshal não parecia ser nenhuma emergência.

O primeiro paciente de Marshal na manhã seguinte seria às 7:00h. Ele ajustou o despertador para as 5:00h e voltou a telefonar para Nova York assim que acordou. A telefonista da polícia disse: "Vou bipar. Tenha um bom dia" e bateu o telefone. Dez minutos depois o telefone tocou.

—Senhor Marshal Streider?

—*Doutor* Streider.

—Bem, desculpa. DOUTOR Streider. Agente Collins, Esquadrão de Fraudes de Nova York. Tenho *um outro* médico aqui — dr. Arthur Randal — que diz que o senhor teve um pequeno e desagradável negócio com alguém em quem estamos interessados — responde às vezes pelo nome de Peter Macondo.

—Um negócio bem desagradável. Ele me roubou noventa mil dólares.

—O senhor não está sozinho nisso. Outras pessoas, também, estão aborrecidas com o nosso amigo Macondo. Dê-me os detalhes. Tudo. Estou gravando isto, tudo bem?

Marshal levou 15 minutos para descrever tudo o que tinha acontecido com Peter Macondo.

—Cara, ô cara, você está dizendo que, simples assim, você lhe entregou noventa mil dólares?

—O senhor não pode avaliar a situação na totalidade se não entender a natureza, as complexidades da situação psicoterapêutica.

—É mesmo? Bem, sabemos que não sou médico. Mas lhe digo o seguinte: *eu* nunca entreguei dinheiro assim. Noventa mil é muito dinheiro.

—Eu lhe disse, recebi uma nota garantida. Verifiquei com o meu advogado. É assim que todos os negócios são feitos. A nota bancária obriga o banco a pagar a nota mediante solicitação.

—Uma nota que o senhor finalmente foi averiguar duas semanas depois que ele foi embora.

—Escute aqui, agente Collins, o que é isto? Estou em julgamento? Acha que estou feliz com tudo isto?

—Está certo, meu amigo, fique calmo, e nos daremos bem. Olha o que vamos fazer para o senhor ficar bem. Vamos prender este sujeito quando estiver almoçando, mastigando o seu *radicchio,* na próxima quarta-feira, talvez às 12:30h, 13:00h. Mas para fazer isto funcionar, precisamos do senhor em Nova York para fazer uma identificação 12 horas depois da prisão; em outras palavras, antes da meia-noite de quarta-feira. Temos um acordo firme?

—Não perderia por nada.

—Certo, cara, muitas pessoas estão contando com você. Outra coisa; ainda tem a nota falsificada e o recibo do cheque administrativo?

—Tenho. Quer que eu os leve?

—Quero, traga os originais quando vier, mas quero ver as cópias deles imediatamente. Pode me enviar por fax hoje? 2-1-2-5-5-5-3-4-8-9 — coloque o meu nome, agente Darnel Collins, neles. Uma outra coisa. Tenho certeza de que não preciso lhe dizer, mas *não, não, não* mostre sua cara no restaurante. Você o faz e o nosso pássaro foge e todo mundo fica muito infeliz. Espere por mim na estação da rua Cinqüenta e Quatro. Fica entre a Oitava e a Nona, ou então combine com seu amigo para encontrar-se com ele depois da prisão e venha com ele. Avise o que você decidir. Alguma outra pergunta?

—Uma. Isto é seguro? É um cheque de verdade, a maior parte é dinheiro meu que o dr. Randal está dando a ele.

—*Seu* dinheiro? Pensei que fosse o dinheiro *dele.*

—Dividimos sessenta-quarenta por cento. Estou colocando/vinte e quatro mil.

—Seguro? Vamos colocar dois homens almoçando na mesa ao lado e outros três vigiando e gravando em vídeo cada movimento. Bem seguro. Mas *eu* não faria isso.

—Por quê?

—Sempre pode haver alguma coisa: terremoto, incêndio, todos os três policiais desmaiando juntos com ataques do coração... sei lá, acidentes acontecem. Seguro? É, bem seguro. Mesmo assim, eu não faria. Mas não sou um doutor.

A vida voltou a ser interessante para Marshal. De volta ao *jogging.* De volta ao basquete. Cancelou suas horas com Carol porque se sentia envergonhado de confessar que estava furtivamente no encalço de Peter. Ela estava inteiramente empenhada na estratégia oposta: pressioná-lo a aceitar a perda e deixar de lado a raiva. *Era um bom assunto para uma lição,* pensou Marshal, *sobre os perigos de dar conselhos em terapia: se os pacientes não seguirem o conselho, não voltarão.*

Toda noite ele conversava com Arthur Randal. À medida que se aproximava o encontro com Peter, Arthur foi ficando cada vez mais irritável.

—Marshal, minha esposa está convencida de que vou me sujar com todo esse negócio. Isto vai chegar aos jornais. Meus pacientes vão ler. Pense na minha reputação. Ou serei ridicularizado ou acusado de investir com um paciente.

—Mas é essa a questão: você não está investindo com o paciente. Está agindo em harmonia com

a polícia para pegar um criminoso numa armadilha. Isto irá *aumentar* a sua reputação.

—Não é isso que a imprensa vai dizer. Pense nisso. Você sabe o quanto eles se matam por um escândalo, especialmente com os psiquiatras. Cada vez mais, estou sentido que não preciso disso na minha vida. Tenho uma boa clínica, tudo que já quis.

—Se você não tivesse lido meu aviso, Arthur, seria roubado em quarenta mil por este bandido. E se não o impedirmos, ele continuará, vítima depois de vítima.

—Você não precisa de mim, *você* o pega, eu o identifico. Estou me candidatando a um cargo clínico na Universidade de Colúmbia... mesmo uma insinuação de escândalo...

—Olha, Arthur, aqui está uma idéia: proteja-se e, escreva uma carta detalhada sobre a situação e seus planos à Sociedade de Psiquiatria de Nova York. Faça-o *agora,* antes que Macondo seja preso. Se necessário, você pode fornecer uma cópia dessa carta ao seu departamento na Colúmbia e à imprensa. Isso lhe dará segurança absoluta.

—Não posso escrever essa carta de jeito nenhum, Marshal, sem mencionar você, seu anúncio, seu envolvimento com Macondo. Como isso fica com você? Você também estava relutante em ter seu nome vindo a público.

Marshal empalideceu com a idéia de qualquer exposição adicional, mas sabia que não tinha opção. De qualquer maneira, fazia pouca diferença; sua sessão gravada com o Agente Colins tornou seu envolvimento com Peter uma questão de registro público, de qualquer maneira.

— Se precisar fazê-lo, Arthur, faça-o. Não tenho nada a esconder. A classeinteira não sentirá nada além de gratidão para conosco.

Então, houve a questão de usar uma escuta para que a polícia pudesse gravar o fechamento do negócio com Macondo. A cada dia que passava, Arthur ficava mais intranqüilo.

—Marshal, tem que haver alguma outra maneira de fazer isto. Isto não pode ser levado superficialmente; estou me colocando em grande perigo. Macondo é esperto e experiente demais para que consigamos fazer isto com ele. Conversou com o agente Colins? Seja honesto, acha que ele é um páreo intelectual para Macondo? Suponhamos que Macondo descubra a escuta enquanto estivermos conversando?

—Como?

—Ele descobrirá de alguma maneira. Você o conhece, está sempre dez passos adiante.

—Não desta vez. Você tem a polícia na mesa do lado, Arthur. E não esqueça o senso de grandiosidade do sociopata, seu senso de invulnerabilidade.

Os sociopatas são também imprevisíveis. Você pode afirmar que Peter não possa perder o controle e apanhar uma arma?

— Arthur, não é o seu *modus operandi...* não é compatível com tudo que sabemos sobre ele. Você está seguro. Lembre-se, você está num restaurante elegante cercado por policiais em alerta. Você consegue fazer isto. Precisa ser feito.

Marshal teve uma premonição horrível de Arthur recuando no último momento e, na conversa de todas as noites, recorreu a todos os seus talentos retóricos para reforçar a coragem de seu tímido cúmplice. Transmitiu suas preocupações ao agente Collins, que se juntou a ele para acalmar o Arthur.

Mas, para o seu crédito, Arthur subjugou suas apreensões e antecipou seu encontro com Macondo com resolução, até equanimidade. Marshal transferiu eletronicamente o dinheiro de seu

banco na terça-feira de manhã, falou com Arthur naquela noite para confirmar sua chegada e pegou o vôo noturno para Nova York.

O avião estava com um atraso de duas horas e eram 15:00h quando ele chegou ao distrito policial da rua Cinqüenta e Quatro para seu encontro com Arthur e o agente Collins. O funcionário informou que o agente Collins estava interrogando e o encaminhou para uma cadeira de couro caindo aos pedaços no corredor. Marshal nunca tinha estado antes num distrito policial e estudou com grande interesse o fluxo constante de suspeitos macilentos levados para cima e para baixo pelas escadas por policiais atribulados. Mas ele estava grogue — tinha estado tão tenso que não tinha conseguido dormir no avião — e logo cochilou.

Cerca de trinta minutos depois, o funcionário o despertou com uma suave sacudidela no ombro e o instruiu a ir até uma sala no segundo andar onde o agente Collins, um homem negro de constituição física vigorosa, estava escrevendo à sua mesa. *Homem grande,* pensou Marshal, *do tamanho de um* linebacker *profissional. Exatamente como o tinha imaginado.*

Mas nada mais foi como ele imaginara. Quando Marshal se apresentou, ele ficou chocado com a estranha formalidade do agente. Num único e terrível momento, tornou-se evidente que o agente não tinha a menor idéia de quem era Marshal. Sim, ele era o agente Darnel Collins. Não, ele não tinha falado com Marshal pelo telefone. Não, nunca tinha ouvido falar de um dr. Arthur Randal ou de um Peter Macondo. Nem tinha ouvido falar de nada sobre qualquer prisão no Jockey Club. Nunca tinha sequer ouvido falar do Jockey Club.

Sim, *é claro* que tinha certeza absoluta de que não tinha prendido Peter Macondo enquanto estava mastigando *radicchio. Radicchio?* O que é isso?

A explosão na mente de Marshal era ensurdecedora, mais ainda que a explosão detonada pela descoberta, semanas atrás, de que a garantia do banco tinha sido falsificada. Ele ficou tonto e se deixou cair na cadeira que o agente lhe ofereceu.

— Calma, homem, calma. Coloque a cabeça para baixo. Pode ajudar. —O agente Collins levantou-se e voltou com um copo de água. — Diga-me oque está acontecendo. Mas tenho a impressão de que sei.

Marshal contou aturdido toda a sua história. Peter, notas de cem dólares, Adriana, P. U. Club, capacetes para ciclista, o anúncio no jornal de psiquiatria, o telefonema de Arthur Randal, a divisão sessenta-quarenta, o detetive particular, o Jaguar, a armadilha de 24 mil dólares, o Esquadrão de Fraudes, tudo, a catástrofe inteira.

O agente Collins balançava a cabeça enquanto Marshal falava. — Cara, aqueles espertos, eu sei. Ei, você não parece bem. Precisa se deitar?

Marshal meneou a cabeça e a cobriu com as mãos enquanto o agente falava: — Sente-se bem para conversar?

— Banheiro dos homens, rápido.

O agente Collins o levou ao banheiro masculino e esperou no seu escritório enquanto Marshal vomitou na privada, enxaguou a boca, lavou o rosto e penteou os cabelos. Lentamente, caminhou de volta ao escritório.

— Melhor?

Marshal assentiu com a cabeça. — Posso falar agora.

— Só escute por um minuto. Deixe-me explicar o que lhe aconteceu —disse o agente Collins. — É um golpe duplo. É famoso. Ouvi falar muito disso,mas nunca, nunca tinha visto. Aprendi sobre isso no curso sobre fraudes. Épreciso muita habilidade para levar a cabo. O operador precisa encontrar umavítima especial: esperto, orgulhoso... e, então, o que ele faz é *mordê-lo duasvezes...* na primeira

vez, apanha-o pela cobiça... na segunda, apanha-o pela vingança. Grande habilidade. Cara, nunca tinha visto isto antes. É preciso ter nervos de aço porque qualquer coisa pode dar errado. Pegue um exemplo: se vocêficar só um pouco desconfiado e checar com o setor de informações de telefones de Manhattan para pegar o verdadeiro número de telefone do distrito policial, está tudo acabado. Cara, muita coragem. Coisa de primeira linha.

—Sem esperança, hein? — Marshal sussurrou.

— Bom, passe-me aqueles números de telefone. Farei uma checagem neles. Vou tentar tudo o que puder. Mas a verdade? Quer a verdade?... Nenhuma esperança.

— E o que me diz do verdadeiro dr. Randal?

— Provavelmente em férias fora do país. Macondo entrou na secretária eletrônica dele. Não é difícil de fazer.

—E quanto a rastrear os outros envolvidos? — perguntou Marshal.

—Que outros? Não tem outros. A namorada dele foi provavelmente a telefonista da polícia. Ele próprio deve ter sido os outros. Esses caras são atores. Os bons fazem eles próprios as vozes. E este cara é bom. E, a esta altura, já está bem longe. Com certeza.

Marshal desceu as escadas aos tropeços, apoiado no braço do agente Collins, recusou uma carona até o aeroporto num carro de polícia, apanhou um táxi na Oitava avenida, foi ao aeroporto,pegou o próximo avião para São Francisco, dirigiu o carro até em casa em estado de atordoamento, cancelou seus pacientes da semana seguinte e pulou na cama.

VINTE E NOVE

—Dinheiro, dinheiro, dinheiro. Não podemos falar sobre alguma outracoisa, Carol? Deixe-me contar uma história sobre o meu pai que responderá,de uma vez por todas, todas as suas perguntas sobre mim e o dinheiro. Aconteceu quando eu era bebê, mas ouvi sobre isso a minha vida inteira. Parte dofolclore familiar. Marshal abriu lentamente o zíper da jaqueta do seu conjuntoesportivo, tirou-o, recusou o braço esticado de Carol se oferecendo para pendurá-la e jogou-o numa pilha no chão ao lado da sua cadeira.

"Ele tinha um armazém minúsculo, de 1,80 por l,80m no cruzamento da rua Cinco com a R em Washington. Vivíamos em cima da loja. Certo dia, um cliente entrou e pediu um par de luvas para trabalho. Meu pai apontou para a porta dos fundos, dizendo que ele tinha que pegá-las na sala dos fundos e que levaria alguns minutos. Bem, não havia uma sala dos fundos. A porta dos fundos dava para um beco. Meu pai correu pelo beco até a feira livre duas quadras abaixo, comprou um par de luvas por 12 centavos, voltou correndo e os vendeu ao cliente por 15 centavos."

Marshal tirou um lenço, assoou o nariz com vigor e limpou sem embaraço as lágrimas das bochechas. Desde sua volta de Nova York, ele tinha abandonado todas as tentativas de esconder sua vulnerabilidade e chorava praticamente em todas as reuniões com Carol. Ela ficava sentada em silêncio, respeitando as lágrimas de Marshal e tentando se lembrar quando tinha sido a última vez que vira um homem chorar. Jeb, seu irmão, recusava-se a chorar, embora tivesse sofrido abusos rotineiros de todos: o pai, a mãe, os valentões da escola — às vezes para a finalidade específica de fazê-lo chorar.

Marshal enterrou o rosto no lenço. Carol esticou o braço e apertou a mão dele. — As lágrimas são para o seu pai? Ele ainda está vivo?

—Não, ele morreu jovem, enterrado para sempre por aquele armazém. Muita correria. Muitos negócios de três centavos. Sempre que penso em ganhar dinheiro, em perder dinheiro ou em desperdiçar dinheiro, tenho uma visão do meu querido pai vestido com seu avental branco manchado de sangue de galinha, correndo por aquele beco imundo, o vento no seu rosto, cabelos

pretos esvoaçantes, lutando para respirar, segurando triunfantemente no ar, como algum bastão olímpico, um par de luvas de trabalho de 12 centavos.

—E você, Marshal, o seu lugar nessa visão?

—Essa visão é o berço das minhas paixões. Talvez o incidente determinante crucial da minha vida.

—Moldou o curso futuro das suas atitudes com o dinheiro? — perguntou Carol. — Em outras palavras, ganhe dinheiro o bastante e os ossos do seu pai vão parar de tilintar de um lado ao outro do beco.

Marshal ficou abismado. Olhou para a sua advogada com um novo respeito. Seu vestido violeta feito sob medida, contrabalançando sua constituição física reluzente, fez com que ele se sentisse acanhado com seu rosto não-barbeado e a roupa de jogging encardida. — Esse comentário... tira o meu fôlego. Preciso pensar sobre os ossos tilintando.

Então, um longo silêncio. Carol estimulou: — Para onde vão os seus pensamentos agora?

—Para aquela porta dos fundos. A história das luvas não é sobre o dinheiro; é também sobre as portas dos fundos.

—A porta dos fundos da loja do seu pai?

—É. E a simulação de que a porta se abria para um outro grande depósito, e não para o beco. É uma metáfora para minha vida inteira. Eu finjo que existem outros aposentos dentro de mim; entretanto, no fundo do meu coração, sei que não tenho nenhum depósito, nenhuma mercadoria escondida. Entro e saio através dos becos e das portas dos fundos.

—Ah, o Pacific Union Club — disse Carol.

—Exatamente. Você pode imaginar o que significou finalmente, finalmente, entrar pela porta da frente. Macondo usou o chamariz irresistível: o chamariz do *insider.* O dia inteiro, eu trato pacientes ricos. Somos íntimos, compartilhamos momentos íntimos, sou indispensável a eles. No entanto, conheço o meu lugar. Sei que, se não fosse pela minha profissão, se eu os tivesse conhecido em qualquer outro contexto, eles não me concederiam aquela hora do dia. Sou como o padre da paróquia vindo de família pobre que acaba recebendo a confissão da classe alta. Mas o P. U. Club, *aquilo* era o símbolo da

chegada. Saindo do armazém da Quinta com a R, subindo pelas escadas de mármore, batendo a grande aldrava de cobre, marchando através das portas abertas para as câmaras internas de veludo vermelho. Eu tinha mirado para esse alvo toda a minha vida.

"E, dentro, aguardava o Macondo — um homem mais corrupto que qualquer um que tenha entrado na loja do seu pai."

Marshal assentiu com a cabeça. — A verdade é que me lembro dos clientes do meu pai com grande afeição. Você se lembra que contei sobre aquele paciente que, há algumas semanas, conseguiu me convencer a ir ao Avocado Joes? Nunca tinha estado num lugar tão... tão baixo. Ainda assim, quer saber a verdade? Gostei de lá. Nada de dissimulação. Eu me senti em casa, mais à vontade que no P. U. Club. Eu pertencia àquele lugar. Era como estar com os clientes do meu pai na esquina da R com a Quinta. Mas odiei gostar de lá; não gosto de me afundar até aquele nível; existe algo de alarmante em ser tão profundamente programado pelos primeiros eventos da vida. Sou capaz de coisas melhores. Toda a minha vida, eu disse a mim mesmo: "Estou tirando a serragem do armazém dos meus pés; estou me erguendo acima disto tudo."

—Meu avô nasceu em Nápoles — disse Carol. — Não me lembro muito dele, exceto que me ensinou a jogar xadrez e todas as vezes que acabávamos de jogar e estávamos guardando as peças, ele dizia a mesma coisa. Ouço a sua voz suave agora: "Veja, Carol, o xadrez é como a vida: quando o

jogo acaba, todas as peças: os peões, os reis e as rainhas voltam todos para a mesma caixa."

—É uma boa lição para você, também, meditar sobre isso, Marshal: peões, *reis e rainhas voltam todos para a mesma caixa no fim do jogo. Vejo-o* amanhã. À mesma hora.

Todos os dias desde a sua volta de Nova York, Marshal tinha se encontrado com Carol. Nas primeiras duas reuniões, ela o tinha visitado em casa, depois ele começou a se arrastar até o escritório dela e, agora, uma semana depois, ele tinha começado a emergir de sua letargia depressiva e estava se esforçando para entender seu papel naquilo que lhe tinha acontecido. Os associados dela perceberam a regularidade diária de sua reunião com Marshal e, mais de uma vez, perguntaram sobre o caso. Mas Carol sempre respondia: — Caso complicado. Não posso dizer mais. Problemas delicados de confidencialidade.

Durante todo o tempo, Carol continuou a obter consultoria de Ernest. Ela usava suas observações e conselho com bons resultados: praticamente todas as sugestões funcionavam como um encanto.

Certo dia, quando Marshal parecia paralisado, ela decidiu experimentar o exercício da lápide sugerido por Ernest.

—Marshal, muito da sua vida tem se centrado no sucesso material, emganhar dinheiro e nos objetos que o dinheiro compra: seu prestígio, suas coleções de arte... esse dinheiro parece definir quem você é e o que sua vida inteirasignificou. Vai querer que seja sua insígnia final, o resumo final da sua vida?Diga-me, você já pensou alguma vez no que gostaria que fosse inscrito na sualápide? Seriam estes atributos: a escalada, a acumulação, o dinheiro?

Marshal piscou quando uma gota de suor rolou para dentro de um dos seus olhos. — É uma pergunta difícil, Carol.

—*E* não é minha obrigação fazer perguntas difíceis? Seja tolerante comigo, gaste alguns minutos nisso. Diga qualquer coisa que vier à sua cabeça.

—A primeira coisa que vem à mente é aquilo que aquele agente de Nova York disse sobre mim: que eu era orgulhoso, cego pela cobiça e cego pela vingança.

—*É isso* o que você quer na sua lápide?

—Isso é o que *não* quero na minha lápide. Meu pior horror. Mas talvez eu mereça aquelas palavras; talvez toda a minha vida esteja rolando na direção daquele epitáfio.

—Você não quer aquela lápide? Então — disse Carol, checando seu relógio —, seu curso futuro está claro: você precisa mudar o modo como está vivendo. Nosso tempo acabou por hoje, Marshal.

Marshal assentiu com a cabeça enquanto apanhava o blusão do chão, vestia-o lentamente e se preparava para sair. — De repente senti frio... Estou tremendo... Aquela pergunta da lápide. É uma pergunta chocante. Devastadora. Precisa ter cuidado com uma artilharia tão pesada como essa, Carol. Sabe de quem me lembrei? Lembra aquele terapeuta sobre quem você me perguntou uma vez para a sua amiga? Ernest Lash, a quem eu supervisionei? É o tipo da coisa que ele provavelmente perguntaria. Eu sempre o refreava para que não fizesse essas perguntas. Ele as chamava de terapia de choque existencial.

Carol já estava se levantando, mas sua curiosidade venceu. — Então, você acha que é uma terapia ruim? Você foi bem crítico sobre Lash.

—Não, eu não disse que foi uma má terapia para mim. Pelo contrário, é uma excelente terapia. Um bom despertador. Quanto ao Ernest Lash, eu não deveria ter sido tão duro com ele. Gostaria de retirar algumas das coisas que eu disse.

—Em que sentido você foi tão duro?

—Minha arrogância. É exatamente aquilo que estávamos discutindo durante toda a semana passada. Fui intolerante com ele: estava bem convencido de que a minha maneira era a única maneira. Não fui um bom supervisor. E não aprendi com ele. Não aprendo com ninguém.

—Então, qual é a verdade sobre Ernest Lash? — Carol perguntou.

—Ernest é O.k. Não, melhor que O.k. A verdade é: ele é um *bom* terapeuta. Eu costumava brincar com ele que ele precisava comer tanto porque ele dava demais de si aos pacientes, se envolvia demais, se deixava sugar até ficar seco. Mas, se eu tivesse que consultar um terapeuta, eu agora escolheria aquele que errou na questão de dar mais de si próprio. Se eu não conseguir subir para fora deste poço logo e tiver que encaminhar alguns dos meus pacientes, eu pensaria em encaminhar alguns deles para o Ernest.

Marshal levantou-se para sair. — Passou da hora. Obrigado por se atrasar por minha causa hoje, Carol.

Passaram-se várias sessões sem que Carol trouxesse à baila o tema do casamento de Marshal. Talvez ela hesitasse por causa de seu próprio deserto conjugai. Finalmente, um dia, em resposta a uma das repetidas declarações de Marshal de que Carol era a única pessoa no mundo com quem conseguia falar honestamente, ela se arriscou e perguntou por que ele não conseguia conversar com a mulher. As respostas de Marshal deixaram claro que ele não tinha contado a Shirley sobre o golpe de Nova York. Nem sobre a intensidade de seu sofrimento. Não que ele não precisasse de ajuda.

O motivo pelo qual não tinha conversado com Shirley, disse Marshal, era que ele não queria interromper o retiro de meditação que ela estava fazendo em Tassajara. Carol sabia que era uma racionalização: as ações dele eram motivadas menos pela consideração que pela indiferença e vergonha. Marshal reconheceu que quase nunca pensava em Shirley, que ele se preocupava demais com seu estado interno, que ele e Shirley agora viviam em mundos diferentes. Encorajada pelo conselho de Ernest, Carol persistiu.

—Marshal, diga-me, o que acontece se um dos seus pacientes rejeita repetidamente seu relacionamento de 24 anos com a esposa tão casualmente?Como *você* reagiria?

Como Ernest tinha previsto, Marshal ficou ofendido com essa pergunta.

—Seu escritório é o único lugar onde eu não *preciso* ser o terapeuta. Seja coerente. Outro dia, você me confrontou me perguntando por que eu não deixava que se preocupassem comigo e agora você está tentando fazer com que eu seja o terapeuta *mesmo aqui.*

—Mas, Marshal, não seria uma tolice de nossa parte se não tirássemos proveito de todos os recursos à nossa disposição, inclusive seu amplo conhecimento e experiência terapêutica?

—Estou pagando por sua ajuda. Não estou interessado em auto-analise.

—Você me chama de especialista e, mesmo assim, rejeita meu conselho de especialista para usar sua própria experiência profissional.

—Sofisma.

Novamente, Carol aplicou as palavras de Ernest.

—Não é verdade que você simplesmente não está interessado em ser criado? Não é a autonomia a sua *verdadeira* meta? Aprender a se criar? Tornar-sesua própria mãe e seu próprio pai?

Marshal balançou a cabeça maravilhado com o poder de Carol. Ele não tinha outra opção senão se alimentar com as perguntas vitais para a sua própria recuperação.

— Tudo bem. Tudo bem. A principal pergunta é o que aconteceu com omeu amor pela Shirley? Afinal, fomos amigos e amantes maravilhosos desde adécima série.[12] Portanto, quando e como as coisas se deterioraram?

Marshal tentou responder às suas próprias perguntas. — As coisas começaram a azedar há alguns anos. Por volta da época em que nossos filhos entraram na adolescência, Shirley começou a ficar mais inquieta. Fenômeno comum. Muitas e muitas vezes, ela conversava sobre não se sentir realizada, sobre eu ficar muito absorvido com o meu trabalho. Achei que a solução ideal seria que ela se tornasse uma terapeuta e começasse a clinicar comigo. Mas meu plano foi um tiro pela culatra. Na graduação, ela começou a criticar cada vez mais a psicanálise. Ela optou por se envolver exatamente com as abordagens que eu mais criticava: as excêntricas abordagens alternativas, de orientação espiritual, particularmente aquelas baseadas nas abordagens de meditação oriental. Tenho certeza que ela fez isto deliberadamente.

— Continue em frente — instigou Carol. — Identifique outras questõesimportantes que eu deveria ter colocado para você.

De má vontade, Marshal falou de várias: — Por que Shirley se esforça tão pouco em aprender de mim sobre o tratamento psicanalítico? Por que ela me desafia tão deliberadamente? Tassajara fica a apenas três horas. Imagino que eu poderia ir de carro até lá, dizer-lhe como me sinto e pedir-lhe que conversemos sobre a escolha dela de escolas terapêuticas.

— Mesmo assim, não é o que estou mirando. Essas são perguntas para ela— disse Carol. — E quanto às perguntas para você mesmo?

Marshal inclinou a cabeça em aprovação, como se para indicar a Carol que a abordagem dela era correta.

— Por que tenho conversado tão pouco com ela sobre os interesses dela? Por que fiz tão pouco esforço, na verdade, nenhum esforço, para entendê-la?

— Em outras palavras — perguntou Carol —, por que você está tão mais disposto a entender seus pacientes que sua esposa?

Marshal assentiu de novo. — Você poderia colocar dessa maneira.

— Poderia? — perguntou Carol.

— Sem dúvida, você poderia colocar dessa forma — aquiesceu Marshal.

— Outras perguntas que você poderia perguntar a um paciente na sua situação?...

— Faria a meu paciente algumas perguntas sexuais. Perguntaria sobre o que aconteceu ao seu eu sexual. E ao da sua mulher. Perguntaria se quer que esta situação insatisfatória perdure. Em caso negativo, por que não procurou por terapia conjugai? Ele quer se divorciar? Ou seria apenas orgulho e arrogância; simples mente esperando que a mulher venha até ele rastejando?

— Bom trabalho, Marshal. Devemos mergulhar fundo em algumas respostas?As respostas saíram aos trancos. Os sentimentos de Marshal por Shirley

não eram diferentes daqueles que ele tinha por Ernest, disse ele. Ambos o tinham magoado por rejeitarem sua ideologia profissional. Sim, não havia nenhuma dúvida de que ele tinha se sentido magoado e não-amado. E não havia nenhuma dúvida de que estava esperando ser consolado, esperando por alguma forma de grandes pedidos de desculpa e reparação.

Nem bem dissera essas palavras e Marshal balançou a cabeça e acrescentou: — É isso o que o meu coração e minha vaidade ferida dizem. Meu intelecto diz uma coisa diferente.

[12] A décima série no sistema educacional americano eqüivale ao segundo ano do ensino médio em nosso sistema. (N. do E.)

—Diz o quê?

—Diz que eu não deveria considerar a propensão de um estudante por pensamento independente como um ataque pessoal. Shirley deve ter liberdade para desenvolver seus próprios interesses. Ernest, também.

—E devem estar livres do seu controle? — perguntou Carol.

—Isso também. Lembro do meu analista me dizendo que jogo a vida como joguei futebol. Inflexivelmente pressionando, bloqueando, movendo para a frente, impondo meu desejo sobre o do meu oponente. É como Shirley deve ter se sentido a meu respeito. Contudo, não foi apenas por isso que ela rejeitou a psicanálise. Isto teria sido ruim o bastante, mas eu conseguiria viver com isso. Eu não conseguiria viver é com ela escolher a ala mais excêntrica possível do campo, a abordagem terapêutica que é a abordagem idiota mais estouvada possível do Condado de Marin. Obviamente, ela estava deliberada e publicamente zombando de mim.

—Portanto, por ela escolher uma abordagem diferente, você supõe que ela zomba de você. E, conseqüentemente, você zomba dela em resposta.

—Minha zombaria não é retaliativa; é substantiva. Consegue imaginar tratar os pacientes por meio de arranjos florais? É difícil exagerar o ridículo desta idéia. Seja honesta comigo, Carol — é ou não é ridículo?

—Não acho que posso lhe dar o que você quer, Marshal. Não sei muito sobre isso, mas meu namorado é um aficionado do *ikebana.* Ele estuda *ikebana* há anos e me diz que lucrou com a prática de várias maneiras.

—O que você quer dizer, lucrou?

—Ele fez muita terapia ao longo dos anos, inclusive análise, que ele diz que o ajudou, mas diz que ganhou tanto quanto do *ikebana.*

—Você ainda não está dizendo como ajuda.

—O que ele me disse é que o *ikebana* oferece uma fuga da ansiedade, um refúgio de tranqüilidade. A disciplina ajuda-o a se sentir centrado, oferece um senso de harmonia e equilíbrio. Deixe-me lembrar... o que mais ele disse? Ah, sim,

que o *ikebana* o inspira a expressar sua criatividade e sua sensibilidade estética. Você é muito rápido em não dar nenhum valor a isso, Marshal. Lembre-se, o *ikebana* é uma prática respeitável, remontando a vários séculos, praticado por dezenas de milhares de pessoas. Você conhece bastante sobre isso?

—Mas terapia através do *ikebana?* Bom Deus!

—Ouvi falar de terapia por poesia, terapia por música, terapia por dança, terapia por arte, terapia por meditação, terapia por massagem. Você mesmo disse que trabalhar com o seu bonsai nas últimas semanas protegeu sua sanidade. Não é possível que a terapia por *ikebana* poderia ser eficiente para determinados pacientes? — perguntou Carol.

—Acho que é isso o que a Shirley está tentando determinar na sua dissertação.

— Quais são os resultados dela?Marshal balançou a cabeça e não disse nada.

—Devo presumir que isso significa que você nunca perguntou? — perguntou Carol.

Marshal inclinou a cabeça quase imperceptivelmente. Tirou os óculos c olhou para longe, como sempre o fazia quando se sentia envergonhado.

—Então você se sente ridicularizado pela Shirley e ela se sente...? — Carolfez um gesto para que

Marshal falasse.

Silêncio.

—Ela se sente...? — Carol voltou a perguntar, a mão em concha no ouvido.

—Desvalorizada. Invalidada — Marshal respondeu a meia-voz.

Um longo silêncio. Finalmente Marshal disse: — Certo, Carol, eu confesso. Você demonstrou o seu argumento. Tenho coisas a dizer a ela. Então, para onde vou daqui em diante?

—Tenho a sensação de que você sabe qual a resposta para essa pergunta. Uma pergunta não é uma pergunta se você souber a resposta. Parece-me que seu caminho é claro.

—Claro? Claro? Para você, talvez. O que você está querendo dizer? Diga-me. Preciso da sua ajuda.

Carol continuou em silêncio.

—Diga-me o que fazer — repetiu Marshal.

—O que você diria a um paciente que finge não saber o que fazer?

—Droga, Carol, pare de agir como uma analista e diga-me o que fazer.

—Como você responderia a *esse* tipo de declaração?

—Que diabo — disse Marshal, segurando a cabeça entre as mãos e balançando para a frente e para trás. — Criei um maldito monstro. Piedade. Piedade. Carol, você alguma vez ouviu falar em piedade?

Carol manteve-se firme, exatamente como Ernest tinha aconselhado. — Você está resistindo de novo. Este é um momento valioso. Vá em frente, Marshal, o que você diria àquele paciente?

—Faria o que sempre faço: interpretaria seu comportamento. Contaria a ele que ele tem tal ânsia por submissão, tal luxúria por autoridade, que se recusa a prestar atenção para a sua própria sabedoria.

—Então *você sabe* o que fazer?

Marshal assentiu resignadamente com a cabeça.

—E quando fazê-lo?Outro assentimento.

Carol olhou para o relógio dela e se levantou. — São 14:50h em ponto, Marshal. Nosso tempo terminou. Bom trabalho hoje. Telefone-me quando voltar de Tassajara.

Às 2:00h da manhã na casa de Len em Tiburon, Shelly cantarolou "Zip-a-dee-doo-dah, zip-a-dee-ay" ao pegar mais uma vez todas as fichas da mesa. Não apenas as cartas tinham virado —*flushes, full houses* e os menores jogos perfeitos tinham sido entregues a ele a noite toda —, mas, ao reverter astutamente todos os indícios reveladores que Marshal tinha identificado, Shelly havia confundido os outros jogadores e acumulado apostas enormes.

—De jeito nenhum eu poderia ter imaginado que Shelly tinha um *full house* — resmungou Willy. — Eu teria apostado mil dólares contra.

—Você *apostou* mil dólares contra ele — Len o lembrou. — Olha aquela montanha de fichas. Vai tombar a mesa. Ei, Shelly, onde você está? Ainda está aí? Mal posso vê-lo atrás dessas pilhas.

Quando colocava a mão no bolso para pegar sua carteira, Willy disse:

—Nas duas últimas mãos, você blefou e me tirou da jogada, esta mão vocême atraiu; que diabo está acontecendo, Shelly? Está tomando lições ou algumacoisa assim?

Shelly abraçou sua montanha de fichas, puxou-as mais para perto, olhou por cima e sorriu com os dentes à mostra: — Ah, sim, lições, você sacou. O

negócio é o seguinte: meu psiquiatra, um psicanalista autêntico, está me dando alguns conselhos. Ele monta o divã dele toda semana no Avocado Joes.

—Então — disse Carol —, na noite passada neste sonho, você e eu estávamos sentados na borda de uma cama e então tiramos nossas meias e sapatos sujos e nos sentamos um de frente para o outro, tocando os nossos pés reciprocamente.

—Sentindo o tom do sonho? — perguntou Ernest.

—Positivo. Eufórico. Mas um pouco apavorante.

—Você e eu sentados tocando nossos pés descalços reciprocamente. O que esse sonho está dizendo? Deixe sua mente andar livremente. Pense em você e em mim sentados juntos. Pense em terapia.

—Quando penso em terapia, penso em meu cliente. Ele saiu da cidade.

—E... — instigou Ernest.

—Bem, venho me escondendo por trás do meu cliente. Agora está na hora de eu sair, de dar a partida por mim mesma.

—E... basta deixar que seus pensamentos corram soltos, Carolyn.

—É como se eu estivesse apenas começando... bom conselho... você sabe, você me deu bons conselhos para o meu cliente... danados de bom... e ver o quanto ele estava recebendo me fez sentir inveja... me fez ansiar por algo de bom para mim mesma... preciso disso... preciso começar a falar com você sobre Jess, a quem tenho visto muito ultimamente, os problemas surgindo à medida que me aproximo dele... passando por maus bocados por confiar que algo de bom pode acontecer comigo... começando a confiar em você... passou em todos os testes... mas é apavorante demais — não sei bem por que... sim, eu sei... não sei dizer bem por que. Ainda.

—Talvez o sonho o diga por você, Carolyn. Veja o que você e eu estamos fazendo no sonho.

—Não entendi — tocando as plantas dos nossos pés descalços. E daí?

—Olhe como estamos sentados: planta do pé contra planta do pé. Acho que o sonho está expressando um desejo de sentar de alma para a alma, que se soletra *a-l-m-a*[13] Não tocar a planta, mas tocar a *alma.*

—Ah, legal. *Alma,* não sola do pé. Ernest, você consegue ser muito espertose eu lhe dou meia chance. Tocar a alma. É, isso soa certo. É, é isso o que osonho está dizendo. *Está* na hora de começar. Um novo começo. A regra central aqui é honestidade, certo?

Ernest assentiu com a cabeça: — Nada mais importante do que sermos honestos um com o outro.

—E qualquer coisa que eu diga aqui é aceitável, certo? *Qualquer coisa é* aceitável desde que seja honesto?

—É claro.

[13] Trocadilho em inglês entre *sole* (sola ou planta do pé) e sou/(alma). (N.daT.)

—Então tenho uma confissão a fazer — disse Carol. Ernest assentiu com a cabeça, de um modo tranqüilizador.

—Está pronto, Ernest? Ernest assentiu de novo.

—Tem certeza, Ernest?

Ernest deu um sorriso de quem sabe. E um certo ar de auto-satisfação — ele sempre suspeitara que Carolyn tinha mantido escondido algumas partes dela mesma. Ele apanhou o bloco de anotações, aninhou-se confortavelmente na sua cadeira e disse: — Sempre pronto para a verdade.